



DEAN KOONTZ

BEST-SELLER INTERNACIONAL

**DO FUNDO DOS
SEUS OLHOS**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

DEAN
KOONTZ

Do
Fundo
Dos Seus
Olhos

DEAN KOONTZ

Do Fundo Dos Seus Olhos

Tradução de SYLVIO GONÇALVES

EDITORA RECORD

RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Koontz, Dean, 1945-

K86d

Do Fundo Dos Seus Olhos

Dean Koontz; tradução de Sylvio Gonçalves.

Rio de Janeiro: Record, 2002.

Tradução de: From the comer of his eye

ISBN 85-01-06216-2

Romance americano.

I. Gonçalves, Sylvio.

II. Título.

CDD-813 -1582 CDU - 820(73)-3

Título original americano

FROM THE CORNER OF HIS EYE

Copyright © 2000 by Dean Koontz

Todos os direitos reservados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o
Brasil adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-

2000

que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-06216-2

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Caixa Postal 23.052 Rio de Janeiro, RJ - 20922-970

EDITORA AFILIADA.

Sinopse

Fascinante e aterrorizante, este thriller é um complexo suspense psicológico que conta a história de Bartolomeu. Nascido sob trágicas circunstâncias, após a morte do pai em acidente, Bartolomeu não sabe que a vida lhe reserva outras tragédias: perde a visão e é perseguido por um assassino que está convencido de que Barty é seu inimigo mortal.

Para Gerda.

Entre os milhares de dias da minha vida, o mais marcante foi — e sempre será — aquele em que nós nos conhecemos.

•

Enquanto eu escrevia este livro, a música bela e singular do falecido Israel Kamakawiwo'ole estava sempre tocando. Espero que o leitor encontre na minha história um prazer igual à alegria e à consolação que encontrei na voz, no espírito e no coração de Israel Kamakawiwo'ole.

•

Enquanto eu estava terminando este livro, Carol Bowers e sua família passaram um dia aqui, sob os auspícios da Dream Foundation.

Carol, depois de ler este livro você entenderá por que a sua visita, tendo ocorrido como ocorreu, reforçou a minha crença na extraordinária interconectividade das coisas e nos significados profundos e misteriosos de nossas vidas.

Capítulo 1

BARTHOLOMEW LAMPION ficou cego aos três anos, quando cirurgiões, relutantemente, removeram seus olhos para deter um câncer de disseminação rápida. Porém, ainda que desprovido de globos oculares, aos treze anos Barty recuperou a visão.

Esta ascensão repentina de uma década de escuridão para a glória da luz não foi possibilitada pelas mãos de um curandeiro. Nenhuma trombeta celestial anunciou a restauração da visão de Barty, assim como nenhuma anunciara o seu nascimento.

Uma montanha-russa teve certa relação com a recuperação do rapaz, assim como uma gaivota. E não podemos menosprezar o desejo profundo de Barty em agradecer à mãe, antes que ela morresse pela segunda vez.

A primeira vez que ela morreu foi no dia do nascimento de Barty.

6 de janeiro de 1965.

Em Bright Beach, Califórnia, a maioria dos moradores falava com afeto sobre a mãe de Barty — Agnes Lampion, também conhecida como a Moça das Tortas. Ela vivia em benefício dos outros, seu coração sintonizado com a dor e a necessidade de seus semelhantes. Neste mundo materialista, seu altruísmo despertava suspeita nas pessoas cujo sangue era tão rico em cinismo quanto em ferro. Contudo, até essas almas empedernidas admitiam que a Moça das Tortas tinha inúmeros admiradores e nenhum inimigo.

O homem que dilacerou o mundo da família Lampion, na noite do nascimento de Barty, não era um inimigo. Era apenas um estranho, mas a corrente de seu destino compartilhava um elo com o destino dos Lampion.

Capítulo 2

EM 6 DE JANEIRO DE 1965, logo depois das oito da manhã, enquanto assava seis tortas de amoras, Agnes entrou no primeiro estágio do trabalho de parto. Não era mais um alarme falso; as dores se estendiam pelas costas e por toda a barriga, em vez de se limitarem à região inferior do abdômen e da virilha. Os espasmos eram piores quando ela caminhava do que quando ficava sentada ou em pé; outro sinal de que desta vez era para valer.

O desconforto não era forte. As contrações eram regulares mas bem esparsas. Ela recusou ser levada ao hospital antes de completar as tarefas programadas para aquele dia.

Para uma mulher em sua primeira gravidez, este estágio do trabalho de parto dura em média doze horas. Agnes acreditava-se mediana em todos os aspectos, tão confortavelmente comum quanto o conjunto de malha cinza com cintura de elástico que estava usando para acomodar seu físico inflado pelo bebê. Portanto, estava segura de que não entraria no segundo estágio antes das dez da manhã.

Joe, seu marido, queria levá-la ao hospital bem antes do meio-dia.

Depois de fazer a mala da esposa e guardá-la no bagageiro do carro, cancelou seus compromissos e se manteve perto de Agnes, embora com o cuidado de estar sempre a um cômodo de distância dela, para que ela não se aborresse com a sua preocupação e o expulsasse de casa.

Cada vez que escutava Agnes gemer suavemente ou inspirar com um chiado de dor, Joe tentava cronometrar suas contrações. Passou tanto tempo consultando o relógio de pulso que quando se olhou no espelho do corredor esperou ver o leve reflexo de um ponteiro de segundos girando dentro de seus olhos.

Embora não aparentasse, Joe era o tipo de homem que passava o tempo todo preocupado. Alto e forte, poderia ter sido o próprio Sansão, empurrando pilastras para derrubar o teto sobre os filisteus. Mas era gentil por natureza, e carecia da arrogância e da confiança

imprudente de muitos homens do seu tamanho. Embora feliz, achava ter sido abençoado demais com dinheiro, amigos e família. Tinha certeza absoluta de que um dia o destino viria cobrar a conta de tanta felicidade.

Não era rico, mas vivia com conforto. Jamais preocupara-se com a possibilidade de perder seu dinheiro, porque sempre podia ganhar mais através de trabalho duro e dedicação. Não era isso que tirava seu sono em algumas noites, mas o medo silencioso de perder aqueles a quem amava. A vida era como o gelo de um lago no começo do inverno: mais frágil do que aparentava ser, repleto de fraturas ocultas, e com uma escuridão sombria por baixo.

Além disso, para Joe Lampion, Agnes não era de forma alguma mediana, a despeito do que ela pudesse pensar. Era gloriosa, única. Não a colocava num pedestal porque um mero pedestal não iria elevá-la à altura merecida.

Se a perdesse, Joe também perderia a si mesmo.

Durante a manhã inteira Joe Lampion lembrou de cada complicação médica associada ao parto. Meses antes, aprendera mais do que precisava sobre o assunto num livro de referência médica. Muito grosso e detalhista, o livro inspirou em Joe mais medo do que qualquer romance de terror que ele já tinha lido.

Às dez para uma da tarde — incapaz de expulsar da mente as descrições do livro a respeito de hemorragia pré-parto, hemorragia pós-parto e convulsões eclâmpicas violentas — Joe atravessou correndo a porta de vaivém da cozinha e anunciou: — Chega, Aggie. Já esperamos muito.

À mesa do café, escrevia bilhetes nos cartões que acompanhariam as seis tortas de amora assadas durante a manhã.

— Eu me sinto bem, Joey.

Além de Aggie, ninguém mais o chamava pelo diminutivo “Joey”. Tinha ,90m de altura, 104 quilos e um rosto de feições pétreas, salpicado por manchas e buracos, que impunha medo em quem não o conhecia, isso até ele falar com sua voz musical e suave ou a bondade em seus olhos ser notada.

— Vamos para o hospital agora — insistiu, avultando-se sobre a mesa.

— Não, meu amor. Ainda não.

Embora Aggie medisse apenas 1,60m e (descontando os quilos de seu filho ainda não nascido) menos da metade do peso do esposo, não poderia ser levantada da cadeira contra a sua vontade, mesmo que Joey usasse um macaco hidráulico. Nos confrontos com Aggie, Joey era sempre o Sansão careca, jamais o Sansão cabeludo.

Com um olhar que convenceria uma cascavel a desenroscar-se e estender-se reta como uma minhoca, Joey disse: — Por favor? — Preciso escrever bilhetes para acompanhar as tortas, para Esaú entregá-las pela manhã.

— Só tem uma entrega que me preocupa.

— Bem, estou preocupada com sete. Seis tortas e um bebê.

— Você e as suas tortas — disse Joe, frustrado.

— Você e a sua mania de se preocupar — retrucou Aggie, brindando-o com aquele sorriso que fazia o coração do marido derreter como manteiga ao sol.

Ele suspirou.

— Os bilhetes, e então vamos.

— Os bilhetes. E então Maria vai chegar para sua aula de inglês. E então nós vamos.

— Você não está em condições de dar aulas de inglês! — Querido, ensinar inglês não exige levantar peso.

Aggie não parou de escrever os bilhetes enquanto falava com ele, e Joey observou um elegante fluxo de texto sair automaticamente da ponta da esferográfica como se ela fosse meramente a portadora de palavras de um poder superior.

Finalmente, Joey inclinou-se sobre a mesa. Aggie olhou para o seu marido através da ampla sombra lançada por seu corpo, os olhos verdes em sua face. Joey abaixou o rosto de granito bruto até as feições de porcelana da esposa, e como se querendo ser estilhaçada, Aggie levantou a cabeça para encontrá-lo num beijo.

— Eu te amo, só isso — disse ele, constrangido com a fragilidade que deixou transparecer na voz.

— Só isso? — Ela o beijou novamente. — Isso é tudo.

— Então, o que faço para não enlouquecer?

A campainha tocou.

— Atenda a porta — sugeriu Aggie.

Capítulo 3

AS FLORESTAS PRIMITIVAS da costa do Oregon erguiam uma grande catedral verde ao longo das colinas, e a terra era tão silenciosa quanto qualquer local de adoração. Acima das copas das árvores, um falcão planava num círculo cada vez mais amplo, um anjo de penas negras com um apetite por sangue.

Aqui, no nível do solo, nenhum animal se mexia, e este dia marcante estava belíssimo. Véus de neblina luminosa pairavam nas ravinas mais profundas, onde tinham sido deixados na noite anterior. Os únicos sons ali eram produzidos pelo esmigalhar do mato verde por pés e a respiração ritmada de andarilhos experientes.

Às nove da manhã, Caim Júnior e sua noiva, Naomi, haviam estacionado seu Chevy Suburban à beira da estrada de terra batida e seguido para o norte a pé, através de trilhas de cervos e outros caminhos naturais, adentrando esta vastidão umbrosa. Mesmo ao meio-dia, o sol penetrava apenas em colunas estreitas que iluminavam a floresta de forma indireta.

Quando estava na frente, Júnior de vez em quando adiantava-se a Naomi para parar e observá-la aproximando-se dele. Seus cabelos dourados sempre reluziam, estivessem ao sol ou à sombra, e seu rosto era aquela perfeição com a qual os meninos adolescentes sonham, e pela qual homens adultos sacrificam honra e fortuna. Ocasionalmente, Naomi ia na frente; seguindo-a, Júnior sentia-se tão cativado por suas formas sinuosas que mal percebia o resto, ignorando as clareiras verdes, os troncos colunares, as samambaias exuberantes, os rododendros em flor.

Embora a beleza natural de Naomi pudesse sozinha capturar seu coração, Júnior ficava igualmente encantado com sua graça, agilidade, força e determinação, agora demonstrada pela conquista da ladeira e do terreno pedregoso. A todas as coisas da vida, Naomi dedicava o mesmo entusiasmo, paixão e inteligência que aplicava às caminhadas ecológicas.

Estavam casados há quatorze meses, mas seu amor por ela ainda crescia a cada dia. Júnior tinha apenas 23 anos, e às vezes achava que um dia seu coração seria pequeno demais para conter seus sentimentos por Naomi.

Outros homens tentaram conquistar Naomi, alguns mais bonitos que Júnior, muitos mais inteligentes, todos mais ricos, praticamente. Mesmo assim Naomi quisera apenas Júnior, não devido ao que ele possuía ou o que poderia adquirir um dia, mas porque ela afirmava ver nele uma “alma reluzente”.

Júnior era fisioterapeuta, e dos bons, trabalhando principalmente com vítimas de acidentes e derrames tentando recuperar funções físicas perdidas. Júnior jamais careceria de trabalhos significativos, mas também jamais seria dono de uma mansão no topo de uma colina.

Felizmente, os gostos de Naomi eram simples. Preferia cerveja a champanhe, não gostava de diamantes, e não sonhava em ver Paris algum dia. Amava a natureza, caminhar na chuva, ir à praia, ler bons livros.

Em suas caminhadas ecológicas, Naomi costumava cantar baixinho quando percorria uma trilha fácil. Duas de suas melodias favoritas eram “Somewhere Over the Rainbow” e “What a Wonderful World”. Sua voz era pura como água de fonte e cálida como um raio de sol. Júnior frequentemente encorajava-a a cantar, porque no canto de sua esposa ele sentia um amor pela vida e uma alegria contagiante que enlevava o seu espírito.

Como este dia de janeiro estava quente para a época, acima de quinze graus, e como Júnior e Naomi estavam próximos demais à costa para ficar numa zona nevada a qualquer altitude, vestiam bermudas e camisetas. O calor agradável gerado pelo esforço físico, a dor suave nos músculos bem treinados, o ar florestal recendendo a pinho, a firmeza e a graça das pernas nuas de Naomi, a sua voz doce ecoando pela trilha: se o Paraíso existia, devia ser assim.

Como esta era uma caminhada diurna, e como não pretendiam acampar à noite, carregavam mochilas leves — um estojo de primeiros socorros, garrafas de água, almoço — e portanto seguiam num bom ritmo. Logo depois do meio-dia alcançaram uma passagem estreita na

floresta e saíram na última curva da estrada sinuosa que chegava a este ponto por uma rota diferente da que haviam percorrido. Era a estrada de terra batida destinada ao percurso dos bombeiros em casos de fogo na mata, e seguiram-na até o cume, onde terminava numa torre de incêndio que no mapa era indicada por um triângulo vermelho.

Construída numa ribanceira larga, a torre — uma estrutura formidável em madeira empapada em creosoto — erguia-se a partir de uma base de doze metros quadrados. Estreitava-se à medida que subia, e tinha no topo um pavimento aberto.

No centro do pavimento havia um posto de observação fechado e dotado de janelas amplas.

O solo aqui era pedregoso e alcalino, de modo que as árvores mais impressionantes tinham apenas trinta metros de altura, um pouco mais de metade do tamanho de muitos dos mastodontes que abundavam nas ladeiras mais baixas. Com seus 45 metros, a torre erguia-se bem acima das árvores.

As escadas em ziguezague ficavam no centro da armação aberta, subindo por dentro da torre ao invés de circulando o exterior. Fora alguns degraus afundados e uns trechos onde faltava o corrimão, a escada estava em boas condições. Ainda assim, Júnior foi tomado por uma inquietação logo depois de subir dois lances de escada. Não foi capaz de identificar a causa de sua preocupação, mas seus instintos avisaram-lhe que ficasse alerta.

Como o outono e o inverno tinham sido chuvosos, o risco de incêndio era pequeno, e no momento não havia ninguém na torre. Além de sua função mais séria, a estrutura também servia como uma plataforma de observação para qualquer pessoa determinada o bastante para alcançá-la.

Os degraus rangeram. Os passos e a respiração do casal ecoaram roucos pelo espaço semienclosurado, assim como sua respiração pesada.

Nenhum desses sons era motivo para alarme, mas mesmo assim...

Enquanto Júnior ascendia atrás de Naomi, os espaços cuneiformes entre as vigas cruzadas se estreitavam, impedindo a

entrada da luz do dia. O espaço debaixo da plataforma da torre ficou sombrio, embora jamais escurecido a ponto de requerer uma lanterna.

O odor penetrante do creosoto agora misturava-se ao aroma de limo ou fungo, nenhum dos quais deveria existir na presença da madeira tratada com um piche tão pungente.

Júnior parou para olhar a escada abaixo deles, através do trançado de sombras, quase esperando descobrir alguém subindo furtivamente atrás deles. Até onde sua vista alcançava, eles não tinham sido seguidos.

Apenas as aranhas faziam-lhes companhia. Ninguém passava por aqui há semanas, se não há meses, e repetidamente eles depararam com teias de desenhos intrincados. Como o ectoplasma frio e frágil de espíritos conjurados, a arquitetura aracnídea premia-se contra seus rostos, e logo havia tanta teia presa às suas roupas que mesmo na penumbra eles começaram a parecer mortos erguendo-se de sepulturas.

À medida que o diâmetro da torre encolheu, os degraus apareceram escarpados e em intervalos mais curtos, finalmente terminando numa plataforma a apenas dois ou três metros acima do piso da plataforma de observação. Dali, uma escada subia até um alçapão aberto.

Júnior seguiu sua esposa ágil até o topo da escada e através do alçapão, e ao entrar na plataforma de observação teria perdido o fôlego com a vista dali, se já não estivesse arfando devido à subida. Dali, quinze andares acima do ponto mais alto da ribanceira e cinco andares sobre as árvores mais altas, o casal divisava um mar verde estendendo-se até sumir no leste enevoadado, de onde desceria rumo ao mar verdadeiro, alguns quilômetros a oeste.

— Eno, é espetacular! — exclamou Naomi.

Eno era o apelido pelo qual ela o tratava. Ela não gostava de chamá-lo Júnior, como todo mundo fazia, e ele não permitia que ninguém o chamasse de Enoch, que era o seu verdadeiro nome. Enoch Caim Jr.

Bem, todo mundo carregava uma cruz. Pelo menos não tinha nascido com uma corcunda e um terceiro olho.

Depois de limpar as teias de aranha um do outro e lavar as mãos com a água que traziam nas garrafas, comeram. Sanduíches de

queijo e um pouco de frutas secas.

Enquanto comiam, circularam o posto de observação mais de uma vez, desfrutando da vista magnífica. Durante o segundo circuito, Naomi tocou a madeira do corrimão e descobriu que alguns dos suportes estavam podres.

Ela não colocou seu peso sobre o corrimão, e portanto não correu risco de cair. As estacas cederam para fora, uma delas começou a rachar, e Naomi imediatamente recuou da borda da plataforma e alcançou a segurança.

Não obstante, Júnior ficou tão tenso que quis descer da torre imediatamente e terminar o almoço em chão sólido. Estava tremendo, e a secura em sua boca não era causada pelo queijo.

O próprio Júnior estranhou o tremor que ouviu em sua voz: — Quase perdi você.

— Eno, não foi nem perto.

— Mas perto demais, perto demais.

Ele não transpirara ao subir a torre, mas agora sentia o suor correr pela frente. Naomi sorriu. Usou seu guardanapo de papel para enxugar a frente úmida do marido.

— Você é um amor. Também te amo.

Ele a abraçou com força. Era gostoso senti-la nos braços. Era precioso.

— Vamos descer — insistiu.

Soltando-se do abraço do esposo, dando uma mordida em seu sanduíche, conseguindo ser bela mesmo enquanto falava de boca cheia, Naomi disse: — Bem, não podemos descer até vermos o quanto o problema é ruim.

— Que problema? — O do corrimão. Talvez essa seja a única seção perigosa, mas talvez a coisa inteira esteja podre. Precisaremos saber a extensão do problema quando voltarmos à civilização e ligarmos para a guarda florestal para relatar isto.

— Por que simplesmente não deixamos que eles chequem o resto? Sorrindo, ela segurou o lóbulo esquerdo da orelha do marido e o puxou.

— Dim-dom! Alguém em casa? Estou fazendo uma pesquisa para saber quem conhece o significado da expressão responsabilidade

cívica.

Ele a fitou com uma expressão preocupada e retrucou: — Talvez apenas o telefonema já seja responsabilidade suficiente.

— Quanto mais informação tivermos, mais credibilidade teremos, e quanto mais credibilidade tivermos, menor será a chance de eles pensarem que somos dois moleques passando um trote.

— Isto é loucura.

— Psicopatia ou esquizofrenia?

— Hein?

— Se é loucura, quero saber de que tipo. — Tendo terminado seu sanduíche, lambeu os dedos. — Pense nisso, Eno. E se alguma família subir aqui com os seus filhos? Júnior não conseguia negar nada que Naomi quisesse, em parte porque ela raramente queria qualquer coisa para si.

A plataforma em torno do posto de observação fechado tinha cerca de três metros de largura. Parecia sólida e segura de pisar. Os problemas estruturais restringiam-se ao corrimão.

— Muito bem — concordou ele, relutante. — Mas vou checar o corrimão. Você fica encostada na parede, onde é seguro.

Abaixando a voz e falando num grunhido neandertal, ela disse: — Homem luta com tigre feroz. Mulher assiste.

— É apenas a ordem natural das coisas.

— Homem diz que é ordem natural — disse Naomi, ainda grunhindo. — Para mulher, é apenas entretenimento.

— É sempre uma satisfação diverti-la, madame.

Enquanto Júnior seguia o corrimão, testando-o cuidadosamente, Naomi manteve-se atrás dele, — Cuidado, Eno.

A madeira maltratada pelo clima era áspera. Ele estava mais preocupado com farpas do que em cair. Permaneceu à distância de um braço da borda da plataforma, movendo-se lentamente, balançando repetidamente o corrimão, procurando por suportes soltos ou podres.

Alguns minutos depois, completaram um circuito completo pela plataforma, retornando ao lugar onde Naomi descobrira a madeira podre.

— Satisfeita? — perguntou. — Vamos descer.

— Claro, mas primeiro vamos acabar de almoçar. — Ela havia tirado da sua mochila um saco de damascos secos.

— Acho que devíamos descer — insistiu. Enfiando dois damascos secos na mão dele: — Ainda não estou saciada com esta vista. Não seja estraga-prazeres, Eno. Agora sabemos que estamos seguros.

— Está bem — rendeu-se. — Mas mesmo assim não se apoie no corrimão.

— Você seria uma mãe maravilhosa para alguém.

— Seria sim, mas a criança ia ter dificuldade de mamar do meu peito.

Circularam novamente a plataforma, parando de vez em quando para observar o panorama espetacular, e a tensão de Júnior rapidamente voltou.

Mas, como sempre, a companhia de Naomi foi tranquilizadora.

Ela lhe deu um damasco na boca. Ele lembrou da festa de seu casamento, quando tinham dado fatias de bolo nas bocas um do outro. A vida com Naomi era uma lua-de-mel permanente.

Acabaram retornando à parte do corrimão que quase ruíra sob as mãos de Naomi.



Júnior empurrou sua esposa com tanta força que quase a levantou do chão. Naomi arregalou os olhos e deixou cair da boca aberta um pedaço de damasco. Bateu de costas contra a parte frágil do corrimão.

Por um instante, Júnior pensou que a balaustrada não cederia, mas os suportes partiram, o corrimão rangeu, e Naomi caiu de costas da plataforma de observação, em meio a um crepitar de madeira podre. Ficou tão surpresa que não começou a gritar antes de estar a um terço do percurso de sua longa queda.

Júnior não a ouviu atingir o chão, mas o cessar abrupto do grito confirmou o impacto.

Ele próprio estava surpreso. Não acreditara que seria capaz de assassinato a sangue-frio, especialmente no afã do momento, sem tempo para analisar os riscos e os benefícios potenciais de um ato tão drástico.

Depois de recuperar a respiração e se parabenizar por sua incrível audácia, Júnior atravessou a plataforma até a parte quebrada do corrimão.

De uma distância segura, ele se inclinou e olhou para baixo.

Estava tão pequenina, um pontinho pálido em meio ao terreno escuro de mato e pedras. De costas. Uma perna curvada debaixo dela num ângulo impossível. Braço direito paralelo a um lado do corpo, braço esquerdo estendido para cima como se estivesse acenando. Uma nuvem radiante de cabelos dourados envolvendo sua cabeça.

Ele a amava tanto que mal conseguia olhar para ela. Deu as costas para a balaustrada, atravessou a plataforma e se sentou de costas para a parede do posto de observação.

Durante algum tempo chorou descontrolado. Ao perder Naomi, perdera mais do que uma esposa, mais que uma amiga e amante, mais que uma alma gêmea. Perdera uma parte de seu próprio ser físico. Estava oco por dentro, como se sua carne e seus ossos tivessem sido arrancados de dentro dele e substituídos por um vácuo negro e frio. Foi trespassado por emoções de horror e desespero, e atormentado por pensamentos de autodestruição.

Mas, de repente, ele se sentia melhor.

Não bem, mas definitivamente melhor.

Naomi deixara cair o saquinho de damascos secos antes de ser arremessada da torre. Engatinhou até o saquinho, extraiu um pedaço de fruta e mastigou lentamente, saboreando a fruta seca. Era doce.

Um pouco mais tarde deitou de bruços e se arrastou até a brecha na balaustrada, de onde olhou diretamente para baixo, na direção de seu amor perdido. Naomi estava precisamente na mesma posição em que a vira pela última vez.

Claro, ele não esperava vê-la dançando. Uma queda de quinze andares certamente esmagaria qualquer vontade de dançar.

Desta altura não conseguia ver sangue. Tinha certeza de que algum sangue devia ter-se esparramado.

O ar estava parado, sem uma brisa sequer. Os pinheiros mantinham-se tão imóveis quanto aquelas cabeças de pedra misteriosas que fitavam o mar na ilha de Páscoa.

Naomi morta. Tão viva há apenas alguns instantes.
Inimaginável.

O céu tinha agora o mesmo tom opaco de azul que aquele conjunto de chá que sua mãe havia tido. Nuvens ajuntavam-se a leste, como creme coagulado. Amanteigado, o sol.

Com fome, comeu outro damasco.

Não havia gaviões no céu. Nenhum movimento visível em qualquer parte.

Lá embaixo, Naomi permanecia morta.

Como a vida era estranha. Como era frágil. Você jamais sabe que acontecimento extraordinário o espera na próxima esquina.

O choque de Júnior deu lugar a um senso profundo de admiração.

Durante a maior parte de sua vida jovem, ele compreendera que o mundo era profundamente misterioso, governado pelo destino. Agora, devido a esta tragédia, compreendia que a mente e o coração do homem não eram menos enigmáticos que o resto da criação.

Quem imaginaria que Caim Júnior seria capaz de um ato tão repentino e violento? Ninguém. Nem mesmo Naomi.

Na verdade, nem mesmo o próprio Júnior. Como ele amara ardorosamente essa mulher. Como a quisera bem. Pensara que não conseguiria viver sem ela.

Pensara errado. Naomi lá embaixo, ainda muito morta, e ele aqui em cima, vivo. Seu breve impulso suicida havia passado, e agora sabia que de algum modo conseguiria sobrepujar esta tragédia, que a dor acabaria diminuindo, que o sentimento de perda seria suavizado pelo tempo, e que um dia ele amaria outra pessoa.

Ainda assim, a despeito de sua dor e angústia, há muito tempo ele não via o futuro com tanto otimismo, interesse e empolgação. Se ele tinha sido capaz disto, então era diferente do homem que sempre se imaginara ser.

Um homem mais complexo, mais dinâmico. Uau.

Suspirou. Por mais tentador que fosse ficar aqui, olhando para Naomi morta, sonhando com um futuro mais ousado e colorido do que aquele que imaginara antes, Júnior tinha muito a fazer antes do final da tarde. Durante algum tempo a sua vida seria trabalhosa.

Capítulo 4

ATRAVÉS DO VITRAL em padrão de rosas na porta da frente, de onde vinha o som da campainha, Joe viu Maria Gonzalez: pintada em vermelho aqui e em verde ali, lisa em alguns locais e rugosa noutros, o rosto um mosaico de desenhos de pétalas e folhas.

Quando Joey abriu a porta, Maria cumprimentou-o com um meneio de cabeça, manteve os olhos baixos e disse: — Devo ser Maria Gonzalez.

— Sim, Maria, sei quem você é — disse ele, como sempre encantado com a timidez de Maria e com sua luta para dominar a língua inglesa.

Joe deu um passo para trás e manteve a porta aberta, mas Maria permaneceu em pé na varanda.

— Verei a sra. Agnes.

— Sim, é isso mesmo. Por favor, entre...

Ela ainda hesitava.

— Para o inglês.

— Ela tem muito disso. Tem tanto que às vezes até me deixa zozzo. — Maria franziu a testa; ainda não dominava suficientemente a nova linguagem para entender a piada.

Temendo que ela pensasse que estivesse zombando dela, Joe disse no tom mais honesto possível: — Maria, entre, por favor. Mi casa es su casa.

Ela olhou para Joe, e então rapidamente desviou o olhar.

Sua timidez apenas em parte se devia à vergonha. Outra parte era cultural. Ela pertencia àquela classe social, no México, que jamais travava contato visual direto com qualquer um a quem considerasse um patrón.

Ele queria dizer-lhe que estavam nos Estados Unidos, onde ninguém precisava abaixar a cabeça para ninguém, onde a classe em que uma pessoa nascia não era uma prisão, mas uma porta aberta, um ponto de partida. Esta era sempre a terra do amanhã.

Considerando o tamanho de Joe, seu rosto rude, e sua tendência a se revoltar ao ver alguma injustiça ou seus efeitos, qualquer coisa que ele dissesse a Maria sobre sua humildade excessiva pareceria um sermão. Ele não queria retornar à cozinha para informar Aggie que havia afugentado a sua aluna.

Durante um momento constrangedor, ele pensou que eles permaneceriam nesse impasse — Maria olhando os próprios pés, Joe olhando para o topo da cabeça de Maria — até que algum anjo soprasse a trombeta do Apocalipse e os mortos se levantassem de suas tumbas para a glória.

Então um cachorro invisível, na forma de um pé-de-vento súbito, atravessou a varanda, atingindo Maria com sua cauda. Farejou o vão da porta e, arfante, adentrou a casa, trazendo a mulherzinha acastanhada atrás de si, como se o segurasse por uma coleira.

— Aggie está na cozinha — disse Joe, fechando a porta.

Maria inspecionou o tapete do corredor tão intensamente quanto examinara o soalho da varanda.

— Pode, por favor, dizer a ela que sou Maria? — Apenas entre na cozinha. Ela está à espera.

— A cozinha? Sozinha? — Perdão? — Entrar sozinha dentro da cozinha? — Entrar sozinha na cozinha — disse, sorrindo de satisfação por ter entendido o que ela quisera dizer. — Sim, é claro. Você sabe onde fica.

Maria fez que sim com a cabeça, atravessou o corredor até o arco da sala de estar, virou-se e ousou encontrar por um instante os olhos dele.

— Obrigada.

Enquanto observava-a atravessar a sala de estar e desaparecer na sala de jantar, Joe compreendeu o quanto ela estava grata por ele ter confiado que ela não roubaria nada se entrasse desacompanhada.

Evidentemente, ela estava acostumada a ser objeto de suspeita, não por ser indigna de confiança, mas simplesmente por ser Maria Elena Gonzalez, que viajara para o norte vinda de Hermosillo, México, em busca de uma vida melhor.

Embora entristecido pela lembrança do quanto o mundo era estúpido e desprovido de sentido, Joe recusou-se a afundar em

pensamentos negativos. Seu primogênito estava a caminho, e dali a alguns anos ele gostaria de lembrar este dia como um tempo maravilhoso, caracterizado inteiramente por uma doce — ainda que tensa — antecipação e pela alegria do nascimento.

Na sala de estar, sentou-se em sua poltrona favorita e tentou ler *Com só se vive duas vezes*, o último romance com James Bond. Ele não conseguia mergulhar na história. Bond sobrevivera a dez mil ameaças e derrotara centenas de vilões, mas não sabia nada sobre as complicações que poderiam transformar um parto normal numa provação mortal para a mãe e o bebê.

Capítulo 5

PARA BAIXO, PARA BAIXO, através das sombras e das teias de aranha estraçalhadas, para baixo através do fedor adstringente de creosoto e do leve cheiro de mofo, Júnior percorreu a escadaria da torre com o máximo de cautela. Se tropeçasse numa tábuia solta e caísse e quebrasse uma perna, poderia ficar aqui durante dias, morrendo de sede, infecção, de frio caso a temperatura baixasse, ou atormentado pelos predadores que o encontrassem indefeso à noite.

Caminhar sozinho pela floresta não era uma ideia sensata. Ele sempre confiara no sistema de parceria, compartilhando o risco. Mas a sua parceira tinha sido Naomi, e ele não podia mais contar com ela.

Depois que chegou ao chão, depois que saiu da torre, Júnior correu até a estrada de terra. O carro estava a horas de distância através da rota que eles haviam tomado para chegar aqui, mas talvez a meia hora — no máximo a minutos — se ele retornasse pela estrada de terra.

Depois de uns poucos passos, Júnior parou. Não podia correr o risco de levar as autoridades de volta até o topo daquele desfiladeiro apenas para descobrir que a pobre Naomi, ainda que ferida criticamente, ainda estava viva.

Quarenta e cinco metros de altura, aproximadamente quinze andares, não era uma queda da qual se podia esperar que alguém sobrevivesse. Por outro lado, às vezes milagres aconteciam.

Não milagres no sentido de deuses, anjos e santos metendo-se com os assuntos humanos. Júnior não acreditava nesse tipo de bobagem.

— Mas singularidades surpreendentes acontecem — murmurou, porque ele tinha uma visão incansavelmente científico-matemática da existência, uma visão que aceitava anomalias surpreendentes e mistérios de efeitos mecânicos estarrecedores, mas que não dava espaço para o sobrenatural.

Com mais ansiedade do que parecia razoável, ele circulou a base da torre. O mato alto provocou-lhe cócegas nas panturrilhas nuas. Nesta época do ano não se ouvia o zumbido irritante dos insetos e os

mosquitos não tentavam sugar todo o sangue do seu corpo. Lenta, cuidadosamente, ele se aproximou da forma retorcida de sua esposa.

Em quatorze meses de casamento, Naomi jamais levantara a voz para ele, jamais discutira com ele. Ela jamais procurara por uma falha numa pessoa se podia encontrar uma virtude, e era do tipo que podia encontrar virtudes até em pedófilos e em... Bem, em assassinos.

Ele odiaria descobrir que ela ainda estava viva, porque, pela primeira vez em seu relacionamento, ela certamente estaria magoada com ele. Ela sem dúvida teria palavras duras, talvez amargas. E mesmo se ele pudesse silenciá-la rapidamente, suas lembranças adoráveis daquele casamento estariam manchadas para sempre. Dali em diante, cada vez que ele pensasse em sua dourada Naomi, iria ouvi-la sussurrar acusações, e veria seu rosto belíssimo contorcido e desfigurado pela raiva.

Como seria triste se tantas lembranças felizes fossem estragadas para sempre.

Ele contornou a quina nordeste da torre e viu Naomi caída onde ele esperava que ela estivesse, e não sentada e tirando os pedaços de mato do cabelo, apenas deitada imóvel e distorcida.

Apesar disso, ele parou, relutando aproximar-se mais. Estudou-a a uma distância segura, os olhos, semicerrados devido ao brilho do sol, alertas para o menor movimento. Em meio ao silêncio sem vento, insetos ou vida, ele forçou sua audição, quase esperando que Naomi iniciasse uma de suas canções favoritas — “Somewhere Over the Rainbow” ou “What a Wonderful World” —, mas numa voz fraca, esmagada e atonal, engasgada com sangue e acompanhada por chocalhos de cartilagem quebrada.

Júnior estava se deixando entrar num estado, e sem nenhum motivo razoável. Naomi quase certamente estava morta, mas ele precisava ter certeza, e para ter certeza precisava olhar mais de perto. Não havia como evitar. Ele daria uma olhada rápida e então iria embora, para longe, rumo a um futuro interessante e rico em acontecimentos.

Assim que se aproximou mais, soube por que relutara aproximar-se de Naomi. Ele temera que seu rosto belíssimo estivesse horrendamente desfigurado, rasgado e esmagado.

Júnior era sensível.

Ele não gostava de filmes de guerra ou mistério nos quais as pessoas eram alvejadas por tiros, esfaqueadas ou mesmo discretamente envenenadas, porque o cineasta nunca prosseguia o enredo antes de mostrar o cadáver, como se você não pudesse aceitar a palavra dele de que alguém fora morto. Júnior preferia histórias de amor e comédias.

Certa vez comprara um romance de Mickey Spillane e ficara enjoado com a violência incessante. Não teria lido o livro até o fim se não considerasse uma falha de caráter não concluir cada projeto iniciado, mesmo se a tarefa fosse ler um romance repulsivamente sanguinário.

Nos filmes de guerra e suspense, Júnior adorava as cenas de ação. Não era a ação que o incomodava. Ele sentia-se perturbado com as consequências.

Muitos cineastas e romancistas adoravam mostrar as consequências das ações, como se fossem tão importantes quanto as ações em si. Mas a parte divertida era o movimento, a ação, não as consequências. Se você estava acompanhando uma cena de trem desgovernado, não precisava voltar para ver o que acontecera com as freiras desafortunadas, mortas ou vivas; elas tinham perdido toda importância depois que sua porcaria de ônibus havia colidido com o trem. O que importava agora era o trem: não as consequências da ação, mas a ação em si.

Agora, aqui nesta cordilheira ensolarada no Oregon, a quilômetros do trem mais próximo e ainda mais distante de qualquer freira, Júnior aplicou esta visão artística à sua própria situação, superando a sensibilidade e voltando a se concentrar na ação. Ele se aproximou da esposa caída, parou diante dela, fitou seus olhos fixos e disse: — Naomi? Júnior não soube por que dissera o nome da esposa, pois bastara olhar seu rosto pela primeira vez para ter certeza de que ela estava morta. Ele detectou um tom melancólico em sua voz, e supôs que já começava a sentir falta dela.

Se os olhos de Naomi tivessem se movimentado em resposta à voz do marido, se ela tivesse piscado em reconhecimento a ele, Júnior talvez não tivesse ficado inteiramente insatisfeito, dependendo das condições de sua esposa. Paralisada do pescoço para baixo e sem impor nenhuma ameaça física, o cérebro danificado a ponto de não poder

falar ou escrever, ou comunicar sob qualquer meio à polícia o que acontecera, mas ainda com a maior parte de sua beleza intacta, ela ainda poderia ser capaz de enriquecer a vida de Júnior em muitos aspectos. Sob as circunstâncias certas, com a doce Naomi tão gloriosamente atraente quanto sempre mas incapaz e indefesa como uma boneca, Júnior ficaria feliz em dar-lhe um lar... e carinho. E por falar de ação sem consequências! Contudo, ela estava tão morta quanto um sapo esmagado por um caminhão, e agora não lhe despertava mais interesse do que um ônibus cheio de freiras beijadas por um trem.

Incrivelmente, o rosto de Naomi estava tão belo quanto de costume.

Tinha aterrissado de costas, de modo que o dano fora causado principalmente à espinha e à nuca. Júnior não queria pensar em como deveria estar a parte posterior do crânio de Naomi; felizmente, seus cabelos dourados abundantes ocultavam a verdade. Suas feições faciais estavam levemente distorcidas, o que sugeria uma ruína maior por trás, mas o resultado não era triste ou grotesco: de fato, a distorção concedia-lhe o sorriso malicioso de uma mulher sedutora, com os lábios entreabertos de quem acabara de dizer alguma coisa maravilhosamente espirituosa.

Júnior esteve intrigado com o fato de que poucos rastros de sangue manchavam o leito de pedra de sua esposa, até compreender que ela morrera instantaneamente com o impacto. Interrompido tão abruptamente, seu coração não bombeava sangue para fora de seus ferimentos.

Ele se ajoelhou ao lado dela e gentilmente tocou seu rosto. Sua pele ainda estava levemente quente.

Sempre o sentimental, Júnior deu-lhe um beijo de adeus. Apenas um.

Carinhoso, mas apenas um, e sem nenhum envolvimento de língua. Então retornou até a trilha de terra e seguiu para o sul a passos lépidos.

Quando alcançou a primeira curva da estrada estreita, parou para olhar para trás, na direção do topo da cordilheira.

A torre alta imprimia no céu sua geometria ameaçadoramente negra. A floresta ao redor parecia encolher-se ao redor da torre, como

se a natureza tivesse decidido não mais abraçar a estrutura.

Acima e a um lado da torre, três corvos haviam aparecido, como que por geração espontânea. Eles circulavam o local onde Naomi caíra como a Bela Adormecida, beijada mas não despertada. Corvos são comedores de carniça.

Lembrando a si próprio que era a ação que importava, não as consequências, Caim Júnior retomou sua jornada pela trilha. Agora marchava mais devagar, cantando em voz alta como os fuzileiros faziam enquanto corriam nos grupos de treinamento; mas como não conhecia nenhum cântico dos fuzileiros, resmungava a letra de “Somewhere Over the Rainbow” sem melodia, aproximadamente no mesmo ritmo que suas passadas, a caminho não das montanhas de Montezuma ou das praias de Trípoli, mas de um futuro que agora prometia ser rico em experiências extraordinárias e surpresas infinitas.

Capítulo 6

DESCONTANDO OSEFEITOS da gravidez, Agnes era uma mulher pequena, e Maria Elena Gonzalez era ainda menor. Ainda assim, sentadas frente a frente na mesa da cozinha, as duas jovens mulheres, de mundos muito diferentes mas de personalidades notavelmente semelhantes, discordando quanto ao pagamento pelas lições de inglês, travavam um duelo quase tão monumental quanto o atrito de duas placas tectônicas nas profundezas da costa da Califórnia. Maria estava determinada a pagar em dinheiro ou em serviços. Agnes insistia em que as lições eram um ato de amizade, e nenhuma compensação se fazia necessária.

— Não vou roubar uma amiga — proclamou Maria.

— Você não está tirando vantagem de mim, querida. Eu me divirto tanto ensinando e vendo-a melhorar, que eu, sim, deveria pagar a você.

Maria fechou seus grandes olhos de ébano e respirou fundo, movendo os lábios sem fazer um som, revisando alguma frase importante que ela queria dizer corretamente. Abriu os olhos.

— Estou agradecendo à Virgem Maria e a Jesus por cada noite em que você tem estado em minha vida.

— Isso é muito gentil, Maria.

— Mas estou comprando o inglês — disse ela com firmeza, deslizando três notas de um dólar sobre a mesa.

Três dólares davam para uma dúzia de ovos ou doze pães franceses, e Agnes jamais tiraria comida da boca de uma mulher pobre e suas filhas.

Ela empurrou o dinheiro sobre a mesa até Maria.

Mandíbulas cerradas, lábios premidos com força, olhos estreitados, Maria empurrou o dinheiro de volta para Agnes.

Ignorando o pagamento oferecido, Agnes abriu um livro didático.

Maria virou-se de lado em sua cadeira, afastando-se dos três dólares e do livro. Olhando para a nuca da amiga, Agnes disse: — Você é impossível.

— Errado. Maria Elena Gonzalez é real.

— Não foi isso que eu quis dizer, e você sabe disso.

— Não sei nada. Sou uma mexicana burra.

— Burra é a última coisa que você é.

— Agora eu sou sempre burra, sempre com meu inglês mau.

— Inglês ruim. O seu inglês não é mau, apenas ruim.

— Então você ensina.

— Não por dinheiro.

— Não de grátis.

Durante alguns minutos elas permaneceram sentadas ali sem se mover.

Maria de costas para a mesa, Agnes fitando frustrada a nuca de Maria e tentando forçá-la pelo poder do pensamento a virar-se novamente e ser razoável.

Finalmente, Agnes se levantou. Uma leve contração gerou um cinturão de dor em torno de suas costas e barriga, e ela se encostou contra a mesa até o desconforto passar.

Sem dizer uma só palavra, serviu uma xícara de café e a colocou diante de Maria. Ela colocou um biscoito de passas caseiro num prato e o pousou ao lado da xícara de café.

Maria bebericou o café enquanto se mantinha sentada de lado na cadeira, ainda de costas para as três notas gastas de um dólar.

Agnes saiu da cozinha pelo corredor, através da porta de vaivém, em vez de pela sala de jantar, e quando passou pelo arco da sala de estar Joey explodiu de sua poltrona, largando no chão o livro que estivera lendo.

— Ainda não está na hora — disse, caminhando até as escadas.

— E se você estiver errada? — Confie em mim, Joey, vou ser a primeira a saber. Enquanto Agnes subia, Joey correu atrás dela e perguntou: — Para onde você está indo? — Lá pra cima, tolinho.

— O que vai fazer? — Destruir algumas roupas.

— Ah, sim.

Agnes pegou uma tesoura de unha no banheiro da suíte, tirou uma blusa vermelha do armário e sentou-se na beira da cama. Virou a blusa pelo avesso e usou as lâminas pequenas e afiadas para puxar cuidadosamente os fios, desfazendo vários pontos de costura logo abaixo da gola, arruinando todo o franzido da frente.

Do armário de Joey extraiu um velho blazer azul que ele raramente usava. O forro estava caído, puído e meio podre. Ela o arrancou. Com as tesourinhas, abriu as ombreiras e expôs o enchimento.

À crescente pilha de farrapos acrescentou um dos coletes de lã de Joey, depois de arrancar um botão e destacar quase completamente um bolso que já fora costurado. Um par de calças caqui surradas: rapidamente soltou o cós; cortou o canto do bolso da carteira e então arrancou-o com as próprias mãos; desmanchou algumas costuras e soltou toda a bainha da perna esquerda.

Danificou mais coisas de seu marido do que suas, mas apenas porque Joey era um homem grande e meio desajeitado, de modo que era mais fácil acreditar que ele estragava frequentemente suas roupas.

Assim que Agnes pisou no andar térreo, perguntou-se se os danos às calças caqui não haviam sido tão exagerados que causariam suspeitas.

Ao vê-la, Joey saltou novamente de sua poltrona. Desta vez ele conseguiu segurar o seu livro, mas tropeçou na banquetta de apoiar os pés e quase perdeu o equilíbrio.

— Quando você foi atacado pelo cachorro? — perguntou Agnes.

— Cachorro? — perguntou, aturdido. — Que cachorro? — Foi ontem ou anteontem? — Não lembro de cachorro nenhum.

Balançando impacientemente as calças caqui na frente do marido, ela disse: — Então o que causou tanto dano? Joey fitou tristemente as calças caqui. Embora fossem velhas, elas eram suas preferidas para quando ele fazia consertos gerais na casa durante os fins de semana.

— Ah — disse ele. — Aquele cachorro.

— É um milagre que ele não tenha mordido você.

— Graças a Deus eu estava segurando uma pá — disse Joey.

— Você não acertou o pobre cachorrinho com a pá, acertou? — perguntou Agnes, fingindo decepção.

— Bem, ele estava me atacando, não estava? — Mas era apenas um filhote de collie. Ele a fitou de testa franzida.

— Pensei que fosse um cachorro grande.

— Não, não, querido. Foi a pequena Muffin, do vizinho do lado. Um cachorro grande certamente teria rasgado as calças e você também. Precisamos de uma história crível.

— A Muffin é uma cadelinha tão fofinha...

— Mas a raça dela é nervosa, meu bem. Quando a raça do cachorro é nervosa, a gente nunca sabe o que pode fazer.

— Acho que tem razão.

— E apesar de ter atacado você, a pequena Muffin é uma coisinha adorável. O que Maria vai pensar de você se disser que acertou a cachorrinha com uma pá? — Eu estava lutando pela minha vida, não estava? — Ela vai pensar que você é cruel.

— Eu não disse que acertei a cadela.

Abrindo um sorriso e inclinando a cabeça para o lado, Agnes fitou-o, aguardando para ver o que ele ia dizer.

Confuso, Joey olhou para o chão, mudou seu peso de um pé para o outro, voltou sua atenção para o teto, e mudou o peso novamente, aparentando ser um urso treinado que não conseguia lembrar como fazer seu truque seguinte. Finalmente, disse: — E se peguei a pá, cavei um buraco realmente rápido, e enterrei a Muffin até o

pescoço... apenas até ela se acalmar? — Essa é a sua história, hein? — E vou ficar com ela.

— Bem, graças a Deus o inglês da Maria é tão mau.

— Você não poderia simplesmente aceitar o dinheiro? — perguntou ele.

— Claro. Ou talvez eu pudesse dar uma de Rumpelstiltskin e exigir um dos filhos dela como pagamento.

— Eu gostava daquelas calças.

Enquanto lhe dava as costas e seguia pelo corredor na direção da cozinha, Agnes disse: — Estarão como novas depois que ela as tiver remendado.

— E esse aí é o meu colete cinza? — disse Joey para as costas da esposa. — O que você fez com o meu colete cinza? — Se você não se acalmar, jogo ele no fogo.

Na cozinha, Maria estava mordiscando biscoito de passas.

Agnes largou as roupas danificadas numa das cadeiras da cozinha.

Depois de limpar os dedos num guardanapo de papel, Maria examinou as roupas com interesse. Ela ganhava a vida como costureira na lavanderia Bright Beach. Ao ver cada costura desfeita, cada botão caído, ela estalava a língua.

— Joey é descuidado com suas roupas — justificou Agnes.

— Homens! — lamentou Maria.

Rico, o marido dela — alcoólatra e jogador inveterado —, fugira com outra mulher, abandonando Maria e as duas filhas pequenas. Sem a menor sombra de dúvida, ele tinha partido usando um conjunto de roupas limpo, perfeitamente passado, impecavelmente costurado.

A costureira levantou a calça caqui e soergueu as sobancelhas.

Sentando-se numa cadeira à mesa, Agnes explicou: — Ele foi atacado por um cachorro. Maria arregalou os olhos.

— Pit bull? Pastor alemão? — Filhote de collie.

— Que cachorro esse? — Muffin. Você sabe, a cadela do vizinho do lado.

— Aquela cachorrinha Muffin fez isto? — É uma raça nervosa.

— Qué? — A Muffin estava mal-humorada.

— Qué? Agnes estremeceu. Mais uma contração. Leve, mas perto demais da última. Colocou as mãos sobre a barriga imensa e respirou lenta e profundamente até a dor passar.

— Bem, de qualquer modo — disse ela, como se a violência incomum de Muffin tivesse sido explicada adequadamente —, estes reparos devem cobrir mais dez lições.

O rosto de Maria franziu como um pedaço de pano marrom costurado numa série de chuleios.

— Seis lições.

— Dez.

— Seis.

— Nove.

— Sete.

— Nove.

— Oito.

— Combinado — disse Agnes. — Agora guarde os seus três dólares e vamos terminar a lição antes que a minha bolsa de água arrebente.

— Água pode arrebentar? — perguntou Maria, olhando para a torneira da pia. Suspirou. — Meu Deus, ainda tenho que aprender tanta coisa!

Capítulo 7

NUVENS COBRIAM O SOL do fim da tarde, e o céu do Oregon estava com uma cor de safira nos pontos em que ainda aparecia. Policiais aglomeravam-se como corvos de olhos brilhantes à sombra comprida da torre de incêndio.

Como a torre ficava numa ribanceira que marcava a divisa entre o condado e as terras estaduais, a maioria dos agentes da lei ali reunidos era do condado, mas dois policiais estaduais também estavam presentes.

Com os policiais uniformizados estava um homem atarracado, no fim da casa dos quarenta, usando calças pretas e um paletó esportivo. Suas feições pareciam ter sido socadas para dentro, seu

primeiro queixo era fraco, seu segundo queixo mais firme que o primeiro, e sua função era ignorada por Júnior. Ele seria o homem com menos chances de ser notado numa convenção de dez mil pessoas sem traços bonitos, não fosse pela marca de nascença que cercava o olho direito, escurecendo a maior parte do osso do nariz, deixando iluminada metade da fronte, e circulando o olho para manchar a parte superior da bochecha.

Entre eles, as autoridades falavam quase sempre em murmúrios. Ou talvez Júnior estivesse distraído demais para ouvi-los claramente.

Ele estava tendo dificuldade em focar sua atenção no problema imediato.

Através de sua mente, pensamentos estranhos e desconexos rolavam como as ondas lentas e calmas do olho de um furacão em meio a um mar turbulento.

Algumas horas antes, depois de marchar pela estrada de terra e chegar ofegante ao seu Chevy, Júnior correra até Spruce Hills, a cidade mais próxima, e durante o percurso caíra em espirais rumo à condição estranha na qual se encontrava agora. Ele começara a dirigir tão erraticamente que patrulheiros tentaram detê-lo, mas a essa altura encontrava-se a um quarteirão do hospital, e decidido a só parar lá. Percorrera a via de entrada do hospital sem desacelerar, subira no meio fio, quase se chocando com um carro estacionado, e deslizara até parar numa zona de estacionamento proibido diante da entrada de emergência. Saltara do carro capengando como um bêbado e gritando para o policial trazer uma ambulância, trazer uma ambulância! No percurso de volta até a cordilheira, sentado no banco da frente de um carro-patrolha ao lado de um policial do condado, com uma ambulância e outros carros de polícia atrás deles, Júnior tremera inconsolavelmente.

Quando tentara responder às perguntas do policial sua voz saíra distorcida, e ele fora capaz apenas de grasnar, repetidamente: — Ó Deus, Deus Todo-poderoso.

Quando a rodovia atravessara uma ravina sem sol, Júnior começara a suar compulsivamente ao ver lampejos da silhueta da torre através das brechas entre as árvores. De vez em quando a sirene gritara

para limpar o tráfego à frente, e ele sentira o impulso de gritar com ela, de permitir escapar um uivo de terror, angústia, confusão, perda.

Contudo, reprimira o grito, porque sentira que se desse voz a ele não conseguiria ser capaz de silenciar-se por muito, muito tempo.

Ao sair do carro apinhado de gente para o ar puro, mais gelado do que quando saíra deste lugar, Júnior mantivera-se parado em pé, inquieto, enquanto os policiais e enfermeiros se reuniam ao redor dele. Em seguida eles o conduziram através do mato até Naomi, movendo-se hesitantemente, tropeçando em pedras pequenas que os outros venciam com facilidade.

Durante todo o tempo Júnior tivera a consciência de parecer tão culpado quanto o homem que mordera a primeira maçã no primeiro jardim. O suor, os espasmos de tremores violentos, o tom defensivo que não conseguia afugentar da voz, a incapacidade de olhar qualquer pessoa nos olhos por mais de alguns segundos — indícios que nenhum daqueles profissionais deixaria de notar. Ele tentara desesperadamente manter o autocontrole, mas em vão.

Agora estava mais uma vez diante do corpo de sua esposa.

O rigor mortis já havia se instalado, com o sangue sendo drenado para as partes mais baixas de seu corpo, deixando as frentes das pernas nuas, um lado de cada braço e o rosto fantasmagoricamente pálidos.

Surpreendentemente, seus olhos mortos ainda estavam limpos. Era incrível que o impacto não tivesse causado uma hemorragia em cada um dos seus belos olhos azuis-lavanda. Nenhum sangue, apenas surpresa.

Júnior sabia que todos os tiras estavam analisando-o enquanto ele olhava para o cadáver, e tentou imaginar como um marido inocente agiria ou o que diria, mas a sua imaginação não funcionou. Seus pensamentos não podiam ser organizados.

Sua turbulência interna ficou mais forte, e o reflexo exterior tornou-se ainda mais óbvio. No ar frio do fim da tarde, Júnior transpirava tão profusamente quanto um homem que acabara de ser amarrado à cadeira elétrica. Tremia sem parar, e tinha quase certeza de poder ouvir seus ossos baterem uns nos outros como as cascas de muitos ovos cozidos numa panela pequena.

Como ele imaginara que poderia escapar disto? Ele devia ter surtado, perdido temporariamente a sanidade.

Um dos enfermeiros ajoelhou-se ao lado do cadáver, checando o pulso de Naomi, embora nessas circunstâncias sua ação fosse de uma formalidade que ultrapassava os limites da razão.

Alguém parou ao lado de Júnior e disse: — Mais uma vez, como foi que aconteceu? Ele levantou os olhos para fitar o homem atarracado com a marca de nascença. Os olhos dele eram cinzentos, duros como cabeças de prego, mas cristalinos e surpreendentemente belos naquele rosto desafortunado.

A voz do homem ecoou oca nos ouvidos de Júnior, como se estivesse vindo do outro lado de um túnel. Ou do fundo de um corredor da morte, no final da longa caminhada entre a última refeição e a sala de execução.

Júnior inclinou a cabeça para trás e olhou para cima, na direção da plataforma de observação, onde a balaustrada havia arrebitado.

Ele soube que os outros fizeram o mesmo.

Todos estavam calados. O dia estava silente como um necrotério. Os corvos tinham voado para o céu, mas um único gavião pairava bem acima da torre, como a justiça mantendo mira sobre sua presa.

— Ela. Estava comendo. Damascos secos. — Júnior falou quase num sussurro, mas a cordilheira estava tão silenciosa que sem dúvida todos aqueles jurados uniformizados, mas não oficiais, puderam ouvi-lo claramente. — Caminhando. Ao redor da plataforma. Parou. A vista. Ela se debruçou. Caiu.

Abruptamente, Caim Júnior deu as costas para a torre, para o cadáver de seu amor perdido. E, deixando-se cair de joelhos, vomitou. Vomitou mais explosivamente do que nunca, por força do pior enjoo que sentira em toda sua vida. Amargo, grosso, absurdamente desproporcionado em vista do almoço simples que comera, Júnior expeliu um vômito terrivelmente fétido. Não sentia náusea, mas seus músculos abdominais contraíam-se dolorosamente, com tanta força que temeu ser dobrado em dois. E aquilo continuou, continuou sem parar, espasmo após espasmo, até ele começar a expelir um líquido fino e esverdeado pela bile, que certamente era o fim, mas não foi, porque

aqui vinha mais bile, tão ácida que suas gengivas arderam ao contato com ela, e depois de uma breve pausa começou a sair — Meu Deus, por favor, não — uma coisa ainda mais terrível.

Seu corpo inteiro estava em convulsão. Engasgou ao aspirar alguma coisa fétida. Apertou os olhos lacrimosos para não ver o líquido que desaguava de sua garganta, mas não conseguiu bloquear o fedor.

Um dos enfermeiros tinha parado ao seu lado para premir uma mão fria contra sua nuca. Agora este homem gritou para alguém: — Kenny! Temos uma hematêmese aqui! Passos correndo na direção da ambulância. Aparentemente, Kenny, o segundo enfermeiro.

Para tornar-se um fisioterapeuta, Júnior aprendera mais do que lições de massagem. Assim, ele sabia o que hematêmese significava. Hematêmese: vômito de sangue.

Abrindo os olhos, deixando cair lágrimas enquanto contrações ainda mais agonizantes dobravam o seu abdômen, ele viu fitas vermelhas em meio à gosma esverdeada que saía dele. Vermelho vivo. Suco gástrico seria preto. Isto devia ser sangue da faringe. A não ser que uma artéria tivesse se rompido em seu estômago, rasgada pela violência incrível desses espasmos intransigentes, caso em que ele estava vomitando a sua vida.

Ele se perguntou se o gavião havia descido num giro constritor, a justiça caindo sobre sua cabeça, mas ele não tinha como levantar a cabeça para ver.

Agora, sem compreender quando acontecera, ele havia sido levantado da posição de joelhos e deitado sobre seu lado direito. A cabeça foi elevada e inclinada por um dos enfermeiros. Assim ele podia expelir a bile, o sangue, em vez de engasgar com tudo.

A dor na barriga era extraordinária e vinha em espasmos mortais. Ondas antiperistálticas atravessavam duodeno, estômago e esôfago, e agora ele arfava desesperadamente por ar entre cada expulsão. Mas sem muito sucesso.

Uma umidade fria logo acima da dobra de seu cotovelo esquerdo. Uma ferroada. Um torniquete de borracha flexível fora amarrado em torno de seu braço esquerdo, para deixar uma veia inchar-se mais visivelmente, e a ferroada que sentira fora a introdução de uma agulha hipodérmica.

Tinham lhe dado uma medicação anti náuseas. Era provável que não fosse funcionar suficientemente rápido para salvá-lo.

Pensou ter ouvido o sibilar suave de facas cortando o ar de janeiro. Não ousou olhar para cima. Mais em sua garganta. A agonia.

A escuridão encheu a sua cabeça, como se fosse sangue inundando seu estômago e esôfago.

Capítulo 8

TENDO COMPLETADO SUA LIÇÃO de inglês, Maria Elena Gonzalez foi para casa com um saco de compras de plástico cheio de roupas precisamente danificadas e um saco menor, de papel, contendo bolinhos de framboesa para suas duas filhas.

Quando fechou a porta da frente e se virou para o interior da sala, Agnes esbarrou sua barriga inchada em Joey. Ele soergueu as sobrancelhas e colocou as mãos no abdômen distendido da esposa, como se ela fosse mais frágil do que um ovo de rouxinol e mais valiosa que um ovo Fabergé.

— Agora? — perguntou Joey. — Gostaria de primeiro limpar a cozinha. Implorando: — Aggie, não.

Ele a fazia lembrar do Urso Preocupado de um livro que Agnes já comprara para a biblioteca do bebê.

O Urso Preocupado carrega preocupações no bolso da calça. Debaixo do chapéu de palha e numa arca sem alça. Carrega preocupações nas costas e debaixo dos braços. Mas todos concordam: esse é um dos seus mais belos traços.

Como as contrações de Agnes estavam ficando mais frequentes e ligeiramente mais severas, ela disse: — Muito bem, mas antes me deixe dizer a Esaú e Jacó que estamos saindo.

Esaú e Jacó eram os irmãos mais velhos de Agnes, que moravam em dois apartamentos pequenos em cima da garagem para quatro carros nos fundos da propriedade.

— Eu já disse a eles — retrucou Joey, correndo para abrir a porta do armário do corredor com tanta força que ela achou que as dobradiças iriam quebrar.

Joey tirou o casaco de Agnes do armário como se num passe de mágica.

E magicamente Agnes descobriu seus braços dentro das mangas e o colarinho em torno do seu pescoço; isso foi surpreendente porque, considerando o tamanho que ela vestia agora, colocar qualquer coisa que não fosse um chapéu geralmente requeria estratégia e persistência.

Quando se virou novamente para Joey, ele já tinha vestido a jaqueta e arrebatado as chaves do carro da mesinha do corredor. Colocou a mão esquerda debaixo do braço direito de Agnes, como se ela estivesse doente e necessitada de apoio, e a arrastou através da porta, para a varanda da frente.

Joey não parou para trancar a casa. Um morador da Bright Beach de corria o mesmo risco de ser assaltado que de ser atropelado por uma manada de brontossauros.

A tarde estava chegando ao fim, e o céu parecia estar sendo puxado para baixo pelos fios de luz cinzenta que o amarravam ao horizonte. O aroma do ar prometia chuva.

O Pontiac verde-besouro esperava na frente da casa, com um brilho que tentava a natureza a despejar um pouco de tempo ruim. Joey sempre mantinha seu carro impecável, e provavelmente não teria tempo para trabalhar se vivesse num clima prejudicial ao lustre de um carro, em vez de no sul da Califórnia.

— Você está bem? — perguntou enquanto abria a porta do passageiro e a ajudava a entrar no carro.

— Melhor impossível.

— Tem certeza? — Estou bem-bem-bem.

O interior do Pontiac tinha um cheiro gostoso de limão, embora não houvesse no espelho retrovisor um daqueles odorizantes de formato brega.

Os assentos, tratados regularmente com sabão para couro, estavam mais macios e lustrosos do que quando o carro saía da fábrica, e o painel de instrumentos reluzia como novo.

Enquanto abria a porta do motorista e se acomodava ao volante, Joey perguntou: — Está se sentindo bem? — Saudável como um filhotinho.

— Você parece pálida.

— Tudo dentro de mim está funcionando como um relógio.

— Você está caçoando de mim, não está? — Com você pedindo tanto para ser caçoado, como posso negar? No instante em que Joey bateu a porta, uma contração apertou Agnes.

Ela fez uma careta, e sugou ar fortemente entre os dentes cerrados.

— Oh, não — disse o Urso Preocupado. — Oh, não! — Querido, pelo amor de Deus, relaxe. O que estou sentindo não é uma dor comum. É uma dor feliz. A nossa menininha vai estar conosco antes do fim do dia.

— Nosso menininho.

— Confie na intuição da mãe.

— Um pai também tem alguma. — Ele estava tão nervoso que a chave chocalhou interminavelmente contra a ignição antes de, finalmente, ele conseguir inseri-la. — Vai ser um menino, porque assim você sempre terá um homem na casa.

— Está planejando fugir com alguma loura? Joey não conseguia ligar o carro, porque não parava de tentar girar a chave na direção errada.

— Você entende o que estou dizendo. Vou ficar por aqui ainda durante um bom tempo, mas as mulheres vivem vários anos mais que os homens. As tabelas atuariais não podem estar erradas.

— Sempre o vendedor de seguros.

— Bem, isso é verdade — disse ele, finalmente girando a chave na direção certa e ligando o motor.

— Vai me vender uma apólice? — Não vendi nenhuma hoje. Preciso ganhar a vida. Você está bem? — Com medo.

Em vez de conduzir o carro pelo caminho para a rua, ele colocou uma de suas mãos enormes sobre ambas as mãos da esposa.

— Com medo de alguma coisa estar errada? — Com medo de você bater numa árvore. — Ele pareceu magoado.

— Sou o motorista mais responsável de Bright Beach. O estado do meu carro prova isso.

— Não hoje. Se demorar a engatar a marcha tanto quanto demorou para ligar a ignição, a nossa menininha vai estar sentando e dizendo “dá-dá” antes de chegarmos ao hospital.

— Menininho.

— Apenas fique calmo.

— Eu estou calmo — assegurou ele.

Joey soltou o freio de mão e, ao invés de andar para a frente, colocou o carro em ré, afastando-se da rua e seguindo ao largo da casa. Assustado, ele pisou no freio.

Agnes não disse nada antes de Joey ter respirado profunda e lentamente três vezes. Então, apontou para o para-brisa.

— O hospital fica naquela direção. Ele olhou humildemente para ela.

— Você está bem? — A nossa menininha vai caminhar de costas a vida inteira se você dirigir em ré até o hospital.

— Se for uma menininha, ela vai ser exatamente como você. Não sei se consigo aguentar duas de vocês.

— Vamos manter você jovem.

Com grande determinação, Joey mudou a marcha e seguiu o caminho até a rua, onde olhou para a direita e para a esquerda com o olhar desconfiado de um fuzileiro perscrutando um território perigoso. Ele virou para a direita.

— Avise ao Esaú para entregar as tortas amanhã de manhã — lembrou-o Agnes.

— Jacó disse que não se importaria em fazer isso uma vez.

— Jacó assusta as pessoas — disse Agnes. — Ninguém comeria uma torta entregue por Jacó antes de testá-la num laboratório.

Gotas de chuva vararam o ar e rapidamente desenharam padrões prateados no para-brisa.

Ligando os limpadores, Joey disse: — Esta é a primeira vez que ouço você admitir que pelo menos um dos seus irmãos é esquisito.

— Eles não são esquisitos, querido. Apenas um pouco excêntricos.

— Como água é um pouco molhada.

— Você não se importa dos dois morarem perto da gente, se importa, Joey? — perguntou Agnes, agora com um ar preocupado. — Eles são excêntricos, mas eu os amo muito. — Eu também — admitiu. Ele sorriu e balançou a cabeça. — Aqueles dois fazem um vendedor de

seguros estressado como eu parecer tão despreocupado quanto uma colegial.

— Você está se saindo um excelente motorista, afinal de contas — disse ela, piscando para ele.

Ele era, de fato, um motorista de primeira, com um prontuário notável para um homem na casa dos trinta: nenhuma multa de trânsito, nenhum acidente.

Contudo, a habilidade de Joey atrás do volante e sua cautela inata não o ajudaram quando uma picape Ford ultrapassou em alta velocidade um sinal vermelho, freou cedo demais e se chocou fortemente contra a porta do motorista do Pontiac.

Capítulo 9

EMBALADO COMO SE NAVEGASSE em águas turbulentas, torturado por um som extraterreno e aflito, Caim Júnior imaginou-se numa gôndola num rio negro, uma carranca de dragão plantada em sua proa, como num livro sobre vikings que tinha lido. Neste caso o gondoleiro não era um viking, mas uma criatura alta e envolta num manto negro, seu rosto oculto por um capuz; ele não impulsionava a gôndola com a vara tradicional, mas com o que parecia um cajado montado com ossos humanos. O curso do rio era inteiramente subterrâneo, com um teto de pedra à guisa de céu, e chamas acesas na margem distante, de onde provinha o uivo, um grito carregado com fúria, angústia, e uma necessidade assustadora.

A verdade, como sempre, não era sobrenatural: abriu os olhos e descobriu que estava na traseira de uma ambulância. Evidentemente, a que fora enviada para resgatar Naomi. Eles agora mandariam um rabeção para pegá-la.

Um paramédico, ao invés de um gondoleiro ou um demônio, cuidava dele. O uivo era uma sirene.

Sua barriga parecia ter sido golpeada impiedosamente por bandidos usando os punhos e canos de chumbo. A cada batida, seu coração parecia chocar-se dolorosamente contra mãos constrictoras, e sua garganta parecia em carne viva.

Uma sonda de oxigênio de cano duplo havia sido introduzida em seu septo nasal. O fluxo frio e agradável era bem-vindo. Contudo, ainda podia sentir o gosto do líquido vil do qual havia se livrado, e sua língua e dentes pareciam ter sido cobertos por fungos.

Pelo menos não estava vomitando mais.

Ao pensar em regurgitação, imediatamente sentiu os músculos abdominais contraírem-se como os de um sapo de laboratório trespassado por uma corrente elétrica e, acometido por um horror crescente, percebeu que estava engasgando.

O que está acontecendo comigo? O enfermeiro puxou o tubo de oxigênio do nariz de Júnior e levantou a cabeça do paciente, posicionando sob sua boca uma toalha para colher o vômito fino.

O corpo de Júnior traiu-o como fizera antes, e também de novas formas que o aterrorizaram e o humilharam, envolvendo cada fluido corporal que ele possuía com exceção do cerebrospectral. Durante algum tempo, dentro daquela ambulância oscilante, ele desejou que realmente estivesse numa gôndola nas águas do rio Estige, o que significaria o fim de seu sofrimento.

O vômito compulsivo passou, e enquanto caía de volta no travesseiro sujo, incomodado com o fedor que subia de suas roupas emporcalhadas, Júnior subitamente foi assaltado por uma ideia que era ou loucura pura ou uma brilhante dedução de detetive: Naomi, aquela piranha traiçoeira, me envenenou! O enfermeiro, dedos premidos contra a artéria radial no pulso direito de Júnior, deve ter sentido sua pulsação acelerar como um carro de corrida.

Júnior e Naomi tinham comido damascos secos do mesmo saquinho.

Tinham pego os damascos sem olhar. Tinham-nos segurados nas palmas das mãos. Naomi não podia ter controlado quais pedaços de fruta receberia e quais comeria.

Será que ela também planejava envenenar-se? Seria sua intenção matá-lo e cometer suicídio? Não a alegre, adorável, bem-humorada e carola Naomi. Ela via cada dia de sua vida através de uma névoa dourada que subia do sol em seu coração.

Júnior certa vez falara sobre esse mesmo sentimento para ela. Névoa dourada, sol no coração. As palavras de Júnior tinham-na

encantado, lágrimas haviam brotado em seus olhos, e o sexo fora melhor do que nunca.

Era mais provável que o veneno tivesse sido colocado no sanduíche de queijo ou na garrafa d'água dele.

Seu coração rebelou-se contra o pensamento da adorável Naomi cometendo tamanho ato de traição. Uma mulher doce, generosa, honesta e carinhosa como Naomi decerto seria incapaz de matar qualquer pessoa... e muito menos o homem a quem amava.

A não ser que ela não o amasse.

O enfermeiro bombeou a pulseira de expansão do esfigmomanômetro, e provavelmente constatou que a pressão sanguínea de Júnior estava alta o bastante para provocar um ataque cardíaco, decolando para o espaço impulsionada pelo pensamento de que o amor de Naomi fora uma mentira.

Talvez ela tivesse se casado com ele pelo seu... Não, isso era um beco sem saída. Ele não tinha dinheiro.

Naomi havia amado Júnior. Ela o havia adorado. Venerado não seria uma expressão forte demais.

Contudo, agora que a possibilidade de traição havia ocorrido a Júnior, ele não conseguia livrar-se da suspeita. A boa Naomi, que tinha dado incomensuravelmente mais do que tomado, para sempre seria envolta por uma sombra de dúvida em sua memória.

Afinal de contas, você jamais podia realmente conhecer alguém, não podia realmente conhecer cada recanto da mente ou do coração de sua pessoa. Nenhum ser humano era perfeito. Até mesmo uma pessoa de hábitos imaculados e comportamento altruísta talvez fosse um monstro em seu coração, cheio de desejos indizíveis, que poderiam ser materializados cedo ou tarde.

Por exemplo, Júnior não tinha certeza se mataria outra esposa.

Considerando que seu casamento com Naomi estava agora manchado pela mais terrível das dúvidas, ele não podia imaginar como poderia novamente confiar o bastante em alguém para fazer os votos matrimoniais.

Júnior fechou os olhos cansados e deixou que o enfermeiro limpasse com um pano frio e úmido a sua face suja e os lábios empapados em vômito.

As feições maravilhosas de Naomi a floraram em sua mente, e por um momento ela pareceu uma santa, mas com um brilho de ameaça quase imperceptível reluzindo nos olhos adoráveis.

Perder sua amada esposa era terrível, um ferimento que dificilmente poderia ser curado, mas isto era ainda pior: ter esta imagem brilhante de Naomi manchada pela suspeita. Naomi não mais estava presente para prover conforto e consolo, e agora Júnior nem mesmo tinha mais memórias imaculadas dela para sustentá-lo. Como sempre, não era a ação que o incomodava, eram as consequências.

A mancha na memória de Naomi era uma tristeza tão dolorosa que ele se perguntou se conseguiria suportá-la. Sentiu sua boca tremer e ficar mole, não com o impulso de vomitar novamente, mas com alguma coisa como a dor que não a dor em si. Seus olhos encheram-se de lágrimas.

Talvez o enfermeiro tivesse lhe dado uma injeção, um sedativo.

Enquanto a ambulância corria barulhenta através deste dia marcante, Caim Júnior chorou profunda mas silenciosamente — e encontrou a paz temporária num sono sem sonhos.



Quando acordou, estava numa cama de hospital, a parte superior de seu corpo levemente elevada. A única iluminação era proporcionada por uma janela: uma claridade cinzenta débil demais para ser chamada de luz, retalhada em tiras finas pelas lâminas inclinadas de uma veneziana. A maior parte do quarto jazia nas sombras.

Ainda sentia um gosto acre na boca, embora não estivesse mais tão ruim quanto antes. Todos os odores eram maravilhosamente limpos e refrescantes — anti-sépticos, cera de assoalho, lençóis trocados recentemente —, sem um único sinal de fluidos corporais.

Seu corpo estava terrivelmente debilitado. Sentia-se oprimido, como se um grande peso tivesse sido posto sobre ele. Até mesmo manter os olhos abertos era cansativo.

Havia uma haste de sonda intravenosa ao lado de sua cama, gotejando soro em sua veia, substituindo os eletrólitos que ele perdera pelo vômito, muito provavelmente medicando-o também com um antiemético. Seu braço direito estava amarrado a um suporte, para impedi-lo de dobrar o braço e acidentalmente arrancar a agulha.

Este era um quarto com duas camas. A segunda estava vazia.

Júnior achava que estava sozinho, mas no exato momento em que se sentiu capaz de juntar energia para mudar para uma posição mais confortável, ouviu um homem limpar a garganta. O som de catarro veio de trás do pé da cama, do canto direito da sala.

Instintivamente, Júnior soube que qualquer pessoa observando-o no escuro não podia ser alguém com boas intenções. Médicos e enfermeiras não monitoravam seus pacientes com as luzes apagadas.

Ficou aliviado por não ter movido a cabeça ou produzido um som.

Queria compreender o máximo possível da situação antes de revelar que estava acordado.

Como a parte superior da cama do hospital ainda estava um pouco levantada, não precisou erguer a cabeça do travesseiro para estudar o canto no qual o fantasma aguardava. Olhou para além da haste da sonda intravenosa, e para além do pé da cama adjacente.

Júnior estava deitado no canto mais escuro da sala, o mais afastado da janela, mas o canto em questão era quase igualmente imerso em escuridão.

Fitou o quarto durante um longo tempo até seus olhos começarem a doer, e antes de ser finalmente capaz de discernir as linhas vagas e angulares de uma cadeira de braços. E na cadeira: uma silhueta tão carente de detalhes quanto a do gondoleiro encapuzado do rio Estige.

Estava desconfortável, dolorido, sedento, mas continuava absolutamente imóvel e atento.

Depois de algum tempo, percebeu que a sensação de opressão com que acordara não fora inteiramente um sintoma psicológico. Um objeto pesado estava pousado sobre o seu abdômen. E era frio... na verdade, tão frio que entorpecera o meio de seu corpo até um ponto em que ele não pudera sentir imediatamente o frio que causava.

Um arrepio percorreu o corpo de Júnior. Ele cerrou os dentes para impedi-los de bater e assim alertar o homem na cadeira.

Embora em momento algum tenha desviado os olhos do canto, Júnior agora estava preocupado com o objeto sobre sua barriga, e tentava descobrir o que era. O observador misterioso deixava-o suficientemente nervoso para que não conseguisse ordenar os pensamentos tão bem quanto de costume, e o esforço de impedir que o arrepio o fizesse gemer interferiu com a sua capacidade de raciocínio. Quanto mais tempo Júnior era incapaz de identificar o objeto frígido, mais alarmado ficava.

Júnior quase gritou quando em sua mente aflorou uma imagem do cadáver de Naomi, agora mais do que pálida, cinzenta como a luz ténue que se infiltrava pelas persianas, e levemente esverdeada em alguns lugares. E fria, tendo todo o calor vital abandonado sua carne, que já entrara no processo de decomposição que em breve atrairia novamente vida para si.

Não. Ridículo. Naomi não estava deitada sobre ele. Júnior não estava compartilhando sua cama com um cadáver. Isso parecia coisa das histórias em quadrinhos da E.C. Comics, como as que antigamente eram publicadas na revista Cripta do Terror.

E também não era Naomi quem estava sentada na cadeira. Naomi não viera do necrotério para vingar-se dele. Os mortos não voltavam a viver, nem aqui nem em algum mundo no Além. Isso era pura bobagem.

Mesmo se essas superstições de gente ignorante fossem verdadeiras, o visitante era silencioso e paciente demais para ser o zumbi de uma esposa assassinada. Este era um silêncio predatório, uma esperteza animal, não uma pressa sobrenatural. Esta era a imobilidade elegante de uma pantera num arbusto, a tensão enroscada de uma cobra perigosa demais para produzir um chocalhar de alerta.

Subitamente, Júnior deduziu a identidade do homem na cadeira. Sem sombra de dúvida, tratava-se do policial à paisana, aquele da marca de nascença.

O do cabelo cortado curto. O do rosto feio. O do pescoço grosso.

Júnior repentinamente lembrou do olho flutuando na mancha da cor do vinho, a íris cinzenta como um prego na palma ensanguentada de um homem crucificado.

Deitado sobre a parte média de seu corpo, o terrível peso gelado havia esfriado sua carne; mas agora sua medula também gelou ao pensamento do detetive com a marca de nascença sentado silenciosamente no escuro, observando.

Júnior preferiria lidar com Naomi, renascida dos mortos e puta da vida, do que com este homem perigosamente paciente.

Capítulo 10

COM UM ESTRONDO TÃO ALTO quanto o rachar do céu no Apocalipse, a picape Ford chocou-se contra a lateral do Pontiac. Agnes não conseguiu ouvir a primeira fração de seu próprio grito, e também não muito do resto dele, enquanto o carro deslizava de lado, emborcava e capotava.

A rua lavada pela chuva reluzia debaixo dos pneus como se untada com graxa, e o cruzamento ficava a meio caminho de uma ladeira comprida, de modo que a gravidade havia se aliado ao destino em seu complô contra o casal. O lado do motorista do Pontiac levantou. Do outro lado do para-brisa, a rua principal de Bright Beach girava enlouquecidamente. O lado do passageiro chocou-se contra o asfalto.

O vidro na porta ao lado de Agnes rachou e se dissolveu. Fragmentos de vidro, brilhantes como a escama de um dragão prateado, passaram sibilando a centímetros do rosto de Agnes.

Antes de sair de casa, Joey fechara seu cinto de segurança, mas, devido à condição de Agnes, ela não havia colocado o seu. Agnes foi jogada contra a porta, a dor se espalhou por seu ombro direito, e ela pensou: Meu Deus, o bebê! Fincando os pés contra o soalho do carro, segurando-se ao assento com a mão esquerda, apertando ferozmente a maçaneta da porta com a direita, ela rezou. Rezou para que o bebê estivesse bem, para que ela vivesse ao menos o bastante para trazer sua criança para este mundo maravilhoso, para esta criação grandiosa de beleza infinita, onde ela adoraria continuar vivendo depois do parto.

Agora deitado sobre o seu teto, o Pontiac girava enquanto deslizava pelo asfalto, guinchando alto em seu atrito contra o piso. A despeito do quanto Agnes estava se segurando firme, ela continuava sendo empurrada do assento, na direção do teto invertido e também para trás. Sua frente se chocou com força contra o estofado fino do teto do carro, e as costas bateram contra o encosto de cabeça.

Ela conseguiu ouvir-se gritando mais uma vez, mas apenas por pouco tempo, porque o carro ou foi acertado novamente pela picape ou atingido por outros veículos em movimento, ou talvez tenha colidido

com um veículo estacionado. Mas qualquer que fosse a causa, ela sufocou, e seus gritos tornaram-se arquejos roucos.

Este segundo impacto fez uma meia-volta tornar-se um 360 graus completo. O lado do motorista quicou contra o chão e o Pontiac, finalmente equilibrado sobre os quatro pneus, subiu um meio-fio e esmagou seu para-lamas dianteiro contra a parede de uma loja de equipamentos de surfe pintada em cores vivas, estilhaçando uma vitrine.

O Urso Preocupado, grande como sempre por trás do volante, virou-se de lado em seu assento, a cabeça inclinada na direção dela, os olhos voltados para um lado e seu olhar fixo na esposa, sangue correndo de seu nariz.

— O bebê? — perguntou.

— Tudo bem, acho, tudo bem — arfou Agnes.

Mas estava morrendo de medo de estar errada, de a criança nascer morta ou entrar defeituosa neste mundo.

O Urso Preocupado não se mexia, deitado naquela posição curiosa e certamente desconfortável, braços caídos para os lados, cabeça pendida sobre um ombro como se estivesse pesada demais para ser erguida.

— Me deixe... ver você... — disse ele.

Ela estava tremendo e assustada, sem conseguir pensar direito, e por um momento não compreendeu o que ele disse, o que ele queria, e então viu que a janela no lado de Joey também estava estilhaçada, e que a porta tinha sido terrivelmente comprimida, torcida em sua moldura. Pior ainda, a lateral do Pontiac explodira para dentro quando a picape se chocara com eles. Com um rosnado de metal e um golpe de seus dentes afiados, a porta mordera Joey profundamente, um tubarão mecânico aflorando do dia chuvoso, esmigalhando as costelas e afundando o coração quente do Urso Preocupado.

Me deixe... ver você.

Joey não podia levantar a cabeça, não podia virar-se mais diretamente para ela... porque sua espinha tinha sido danificada, talvez partida, e ele estava paralisado.

— Oh, Deus do céu — sussurrou ela.

Embora sempre tivesse sido uma mulher forte que pisava numa rocha de fé, que aspirava esperança junto com o ar, Agnes agora estava tão fraca quanto a criança não nascida dentro de seu ventre. E gelada de medo.

Inclinou-se à frente em seu assento e na direção dele, para que Joey pudesse vê-la mais diretamente. Quando Agnes encostou a mão trêmula na face do marido, a cabeça de Joey pendeu para a frente sobre músculos do pescoço tão flácidos quanto farrapos, o queixo batendo contra o peito.

Uma chuva fria e carregada pelo vento atravessou as janelas sem vidro, e vozes chegaram da rua enquanto as pessoas corriam na direção do Pontiac.

Um trovão soou ao longe. O ar estava carregado com um odor de ozônio trazido pela tempestade, mas nele havia também um cheiro mais sutil e mais assustador, de sangue. Mas nenhum desses detalhes concretos podia fazer o momento parecer real para Agnes, que em seus pesadelos mais terríveis jamais sentira tanto onirismo quanto sentia agora.

Ela segurou o rosto de Joey com ambas as mãos e quase não foi capaz de levantar sua cabeça, por medo do que iria ver.

Os olhos de Joey estavam estranhamente radiantes, como ela jamais os vira, como se o anjo luminoso que iria guiá-lo já tivesse entrado em seu corpo e estivesse com ele para começar a jornada.

Numa voz isenta de dor e medo, ele disse: — Eu fui... amado por você.

Sem entender, pensando que ele estava inexplicavelmente perguntando se ela o amava, Agnes disse: — Sim, tolinho, é claro que amo você, meu ursinho bobo.

— Esse foi... o único sonho que importou — disse Joey. — Você... me amar. Foi uma vida boa por causa de você.

Agnes tentou dizer a Joey que ele iria sobreviver, que os dois ficariam juntos durante um longo tempo, que o universo não era cruel a ponto de reclamá-lo aos trinta anos, com décadas de vida para eles e sua criança à frente. Porém, a verdade estava ali para quem quisesse vê-la, e Agnes não conseguiria mentir para Joey.

Mesmo em pé sobre sua rocha de fé, e respirando toda a esperança que podia, ela não conseguiu ser tão forte para ele quanto queria. Ela sentiu seu rosto desabar, sua boca tremer, e quando tentou reprimir um soluço, ele explodiu dela com a força de uma bala de canhão.

Segurando o rosto precioso do marido em suas mãos, ela o beijou.

Encontrou o olhar de Joey e piscou com força para limpar as lágrimas, porque queria ter a visão mais limpa possível ao fitá-lo, para ver Joey, a parte mais verdadeira dele, além daqueles olhos, até o último momento, quando ela não poderia mais vê-lo.

As pessoas estavam nas janelas do carro, fazendo força para abrir as portas amassadas, mas Agnes recusava-se a notá-las.

Retribuindo a atenção feroz de Agnes com uma intensidade repentina, Joey disse: — Bartholomew.

Eles não conheciam ninguém chamado Bartholomew, e ela não tinha ouvido o nome antes, mas entendeu o que ele queria. Estava falando do filho que jamais iria ver.

— Se for um menino... Bartholomew — prometeu Agnes.

— É um menino — assegurou Joey, como se houvesse tido uma visão.

Sangue grosso escorreu de seu lábio inferior, desceu pelo seu queixo.

Sangue brilhante, sangue arterial.

— Querido, não! — implorou Agnes.

Os olhos de Joey não mais focavam Agnes. Ela quis passar através dos olhos dele, como Alice passara através do espelho, e seguir a cintilação belíssima que agora estava se apagando, ir com o esposo através da porta que se abria para ele e acompanhá-lo para longe daquele dia chuvoso, rumo à eternidade.

Mas aquela era a porta de Joey, não a dela. Agnes não tinha uma passagem para o trem que chegara para pegá-lo. Joey embarcou e o trem partiu, junto com a luz em seus olhos.

Agnes baixou a boca até a de Joey, beijando-o pela última vez. O sabor do sangue de seu marido não foi amargo, foi sagrado.

Capítulo 11

QUANDO AS TIRAS DE LUZ acinzentada lentamente perderam seu brilho pálido, e sombras negras como breu metastatizaram-se em sinistra profusão, o silêncio profundo permaneceu inabalado entre Caim Júnior e o homem com a marca de nascença.

O que poderia ter-se tornado um jogo de duração épica foi terminado quando a porta para o quarto se moveu para dentro, e um médico vestido num jaleco branco emergiu do corredor. Silhuetado pelo brilho das lâmpadas fluorescentes, seu rosto era escuro como um personagem de sonho.

Júnior fechou os olhos prontamente e abriu a boca, respirando através dela para fingir que dormia.

— Acho que você não devia estar aqui — disse baixinho o doutor.

— Eu não o perturbei — garantiu o visitante, mantendo, como o doutor, a voz bem baixa.

— Tenho certeza de que não o perturbou. Mas o meu paciente precisa de silêncio e repouso absolutos.

— Eu também — disse o visitante.

O semblante de Júnior quase franziu quando ele ouviu essa resposta peculiar, imaginando o que o homem com a marca de nascença quisera insinuar com isso.

Os dois homens se apresentaram um ao outro. O médico era o Dr. Jim Parkhurst. Seus modos eram calmos e afáveis e sua voz suave, ou por natureza ou por propósito, era tão calmante quanto um bálsamo.

O homem com a marca de nascença identificou-se como o detetive Thomas Vanadium. Ele não usou a forma diminutiva para o seu nome, como fizera o doutor, e sua voz era tão desprovida de modulação quanto o rosto era feio e achatado.

Júnior suspeitou que ninguém além da mãe desse homem chamava-o de Tom. A maioria das pessoas que o conheciam provavelmente chamavam-no “Detetive” ou “Vanadium”.

— Qual é o problema com o Sr. Caim? — perguntou Vanadium.

— Ele sofreu de um caso anormalmente forte de hematêmese.

— Vômito de sangue. Um dos enfermeiros usou essa palavra. Mas qual foi a causa? — Bem, como o sangue não era escuro e ácido, não veio do estômago dele. Era vermelho vivo e alcalino. Deve ter emergido do esôfago, porém, mais provavelmente, sua origem foi faringiana.

— Da garganta.

Por dentro, a garganta de Júnior parecia arranhada como se ele tivesse chupado um cacto.

— Correto — disse Parkhurst. — Provavelmente uma ou mais veias sanguíneas foram rompidas devido à violência extrema da êmese.

— Êmese? — Vômito. Fiquei sabendo que foi um caso emético excepcionalmente violento.

— Ele esguichou como uma mangueira de incêndio — disse Vanadium, sem papas na língua.

— A sua descrição é... bem vívida.

Num tom monótono que conferia um novo significado à expressão “calmo como a morte”, o detetive acrescentou: — Sou o único que estava lá que não vai gastar uma nota na lavanderia.

As vozes continuaram baixas, e nenhum dos homens se aproximou da cama.

Júnior estava satisfeito com a oportunidade de ouvi-los falar, não apenas porque ele queria entender a natureza e a extensão das suspeitas de Vanadium, mas também porque estava curioso — e preocupado — com a causa do episódio nojento e embaraçoso que o trouxera até aqui.

— O sangramento é grave? — inquiriu Vanadium.

— Não. Ele parou. O problema agora é impedir a recorrência da êmese, que poderia gerar mais sangramento. Ele está recebendo medicação antiemética e eletrólitos por via intravenosa. Além disso, colocamos bolsas de gelo sobre sua barriga para reduzir a chance de mais espasmos musculoesquintais e ajudá-lo a controlar a inflamação.

Bolsas de gelo. Não o cadáver de Naomi. Bolsas de gelo. Júnior quase riu da sua tendência à morbidez e ao drama. Nenhum morto-vivo viera pegá-lo: apenas algumas bolsas de borracha cheias de gelo.

— Então o vômito causou o sangramento — disse Vanadium. — Mas o que causou o vômito? — Faremos novos testes, é claro, mas não

até que ele esteja estabilizado há pelo menos doze horas.

Pessoalmente, não creio que encontraremos nenhuma causa física. Mais provavelmente a causa foi psicológica. Crise emética nervosa aguda, causada por uma ansiedade muito grave e o choque de perder a esposa, de vê-la morrer.

Exatamente. O choque. A perda devastadora. Júnior sentia isso agora, novamente, e teve medo de se trair com lágrimas. Mas pelo menos não sentia mais tendência a vomitar.

Aprendera muitas coisas sobre si mesmo nesse dia marcante: era mais espontâneo do que imaginara antes, estava disposto a sofrer terríveis sacrifícios de curto prazo para obter lucros a longo prazo, e era ousado e corajoso. Mas talvez a lição mais importante tivesse sido a de que era uma pessoa mais sensível do que imaginara, e que essa sensibilidade, ainda que admirável, poderia causar-lhe momentos inesperados e inconvenientes.

Ao Dr. Parkhurst, Vanadium disse: — No meu trabalho, vejo muitas pessoas que acabaram de perder entes queridos. Nenhuma delas nunca vomitou como o Vesúvio.

— É uma reação incomum — admitiu o médico. — Mas não é tão incomum a ponto de ser rara.

— Ele poderia ter ingerido alguma coisa para provocar o vômito? Parkhurst soou genuinamente perplexo quando perguntou: — Por que diabos ele faria isso? — Para forjar a crise emética nervosa aguda.

Ainda fingindo que dormia, Júnior ficou deliciado em perceber que o detetive estava seguindo a trilha de seu crime, mas que seu cão perdigueiro acabara de ser distraído por um outro cheiro.

Vanadium prosseguiu em seu jeito de falar arrastado, um tom que contrastava com as palavras rudes em seu discurso: — Um homem dá uma olhada no cadáver da esposa, começa a suar mais do que um porco copulando, vomita como um universitário no final de uma festa de arromba e continua pondo tudo pra fora até estar cuspiendo sangue. Essa não é a reação de um assassino comum.

— Assassinato? Eles disseram que a balaustrada estava podre.

— Estava. Mas talvez a história inteira não seja essa. A gente sabe o quanto esses sujeitos costumam pensar que são inteligentes.

Eles acham que os seus planos são brilhantes, mas em geral esses esquemas são tão óbvios que seria melhor para o assassino enfiar o pau numa tomada elétrica e poupar trabalho pra gente. Mas esta é uma abordagem nova. O propósito aqui é fazer você sentir peninha do sujeito.

— O departamento do xerife já não determinou que a morte foi acidental? — indagou Parkhurst.

— Eles são bons homens, bons tiras, cada um deles — disse Vanadium.

— E têm mais piedade em seus corações do que eu, o que é uma virtude, não um defeito. Mas agora me diga, o que o Sr. Caim poderia fazer para provocar o vômito? Escutar você falar por muito tempo, pensou Júnior. Parkhurst protestou: — Mas o departamento do xerife acha que foi um acidente...

— Doutor, o senhor sabe como a gente opera neste estado. A gente não desperdiça energia lutando pela jurisdição. A gente coopera. O xerife pode decidir não colocar muito dos recursos limitados que ele tem neste caso, e ninguém pode culpá-lo por isso. Ele pode determinar que foi um acidente e encerrar o caso, e mesmo assim não se importar se a gente, no nível estadual, continuar xeretando mais um pouco.

Embora o detetive estivesse na pista errada, Júnior começava a se sentir preocupado. Como qualquer cidadão decente, ele estava disposto, até ansioso, por cooperar com policiais responsáveis que conduzem sua investigação certinho como manda a lei. Mas esse Thomas Vanadium, a despeito de sua voz monótona e aparência deplorável, dava todos os sinais de um fanático. Qualquer pessoa razoável concordaria que a linha entre um interrogatório policial e um assédio é fina como um fio de cabelo.

— Não existe uma coisa chamada ipeca? — perguntou Vanadium a Jim Parkhurst.

— Sim. A raiz seca de uma erva brasileira, a ipecacuanha. Ela induz o vômito com muita eficácia. O ingrediente ativo é um alcaloide em forma de pó branco, chamado emetina.

— É uma droga vendida sem receita médica, não é? — Sim. Na forma de xarope. É bom ter esse xarope no seu armário de remédios,

para o caso do seu filho engolir veneno. Com o xarope de ipeca, o garoto irá purgar o veneno bem rápido.

— Bem que eu queria ter tido um frasco disso comigo em novembro passado.

— Você foi envenenado? Daquele jeito lento e monótono que começava a deixar Júnior impaciente, o detetive Vanadium explicou: — Todos nós fomos, doutor. Foi outro ano de eleição, lembra? Houve várias ocasiões naquela campanha em que eu gostaria de ter tomado ipeca.

O que mais teria ajudado quando eu queria um bom vômito? — Bem... hidrocloreto de apomorfina.

— Mais difícil de conseguir do que ipeca.

— É verdade. Cloreto de sódio também daria certo. Sal comum. Misture uma dose suficiente dele com água e em geral dará certo.

— Mais difícil de detectar do que ipeca ou hidrocloreto de apomorfina.

— Detectar? — perguntou Parkhurst.

— Na eca.

— Na êmese, você quer dizer? — Desculpe. Esqueci que estava em companhia educada. Sim, na êmese.

— Bem, o laboratório poderia detectar níveis anormalmente altos de sal, mas isso não teria nenhuma valia num julgamento. Ele poderia alegar que comeu muitos alimentos salgados.

— Em todo caso, água salgada não seria um método muito prático. Ele teria de beber muita água para ficar nauseado, mas estava cercado por policiais com bons motivos pra ficar de olho grudado nele. A ipeca é vendida em forma de cápsula? — Suponho que qualquer pessoa poderia encher tubinhos vazios com xarope — disse Parkhurst. — Mas...

— O método do “faça você mesmo”. Então ele poderia botar algumas cápsulas na palma da mão, engoli-las sem água, e a reação seria retardada talvez apenas por algum tempo até as cápsulas se dissolverem no seu estômago.

Pelo tom do médico, ele finalmente começava a considerar a teoria improvável e o questionamento persistente do detetive por demais tedioso: — Duvido seriamente que uma dose de ipeca geraria

uma reação tão violenta neste caso... e certamente não hemorragia da faringe, pelo amor de Deus. A ipeca é um produto seguro.

— Se ele tomasse o triplo ou o quádruplo da dose usual...

— Não faria diferença — insistiu Parkhurst. — Uma quantidade grande tem praticamente o mesmo efeito que uma pequena. Você não pode tomar uma overdose, porque o que ela faz é induzi-lo a vomitar, e quando vomita, você expurga a ipeca junto com todo o resto.

— Então, mesmo se a dose tiver sido pequena, estará presente na eca...

perdão, na êmese.

— Sinto muito, mas se você está esperando que o hospital lhe forneça uma amostra da ejeção....

— Ejeção? — A eca.

— Doutor, sou um leigo que fica confuso fácil, fácil. Se não podemos nos firmar numa única palavra para a coisa, então vou voltar para o bom e velho vômito.

— Os enfermeiros certamente jogaram fora o conteúdo da bacia de vômito, se é que eles tinham uma. E se o paciente sujou toalhas ou lençóis, eles já estão na lavanderia.

— Não tem problema — disse Vanadium. — Eu coligi um pouco da eca.

— Coligiu? — Como prova.

Júnior sentiu-se violado. Era ultrajante que o conteúdo indiscutivelmente pessoal, e muito particular, de seu estômago tivesse sido colhido numa sacola plástica de provas, sem sua permissão, sem mesmo o seu conhecimento. O que fariam em seguida? Drogá-lo com morfina para extrair uma amostra de fezes dele enquanto inconsciente? Esta coleta de dejetos decerto era uma violação à Constituição dos Estados Unidos da América, uma contravenção evidente da garantia contra a auto- incriminação, uma bofetada na cara da justiça, uma violação dos direitos humanos.

Obviamente, não havia ingerido ipeca ou qualquer outro emético, de modo que não encontrariam qualquer prova contra ele. Não obstante, por uma questão de princípios, ele ficou furioso.

Talvez o Dr. Parkhurst também tenha ficado perturbado com essa coleta fascista e fanática de vômito, porque de repente estava

falando com rudeza: — Tenho compromissos para cumprir. Depois que tiver terminado minhas rondas noturnas, espero encontrar o sr. Caim consciente, mas prefiro que o senhor não o perturbe até amanhã.

Ao invés de atender à exigência do médico, Vanadium disse: — Só mais uma perguntinha, doutor. Se este foi um caso de crise emética nervosa aguda, como o senhor sugere, poderia ter tido outra causa além da angústia do paciente pela perda traumática da esposa? — Não consigo imaginar uma fonte mais óbvia para ansiedade extrema.

— Culpa — sugeriu o detetive. — Se ele a matou, não poderia ter sofrido a crise emética nervosa aguda devido a um sentimento de culpa intenso? — Não posso responder a isso com confiança. Nenhuma das minhas graduações é em psicologia.

— Me divirta com um chute inteligente, doutor.

— Sou um médico, não um advogado. Não tenho o hábito de fazer acusações, especialmente não contra os meus pacientes.

— Eu não sonharia em pedir ao senhor que fizesse disto um hábito. Só esta vez. Se a angústia pode causar o vômito, por que não a culpa? O Dr. Parkhurst considerou a pergunta, que ele preferiria não responder.

— Bem... sim — disse afinal. — Suponho que sim.

Filho da puta maluco e antiético, pensou amargamente Júnior.

— Acho que vou esperar aqui até que o sr. Caim acorde — disse Vanadium. — Não tenho nada de mais importante a fazer.

Um tom autoritário surgiu na voz de Parkhurst, o tom de imperador-do-universo que provavelmente era ensinado na disciplina eletiva de intimidação da faculdade de medicina, embora ele estivesse empregando essa atitude um pouco tarde demais para que fosse inteiramente eficaz: — O meu paciente se encontra num estado fragilizado. Ele não deve sofrer qualquer tipo de estresse, detetive. Realmente não quero que o senhor o interrogue até amanhã de manhã.

— Muito bem. Não vou interrogá-lo. Vou apenas... observá-lo.

A julgar pelos sons feitos por Vanadium, Júnior deduziu que o tira havia novamente se aboletado na cadeira.

Júnior torceu para Parkhurst ser mais habilidoso na prática de medicina do que era na de passar sermões.

Depois de uma longa hesitação, o médico disse: — Você pode ligar a luz do abajur.

— Ficarei bem.

— Isso não vai perturbar o paciente.

— Gosto do escuro — retrucou Vanadium.

— Isto é muito irregular.

— É, é sim — concordou o detetive.

Finalmente, metendo completamente o rabo entre as pernas, Parkhurst saiu do quarto. A porta pesada se fechou com um baque suave, silenciando o guinchar dos sapatos de sola de borracha, o roçar dos jalecos e outros ruídos produzidos no corredor pelas enfermeiras atarefadas.

O filhinho da sra. Caim sentia-se pequeno, fraco, com pena de si próprio, e terrivelmente só. O detetive ainda estava lá, mas a sua presença apenas agravava a sensação de isolamento de Júnior.

Ele sentia falta de Naomi. Ela sempre sabia exatamente a coisa certa para dizer ou fazer quando ele estava deprimido, melhorando o humor dele com apenas algumas palavras ou com seu toque.

Capítulo 12

TROVÕES RIBOMBAVAM como cascos em chão duro, e nuvens cinzentas corriam para leste como cavalos galopando em câmera lenta num sonho.

Bright Beach estava manchada e distorcida pela chuva, como se refletida no espelho de uma casa maluca num parque de diversões. Enquanto afundava no crepúsculo, a tarde de janeiro parecia também afundar numa dimensão estranha.

Com Joey morto ao seu lado e o bebê possivelmente morrendo em sua barriga, enclausurada no Pontiac porque as portas tinham sido deformadas, atormentada pela dor causada pela colisão, Agnes recusava-se a se render ao medo ou às lágrimas. Ao invés disso, pôs-se a rezar, pedindo a Deus que lhe desse a sabedoria necessária para entender por que isto estava acontecendo com ela, assim como a força para lidar com a dor e a angústia de sua perda.

Testemunhas, as primeiras na cena, incapazes de abrir qualquer uma das portas do carro, diziam-lhe palavras de encorajamento através das janelas quebradas. Ela conhecia algumas dessas pessoas, mas não outras. Todas eram bem-intencionadas e genuinamente preocupadas, algumas estavam encharcadas porque não vestiam capas de chuva, mas sua curiosidade natural emprestava um brilho especial aos seus olhos que fazia Agnes sentir-se um animal numa jaula, sem dignidade, com sua agonia particular exposta para o entretenimento de estranhos.

Quando o primeiro policial chegou, logo seguido de uma ambulância, eles discutiram a possibilidade de tirar Agnes do carro através do para-brisas sem vidro. Contudo, considerando que o espaço estava comprimido pelo teto amassado, e à luz da gravidez de Agnes e do iminente segundo estágio do parto, as contorções severas que envolveriam essa extração seriam por demais perigosas.

Um grupo de resgate apareceu com macacos hidráulicos e serras para cortar metal. Civis foram pastoreados até as calçadas.

Os trovões soavam menos distantes agora. Ao redor dela — o crepitar dos rádios de polícia, o clangor das ferramentas sendo preparadas, o uivo do vento cortante. Esses sons deixavam-na tonta. Ela não podia impedir que eles penetrassem seus ouvidos, e quando fechou os olhos, teve a sensação de estar girando.

Não havia nenhum odor de gasolina no ar. Aparentemente, o tanque não havia rompido. Uma imolação súbita parecia improvável — mas, apenas uma hora atrás, uma morte breve para Joey também parecia.

Os homens do grupo de resgate encorajaram-na a se afastar da porta do passageiro, o máximo que pudesse, para que não fosse ferida casualmente enquanto eles estivessem tentando arrombar o veículo. Ela não tinha outro lugar para ir, além de até o seu esposo morto.

Aconchegando-se no cadáver de Joey, a cabeça dele pendendo contra o ombro dela, Agnes estranhamente lembrou de seus primeiros encontros e dos primeiros anos de seu casamento. De vez em quando eles iam ao drive-in e ficavam sentados bem juntinhos, de mãos dadas, assistindo a John Wayne em Rastros de ódio, a David Niven em A volta ao mundo em 80 dias. Eles eram muito jovens naquela época, convictos

de que viveriam para sempre, e ainda eram jovens agora, mas para um deles a eternidade havia chegado.

Um dos homens da equipe de resgate instruiu-a a fechar os olhos e virar o rosto na direção oposta à da porta do passageiro. Ele enfiou um cobertor de retalhos pela janela e acomodou-o sobre o lado direito de Agnes, para protegê-la.

Segurando o cobertor, ela pensou nos aventais funerários que ocasionalmente cobriam as pernas dos falecidos em seus caixões. Pensou nisso porque se sentia morta pela metade. Estava com os dois pés neste mundo — mas também estava caminhando ao lado de Joey numa estrada estranha para o Além.

O zumbido, o murmúrio, o chocalhar, o rugido dos motores das máquinas e das ferramentas elétricas. Aço da carroceria e aço da estrutura interna, mais duro, sendo mordidos por uma serra cortadora de metais.

Ao lado dela, a porta do passageiro latiu e ganiu como se viva, como se estivesse sofrendo, e esses sons pareciam estranhamente os gritos de tormento que apenas Agnes podia ouvir nas catacumbas assombradas de seu coração.

O carro estremeceu, metal torcido uivou, e um grito de triunfo se levantou da equipe de resgate.

— Você está bem, nós vamos tirá-la agora.

A voz suave, mas reverberante, do líder da equipe era tão sobrenatural que suas palavras pareciam conduzir uma segurança mais profunda e mais confortadora do que o seu significado superficial.

Este espírito salvador recuou e em seu lugar apareceu um enfermeiro jovem usando uma capa de chuva preta e amarela sobre o jaleco.

— Só quero me certificar se não houve ferimento espinhal antes de mover a senhora. Pode apertar a minha mão? Apertando conforme a instrução, ela disse: — O meu bebê pode estar... ferido.

Como se dar voz ao seu pior pesadelo o tornasse realidade, Agnes foi assaltada por uma contração tão dolorosa que gritou e apertou as mãos do enfermeiro com força suficiente para fazê-lo gemer. Ela sentiu um inchamento peculiar no interior de seu corpo, seguido por

uma sensação horrível de que tudo lá dentro estava solto, pressão seguida prontamente por liberação.

As calças cinzentas do seu conjunto de malha, pontuadas por gotas da chuva que entrara através do para-brisas estilhaçado, ficaram subitamente empapadas. A bolsa de água de Agnes havia se rompido.

Mais escura que água, outra mancha se espalhou pelo colo de Agnes e desceu pelas pernas de sua calça. Filtrado pelo tecido cinza do conjunto de malha, o líquido era da cor de vinho do Porto, mas mesmo em seu estado semi delirante soube que não era o veículo para um parto miraculoso; ela não estava parindo um bebê num jorro de vinho, mas de sangue.

Em suas leituras aprendera que o fluido amniótico devia ser claro.

Alguns traços de sangue não deviam ser necessariamente alarmantes, mas aqui havia mais do que alguns traços. Aqui havia grossos filetes de líquido vermelho-escuro.

— Meu bebê! — implorou.

Uma nova contração fez o seu corpo estremecer. A dor foi tão intensa que não se limitou à parte inferior de suas costas e ao seu abdômen, mas correu por toda a extensão de sua espinha como uma corrente elétrica saltando de uma vértebra para outra. A cada respiração sentia uma dor aguda, como se os seus pulmões tivessem furado.

O segundo estágio do trabalho de parto costumava durar cinquenta minutos numa mulher tendo seu primeiro filho, podendo descer a vinte se o nascimento não fosse o primeiro, mas ela sentiu que Bartholomew não ia chegar ao mundo segundo as regras.

Os enfermeiros agiram com urgência. O equipamento da equipe de resgate e os pedaços da porta do carro foram arrastados para fora, de modo a abrir caminho para uma maca de rodas. E esta logo foi empurrada através da calçada atulhada com destroços.

Agnes não percebeu claramente quando foi levantada do carro, mas depois lembraria de ter olhado para trás e visto o corpo de Joey largado no interior do carro arruinado, lembraria de ter esticado o braço até ele, ansiando pelo apoio que ele sempre lhe dera, e então estava sobre a maca e se movendo.

A noite chegou, estrangulando o dia, e o céu tempestuoso enegreceu como uma ferida depois de perder o frescor. A iluminação da rua foi acesa.

Os faróis de emergência lançaram fochos de luz vermelha pela noite, transmutando alquimicamente as gotas de chuva em sangue.

A chuva era mais fria do que tinha sido antes, quase tão gelada quanto granizo. Ou talvez ela estivesse mais quente do que antes e sentisse o frio mais agudamente em sua pele fervente. Cada gota parecia ebulir ao contato com a face e com as costas de suas mãos, com as quais ela apertava forte sua barriga inchada como se pudesse negar à Morte o bebê que ela viera reclamar.

Quando um dos enfermeiros correu para a ambulância e se sentou ao volante, Agnes sofreu outra contração tão severa que, durante um momento trêmulo, no pico da agonia, ela quase perdeu a consciência.

O segundo enfermeiro empurrou a maca até a traseira da ambulância, chamando um dos policiais para acompanhá-lo ao hospital. Aparentemente, ele precisaria de ajuda se iria trazer o bebê ao mundo e estabilizar Agnes durante o percurso.

Ela quase compreendeu a conversa frenética dos dois, parcialmente porque a capacidade em se concentrar estava sendo sugada dela juntamente com seu sangue vital, mas também porque estava distraída por Joey. Ele não estava mais nos destroços, mas em pé diante da porta aberta da ambulância.

Ele não estava mais rasgado e quebrado. Suas roupas não tinham manchas de sangue.

Na verdade, a chuva de inverno não havia molhado seus cabelos nem suas roupas. A chuva parecia desviar-se dele a um milímetro antes do contato, como se a água e o homem fossem compostos de matéria e antimatéria que repeliam uma à outra ou, ao contato, acionariam um cataclismo que despedaçaria a própria fundação do universo.

Joey estava ao seu jeitão de Urso Preocupado, testa franzida, olhos enrugados nas pontas.

Agnes quis tocá-lo, mas descobriu que não tinha forças para erguer o braço. Também não estava mais segurando sua barriga. Ambas

as mãos jaziam ao lado dela, palmas para cima, e até mesmo o simples ato de dobrar os dedos requeria um esforço e uma concentração surpreendentes.

Quando tentou falar com ele, Agnes percebeu que levantar a voz era tão difícil quanto estender a mão para ele.

Um policial embarcou na parte traseira da ambulância.

Quando o enfermeiro empurrou a maca contra o para-lamas do veículo, suas pernas retráteis se contraíram e Agnes foi empurrada para o fundo da ambulância.

Clique, clique. A maca de rodas encaixou-se no lugar.

Ou operando com base em conhecimentos próprios de primeiros socorros ou seguindo instruções do médico, o policial colocou um travesseiro de espuma debaixo da cabeça de Agnes.

Sem o travesseiro, ela não teria sido capaz de levantar a cabeça para a porta da ambulância.

Joey estava parado de pé do lado de fora, olhando para ela. Seus olhos azuis eram mares nos quais singrava a tristeza.

Ou talvez o sentimento não fosse tristeza, mas saudades prematuras. Ele precisava seguir em frente, mas estava odiando começar esta estranha jornada sem ela.

Assim como a tempestade não conseguia molhar Joey, os fachos de luz vermelhos e brancos dos carros de polícia não o tocavam. As gotas de chuva eram diamantes e rubis, diamantes e rubis, mas Joey não era iluminado pelas luzes deste mundo. Agnes percebeu que ele estava translúcido, sua pele parecia um copo de leite fino através do qual fulgurava uma luz do Além.

O enfermeiro fechou a porta, deixando Joey lá fora na noite, na tempestade, no vento entre mundos.

Com um solavanco, a ambulância começou a andar.

O corpo de Agnes começou a ser apunhalado por pontadas de dor, que por um momento conduziram-na a um mergulho nas trevas.

Quando a luz pálida voltou aos seus olhos, ela escutou o enfermeiro e o policial falando ansiosamente enquanto trabalhavam nela, mas não conseguiu entender o que diziam. Eles pareciam estar falando não apenas uma língua estrangeira, mas uma linguagem ancestral que há milhares de anos não se ouvia na Terra.

Sentiu-se constrangida quando compreendeu que o enfermeiro tinha cortado as calças de seu conjunto de malha. Estava nua da cintura para baixo.

Na mente febril de Agnes adentrou a imagem de uma criança de luz, tão translúcida quanto Joey na porta da ambulância. Temendo que esta visão significasse que sua criança seria uma natimorta, ela disse meu bebê, mas nenhum som saiu dela.

Mais uma vez, dor, mas não mera contração. Uma dor excruciante.

Insuportável. As punhaladas voltaram a atingi-la, como se ela estivesse deitada num instrumento de tortura medieval.

Podia ver os dois homens conversando, os rostos molhados pela chuva sérios e franzidos de preocupação, porém não mais conseguia ouvir suas vozes.

Na verdade, não conseguia ouvir nada. Não ouvia a sirene da ambulância, não ouvia o zumbido dos pneus, não ouvia o matraquear do equipamento alojado nas prateleiras e armários à sua direita. Ela estava tão surda quanto os mortos.

Ao invés de cair em mais outra escuridão breve, como esperava, Agnes sentiu-se subir. Foi tomada por uma sensação assustadora de imponderabilidade.

Jamais pensara em si mesma como amarrada ao seu corpo, presa aos seus ossos e músculos, mas agora sentia as amarras romperem.

Subitamente estava solta, sendo lentamente erguida da maca, até que se viu no teto da ambulância, olhando para baixo, para o seu próprio corpo.

Agnes foi tomada por um terror agudo, uma percepção humilde de que era um constructo frágil, uma coisa menos substancial do que a névoa, pequena, fraca, indefesa. Estava com um medo terrível de ser espalhada como as moléculas de um aroma, dispersada num volume tão grande de ar que cessaria de existir.

Seu medo também era alimentado pela visão do sangue que saturava o acolchoado da maca na qual jazia o seu corpo. Tanto sangue. Oceanos.

Uma voz aflorou em meio ao silêncio etéreo. Não um outro som. Não uma sirene. Nenhum zumbido ou chiado de pneus no asfalto molhado de chuva. Apenas a voz do enfermeiro: — O coração dela parou.

Abaixo de Agnes, lá na terra dos vivos, um foco de luz reluziu ao longo da seringa hipodérmica na mão do enfermeiro até parar num brilho na ponta da agulha.

O policial tinha abaixado o zíper do casaco de seu conjunto de malha e puxado para cima a camiseta que ela usava por baixo, expondo os seios.

O enfermeiro colocou a seringa de lado, tendo-a usado, e segurou as alças de um desfibrilador.

Agnes quis dizer a eles que todos os seus esforços seriam em vão, que deviam desistir e deixá-la partir. Ela não tinha mais nenhum motivo para ficar aqui. Seguiria adiante com o seu marido morto e o bebê morto, seguiria para um lugar onde não havia dor, onde ninguém era tão pobre quanto Maria Elena Gonzalez, onde ninguém vivia com medo como os seus irmãos Esaú e Jacó, onde todos falavam uma única linguagem e todos tinham todas as tortas de amoras de que precisavam.

Ela abraçou a escuridão.

Capítulo 13

DEPOIS QUE O DR. PARKHURST saiu do quarto, um silêncio pairou no ambiente, mais pesado e mais frio que as bolsas de gelo deitadas sobre a barriga de Júnior.

Passado algum tempo, Júnior ousou entreabrir as pálpebras. Premida contra os seus olhos havia uma escuridão tão densa quanto a conhecida por um cego. Nem um único fantasma de luz assombrava a noite para além da janela, e as estrias da persiana estavam tão escondidas da vista quanto as costelas descarnadas debaixo do manto da Morte.

De sua cadeira no canto, como se pudesse ver tão bem na escuridão que sabia que os olhos de Júnior tinham se aberto, o detetive Thomas Vanadium disse: — Você ouviu a minha conversa inteira com o

Dr. Parkhurst? O coração de Júnior bateu tão forte e rápido que ele não teria ficado surpreso se Vanadium, no canto mais distante do quarto, começasse a tamborilar os pés em compasso com ele.

Embora Júnior não respondesse, Vanadium disse: — Sim, achei que você tinha ouvido.

Este detetive era diabólico. Ele transpirava insinuações, armadilhas e estratagemas. Era um mestre da guerra psicológica.

Talvez muitos suspeitos ficassem abalados e acabassem desmoronando diante desse tipo de comportamento. Júnior não cairia fácil nas armadilhas de Vanadium. Ele era esperto.

Aplicando a sua inteligência agora, empregou técnicas simples de meditação para se acalmar e retardar o ritmo de seu batimento cardíaco. O tira estava tentando assustá-lo para que ele cometesse um erro, mas homens calmos não se incriminavam.

— Como foi, Enoch? Você olhou nos olhos da sua mulher quando a empurrou? — O tom monótono de Vanadium parecia a voz de uma consciência que preferia uma tortura lenta a uma execução sumária. — Ou um assassino de mulheres covarde como você não tem colhão pra isso? Filho da puta quase careca, de cara amassada e queixo duplo, pensou Júnior. Não. Atitude errada. Fique calmo. Seja indiferente aos insultos.

— Você esperou até sua mulher estar de costas, porque é tão covarde que nem conseguiu fitar os olhos dela? Isto era patético. Apenas idiotas cabeças de tacho, desprovidos de educação superior e ignorantes das coisas do mundo, seriam forçados a confessar por táticas rudes como essas.

Júnior era bem instruído. Não era apenas um massagista com um título pomposo. Ele tinha graduação completa em ciências com especialização em terapia de reabilitação. Quando via televisão, o que jamais fazia em excesso, ele raramente sintonizava em programas de auditório ou em comédias de costumes como A ilha dos birutas ou A família Buscapé, ou mesmo Jeannie é um gênio. Ele preferia dramas sérios que requeriam envolvimento pessoal: Gunsmoke, Bonanza e O fugitivo. Seu passatempo favorito era fazer palavras cruzadas, porque expandia o vocabulário. Como membro do Clube do Livro, já tinha adquirido quase trinta volumes do melhor da literatura contemporânea,

e até agora lera ou passara os olhos em mais de seis deles. Ele teria lido todos se não fosse um homem ocupado com interesses tão variados; suas aspirações culturais eram maiores do que o tempo que ele podia dedicar a elas.

— Sabe o que eu sou, Enoch? — perguntou o detetive. Thomas “Bundão” Vanadium.

— Você sabe o que eu sou? Uma espinha na bunda da humanidade.

— Não — disse Vanadium.—Você apenas pensa que sabe quem sou e o que sou, mas não sabe droga nenhuma. Mas não tem problema. Vai aprender.

O sujeito era esquisito. Júnior estava começando a pensar que o comportamento heterodoxo do detetive não era uma estratégia planejada cuidadosamente, como parecera à primeira vista. Começava a achar que esse Vanadium não batia bem da bola.

Mas não importava se o detetive era doido ou não. Júnior não tinha nada a ganhar conversando com ele, especialmente nesta escuridão desorientante. Estava exausto, dolorido, com a garganta arranhada, e não conseguiria confiar em seu autocontrole em qualquer interrogatório conduzido por este sapo de pescoço grosso e cabelos desgrenhados.

Júnior parou de fazer força para ver a cadeira através da sala escura.

Fechou os olhos e tentou mergulhar no sono criando a imagem mental de uma cena monótona de ondas suaves quebrando numa praia enluarada.

Esta era uma técnica de relaxamento que funcionara antes com ele. Ele a aprendera num livro brilhante: Como conquistar uma vida mais saudável através da auto-hipnose.

Caim Júnior era um homem comprometido com o auto-aperfeiçoamento contínuo. Acreditava na necessidade constante em expandir seu conhecimento e seus horizontes para compreender melhor a si mesmo e ao mundo. A qualidade da vida de um indivíduo era responsabilidade exclusiva do próprio indivíduo.

O autor de Como conquistar uma vida mais saudável através da auto-hipnose era o Dr. Caesar Zedd, um psicólogo de renome e autor de

mais de dez best-sellers de auto-ajuda, todos possuídos por Júnior juntamente com as obras literárias que adquirira pelo Clube do Livro. Ele tinha apenas quatorze anos quando começara a comprar os livros do Dr. Zedd em brochura, e quando fez dezoito anos já tinha condições para trocá-los por edições em capa dura. Também possuía todos os livros seguintes do doutor em edições de luxo.

A obra completa de Zedd constituía o guia mais profundo, gratificante e confiável para a vida que podia ser encontrado. Quando Júnior se sentia confuso ou atormentado, recorria a Caesar Zedd e jamais deixava de encontrar iluminação, orientação. Quando sentia-se feliz, encontrava em Zedd a confirmação de que não havia motivo para sentir remorsos por ser bem-sucedido e amar a si próprio.

A morte do Dr. Zedd, no último Dia de Ação de Graças, tinha sido um golpe para Júnior, uma perda para a nação, para o mundo inteiro. Ele considerou-a uma tragédia igual ao assassinato de Kennedy, um ano antes.

E como a morte de John Kennedy, o falecimento de Zedd estava envolto em mistério, inspirando suspeitas de conspiração. Um poucas pessoas acreditavam que ele cometera suicídio, e Júnior certamente não era um desses imbecis que engoliam tudo que diziam. Caesar Zedd, autor de *Você tem o direito de ser feliz*, jamais teria explodido os miolos com uma espingarda, conforme as autoridades preferiam que o público acreditasse.

— Você fingiria acordar se eu tentasse sufocar você? — perguntou o detetive Vanadium.

A voz não viera da cadeira no canto, mas bem do lado da cama. Caso Júnior não estivesse profundamente relaxado pelas ondas calmantes que quebravam na praia enluarada de sua mente, ele teria gritado de surpresa, talvez tivesse se empertigado na cama, traindo-se e confirmando a suspeita de Vanadium de que estava consciente.

Ele não escutara o tira levantar-se da cadeira e atravessar o quarto escuro. Era difícil acreditar que um homem com uma barriga tão grande e flácida pendendo acima do cinto, com um pescoço grossíssimo apertado por um colarinho apertado demais e com um segundo queixo mais proeminente do que o primeiro poderia ser capaz de um caminhar tão sobrenaturalmente furtivo.

— Eu poderia introduzir uma bolha de ar na sua agulha intravenosa — disse baixinho o detetive. — Poderia matar você por embolia, e eles jamais iriam descobrir.

Lunático. Agora não havia dúvida: Thomas Vanadium era mais pirado do que Charlie Starkweather e Caril Fugate, os adolescentes que haviam assassinado onze pessoas em Nebraska e Wyoming alguns anos atrás.

Ultimamente alguma coisa parecia estar errada nos Estados Unidos. O país não era mais sereno e equilibrado. Estava caindo. Esta sociedade estava caindo lentamente num abismo. Primeiro, assassinos adolescentes matando para se divertir. Agora, tiras maníacos. Coisas piores estavam por vir, não havia dúvida. Uma vez que o declínio se instaurava, interrompê-lo ou recuperar o impulso original era muito difícil, se não impossível.

Tinque.

O som foi estranho, mas Júnior quase conseguiu identificá-lo.

Tinque.

Qualquer que fosse a fonte do ruído, certamente Vanadium era a causa.

Tinque.

Ah, sim. Agora sabia a fonte. O detetive estava dando petelecos com a unha na garrafa de solução que pendia da haste de sonda intravenosa ao lado da cama. Tinque.

Embora não tivesse qualquer esperança de dormir agora, concentrou-se na imagem mental calmante de ondas suaves espumando na areia enluarada. Era uma técnica de relaxamento, não apenas um auxílio ao sono, e ele precisava desesperadamente permanecer relaxado.

TINQUE! Um peteleco mais forte.

Eram raras as pessoas que encaravam seriamente o auto-aperfeiçoamento. O animal humano nutria um terrível impulso destrutivo que sempre precisava ser contido.

TINQUE! Quando as pessoas não se dedicam a objetivos positivos, a criar vidas melhores para si mesmas, elas gastam sua energia com coisas más. Então surge gente como Starkweather, matando todas

aquelas pessoas sem nenhum objetivo de ganho pessoal. Surgem tiras maníacos e esta nova guerra, no Vietnã.

Tinque: Júnior antecipou o som, mas ele não veio.

Permaneceu imóvel, numa expectativa tensa.

O luar havia sumido e as ondas suaves tinham se afastado do olho de sua mente. Ele se concentrou, tentando forçar o mar fantasmagórico a fluir de volta, mas esta era uma das raras ocasiões em que uma técnica de Zedd lhe falhava.

Ao invés disso, ele imaginou os dedos brutos de Vanadium movendo-se sobre o aparato intravenoso com delicadeza surpreendente, lendo as funções do equipamento como um cego leria Braille com dedos velozes e sensíveis. Imaginou o detetive encontrando o orifício da injeção na sonda, e segurando-o entre o dedão e o indicador. Ele o viu tirar uma injeção da manga como um mágico faria com um lenço. Não havia nada na seringa além de ar mortal. A agulha sendo introduzida no orifício...

Júnior quis gritar por ajuda, mas não ousou fazê-lo.

Agora nem mesmo ousava fingir acordar, gemendo e bocejando, porque o detetive saberia que estava fingindo, que estivera acordado o tempo todo.

E se ele estivera fingindo inconsciência, escutando a conversa entre o Dr.

Parkhurst e Vanadium, e mais tarde recusando-se a responder às acusações diretas do detetive, esta fraude seria inevitavelmente lida como uma admissão de culpa pela morte de sua esposa. Então este detetive pé-de- chinelo iria persegui-lo infatigavelmente.

Enquanto Júnior continuasse fingindo dormir, o tira não teria certeza absoluta de que ele estivera fingindo. Ele poderia suspeitar, mas não poderia saber. Ficaria com pelo menos um fiapo de dúvida sobre a culpa de Júnior.

Depois de um silêncio interminável, o detetive disse: — Enoch, sabe no que acredito sobre a vida? — Alguma coisa bem idiota, tenho certeza.

— Acredito que o universo é como um instrumento musical inimaginavelmente vasto com um número infinito de cordas.

Isso mesmo, o universo é uma grande, enorme, guitarra havaiana. A voz antes monótona possuía agora um tom sutil, mas inegavelmente apaixonado: — E cada ser humano, cada ser vivo, é uma corda nesse instrumento.

E Deus possui quatrocentos bilhões de dedos, e Ele toca uma versão realmente fantástica de “Hawaiian Holiday”.

— As decisões que cada um de nós toma, os atos que cada um de nós comete, são como vibrações que passam através de uma corda de violão.

No seu caso, um violino, e a melodia é o tema de Psicose.

A paixão quieta na voz de Vanadium era genuína, expressada com razão mas sem fervor, nem um pouco sentimental ou untuosa... o que era ainda mais perturbador.

— As vibrações numa corda enviam vibrações suaves a todas as outras cordas, através do corpo inteiro do instrumento.

Plém! — Às vezes essas vibrações são muito aparentes, mas muitas vezes são tão sutis que você pode ouvi-las apenas se for incrivelmente perceptivo.

Caramba, me mate logo e me poupe da dor de ouvir essa balela.

— Quando cortou a corda de Naomi, você colocou um fim nos efeitos que a sua música exerceria nas vidas de outras pessoas e na forma do futuro. Gerou um desafino que, embora muito leve, pode ser ouvido até o canto mais distante do universo.

Se você está tentando me levar a outra maratona de vômito, está quase conseguindo.

— Esse desafino gera muitas outras vibrações, algumas das quais voltarão para você das formas que espera... e outras de formas que nem imagina. Das formas que você nem imagina, sou a pior.

A despeito das respostas corajosas no seu lado silencioso da conversa, Júnior estava cada vez mais assustado. Esse policial podia ser um lunático, mas ele era mais do que um mero caso psiquiátrico.

— Já duvidei, como Tomé — disse o detetive, mas agora não mais do lado da cama. Sua voz parecia vir do outro lado do quarto, talvez ao lado da porta, embora não tenha feito nenhum som ao se mover.

A despeito de sua aparência lastimável — e especialmente no escuro, onde a aparência não contava —, Vanadium tinha a aura de um místico.

Embora Júnior não acreditasse em místicos ou nos diversos poderes sobrenaturais que eles alegavam possuir, sabia que os místicos que acreditavam em si mesmos eram pessoas extraordinariamente perigosas.

O detetive era empolgado com a sua teoria do instrumento musical, e talvez também tivesse visões ou mesmo ouvisse vozes, como Joana D'Arc.

Joana D'Arc sem beleza ou graça, Joana D'Arc com um revólver de serviço e a autoridade para usá-lo. O policial não era uma ameaça ao exército inglês, como Joana havia sido, mas, até onde dizia respeito a Júnior, o maldito definitivamente merecia ser queimado numa fogueira.

— Mas agora não tenho a menor sombra de dúvida — disse Vanadium, sua voz retornando ao arrastado sem flexão que Júnior aprendera a odiar e que agora preferia ao seu leve tom de paixão. — A despeito de qual seja a situação, a despeito de quanto a questão seja complicada, sempre sei o que fazer. E certamente sei o que fazer com você.

Estranho. Estranhíssimo.

— Já coloquei a minha mão no ferimento.

Que ferimento?, Júnior quis perguntar, mas ele reconhecia uma isca quando ouvia uma, e não quis morder.

Depois de um momento de silêncio, Vanadium abriu a porta para o corredor.

Júnior torceu para não ter sido traído pelo brilho de seus olhos na fração de segundo em que entreabriu as pálpebras.

Uma simples silhueta contra o brilho fluorescente, Vanadium saiu para o corredor. A luz brilhante pareceu engolfá-lo. O detetive desapareceu da forma como uma figura de homem em meio à distorção do ar causada pelo calor numa estrada de asfalto parecia caminhar desta para outra dimensão, passando entre as cortinas trémulas que pairavam entre as realidades. A porta se fechou.

Capítulo 14

A SEDE CRUEL INDICAVA que Agnes não estava morta. Não haveria sede no Paraíso.

Obviamente, ela podia estar presumindo erroneamente a sua sentença no Julgamento. A sede provavelmente afligiria as legiões do Inferno, uma sede feroz e incessante, piorada por refeições que consistiam de sal, enxofre e cinzas, não de tortas de amoras. Portanto, talvez ela estivesse realmente morta e para sempre encerrada junto com assassinos, ladrões, canibais e pessoas que corriam acima da velocidade permitida nos perímetros escolares.

Também estava sentindo frio. Como nunca ouvira falara que o Hades tivesse um problema de calefação, talvez ela não tivesse realmente sido condenada à danação eterna. Isso seria bom.

Às vezes via pessoas pairando sobre ela. Eram meramente formas, seus rostos desprovidos de detalhes, assim como a visão de Agnes estava borrada. Essas pessoas podiam ser anjos ou demônios, mas Agnes tinha certeza absoluta de que elas eram pessoas comuns, porque uma delas praguejou, algo que um anjo jamais faria, e elas estavam tentando deixá-la à vontade, enquanto um demônio de respeito estaria enfiando fósforos acesos em seu nariz, ou introduzindo agulhas em sua língua, ou atormentando-a de qualquer outra forma que era ensinada na escola de demônios.

Eles também usavam palavras que não se encaixavam nas línguas de anjos ou demônios: — ... hipodermóclise... oxitocina intravenosa... mantenha assepsia perfeita a cada instante... perfeita, ouviu bem?... algumas administrações orais de cravagem assim que for seguro para ela ingerir qualquer coisa...

Na maior parte do tempo, ela continuava flutuando no escuro ou em sonhos.

Durante algum tempo, esteve em Rastros de ódio. Ela e Joey cavalgavam com um John Wayne profundamente perturbado, enquanto o delicioso David Niven flutuava acima de suas cabeças numa cesta pendurada a um imenso e colorido balão de ar quente.

Acordando de uma noite estrelada no Velho Oeste para um ambiente iluminado por luz elétrica, fitando rostos embaçados e sem chapéus de vaqueiro, Agnes sentiu alguém movendo uma pedra de gelo em círculos lentos sobre a sua barriga nua. Sentindo um arrepio quando a água gelada desceu correndo por sua barriga, Agnes tentou perguntar-lhes por que estavam aplicando-lhe gelo quando já estava gelada até os ossos, mas não encontrou sua voz.

De súbito percebeu que — Deus do céu! — alguém estava com a mão dentro dela, no próprio centro dela, massageando seu útero num padrão muito aproximado ao descrito pela pedra de gelo semi derretida na superfície de sua barriga.

— Vai precisar de outra transfusão.

Essa voz ela reconheceu. Dr. Joshua Nunn. O seu médico.

Ela o ouvira antes, mas não o tinha identificado.

Alguma coisa estava errada com ela. Agnes tentou falar, mas sua voz lhe falhou.

Constrangida, sentindo frio, repentinamente amedrontada, Agnes retornou ao Velho Oeste, onde a noite no deserto estava quente. A fogueira crepitava alegremente. John Wayne colocou um braço no ombro de Agnes e lhe disse: “Aqui não tem maridos nem bebês mortos”, e embora John quisesse apenas confortá-la, Agnes sentiu-se profundamente deprimida até Shirley MacLaine chamá-la a um canto para um papo de comadres.

Agnes acordou novamente e não mais sentia frio. Estava febril. Seus lábios estavam rachados, a língua estava seca e áspera.

O quarto de hospital era iluminado suavemente, e sombras pairavam em todos os cantos como um bando de pássaros empoleirados.

Quando Agnes gemeu, uma das sombras abriu as asas, aproximou-se, parou ao lado direito da cama e se metamorfoseou numa enfermeira.

A visão de Agnes havia clareado. A enfermeira era uma jovem muito bonita com cabelos negros e olhos azul-escuros.

— Sede — disse Agnes, a voz rascando na garganta como areia do Saara erodindo uma pedra antiga, o sussurro seco da múmia de um

faraó falando consigo mesma numa câmara selada durante três mil anos.

— Você não poderá ingerir nada ainda durante algumas horas — informou a enfermeira. — O risco de náusea é grande demais. E vomitar pode provocar uma nova hemorragia.

— Gelo — disse alguém ao lado esquerdo da cama.

A enfermeira levantou os olhos de Agnes para essa outra pessoa.

— Sim, uma pedra de gelo faria bem a ela.

Quando virou a cabeça e viu Maria Elena Gonzalez, Agnes achou que estava sonhando de novo.

Numa banqueta ao lado da cama, uma garrafa de aço inoxidável estava molhada pela condensação. Maria tirou a tampa da garrafa de água, e com uma colher de cabo longo catou uma pedrinha de gelo. Colocando a mão esquerda em concha debaixo da colher para colher gotas, ela conduziu a pedrinha brilhosa até a boca de Agnes.

O gelo não estava apenas frio e molhado; estava delicioso, e parecia estranhamente doce, como se fosse um naco de chocolate preto. Quando Agnes mastigou o gelo, a enfermeira disse: — Não, não. Não engula de uma vez. Deixe que derreta. — Esta admoestação, feita com absoluta seriedade, deixou Agnes preocupada. Se uma quantidade tão pequena de gelo mastigado, engolida de uma vez, pudesse causar-lhe náusea e nova hemorragia, ela devia estar extremamente frágil. Uma das sombras que ainda pairavam no quarto poderia ser a Morte, mantendo uma vigília teimosa.

Ela estava tão quente que o gelo derreteu depressa. Uma gota escorreu devagar por sua garganta, mas não o suficiente para tirar o Saara de sua voz quando ela disse: — Mais.

— Só uma — concedeu a enfermeira.

Maria pescou outro pedacinho de gelo na garrafa, rejeitou-o e colheu um maior. Ela hesitou, fitando-o por um momento, e então colocou-o com a colher entre os lábios de Agnes.

— Água pode ser arrebetada se primeiro for feita de gelo.

Esta pareceu uma declaração de grande mistério e beleza, e Agnes ainda meditava sobre ela quando o último gelo derreteu em sua

língua. Em lugar de mais gelo, ela foi alimentada com sono, tão negro e delicioso quanto uma barra de chocolate.

Capítulo 15

QUANDO O DR. JIM PARKHURST fez a sua ronda noturna, Júnior parou de fingir que dormia e fez perguntas honestas cujas respostas já conhecia por ter escutado a conversa entre o médico e o detetive Vanadium.

Sua garganta ainda parecia em carne viva devido à erupção de vômito, queimada por ácido estomacal, e sua voz, ao mesmo tempo rouca e esganiçada, parecia a de um personagem daquele programa infantil de fantoches que era exibido nas manhãs de sábado. Se não fosse a dor, ele estaria se sentindo ridículo, mas a sensação de ranhura e calor causada por cada palavra através de sua garganta incapacitava-o a sentir qualquer emoção que não fosse pena de si mesmo.

Embora agora tivesse ouvido duas vezes o médico explicar a crise emética nervosa aguda, Júnior ainda não entendia como o choque de perder sua esposa poderia tê-lo feito passar mal de forma tão violenta e repugnante.

— Você não teve episódios anteriores como este? — indagou Parkhurst, em pé ao lado da cama com um prontuário nas mãos, os óculos de meia-taça para leitura posicionados na ponta do nariz.

— Não, nunca.

— Crises eméticas periódicas sem causa aparente podem indicar ataxia loco-motora, mas como você não teve outros sintomas disso, eu não me preocuparia com a possibilidade de acontecer de novo.

Júnior fez uma careta só em pensar na chance de outra cascata de vômito.

— Eliminamos a maioria das outras causas possíveis — relatou Parkhurst. — Você não tem mielite ou meningite aguda. Ou anemia cerebral. Nenhuma concussão. Você não tem outros sintomas de doença de Ménière. Amanhã faremos alguns testes para detectar chances de tumor ou lesão cerebral, mas acredito que nenhuma dessas doenças será a explicação.

— Crise emética nervosa aguda — coaxou Júnior. — Nunca me considerei uma pessoa nervosa.

— Mas isso não significa que você seja nervoso nesse sentido. Neste caso nervoso significa psicologicamente induzido. Enoch, pense bem. Dor, choque e horror... essas coisas exercem efeitos físicos profundos.

— Ah.

O rosto do velho médico desabou em piedade.

— Você amava muito a sua esposa, não a amava? Idolatrava-a, tentou dizer Júnior, mas a emoção obstruía sua garganta como uma grande bola de catarro. Seu rosto se contorceu com uma dor que ele não precisou fingir e, para sua surpresa, sentiu lágrimas aflorarem em seus olhos.

Alarmado, preocupado com essa reação emocional de seu paciente conduzir a um surto de choro, que por sua vez poderia estimular espasmos abdominais e novo vômito, Parkhurst chamou uma enfermeira e prescreveu uma administração imediata de diazepam.

Quando a enfermeira ministrou a injeção em Júnior, Parkhurst disse: — Você é um homem extraordinariamente sensível, Enoch. Essa é uma qualidade para ser muito admirada num mundo que frequentemente é insensível. Mas no seu estado atual, a sensibilidade é a sua maior inimiga.

Quando o médico voltou à sua ronda, a enfermeira permaneceu com Júnior até ter certeza de que o tranquilizante iria acalmá-lo e que ele não tinha mais nenhum risco em sucumbir a outro surto de vômito hemorrágico.

O nome dela era Victória Bressler, e ela era uma loura atraente. Ela jamais seria uma concorrente séria para Naomi, mas Naomi, afinal de contas, não existia mais.

Quando Júnior reclamou da sede que sentia, Victória explicou que ele não poderia comer nada até a manhã do dia seguinte. Ele seguiria uma dieta rigorosa de líquidos no desjejum e no almoço. Alimentos macios seriam permitidos na hora do jantar.

Enquanto isso, ela podia oferecer-lhe alguns pedacinhos de gelo, que ele estava proibido de mastigar.

— Deixe que derretam em sua boca.

Com o auxílio de uma colher, Victória pegou na garrafa da mesinha-de-cabeceira pedrinhas ovais transparentes — não cubos, mas

discos —, um por vez. Colocou o gelo na boca de Júnior, não com a eficiência profissional de uma enfermeira, mas da forma como uma cortesã desempenharia a tarefa: sorrindo provocativa, um brilho de flerte nos olhos azuis, introduzindo lentamente a colher entre os lábios dele com uma deliberação sensual que lhe fez lembrar a cena da alimentação de As aventuras de Tom Jones.

Júnior estava acostumado a ser seduzido por mulheres. Sua boa aparência era uma bênção da natureza. Seu compromisso em aperfeiçoar a sua mente tornava-o interessante. Mais importante, nos livros de Caesar Zedd ele aprendera como ser irresistivelmente charmoso.

E embora não fosse dado a se gabar disso, tinha confiança na sua capacidade de oferecer às mulheres um serviço mais satisfatório do que elas recebiam de outros homens. Talvez boatos sobre seus dotes físicos e sua perícia tivessem chegado aos ouvidos de Victória; as mulheres conversavam sobre esse tipo de coisa entre elas, talvez mais do que os homens.

Considerando suas diversas dores e sua exaustão, Júnior ficou um tanto surpreso com o fato de que esta linda enfermeira, com sua técnica de alimentação sedutora, fosse capaz de excitá-lo. Embora no momento não estivesse em condições para um romance, ele definitivamente estava interessado num caso futuro.

Ele se perguntou como se encaixaria no protocolo um pequeno flerte recíproco quando sua esposa morta ainda não estava nem mesmo enterrada.

Ele não queria parecer um gavião. Queria que Victória o visse com bons olhos. Devia haver uma abordagem charmosa e civilizada que fosse apropriada, até elegante, mas que não deixasse qualquer dúvida na mente dessa enfermeira de que ela o excitava.

Cuidado.

Vanadium iria descobrir. Fosse qual fosse o nível de sutileza e dignidade com que Júnior respondesse a Victória, Thomas Vanadium descobriria a respeito do seu interesse erótico. De alguma forma. De algum jeito.

Victória não iria querer testemunhar a respeito da atração erótica imediata e elétrica entre ela e Júnior, não iria querer ajudar as

autoridades a colocá-lo na prisão, o que impediria a concretização de sua paixão por ele; mas Vanadium farejaria o segredo de Victória e a convenceria a sentar-se no banco da testemunha.

Júnior não podia dizer nada que pudesse ser citado num tribunal. Ele não podia nem mesmo permitir-se uma única piscadela lasciva ou uma carícia rápida na mão de Victória.

A enfermeira deu-lhe outra colherada carinhosa.

Sem dizer uma palavra sequer, sem ousar encontrar os seus olhos e trocar um olhar significativo, Júnior aceitou o gelo oval no mesmo espírito com o qual essa linda mulher o ofereceu. Ele prendeu a concha da colher na boca por um longo momento, de modo a dificultar sua remoção e, fechando os olhos, gemeu de prazer, como se o gelo fosse um pedaço de ambrósia, o alimento dos deuses, como se fosse uma colherada da própria enfermeira que ele estivesse saboreando. Quando ele finalmente liberou a colher, ele o fez lambendo-a de forma sugestiva. Quando seus lábios estavam livres do metal frio, ele também os lambeu.

Abrindo os olhos, ainda não ousando encontrar o olhar de Victória, Júnior entendeu que ela tinha registrado e interpretado apropriadamente a sua resposta à colherada sedutora. Ela estava congelada, o utensílio imóvel no ar, e sua respiração ficara presa na garganta. Estava excitada.

Nenhum deles precisou conformar sua atração mútua com um aceno ou sorriso adicional. Victória sabia, assim como ele, que o seu momento chegaria, quando a situação desagradável tivesse ficado para trás, quando Vanadium tivesse sido rechaçado, quando todas as suspeitas tivessem sido esquecidas para sempre.

Eles podiam ser pacientes. A abnegação e a antecipação garantiriam que o momento em que fizessem amor, quando finalmente estariam em segurança para desfrutá-lo, seria estilizador em sua intensidade, como a cópula de mortais elevados à condição de semideuses por virtude de sua paixão, seu poder e pureza.

Júnior aprendera recentemente a respeito dos semideuses da mitologia clássica numa das seleções do Clube do Livro.

Quando Victória finalmente acalmou o seu coração acelerado, ela devolveu a colher para a mesa-de-cabeceira, fechou a garrafa e disse:

— Isso basta por enquanto, S. Caim. Na sua condição, até mesmo gelo derretido em excesso poderia provocar mais vômito.

Júnior ficou impressionado e deliciado com a forma como a enfermeira conseguiu manter seu tom de voz e seu comportamento num estilo estritamente profissional, mascarando convincentemente o seu desejo intenso. A doce Victória daria uma excelente cúmplice.

— Obrigado, enfermeira Bressler — disse ele muito solene, combinando o tom de Victória, quase não conseguindo controlar o impulso de olhar para ela, sorrir e dar-lhe outra prévia de sua língua rápida e rosada.

— Mandarei outra enfermeira vir olhá-lo ocasionalmente.

Agora que nenhum deles tinha qualquer dúvida de que o outro compartilhava a mesma necessidade e que um dia teriam de satisfazer um ao outro, Victória estava optando pela discrição. Mulher inteligente.

— Eu compreendo — disse ele.

— Você precisa descansar — aconselhou, dando as costas para a cama.

Sim, ele suspeitava de que precisaria descansar para se preparar para essa beldade. Mesmo em seu uniforme branco folgado e sapatos de sola de borracha, ela era uma figura incomparavelmente erótica. Devia ser uma leoa na cama.

Depois que Victória se retirou, Júnior ficou parado sorrindo para o teto, flutuando em Valium e desejo. E vaidade.

Neste caso, tinha certeza de que a vaidade não era uma falha, não o resultado de um ego inchado, mas meramente auto-estima saudável. O fato de ser irresistível às mulheres não era simplesmente sua opinião tendenciosa, mas um fato observável e inegável, como a gravidade ou a ordem segundo a qual os planetas giravam em torno do sol.

Contudo, precisava admitir que estava surpreso com o fato de a enfermeira Bressler mostrar-se fortemente compelida a entregar-se a ele, ainda que estivesse com seu prontuário na mão e soubesse que ele recentemente havia sido um autêntico gêiser de vômito pútrido, que durante o trajeto na ambulância havia perdido também o controle da bexiga e dos intestinos, e que poderia a qualquer momento sofrer uma recaída explosiva. Este era um testemunho notável do desejo animal

que ele inspirava nas mulheres mesmo sem tentar, do magnetismo poderosamente másculo que era tão integrante de seu ser quanto o cabelo louro e espesso.

Capítulo 16

AGNES, DE UM SONHO de perda insuportável, acordou com o rosto banhado em lágrimas mornas.

O hospital estava alagado pelo silêncio abissal que enche os locais de habitação humana apenas durante as últimas horas antes do alvorecer, quando os sentimentos de necessidade, fome e medo de um dia são esquecidos e os do dia seguinte ainda estão por ser descobertos, quando a nossa espécie atormentada aflora por um instante à tona do mar de insensatez no qual tenta nadar desesperadamente.

A extremidade superior da cama estava elevada. Se não estivesse, Agnes não conseguiria ver o quarto, porque se sentia fraca demais para erguer a cabeça acima dos travesseiros.

As sombras ainda cobriam a maior parte do quarto. Elas não mais a faziam lembrar pássaros empoleirados, mas um bando desnudo de penas, com o couro das asas exposto e olhos vermelhos, com um gosto por refeições inomináveis.

A única luz vinha de um abajur de leitura. Um braço ajustável direcionava a luz para uma cadeira.

Agnes estava tão cansada, seus olhos tão doloridos e ardidados, que até essa luz fraca a incomodou. Quase fechou os olhos e se rendeu novamente ao sono, aquele irmão mais novo da Morte, que agora era o seu único consolo. Contudo, o que viu à luz do abajur instigou a sua atenção.

A enfermeira não estava mais ali, porém Maria continuava a postos, sentada numa poltrona de braços de vinil e aço inoxidável, ocupada com alguma tarefa à luz âmbar do abajur.

— Você devia estar com as suas filhas — preocupou-se Agnes. Maria levantou os olhos do que estava fazendo.

— Minhas filhas estão com minha irmã.

— Por que você está aqui? — Onde mais eu devia estar e por quê? De olho em você.

Quando as lágrimas deixaram os olhos de Agnes, desanuviando-os, ela viu que Maria estava costurando. Uma bolsa de compras estava a um lado da cadeira, e do outro lado, aberto no assoalho, uma caixa continha carretéis de linha, agulhas, uma almofada de alfinetes, um par de tesouras e outras ferramentas de trabalho para uma costureira.

Maria estava reparando à mão algumas das roupas de Joey, aquelas que Agnes danificara meticulosamente no dia anterior.

— Maria? — Qué? — Você não precisa.

— Não precisa o quê? — Não precisa consertar mais essas roupas.

— Eu conserto — insistiu.

— Você sabe sobre... Joey? — perguntou Agnes, sua voz engrossando tanto ao dizer o nome do marido que as duas sílabas quase não saíram de sua garganta.

— Sei...

— Então, por quê? A agulha dançava nos seus dedos ágeis.

— Não conserto mais pelo inglês. Conserto pelo Sr. Lampion apenas.

— Mas... ele se foi.

Maria não disse nada, trabalhando atentamente, mas Agnes reconheceu aquele silêncio especial no qual palavras difíceis são procuradas e laboriosamente costuradas.

Finalmente, com a emoção tão intensa que quase não conseguiu falar, Maria disse: — É... a única coisa... eu posso fazer agora por ele, por você. Eu sou ninguém, não posso consertar nada importante. Mas conserto isto.

Conserto isto.

Agnes não suportaria continuar vendo Maria costurar. A luz não doía mais em seus olhos, mas o seu novo futuro, que estava começando a surgir no horizonte, tão pontiagudo quanto agulhas e alfinetes, era uma tortura para os olhos.

Ela dormiu um pouco, acordando ao ouvir uma oração em espanhol, dita baixa, mas fervorosamente.

Maria estava parada ao lado da cama, um rosário de prata e ônix enrolado com força em torno de suas mãos pequenas e castanhas, embora ela não estivesse contando as contas ou murmurando ave-marias. A oração era pelo bebê de Agnes.

Gradualmente, Agnes compreendeu que essa não era a prece pela alma de uma criança falecida, mas pela sobrevivência de uma que ainda estava viva.

No momento ela era forte como uma rocha, mas apenas no sentido de que se sentia tão imóvel quanto uma. Porém, mesmo assim conseguiu encontrar os recursos para levantar um braço e colocar sua mão esquerda sobre os dedos envoltos por contas.

— Mas o bebê está morto.

— Señora Lampion, não — disse Maria, surpresa. — Muy enfermo mas não morto.

Agnes lembrou do sangue, o horrível sangue vermelho. A dor excruciante e as horríveis torrentes escarlates. Tinha pensado que o bebê havia entrado no mundo natimorto numa onda vermelha, composta por seu próprio sangue e o de sua mãe.

— É um menino? — Sim, señora. Menino bonito.

— Bartholomew — disse Agnes.

— O que senhora disse? — perguntou Maria.

— O nome dele. — Ela apertou a mão na de Maria. — Quero vê-lo.

— Muy enfermo. Eles estão com ele guardado como ovo de galinha. — Como ovo de galinha. Cansada como estava, Agnes não conseguiu decifrar imediatamente o significado dessas quatro palavras. Então: — Ah, ele está numa incubadora.

— Que olhos! — disse Maria.

— Qué? — perguntou Agnes.

— Os anjos devem ter olhos bonitos como aqueles.

Soltando as mãos de Maria, abaixando as suas para o seu coração, Agnes disse: — Quero ver ele.

Depois de fazer o sinal-da-cruz, Maria explicou: — Médicos manter bebê chocando até ele não ser perigoso. Quando a enfermeira entrar, eu fazer ela dizer quando o bebê seguro. Mas não posso deixar você. Eu vigio você.

A despeito da alegria sentida por Agnes, ela não podia permanecer flutuando no rio de sono do qual acabara de aflorar. Contudo, desta vez afundou em correntes mais profundas com esperança renovada e com este nome mágico, que cintilava em sua mente em ambos os lados da consciência: Bartholomew, enquanto o quarto de hospital e Maria sumiam de sua percepção, e também Bartholomew em seus sonhos. O nome afugentou pesadelos. Bartholomew. O nome a sustentou.

Capítulo 17

SUANDO DE MEDO COMO um porco na rampa do abatedouro, Júnior acordou de um pesadelo do qual não se podia lembrar. Alguma coisa queria alcançá-lo — isso era tudo que ele podia lembrar-se, mãos esticando-se em meio às trevas para pegá-lo —, e então ele estava acordado, arfante.

A noite ainda se premia contra o vidro do outro lado da persiana.

O abajur no canto do quarto estava aceso, mas a cadeira que ficava ao seu lado não se achava mais lá. Tinha sido movida para mais perto da cama de Júnior.

Vanadium estava sentado na cadeira, observando. Com a coordenação perfeita de um mágico, fazia uma moedinha de 25 cents dar cambalhotas sobre os nós dos dedos da mão direita, espalmava-a com o polegar, fazia-a reaparecer no mindinho, e então a moedinha percorria de novo os nós dos dedos, num processo incessante.

O relógio na cabeceira da cama marcava 4h37.

Aparentemente, o detetive jamais dormia.

— Tem uma canção muito bonita do George e do Ira Gershwin chamada “Someone to Watch Over Me”... Alguém para me vigiar. Você já a ouviu, Enoch? Eu sou esse alguém para você, embora não, é claro, num sentido romântico.

— Quem... quem é você? — disse Júnior, a voz saindo rascante.

Ainda estava abalado pelo pesadelo e pela presença de Vanadium, mas graças à rapidez de pensamento conseguiu manter-se no

personagem inocente que vinha interpretando.

Em vez de responder à pergunta, implicando que acreditava que Júnior já estava ciente dos fatos, Thomas Vanadium disse: — Consegui um mandado de busca para revistar sua casa.

Júnior achou que isso podia ser um truque. Não existia nenhuma prova concreta a indicar que Naomi havia morrido por outra causa que não acidental. O palpite de Vanadium — mais acuradamente, a obsessão doentia desse detetive pé-de-chinelo — não era justificativa suficiente para qualquer tribunal emitir um mandado de busca.

Infelizmente, alguns juízes eram facilmente influenciáveis nesses assuntos, para não dizer corruptos. E Vanadium, vendo-se como um anjo vingador, certamente era capaz de mentir à corte para obter um mandado injustificável.

— Eu não... não entendo.

Piscando sonolento, fingindo ainda estar lento devido aos tranquilizantes e outros medicamentos introduzidos em suas veias, Júnior ficou satisfeito com o tom de perplexidade em sua voz rouca, embora soubesse que até mesmo uma atuação merecedora do Oscar não comoveria este crítico.

Um nó de dedo após outro, colhida na rede de carne entre o polegar e o indicador, desaparecendo na palma, secretamente atravessando a mão, reaparecendo, dedo depois de dedo, a moedinha reluzia a cada volta.

— Você tem seguro? — inquiriu Vanadium.

— Claro. Blue Shield — respondeu prontamente Júnior.

Uma risada seca escapou do detetive, uma risada que não trazia nem um pouco do calor que costuma acompanhar o riso das pessoas.

— Você não é ruim, Enoch. Apenas não é tão bom quanto pensa.

— Como disse? — Não me referi a seguro-saúde. Você tem seguro de vida, Enoch? — Bem, tenho uma pequena apólice. É um benefício que acompanha o meu trabalho no hospital de reabilitação. Por quê? Que diabos significa tudo isto? — Uma das coisas que procurei na sua casa foi uma apólice de seguro de vida de sua esposa, tendo você como beneficiário. Não encontrei uma.

Não encontrei também nenhum recibo de pagamento das prestações.

Querendo estender um pouco mais a sua pretensa desorientação, Júnior passou a mão no rosto, como se estivesse limpando teias de aranha dele.

— Você disse que esteve na minha casa? — Sabia que a sua esposa tinha um diário? — Sim, claro. Um novo a cada ano. Desde que tinha dez anos.

— Alguma vez você o leu? — Claro que não! — Isso era a mais pura verdade, o que permitiu a Júnior fitar Vanadium com um brilho de indignação nos olhos.

— Por que não? — Porque seria errado. Um diário é coisa particular.

Ele supunha que para um detetive nada era sagrado, mas ainda assim ficou um pouco chocado com a necessidade de Vanadium em fazer essa pergunta.

Levantando-se da cadeira e se aproximando da cama, o detetive continuou movendo a moeda de 25 cents sobre a mão.

— Ela era uma moça muito boa. Muito romântica. O diário é cheio de rapsódias sobre a vida de casada, sobre você. Ela achava que você era o melhor homem que tinha conhecido e o marido ideal.

Júnior Caim teve a sensação de que o seu coração tinha sido trespassado por uma agulha tão fina que o músculo ainda se contraía rítmica mas dolorosamente em torno dele.

— Ela achava? Ela... ela escreveu isso? — Às vezes escrevia pequenos parágrafos para Deus, bilhetes de gratidão muito tocantes e humildes, agradecendo a Ele por colocar você na vida dela.

Embora Júnior não compartilhasse das superstições que Naomi, em sua inocência e sentimentalismo, havia nutrido, ele chorou sem fingimento.

Ele estava cheio de remorso por ter suspeitado que Naomi envenenara seu sanduíche de queijo e seus damascos quando, na verdade, ela o havia adorado, como ele sempre acreditara. Ela jamais teria levantado a mão contra ele, jamais. A doce Naomi teria morrido por ele. Na verdade, ela havia.

A moeda parou de dar cambalhotas, e parou deitada entre os nós dos dedos médio e anular da mão direita do detetive. Ele tirou uma caixa de lenços de papel da mesinha-de-cabeceira e a ofereceu ao seu suspeito.

— Tome.

Como o braço direito de Júnior estava estorvado pela tipóia e pela agulha intravenosa, ele tirou uma massa de lenços da caixa com a mão esquerda.

Depois que o detetive havia colocado a caixa de volta na mesinha-de-cabeceira, a moeda voltou a dar cambalhotas.

Enquanto Júnior assoava o nariz e enxugava os olhos, Vanadium comentou: — Acredito que você realmente a amava de alguma forma estranha.

— Que eu a amava? É claro que eu a amava. Naomi era linda e gentil...

e engraçada. Ela foi a melhor... a melhor coisa que já aconteceu comigo.

Vanadium jogou a moeda de 25 cents para o alto, pegou-a na mão esquerda, e continuou movendo-a sobre os nós dos dedos com a mesma rapidez e destreza com que o fizera na mão direita.

Essa demonstração de ambidestria provocou um arrepio em Júnior por motivos que ele não conseguiu analisar completamente. Qualquer mágico amador — de fato, qualquer pessoa que tivesse disponibilidade de praticar por longas horas, mágico ou não — poderia realizar esse truque. Era apenas habilidade, e não feitiçaria.

— Qual foi o seu motivo, Enoch? — O meu o quê? — Você parece não ter tido o motivo. Mas sempre há um, algum interesse egoísta para ser saciado. Se houver uma apólice de seguro, nós iremos rastreá-la e você vai fritar como bacon numa frigideira quente. — Como sempre, a voz do detetive saiu num arrastado monótono; ele não havia feito uma ameaça emocional, mas uma promessa plácida.

— Você é um agente de policial — disse Júnior, arregalando os olhos numa surpresa calculada.

O detetive sorriu. Um sorriso de sucuri, inspirado pela contemplação de um estrangulamento impiedoso.

— Antes de acordar, você estava sonhando. Não estava? Parece que foi um pesadelo.

Esta mudança repentina no interrogatório enervou Júnior. Vanadium tinha um talento para manter um suspeito sem equilíbrio. Uma conversa com ele era como uma cena num filme sobre Robin Hood: uma batalha com varas numa ponte de tronco sobre um rio.

— Sim... Eu ainda estou empapado de suor.

— Com o que você estava sonhando, Enoch? — Ninguém podia prendê-lo por causa dos seus sonhos.

— Não consigo lembrar. Esses são os piores... os que você depois não consegue lembrar, não acha? Eles sempre parecem muito bobos quando você consegue lembrar os detalhes. Quando você vê um vazio... eles são ainda mais ameaçadores.

— Você falou um nome enquanto dormia.

Isso provavelmente era uma mentira. O detetive devia estar armando uma armadilha para ele. De repente, Júnior desejou ter negado o seu pesadelo.

— Bartholomew — disse Vanadium.

Júnior piscou e não ousou dizer nada, porque não conhecia ninguém chamado Bartholomew, e agora tinha certeza de que o tira estava tecendo uma teia para pegá-lo. Por que teria falado um nome que não significava nada para ele? — Quem é Bartholomew? — indagou Vanadium. Júnior balançou a cabeça negativamente.

— Você falou o nome duas vezes.

— Não conheço ninguém chamado Bartholomew. — Ele decidiu que a verdade, neste caso, não podia causar-lhe nenhum mal.

— Você parecia muito nervoso. Parecia ter medo desse tal Bartholomew.

A bola de lenços de papel molhados foi apertada tão forte na mão esquerda de Júnior que se o seu conteúdo de carbono fosse maior, teria sido compactado num diamante. Ele viu Vanadium fitando o seu punho cerrado e seus nós de dedos esbranquiçados. Ele tentou afrouxar o aperto sobre a bola de lenços de papel, mas não conseguiu.

Inexplicavelmente, cada repetição do nome Bartholomew aumentava a ansiedade de Júnior. O nome ressoava não apenas em seu

ouvido, mas em seu sangue e ossos, em seu corpo e mente, como se ele fosse um grande sino de bronze e Bartholomew o badalo.

— Talvez ele seja um personagem que vi num filme ou li num romance.

Sou membro do Clube do Livro. Estou sempre lendo alguma coisa. Não me lembro de um personagem chamado Bartholomew, mas talvez tenha lido o livro anos atrás.

Júnior percebeu que as palavras estavam saindo dele como balas de uma metralhadora, e fez um esforço para se calar.

Levantando lentamente como o machado nas mãos de um assassino tão frio quanto um contador, os olhos de Thomas Vanadium subiram do punho cerrado de Júnior para o seu rosto.

A marca de nascença cor de vinho parecia mais escura que antes, e com um padrão diferente do que Júnior lembrava.

Se os olhos cinzentos do policial antes haviam sido tão duros quanto cabeças de pregos, agora eram pontos, e atrás deles havia força de vontade suficiente para introduzir cavilhas em pedras.

— Meu Deus, você acha que Naomi foi assassinada, não acha?
— disse Júnior, fingindo que a medicação perdera o efeito e que ele agora estava pensando com clareza.

Em vez de iniciar o confronto que vinha forçando desde o começo de sua visita, Vanadium surpreendeu Júnior quebrando o contato visual, dando as costas para ele e cruzando o quarto até a porta.

— É ainda pior — disse Júnior num tom rouco, convencido de que perderia alguma vantagem indefinida se o policial se retirasse agora, não permitindo que o momento transcorresse conforme aconteceria em algum seriado intelectual policial como Perry Mason ou Peter Gunn.

Parando diante da porta sem abri-la, Vanadium virou-se para fitar Júnior, mas não disse nada.

Acrescentando à voz torturada todo o choque e mágoa que conseguiu, como se profundamente ferido pela necessidade de falar essas palavras, Caim Júnior disse: — Você... você acha que eu matei ela, não acha? Isso é loucura.

O detetive levantou ambas as mãos, palmas voltadas para Júnior, dedos afastados. Depois de uma pausa, ele mostrou as costas das mãos — e então, mais uma vez, as palmas.

Por um momento, Júnior ficou mistificado. Os movimentos de Vanadium tinham a qualidade de um ritual, vagamente reminiscetes de um padre erguendo a Eucaristia.

A mistificação lentamente deu lugar ao entendimento. A moeda havia sumido. Júnior não notara quando o detetive tinha parado de fazer a moedinha dar cambalhotas nos nós dos dedos.

— Talvez você possa tirá-la da sua orelha — sugeriu Thomas Vanadium.

Júnior realmente levantou sua trêmula mão esquerda até a orelha, esperando encontrar a moeda enfiada em seu canal auditivo, segura entre o trago e o antítrego, esperando ser retirada com um floreio. A orelha estava vazia.

— Mão errada — aconselhou Vanadium.

Amarrado à tipóia, semi-imobilizado para impedir o deslocamento acidental do tubo intravenoso, o braço direito de Júnior estava adormecido, enrijecido devido ao desuso.

A mão suplicante não parecia ser uma parte dele. Tão pálida e exótica quanto uma anêmona-do-mar, os dedos longos dobrados como tentáculos em torno da boca da anêmona, posicionados para capturar qualquer caça que passasse por perto.

Como um peixe circular com escamas prateadas, a moedinha jazia na palma de Júnior. Diretamente sobre a sua linha da vida.

Não acreditando em seus olhos, Júnior esticou a mão esquerda sobre o próprio corpo e pegou a moeda. Embora tivesse estado sobre a sua mão direita, ela estava fria. Gelada.

Como milagres não existiam, a materialização da moeda na mão era impossível. Vanadium estivera parado apenas no lado esquerdo da cama.

Em nenhum momento ele havia se inclinado sobre Júnior ou esticado o braço sobre ele.

Ainda assim, a moeda era tão real quanto Naomi morta e quebrada na ribanceira de pedra no sopé da torre de incêndio.

Num estado de pasmo absoluto entrelaçado mais com medo do que com deleite, ele levantou os olhos da moeda, procurando extrair uma explicação de Vanadium, esperando ver a sucuri sorrir.

A porta estava fechada. Sem fazer nenhum barulho mais alto do que o dia ao se tornar noite, o detetive havia saído.

Capítulo 18

SERAFINA AETIONEMA WHITE não parecia em nada com o seu nome, exceto que tinha um bom coração e uma alma tão generosa quanto a de qualquer um dos arautos do Paraíso. Ela não tinha asas, como os anjos dos quais tomara emprestado os nomes, e não podia cantar tão docemente quanto o Serafim, porque tinha sido abençoada com uma voz rouca e com timidez demais para ser uma cantora. Etionemas eram flores delicadas, rosadas; e embora esta jovem, de apenas dezesseis anos, fosse bela sob qualquer padrão, ela não era delicada; era forte e dificilmente seria arrancada do solo, mesmo pelo vento mais violento.

As pessoas que haviam acabado de conhecê-la e aquelas que ficavam encantadas com sua excentricidade chamavam-na Serafina, seu nome completo. Seus professores, vizinhos e conhecidos ocasionais chamavam-na de Sera. Aqueles que a conheciam melhor e a amavam mais profundamente — como sua irmã, Celestina —, chamavam-na Fimie.

Desde o momento em que a menina foi admitida, na noite de 5 de janeiro, as enfermeiras no Hospital St. Mary em San Francisco também chamaram-na Fimie, não porque a conhecessem bem o bastante para amá-la, mas porque foi o nome que ouviram Celestina usar.

Fimie compartilhou o quarto 724 com uma mulher de 86 anos — Neila Lombardi — que estava em coma profundo induzido por derrame há oito dias, e que fora recentemente removida da UTI quando seu estado se estabilizou. Seus cabelos brancos estavam radiantes, mas o rosto que eles enquadravam era cinzento como rocha, sua pele absolutamente desprovida de brilho.

A Sra. Lombardi não tinha visitantes. Ela era sozinha no mundo; seus dois filhos e o marido tinham falecido há muito tempo.

Durante o dia seguinte, 6 de janeiro, quando Fimie foi conduzida pelo hospital numa cadeira de rodas para testes em diversos departamentos, Celestina permaneceu no 724, trabalhando no seu portfólio para uma aula de desenho avançado. Ela era caloura na faculdade de artes plásticas.

Ela colocou de lado um retrato quase terminado de Fimie para desenvolver vários de Neila Lombardi.

Apesar dos estragos da doença e da velhice, a beleza permanecia no rosto da velha senhora. Sua estrutura óssea era soberba. Quando jovem, ela devia ter sido deslumbrante. Celestina pretendia capturar Neila como ela era agora, cabeça deitada no travesseiro daquele que talvez fosse o seu leito de morte, olhos fechados e boca entreaberta, rosto pálido mas sereno. Em seguida iria desenhar mais quatro retratos, usando estrutura óssea e outras evidências fisiológicas para imaginar qual havia sido a aparência da mulher aos sessenta, quarenta, vinte e dez anos.

Em geral, quando Celestina estava tensa, a sua arte era um refúgio perfeito de suas aflições. Quando ela estava planejando, esboçando e finalizando, o tempo não tinha qualquer significado para ela, e a vida não tinha dor.

Mas neste dia marcante o desenho não lhe ofereceu qualquer conforto.

De vez em quando as suas mãos tremiam, e ela não conseguia segurar o lápis.

Durante esses momentos em que estava abalada demais para desenhar, ela ficou parada diante da janela, olhando para os prédios da cidade.

A beleza singular de San Francisco e a patina rara de sua história colorida falava ao seu coração e acendia em Celestina uma paixão tão irracional que às vezes ela se perguntava, ao menos meio seriamente, se vivera outras vidas aqui. Muitas vezes as ruas haviam lhe parecido estranhamente familiares desde o primeiro momento em que pisara nelas.

Certas casas grandes, datando do final do século XIX e começo do XX, inspiravam-na a imaginar festas elegantes realizadas ali em épocas mais elegantes e douradas, e seus voos de imaginação ocasionalmente adquiriam detalhes tão vívidos que pareciam lembranças.

Desta vez, até San Francisco, sob um céu azul raiado por compridas nuvens prateadas e douradas, não acalmou os nervos de Celestina. Ela não conseguia expulsar da mente o dilema de Fimie, como conseguiria com qualquer um dos seus próprios. Mas isso era compreensível. Ela jamais estivera numa situação tão horrível quanto essa em que sua irmã se encontrava agora.

Nove meses atrás Fimie tinha sido estuprada.

Envergonhada e assustada, não contara a ninguém. Embora uma vítima, ela culpava a si própria, e a perspectiva de ser exposta ao ridículo aterrorizou-a tanto que o desespero expulsou toda a lógica de seu raciocínio.

Quando descobriu que estava grávida, Fimie lidou com esse novo trauma da mesma forma como outras adolescentes de quinze anos haviam feito: tentou evitar o desprezo e a reprovação que imaginava que seria despejada sobre ela por não ter revelado o estupro quando ele acontecera.

Sem nenhum pensamento sério com as consequências a longo prazo, concentrando-se apenas no momento, num estado de negação, ela fez planos para ocultar sua condição pelo máximo de tempo possível.

Em sua campanha para manter seu ganho de peso a um mínimo, a anorexia foi sua aliada. Aprendeu a encontrar prazer nas dores da fome.

Quando comia, tocava apenas alimentos nutritivos, uma dieta mais bem balanceada do que ela seguira em qualquer outro momento de sua vida.

Ainda que no seu desespero evitasse a contemplação do nascimento que inevitavelmente se aproximava, ela estava se esforçando ao máximo para assegurar a saúde do bebê enquanto permanecia magra o bastante para evitar suspeitas.

Contudo, durante os nove meses de pânico silencioso, Fimie ficou menos racional a cada semana, recorrendo a medidas imprudentes que puseram em risco sua própria saúde e a do bebê, ainda que ela evitasse comida de fast-food e tomasse multivitamínicos diariamente. Para ocultar as mudanças em sua psique, ela usava roupas folgadas e envolvia a barriga em bandagens. Mais tarde, passou a usar uma cinta para obter uma compressão mais dramática.

Como sofrera uma lesão na perna seis semanas antes de ser estuprada, sendo submetida a uma cirurgia do tendão, Fimie podia alegar ainda sentir sintomas, obtendo dispensa das aulas de educação física — e evitando assim a descoberta de sua condição — desde o começo do período letivo, em setembro.

Durante a última semana de gravidez, a mulher média já ganhou doze quilos. Tipicamente, três a quatro desses quilos pertencem ao feto. A placenta e o fluido amniótico pesam um quilo e meio. Os cerca de oito quilos restantes devem-se à retenção de água e ao armazenamento de gordura.

Fimie engordou menos de cinco quilos. Sua gravidez não teria sido detectada nem mesmo sem a cinta.

No dia anterior à internação no St. Mary, ela acordou com dor de cabeça, náusea e tonteira. Uma dor abdominal feroz também a afligia, como nada que tivesse conhecido antes, embora não fossem as contrações indicativas do trabalho de parto.

Pior ainda, estava atormentada por problemas de visão assustadores. No começo, a sua visão ficou apenas um pouco anuviada. Em seguida, começou a ver vaga-lumes transparentes dançando na periferia de sua visão. Então uma cegueira repentina, de último minuto, que a deixou absolutamente aterrorizada, ainda que tenha passado depressa.

A despeito desta crise, e embora estivesse ciente de que faltava de uma semana a dez dias para o parto, Fimie ainda não conseguia encontrar coragem suficiente para contar a seus pais.

O reverendo Harrison White, o pai delas, era um batista cumpridor das leis de sua religião e um bom homem, não sendo autoritário ou rígido demais. A mãe, Grace, combinava perfeitamente com o nome.

Quando foi acometida, naquele mesmo dia, por um segundo e mais longo momento de cegueira, ela estava sozinha em casa. Saiu se arrastando do quarto, atravessou o corredor e tateou para encontrar o caminho até o telefone no quarto de seus pais.

Celestina estava em sua pequena quitinete, trabalhando alegremente num auto-retrato cubista, quando sua irmã ligou. A julgar pela histeria e incoerência inicial de Fimie, Celestina pensou que sua mãe e seu pai — ou ambos — tinham morrido.

Ao saber dos fatos reais, Celestina sentiu no coração a mesma dor que teria sentido se houvesse, realmente, perdido um dos pais. O pensamento de sua preciosa irmã sendo violentada deixou-a quase doente de tristeza e raiva.

Horrorizada com os nove meses de isolamento emocional auto-imposto pela garota, bem como com seu sofrimento físico, Celestina estava ansiosa por contatar sua mãe e seu pai. Quando os White juntavam-se como uma família, seu brilho podia clarear até a noite mais densa.

Embora tenha recuperado a visão enquanto falava com a irmã, Fimie não recuperou a razão. Ela rogou a Celestina que não comunicasse o acontecido aos pais em uma ligação interurbana, nem que chamasse um médico; queria apenas que Celestina estivesse com ela quando divulgasse o seu segredo mais terrível.

Temendo arrepende-se, Celestina prometeu fazer o que Fimie queria.

Ela confiava nos instintos do coração quase tanto quanto confiava na lógica, e o apelo lacrimoso de uma irmã amada era uma limitação poderosa ao bom senso. Ela não tinha tempo de fazer as malas. Miraculosamente, uma hora depois estava num avião para Spruce Hills, Oregon, através de Eugene.

Três horas depois de receber o telefonema, estava ao lado de sua irmã.

Na ante-sala da paróquia, sob os olhares de Jesus e John F. Kennedy, cujos retratos estavam pendurados lado a lado, a menina revelou aos pais o que havia sido feito a ela, e o que, em seu desespero e confusão, fizera a si mesma.

Fimie recebeu o amor envolvente e incondicional de que tanto precisara por nove meses, aquele amor puro que ela, irracionalmente, julgara-se indigna de receber.

Embora o abraço da família e o alívio da revelação tenham tido um efeito calmante, fazendo com que readquirisse um pouco da razão que havia perdido, Fimie recusou-se a revelar a identidade de quem a estuprara.

O homem havia ameaçado matá-la e aos seus parentes se ela levantasse testemunho contra ele, e Fimie acreditava que essa ameaça era sincera.

— Criança, ele jamais tocará novamente em você — disse o reverendo.

— Eu e o Senhor providenciaremos para que isso não aconteça, e embora nem eu nem o Senhor tenhamos o recurso das armas, a polícia tem.

O estuprador tinha aterrorizado tanto a garota, tinha imprimido tão indelevelmente a ameaça em sua mente, que ela não seria convencida de forma alguma a fazer esta última revelação.

Com persistência gentil, a mãe apelou ao senso de responsabilidade moral da filha. Se esse homem não fosse preso, julgado e condenado, cedo ou tarde ele atacaria outra garota.

Fimie não cedeu.

— Ele é louco. Doente. Ele é mau. — Ela estremeceu num arrepio. — Ele vai cumprir a palavra, vai matar todos nós, e não vai se preocupar com a chance de ser morto num tiroteio com a polícia ou ir para a cadeira elétrica. Se eu contar quem ele é, nenhum de vocês estará seguro.

O consenso, entre Celestina e os seus pais, foi de que Fimie não seria convencida nesse tocante antes que a criança nascesse. Ela estava frágil e ansiosa demais para fazer o que era correto agora, e não havia motivo para pressioná-la neste momento.

O aborto era ilegal, e os pais de Fimie teriam ficado relutantes, devido à sua fé, a considerar isso, até mesmo sob as piores circunstâncias. Além disso, com Fimie tão perto de parir, e considerando os danos físicos que provavelmente causara a si mesma, com a dieta absurda e o uso contínuo da cinta, o aborto era uma opção perigosa.

Ela precisava obter atenção médica imediatamente. A criança seria oferecida para adoção por pessoas capazes de amá-la e que não veriam nela, para sempre, a imagem de seu odiado progenitor.

— Não posso ter o bebê aqui — insistiu Fimie. — Ele vai ficar furioso se descobrir que estou com o bebê dele. Eu sei que vai.

Ela queria ir para San Francisco com Celestina, ter o filho na cidade, onde o pai e, não incidentalmente, os amigos dela e os paroquianos do reverendo White jamais saberiam que tinha dado à luz. Quanto mais seus pais e a irmã argumentavam contra este plano, mais agitada Fimie ficava.

Finalmente cederam, preocupados com a possibilidade da saúde física e mental da jovem ser posta em risco se não o fizessem.

Os sintomas que haviam aterrorizado Fimie — a dor de cabeça, a dor abdominal fortíssima, a tonteira, os problemas de visão — tinham sumido por completo. Possivelmente eles tinham sido de natureza mais psicológica que física.

Esperar mais algumas horas antes de colocar Fimie sob cuidados médicos podia ser arriscado. Mas também seria perigoso forçá-la a um hospital local e submetê-la ao constrangimento que queria evitar desesperadamente.

Ao invocar a palavra emergência, Celestina rapidamente conseguiu falar com o seu próprio médico, em San Francisco. Ele concordou tratar Fimie e interná-la no St. Mary assim que chegasse do Oregon.

O reverendo não podia fugir de seus compromissos com a igreja, mas Grace quis ir com as filhas. Fimie, entretanto, implorou para que apenas Celestina a acompanhasse.

Embora a garota fosse incapaz de articular por que preferia não ter a mãe ao seu lado, todos eles entendiam o tumulto em seu coração. Ela não queria sujeitar sua mãe gentil e correta à mesma vergonha que sentia agora, e que presumia que cresceria intoleravelmente nas horas ou dias à frente, até o nascimento, e mesmo depois.

Grace, obviamente, era uma mulher forte para quem a fé era uma armadura resistente a coisas bem piores do que o constrangimento.

Celestina sabia que mamãe iria sofrer muito mais permanecendo no Oregon do que ao lado de sua filha, mas Fimie era jovem, inexperiente e assustada demais para entender que nessa questão, como em todas as outras, a sua mãe era uma pilastra, não um junco.

Com a mesma facilidade surpreendente com que conseguira um voo de San Francisco para o Oregon em apenas uma hora, Celestina reservou dois lugares num dos primeiros voos da noite, como se possuísse um agente de viagens sobrenatural.

No ar, Fimie reclamou de um zumbido nos ouvidos, que podia ter relação com o voo. Também sofreu de um episódio de visão dupla e, no aeroporto depois do pouso, um sangramento nasal que pareceu relacionado aos sintomas anteriores.

A visão do sangue de sua irmã e a persistência do sangramento deixou Celestina fraca de apreensão. Receava ter feito a coisa errada ao postergar a hospitalização.

Então, a partir do aeroporto internacional de San Francisco, através das ruas envoltas em neblina da cidade, até o Hospital St. Mary, até o quarto. E para a descoberta de que a pressão sanguínea de Fimie estava tão alta — 27 por 13 —, que ela estava numa crise de hipertensão, com risco de derrame, insuficiência renal e outras complicações, com risco de vida.

As drogas anti-hipertensivas eram administradas intravenosamente, e Fimie estava confinada à cama, conectada a um monitor cardíaco.

O dr. Leland Daines, o médico de Celestina, chegou diretamente de um jantar no Ritz-Carlton. Embora Daines tivesse cabelos brancos ralos e um rosto marcado por linhas, o tempo havia sido gentil o bastante para deixá-lo com uma aparência mais digna do que velha. Apesar de ter muito tempo de prática, ele não era arrogante e parecia um poço de paciência sem fundo.

Depois de examinar Fimie, que estava nauseada, Daines prescreveu um anti-convulsivante, um antiemético e um sedativo, todos por via intravenosa.

O sedativo era fraco, mas Fimie adormeceu em questão de minutos. Ela estava exausta devido à longa provação e à recente falta de

sono.

O Dr. Daines falou com Celestina no corredor, diante da porta para o . Algumas das enfermeiras que passavam por ali eram freiras vestidas com hábitos completos, deslizando como espíritos pelo corredor.

— Ela teve pré-eclampsia. É uma condição que ocorre em cerca de cinco por cento das gravidezes, virtualmente sempre depois da vigésima quarta semana, e em geral pode ser tratada com sucesso. Mas não vou adoçar a pílula para você, Celestina. No caso da sua irmã a situação é bem mais séria. Ela não teve nenhuma consulta médica, nem qualquer cuidado pré- natal, e está no meio de sua trigésima oitava semana, a cerca de dez dias do parto.

Como eles sabiam a data do estupro, e como o ataque tinha sido a única experiência sexual de Fimie, o dia da impregnação podia ser fixado, e o parto calculado com mais precisão que de costume.

— À medida que se aproxima do termo da gravidez, ela corre mais risco de a pré-eclampsia se desenvolver para uma eclampsia completa.

— O que poderia acontecer então? — perguntou Celestina, temendo a resposta.

— As complicações possíveis incluem hemorragia cerebral, edema pulmonar, insuficiência renal, necrose do fígado e coma... para citar só algumas.

— Eu devia ter levado ela ao hospital lá da nossa cidade. Ele pousou uma mão no ombro dela.

— Não seja tão cruel consigo mesma. Ela já estava nesta situação. E embora eu não conheça o hospital lá no Oregon, duvido que o nível de cuidado seja igual ao que ela receberá aqui.

Agora que esforços estavam sendo feitos para controlar a pré-eclampsia, o Dr. Daines havia marcado uma série de testes para o dia seguinte. Ele esperava recomendar uma cesariana assim que a pressão sanguínea de Fimie fosse reduzida e estabilizada, mas não queria arriscar esta cirurgia antes de determinar quais complicações poderiam ter resultado de sua dieta rígida e da compressão do abdômen.

Embora ela já soubesse que a resposta não poderia ser alegremente otimista, Celestina perguntou: — O bebê pode nascer...

normal? — Espero que nasça normal — disse o médico, mas com ênfase sólida na palavra espero.

No quarto 724, de pé ao lado da cama da irmã, Celestina disse a si mesma que estava reagindo bem. Ela poderia lidar com estas novas complicações sem precisar telefonar para os pais.

Então ela sentiu sua respiração ficar presa no peito várias vezes seguidas, quando sua garganta apertou-se contra o influxo de ar. Uma inalação particularmente difícil dissolveu-se num soluço, e ela chorou.

Ela era quatro anos mais velha do que Fimie. Não tinham se visto muito nos últimos quatro anos, desde que Celestina viera para San Francisco.

Embora a distância e o tempo, a pressão de seus estudos e o corre-corre da vida cotidiana não a tivessem feito esquecer que amava Fimie, ela havia esquecido a pureza e o poder desse amor. Redescobrimo-o agora, ficou tão abalada que precisou puxar uma cadeira para o lado da cama e sentar-se.

Ela abaixou a cabeça, cobriu o rosto com as mãos frias e se perguntou como a sua mãe conseguia sustentar sua fé em Deus quando coisas terríveis podiam acontecer a pessoas tão inocentes quanto Fimie.

Por volta da meia-noite retornou ao misto de quitinete e ateliê no qual morava. Luzes desligadas, deitada na cama, fitando o teto, ela não conseguiu dormir.

As persianas estavam levantadas, as janelas expostas. Em geral ela gostava do brilho fumacento, vermelho-dourado da cidade à noite, mas desta vez ele a deixou inquieta.

Ela foi tomada pela sensação estranha de que, caso se levantasse da cama e caminhasse até a janela mais próxima, flagraria os prédios da metrópole escurecidos, cada lâmpada de rua apagada. Na verdade, esta luz sinistra estaria se levantando das grades dos respiradouros do esgoto e dos bueiros abertos nas ruas, vindo não da cidade, mas de um mundo sobrenatural abaixo dela.

O olho interior de uma artista, que jamais se fecha, mesmo quando ela dorme, buscava incessantemente por forma, propósito e significado, como fazia agora no teto acima da cama. Na trama de luz e sombra sobre o gesso moldado à mão, ela viu rostos solenes de bebês

— deformados, fitando-a com olhares que clamavam por ajuda — e imagens de morte.



Dezenove horas depois da admissão de Fimie no St. Mary, enquanto a garota era submetida aos testes finais pedidos pelo Dr. Daines, o crepúsculo começou a se insinuar no céu de San Francisco, e a cidade mais uma vez foi coberta pelo teto vermelho e dourado que iluminara indiretamente o quitinete-ateliê de Celestina na noite anterior.

Depois de um dia de trabalho, o retrato a lápis de Nella Lombardi estava terminado. A segunda peça da série — uma extrapolação de sua aparência aos sessenta anos — foi iniciada.

Embora Celestina não dormisse há quase 36 horas, a ansiedade estava mantendo os seus pensamentos claros. No momento, suas mãos não tremiam; linhas e sombras fluíam suavemente de seu lápis, como palavras saíam do lápis de um médium em transe.

Sentada numa cadeira diante da janela, perto da cama de Nella, desenhando numa prancha portátil posta em ângulo, conduzia uma conversa serena e unilateral com a mulher comatosa. Ela recontou histórias sobre como crescera com Fimie... e ficou surpresa com o repertório que possuía.

A garota estava com uma aparência melhor do que Celestina esperara.

Embora cansada, ela era toda sorrisos, e seus olhos marrons estavam limpos.

Fimie quis ver o retrato finalizado de Nella e o seu próprio, que estava quase completo.

— Um dia você vai ser famosa, Celie.

— Ninguém é famoso no próximo mundo, nem belo, detentor de títulos ou orgulhoso — disse ela, sorrindo enquanto citava um dos sermões favoritos de seu pai. — Nem poderoso...

— ... nem cruel, raivoso, invejoso ou maligno — recitou Fimie —, porque todas essas coisas são doenças deste vale de lágrimas...

— ... e agora, quando o prato de oferendas passar entre vocês... dê como se você já fosse um cidadão iluminado da próxima vida... e não um habitante hipócrita, desprezível... avarento... e egoísta... deste mundo lastimável. Elas riram e deram-se as mãos. Pela primeira vez desde que Fimie telefonara desesperada do Oregon, Celestina teve a impressão de que tudo ficaria bem novamente.

Minutos depois, mais uma vez numa conferência de corredor com o Dr.

Daines, ela foi forçada a temperar o seu otimismo.

A pressão de Fimie — teimosamente alta —, a presença de proteína em sua urina e outros sintomas indicavam que sua pré-eclampsia não era um desenvolvimento recente; ela corria um risco maior de eclampsia. Sua hipertensão estava gradualmente ficando sob controle... mas apenas por resultado de uma terapia medicamentosa mais agressiva do que o médico preferia usar.

— Além disso, a pelve dela é pequena, o que representaria problemas de parto mesmo numa gravidez comum — disse o médico. — E os músculos fibrosos no canal central de sua cervice uterina, que deveriam estar amolecendo em antecipação ao parto, ainda estão duros. Não acredito que a cervice irá dilatar o bastante para facilitar o parto.

— O bebê? — Não há evidência clara de defeitos de nascença, mas alguns testes revelaram algumas anomalias preocupantes. Saberemos quando virmos a criança.

Uma punhalada de horror perfurou Celestina quando ela não conseguiu conter uma imagem mental de um monstro de feira de curiosidades, meio dragão, meio inseto, enroscado no útero de sua irmã. Ela odiava o estuprador da irmã, mas desejava o melhor possível para o bebê, que não tinha culpa de nada.

— Se a pressão sanguínea da sua irmã se estabilizar durante a noite, irei submetê-la a uma cesariana às sete da manhã. Eu gostaria de colocar a Fimie sob os cuidados do Dr. Aaron Kaltenbach. Ele é um obstetra maravilhoso.

— É claro.

— Mas também estarei presente durante a operação.

— Agradeço muito por isso, e por tudo que o senhor fez.

A própria Celestina era pouco mais do que uma criança, fingindo possuir os ombros fortes e a experiência necessária para suportar este fardo. Ela se sentia arrasada.

— Vá para casa — aconselhou o médico. — Durma. Você não poderá ajudar sua irmã se também acabar virando uma paciente aqui. Ela permaneceu com Fimie durante o jantar.

O apetite da garota era grande, ainda que a comida fosse mole e insossa.

Ela não tardou a dormir.

Em casa, depois de telefonar para os pais, Celestina fez um sanduíche de presunto. Comeu um quarto dele. Depois deu duas mordidas num croissant de chocolate. Uma colher de um sorvete de noz-pecã. Nada disso teve o menor sabor, exatamente como a comida de hospital de Fimie.

Completamente vestida, ela se deitou sobre a colcha da cama. Pretendia ouvir um pouco de música clássica antes de escovar os dentes.

Percebeu que não tinha ligado o rádio. Antes de alcançar o botão, ela já estava dormindo.

Quatro e cinquenta da manhã, 7 de janeiro.

No sul da Califórnia, Agnes Lampion sonha com o seu filho recém-nascido. No Oregon, Caim Júnior pronuncia com temor um nome enquanto dorme, e o detetive Vanadium, sentado à sua frente enquanto aguarda para contar ao suspeito a respeito do diário de sua esposa morta, inclina-se para a frente para escutar melhor, enquanto incessantemente faz uma moedinha dar cambalhotas sobre os nós grossos dos dedos de sua mão direita.

Em San Francisco, um telefone toca.



Rolando de lado, tateando na escuridão, Celestina White agarra o telefone ao terceiro toque. O seu alô também foi um bocejo.

— Venha agora — diz uma mulher com voz fraca. Ainda sonolenta, Celestina pergunta: — O quê? — Venha agora. Venha depressa.

— Quem fala? — Nella Lombardi. Venha agora. A sua irmã vai morrer daqui a pouco.

Abruptamente alerta, sentando na ponta da cama, Celestina compreendeu que a pessoa do outro lado da linha não podia ser a velha comatosa, e então disse, com raiva: — Que merda é essa? O silêncio no outro lado da linha não foi meramente o de uma pessoa prendendo a respiração. Era abissal e perfeito, como nenhum silêncio de telefone pode ser, sem o menor chiado ou crepitar de estática, sem qualquer sinal de respiração sendo contida.

A profundidade desse vácuo silencioso arrepiou Celestina. Ela não ousou falar de novo porque, súbita e supersticiosamente, temeu que este silêncio fosse uma coisa viva, capaz de chegar até ela através da linha.

Desligou o telefone, pulou da cama, agarrou seu casaco de couro numa das duas cadeiras na pequena mesa de cozinha, pegou as chaves e a bolsa e saiu correndo.

Lá fora, os sons da cidade adormecida — o resmungo de alguns motores de carro nas ruas quase desertas, o clangor metálico de uma tampa de bueiro solta sob pneus de carro, uma sirene distante, os risos de bêbados voltando para casa depois de uma festa de arromba — eram sufocados por uma mortalha de neblina prateada.

Esses eram ruídos familiares, e mesmo para Celestina, a cidade era uma região alienígena, como jamais parecera antes, cheia de ameaça, os prédios avultando-se como grandes criptas ou templos dedicados a deuses desconhecidos e malignos. Os risos alcoolizados soavam estranhos ao ecoar através da neblina, parecendo não sons de alegria, mas de loucura e tormento.

Ela não tinha carro e o hospital ficava a 25 minutos a pé do seu prédio.

Rezando para que um táxi cruzasse o seu caminho, ela correu, e embora nenhum táxi tenha aparecido em resposta à prece, Celestina chegou ao St.

Mary, ofegante, em pouco mais de quinze minutos.

O elevador subiu rangendo, numa velocidade irritantemente mais lenta do que lembrava. Sua respiração ofegante soava alta naquele espaço claustrofóbico.

No lado escuro do alvorecer, os corredores do sétimo andar estavam silenciosos, desertos. O ar cheirava a desinfetante com odor de pinho.

A porta para o quarto 724 estava aberta. As luzes estavam acesas.

Tanto Fimie quanto Neila não estavam no quarto. Uma arrumadeira praticamente acabava de trocar os lençóis do quarto da velha. As roupas de cama de Fimie estavam desarrumadas.

— Onde está minha irmã? — perguntou Celestina.

A arrumadeira levantou os olhos de seu trabalho, assustada.

Quando a mão tocou seu ombro, Celestina girou sobre os calcanhares para se defrontar com uma freira de faces rubras e olhos azul-cobalto, que desse dia em diante seria para sempre a cor das más notícias.

— Eu não sabia se iam conseguir chamar você a tempo. Faz só dez minutos que começaram a tentar.

Pelo menos vinte minutos haviam passado desde que recebera o telefonema de Neila Lombardi.

— Onde está a Fimie? — Venha rápido — disse a enfermeira, conduzindo-a ao longo do corredor até os elevadores.

— O que está acontecendo? Enquanto desciam até o pavimento cirúrgico, a freira explicou a situação.

— Outra crise de hipertensão. A pressão da pobre menina está nas alturas, apesar da medicação. Ela sofreu um ataque violento, convulsões eclâmpicas.

— Meu Deus.

— Está na cirurgia agora. Cesariana.

Celestina esperava ser conduzida a uma sala de espera; ao invés disso, a freira conduziu-a até um quarto de assepsia.

— Sou a irmã Josefina — disse, tirando a bolsa de Celestina do ombro.

— Pode deixar isso comigo sem desconfiança — e ajudou-a a despir o casaco.

Uma enfermeira vestida num avental cirúrgico apareceu.

— Enrole as mangas do seu suéter e lave com sabão até os cotovelos.

Lave com força. Direi quando você pode parar.

Enquanto a enfermeira punha uma barra de sabão asséptico na mão de Celestina, Josefina abriu a água da pia.

— Tivemos sorte — disse a enfermeira. — O Dr. Lipscomb estava no hospital quando aconteceu. Ele tinha acabado de fazer o parto de outro bebê sob condições de emergência.

— Como está Fimie? — perguntou Celestina, esfregando ferozmente as mãos e os antebraços.

— O Dr. Lipscomb fez o parto há uns dois minutos. O pós-parto ainda nem foi removido — informou-a a enfermeira.

— O bebê é pequeno mas saudável. Não apresenta nenhuma deformidade — prometeu a irmã Josefina.

A pergunta de Celestina tinha sido sobre Fimie, mas elas lhe haviam contado sobre o bebê e ela ficou alarmada com essa evasiva.

— Basta — disse a enfermeira e a freira enfiou a mão através de nuvens de vapor para desligar a água.

Celestina deu as costas para a pia, levantando as mãos como vira os cirurgiões fazendo nos filmes, e quase conseguiu acreditar que ainda estava em casa, na cama, durante um pesadelo febril.

Enquanto a enfermeira vestia Celestina num avental cirúrgico e o amarrava às suas costas, a irmã Josefina ajoelhou-se diante dela e envolveu seus sapatos de rua com pantufas de pano com elástico nas bordas.

Este convite extraordinário e urgente ao santuário de uma sala de cirurgia dizia mais sobre as condições de Fimie do que todas as palavras que essas duas mulheres podiam falar.

A enfermeira amarrou uma máscara cirúrgica sobre o nariz e a boca de Celestina e acomodou uma touca em seu cabelo.

— Por aqui.

O caminho entre o quarto de assepsia e a sala de operações era curto.

Painéis fluorescentes brilhavam intensamente sobre suas cabeças. Botas ganiem no assoalho de vinil.

A enfermeira empurrou uma porta de vaivém, segurou-a para que Celestina passasse, e não a acompanhou até a sala de cirurgia.

O coração de Celestina batia tão forte que as reverberações dele em seus ossos, descendo por suas pernas, ameaçavam desmoronar seus joelhos sob ela.

Aqui, agora, a equipe cirúrgica, cabeças baixas mais como se estivessem rezando do que praticando medicina, e a doce e querida Fimie deitada na mesa de operações, em meio a lençóis empapados em sangue.

Celestina aconselhou a si mesma a não ficar alarmada com o sangue.

Um parto era uma coisa sangrenta. Neste sentido, esta cena devia ser comum.

O bebê não estava por perto. Num canto, uma enfermeira gorda estava cuidando de alguma coisa em outra mesa, seu corpanzil bloqueando aquilo que ocupava a sua atenção. Um embrulho de pano branco. Talvez a criança.

Celestina odiou o bebê com tamanha ferocidade que um travo acre se levantou para o fundo de sua boca. Embora não fosse deformada, a criança era um monstro. A maldição de um estuprador. Saudável, mas saudável à custa de Fimie.

A despeito da intensidade e da urgência com que a equipe cirúrgica estava trabalhando na jovem, uma enfermeira alta deu um passo para o lado e gesticulou para Celestina, indicando que ela se encaminhasse para a cabeceira da mesa.

E finalmente, Fimie, Fimie viva mas... tão mudada numa forma que Celestina teve a impressão de que sua caixa torácica estava se fechando como uma ratoeira em torno de seu coração.

O lado direito do rosto da garota parecia estar sendo mais afetado pela gravidade que o esquerdo: flácido e com uma expressão arrasada. A pálpebra esquerda caída. Esse lado de sua boca estava dobrado para baixo, como se tivesse desabado.

Do canto de seus lábios corria um fio de baba. Os olhos estavam arregalados de medo, e pareciam não estar focados em nada nesta sala.

— Hemorragia cerebral — explicou um médico que podia ser Lipscomb.

Para continuar de pé, Celestina precisou apoiar a mão na mesa. As luzes tinham ficado dolorosamente brilhantes, e o ar estava

carregado com os odores de anti-sépticos e sangue. Ela precisou se esforçar até para respirar.

Fimie virou a cabeça e seus olhos pareceram acalmar-se um pouco. Ela fixou o olhar na irmã e, pela primeira vez, pareceu saber onde estava.

Tentou levantar a mão direita, mas como não conseguiu controlá-la, esticou o braço esquerdo sobre o corpo. Celestina apertou com força a mão da irmã.

A menina falou, mas suas palavras saíram arrastadas e incoerentes. Ela torceu o rosto empapado em suor no que parecia frustração, fechou os olhos, e tentou de novo, expelindo uma única palavra, mas uma palavra inteligível: — Bebê.

— Ela está sofrendo apenas afasia expressiva — disse o doutor. — Não consegue se expressar bem, mas entende você perfeitamente.

Com o bebê nos braços, a enfermeira gorda encostou-se em Celestina, que quase recuou de nojo. A enfermeira segurou o bebê de modo que sua mãe pudesse ver seu rosto.

Fimie admirou a criança por um instante e então procurou novamente os olhos de sua irmã. Mais uma palavra, arrastada mas inteligível, graças a muito esforço.

— Anjo. — Isto não era um anjo.

A não ser que fosse o anjo da morte.

Muito bem, o bebê tinha mãos e pés pequeninos, e não garras contorcidas e cascos. Este não era um filho do demo. O mal do pai não aparecia refletido em seu pequeno rosto.

Ainda assim, Celestina não queria nada com essa criança, sentia-se ofendida apenas em vê-la, e não conseguia compreender por que Fimie insistia em chamá-la de anjo.

— Anjo — disse Fimie numa voz rouca, vasculhando nos olhos da irmã um sinal de compreensão.

— Não se esforce, querida.

— Anjo — disse Fimie, agoniada. E então, com um esforço que fez uma veia inchar-se em sua têmpora direita: — Nome.

— Quer dar ao bebê o nome Anjo? A jovem tentou dizer sim, mas como tudo que saiu dela foi “hã-hã”, ela meneou a cabeça o mais vigorosamente que conseguiu, e apertou mais forte a mão de Celestina.

Talvez ela estivesse afligida com uma mera afasia expressiva, mas devia estar sentindo-se um tanto confusa. Como o bebê seria disponibilizado para adoção, batizá-lo não era tarefa dela.

— Anjo — repetiu Serafina, quase desesperada.

Anjo. Um sinônimo menos exótico para o nome da mãe. O anjo de Serafina. O anjo de um anjo.

— Claro — disse Celestina. — É claro. — Ela não via nenhum mal em brincar um pouco com Fimie. — Anjo. Anjo White. Agora tente se acalmar. Relaxe.

— Anjo.

— Sim.

Quando a enfermeira gorda se retirou com o bebê, o aperto da mão de Fimie relaxou, mas em seguida ficou firme novamente quando o seu olhar também se tornou mais intenso.

— Amo... você.

— Eu também te amo, querida — disse Celestina, balbuciante.

— Amo demais. — Os olhos de Fimie se arregalaram, sua mão apertou dolorosamente a da irmã e seu corpo inteiro se contorceu enquanto ela gritava: — Ummmm, ummmmm, ummmmm! Quando a mão de Serafina ficou flácida, o seu corpo também relaxou.

Seus olhos não estavam mais arregalados nem focados em Celestina.

Estavam imóveis, assombreados pela morte, enquanto o monitor emitia a nota solitária e contínua que significava parada cardíaca.

Celestina foi conduzida a um canto enquanto a equipe cirúrgica iniciou os procedimentos de ressuscitação. Estupefata, foi conduzida para longe da mesa até ficar de costas com uma parede.



No sul da Califórnia, enquanto o alvorecer deste novo dia marcante surge no horizonte, Agnes Lampion ainda sonha com seu recém-nascido: Bartholomew numa incubadora, vigiado por uma

revoada de anjos — serafins e querubins —, voando sobre ele com suas asas brancas.

No Oregon, de pé junto ao leito de Caim Júnior, girando uma moeda de cents nos nós dos dedos da mão esquerda, Thomas Vanadium especula sobre o nome que seu suspeito tinha falado durante um pesadelo.

Em San Francisco, Serafina Aetionema White, na mesa de operações, jaz sem qualquer esperança de ser ressuscitada. Tão bela e com apenas dezesseis anos.

Com uma ternura que surpreende e comove Celestina, a enfermeira alta fecha os olhos da mocinha morta. Ela abre um lençol novo e limpo e o coloca sobre o corpo, dos pés para cima, deixando para cobrir o rosto precioso por último.

E agora o mundo parado volta a girar...

Abaixando a máscara cirúrgica, o Dr. Lipscomb caminhou até Celestina, onde ela estava em pé, as costas premidas contra a parede.

O rosto do médico era feio, longo e estreito, como se moldado de acordo com suas responsabilidades. Em outras circunstâncias, contudo, sua boca generosa teria assumido um sorriso encantador; e seus olhos verdes brilhavam com a compaixão de alguém que também já havia conhecido uma grande perda.

— Sinto muito, srta. White.

Ela piscou, fez que sim com a cabeça, mas não conseguiu dizer uma palavra.

— Você terá tempo para... se acomodar a isto — disse ele. — Talvez precise ligar para sua família.

O pai e a mãe de Celestina ainda residiam num mundo onde Fimie estava viva. Tirá-los daquela velha realidade para esta nova seria a segunda pior coisa que Celestina faria na vida.

A pior tinha sido estar neste quarto no exato momento em que Fimie havia morrido. Celestina sabia sem sombra de dúvida que esta seria a pior coisa que passaria em toda a vida, pior ainda do que a sua própria morte, quando ela chegasse.

— E, é claro, você precisará fazer os preparativos para o funeral — disse o Dr. Lipscomb.—A irmã Josefina arranjará um quarto, um

telefone, privacidade, tudo de que precisar, e por todo tempo necessário.

Ela não o ouvia com atenção. Tonta. Tinha a impressão de ter sido anestesiada. Estava olhando através dele, para o nada, e a voz do médico parecia estar passando por várias camadas de máscaras cirúrgicas, embora ele não estivesse usando nenhuma agora.

— Mas antes de sair do St. Mary eu gostaria de ter uma palavrinha com você — prosseguiu o médico. — É muito importante para mim.

Pessoalmente.

Pouco a pouco, ela percebeu que Lipscomb estava mais abalado do que deveria, considerando que ele não tivera qualquer culpa pela morte de sua paciente. Celestina voltou a fitar os olhos do médico e ele disse: — Vou esperar por você. Quando estiver pronta para ouvir o que tenho a dizer. Leve todo o tempo que precisar. Mas uma coisa... uma coisa extraordinária aconteceu aqui antes de você chegar.

Celestina quase foi mal-educada; quase disse a ele que não tinha o menor interesse em qualquer curiosidade da medicina ou da psicologia que ele pudesse ter testemunhado. O único milagre que teria importado, a sobrevivência de Fimie, não havia acontecido.

Contudo, diante de tanta gentileza, ela não se poderia recusar ao pedido do médico. Fez que sim com a cabeça.

O recém-nascido não estava mais na sala de cirurgia.

Celestina não havia reparado quando tinham levado a criança dali.

Queria vê-la mais uma vez, embora se sentisse nauseada só de olhar para ela.

Evidentemente, o rosto de Celestina estava contorcido pelo esforço de lembrar como a criança se parecia, porque o médico disse: — Sim? Algum problema? — O bebê...? — Ela foi levada para a unidade neonatal.

Ela. Portanto, a menina iria se chamar Anja. Até aqui Celestina não havia pensado no sexo do bebê porque, para ela, a criança tinha sido mais uma coisa do que uma pessoa.

— Srta. White? — disse o médico. — Quer que eu a leve até lá? Ela balançou a cabeça negativamente.

— Não. Unidade neonatal. Mais tarde eu encontro.

Esta consequência do estupro, o bebê, era para Celestina menos um bebê do que um câncer, uma malignidade a ser extirpada do corpo de sua irmã, e não uma vida a ser trazida ao mundo. Celestina sentia-se tão compelida a estudar a criança quanto se sentiria a examinar a pele reluzente e contorcida e o corrimento mucoso de um tumor recente.

Um detalhe, e apenas um, assombrava-a.

Como estivera muito nervosa diante de Fimie, Celestina não podia confiar em sua memória. Talvez ela não tivesse visto o que achava que tinha visto.

Um detalhe. Apenas um. Contudo, era um detalhe crucial, um que ela precisava confirmar antes de sair do St. Mary, mesmo se para isso precisasse olhar mais uma vez a criança, essa cria da violência, essa assassina de sua irmã.

Capítulo 19

NOS HOSPITAIS, COMO nas casas de fazenda, o desjejum é feito antes do amanhecer, porque curar e cultivar requer trabalho árduo, e dias longos de labor são necessários para salvar a espécie humana, que passa tanto tempo gerando dor e fome quanto passa tentando escapar delas.

Dois ovos moles, uma fatia de pão sem manteiga, um copo de suco de maçã e um copo de gelatina sabor laranja foram servidos para Agnes Lampion enquanto, nas fazendas do interior, os galos ainda saudavam o alvorecer e galinhas gorduchas cacarejavam contentes sobre suas pilhas de ovos recém-postos.

Embora tivesse dormido bem, e embora sua hemorragia tivesse sido contida com sucesso, Agnes estava fraca demais para conseguir tomar o café da manhã sozinha. Uma simples colher era tão pesada e difícil de manejar quanto uma pá.

Em todo caso, ela não estava com muito apetite. Joey não saía da sua cabeça. O nascimento seguro de uma criança saudável era uma bênção, mas não uma compensação por sua perda. Embora por

natureza resistente à depressão, Agnes agora carregava no coração uma sombra que não se apagaria nem com mil ou dez mil amanheceres. Se fosse uma mera enfermeira insistindo para que comesse, Agnes não cederia, mas não podia fazer nada contra a insistência de uma certa costureira.

Maria Elena Gonzalez — uma figura tão imponente a despeito de sua estatura diminuta que até três nomes pareciam insuficientes para identificá-la — ainda estava presente. Embora a crise tivesse passado, ela ainda não estava preparada para confiar em que as enfermeiras e os doutores, sozinhos, conseguiriam oferecer a Agnes os cuidados adequados.

Sentada na borda da cama, Maria salgou os ovos moles e em seguida conduziu colheradas deles até a boca de Agnes.

— As galinhas dão ovos.

— As galinhas põem ovos — corrigiu Agnes.

— Qué?!

Franzindo a testa, Agnes disse: — Não, isso também não faz qualquer sentido, faz? O que você está tentando dizer, meu bem?

— Esta mulher perguntou sobre galinhas...

— Que mulher?

— Não importa. Mulher boba mexendo com meu inglês, tentando confundir eu. Perguntou se veio antes ovo ou veio antes galinha.

— O que veio primeiro, o ovo ou a galinha?

— Sí! Foi isso mesmo que ela disse.

— Ela não estava caçoando do seu inglês, minha querida. É apenas uma velha charada. — Quando Maria não entendeu a palavra, Agnes soletrou-a e a definiu. — Ninguém consegue responder a essa charada, seja inglês ou não. Essa é a graça da charada.

— Qual é graça de fazer pergunta sem ter resposta? Que sentido faz? — Ela franziu a testa, preocupada. — Você ainda não está boa, sra. Lampion, ainda não está pensando esquerdo.

— Direito. Pensando direito.

— Eu respondo charada.

— E qual é a sua resposta?

— A primeira galinha veio com o primeiro ovo já dentro dela. Agnes engoliu uma colher cheia de gelatina e sorriu.

— Bem, é muito simples, afinal de contas.

— Tudo ser.

— Ser o quê? — perguntou Agnes enquanto sugava o restinho de suco de maçã através de um canudo.

— Simples. Pessoas fazem coisas parecerem complicadas quando não são. O mundo inteiro é simples como costurar.

— Costurar? — Agnes perguntou se, afinal de contas, ela não estava pensando esquerdo.

— Passar fio na agulha. Costurar, costurar, costurar — disse Maria, com toda sinceridade, enquanto removia a bandeja da cama de Agnes. — Amarrar a última costura. E então costurar, costurar, costurar.

Durante toda essa conversa sobre costura entrou uma enfermeira com a notícia de que o bebê Lampion estava fora de perigo e livre da incubadora, e com a simplicidade do repicar que se segue ao balançar de um sino, uma segunda enfermeira apareceu, empurrando um carrinho de bebê.

A primeira enfermeira sorriu para a bacia e colheu nela um tesouro rosado, embrulhado num lençol branco simples.

Antes fraca demais para erguer uma colher, Agnes agora estava com a força de um Hércules e poderia segurar cordas amarradas a duas parelhas de cavalos correndo em direções opostas; portanto, tomar um bebê no colo era sopa no mel.

— Como os olhos dele são bonitos! — disse a enfermeira, que passou o bebê para os braços da mãe.

O menino era bonito em todos os aspectos, seu rosto mais plácido que o da maioria dos recém-nascidos, como se ele tivesse chegado ao mundo com um senso de paz sobre a vida que o aguardava nesse lugar turbulento; e talvez ele tivesse chegado também com uma sabedoria incomum, porque suas feições eram mais definidas que as dos outros bebês, como se já tivessem sido moldadas pelo conhecimento e pela experiência. Ele tinha a cabeça completamente coberta por cabelos tão grossos e castanhos quanto os de Joey.

Os olhos, como Maria dissera a Agnes no meio da noite e conforme a enfermeira acabara de confirmar, eram de uma beleza

extraordinária. Ao contrário da maioria dos olhos humanos, que eram de uma única cor com estrias de um tom mais escuro, cada um dos olhos de Bartholomew continha duas cores distintas — verde como os de sua mãe, azul como os de seu pai — e o padrão das estrias era formado pela alternância desses dois pigmentos dentro de cada órbita. Eram joias magníficas, cristalinas e radiantes.

Quando Agnes encontrou o olhar caloroso e constante de Bartholomew, ficou mesmerizada. Ela se sentiu tomada por uma sensação de surpresa e mistério.

— Meu pequeno Barty — disse baixinho, a forma afetiva do nome saindo automaticamente de seus lábios. — Acho que você vai ter uma vida extraordinária. Sim, você vai, Barty, seu espertinho. As mães sabem dessas coisas. Muitas coisas vão acontecer para impedir que você chegue lá, mas chegará assim mesmo. Você está aqui com algum objetivo.

A chuva que contribuíra para a morte do pai do menino parara de cair durante a noite. O céu matutino continuava cinza como chumbo, coberto por nuvens coleantes, como uma mortalha gigantesca cobrindo o mundo, mas, até o instante em que Agnes falou, os céus estavam há algum tempo silenciosos como uma placa de ferro.

Como se a palavra objetivo fosse um martelo golpeando essa placa de ferro, um som de trovão ecoou pelo céu, precedendo um lampejo de luz.

O olhar do bebê se desviou da mãe para a janela, mas seu semblante não se franziu de medo.

— Não se preocupe com o barulho feio, Barty — disse-lhe Agnes. — Em meus braços, você sempre estará seguro.

Seguro, como objetivo antes dela, ateou fogo no céu, gerando um crepitar catastrófico que abalou não apenas as janelas como o prédio inteiro.

Trovões no sul da Califórnia são raros, e relâmpagos ainda mais. As tempestades aqui são semitropicais: aguaceiros sem pirotécnicas.

O poder do segundo raio tinha provocado um grito de surpresa e alarme nas duas enfermeiras e em Maria.

Um calafrio de medo supersticioso correu Agnes, e ela apertou o filho com força contra o peito e repetiu: — Seguro.

No instante em que a palavra soou, como uma orquestra sob a batuta de um maestro, a tempestade relampejou e ribombou, mais brilhante e mais alto que antes. O vidro da janela reverberou como couro de tambor, enquanto os pratos na bandeja sobre a cama repicaram como peças de um xilofone ao tocar uns nos outros.

Quando a janela ficou completamente opaca com os reflexos dos relâmpagos, branca como olhos cobertos por película de catarata, Maria fez o sinal-da-cruz.

Tomada pela noção absurda de que este fenômeno climático era uma ameaça direcionada especificamente contra o seu bebê, Agnes teimosamente respondeu ao desafio: — Seguro.

O raio mais cataclísmico também foi o último, de um fulgor nuclear que pareceu transformar o vidro da janela em metal esbranquiçado por chama, e de um som apocalíptico que vibrou através das obturações nos dentes de Agnes e teria soprado seus ossos como flautas se eles estivessem ociosos, desnudos de todo tutano.

As lâmpadas do hospital tremeluziram, e o ar ficou tão carregado com ozônio que pareceu arder nas narinas de Agnes quando ela inalou. Então os fogos de artifício pararam, e as luzes não se extinguíram. Ninguém havia sofrido qualquer mal.

O mais estranho de tudo era a ausência de chuva. Esse tipo de tumulto jamais deixava de trazer torrentes de água, mas nem uma única gota se chocou contra a janela.

A bem da verdade, um silêncio notável dominou a manhã, tão profundo que todos trocaram olhares e, com pelos eriçados em suas nuças, olharam para o teto na expectativa de algum evento que não podiam definir.

Os raios não apenas não foram os arautos de um aguaceiro, como também, no rastro de sua manifestação furiosa, as nuvens escuras como ferro começaram a abrir-se devagar, como ameias atingidas por canhões, revelando uma paz azul.

Barty não havia chorado ou exibido o menor sinal de angústia durante a tempestade, e agora, levantando os olhos para fitar mais uma vez a mãe, ele a brindou com o seu primeiro sorriso.

Capítulo 20

QUANDO UM COPO DE SUCO gelado de maçã permaneceu em seu estômago, Caim Júnior recebeu permissão para um segundo copo, embora o tivessem aconselhado a bebericar lentamente. Também lhe deram três bolachas.

Ele poderia ter comido uma vaca inteira com chifres, cascos e rabo.

Ainda que estivesse fraco, não corria mais o risco de cuspir bÍlis e sangue como uma baleia arpoada. A crise havia passado.

A consequência imediata de ter matado a esposa havia sido a crise emética nervosa aguda, mas a reação a longo prazo era um apetite voraz e uma alegria de viver tão forte que ele precisava conter a vontade de cantar.

Júnior estava com vontade de celebrar.

Uma celebração, é claro, o teria conduzido ao cárcere e talvez à eletrocussão. Com Vanadium, o tira maníaco, provavelmente escondido debaixo de sua cama ou fantasiado de enfermeira para flagrá-lo num momento que estivesse com a guarda baixa, Júnior precisava recuperar-se num ritmo que o seu médico não julgasse miraculoso. O Dr. Parkhurst esperava dar-lhe alta no máximo até a manhã seguinte.

Não mais pregado à cama por um soro intravenoso de fluidos e medicamentos, provido com o pijama e um robe de algodão para substituir a camisola sem fundilhos, Júnior foi encorajado a testar as pernas e exercitar-se. Embora esperassem que ele estivesse tonto, não encontrou qualquer dificuldade em manter o equilíbrio e, a despeito da sensação de se sentir um tanto vazio por dentro, não estava tão fraco quanto o médico julgava. Poderia perambular pelo hospital sem assistência, mas, disposto a atender às expectativas do médico, Júnior usou o andador com rodas.

VeZ por outra parava, apoiado no andador como se precisasse descansar.

Ocasionalmente, fazia uma careta de dor — convincente, não teatral demais — e respirava com mais força do que o necessário.

Mais de uma vez, uma enfermeira parou para checar se estava tudo bem com ele e aconselhá-lo a não se cansar demais.

Até ali, nenhuma dessas mulheres tinha sido tão calorosa quanto Victória Bressler, a enfermeira servidora de gelo que sentia tesão por ele. Ainda assim, ele continuava procurando e não perdia as esperanças.

Embora Júnior julgasse justo conceder a Victória primazia sobre ele, certamente não lhe devia monogamia. Mais tarde, quando ninguém mais suspeitasse de que havia matado Naomi, ele estaria no clima para um bufe de sobremesas, romanticamente falando, e um único docinho não iria satisfazê-lo.

Sem querer limitar-se a conhecer as enfermeiras de um único pavimento do hospital, Júnior usou os elevadores para subir e descer pelo prédio. Para dar uma geral nos rabos-de-saia.

Finalmente, viu-se sozinho diante de uma enorme vitrine da unidade de cuidados neonatais. Sete recém-nascidos estavam hospedados ali. Em cada berço havia uma placa na qual estava impresso o nome do bebê.

Júnior ficou parado diante da vitrine por um longo tempo, não porque estivesse fingindo descansar, e não porque as enfermeiras dali fossem gatas. Ele estava transfixado, e durante algum tempo não compreendeu por quê.

Não estava sentindo nenhuma inveja paternal. Um bebê era a última coisa que ele queria, fora um câncer. Crianças eram animaizinhos nojentos.

Uma criança era um fardo, não uma bênção.

Ainda assim, uma estranha atração por esses recém-nascidos mantinha-o parado diante daquela vitrine, e ele começou a acreditar que estivera vindo para cá inconscientemente desde que começara a se mover em seu andador.

Ele fora compelido a vir para cá. Atraído por algum magnetismo misterioso.

Ao chegar à janela do berçário, ele estivera cheio de bom humor. Mas agora, enquanto fitava a cena silenciosa, sentia-se

incomodado com alguma coisa.

Bebês.

Apenas bebezinhos inofensivos.

Por mais inofensivos que fossem, a simples visão deles — envoltos em lençóis e quase todos com as cabeças cobertas — começou a causar-lhe incômodo. Pouco a pouco, Júnior foi conduzido, de forma inexplicável, irracional e inegável, às raias do medo cego.

Tinha reparado em todos os sete nomes nos berços, mas os leu novamente. Ele sentia que em seus nomes — ou em um de seus nomes — residia a explicação para esta percepção aparentemente insana de uma ameaça avultando no horizonte.

Enquanto seu olhar corria pelas sete placas, lendo nome a nome, um vazio tão profundo se abriu em seu íntimo que Júnior precisou do apoio do andador, exatamente conforme fingira antes. Teve a impressão de que tinha sido reduzido a uma mera concha de homem, e que a nota correta poderia estilhaçá-lo como uma nota aguda pode quebrar cristal.

Esta não era uma sensação nova. Ele a havia sentido antes. Durante a noite anterior, quando acordara de um sonho do qual não lembrava e vira a moedinha brilhante dançando sobre os dedos de Vanadium.

Não. Não exatamente naquele momento. Não ao ver a moeda ou o detetive. Ele se sentira assim quando Vanadium mencionara o nome que ele, Júnior, supostamente pronunciara em seu pesadelo.

Bartholomew.

Júnior sentiu um arrepio. Vanadium não inventara aquele nome. Ele surtia em Júnior uma ressonância genuína, ainda que inexplicável, que não tinha nenhuma relação com o detetive.

Bartholomew.

Como antes, o nome ecoou através de seu corpo como a nota poderosa de um sino num carrilhão de catedral, badalando à passagem de uma gélida meia-noite.

Bartholomew.

Supusera que nenhum dos bebês nesse berçário tinha o nome Bartholomew, e Júnior se esforçou para compreender a conexão que este lugar tinha com seu sonho não recordado.

A natureza deste pesadelo continuava a escapar dele, mas estava convencido de que existia um bom motivo para o seu medo, que o sonho tinha sido mais do que um sonho. Ele tinha uma nêmesis chamada Bartholomew não apenas em seus sonhos, mas no mundo real, e este Bartholomew tinha alguma relação com... bebês.

Recorrendo a um poço de inspiração mais profundo do que o instinto, Júnior soube que se o seu caminho cruzasse com o de um homem chamado Bartholomew, precisaria estar preparado para lidar com ele com a mesma agressividade com que lidara com Naomi. E sem demora.

Tremendo e suando, deu as costas para a vitrine. Esperou que o medo em seu coração sumisse quando se afastasse do berçário, mas ele ficou mais forte.

Olhou por cima do ombro mais de uma vez. Quando retomou ao quarto, sentiu-se quase esmagado pela ansiedade.

Uma enfermeira se inclinou sobre ele enquanto o ajudava a deitar-se, preocupada com sua palidez e seus tremores. Ela era atenciosa e eficiente, mas nem um pouco atraente, e ele queria que ela o deixasse sozinho.

Porém, assim que se viu sozinho, Júnior desejou que a enfermeira retornasse. Sozinho sentia-se vulnerável, ameaçado.

Em algum lugar do mundo ele tinha um inimigo mortal: Bartholomew, que tinha alguma relação com bebês, um estranho absoluto que mesmo assim seria um adversário implacável.

Se não tivesse sido uma pessoa racional, estável e lógica durante toda a sua vida, Júnior teria achado que estava enlouquecendo.

Capítulo 21

O SOL NASCEU SOBRE AS NUVENS, sobre a neblina, e com o dia cinzento chegou uma chuva prateada. A cidade logo estava sendo espetada por agulhas de água, e os bueiros transbordavam imundice para as ruas.

Como os assistentes sociais do Hospital St. Mary não chegavam cedo, ofereceram a Celestina a privacidade de um de seus escritórios; ali, onde o rosto molhado da manhã se premia contra as janelas, a jovem telefonou aos pais para contar as notícias terríveis. Dali, também, providenciou para que um agente funerário coletasse Fimie na geladeira do necrotério do hospital, embalsamasse seu corpo e o colocasse num avião de volta para o Oregon.

A mãe e o pai choraram muito, mas Celestina manteve a compostura.

Ainda tinha muitas decisões para tomar antes de acompanhar o corpo da irmã no vôo para San Francisco. Apenas depois de cumprir todas as suas obrigações ela iria se dar o luxo de sentir toda a dor contra a qual se protegia agora. Fimie merecia dignidade na jornada final para a sua sepultura no norte.

Quando Celestina não tinha mais telefonemas para dar, o Dr. Lipscomb apareceu para falar com ela.

Ele não estava mais usando o avental cirúrgico; vestia calças de veludo cinza e um suéter de caxemira azul por cima de uma camisa branca. Rosto macambúzio, parecia não um obstetra habituado a trazer vidas ao mundo, mas um professor de filosofia eternamente envolvido em questões sobre a morte.

Celestina começou a se levantar da cadeira atrás da escrivaninha, mas ele a encorajou a permanecer sentada.

De pé, parado ao lado de uma janela, perfil voltado para Celestina enquanto observava o movimento na rua, o médico, em seu silêncio, buscava palavras para descrever a “coisa extraordinária” que mencionara antes.

Gotas de chuva estouravam no vidro e desciam em filetes de água. Os reflexos desses rastros pareciam lágrimas estigmáticas no rosto comprido do médico.

Quando ele finalmente falou, um pesar autêntico, discreto mas profundo, amaciou sua voz: — Foi em primeiro de março, há três anos. Minha esposa e meus dois filhos... Danny e Harry, ambos com sete anos, eram gêmeos... estavam vindo depois de visitar os pais dela em Nova York. Logo após a decolagem... o avião deles caiu.

Estando tão abalada com uma única morte, Celestina não conseguia imaginar como Lipscomb podia ter sobrevivido à perda de sua família inteira. Uma pena profunda por esse médico apertou seu coração e ressequiu a sua garganta, de modo que ela falou em pouco mais que um sussurro: — Foi aquele da American Airlines... Ele confirmou com a cabeça.

Misteriosamente, no primeiro dia de verão ensolarado em semanas, o havia caído em Jamaica Bay, Queens, matando todos os passageiros e tripulantes. Agora, em 1965, aquele continuava sendo o pior desastre na história da aviação comercial norte-americana, e devido à cobertura televisiva dramática, o que havia sido uma novidade, o caso era uma cicatriz permanente na memória de Celestina, embora na época estivesse vivendo a um continente de distância.

— Esta manhã, um pouco antes da senhorita chegar à sala de cirurgia, a sua irmã morreu na mesa de operação — continuou o médico, ainda fitando a janela. — Não tínhamos feito ainda o parto do bebê, e talvez não tivéssemos podido fazê-lo por cesariana, a tempo de impedir danos cerebrais. Assim, tanto em benefício da mãe quanto da criança, fizemos esforços hercúleos para trazer Fimie de volta e assegurar a manutenção da circulação para o feto até podermos extraí-lo.

A mudança abrupta de assunto, do acidente de avião para Fimie, confundiu Celestina.

Lipscomb mudou seu olhar da rua lá embaixo para a fonte da chuva.

— Fimie não esteve ausente por muito tempo, talvez por um minuto...

no máximo um minuto e dez segundos... e quando ela estava conosco novamente, ficou claro por sua condição que a parada cardíaca provavelmente tinha sido um efeito secundário de um incidente cerebral grave. Ela estava desorientada, parálitica no lado direito... com a distorção dos músculos faciais que você viu. No começo ela falou muito arrastado, mas então uma coisa estranha aconteceu...

Fimie também falara com uma voz arrastada mais tarde, imediatamente depois do nascimento do bebê, quando ela se esforçara para exprimir seu desejo em dar ao bebê o nome Anjo.

Um tom impressionante, mas difícil de definir, na voz do Dr. Lipscomb, fez Celestina levantar-se lentamente da cadeira do escritório. Talvez fosse surpresa. Ou medo. Ou reverência. Talvez as três coisas juntas.

— Por um momento a voz dela ficou completamente clara — prosseguiu o Dr. Lipscomb. — Ela levantou a cabeça do travesseiro e olhou fixamente para mim, completamente calma. Ela estava tão... intensa. Ela disse... ela disse... “Rowena te ama”.

Um arrepio atravessou a espinha de Celestina, porque ela sabia quais seriam as palavras seguintes do médico.

— Rowena era minha esposa — disse ele, confirmando a intuição de Celestina.

Como se uma porta tivesse momentaneamente sido aberta entre este dia sem vento e um outro mundo, uma única rajada de vento se chocou contra as janelas. Lipscomb virou-se para Celestina e disse: — Antes de cair novamente na semi coerência, a sua irmã disse: “Bizil e Fizil estão seguros com ela”, o que pode soar menos coerente para você, mas não para mim.

Ela esperou, ansiosa.

— Esses eram os apelidos carinhosos com que Rowena chamava os meninos quando eram bebês. Eram nomes bobos e absurdos, mas ela disse que eles pareciam dois elfos lindos e deviam ter nomes de elfos.

— Fimie não tinha como saber nada disso.

— Não. Rowena abandonou esses apelidos depois do primeiro ano dos gêmeos. Nós éramos os únicos que os usavam. Nossa piadinha particular.

Nem os meninos teriam lembrado.

Nos olhos do médico, um desejo de acreditar. Em seu rosto, um toque de ceticismo.

Ele era um homem de medicina e ciência, que fora bem servido pela lógica pura e por um comprometimento inabalável com a razão. Ele não estava preparado para aceitar facilmente a noção de que lógica e razão, enquanto ferramentas essenciais para qualquer pessoa que quisesse levar uma vida plena e feliz, não eram suficientes para descrever nem o mundo físico nem a experiência humana.

Celestina estava mais bem equipada para abraçar esta experiência transcendental pelo que ela aparentava ser. Não era uma daquelas artistas que celebravam o caos e a desordem, ou que encontravam inspiração no pessimismo e no desespero. Onde quer que seus olhos pousassem, ela via ordem, propósito, desígnio, e o brilho pálido ou o fulgor feroz de um evento sobrenatural. Ela percebia o sobrenatural não apenas em casas velhas onde se dizia que fantasmas vagavam, ou em experiências arrepiantes como a descrita por Lipscomb, mas todos os dias, no padrão dos galhos de uma árvore, na brincadeira selvagem de um cão com uma bola de tênis, nos coleios brancos de uma tempestade de neve... em cada aspecto do mundo natural no qual o mistério insolúvel era um componente tão fundamental quanto a luz e a escuridão, a matéria e a energia, o tempo e o espaço.

— A sua irmã teve outras... experiências curiosas? — perguntou Lipscomb.

— Nada assim.

— Ela tinha sorte nas cartas? — Não mais do que eu.

— Premonições? — Não.

— Habilidades psíquicas? — Ela não tinha nenhuma.

— ... podem vir a ser cientificamente verificáveis um dia.

— Ao contrário de vida após a morte? — perguntou ela.

A esperança, com muitas asas, pairava em torno do médico, mas ele tinha medo de deixá-la alçar vôo.

— Fimie não lia mentes — disse Celestina. — Isso é ficção científica, Dr. Lipscomb.

Ele fitou os olhos dela. Não tinha resposta para dar-lhe.

— Ela não penetrou nos seus pensamentos e extraiu o nome Rowena.

Ou Bizil ou Fizil.

Ainda que assustado com a certeza gentil nos olhos de Celestina, o médico deu as costas para ela e fitou mais uma vez a janela. Ela caminhou até o lado dele.

— Durante um minuto, depois que o coração dela parou pela primeira vez, ela não estava aqui no St. Mary, não é mesmo? O corpo dela, sim, estava aqui, mas Fimie não.

O Dr. Lipscomb levou as mãos até o rosto, cobrindo o nariz e a boca da forma como antes os tinha coberto com uma máscara cirúrgica, como se corresse o risco de inalar, junto com o ar, uma ideia que iria mudá-lo para sempre.

Além da janela, por trás das cortinas de chuva e neblina, a metrópole parecia mais enigmática que Stonehenge, mais misteriosa que qualquer cidade em nossos sonhos.

Por trás das mãos dissimuladoras, o médico deixou escapar um som fino, como se estivesse tentando arrancar do coração uma angústia coberta por uma cama de incontáveis ganchos afiados.

Celestina hesitou, sentindo-se estranha, insegura.

Como sempre fazia quando se sentia incerta, perguntou a si mesma o que sua mãe faria naquela situação. Grace, de graça infinita, infalivelmente fazia precisamente a coisa necessária, sabendo exatamente quais as palavras certas para consolar, iluminar, provocar um sorriso na pessoa mais miserável. Contudo, frequentemente a coisa necessária não envolvia palavras, porque em nossa jornada muitas vezes nos sentimos abandonados, e precisamos apenas nos assegurar de que não estamos sós.

Ela pousou a mão direita no ombro dele.

Ao seu toque, sentiu uma tensão escapar do doutor. As mãos desceram de seu rosto e ele se virou para ela, tremendo não de medo, mas com aquilo que podia ser alívio.

Ele tentou falar, e quando não conseguiu, Celestina envolveu-o com seus braços.

Celestina ainda não tinha nem 21 anos e o médico tinha pelo menos o dobro da idade dela, mas ele se debruçou sobre ela como uma criancinha faria. E, como uma mãe, ela o confortou.

Capítulo 22

EM TERNOS ESCUROS DE corte perfeito, com barbas feitas, tão polidos quanto suas valises, os três chegaram ao quarto de hospital de

júnior antes mesmo do horário usual do começo do dia útil, homens sábios que vieram sem camelos, sem trazer presentes, mas desejosos de pagar um preço pela dor e pela perda. Dois advogados e um enviado político de alto nível, eles representavam o condado, o estado e a companhia de seguros na questão da balaustrada na plataforma de observação da torre de incêndio. Uma balaustrada mantida inadequadamente.

Eles não podiam ter sido mais solenes ou mais respeitosos se o cadáver de Naomi — costurado de volta, entupido de fluido embalsamador, pintado com maquiagem, vestido de branco, com suas mãos frias segurando uma Bíblia sobre o busto — estivesse repousando num caixão naquele mesmo quarto, cercado por flores e aguardando a chegada das pessoas que viriam prestar a última homenagem. Eram todos educados, falavam macio e traziam tristeza no olhar, exsudando sentimentos — e cheios de um calculismo tão febril que Júnior não teria ficado surpreso se eles acionassem os espargidores de água fixados no teto.

Apresentaram-se como Knacker, Hisscus e Nork, mas Júnior não se deu ao trabalho de associar nomes com rostos, em parte porque os homens eram tão parecidos em aparência e modos que suas próprias mães teriam dificuldade em decidir qual deles culpar por não telefonar nunca. Além disso, ainda estava cansado devido ao seu passeio pelo hospital... e preocupado com a possibilidade de algum Bartholomew de olhos ameaçadores estar perambulando pelo mundo à procura dele.

Depois de muita comisseração açucarada, muitas palavras hipócritas sobre o fato de Naomi ter ido para um lugar melhor, e papo furado sobre o desejo do governo em sempre assegurar a segurança pública e tratar cada cidadão com compaixão, Knacker ou Hisscus, ou Nork, finalmente começou a tatear a questão da indenização.

Nenhuma palavra tão rude quanto indenização foi usada, é claro.

Ressarcimento. Compensação. Restituição apológica, que devia ter sido aprendida numa faculdade de direito onde o inglês era a segunda linguagem. Até reparação.

Júnior deixou-os loucos ao fingir não entender sua intenção enquanto eles circulavam o assunto como aspirantes a tratadores de

cobras novatos procurando pelo lugar mais seguro para agarrar uma serpente enroscada.

Estava surpreso por terem aparecido tão cedo, menos de 24 horas depois da tragédia. Isto era particularmente incomum, considerando que um detetive de homicídios estava obcecado com a ideia de que a madeira podre, sozinha, não fora a responsável pela morte de Naomi.

Júnior até suspeitava que estivessem aqui a mando de Vanadium. O tira certamente queria saber o quanto o recém-viúvo ficaria tentado a transformar a esposa morta em dinheiro vivo.

Knacker ou Hisscus, ou Nork, estava falando sobre uma oferenda, como se Naomi fosse uma deusa a quem eles queriam presentear com um tributo de ouro e jóias.

De saco cheio deles, Júnior fingiu que só agora estava entendendo o que queriam. Não fingiu indignação ou revolta, sabendo que exprimir qualquer tipo de reação forte poderia levantar suspeitas.

Ao invés disso, disse, com uma cortesia solene, que não queria qualquer compensação pela morte de sua esposa ou por seu próprio sofrimento.

— Não há quantia que possa substituir a minha esposa. Eu jamais conseguiria gastar esse dinheiro. Nem um único centavo. Acabaria dando tudo aos outros. Então, por que receber? Depois de um momento de surpresa, Nork ou Knacker, ou Hisscus, disse: — O seu sentimento é compreensível, Sr. Caim, mas nesses assuntos é usual... A garganta de Júnior estava bem menos dolorida que na tarde anterior, mas, para esses homens, sua voz baixa e rouca deve ter soado não arranhada, mas carregada de emoção.

— Não estou nem aí para o que é usual. Não quero nada. Não culpo ninguém. Essas coisas acontecem. Se tiverem um termo de responsabilidade com vocês, eu irei assiná-lo agora.

Hisscus, Nork e Knacker trocaram olhares tensos. Finalmente, um deles disse: — Não podemos fazer isso, Sr. Caim. Pelo menos não antes do senhor consultar o seu advogado.

— Não quero um advogado. — Fechou os olhos, baixou a cabeça para o travesseiro e suspirou. — Quero apenas... paz.

Knacker, Hisscus e Nork falaram todos ao mesmo tempo; em seguida calaram-se subitamente, como se fossem um único organismo; por fim voltaram a falar, agora interrompendo uns aos outros, enquanto tentavam adiantar os seus negócios.

Embora não tenha feito qualquer esforço para invocá-las, lágrimas vazaram dos olhos fechados de Júnior. Elas não tinham sido causadas por pensamentos sobre a pobre Naomi. Os próximos dias — talvez semanas — seriam tediosos, até que ele pudesse traçar a enfermeira Victória Bressler.

Sob as circunstâncias, tinha bons motivos para sentir pena de si mesmo.

Suas lágrimas silenciosas fizeram o que as palavras não conseguiram: Nork, Knacker e Hisscus recuaram, rogando a Júnior que falasse com o seu advogado, prometendo retornar, mais uma vez expressando suas profundas condolências, talvez tão envergonhados quanto os advogados e os enviados políticos conseguiam ficar, mas certamente confusos e inseguros sobre como proceder ao lidar com um homem tão intocado pela cobiça, tão desprovido de raiva, tão cheio de perdão no coração quanto este viúvo Caim.

Tudo estava acontecendo precisamente como Júnior vislumbrara no instante em que Naomi descobrira pela primeira vez a parte podre da balaustrada e quase caíra sem ajuda. O plano inteiro chegara a ele, completamente formado, num piscar de olhos, e durante os dois circuitos que fizeram pela plataforma de observação ele pensara em todos os detalhes, procurando por falhas, mas não encontrando nenhuma.

Até aqui tinham ocorrido apenas dois acontecimentos inesperados, o primeiro sendo seu vômito explosivo. Ele esperava que jamais precisasse passar novamente por um episódio como aquele.

Contudo, o vômito olímpico tinha feito Júnior parecer tanto emocionalmente quanto fisicamente devastado pela perda de sua esposa.

Ele não poderia ter calculado nenhum estratagema mais capaz de convencer a maioria das pessoas de que era inocente e, de fato, fisicamente incapaz de um assassinato premeditado.

Júnior descobrira muitas coisas sobre si mesmo durante as últimas dezoito horas, mas, de todas essas qualidades novas, aquela da qual mais se orgulhava era o entendimento de que ele era uma pessoa profundamente sensível. Esta era uma característica de personalidade admirável, mas também podia ser uma cortina por trás da qual poderia cometer os atos de violência que seriam necessários nesta vida nova e perigosa que ele escolhera.

O outro dos dois acontecimentos inesperados era Vanadium, o homem da lei lunático. Tenacidade feita carne. Tenacidade com um péssimo corte de cabelo.

Enquanto as lágrimas secavam em suas faces, Júnior decidiu que provavelmente teria de matar Vanadium para livrar-se dele e ficar completamente seguro. Sem problema. E a despeito de sua estranha sensibilidade, Júnior tinha absoluta certeza de que apagar o detetive não acionaria outro jorro de vômito. Quando muito, ele mijaria nas calças de pura felicidade.

Capítulo 23

CELESTINA RETORNOU AO QUARTO 724 para pegar os pertences de Fimie no pequeno armário e na mesinha-de-cabeceira.

Suas mãos tremeram enquanto ela tentava dobrar as roupas de sua irmã e guardá-las numa mala pequena. O que teria sido uma tarefa simples tornou-se um desafio hercúleo; o tecido pareceu ganhar vida em suas mãos e escorregar entre os seus dedos, resistindo a cada tentativa de organizá-lo.

Quando finalmente percebeu que não tinha motivos para ser organizada, jogou as roupas na mala sem qualquer preocupação em amarrotá-las.

No instante em que Celestina fechou a mala e virou para a porta, uma arrumadeira entrou empurrando um carro cheio de toalhas e lençóis de cama.

Era a mesma mulher que estivera desfazendo a segunda cama quando Celestina chegara. Agora estava aqui para desfazer a primeira.

— Sinto muito por sua irmã — disse a arrumadeira.

— Obrigada.

— Ela era linda.

Celestina fez que sim com a cabeça, incapaz de responder à gentileza da mulher. Às vezes uma gentileza pode ferir tanto quanto um insulto.

— Para que quarto a Sra. Lombardi foi transferida? — perguntou Celestina. — Eu gostaria de... de vê-la antes de ir embora.

— Querida, você não soube? Sinto muito, mas ela também se foi.

— Se foi? — perguntou Celestina, embora tivesse compreendido.

Subconscientemente, Celestina sabia que Neila havia morrido depois do telefonema às quatro e quinze da manhã. Quando a velha terminara o que precisava dizer, o silêncio na linha havia sido

anormalmente perfeito, sem nenhum chiado de estática ou murmúrio eletrônico, diferente de qualquer coisa que Celestina ouvira antes num telefone.

— Ela morreu na noite passada — esclareceu a arrumadeira.

— Você sabe quando? A hora da morte?

— Alguns minutos depois da meia-noite.

— Tem certeza? Digo, sobre a hora?

— Eu tinha acabado de chegar ao serviço. Estou trabalhando um turno e meio hoje. Ela faleceu em coma, sem despertar.

Na mente de Celestina, tão clara como estivera ao telefone às quatro e quinze da manhã, a voz frágil de uma velha alertando sobre a crise de Fimie: Venha agora. Venha depressa... Quem fala? Neila Lombardi. Venha agora. A sua irmã vai morrer daqui a pouco.

Se a pessoa ao telefone realmente havia sido a sra. Lombardi, ela tinha ligado mais de quatro horas depois de morrer.

E se não havia sido a velha senhora, quem tinha se passado por ela? E por quê? Quando Celestina chegara ao hospital, vinte minutos depois, a irmã Josefina expressara surpresa: Eu não sabia se iam conseguir chamar você a tempo. Faz só dez minutos que começaram a tentar.

O telefonema de Neila Lombardi tinha acontecido antes de Fimie ser acometida pela eclampsia e levada às pressas para a cirurgia. A sua irmã vai morrer daqui a pouco...

— Está se sentindo bem, querida? — perguntou a arrumadeira. Celestina fez que sim com a cabeça. Engoliu em seco. Uma amargura tinha enchido seu coração quando Fimie morrera, assim como ódio pela criança que estava viva à custa da morte da mãe: sentimentos que Celestina sabia não serem merecedores dela, mas que não era capaz de expurgar. Esses dois fenômenos — a história do Dr. Lipscomb e o telefonema de Neila — tinham sido um antídoto para o ódio, um bálsamo para a raiva, mas também haviam-na deixado entorpecida.

— Sim. Obrigada — disse à arrumadeira. — Vou ficar bem. Carregando a mala, ela saiu do Quarto 724.

No corredor ela parou, olhou para a esquerda, olhou para a direita, e não soube para onde ir.

Será que Neila Lombardi, não mais neste lindo mundo, havia atravessado o vácuo para juntar as duas irmãs a tempo de dizerem adeus uma à outra? E será que Fimie, trazida de volta da morte por procedimentos de ressuscitação da equipe cirúrgica, tinha pago a gentileza de Neila com sua mensagem a Lipscomb? Desde a infância, Celestina fora encorajada a acreditar que a vida tinha sentido, e quando precisara compartilhar essa crença com o Dr. Lipscomb enquanto ele tentava compreender sua experiência na sala de operações, ela o fizera sem hesitar. Estranhamente, ela própria estava sentindo dificuldade em absorver esses dois pequenos milagres.

Embora estivesse ciente de que esses eventos extraordinários moldariam o resto de sua vida, começando com suas ações nas horas em seu futuro imediato, Celestina não conseguia ver claramente o que deveria fazer em seguida. No âmago de sua confusão estava um conflito de mente e coração, razão e fé, mas também uma batalha entre desejo e dever. Até ser capaz de reconciliar essas forças opostas, Celestina ficaria paralisada pela indecisão.

Caminhou pelo corredor até chegar a um quarto com camas vazias. Sem ligar a luz, entrou, pousou a mala no chão e sentou-se numa cadeira perto da janela.

Mesmo enquanto a manhã amadurecia, a neblina e a chuva conspiravam para sufocar quase toda a luz do dia. Sombras abundavam.

Celestina ficou sentada ali, estudando as próprias mãos, tão escuras na escuridão.

Finalmente encontrou dentro de si toda a luz que precisava para encontrar seu caminho através das horas cruciais que a aguardavam.

Finalmente ela sabia o que devia fazer, mas não tinha certeza de possuir a energia necessária para fazê-lo.

Suas mãos eram delgadas, os dedos longos e graciosos. Mãos de uma artista. Não eram mãos poderosas.

Ela pensava em si mesma como uma pessoa criativa, uma pessoa capaz, eficiente e compromissada, mas não pensava em si mesma como uma pessoa forte. Ainda assim, ela precisaria de muita força para o que a aguardava. Era hora de ir. Era hora de fazer o que precisava ser feito.

Ela não conseguia levantar da cadeira.
Faça o que precisa ser feito.
Estava com medo demais para conseguir se mover.

Capítulo 24

ESAU E AS TORTAS. NA manhã azul depois da tempestade, tinham um programa para cumprir e fome para satisfazer.

Ele dirigia sua caminhonete Ford Country Squire modelo 1955. Comprara o carro com um pouco do resto do dinheiro que ganhara nos anos em que fora capaz de manter um emprego, antes de seu... problema.

Ele já tinha sido um motorista soberbo, mas durante a última década o seu desempenho por trás do volante havia dependido de seu humor.

Às vezes, apenas o pensamento de entrar no carro e aventurar-se pelo mundo perigoso era intolerável. Então ele se fechava em sua casca e esperava pelo desastre natural que em breve iria raspá-lo da Terra, como se jamais tivesse existido.

Esta manhã, apenas o amor por sua irmã, Agnes, dava-lhe a coragem para dirigir e se tornar o homem da torta.

Seis anos mais velho do que Agnes, Esaú vivia num dos dois apartamentos em cima da garagem grande que ficava separada e atrás da casa principal. Morava ali desde os 25 anos, quando deixara o mundo do trabalho. Tinha agora 36.

O irmão gêmeo de Esaú, Jacó, que jamais tivera um trabalho fixo, morava no segundo apartamento. Estava lá desde que se formara na escola secundária.

Agnes, que herdara a propriedade, teria recebido seus irmãos de braços abertos na casa principal. Embora ambos não se importassem em visitá-la para um jantar ocasional ou para sentar-se nas cadeiras de balanço na varanda, numa noite de verão, nenhum dos dois conseguiria viver naquele lugar sinistro.

Havia acontecido muita coisa naqueles aposentos. Estavam manchados com a história de sua família, e quando Esaú ou Jacó adormeciam debaixo do teto da varanda, o passado voltava em seus sonhos.

Esaú sempre ficava impressionado com a capacidade de Agnes em superar o passado e transcender tantos anos de tormento. Ela era capaz de ver a casa simplesmente como um abrigo, enquanto para os seus irmãos ela seria — seria sempre — o lugar onde seus espíritos tinham sido estilhaçados. Até mesmo viver próximo a esse lugar estaria fora de questão... caso eles tivessem emprego e opções.

Esta era uma das muitas coisas em Agnes que maravilhavam Esaú. Se ousasse fazer uma lista de todas as qualidades que admirava em sua irmã, afundaria em desespero ao ver o quanto ela lidava melhor com a adversidade que ele ou Jacó.

Quando Agnes pedira-lhe para entregar as tortas, antes que ela saísse com Joey para o hospital no dia anterior, Esaú sentira vontade de recusar a missão, mas aceitara-a sem hesitar. Estava preparado para sofrer todos os males que a natureza podia despejar sobre ele nesta vida, mas não estava preparado para ver decepção nos olhos da irmã.

Não que Agnes desse qualquer indicação de que seus irmãos eram qualquer coisa além de uma fonte de orgulho para ela. Ela tratava-os com respeito, ternura e amor... como se não conhecesse os seus defeitos.

Ela também tratava os dois igualmente, não favorecendo a nenhum... exceto na questão da entrega de tortas. Nas raras ocasiões em que ela própria não podia fazer essas rondas, e quando não tinha mais ninguém a quem recorrer senão a um de seus irmãos, Agnes sempre pedia a ajuda de Esaú.

Jacó assustava as pessoas. Ele era gêmeo idêntico de Esaú, com o mesmo rosto infantil e agradável, com a mesma fala macia, e sempre tão bem barbeado e penteado quanto o irmão. Apesar disso, na mesma missão de misericórdia que Esaú, Jacó deixaria os recebedores das tortas num estado de inquietude profunda, se não de horror. Depois que Jacó passava, as pessoas punham travas nas portas, carregavam suas armas quando as tinham, e passavam uma ou duas noites sem dormir.

Em decorrência disso, Esaú estava à solta na terra com tortas e suprimentos, seguindo uma lista de nomes e endereços oferecida por sua irmã, ainda que acreditasse que um terremoto violento e sem precedentes, o proverbial Grandão, começaria antes do jantar, talvez antes do meio-dia.

Este era o último dia de sua vida.

A bizarra barreira de relâmpagos, colocando um fim na chuva em lugar de iniciá-la, tinha sido um indício. A forma repentina como o céu havia se aberto — indicando um vento forte em altitudes elevadas, enquanto no nível do solo o ar permanecia parado —, uma queda súbita na umidade e um calor fora de época confirmavam a catástrofe vindoura.

Clima de terremoto. Os californianos do sul tinham muitas definições desse termo, mas Esaú sabia que estava certo desta vez. Os trovões iriam voltar logo, mas desta vez viriam de debaixo de seus pés.

Dirigindo defensivamente — agudamente alerta para a queda de postes telefônicos, desmoronamento de pontes, e não menos para o aparecimento abrupto na estrada de fissuras engolidoras de carros —, Esaú chegou ao primeiro endereço na lista de Agnes.

A modesta casa de madeira não recebia qualquer tipo de manutenção há muito tempo. Prateada por anos de sol insistente, madeira nua aparecia, como ossos escuros, em áreas onde a pintura havia descamado. No final de um caminho de acesso calçado em cascalho, uma maltratada picape Chevy mantinha-se sobre pneus carecas debaixo de um toldo ameaçando cair.

Aqui, na periferia leste de Bright Beach, no lado das colinas que não ofereciam qualquer vista do mar, o deserto incansável avançava quando os moradores não preveniam isso. Artemísias e vários tipos de moitas ocupavam o quintal dos fundos.

A tempestade recente havia soprado arbustos dos terrenos áridos. Havia uma profusão deles empilhada contra uma parede da casa.

Verde durante a estação de chuvas, o gramado, carecendo de um sistema de espargimento de água, ficaria marrom e seco de abril a novembro.

Mesmo nesta fase viçosa, ele tinha tanta erva daninha quanto grama.

Carregando uma das seis tortas de amoras, Esaú atravessou o jardim descuidado e galgou os degraus soltos da varanda da frente.

Esta não era uma casa que ele escolheria ocupar quando o terremoto do século abalasse a costa e aplainasse cidades poderosas. As instruções de Agnes, infelizmente, eram para que Esaú não largasse simplesmente os presentes e saísse correndo; ele precisava prestar a cada um dos destinatários uma pequena visita.

Jolene Klefton atendeu à batida na porta. A senhora de cinquenta e poucos anos vestia uma roupa de andar em casa muito remendada. Seus cabelos desganhados eram castanhos e opacos como as areias do Mojave.

Contudo, seu rosto era animado por uma profusão de sardas, e a voz era musical e calorosa. — Esaú, você está tão bonito quanto aquele cantor no programa do Lawrence Welk! Está mesmo! Vamos, entre! Enquanto Jolene dava um passo para o lado para deixá-lo entrar, Esaú disse: — Agnes e aquela mania dela de assar tortas. Desta vez fez tantas que a gente não aguenta nem mais o cheiro de torta de amora. Ela disse que você talvez não se importasse em ajudar a gente, ficando com uma.

— Obrigada, Esaú. Onde ela está esta manhã? Embora estivesse tentando esconder, Jolene estava desapontada — qualquer um ficaria — que fosse Esaú e não Agnes que estava à sua porta.

Ele não se sentia ofendido com isso.

— Ela teve o bebê ontem à noite — anunciou Esaú.

Com um grito juvenil de deleite, Jolene berrou para o seu marido, Bill, que não estava ali na sala de estar: — O bebê da Agnes nasceu! — Um menino — disse Esaú. — Ela batizou ele de Bartholomew.

— Um menino chamado Bartholomew! — gritou Jolene para Bill, e então ela obrigou Esaú a segui-la para a cozinha.

Do lado de fora, na caminhonete, havia caixas de provisões — um presunto defumado, comida enlatada — para os Kleftons. Esaú daria essas coisas mais tarde, fingindo ter decidido livrar-se delas de repente.

Segundo Agnes, trazer a torta feita em casa primeiro e sentar-se para jogar conversa fora fazia a entrega não parecer um ato de caridade, mas simplesmente uma visita a um amigo.

A cozinha era pequena, com utensílios antiquíssimos, mas era clara e limpa, e o ar recendia a canela e baunilha.

Bill também não estava aqui.

Jolene puxou uma cadeira da mesa da cozinha.

— Senta, senta! Ela guardou a torta num armário e trouxe três canecas para a mesa.

— Aposto que ele é um menino especial, um menino lindo, não é? — Ainda não vi o menino. Falei com a Agnes ao telefone hoje de manhã, e ela disse que ele é maravilhoso. E tem a cabeça cheia de cabelos.

— Nasceu cabeludo! — gritou Agnes para o marido enquanto ela enchia as canecas com café quente.

Do fundo da casa um tamborilar rítmico se aproximava: Bill, vindo até a cozinha.

— Ela disse que os olhos dele são especialmente bonitos. Esmeraldas e safiras, ela disse. Chama os olhos dele de “olhos de joalheria”.

— O menino tem olhos lindos! — Jolene gritou para Bill.

Enquanto Jolene trazia pratos e um bolo de café para a mesa, Bill chegou, impulsionando seu corpo para a frente com um par de bengalas grossas.

Ele também estava na casa dos cinquenta, mas parecia dez anos mais velho que a esposa. O tempo podia ser o culpado por seus cabelos brancos e ralos, mas seu rosto vermelho e inchado era consequência de doença e medicamentos.

A artrite reumática havia contorcido os seus quadris. Ele já devia ter trocado as bengalas por muletas ou um andador, mas o orgulho o impedia.

O orgulho também o mantivera em seu emprego durante muito tempo até a dor praticamente impedir que trabalhasse. Agora, desempregado há cinco anos, ele estava tentando, com sucesso cada vez menor, viver com a pensão por invalidez.

Bill deixou-se cair na cadeira e enganchou as bengalas nas costas dela.

Ele estendeu a mão direita para Esaú.

A mão era contorcida, os nós dos dedos inchados. Esaú apertou-a levemente, com medo de causar dor mesmo com um toque suave.

— Conte sobre o bebê — encorajou Bill. — Onde eles acharam esse nome... Bartholomew? — Não tenho certeza. — Esaú aceitou um prato com uma fatia de bolo de Jolene. — Até onde sei, não estava na lista de favoritos deles.

Ele não tinha muito o que dizer sobre o bebê, apenas o que Agnes contara. Ele já tinha relatado a maioria dos detalhes a Jolene.

Não obstante, ele contou tudo novamente. Na verdade, embelezou um pouco os fatos, falando devagar para estender o tempo do relato e esquivando-se da pergunta que o forçaria a compartilhar com eles as notícias ruins.

E aqui veio ela, de Bill: — E o Joey, estourando de orgulho? A boca de Esaú estava cheia, de modo que ele foi poupado da necessidade de dar uma resposta imediata. Mastigou até ter a impressão de que sua fatia de bolo estava tão dura quanto cartilagem, e quando percebeu que Jolene fitava-o com curiosidade, ele fez que sim com a cabeça, respondendo à pergunta de Bill.

Ele pagou por essa mentira, o aceno de cabeça, quando tentou engolir o bolo e não conseguiu. Com medo de engasgar, ele pegou sua caneca de café e fez a maçaroca teimosa descer com uma onda de líquido preto.

Ele não podia falar sobre Joey. Dar a notícia seria o mesmo que matar Joey, porque enquanto Esaú não contasse a alguém sobre o acidente, o seu cunhado não estaria realmente morto. As palavras tornavam as coisas reais.

Enquanto Esaú não proferisse as palavras, Joey estaria vivo de alguma maneira, pelo menos para Jolene e para Bill.

Este era um pensamento maluco. Irracional. Não obstante, as notícias sobre Joey estavam presas em sua garganta mais teimosamente que aquela maçaroca de bolo.

Ele mudou para um assunto com o qual sentia-se mais confortável: o dia do juízo final.

— Este clima parece de terremoto, não acham? Surpreso, Bill disse: — É um dia muito bonito, para janeiro.

— O terremoto do ano mil está atrasado — alertou Esaú.

— Ano mil? — disse Jolene, testa franzida.

— A falha de San Andreas deve gerar um terremoto de magnitude oito- ponto-cinco ou maior uma vez a cada mil anos, para aliviar a pressão. Ela está atrasada em centenas de anos.

— Bem, não vai acontecer no dia do nascimento do bebê de Agnes, garanto isso — disse Jolene.

— Ele nasceu ontem, não hoje — disse Esaú. — Quando o terremoto dos mil anos chegar, os arranha-céus virarão panquecas, as pontes cairão, as represas romperão. Em três minutos, um milhão de pessoas vai morrer entre San Diego e Santa Bárbara.

— Então é melhor eu comer mais bolo — disse Bill, empurrando seu prato para Jolene.

— Os oleodutos e os encanamentos de gás natural vão rachar e explodir.

Um mar de fogo vai lavar as cidades, matando mais centenas de milhares de pessoas.

— Você está prevendo isso porque a Mãe Natureza nos deu um delicioso dia quente em janeiro? — A Natureza não tem instintos maternos — disse Esaú baixo, mas com convicção. — Pensar o contrário é, no mínimo, sentimentalismo puro. A natureza é nossa inimiga. Ela é uma assassina violenta.

Jolene começou a encher novamente a caneca de café dele... e então mudou de ideia.

— Talvez você não esteja precisando de mais cafeína, Esaú.

— Você já ouviu falar do terremoto que destruiu setenta por cento de Tóquio e toda Yokohama em primeiro de setembro de mil novecentos e vinte e três? — E eles ainda tiveram energia suficiente para lutar contra a gente na Segunda Guerra Mundial — comentou Bill.

— Depois do terremoto, quarenta mil pessoas se refugiaram numa área aberta de oitenta hectares, um depósito militar — prosseguiu Esaú. — Um incêndio causado pelo terremoto se espalhou tão rápido pelo lugar que as pessoas morreram em pé, e tão próximas umas às outras que formaram uma massa sólida de cadáveres.

— Bem, nós temos terremotos aqui, mas lá no leste eles têm furacões — argumentou Jolene.

— Nosso teto novo resistiria a um furacão — disse Bill, apontando para cima. — Um bom trabalho. Diga a Agnes o quanto o trabalho ficou bom.

Depois de conseguir que fizessem o teto novo para eles a preço de custo, Agnes reunira doações de doze indivíduos e um grupo de igreja para pagar tudo, menos duzentos dólares.

— O furacão que atingiu Galveston, no Texas, lá em mil e novecentos, matou seis mil pessoas — disse Esaú. — Praticamente apagou o lugar do mapa.

— Isso foi há sessenta e cinco anos — disse Jolene.

— Há menos de um ano e meio o furacão Flora matou mais de seis mil no Caribe.

— Não viveria no Caribe nem se você me pagasse — disse Bill. — Toda aquela umidade. E os insetos! — Mas nada se compara à matança causada por um terremoto — concluiu Esaú. — O Grandão em Shaanxi, na China, matou oitocentas e trinta mil pessoas.

Bill não ficou impressionado.

— Eles fazem casas de lama na China. Não é de admirar que elas caiam.

— Isso foi em vinte e quatro de janeiro de mil quinhentos e cinquenta e seis — disse Esaú com autoridade, porque havia decorado dez mil fatos sobre os piores desastres naturais na História.

— Quinhentos e cinquenta e seis? — disse Bill. — Droga, vai ver na época os chineses não tinham nem lama.

Fortificando-se com mais café, Jolene disse: — Esaú, conta pra gente como o Joey está se sentindo, agora que é pai.

— Olhando para o seu relógio de pulso com alarme, Esaú pulou em pé.

— Olha só a hora! Agnes me mandou fazer um monte de coisas, e aqui estou eu, falando sobre terremotos e ciclones.

— Furacões — corrigiu Bill. — Eles são diferentes dos ciclones, não são? — Nem queira que eu comece a falar sobre ciclones.

Esaú saiu apressado da casa e entrou na caminhonete, para pegar as caixas de provisões.

O céu azul acima, agora sem nuvens, era o céu mais ameaçador que Esaú já tinha visto. O ar estava seco demais para logo depois de

uma tempestade. E parado. Tenso. Clima de terremoto. Antes que este dia memorável terminasse, grandes tremores e maremotos com ondas de 150 metros de altura iriam abalar e alagar a costa.

Capítulo 25

DOS SETE RECÉM-NASCIDOS, nenhum chorava. Tinham chegado há tão pouco tempo neste mundo que ainda não conheciam os motivos para ter medo.

Uma enfermeira e uma freira levaram Celestina até o berçário atrás da vitrine.

Ela se esforçou para aparentar calma, e deve ter conseguido, porque nenhuma das duas mulheres pareceu perceber que estava assustada quase ao ponto da paralisia. Ela se movia pesadamente, juntas duras, músculos tensos.

A enfermeira levantou o bebê de seu berço. Ela o deu à freira.

Aninhando o bebê nos braços, a enfermeira virou-se para Celestina, dobrando para trás um lençol fino, de modo a presenteá-la com uma boa olhada na menininha.

Sustendo a respiração, Celestina confirmou o que suspeitara sobre a criança desde o vislumbre que tivera dela na sala de cirurgia. A pele da menininha era café-com-leite, com um suave toque de caramelo.

Durante muitas gerações orgulhosas e pelo menos até a extensão dos primos em segundo grau, ninguém no lado da família de Celestina tinha a pele de cor tão pálida. Eles eram, sem exceção, da cor do mogno, muito mais escuros que esta menina.

O estuprador de Fimie devia ter sido um homem branco.

Alguém que ela havia conhecido. Alguém que Celestina também devia conhecer. Ele vivia em Spruce Hills ou nos arredores, porque até morrer Fimie ainda o considerava uma ameaça.

Celestina não tinha qualquer ilusão de que conseguiria bancar a detetive.

Ela jamais encontraria o filho da puta, e não tinha coragem de confrontá-lo.

Em todo caso, a coisa que a assustava não era o pai monstruoso desta criança. A coisa assustadora era a decisão que ela tomara há alguns minutos, no quarto vazio no sétimo andar do hospital.

O futuro inteiro de Celestina estaria em jogo se ela agisse conforme havia decidido agir. Aqui, na presença do bebê, dentro de um ou dos minutos, ela poderia mudar de ideia ou se comprometer a uma vida mais difícil e desafiadora do que qualquer uma que visualizara apenas nesta manhã.

— Posso? — perguntou, estendendo os braços.

Sem hesitar, a freira transferiu a criança para Celestina.

O bebê parecia leve demais para ser real. Pesava dois quilos e cinquenta gramas, porém parecia mais leve do que o ar, como se pudesse sair levitando dos braços de sua tia.

Celestina fitou o rosto pequeno e castanho, abrindo-se para a mágoa e o ódio com que tratara esta criança na sala de operação.

Se a freira ou a enfermeira tivessem sabido do ódio que Celestina sentira antes, jamais teriam permitido sua presença no berçário, e muito menos confiado a ela a criança recém-nascida.

Esta cria da violência. Esta assassina de sua irmã.

Ela procurou nos olhos da criança por algum sinal da maldade de seu pai.

As mãozinhas, tão fracas agora, mas que um dia seriam fortes: será que um dia seriam capazes de atos de selvageria, como as de seu pai tinham sido? Esta filha indesejada. Esta semente de um homem demoníaco a quem a própria Fimie chamara de perverso.

Ainda que dotada agora de uma aparência inocente, que dor ela poderia infligir a outros? Que pecados cometeria nos anos vindouros? Embora Celestina procurasse intensamente, ela não conseguia encontrar naquela criança um vestígio sequer da maldade do pai.

Em vez disso, ela via Fimie renascida.

Viu também uma criança em perigo. Em algum lugar lá fora havia um estuprador capaz de crueldade e violência extremas, um homem que — se Fimie estava correta — reagiria imprevisivelmente se algum dia viesse a saber sobre a existência de sua filha. Anjo, se esse realmente viesse a ser o seu nome, viveria sob uma ameaça tão certa quanto as das crianças de Belém, que haviam sido chacinadas por decreto do rei Herodes.

O bebê enroscou a mãozinha em torno do dedo indicador de sua tia. Tão pequena, tão frágil, a mão da menina apertava com tenacidade surpreendente.

Faça o que precisa ser feito.

Devolvendo a recém-nascida à freira, Celestina pediu por privacidade e um telefone.

Mais uma vez o escritório da assistente social. A chuva tamborilava suavemente na janela através da qual o Dr. Lipscomb fitara intensamente a neblina enquanto tentava aceitar a revelação feita por Fimie, falando com o conhecimento especial dos já-mortos.

Sentada à mesa, Celestina telefonou novamente para seus pais. Ela tremia incontrolavelmente, mas sua voz estava estável.

Sua mãe e seu pai usavam extensões diferentes, ambas em linha com ela.

— Quero que vocês adotem o bebê.— Antes que eles pudessem reagir, acrescentou: — Faltam ainda algumas semanas para eu fazer vinte e um anos, e mesmo depois disso terei dificuldade para adotar a menina, mesmo sendo tia dela, porque sou solteira. Mas se vocês a adotarem, irei criá-la.

Prometo que irei. Assumirei responsabilidade total. Vocês não precisam se preocupar, porque não vou me arrepender. Não vou jogar o bebê no colo de vocês e fugir da responsabilidade. A criança será o centro da minha vida daqui em diante. Entendo isso. Aceito isso. Abraço isso.

Ela temia que os pais discutissem com ela e, embora soubesse que tinha certeza de sua decisão, não queria ter sua determinação posta à prova tão cedo. Para surpresa dela, o pai de Celestina perguntou: — É a emoção falando, Celie, ou é tanto o cérebro quanto o coração? — Ambos. Cérebro e coração. Mas já pensei bem no assunto, papai.

Pensei sobre isso mais do que sobre qualquer outra coisa em minha vida.

— O que você não está nos dizendo? — pressionou a mãe dela, intuindo a existência de uma história maior, se não a natureza sobrenatural dessa história.

Celestina contou-lhes a respeito de Neila Lombardi e da mensagem que Fimie passou ao Dr. Lipscomb depois de ressuscitada. —

Fimie era... especial. Também há alguma coisa especial na filha dela — Lembre do pai — acautelou Grace. E o pastor acrescentou: — Isso mesmo, lembre dele. Se a criança for como o pai...

— Não acreditamos que seja, acreditamos, pai? Nós acreditamos que todos nascemos com esperança, sob um manto de misericórdia, não acreditamos?

— Sim — respondeu baixinho o pai. — Nós acreditamos.

Uma sirene na cidade aproximava-se do hospital St. Mary. Uma ambulância. Através de ruas cheias de esperança, sempre este lamento pelos moribundos.

Celestina levantou os olhos do tampo arranhado da mesa para o céu esbranquiçado pela neblina no outro da janela, da realidade para a promessa.

Contou a eles sobre o pedido de Fimie para que o bebê fosse chamado de Anjo.

— Ou Anja, porque é uma menina. Na hora, achei que ela não fosse capaz de pensar claramente por causa do derrame. Se o bebê ia ser adotado, a escolha do nome caberia aos pais adotivos. Mas acho que ela compreendia... ou de algum modo sabia... que eu ia querer fazer isso. Que eu precisaria fazer isso.

— Celie, sinto muito orgulho de você — disse Grace. — Eu a amo demais para querer isto. Mas como você vai conseguir prosseguir os seus estudos, o seu trabalho, e cuidar de um bebê? Os pais de Celestina não eram abastados. A igreja de seu pai era pequena e humilde. Eles não tinham como pagar as mensalidades da faculdade de arte, mas Celestina trabalhava como garçonete para pagar o aluguel de sua quitinete e outras necessidades.

— Não preciso me formar na primavera do ano que vem. Posso fazer menos matérias e me formar na primavera seguinte. Isso não é problema.

— Oh, Celie... Ela continuou: — Sou uma das melhores garçonetes que eles têm. Se eu me propuser a trabalhar apenas no turno do jantar, eles irão aceitar. As gorjetas são melhores na hora do jantar. E trabalhando em apenas um turno, de quatro e meia a cinco horas por dia, terei um horário regular.

— Nessas horas, quem vai ficar com o bebê?

— Babás. Amigas, parentes de amigas. Pessoas em quem posso confiar. Com as gorjetas da hora do jantar poderei pagar as babás.

— É melhor que nós a criemos, seu pai e eu.

— Não, mamãe. Isso não vai dar certo. A senhora sabe que não vai dar.

— Acho que está subestimando o meu rebanho, Celestina — disse o pai.

— Eles não ficarão escandalizados. Eles abrirão os seus corações.

— Não é só isso, papai. O senhor lembra, quando estávamos todos juntos, anteontem, como Fimie estava com medo desse homem. Não apenas por si mesma... pelo bebê.

Não posso ter o bebê aqui. Ele vai ficar furioso se descobrir que estou com o bebê dele. Sei que vai.

— Ele não faria mal à menininha — argumentou Grace. — Não teria nenhum motivo para isso.

— Se ele é mau e insano, então não precisa de motivo. Acho que Fimie estava convencida de que ele iria matar o bebê. E como não sabemos quem é esse homem, precisamos confiar nos instintos dela.

— Se ele é esse monstro, então se descobrir sobre o bebê talvez você também corra perigo, mesmo aí em San Francisco — disse Grace, a voz carregada de preocupação.

— Ele nunca vai saber. Precisamos garantir que não fique sabendo nunca. Os pais de Celestina mergulharam num silêncio contemplativo.

Do canto da mesa, Celestina pegou uma fotografia emoldurada da assistente social e sua família. Marido, esposa, filha, filho. A menininha sorria tímida em meio aos abraços. O menino tinha cara de arteiro.

Neste retrato, ela via uma coragem indescritível. Criar uma família neste mundo turbulento era um ato de fé, uma aposta de que haverá um futuro, que o amor pode durar, que o coração pode triunfar contra todas as adversidades e mesmo o tempo.

— Grace, o que você quer fazer? — perguntou o pastor.

— Você está assumindo uma responsabilidade muito forte, Celie — alertou a mãe.

— Eu sei.

— Minha querida, uma coisa é amar sua irmã, mas há um mundo de diferença entre isso e ser uma mártir.

— Segurei o bebê de Fimie, mamãe. Segurei a menininha nos meus braços. O que senti não foi sentimentalismo barato.

— Você fala como se estivesse tão segura.

— E quando ela não esteve, desde os três anos de idade? — disse o pastor, a voz carregada de afeto.

— Quero ser a guardiã deste bebê — disse Celestina. — Quero mantê-lo em segurança. Esta menininha é especial. Mas não sou mártir. Terei muitas alegrias com isso, já estou tendo só de pensar. Estou assustada, é claro.

Meu Deus, como estou assustada. Mas também estou feliz.

— Cérebro e coração? — perguntou novamente o pai.

— As duas coisas — confirmou.

— Mas vou fazer pé firme numa coisa — disse Grace. — Ficarei aí com você durante alguns meses no começo, para ajudá-la até você estar organizada, até pegar o ritmo da coisa.

Ficou acertado assim. Embora estivesse sentada numa cadeira, Celestina sentia-se diante de uma encruzilhada entre sua vida antiga e sua vida nova, entre o que o futuro poderia ser e o que o futuro iria ser.

Ela não estava preparada para criar um bebê, mas iria aprender tudo que era preciso.

Os ancestrais de Celestina tinham sido escravos, e sobre os seus ombros, sobre os ombros de gerações, ela agora era livre. Os sacrifícios que faria por esta criança não poderiam ser chamados de sacrifícios, não à luz dura da História. Em comparação com as coisas que outros tinham sofrido, isto era moleza. Gerações não haviam lutado para que ela fugisse ao dever quando ele se apresentava. Isto dizia respeito a honra e família. Dizia respeito à vida, e todos viviam suas vidas à sombra de alguma obrigação solene.

Da mesma forma, não estava preparada para lidar com um monstro como o pai de Anja, se algum dia ele aparecesse. E ele iria aparecer. Ela sabia disso. Nesses eventos, como em todas as coisas, Celestina White vislumbrava um padrão, complexo e misterioso, e aos

olhos de um artista a simetria do desenho requeria que um dia o pai fosse procurar a criança.

Não estava preparada para lidar com esse calhorda agora, mas estaria quando ele chegasse.

Capítulo 26

DEPOIS DE PASSAR POR EXAMES para a detecção de tumores cerebrais ou lesões, para aferir se o ataque de vômito poderia ter uma causa física, Júnior retornou ao quarto de hospital um pouco antes do meio-dia.

Mal havia se deitado novamente quando viu, com um arrepio, Thomas Vanadium parado no vão da porta.

— Suco de maçã, gelatina de limão e quatro bolachas — disse o detetive. — Você pode não ter uma consciência que o faça confessar, mas talvez esta dieta quebre a sua força de vontade. Enoch, posso garantir que a boia em qualquer cadeia do Oregon é bem melhor.

— Qual é o seu problema? — inquiriu Júnior.

Como se não tivesse entendido o caráter insultuoso da pergunta, e o fato de que ela requeria uma resposta, Vanadium caminhou até a janela e levantou a persiana, admitindo uma luz solar tão poderosa que por um instante Júnior não enxergou direito o interior do quarto.

— Está fazendo um tempo tipo “Sunshine Cake” — anunciou Vanadium. — Lembra daquela música, “Sunshine Cake”, Enoch? Do James Van Heusen, um puta compositor? Não é a melodia mais famosa dele. Ele também compôs “All the Way” e “Call Me Irresponsible”. “Come Fly With Me” também era dele. “Sunshine Cake” é uma música menor, mas muito bonita.

Todo esse papo furado tinha saído no jeito de falar patenteado do detetive. A voz de Vanadium era tão inexpressiva quanto a sua cara achatada.

— Por favor, feche isso — pediu Júnior. — Está claro demais.

Dando as costas para a janela, aproximando-se da cama, Vanadium disse: — Tenho certeza de que você preferiria a escuridão,

mas preciso de um pouco de luz para ver a sua expressão quando lhe contar a novidade.

Embora soubesse que jogar com Vanadium era perigoso, Júnior não resistiu a perguntar: — Que novidade? — Vai beber o seu suco de maçã? — Que novidade? — O laboratório não encontrou nenhuma ipeca no seu vômito.

— Nenhuma o quê? — perguntou Júnior, porque ele fingira dormir enquanto Vanadium e o Dr. Parkhurst haviam falado sobre a ipeca na noite anterior.

— Nenhuma ipeca, nenhum outro emético, e nenhum tipo de veneno.

Agora ele não tinha mais motivos para suspeitar de Naomi. Júnior ficou aliviado em saber que o tempo breve e bonito que eles haviam passado juntos agora não seria obscurecido pela chance de Naomi ter sido uma piranha envenenadora de maridos.

— Sei que você induziu o vômito de alguma maneira — disse o detetive.

— Mas parece que agora não vou conseguir provar isso.

— Escute aqui, detetive, essas insinuações doentias de que tive alguma relação com a morte da minha...

Vanadium levantou a mão como se para calá-lo e falou: — Poupe-me dessa indignação fingida. Além disso, não estou insinuando nada. Estou acusando-o diretamente de assassinato. Você estava comendo outra mulher, Enoch? Essa foi a sua motivação? — Isto é nojento.

— Para ser honesto... e sou sempre honesto com você... não encontrei nenhum indício de outra mulher. Já falei com muita gente, e todo mundo pensa que você e Naomi eram fiéis um ao outro.

— Eu a amava.

— Sim, você disse isso, e já admiti que até pode ser verdade. O seu suco de maçã está ficando quente.

Segundo Caesar Zedd, ninguém pode ser forte até aprender como sempre ser calmo. A força e o poder provêm do autocontrole perfeito, e o autocontrole perfeito provém da paz interior. A paz interior, segundo Zedd, é principalmente uma questão de respiração

profunda e ritmada combinada com um foco determinado não no passado, ou mesmo no presente, mas no futuro.

Em sua cama, Júnior fechou os olhos e respirou lenta, profundamente.

Concentrou seus pensamentos em Victória Bressler, a enfermeira que o aguardava ansiosamente para agradá-lo em dias vindouros.

— Na verdade, vim mesmo foi pegar a minha moeda.

Júnior abriu os olhos mas continuou a respirar apropriadamente para manter a calma. Ele tentou imaginar como seriam os seios de Victória quando livres de toda a contenção.

Parado perto da extremidade da cama num terno azul de caimento horroroso, Vanadium parecia a obra de um artista excêntrico que desenhara um troglodita vestido com roupas do século XX.

Com o detetive corpulento avultando sobre ele, Júnior não era capaz de colocar sua imaginação num clima erótico. No olho de sua mente, o busto amplo de Victória permaneceu oculto por trás de um uniforme branco engomado.

— Quando você precisa viver com o que a polícia paga, cada centavo conta — disse Vanadium.

Magicamente, uma moeda de 25 cents apareceu na mão direita dele, entre o dedão e o indicador.

Essa não podia ser a moeda que ele deixara com Júnior na noite anterior.

Isso era impossível.

Durante o dia inteiro, por motivos que ele não poderia colocar em palavras, Júnior carregara aquela moeda num bolso de seu roupão de banho. De vez em quando ele havia pego a moeda para examiná-la.

Depois que retornara de seus exames, ele deitara na cama sem despir o robe fino de tecido de hospital. Ainda o usava sobre o pijama.

Vanadium não podia conhecer o paradeiro da moeda. Além disso, mesmo quando colocara a bandeja sobre o colo de Júnior, o detetive não estivera perto o bastante para vasculhar o bolso do robe.

Este era um teste do nível de ingenuidade de Júnior, e ele não daria a Vanadium a satisfação de procurar a moeda no bolso.

— Vou prestar queixa sobre você — prometeu Júnior.

— Na minha próxima visita trago o formulário apropriado.

Vanadium jogou a moeda no ar e imediatamente estendeu os braços, palmas para cima para mostrar que suas mãos estavam vazias.

Júnior tinha visto a moeda de prata ser propelida pelo dedão do policial e rodopiar no ar. Agora ela tinha sumido, como se houvesse desaparecido em pleno ar.

Por um instante, sua atenção tinha sido distraída pela apresentação das mãos vazias de Vanadium. Não obstante, não havia como o tira pudesse ter agarrado a moeda no ar.

Ainda assim, se não tivesse sido capturada, a moeda teria caído no chão.

Júnior teria ouvido o metal tilintar no sinteco. Mas não ouviu.

Rápido como o bote de uma serpente, Vanadium estava muito mais perto da cama do que estivera ao jogar a moeda; agora estava ao lado de Júnior, inclinado sobre a cama.

— Naomi estava grávida de seis semanas.

— O quê? — Foi essa a novidade que mencionei. A coisa mais interessante no laudo da autópsia.

Júnior pensara que a novidade tinha sido a conclusão do laboratório de que não havia ipeca em seu vômito. Tudo aquilo fora uma distração.

Aqueles olhos afiados e cinzentos como agulhas pregaram Júnior na cama, alfinetando-o para estudo.

Aqui, agora, veio o sorriso de sucuri.

— Vocês brigaram por causa do bebê, Enoch? Talvez ela quisesse e você não. Homens como você... um bebê atrapalharia o seu estilo de vida.

Responsabilidade demais.

— Eu... eu não sabia.

— Os testes de sangue revelarão se a criança era sua ou não. Isso também pode explicar toda esta história.

— Eu ia ser pai — disse Júnior, genuinamente perplexo.

— Será que achei o seu motivo, Enoch? Estarrecido e assustado com a insensibilidade do policial, Júnior disse: — Você simplesmente joga uma notícia dessas em cima de mim? Eu perdi minha esposa e o meu filho. Minha esposa e o meu filho.

— A sua ilusão de tormento é tão boa quanto a minha ilusão da moeda.

Lágrimas esguicharam de Júnior, torrentes ácidas, um mar salgado de dor que borrou a sua visão e banhou seu rosto em salmoura.

— Saia daqui, seu filho da puta — exigiu, a voz simultaneamente trêmula de tristeza e distorcida por raiva pura. — Saia daqui, saia daqui agora Enquanto caminhava até a porta, o detetive disse: — Não esqueça do suco de maçã. Você vai precisar de força no julgamento.

Júnior descobriu mais lágrimas do que poderia ter achado em dez mil cebolas. A sua esposa e o seu filho em gestação. Ele estivera disposto a sacrificar a sua amada Naomi, mas talvez tivesse considerado o custo muito alto se tivesse sabido que também estava sacrificando o seu primogênito. Isto era demais. Ele estava arrasado.

Não mais de um minuto após Vanadium ter saído uma enfermeira chegou apressada, decerto enviada pelo maldito policial. Olhando-a através de suas lágrimas, ele não podia saber se ela era gostosa. Talvez tivesse uma cara bonita. Mas o corpo era magro demais.

Preocupada com a possibilidade de que o choro compulsivo de Júnior acionasse espasmos dos músculos abdominais e, conseqüentemente, mais um ataque de vômito hemorrágico, a enfermeira trouxe um tranquilizante. Ela mandou que ele engolisse a pílula junto com o suco de maçã.

Júnior teria preferido tomar um béquer inteiro de ácido carbólico do que tocar o suco, porque a bandeja com o almoço fora trazida por Thomas Vanadium. Aquele tira maníaco, determinado a pegar o seu homem por bem ou por mal, seria capaz de recorrer a envenenamento se achasse os instrumentos usuais da lei inadequados para a tarefa.

Por insistência de Júnior, a enfermeira serviu um copo de água da garrafa que ficava na mesinha-de-cabeceira. Em momento algum Vanadium se aproximara da garrafa.

Depois de algum tempo, o tranquilizante e as técnicas de relaxamento ensinadas por Caesar Zedd restauraram o autocontrole de Júnior.

A enfermeira permaneceu com ele até a tempestade de lágrimas passar.

Estava claro que ele não iria sucumbir a nenhuma crise emética nervosa aguda.

Ela prometeu trazer suco de maçã fresco depois que ele reclamou que o que lhe fora servido antes estava com um gosto estranho.

Sozinho, calmo novamente, Júnior foi capaz de aplicar o que era basicamente a raiz da filosofia de Zedd: sempre veja o lado bom das coisas.

Qualquer que fosse a severidade de um problema, qualquer que fosse a violência de um golpe, você sempre podia descobrir um lado bom se procurasse com afinco. A chave para a felicidade, o sucesso e a saúde mental era basicamente ignorar a negatividade, negar seu poder sobre você, e encontrar motivos para celebrar cada acontecimento em sua vida, incluindo a catástrofe mais cruel, descobrindo o lado bom até mesmo na hora mais sombria. Neste caso, o lado bom era danado de bom. Tendo perdido tanto uma mulher belíssima quanto uma criança ainda em gestação, Júnior conquistaria a simpatia — a piedade, o amor — de qualquer júri diante do qual o estado esperasse defender-se contra um processo de assassinato culposo.

Antes ele ficara surpreso com a visita de Knacker, Hisscus e Nork. Ele tinha achado que não veria aquele tipo de gente tão cedo; e então teria esperado não mais do que um único advogado oferecendo uma proposta de acordo modesta.

Agora ele compreendia por que eles tinham estado com tanta pena dele, e tão dispostos a compensá-lo por seu infortúnio. O legista os havia informado, antes da polícia, que Naomi morrera grávida, e eles tinham reconhecido a vulnerabilidade extrema do estado.

A enfermeira retornou com suco de maçã fresco, gelado e doce.

Júnior bebericou lentamente. Quando alcançou o fundo do copo, ele já tinha chegado à conclusão inquestionável de que Naomi estivera escondendo a gravidez.

Nas seis semanas desde a concepção, ela devia ter perdido ao menos um período menstrual. Ela não havia reclamado de enjoos

matinal, mas certamente havia sentido. Era altamente improvável que ela não estivesse ciente de sua condição.

Ele nunca havia expressado oposição contra iniciar uma família. Ela não tinha qualquer motivo para temer contar a ele que estava carregando seu filho.

Lamentavelmente, ele não tinha escolha senão concluir que ela não havia se decidido se deveria ter o bebê ou procurar um aborto ilegal sem a aprovação de Júnior. Ela estivera considerando raspar a criança de seu útero sem sequer contar a ele.

Este insulto, este ultraje, esta traição, deixou Júnior estarecido.

Inevitavelmente, acabou se perguntando se Naomi não estivera mantendo a gravidez em segredo por suspeitar que a criança não fosse de seu marido.

Se os exames de sangue revelassem que Júnior não era o pai, Vanadium teria um motivo. Não seria o motivo certo, porque Júnior realmente não soubera que sua esposa estivera grávida ou que ela talvez estivesse trepando com outro homem. Mas o detetive seria capaz de vender isso a um promotor, e o promotor convenceria pelo menos alguns jurados.

Naomi, sua piranha burra e infiel.

Ele queria ardentemente que não a tivesse matado com uma rapidez tão misericordiosa. Se a tivesse torturado primeiro, agora poderia consolar-se com a memória de seu sofrimento.

Durante algum tempo, procurou o lado bom. Não conseguiu encontrá-lo.

Comeu a gelatina de limão. As bolachas.

Depois de algum tempo, Júnior lembrou da moeda de 25 cents. Enfiou a mão no bolso direito do robe de algodão fino, mas não achou a moeda. Era como se ela jamais tivesse estado lá. O bolso esquerdo também estava vazio.

Capítulo 27

WALTER PANGLO, o único papa-defuntos de Bright Beach, era um homenzinho adorável que gostava de cuidar do jardim quando não

se achava plantando gente morta. Ele cultivava rosas de competição e dava-as em grandes buques aos enfermos, aos jovens apaixonados, à bibliotecária em seu aniversário, às balconistas que lhe eram atenciosas.

Sua esposa, Dorotéia, simplesmente o adorava, e não apenas porque ele aceitara a sogra de oitenta anos em sua casa e a tratava como se ela fosse ao mesmo tempo uma duquesa e uma santa. Ele era igualmente generoso com os pobres, enterrando seus mortos a preço de custo, mas com o máximo de dignidade.

Jacó Isaacson — o irmão gêmeo de Esaú — não sabia nada negativo a respeito de Panglo, mas não confiava nele. Se o papa-defuntos fosse pego arrancando dentes de ouro dos mortos e entalhando símbolos satânicos em suas nádegas, Jacó diria “faz sentido”. Se Panglo tivesse salvo garrafas de sangue contaminado de cadáveres doentes, e se um dia saísse correndo pela cidade, esguichando o líquido nos rostos de cidadãos inocentes, Jacó não teria nem mesmo soerguido a sobancelha em sinal de surpresa.

Jacó não confiava em ninguém além de Agnes e Esaú. Ele havia confiado também em Joey Lampion, mas apenas depois de anos de observação cautelosa. Agora Joey estava morto, e o seu cadáver se achava na câmara de embalsamamento da Funerária Panglo.

No momento, Jacó estava bem longe da câmara de embalsamamento e pretendia jamais entrar ali, vivo. Tendo Walter Panglo como seu guia, ele estava escolhendo um caixão na sala de planejamento funerário.

Ele queria a caixa mais cara para Joey; mas Joey, um homem modesto e prudente, teria desaprovado isso. Em vez disso, selecionou um caixão bonito, mas sem adornos, apenas um pouco acima do preço mediano.

Profundamente deprimido por estar planejando o funeral de um homem tão jovem quanto Joey Lampion, de quem ele muito gostava e admirava, Panglo parou para expressar seu choque e para murmurar palavras de conforto, mais para si mesmo que para Jacó, cada vez que uma decisão era tomada. Com a mão no caixão escolhido, ele disse: — É inacreditável. Um acidente de carro, e no mesmo dia em que o filho dele nasceu. Triste. Terrivelmente triste.

— Não é tão inacreditável — disse Jacó. — Quarenta e cinco mil pessoas morrem por ano em acidentes de carro. Carros não são meios de transporte. São máquinas de morte. Dezenas de milhares ficam desfigurados, aleijados até o fim de suas vidas.

Enquanto Esaú temia a ira da natureza, Jacó sabia que a verdadeira mão do destino era a mão da humanidade.

— Não que os trens sejam melhores. Tome por exemplo a colisão em Bakersfield, em 1960. O Santa Fe Chief, saído de San Francisco, se chocou com um velho caminhão-tanque. Dezesete pessoas esmagadas, queimadas num rio de fogo.

Jacó temia o que os homens podiam fazer com machetes, facas, revólveres, bombas e com as mãos nuas. Mas o que mais o preocupava eram as mortes acidentais provocadas pela humanidade com seus instrumentos, máquinas e estruturas criados para aumentar a qualidade de vida.

— Cinquenta morreram em Londres em 1957, quando dois trens colidiram. E cento e vinte foram esmagados, rasgados, aleijados em 1952, também na Inglaterra.

Cenho franzido, Panglo olhou para Jacó e disse: — Você tem razão, é terrível, mas muitas coisas terríveis acontecem.

Não sei por que trens...

— É tudo a mesma coisa. Carros, trens, navios, tudo igual — insistiu Jacó. — Lembra do Toya Maru?. Um barco japonês que emborcou em setembro de 1954? Cento e sessenta e oito pessoas mortas. Ou pior ainda, em 1948, na Manchúria, quando a caldeira de um navio mercante chinês explodiu. Meu Deus, seis mil pessoas morreram. Seis mil pessoas, num único navio! Durante a hora seguinte, enquanto Walter Panglo guiava Jacó através do planejamento do funeral, este recontou os mesmos detalhes sórdidos dos numerosos acidentes de avião, afundamentos de navios, colisões de trens, desastres em minas de carvão, desmoronamentos de represas, incêndios de hotéis, incêndios em clubes noturnos, explosões em oleodutos, explosões em fábricas de munições...

Na hora em que todos os detalhes do funeral finalmente tinham sido acertados, Walter Panglo exibia um tique nervoso na face esquerda. Seus olhos estavam arregalados, como se tivessem se mantido

sem piscar durante tanto tempo que as pálpebras paralisaram, travadas num espasmo de surpresa. Suas mãos estavam úmidas; ele as enxugava repetidamente no paletó de seu terno.

Ciente da tensão do papa-defuntos, Jacó estava convencido de que sua desconfiança inicial de Panglo tinha sido justificada. Este sujeitinho parecia esconder alguma coisa. Jacó não precisava ser um policial para reconhecer o nervosismo que nascia da culpa.

Na porta da frente da funerária, enquanto Panglo mostrava-lhe a saída, Jacó se aproximou mais dele e disse: — Joey Lampion não tinha nenhum dente de ouro. — Panglo pareceu não entender. Provavelmente estava fingindo.

Em vez de comentar o histórico dentário do falecido, o pequeno papa-defuntos proferiu algumas palavras de conforto, e quando colocou a mão sobre o seu ombro, Jacó estremeceu ao sentir o seu toque.

Confuso, Panglo estendeu a mão direita, mas Jacó disse: — Desculpe, não quero ofender, mas não aperto a mão de ninguém.

— Bem, certamente eu entendo — disse Panglo, abaixando a mão, embora claramente não entendesse nada.

— É apenas porque a gente nunca sabe onde a mão da outra pessoa esteve recentemente — explicou Jacó. — Aquele banqueiro respeitável no fim da rua pode ter trinta mulheres desmembradas enterradas no quintal dos fundos. A sua vizinha, apesar de ser uma beata muito simpática, pode estar dormindo na mesma cama que o cadáver podre de um amante que tentou lhe dar um belo chute na bunda. A mesma mulher talvez tenha como passatempo fazer joias com os ossos dos dedos de criancinhas que ela torturou e assassinou.

Panglo julgou que suas mãos estariam mais seguras se ele as enfiasse nos bolsos das calças.

— Tenho centenas de recortes de casos como esses — disse Jacó. — Alguns são bem piores. Se estiver interessado, posso xerocar alguns pra você.

— Bondade sua, mas tenho pouco tempo para ler, muito pouco tempo — balbuciou Panglo.

Ainda que relutante em deixar o corpo de Joey com esse papa-defuntos estranhamente saltitante, Jacó atravessou a varanda da casa

funerária em estilo vitoriano e saiu sem olhar para trás. Caminhou um quilômetro e meio até a sua casa, prestando bastante atenção no trânsito, principalmente nos cruzamentos.

O acesso ao seu apartamento, sobre a garagem grande, era através de uma escada exterior. O espaço era dividido em dois quartos. O primeiro era uma combinação de sala de estar e quitinete, com uma mesa de jantar de canto com lugar para duas pessoas. Adiante ficava um quarto pequeno com banheiro adjacente.

A maioria das paredes, em ambos os cômodos, era coberta por prateleiras de livros e armários de arquivo. Ali ele guardava incontáveis casos de acidentes, desastres causados pelo homem, assassinos seriais, assassinos eventuais: provas inegáveis de que a humanidade era uma espécie decadente engajada tanto na destruição não-intencional quanto na destruição calculada de si mesma.

No quarto de dormir muito bem arrumado, Jacó tirou os sapatos.

Espreguiçando-se na cama, ele olhou para o teto, sentindo-se inútil.

Agnes enviuvada. Bartholomew nascido sem pai.

Terrível, terrível.

Jacó não sabia como conseguiria olhar para Agnes quando ela voltasse do hospital para casa. A tristeza nos olhos dela vararia o seu coração com a mesma violência que uma faca.

O otimismo constante de Agnes, seu entusiasmo, que ela mantivera miraculosamente durante tantos anos difíceis, não sobreviveria a isto. Ela não mais seria uma rocha de esperança para ele e para Esaú. Não havia nenhuma esperança no futuro deles.

Talvez ele desse sorte. Talvez um avião caísse do céu neste exato instante, bem aqui, obliterando-o num estalar de dedos.

Eles viviam longe demais da rodovia mais próxima. Ele não podia esperar que um trem descarrilado atravessasse a garagem.

Por outro lado, a temperatura no apartamento era mantida alta por um aquecedor a gás. Um vazamento, uma centelha, uma explosão, e ele jamais teria de ver a pobre Agnes em sua dor.

Depois de algum tempo, quando nenhum avião caiu sobre ele, Jacó se levantou e caminhou até a cozinha. Ali ele bateu a massa de um

dos doces favoritos de Agnes: biscoitos de chocolate com nozes e passas.

Ele se considerava um homem absolutamente inútil, ocupando espaço num mundo ao qual não contribuía com nada, mas ao menos tinha um talento para cozinhar. Ele podia pegar qualquer receita, até uma de um mestre-cuca de prestígio internacional, e melhorá-la.

Quando estava cozinhando, o mundo parecia um lugar menos perigoso.

Às vezes, fazendo um bolo, ele esquecia de sentir medo.

O forno a gás poderia explodir em seu rosto, finalmente trazendo-lhe paz, mas se não o fizesse, ele ao menos teria alguns biscoitos para dar a Agnes.

Capítulo 28

UM POUCO ANTES DAS treze horas os hackachaks chegaram furiosos, olhos cheios de intenção sanguinária, dentes expostos, vozes estridentes.

Júnior aguardava essas criaturas singulares, e ele precisava que elas fossem tão monstruosas quanto sempre tinham sido no passado. Ainda assim, afundou no seu travesseiro quando elas irromperam pela porta do quarto de hospital. Seus rostos eram ferozes como os de canibais pintados antes de um banquete. Eles gesticulavam sinergicamente, cuspidos expletivos junto com pedacinhos de comida desalojados de seus dentes pela força de seus gritos.

Rudy Hackachak — Rudy Grandão para os íntimos — media 1,85m e tinha as feições rudes de uma escultura em madeira esculpida com o machado de um lenhador. Num terno de poliéster verde com mangas curtas demais, uma lamentável camisa amarela-mijo e uma gravata que poderia ser a bandeira nacional de um país do Terceiro Mundo famoso apenas por sua carência de senso de moda, ele parecia o monstro do dr. Frankenstein arrumado para uma noite de arromba na Transilvânia.

— Por acaso perdeu a cabeça, seu cabrito alpinista? — perguntou Rudy, agarrando o corrimão da cama como se quisesse

arrancá-lo e usá-lo para bater no seu genro.

Se Rudy Grandão era o pai de Naomi, ele não devia ter contribuído com um gene sequer para ela, devendo ter fertilizado o ovo de sua mulher por choque, usando apenas sua voz ribombante num berro orgástico, porque nada em Naomi — nem a aparência nem a personalidade — fazia lembrar dele.

Sheena Hackachak, aos 44 anos, era mais bonita do que qualquer estrela de cinema atual. Ela parecia vinte anos mais jovem do que a sua idade verdadeira, e lembrava tanto a filha falecida que Júnior sentiu-se tomado por uma nostalgia erótica ao vê-la.

As similitudes entre Naomi e sua mãe terminavam com a aparência.

Sheena era agitada, grossa, egoísta, e tinha o vocabulário de uma dona de bordel especializada em atender a marujos com a síndrome de Tourette.

Ela caminhou até a cama, espremendo Júnior entre ela e Rudy Grandão.

O fluxo de invectivas obscenas saindo de Sheena causou em Júnior a impressão de ter sido atingido pelo jorro de uma mangueira de alta pressão.

Ao pé da cama estava a terceira e última Hackachak: Kaitlin, de 24 anos, a irmã mais velha de Naomi. Kaitlin era a irmã desafortunada, tendo herdado a aparência do pai e a soma das personalidades dos progenitores.

Um peculiar tom de cobre avivava seus olhos castanhos; sob um certo tipo de luz, seu olhar raivoso podia lançar um lampejo vermelho como sangue.

Kaitlin tinha a voz estridente e o talento para vitupérios que a marcavam como um membro da tribo Hackachak, mas por ora estava satisfeita em deixar o ataque vocal por conta dos pais. Contudo, o olhar com que ela perfurava Júnior, caso fosse direcionado contra uma formação rochosa proeminente, extrairia óleo da terra numa questão de minutos.

Eles não tinham vindo compartilhar sua dor com Júnior no dia anterior, se é que tinham alguma para compartilhar.

Eles não haviam sido muito íntimos de Naomi, que certa vez dissera que se sentia como Rômulo e Remo, criada por lobos, ou como Tarzan, se ele tivesse caído nas mãos de gorilas maus. Para Júnior, Naomi havia sido a própria Cinderela, boa e adorável, e ele o príncipe encantado que a resgatara.

Os Hackachaks tinham sido trazidos ao hospital pela notícia de que Júnior declarara não querer lucrar com a queda trágica de sua esposa. Eles sabiam que ele havia dispensado Knacker, Hisscus e Nork.

As chances dos pais de Naomi em ser indenizados por sua dor e sofrimento com a morte da filha seriam comprometidas se o genro não responsabilizasse o governo municipal ou estadual. Nesta situação, mais do que em qualquer outra, eles sentiam a necessidade de se manterem unidos como uma família.

No instante em que empurrara Naomi para a balaustrada podre, Júnior previra esta visita de Rudy, Sheena e Kaitlin. Ele sabia que poderia fingir ficar ofendido com a oferta do condado e do estado em atribuir um valor a sua perda, poderia fingir repulsa a isso, poderia resistir de forma convincente... e pouco a pouco, depois de dias ou semanas de luta, relutantemente permitir que os infatigáveis Hackachaks transformassem-no em cúmplice de sua ganância.

Quando a feroz família de sua falecida esposa finalmente conseguisse seu intento, Júnior já teria conquistado a simpatia de Knacker, Hisscus, Nork e todo mundo que ainda tivesse qualquer dúvida sobre o seu papel na morte de Naomi. Talvez até Thomas Vanadium parasse de suspeitar dele.

Gritando como pássaros carnicheiros esperando que seu jantar ferido morresse, por duas vezes os Hackachaks receberam alertas severos das enfermeiras, mandando que falassem baixo e respeitassem os pacientes nos quartos vizinhos.

Mais de duas vezes, enfermeiras preocupadas — e até um médico residente — penetraram no quarto tumultuado para checar o estado de Júnior. Perguntaram se ele realmente estava se sentindo em condições de receber visitas, estas visitas.

— Eles são toda a família que tenho — disse Júnior, com o que ele esperava ser um tom de tristeza e amor sofrido.

A alegação não era verdadeira. O pai de Júnior, artista obscuro e alcoólatra de renome, vivia em Santa Mônica, Califórnia. A mãe de Júnior, divorciada quando ele tinha apenas quatro anos, estava internada num hospício há doze anos. Ele raramente os via. Não tinha contado a Naomi sobre eles. Nenhum de seus pais abrilhantava currículos.

Depois que a última enfermeira preocupada se retirou, Sheena se curvou sobre Júnior. Ela cruelmente apertou a bochecha de Júnior entre o dedão e o indicador, como se quisesse arrancar um naco de carne e comê-lo.

— Você tem merda na cabeça? Vê se entende uma coisa, seu babaca: eu perdi uma filha, uma filha preciosa, minha Naomi, a luz da minha vida.

Kaitlin olhou para a mãe como se tivesse sido traída.

— Há vinte anos a Naomi saiu do meu forno, não do seu — prosseguiu Sheena num sussurro feroz. — Se tem alguém sofrendo aqui sou eu, não você. Quem você é, afinal de contas? Um cretino que estava trepando com ela há uns dois anos, é apenas isso que você é. Eu sou a mãe dela. Você nunca vai conhecer a minha dor. Esta família vai fazer aqueles safados pagarem uma grana alta, e se você não ficar ao nosso lado, eu mesma vou cortar os seus colhões e dar eles pro meu gato comer.

— Você não tem um gato.

— Vou comprar um — prometeu Sheena.

Júnior sabia que ela cumpriria a ameaça. Mesmo se não quisesse o dinheiro — e ele queria —, Júnior jamais ousaria opor-se a Sheena.

Até Rudy, imenso como o Pé-Grande e amoral como uma hiena, tinha medo dessa mulher.

Aquelas três imitações baratas de seres humanos eram loucas por dinheiro. Rudy era o proprietário de uma loja de carros usados muito bem-sucedida e de — o seu orgulho — uma franquía da Ford na qual vendia veículos novos e usados, em cinco comunidades do Oregon. Mas gostava de viver à larga; ele também visitava Vegas quatro vezes por ano, largando dinheiro por lá com a facilidade de quem esvazia a bexiga. Sheena também adorava Vegas, e era viciada em compras. Kaitlin

gostava de homens, homens bonitos, mas como podia ser confundida com o pai num quarto mal iluminado, ela pagava por seus garanhões.

Em dado momento no final da tarde, enquanto os três Hackachaks estavam despejando escárnio e impropérios sobre Júnior, ele notou Vanadium parado no vão da porta, observando. Perfeito. Ele fingiu não ver o tira, e na vez em que arriscou uma olhada, descobriu que Vanadium havia sumido como uma aparição.

Durante o dia e depois de uma pausa para o jantar os Hackachaks persistiram. O hospital jamais havia testemunhado um espetáculo como aquele. Turnos mudaram, e novas enfermeiras vieram cuidar de Júnior em números maiores que o necessário, usando qualquer desculpa para dar uma olhada naquele espetáculo de aberrações.

Quando a família foi convidada a se retirar, protestando, ao fim do horário de visitas, Júnior não havia sucumbido à pressão. Se quisesse que sua conversão fosse convincentemente relutante, ele teria de resistir a eles pelo menos durante mais alguns dias.

Finalmente a sós, ele estava exausto. Física, emocional e intelectualmente.

O assassinato em si havia sido fácil, mas os seus efeitos eram mais estressantes do que havia previsto. Embora o acordo com o governo, quando finalmente o fizesse, decerto o deixasse financeiramente seguro para o resto de sua vida, o estresse era tão grande que, em seus piores momentos, ele se perguntava se a recompensa valeria o risco.

Decidiu que jamais mataria novamente de forma tão impetuosa. Jamais.

Na verdade, jurou jamais matar novamente, exceto para se defender. Em breve ficaria rico — com muito a perder caso fosse capturado. O homicídio era uma aventura maravilhosa; infelizmente, era um entretenimento pelo qual não mais podia pagar.

Se soubesse que iria quebrar esse juramento solene duas vezes antes do mês terminar — e que nenhuma das vítimas, infelizmente, seria um Hackachak —, Júnior não teria adormecido tão facilmente. E não teria tido um sonho no qual roubava matreiramente centenas de

moedinhas dos bolsos de Vanadium, enquanto o detetive procurava-as em vão.

Capítulo 29

NESTA MANHÃ DE SEGUNDA-FEIRA, muito acima do túmulo de Joey Lampion, o céu translucidamente azul da califórnia derramava uma chuva de luz tão pura e clara que o mundo parecia ter sido lavado de todas as suas manchas.

Uma multidão havia prestado suas últimas homenagens a Lampion durante a missa na igreja de St. Thomas, ficando em pé ombro a ombro no fundo da nave, através da nave e por toda a calçada no lado de fora, e agora todos pareciam ter vindo também ao cemitério.

Assistida por Esaú e Jacó, Agnes — sentada numa cadeira de rodas — era empurrada através da grama, entre as lápides, até o local final de descanso de seu esposo. Embora não corresse mais risco de nova hemorragia, ela estava sob ordens médicas para evitar esforço.

Bartholomew estava em seus braços. O bebê não estava muito coberto, porque o tempo era quente para a época.

Agnes não teria sido capaz de suportar aquela provação sem o bebê. Este pequeno peso em seus braços era uma âncora jogada no mar do futuro, impedindo Agnes de vagar de volta para lembranças de dias passados, tantos dias bons com Joey, lembranças que, neste momento crítico, atingiriam o seu coração como golpes de martelo. Mais tarde eles iriam confortá-la. Não ainda.

O montículo de terra ao lado da sepultura fora disfarçado por pilhas de flores e folhas de samambaia. O caixão suspenso era franjado com pano preto para ocultar a sepultura boquiaberta debaixo dele.

Embora fosse uma mulher religiosa, Agnes no momento não era capaz de espalhar as flores da fé sobre a realidade dura e feia da morte. Ela quase podia ver o esqueleto embuçado da morte ali, espalhando suas sementes entre todos os amigos reunidos de Agnes, para um dia colhê-las.

Empurrando a cadeira de rodas, Esaú e Jacó passavam menos tempo observando o serviço funerário do que estudando o céu. Ambos

olhavam preocupados para aquele firmamento azul e sem nuvens como se estivessem vendo relâmpagos.

Agnes supunha que Jacó estivesse tremendo em antecipação à queda de um avião de passageiros ou pelo menos um monoplane. Esaú devia estar calculando as chances de que este lugar sereno — a esta hora específica — fosse o ponto de impacto de um daqueles asteroides matadores de planetas aos quais se atribuía a extinção da maior parte da vida na Terra a intervalos de algumas centenas de milhares de anos.

Depois do serviço fúnebre, entre aqueles que foram falar com Agnes ao lado da sepultura, tentando expressar o inexprimível, estava Paul Damascus, o proprietário da Farmácia Damascus na Ocean Avenue. De família oriunda do Oriente Médio, ele tinha uma compleição olivácea e, incrivelmente, cabelos ruivos. Com suas sobrancelhas, cílios e bigode vermelhos, seu rosto bonito parecia o de uma estátua de bronze com uma patina curiosa.

Paul apoiou-se sobre um joelho ao lado da cadeira de rodas.

— Este dia marcante, Agnes. Este dia marcante, com todos os seus começos. Hum? Ele disse isso como se tivesse certeza de que Agnes entenderia o significado de suas palavras, como se eles fossem membros de uma sociedade secreta na qual essas três palavras repetidas fossem um código, incorporando um significado complexo além daquele que era aparente aos não-iniciados.

Antes que Agnes fosse capaz de responder, Paul se empertigou e saiu.

Outros amigos se ajoelharam, se agacharam, se curvaram para ela, e Agnes perdeu de vista o farmacêutico enquanto ele se movia através da multidão que se dispersava.

Este dia marcante, Agnes. Este dia marcante, com todos os seus começos.

Que coisa estranha para se dizer.

Agnes viu-se tomada por uma sensação de mistério, enervante mas não inteiramente desagradável.

Um arrepio correu o corpo de Agnes, e Esaú, achando que ela sentia frio, despiu o paletó de seu terno e o pôs nos ombros de sua irmã.



Nesta manhã de segunda-feira, o tempo no Oregon estava sombrio, com as barrigas negras das nuvens de chuva vagando baixas sobre o cemitério.

Era uma despedida triste para Naomi, mesmo que a chuva ainda não estivesse caindo.

De pé diante da sepultura, Júnior mostrava-se mal-humorado. Estava cansado de fingir luto.

Três dias e meio haviam se passado desde que empurrara sua esposa da torre, e nesse tempo ele não havia realmente se divertido. Era gregário por natureza, o tipo que jamais recusava um convite para uma festa. Ele gostava de rir, de amar, de viver, mas não podia desfrutar a vida quando precisava lembrar a cada segundo que devia aparentar pesar e manter a voz pesada de tristeza.

Pior ainda, para tornar crível a sua dor e evitar suspeitas, ele teria ainda de interpretar o viúvo devastado durante mais algumas semanas, talvez durante até um mês. Como um seguidor dedicado dos conselhos de aperfeiçoamento pessoal do dr. Caesar Zedd, Júnior era impaciente com aqueles que eram regidos pelo sentimentalismo e pelas expectativas da sociedade, e agora precisava fingir ser um deles... e por um período de tempo interminável.

Sendo incrivelmente sensível, ele havia lamentado a perda de Naomi com seu corpo inteiro, com uma crise violenta de vômito, sangramento faríngeo e incontinência. Sua dor havia sido tão profunda que poderia tê-lo matado. Agora já bastava.

Apenas um pequeno grupo de conhecidos havia comparecido a este funeral. Júnior e Naomi tinham sido tão intensamente envolvidos um com o outro que, ao contrário de muitos casais jovens, fizeram poucos amigos.

Os Hackachaks estavam presentes, é claro. Júnior ainda não concordara em se juntar a eles em sua busca por dinheiro sangrento. Eles iriam lhe dar pouca privacidade ou descanso até que obtivessem o que queriam.

O terno azul de Rudy, como sempre, estava apertado contra o seu corpo desengonçado. Aqui no cemitério, ele não parecia ser apenas um homem com um alfaiate ruim, mas um ladrão de sepulturas que roubava as roupas dos mortos.

Tendo o cenário de monumentos de granito às suas costas, Kaitlin parecia uma morta-viva que se levantara de uma caixa podre para vingar-se dos vivos.

Rudy e Kaitlin olhavam frequentemente para Júnior, e Sheena provavelmente também o perfurava com o olhar, mas ele não podia ver seus olhos através do véu negro. Incrivelmente atraente em seu vestido negro apertado, essa mãe enlutada já devia estar arrependida por ter decidido usar o véu; desde que o serviço fúnebre começara a se revelar interminável, ela vinha levantando o pano diante de seus olhos para poder olhar as horas.

Júnior pretendia ceder aos Hackachaks ainda hoje, numa reunião com a família e os amigos. Rudy organizara um bufe no showroom de sua nova concessionária Ford, que ele manteria fechada para negócios até as três da tarde.

As lamentações, o almoço e as reminiscências sobre a falecida seriam compartilhados entre Thunderbirds, Galaxies e Mustangs reluzindo de novos. Esse evento proporcionaria a Júnior as testemunhas de que ele precisava para sua concessão relutante, lacrimosa e até zangada ao materialismo insistente dos Hackachaks.

Em outro lugar no cemitério, a cerca de 140 metros, outro enterro — com um número bem maior de participantes — começara antes deste por Naomi. Agora ele tinha acabado, e as pessoas estavam se dispersando até seus carros.

Com a visão prejudicada pela distância e obstruída por árvores, Júnior não conseguiu descobrir muita coisa sobre o outro funeral, mas tinha certeza absoluta de que a maior parte daquela gente era negra. Assim, concluiu que a pessoa sendo enterrada também devia ser negra.

Isso o surpreendeu. Obviamente, o Oregon não era o interior do Sul. Era um estado progressista. Não obstante, ficou surpreso. O Oregon não era o lar de muitos negros, apenas um punhado em comparação com outros estados, e mesmo assim até agora Júnior supunha que eles tivessem seus próprios cemitérios.

Não tinha nada contra os negros. Não queria mal a eles e nem era preconceituoso. Viva e deixe viver. Ele acreditava que enquanto permanecessem com os seus e seguissem as regras de uma sociedade educada, como todo mundo mais, eles tinham o direito de viver em paz.

Contudo, a sepultura dessa pessoa de cor ficava num terreno mais elevado que a de Naomi. Com o tempo, à medida que o cadáver de lá se decompusesse, seus sucos iriam se misturar com o solo. Quando a chuva saturasse o solo, o escoamento subterrâneo carregaria esses sucos diretamente ladeira abaixo, até que eles penetrassem na sepultura de Naomi e se misturassem aos restos dela. Júnior julgou isso altamente impróprio.

Nada podia fazer quanto a isso agora. Fazer o corpo de Naomi ser removido para outra sepultura, para um cemitério sem negros, causaria muito falatório. Ele não queria atrair mais atenção para si.

Contudo, decidiu consultar um advogado a respeito de um testamento — e logo. Ele queria especificar que deveria ser cremado e que suas cinzas deveriam ser depositadas num daqueles muros memoriais, bem acima do nível do solo, onde nada vazaria para elas.

Apenas um membro do enterro distante não se dispersou na direção da fileira de carros na rua de acesso ao cemitério. Um homem num terno escuro desceu a colina, entre as lápides e os monumentos, diretamente na direção da sepultura de Naomi.

Júnior não conseguia imaginar por que algum negro desconhecido desejaria invadir o seu grupo. Ele torceu para que isso não acabasse em algum tipo de problema.

O pastor tinha terminado. A missa fúnebre estava acabada. Ninguém aproximou-se de Júnior para prestar-lhe condolências, porque iriam revê-lo em breve, no bufe da concessionária Ford.

Agora reconheceu que o homem que vinha do outro enterro não era negro nem desconhecido. O detetive Thomas Vanadium era suficientemente irritante para ser um Hackachak honorário.

Júnior considerou sair antes que Vanadium — ainda a setenta metros de distância — chegasse. Mas decidiu não fazê-lo, por medo de aparentar estar fugindo.

O diretor funerário e seu assistente eram as únicas pessoas, além de Júnior, que continuavam diante da sepultura. Eles perguntaram

a Júnior se podiam baixar o caixão ou se deveriam esperar até que ele fosse embora.

Júnior deu sua permissão para que prosseguissem.

Os dois homens soltaram e enrolaram para cima a saia verde que pendia da moldura retangular na qual o caixão estava suspenso. Verde, no lugar de preto, porque Naomi adorava a natureza: Júnior fora bem consciencioso nos detalhes sobre o funeral.

Agora o buraco foi revelado. Paredes de terra úmidas. À sombra do caixão, o fundo da sepultura estava escuro, escondido.

Vanadium chegou e parou ao lado de Júnior. Seu terno preto era barato, mas tinha um caimento melhor do que o de Rudy.

O detetive segurava uma única rosa branca de talo comprido.

Duas manivelas operavam o cabrestante. O papa-defuntos e seu assistente giraram as manivelas em uníssonos, e enquanto o mecanismo rangia baixinho, o caixão desceu lentamente para o buraco.

Finalmente Vanadium disse: — Segundo o laudo do laboratório, o bebê que ela estava carregando era quase certamente seu.

Júnior não disse nada. Ele ainda estava aborrecido com Naomi por ter escondido a gravidez, mas estava deliciado em saber que o bebê teria sido dele. Agora Vanadium não podia alegar que a infidelidade de Naomi e o bastardo resultante tinham sido o motivo para o assassinato.

Embora essas notícias tenham agradado Júnior, também o entristeceram.

Ele não estava enterrando apenas uma esposa adorável, mas também o seu primeiro filho. Ele estava enterrando a sua família.

Recusando-se a dar ao tira a satisfação de responder à notícia sobre a paternidade do feto, Júnior manteve-se com o olhar fixo na sepultura enquanto dizia: — Veio ao funeral de quem? — Da filha de um amigo. Eles disseram que ela morreu num acidente de trânsito em San Francisco. Ela era ainda mais nova do que Naomi.

— Trágico. Ter a sua corda cortada tão cedo. Ter a sua música interrompida prematuramente — disse Júnior, sentindo-se confiante o bastante para servir um prato da teoria sobre a vida do detetive de volta para ele. — Há um desafino no universo agora, detetive. Ninguém pode saber como as vibrações desse desafino irão afetar a você, a mim, a todos nós.

Contendo um sorriso, fingindo uma solenidade respeitosa, ele ousou olhar para Vanadium, mas o detetive fitava o túmulo de Naomi como se não tivesse ouvido o comentário — ou, tendo ouvido, não tivesse percebido que se tratava de um escárnio.

Então Júnior viu o sangue na manga direita da camisa de Vanadium.

Também havia sangue gotejando de sua mão.

Os espinhos não tinham sido cortados do talo longo da rosa branca.

Vanadium apertava o talo com tanta força que os espinhos pontudos tinham perfurado a sua palma carnuda. Ele parecia não ter percebido seus ferimentos.

Súbita e seriamente assustado, Júnior quis afastar-se desse caso de hospício. Ao mesmo tempo, estava congelado por um fascínio mórbido.

— Este dia marcante parece cheio de finais terríveis — disse Thomas Vanadium em voz baixa, ainda olhando a sepultura. — Mas, como todo dia, ele está na verdade cheio apenas de começos.

Com um baque sólido, o belo caixão de Naomi atingiu o fundo do buraco. Para Júnior isto parecia um fim, com toda certeza.

— Este dia marcante — murmurou o detetive.

Decidindo que não precisava falar por último, Júnior caminhou até a saída do cemitério e o seu Suburban.

As barrigas pendulares das nuvens intumescidas por chuva não estavam mais escuras do que quando ele entrara no cemitério, porém pareciam mais ameaçadoras agora.

Quando alcançou o Suburban, Júnior olhou para trás, na direção da sepultura. O papa-defuntos e o seu assistente tinham praticamente acabado de dismantelar a moldura do cabrestante. Logo um coveiro viria fechar o buraco.

Enquanto Júnior observava, Vanadium estendeu o braço direito sobre a cova aberta. Ele deixou cair a rosa, que sumiu dentro da terra boquiaberta, caindo sobre o caixão de Naomi.



Nesta noite de segunda-feira, com Fimie e o sol já tendo viajado para a escuridão, Celestina sentou-se para jantar com a mãe e a família na sala de jantar da paróquia.

Os outros membros da família, amigos e paroquianos já tinham ido embora. Um silêncio sobrenatural enchia a casa.

Antes esta casa tinha sido sempre cheia de amor e candura; e ainda era, embora, de tempos em tempos, Celestina sentisse um arrepio que não podia ser atribuído a uma corrente de ar. Antes esta casa jamais parecera vazia, mas agora fora invadida por um vazio profundo... o vácuo deixado por sua irmã morta.

De manhã ela iria retornar a San Francisco com a mãe. E estava relutante em deixar o pai para adaptar-se sozinho a este vazio.

Ainda assim, eles não podiam demorar. O bebê em breve receberia alta do hospital, assim que fosse curado de uma infecção sem gravidade. Agora que Grace e o pastor tinham obtido custódia temporária pendendo à adoção, preparativos precisavam ser feitos para que Celestina pudesse cumprir seu compromisso de criar a criança.

Como de costume, o jantar foi à luz de velas. Os pais de Celestina eram românticos. Além disso, acreditavam que um jantar gracioso exercia um efeito civilizatório nas crianças, mesmo se a refeição consistisse de um simples bolo de carne.

Eles não se incluíam entre os batistas que não bebiam álcool, mas serviam vinho apenas em ocasiões especiais. No primeiro jantar depois de um funeral, depois das orações e das lágrimas, a tradição da família requeria um brinde aos falecidos amados. Uma única taça. Merlot.

Nesta ocasião, as velas bruxuleantes contribuía não para um clima romântico, não para um mero ambiente civilizado, mas para um silêncio reverente.

Com graça lenta e cerimoniosa, o pai abriu a garrafa e serviu três porções. Suas mãos tremiam.

Reflexos das chamas das velas douravam as formas curvas dos copos de cabo longo.

Eles estavam reunidos a uma extremidade da sala de jantar. O vinho púrpura e escuro brilhou com lampejos rubros quando Celestina

ergueu a sua taça.

O pastor fez o primeiro brinde, falando tão baixo que suas palavras trêmulas pareceram brotar do coração e da mente de Celestina, em vez de simplesmente cair em seus ouvidos.

— À gentil Fimie, que está com Deus.

— À minha doce Fimie... que nunca morrerá — disse Grace.

Agora o brinde ideal ocorreu a Celestina: — A Fimie, que ficará comigo em memória a cada hora do dia para o resto de minha vida, até que ela esteja de novo realmente comigo. E a... a este dia marcante.

— A este dia marcante — repetiram seu pai e sua mãe.

O vinho parecia amargo, mas Celestina sabia que ele estava doce. A amargura estava nela, não no legado da uva.

Tinha a impressão de que havia falhado para com a irmã. Ela não sabia o que mais poderia ser feito, mas se ela tivesse sido mais inteligente, perceptiva e atenta, com toda certeza esta perda terrível não teria acontecido.

Que bem ela poderia levar aos outros com sua arte, se não havia conseguido sequer salvar sua irmãzinha? As chamas das velas borraram-se em manchas brilhantes, e os rostos de seus pais agora estavam bruxuleantes como as feições de anjos em sonhos.

— Sei o que está pensando — disse a mãe, esticando o braço sobre a mesa para colocar a mão sobre a de Celestina. — Sei como você se sente inútil, como se sente pequena. Mas precisa lembrar de uma coisa...

O pai de Celestina gentilmente fechou uma de suas mãos grandes sobre as delas.

Grace, provando-se mais uma vez merecedora de seu nome, disse a coisa com mais chances de, com o tempo, oferecer paz verdadeira a Celestina: — Lembre de Bartholomew.

Capítulo 30

A CHUVA QUE AMEAÇARA lavar o funeral matutino acabara enxaguando a tarde, mas à noite o céu do Oregon estava limpo e seco. De horizonte a horizonte espalhava-se uma infinidade de estrelas geladas e no centro delas pendia uma lua crescente, reluzente como aço.

Logo depois das dez da manhã, Júnior voltou ao cemitério e deixou o seu Suburban onde os negros tinham estacionado durante o dia. O seu veículo era o único na estrada de acesso ao cemitério.

A curiosidade levara-o até ali. Curiosidade e um talento para a autopreservação. Na manhã daquele dia, Vanadium não viera ao enterro da esposa de Júnior para se despedir dela. Ele jamais conhecera Naomi.

Vanadium viera como um policial, a negócios. Talvez também tivesse estado no outro funeral a negócios.

Depois de seguir o caminho asfaltado por quinze metros, Júnior continuou colina abaixo através do gramado cortado rente, entre as lápides.

Ligou a lanterna e caminhou a passos cautelosos; o solo era irregular e, em alguns lugares, continuava lamacento e escorregadio por causa da chuva.

O silêncio nesta cidade dos mortos era completo. A noite permanecia muda, sem que o vento gerasse sequer um sussurro nos galhos das árvores mantendo vigília atenta sobre gerações de ossos.

Quando ele localizou a sepultura nova, aproximadamente onde calculara que estaria, ficou surpreso em encontrar uma lápide de granito negro já instalada, e não uma placa temporária pintada com o nome da pessoa falecida. Este memorial era modesto, nem grande nem complicado em seu desenho. Ainda assim, em geral os escultores neste ramo terminavam seu trabalho dias depois dos papa-defuntos, porque

as pedras às quais eles aplicavam sua arte requeriam mais labor e menos pressa do que os corpos frios que repousavam debaixo delas.

Júnior presumiu que a moça morta viera de uma família proeminente na comunidade negra, o que explicaria o serviço acelerado do escultor.

Vanadium, segundo suas próprias palavras, era amigo da família; portanto, o pai provavelmente era agente de polícia.

Júnior aproximou-se da lápide por trás, circulou-a e lançou a luz da lanterna sobre os fatos cinzelados em pedra: ... amada filha e irmã... Serafina Aetionema White. Estarrecido, Júnior desligou a lanterna. Sentia-se nu, exposto, flagrado.

Em meio à escuridão fria, sua respiração saía em baforadas visíveis, realçadas pelo luar. Caso houvesse testemunhas presentes, a rapidez e a profusão de suas exalações radiantes o teriam marcado como culpado.

Ele não havia matado esta, é claro. Um acidente de carro. Não fora isso que Vanadium dissera? Dez meses antes, após uma cirurgia do tendão devido a uma lesão na perna, Serafina fora uma paciente ambulatorial no hospital de reabilitação no qual Júnior trabalhava. Fazia fisioterapia três dias por semana.

Inicialmente, quando lhe disseram que a sua paciente era negra, Júnior relutara em servi-la como fisioterapeuta. O programa de reabilitação da moça requeria exercícios complexos para restaurar a flexibilidade e ganhar força no membro afetado, mas seria preciso aplicar também um pouco de massagem, o que o deixava desconfortável.

Ele não tinha nada contra homens ou mulheres de cor. Viva e deixe viver. Uma terra, um povo. Todas essas coisas.

Por outro lado, um indivíduo precisava acreditar em alguma coisa.

Júnior não queria entupir a cabeça com bobagens supersticiosas ou se permitir ser contido pelas visões de uma sociedade burguesa ou por seus conceitos de certo e errado, bem e mal. Com Zedd, Júnior aprendera que ele era o único mestre de seu próprio universo. A realização pessoal através da auto-estima era a sua doutrina; liberdade total e prazer sem culpa eram as recompensas da adesão fiel aos seus

princípios. Aquilo no que acreditava — a única coisa pela qual vivia — era Caim Júnior, e nisto ele era um crente ardoroso, devoto de si mesmo. Consequentemente, conforme Caesar Zedd explicara, quando um homem tinha clareza de pensamento suficiente para expurgar todas as fés falsas e regras inibidoras que confundiam a humanidade, quando esse homem era suficientemente iluminado para acreditar apenas em si próprio, ele seria capaz de confiar em seus instintos, porque estaria livre da visão tóxica da sociedade e garantiria a conquista do sucesso e da felicidade se sempre seguisse esses impulsos.

Instintivamente, Caim Júnior sabia que não devia aplicar massagens em negros. Ele sentia que de algum modo seria física ou moralmente poluído por esse contato.

Não seria fácil recusar essa incumbência. Aguardava-se que no final daquele ano o presidente Lyndon Johnson, com forte apoio tanto dos republicanos quanto dos democratas, assinasse a Lei dos Direitos Civis de. Assim, no momento era perigoso para os crentes na primazia do eu expressarem seus instintos saudáveis, que poderiam ser interpretados equivocadamente como preconceito racial. Ele poderia ser demitido.

Felizmente, quando estava prestes a declarar seus instintos ao seu superior e assim correr o risco de ser demitido, Júnior viu a sua paciente potencial. Aos quinze anos, Serafina era dotada de uma beleza estonteante, ao seu próprio modo tão bela quanto Naomi, e o instinto lhe disse que as chances de ser física ou moralmente poluído por ela eram insignificantes.

Como todas as mulheres que passaram a puberdade deste lado da sepultura, ela se sentiu atraída por ele. Ela jamais lhe disse isso, não em palavras, mas ele detectou essa atração na forma como ela o olhava, no tom que usava quando proferia o seu nome. Durante três semanas de terapia, Serafina revelou várias provas pequenas, mas significativas, de seu desejo.

Durante a última consulta da garota, Júnior descobriu que ela estaria sozinha em casa naquela mesma noite; seus pais tinham um compromisso ao qual ela não precisava comparecer. Ela pareceu revelar isso inadvertidamente, de modo quase inocente; contudo, Júnior era um

verdadeiro cão de caça no que dizia respeito a farejar sedução, a despeito da sutileza do odor.

Mais tarde, quando ele apareceu à porta, ela fingiu surpresa e inquietude.

Ele compreendeu que, como tantas mulheres, Serafina queria aquilo, pedia aquilo — mas não possuía em sua auto-imagem espaço para acomodar a verdade de que era agressiva sexualmente. Ela queria pensar em si mesma como tão tímida, recatada, virginal e inocente quanto a filha de um pastor deveria ser — o que significava que para conseguir o que queria ela precisava que Júnior fosse um bruto. E Júnior teria satisfação em atender à sua vontade.

Acabou descobrindo que Serafina era virgem. Isso excitou Júnior.

Também se sentiu excitado com a perspectiva de deflorá-la na casa de seus pais — e pelo fato irônico de que a casa era uma paróquia.

Melhor ainda, ele teve a oportunidade de possuir a garota ao acompanhamento da voz de seu pai, o que era ainda mais excitante do que simplesmente fazer isso na paróquia. Quando Júnior tocara a campainha, Serafina estivera em seu quarto, ouvindo uma gravação em fita de um sermão que seu pai estava escrevendo. O bom pastor costumava ditar um primeiro tratamento, que em seguida era transcrito pela filha. Durante três horas, Júnior serviu-se da menina, ao ritmo da voz de seu pai. A "presença" do reverendo era deliciosamente perversa e estimulante ao senso de invenção erótica de Júnior. Quando Júnior acabou, não havia nada sexual que Serafina pudesse aprender com um homem que não tivesse aprendido com ele.

Ela lutou, chorou, fingiu nojo, fez de conta que sentia vergonha, jurou que poria a polícia atrás dele. Outro homem, não um leitor de mulheres tão habilidoso quanto Júnior, poderia ter pensado que a resistência da mocinha era genuína, que suas acusações de estupro eram sinceras. Qualquer outro homem teria recuado, mas Júnior não se sentiu intimidado ou confuso.

Depois de saciada, o que a mocinha desejava era uma razão para se iludir de que não era uma vagabunda, e sim uma vítima. Ela não queria realmente contar a ninguém o que Júnior fizera com ela. Em vez disso, estava lhe pedindo, indireta mas inequivocamente, que lhe desse

uma desculpa para manter seu encontro apaixonado em segredo, uma desculpa que lhe permitisse continuar fingindo que ela não lhe implorara para fazer tudo aquilo com ela.

Como genuinamente gostava de mulheres e sempre queria agradá-las, sempre sendo discreto e cavalheiresco, Júnior fez o que ela queria, desfiando um relato vívido da vingança hedionda que realizaria se um dia Serafina contasse a alguém o que ele fizera com ela. Vlad o Empalador, a inspiração histórica para o Drácula de Bram Stoker — obrigado, Clube do Livro —, não teria imaginado torturas e mutilações mais sangrentas ou horríveis que aquelas que Júnior prometeu realizar quando visitasse o reverendo, sua esposa e a própria Serafina. Fingir aterrorizar a garota excitou-o, e ele foi perceptivo o bastante para ver que ela estava igualmente excitada, fingindo terror.

Acrescentou verossimilitude às ameaças concluindo com alguns socos violentos em locais onde as marcas não apareceriam, nos seios e na barriga. Então voltou para casa, para Naomi, com quem na época estava casado há menos de cinco meses.

Para sua surpresa, quando Naomi expressou um interesse em romance, Júnior foi um touro novamente. Ele tinha pensado que havia deixado o melhor de seu material na paróquia do reverendo Harrison White.

Ele amava Naomi, é claro, e jamais podia negar-se a ela. Embora tenha sido especialmente carinhoso com a esposa naquela noite, se tivesse sabido que eles teriam menos de um ano juntos antes que o destino a arrancasse dele, Júnior teria sido ainda mais amoroso.

Parado diante da sepultura de Serafina, a respiração de Júnior saía em baforadas de fumaça, como se ele fosse um dragão. Ele se perguntou se a garota havia falado.

Talvez, relutante em admitir a si mesma que desejara que Júnior fizesse tudo que ele fizera, ela tivesse sido lentamente inflamada pela culpa, até conseguir convencer a si própria de que, de fato, havia sido estuprada.

Putinha psicótica.

Será que isto explicava por que Thomas Vanadium era a única pessoa que suspeitava de Júnior? Se o detetive acreditava que Serafina tinha sido violentada, seu desejo natural por vingar a filha de seu amigo

poderia motivá-lo a cometer o assédio implacável que Júnior suportava já há quatro dias.

Mas, pensando melhor... não. Se Serafina tivesse dito a alguém que havia sido estuprada, a polícia teria batido na porta de Júnior numa questão de minutos, com um mandado para a sua prisão. Não importaria se não tivessem provas. Nesta era de simpatia exacerbada pelos previamente oprimidos, a palavra de uma adolescente negra teria mais peso do que a ficha limpa, a boa reputação e as negações sinceras de Júnior.

Vanadium certamente não tinha ciência de nenhuma conexão entre Júnior e Serafina White. E agora a garota jamais conseguiria falar.

Júnior lembrou as palavras que o detetive havia usado: Eles disseram que ela morreu num acidente trágico.

Eles disseram...

Como sempre, Vanadium falara num tom monótono, sem colocar nenhuma ênfase especial nessas duas palavras. Ainda assim, Júnior sentia que o detetive nutria dúvidas sobre a explicação da morte da garota.

Talvez toda morte acidental fosse suspeita para Vanadium. Sua perseguição obsessiva a Júnior talvez fosse seu procedimento operacional padrão. Depois de muitos anos investigando homicídios, depois de muita experiência sobre o mal humano, talvez ele tivesse se tornado misantropo e paranoico.

Júnior quase sentia pena desse detetive triste, gordo e atormentado, enlouquecido por anos de serviço público árduo.

Era fácil ver o lado bom. Se a reputação de Vanadium entre os outros policiais e entre os promotores era a de um paranoico, um perseguidor patético de perpetradores fantasmas, sua crença infundada de que Naomi fora assassinada não seria considerada. E se cada morte era suspeita para ele, então rapidamente perderia interesse em Júnior e seguiria um novo entusiasmo, atormentando algum outro pobre coitado.

Supondo que esse novo entusiasmo fosse uma tentativa em descobrir algo sujo no acidente de Serafina, então essa garota prestaria um serviço a Júnior mesmo depois de morta. A Júnior não importava se

o tal acidente de trânsito tivesse sido realmente um acidente; ele não tivera nenhuma relação com ele.

Pouco a pouco, Júnior ficou calmo. Suas longas baforadas de respiração diminuíram para nuvenzinhas diáfanas que evaporavam a três centímetros de seus lábios.

Lendo as datas na lápide, ele viu que a filha do pastor morrera em sete de janeiro, um dia depois que Naomi caíra da torre de incêndio. Se algum dia lhe perguntassem, Júnior não teria o menor problema em provar onde estava nesse dia.

Ele desligou a lanterna e por um momento ficou parado de pé, solene, prestando seus respeitos a Serafina. Ela tinha sido tão bonita, tão inocente, tão fresca, tão belissimamente proporcionada.

Cordas de tristeza amarraram seu coração, mas ele não chorou. Se o relacionamento deles não tivesse sido limitado a uma única noite de paixão, se não pertencessem a mundos diferentes, se ela não tivesse sido menor de idade e portanto uma chave de cadeia, eles podiam ter tido um romance aberto, e então sua morte teria tocado Júnior mais profundamente.

Uma crescente espectral de luz pálida brilhou no granito preto.

Júnior olhou da lápide para a lua. Sobre a sua cabeça, uma cimitarra prateada e afiada suspensa por um filamento mais fino que um fio de cabelo humano.

Embora fosse apenas a lua, ela o enervou.

De repente a noite parecia... ter olhos.

Sem usar sua lanterna, dependendo exclusivamente da lua, ele ascendeu através do cemitério até a estrada de acesso.

Quando alcançou o Suburban e fechou a mão direita em torno da maçaneta na porta do motorista, sentiu uma coisa peculiar contra a sua palma, um objeto pequeno e frio equilibrado ali.

Assustado, recolheu a mão. O objeto caiu, tilintando levemente no pavimento. Ele acendeu a lanterna. Em meio ao fecho de luz, sobre o asfalto, um disco prateado. Como uma lua cheia num céu noturno. Uma moeda de 25 cents.

A moeda, certamente. Aquela que não havia estado no bolso do seu robe quando deveria, na sexta-feira passada.

Ele perscrutou a área imediata com a lanterna e sombras giraram com sombras, espíritos dançando no salão de baile da noite.

Nenhum sinal de Vanadium. Alguns dos monumentos mais altos ofereciam esconderijos em ambos os lados da estrada do cemitério, assim como os troncos mais grossos das árvores maiores.

O detetive poderia estar em qualquer lugar lá fora. Ou já ter ido.

Depois de um instante de hesitação, Júnior pegou a moeda.

Quis jogá-la no cemitério, fazê-la mergulhar rodopiando na escuridão.

Entretanto, se Vanadium estava observando, ele interpretaria o arremesso da moeda como um sinal de que sua estratégia bizarra estava funcionando, que os nervos de Júnior estavam próximos ao ponto de ruptura. Com um adversário tão infatigável quanto o tira maluco, você não devia jamais demonstrar fraqueza.

Júnior deixou a moeda cair no bolso de suas calças.

Desligou a luz. Escutou.

Quase esperava ouvir Thomas Vanadium à distância, cantando suavemente “Someone to Watch Over Me”.

Depois de um minuto, enfiou a mão no bolso. A moeda de 25 cents ainda estava ali.

Entrou no Suburban, fechou a porta, mas não ligou o motor imediatamente.

Pensando melhor, vir aqui não tinha sido uma estratégia sensata.

Evidentemente, o detetive estivera seguindo-o. Agora, Vanadium estava intrigado com seu motivo para este passeio noturno ao cemitério.

Júnior, colocando-se no lugar do detetive, podia pensar em alguns motivos para esta visita à cova de Serafina. Infelizmente, nenhum deles sustentava a sua alegação de que era um homem inocente.

Na pior das hipóteses, Vanadium começaria a pensar que ele talvez tivesse uma ligação com Serafina, encontraria a conexão da fisioterapia, e em sua paranoia poderia concluir equivocadamente que Júnior tinha alguma relação com o acidente de trânsito no qual a moça

morrera. Isto era loucura, claro, mas aquele detetive evidentemente não era um homem racional.

Na melhor das hipóteses, Vanadium poderia decidir que Júnior viera aqui descobrir a qual outro funeral o seu inimigo havia comparecido... o que, de fato, havia sido a motivação verdadeira. Mas isto deixaria claro que Júnior tinha medo do policial e estava decidido a ficar um passo à frente dele. Homens inocentes não iam tão longe. Aos olhos do policial maluco, essa atitude de Júnior tinha sido tão comprometedora quanto pintar Eu matei Naomi na testa.

Ele correu dedos nervosos pelo tecido de suas calças, procurando a moeda no bolso. Ainda estava ali.

O luar ebúrneo lançou uma ilusão arqueada sobre o cemitério. O gramado estava prateado como neve à noite, e as lápides projetavam-se do solo como fragmentos de gelo numa vastidão gelada depois de um terremoto.

A estrada de acesso parecia sair do nada, e então desaparecer num vácuo, e Júnior de súbito sentiu-se perigosamente isolado, sozinho como jamais estivera, e vulnerável.

Vanadium não era um policial comum, como ele mesmo dissera. Em sua obsessão, convencido de que Júnior assassinara Naomi e impaciente com a necessidade de encontrar evidências para provar isso, o que deteria o detetive se ele decidisse fazer justiça com as próprias mãos? O que o impediria de caminhar neste exato instante até o Suburban e atirar à queima-roupa em seu suspeito? Júnior trancou a porta. Ligou o motor e dirigiu para longe do cemitério mais depressa do que era prudente naquela estrada de acesso sinuosa.

No caminho para casa, olhou várias vezes para o espelho retrovisor.

Nenhum veículo o seguia.

Ele morava numa casa alugada: um bangalô com dois dormitórios.

Cedros imensos com camadas e camadas de galhos curvos cercavam o lugar; geralmente essas árvores pareciam prover proteção, mas agora avultavam sobre a casa, ameaçadoras.

Ao entrar na cozinha vindo da garagem, e ligar a lâmpada do teto, ele estava preparado para encontrar Vanadium sentado à mesa de

pinho, desfrutando de uma caneca de café. A cozinha estava deserta.

Quarto por quarto, armário por armário, Júnior conduziu uma busca pelo detetive. O policial não estava ali.

Aliviado mas cauteloso, fez mais uma ronda pela casinha para certificar-se de que todas as portas e janelas estavam trancadas.

Depois de vestir suas roupas de dormir, ficou sentado na beira da cama durante algum tempo, esfregando a moeda de 25 cents entre o polegar e o indicador da mão direita, meditando a respeito de Thomas Vanadium. Ele tentou fazer a moeda rolar pelos nós dos dedos, mas deixou-a cair a cada tentativa.

Acabou colocando a moeda na mesinha, desligou a lâmpada e deitou na cama.

Não conseguia dormir.

Hoje pela manhã havia trocado os lençóis. O aroma de Naomi não estava mais nas roupas de cama.

Ele ainda não se desfizera dos pertences pessoais da esposa. Na escuridão, caminhou até a penteadeira, abriu uma gaveta e encontrou um suéter de algodão que ela usara recentemente.

Na cama, deitou a roupa sobre o seu travesseiro. Deitando-se, premiu o rosto contra o suéter. O delicioso cheiro de Naomi foi tão eficiente quanto uma canção de ninar e logo ele estava dormindo.

Quando acordou de manhã, levantou a cabeça do travesseiro e olhou para o despertador — e viu os 25 cents na sua mesinha-de-cabeceira. Duas moedas de dez e uma de cinco.

Júnior empurrou os lençóis e pulou de pé, mas seus joelhos revelaram-se fracos e ele precisou sentar-se na ponta da cama.

O quarto estava iluminado o bastante para ele confirmar que estava sozinho. O interior da caixa na qual Naomi residia agora não podia estar mais silencioso do que estava a casa.

As moedas estavam dispostas sobre uma carta de baralho, de face para baixo.

Puxou a carta de debaixo do troco, virou-a. Um curinga. Sobre a carta, escrito em letras de imprensa vermelhas, havia um nome: BARTHOLOMEW.

Capítulo 31

DURANTE A MAIOR PARTE de uma semana, sob ordens médicas, Agnes evitou escadas. Tomava banhos de esponja no banheiro de serviço no térreo e dormia num sofá na sala, com Barty num berço perto dela.

Maria Gonzalez trazia-lhe caçarolas de arroz, bolos de carne e réllenos.

Todos os dias, Jacó fazia biscoitos e bolinhos, sempre de sabores novos, e num volume tal que os pratos de Maria estavam abarrotados de doces a cada vez que lhe eram devolvidos.

Esaú e Jacó iam jantar com Agnes todas as noites. E embora o passado pesasse sobre eles quando estavam debaixo deste teto, sempre ficavam por tempo suficiente para lavar os pratos antes de voltar correndo para os seus apartamentos sobre a garagem.

No lado de Joey, não havia família para prover ajuda. Sua mãe tinha morrido de leucemia quando ele tinha apenas quatro anos. O pai, dado a bebedeiras e brigas — filho de peixe definitivamente peixinho não era —, morreria numa luta de bar cinco anos depois. Sem parentes próximos dispostos a cuidar dele, Joey foi mandado para um orfanato. Aos nove anos, Joey não era um material de adoção atraente — os casais sem filhos queriam apenas bebês —, e acabou sendo criado na instituição.

Embora houvesse uma escassez de parentes, amigos e vizinhos competiam entre si para ajudar Agnes, e alguns se ofereciam para passar a noite com ela. Ela aceitava ajuda com a limpeza da casa, lavagem de roupas e compras, mas declinava das ofertas de companhia noturna por causa de seus sonhos.

Ela sonhava rotineiramente com Joey. Não pesadelos. Sem sangue, sem reencenação do horror. Em seus sonhos, estava num piquenique com Joey ou num parque de diversões com ele. Caminhando numa praia. Assistindo a um filme. Uma candura permeava essas cenas, uma aura de companheirismo, amor. Exceto que ela sempre acabava

desviando os olhos de Joey, e quando olhava novamente ele tinha sumido, e ela sabia que ele não voltaria nunca mais.

Agnes acordava desses sonhos chorando, e não queria testemunhas. Ela não se sentia constrangida com suas lágrimas. Apenas não queria compartilhá-las com ninguém além de Barty.

Numa cadeira de balanço, segurando o filhinho nos braços, Agnes chorava baixinho. Na maior parte do tempo, Barty dormia enquanto ela chorava. Acordado, ele sorria ou contraía o rosto num franzido intrigado.

O sorriso do bebê era tão cativante e seu ar de preocupado tão cômico, que ambas as expressões funcionavam como um bálsamo para a dor de Agnes.

Barty nunca chorava. Na unidade neonatal do hospital, ele havia encantado as enfermeiras, porque enquanto os outros recém-nascidos berravam em coro, Barty mantinha-se infalivelmente sereno.

Na sexta-feira, 14 de janeiro, oito dias depois da morte de Joey, Agnes fechou o sofá-cama, pretendendo dormir no andar superior daquela noite em diante. E pela primeira vez desde que viera para casa, cozinhou o jantar sem recorrer às caçarolas dos amigos ou aos tesouros no seu congelador.

A mãe de Maria, em visita do México, estava cuidando dos netos, de modo que Maria veio sem os filhos, como uma convidada, para juntar-se a Agnes e aos gêmeos Isaacson, divertidíssimos cronistas da destruição. Eles comeram na sala de estar, dispensando a mesa da cozinha, com um pano de mesa franjado em seda, a louça boa, taças de cristal e flores.

Servir um jantar formal foi a forma de Agnes declarar — a si própria, mais do que a qualquer pessoa presente ali — que chegara a hora dela continuar com a sua vida, para o bem de Bartholomew, mas também para o seu.

Maria chegou cedo, esperando ajudar com os últimos detalhes na cozinha. Embora honrada em ser uma convidada, não queria ficar parada segurando um cálice de vinho enquanto faltavam preparativos a ser feitos.

Finalmente, Agnes cedeu à insistência de Maria.

— Algum dia você vai ter de aprender a relaxar, Maria.

— Eu sempre gosto de ser útil como um martelo.

— Martelo? — Martelo, serra, chave de fenda. Eu sempre fico feliz em ser útil do jeito que ferramentas são.

— Bem, por favor, não use um martelo para terminar de arrumar a mesa.

— É uma piada — concluiu Maria, orgulhosa em interpretar Agnes corretamente.

— Não, estou falando sério. Nada de martelo.

— É bom que você faz piadas.

— É bom que eu possa fazer piadas — corrigiu Agnes.

— Foi o que eu disse.

A mesa de jantar podia acomodar seis pessoas, e Agnes instruiu Maria a colocar dois lugares em cada um dos lados longos, deixando as cabeceiras vazias.

— Será mais aconchegante se todos nos sentarmos de frente uns para os outros.

Maria dispôs cinco lugares em lugar de quatro. O quarto — completo com talheres, cálice de vinho, copo de água—ficava na cabeceira da mesa, in memoriam de Joey.

Enquanto lutava para lidar com sua perda, a última coisa de que Agnes precisava era a lembrança imposta por aquela cadeira vazia. Contudo, as intenções de Maria eram boas, e Agnes não queria ferir seus sentimentos.

Durante a sopa de batata e a salada de aspargos, a conversa do jantar partiu para um começo promissor: uma discussão sobre pratos de batata, observações sobre o clima, comentários sobre o México e o Natal.

Mas no fim das contas, é claro, o querido Esaú acabou falando sobre tornados — em particular o infame Tornado Triestadual de 1925, que arrasara porções de Missouri, Illinois e Indiana.

— A maioria dos tornados permanece no solo durante no máximo trinta quilômetros — explicou Esaú. — Mas este manteve seu funil na terra por quatrocentos e sessenta quilômetros! Tudo no seu caminho foi reduzido a escombros. Casas, fábricas, igrejas, escolas... todos esses prédios foram pulverizados. A cidade de Murphysboro, em

Illinois, foi varrida do mapa, apagada. Centenas de pessoas foram mortas só naquela cidade.

Maria, olhos arregalados, baixou os talheres e se benzeu.

— O tornado destruiu completamente quatro cidades, que pareceram ter sido atingidas por bombas atômicas, destruiu partes de mais seis cidades, arrasou quinze mil casas. E isso só as casas. A coisa era preta e imensa, preta e horrível, cuspidando raios continuamente. E as testemunhas disseram que o seu rugido parecia o som de cem tempestades soando ao mesmo tempo.

Mais uma vez, Maria se benzeu.

— Seiscentas e noventa e cinco pessoas mortas em três estados. Ventos tão poderosos que alguns dos cadáveres foram arremessados a mais de dois quilômetros dos locais onde eram arrancados do chão.

Aparentemente, Maria desejava ter trazido um rosário para o jantar. Com os dedos da mão direita, ela beliscava os nós dos dedos da esquerda, um depois do outro, como se fossem contas.

— Bem, graças ao Senhor, não temos tornados na Califórnia — disse Agnes.

— Mas temos represas — disse Jacó, gesticulando com o garfo. — A inundação de Johnstown, 1889. Pensilvânia, claro, mas poderia acontecer aqui. E foi uma inundação daquelas, acreditem. A Represa South Fork arreventou. Uma parede de vinte metros de altura praticamente destruiu a cidade. O seu tornado matou quase setecentas pessoas, mas a minha represa matou duas mil, duzentas e nove. Novecentas famílias inteiras foram varridas da Terra. Novecentas e oitenta crianças perderam os pais.

Maria parou de rezar com seu rosário de nós dos dedos e recorreu a um belo trago de vinho.

— Trezentos e noventa e seis dos mortos eram crianças com menos de dez anos — continuou Jacó. — Um trem de passageiros descarrilou, matando vinte pessoas. Outro trem com carros-tanques foi esmagado, e o óleo que se espalhou pelas águas da enchente pegou fogo. Todas as pessoas que estavam agarradas a destroços foram cercadas pelas chamas, sem chances de escapar. Só podiam escolher entre ser queimadas vivas ou morrer afogadas.

— Sobremesa? — perguntou Agnes.

Sobre fatias generosas de torta Floresta Negra e café, Jacó continuou a falar, agora relatando a explosão de um avião de passageiros francês, levando uma carga de nitrato de amônia, num cais de Texas City, Texas, em. Quinhentas e setenta e seis pessoas haviam morrido.

Reunindo todas as suas habilidades de anfitriã, Agnes pouco a pouco desviou a conversa de explosões desastrosas para fogos de artifício do Quatro de Julho, e então as lembranças de noites de verão quando ela, Joey, Esaú e Jacó tinham jogado cartas — mau-mau, canastra, bridge — a uma mesa nos fundos. Jacó e Esaú, unidos, eram adversários formidáveis em qualquer jogo de cartas, porque suas memórias para números tinham sido afiadas por anos de armazenamento de estatísticas sobre catástrofes.

Quando o assunto mudou para truques de mágica e predição da sorte, Maria confessou praticar adivinhação com cartas de baralho comuns.

Esaú, ansioso por saber precisamente quando uma onda sísmica ou um asteróide cadente traria o seu fim, pegou um maço de cartas numa estante da sala de visitas. Quando Maria explicou que apenas a terceira carta era lida e que uma leitura completa do futuro requeria quatro maços, Esaú voltou para a sala de visitas e pegou mais três.

— Traga quatro! — gritou Jacó para ele. — Só maços novos.

Eles gastavam muitas cartas e mantinham sempre à mão um suprimento generoso de maços.

Para Agnes, Jacó explicou: — Como a sorte pode ser ensolarada se as cartas não forem novas e reluzentes? Talvez esperando descobrir que trem desgovernado ou explosão de fábrica iria esmagá-lo contra a paisagem, Jacó pôs de lado o seu prato de sobremesa e embaralhou cada maço separadamente; em seguida embaralhou-os juntos até todos estarem bem misturados. Ele empilhou os dele na frente de Maria.

Ninguém pareceu compreender que predizer o futuro poderia não ser um entretenimento adequado nesta casa, nesta época, considerando que Agnes mal havia sido atraída pelo destino.

A esperança era a dama de companhia de Agnes. Ela sempre se agarrava à crença de que o futuro iria ser maravilhoso, mas neste

momento ela hesitava em testar esse otimismo, mesmo numa inofensiva leitura de cartas.

Mesmo assim, como ocorrera com o caso do quinto lugar à mesa, Agnes sentiu-se relutante em objetar.

Enquanto Jacó havia embaralhado, Agnes pegara o pequeno Barty no berço. Ficou surpresa e desconcertada ao saber que o primeiro a ter o futuro lido seria o bebê.

Maria virou-se de lado na cadeira e pegou uma carta no topo da pilha de quatro baralhos na mesa diante de Barty.

A primeira carta foi um ás de copas. Esta, Maria disse, era uma carta realmente muito boa. Ela significava que Barty ia ser feliz no amor.

Maria descartou duas cartas antes de virar mais uma. Esta também era um ás de copas.

— Ei, ele vai ser um tremendo Romeu — disse Esaú. Barty murmurou e soprou uma bolha de cuspe.

— Esta carta é também para significar amor de família, e amor de muitos amigos, não apenas amor de beijinho-beijinho — elucidou Maria.

A terceira carta colocada na frente de Barty também foi um ás de copas.

— Ei, quais são as chances disso? — perguntou Jacó.

Embora o ás de copas tivesse apenas significados positivos, e embora, segundo Maria, aparições múltiplas, especialmente em sequência, significassem coisas cada vez mais positivas, ainda assim uma série de arrepios percorreu a espinha de Agnes.

A carta seguinte somou quatro cartas do mesmo tipo.

Enquanto o coração solitário no centro do campo retangular branco inspirava assombro e deleite em seus irmãos e em Maria, Agnes reagiu a ele com medo. Ela fez força para mascarar seus verdadeiros sentimentos com um sorriso tão fino quanto uma carta de baralho.

Em seu inglês medíocre, Maria explicou que este miraculoso ás de copas significava que Barty não apenas iria conhecer a mulher certa e ter uma vida longa merecedora de poesia épica, não só seria banhado por toda a vida com o amor de sua família, não apenas seria querido por um grande número de amigos, mas também seria amado por um incontável número de pessoas que jamais iria conhecê-lo pessoalmente.

— Como ele pode ser amado por pessoas que não o conhecem?
— perguntou Jacó, desconfiado.

Sorriso imenso estampado no rosto, Maria respondeu: —
Significa Barty será homem muy famoso um dia.

Agnes queria que o seu filho fosse feliz. Ela não se importava
com fama.

O instinto dizia-lhe que as duas coisas, fama e felicidade,
raramente coexistiam.

Ela estivera embalando o pequeno Barty suavemente nos
braços, mas agora apertou-o contra o peito.

A quinta carta foi mais um ás e Agnes engoliu em seco, porque
por um instante teve a impressão de ver mais um desenho de coração,
significando um impossível quinto ás de copas num baralho de quatro
maços. Eganou-se: era um ás de ouros.

Maria explicou que esta também era uma carta muito desejável,
que significava que Barty jamais seria pobre. Tê-la em seguida a quatro
ases de copas era especialmente significativo.

A sexta carta foi outro ás de ouros.

Todos fitaram-na em silêncio.

Seis ases numa tirada, uma sequência altamente improvável.
Agnes não tinha como calcular as probabilidades contra esta sequência,
mas sabia que eram espetacularmente altas.

— Significa que ele vai ser melhor do que não pobre, mas até
será rico.

A sétima carta foi um terceiro ás de ouros.

Sem nenhum comentário, Maria colocou as duas cartas de lado
e puxou a oitava. Esta, também, um ás de ouros.

Maria benzeu-se de novo, mas num espírito diferente de
quando fizera o sinal-da-cruz durante o relato de Esaú sobre o Tornado
Triestadual de 1925.

Naquela hora ela estivera afugentando a má sorte; agora, com
um sorriso e uma expressão de assombro, estava agradecendo a graça
de Deus, que, segundo as cartas, tinha sido ofertada com generosidade
a Bartholomew.

Barty, ela explicou, seria rico de muitas formas. Financeiramente
rico, mas também rico em talento, espírito, intelecto. Rico em coragem,

em honra. Com uma riqueza de bom senso, sabedoria e sorte.

Qualquer mãe ficaria feliz em ouvir um futuro tão deslumbrante ser predito para a sua criança. Ainda assim, a cada predição gloriosa a temperatura do coração de Agnes caía mais alguns graus.

A nona carta foi um valete de espadas. Maria chamou-o de lacaio de espadas, e ao vê-lo, seu sorriso brilhante apagou-se.

Lacaios significavam inimigos, explicou Maria, tanto os disfarçados quanto os declarados. O lacaio de copas representava ou um rival no amor ou um amante que iria trair você: um inimigo que feriria profundamente o seu coração. O lacaio de ouros era alguém que iria causar-lhe problemas financeiros. O lacaio de paus era alguém que iria feri-lo com palavras: um que o difamava ou que o atacava perniciosamente ou com críticas injustas.

O lacaio, agora revelado, era o valete mais sinistro no baralho. Era um inimigo que iria recorrer à violência.

Com seus cabelos amarelos encaracolados, bigode curvado para cima, e perfil direito irônico, este era um valete que parecia ser um lacaio no pior sentido da palavra. Um homem desprezível, isento de qualquer senso de dignidade.

E agora a décima carta, já na mãozinha marrom de Maria.

Nunca o desenho tão familiar da bicicleta vermelha, a marca da U.S.

Playing Card Company, parecera sinistro; agora, era temível, tão estranho quanto qualquer símbolo de vodu ou padrão de conjuração satânico.

A mão de Maria virou, expondo a carta, e outro valete de espadas se revelou sobre a mesa.

Sacados um após o outro, dois valetes de espadas não significavam dois inimigos mortais, mas significava que o inimigo já previsto pela primeira carta seria extraordinariamente poderoso, excepcionalmente perigoso.

Agnes entendeu agora por que este prognóstico a havia assustado mais do que encantado: se você ousava acreditar na sorte predita pelas cartas, então era obrigado a acreditar também no azar.

Em seus braços, o pequeno Barty babava feliz, alheio ao fato de que o destino que lhe era previsto incluía amor épico, riquezas

fabulosas e violência.

Ele era tão inocente. Este menino tão doce, esta criança pura e imaculada, não podia ter um inimigo no mundo, e não conseguia imaginar qualquer filho dela fazendo inimigos, não se o criasse bem. Isto era absurdo, apenas um tolo jogo de cartas.

Agnes queria impedir que Maria virasse a décima primeira carta, mas sua curiosidade se equiparava à apreensão.

Quando o terceiro valete de espadas, ou lacaio, como Maria o chamava, apareceu, Esaú disse a Maria: — Que tipo de inimigo é descrito por três cartas em sequência? — Monstro. Monstro humano. — Jacó, nervoso, limpou a garganta.

— E se forem quatro valetes um depois do outro? A solenidade de seus irmãos irritou Agnes. Eles pareciam estar levando esta leitura a sério, como se fosse muito mais do que um entretenimento depois do jantar.

Agnes precisava admitir que também estava perturbada pela sequência das cartas. As probabilidades contra esta sequência fenomenal de onze cartas devia ser de muitos milhões para uma, o que parecia conceder validade às previsões.

Contudo, nem toda coincidência tinha significado. Jogue uma moeda para o alto um milhão de vezes e você obterá cerca de meio milhão de caras, aproximadamente o mesmo número de coroas. Neste processo, haverá casos em que você obterá cara trinta, quarenta vezes em sequência.

Isto não significa que o destino esteja atuando ou que Deus — tendo escolhido deixar de ser misterioso e inescrutável, para variar — esteja avisando sobre o Apocalipse através da média da cara ou coroa; significa que as leis da probabilidade são válidas apenas a longo prazo, e que as anomalias de curto prazo são significativas apenas aos crédulos.

— E se forem quatro valetes um depois do outro? Finalmente Maria respondeu a pergunta de Jacó num murmúrio, fazendo o sinal-da-cruz enquanto falava.

— Nunca vi quatro. Nunca vi nem mesmo três. Mas quatro... é o próprio diabo.

Esta declaração foi recebida com seriedade por Esaú e Jacó, como se o diabo costumasse caminhar pelas ruas de Bright Beach e de

tempos em tempos roubasse bebezinhos dos colos de suas mães para comê-los com mostarda.

Até Agnes sentiu-se momentaneamente tensa ao ouvir isso; tão tensa que disse: — Chega. Isto não está mais divertido.

Concordando, Maria empurrou a pilha de cartas não usadas para o lado, e esfregou as mãos como se quisesse lavá-las por muito tempo com água quente.

— Não, espere! — exclamou Agnes, expurgando o medo irracional de seu íntimo. — Isto é absurdo. É só uma carta. E nós todos estamos curiosos.

— Não — alertou Maria.

— Eu não quero ver a carta — concordou Esaú.

— Nem eu — disse Jacó.

Agnes puxou o maço de cartas para si. Ela descartou as duas primeiras, como Maria havia feito, e virou a terceira.

Aqui estava o último valete de espadas.

Embora uma rajada de frio tenha corrido ao longo da espinha de Agnes, ela sorriu para a carta. Estava determinada a mudar a atmosfera sombria que descera sobre eles.

— Não olhem desse jeito para mim. — Ela virou o valete de espadas para que o bebê pudesse vê-lo. — Ele assusta você, Barty? Bartholomew aprendera a focar os olhos bem mais cedo do que a média dos bebês. Surpreendentemente, ele já estava envolvido com o mundo ao seu redor. Agora Barty olhou para a carta, estalou os lábios, sorriu e disse: — Gá! Com um estalo flatulento do trompete do bumbum, ele sujou a fralda.

Todos riram, menos Maria.

Jogando o valete sobre a mesa, Agnes disse: — Barty não parece muito impressionado com esse diabo.

Maria recolheu os quatro valetes e os rasgou, cada um em três pedaços.

Enfiou os doze pedaços no bolso de sua blusa.

— Compro cartas novas, mas vocês não podem usar estas nunca mais.

Capítulo 32

DINHEIRO PARA OS MORTOS. A carne decomposta de uma esposa amada e a de um feto transmutadas numa fortuna eram uma conquista de fazer vergonha ao sonho dos alquimistas em transformar chumbo em ouro.

Na terça-feira, menos de 24 horas depois do funeral de Naomi, Knacker, Hisscus e Nork — representando os governos municipal e estadual — realizaram reuniões preliminares com o advogado de Júnior e com o advogado do enlutado clã Hackachak. Como antes, o trio bem vestido foi conciliador, sensível e disposto a chegar a um acordo que impedisse um processo de assassinato culposo.

Na verdade os advogados dos queixosos potenciais sentiram que Nork, Hisscus e Knacker estavam dispostos demais a chegar a um acordo, e encararam o tom conciliador do trio com desconfiança. Naturalmente, o condado e o estado não queriam defender-se contra um processo envolvendo a morte de uma mulher jovem, linda e recém-casada e o seu bebê em gestação, mas sua disposição em negociar tão cedo, a partir de uma postura tão razoável, implicava que sua posição era ainda mais fraca do que aparentava.

O advogado de Júnior — Simon Magusson — insistiu na exposição completa dos registros de manutenção e advertência relacionadas à torre de incêndio e a outras estruturas do serviço florestal pelas quais o estado e o país detinham responsabilidade exclusiva ou conjunta. Se um processo de assassinato culposo fosse aberto, esta informação obrigatoriamente teria de ser divulgada durante os procedimentos normais que precedem um julgamento, e como os arquivos de manutenção e advertência eram de registro público, Hisscus, Knacker e Nork concordaram em prover o que era pedido.

Na tarde de terça-feira, enquanto os advogados estavam reunidos, Júnior, tendo recebido licença do trabalho, telefonou para um chaveiro para pedir a mudança das fechaduras de sua casa. Como policial, Vanadium poderia ter acesso a uma pistola de destravamento

capaz de dismantelar as novas fechaduras tão facilmente quanto as antigas. Portanto, no interior das portas da frente e dos fundos, Júnior acrescentou travas de correr, que não podiam ser abertas por fora.

Ele pagou em dinheiro vivo ao chaveiro, e incluiu no pagamento as duas moedas de dez cents e a de cinco que Vanadium deixara em sua mesinha- de-cabeceira.

Na quarta-feira, com uma rapidez que confirma sua disposição em fechar um acordo, o condado supriu os registros sobre a torre de incêndio.

Durante cinco anos, uma porção significativa dos fundos de manutenção havia sido desviada pelos burocratas para outros fins. E durante três anos o supervisor de manutenção arquivou relatórios anuais sobre essa torre específica, requisitando fundos imediatos para reconstrução fundamental; o terceiro desses documentos, submetido onze meses antes da queda de Naomi, era composto numa linguagem de crise e carimbado como urgente.

Sentado no escritório apainelado em mogno de Simon Magusson, lendo o conteúdo desse documento, Júnior estava boquiaberto.

— Eu podia ter morrido! — É um milagre que vocês dois não tenham caído daquela balaustrada — concordou o advogado.

Magusson era um homem pequeno por trás de uma mesa imensa. A cabeça parecia grande demais para o corpo, mas as orelhas não pareciam maiores que um par de dólares de prata. Olhos grandes e saltados, inchados com argúcia e cobiça fervorosa, marcavam-no como alguém que ficava com fome depois de um banquete de seis horas. Um nariz pequeno e excessivamente arrebicado, um lábio superior grande o bastante para rivalizar com o de um orangotango, e um rasgo à guisa de boca complementavam um retrato capaz de repelir qualquer mulher; mas se você queria um advogado que odiava o mundo por tê-lo amaldiçoado com tanta feiúra, e que conseguia converter essa raiva na energia e na brutalidade de um pit bull no tribunal, ao mesmo tempo usando sua aparência desafortunada para obter a simpatia dos jurados, então Simon Magusson era o advogado certo para você.

— Não era apenas a balaustrada que estava podre — disse Júnior, ainda folheando o relatório, seu ultraje crescendo. — As escadas

não eram seguras.

— Delicioso, não é? — Uma das quatro pernas da torre está perigosamente fraturada no local em que se assenta sobre a fundação...

— Adorável.

— ... e o próprio assoalho da plataforma de observação está instável. A coisa inteira podia ter ruído com nós dois nela! Do outro lado da vasta extensão da mesa veio uma casquinada de duende, a ideia que Magusson fazia de uma risada.

— E eles nem se deram ao trabalho de colocar um aviso! Na verdade eles têm uma placa lá, mas é uma que convida os andarilhos a apreciarem a vista da plataforma de observação! — Eu poderia ter morrido! — repetiu Caim Júnior, subitamente tão horrorizado com essa dedução que sua barriga pareceu ficar entupida com gelo, e por um instante ele não foi capaz de sentir as extremidades de seu corpo.

— Este vai ser um acordo imenso — prometeu o advogado. — E ainda temos mais notícias boas. As autoridades governamentais e federais concordaram em fechar o caso sobre a morte de Naomi. Agora é oficialmente um acidente.

Júnior começou a sentir de novo suas mãos e pés.

— Enquanto o caso estava em aberto e você era o único suspeito, eles não podiam negociar com você um acordo fora do tribunal — explicou o advogado. — Mas tinham medo de ficar numa situação ainda pior quando não conseguissem provar que você matou a sua esposa, e o processo por homicídio culposo finalmente fosse apresentado ao júri.

— Por quê? — Em primeiro lugar, os juízes poderiam concluir que as autoridades jamais suspeitaram realmente de você e tentaram culpá-lo por assassinato para esconder sua falha na falta de manutenção da torre. Além disso, a maioria dos policiais acha que você é inocente.

— Mesmo? Isso é gratificante — disse Júnior com sinceridade.

— Parabéns, Sr. Caim. Você deu uma tremenda sorte nesta história.

Embora considerasse o rosto de Magusson suficientemente perturbador para evitar fitá-lo por mais tempo que o necessário, e embora aqueles olhos saltados fossem cheios de amargura e de uma

necessidade em inspirar pesadelos, Júnior moveu o olhar das suas mãos meio entorpecidas para a face do advogado.

— Sorte? Eu perdi a minha mulher. E o meu filho que nem mesmo nasceu.

— E agora será apropriadamente compensado por sua perda.

Aquele sapo de olhos esbugalhados sorriu do outro lado de sua mesa pretensiosa.

O relatório sobre a torre forçara Júnior a considerar a sua mortalidade; estava tomado por sentimentos de medo, mágoa e pena de si mesmo. A sua voz tremeu de indignação: — O senhor por acaso sabe que o que aconteceu com a minha Naomi foi um acidente? Acredita nisso? Porque não vejo... não vejo como eu poderia trabalhar com alguém que pense que fui capaz de...

O monstrengo era tão desproporcionado em relação à mobília de seu escritório que parecia um inseto empoleirado na imensa poltrona executiva em couro, ela própria lembrando uma planta carnívora prestes a engolir um inseto. Ele permitiu que um silêncio tão longo acompanhasse a pergunta de Júnior que, no momento em que finalmente respondeu, suas palavras foram supérfluas.

— Sr. Caim, um advogado de julgamentos, seja ele especializado em crimes ou questões civis, é como um ator. Se quer ser convincente, precisa acreditar profundamente no seu papel, na verdade que defende. Sempre acredito na inocência dos meus clientes para conseguir o melhor acordo possível para eles.

Júnior suspeitou que Magusson jamais tivera qualquer cliente além de si próprio. Ele era motivado por ganância, não por justiça.

Por uma questão de princípios, Júnior considerou despedir imediatamente aquele duende, mas então Magusson disse: — O detetive Vanadium não deve incomodar mais você. — Júnior ficou surpreso.

— Você conhece ele? — Todo mundo conhece Vanadium. Ele é um cruzado, o autodesignado campeão da verdade, da justiça e do sonho americano. Um babaca, se quer a minha opinião. Agora que o caso está encerrado, ele não vai ter nenhuma autoridade para assediar você.

— Não tenho certeza se ele precisa de autoridade — disse Júnior, tenso.

— Bem, se ele o incomodar de novo, é só me dizer.

— Como eles permitem que um homem como aquele continue usando o distintivo? — perguntou Júnior. — Ele é repugnante, extremamente antiprofissional.

— É bem-sucedido. Resolve a maioria dos casos que designam a ele. — Até aqui Júnior achava que a maioria dos outros policiais considerava Vanadium um renegado, um pária. Talvez o contrário fosse a verdade... e se Vanadium era tido em alta conta por seus pares, então era incomensuravelmente mais perigoso do que Júnior pensara a princípio.

— Caim, se Vanadium voltar a importuná-lo, quer que eu dê uma puxada na correia dele? Ele não conseguia lembrar de sob qual princípio considerara despedir Magusson. A despeito de suas falhas, o advogado era extremamente competente.

— Espero ter uma proposta para a sua consideração até o final do expediente de amanhã — disse o advogado.

No final da tarde de quinta-feira, depois de uma sessão de nove horas com Hisscus, Nork e Knacker, Magusson — negociando em conjunto com o advogado dos Hackachak — realmente chegou a termos bem aceitáveis.

Kaitlin Hackachak receberia 250 mil dólares pela perda de sua irmã. Para compensar sua dor e sofrimento, Sheena e Rudy receberiam novecentos mil dólares, o que lhes permitiria uma terapia intensiva em Las Vegas.

Júnior receberia quatro milhões, 250 mil dólares. Os honorários de Magusson eram de 20% antes do julgamento — 40% se obtivesse um acordo apenas depois do início dos procedimentos jurídicos —, o que deixava Júnior com três milhões e quatrocentos mil dólares. Todos os pagamentos aos queixosos eram isentos de impostos.

Na manhã de sexta-feira, Júnior demitiu-se de seu emprego como fisioterapeuta no hospital de reabilitação. Esperava viver bem com juros e dividendos pelo resto da vida, porque os seus gostos eram modestos.

Desfrutando de um dia glorioso, sem nuvens e mais quente que o usual, dirigiu 112 quilômetros para o norte, através de falanges de árvores que marchavam colina abaixo na direção da costa cênica. Ninguém o seguia.

Parou para almoçar num restaurante com uma vista espetacular do Pacífico, emoldurada por pinheiros imensos.

A garçonete que o serviu era bonitinha. Ela flertou com Júnior, que imediatamente percebeu que poderia tê-la se quisesse.

Ele queria, claro, mas sua intuição alertava-o a manter o recato por mais algum tempo.

Não via Thomas Vanadium desde a segunda-feira, no cemitério, e o detetive não fizera mais nenhum truque desde a noite desse mesmo dia, quando deixara os 25 cents ao lado de sua cama. Quase quatro dias sem ser perturbado pelo detetive sitiante. Contudo, em termos de Vanadium, Júnior sabia que precisava sempre ser cauteloso, prudente.

Sem nenhum trabalho para o qual retornar, demorou-se no almoço.

Estava sentindo-se embriagado por um sentimento crescente de liberdade que era tão excitante quanto sexo.

A vida era curta demais para gastá-la trabalhando se você tinha os meios para custear prazeres vitalícios.

Quando voltou para Spruce Hills, a noite já estava começando. A lua crescente e perolada flutuava sobre uma cidade que reluzia misteriosamente entre sua riqueza de árvores, tremeluzindo e bruxuleando como se não fosse uma cidade verdadeira, mas um campo de sonhos onde uma miríade de clãs ciganos reunia-se à luz âmbar de lanternas e fogueiras.

No começo daquela semana, Júnior procurara o nome de Thomas Vanadium no catálogo telefônico. Esperava que o seu número não estivesse listado, mas estava. Mais do que um número, queria um endereço, e também o encontrou.

Agora ousava vasculhar a residência do detetive.

Numa vizinhança bem cuidada de moradias modestas, a casa de Vanadium era tão ordinária quanto as outras à sua volta: uma caixa retangular com apenas um pavimento e sem estilo arquitetônico

discernível. Persianas verdes nas janelas. Uma garagem anexada para dois veículos.

Decíduos carvalhos negros ladeavam a rua. Todos estavam sem folhas nesta época do ano, seus membros contorcidos tentando agarrar a lua.

As árvores grandes na propriedade de Vanadium também estavam desnudas, permitindo uma visão relativamente desobstruída da casa. A parte dos fundos da residência estava escura, mas uma luz suave aquecia duas janelas na frente.

Júnior não reduziu a velocidade ao passar pela casa, mas circulou o quarteirão e passou novamente diante do lugar.

Ele não sabia o que estava procurando. Simplesmente sentia-se no direito de ser a pessoa que, para variar, conduzia a vigilância.

Menos de quinze minutos depois, em casa, ele se sentou à sua mesa de cozinha com o catálogo telefônico. O livro incluía não apenas os telefones em Spruce Hills, mas também os do estado inteiro, somando talvez setenta ou oitenta mil.

Cada página abarcava quatro colunas de nomes e números, a maioria com endereços. Aproximadamente cem nomes enchiam cada coluna, quatrocentos para uma página.

Usando a borda reta de uma régua para guiar seu olho na descida por cada coluna, Júnior procurou por Bartholomew, ignorando sobrenomes. Ele já havia checado para ver se alguém no estado tinha Bartholomew como último nome; ninguém neste catálogo tinha.

Algumas listas não incluíam primeiros nomes, apenas iniciais. Cada vez que cruzava com a inicial B, punha uma marca vermelha ao lado com uma caneta hidrocor.

A maioria desses nomes seria Bobs ou Bills. Talvez alguns fossem Bradleys ou Bernards. Barbaras ou Brendas.

No fim, depois que tivesse examinado o catálogo inteiro, caso não tivesse tido sucesso, telefonaria para cada nome marcado em vermelho pedindo para falar com o Bartholomew. Algumas centenas de telefonemas, sem dúvida. Alguns requisitariam chamadas interurbanas, mas agora ele tinha como pagar essas tarifas.

Conseguiu vasculhar cinco páginas numa tacada antes de começar a sentir a cabeça doer. Ele vinha realizando duas sessões por

dia, tendo começado na terça-feira passada. Quatrocentos nomes por dia. Um total de .600 quando terminou a quinta das páginas desta noite.

Este era um trabalho tedioso que poderia não ser frutífero. Mas ele precisava começar em algum lugar, e o catálogo telefônico era o ponto de partida mais lógico.

Bartholomew podia ser um adolescente vivendo com os pais ou um adulto dependente residindo com sua família; nesse caso, ele não seria revelado nesta busca, porque o catálogo telefônico não listaria o seu nome.

Ou talvez o sujeito detestasse o seu primeiro nome e jamais o usasse, exceto em questões jurídicas, optando sempre que possível pelo segundo nome.

Se o catálogo acabasse não ajudando em nada, Júnior em seguida pesquisaria no escritório de registros do tribunal do estado, para revisar as certidões de nascimento, começando, se necessário, desde a virada do século. Mas Bartholomew, obviamente, poderia não ser nascido no estado, podendo ter-se mudado para cá durante a infância ou já adulto. Se ele possuía uma propriedade, então apareceria no arquivo de escrituras. Fosse dono de propriedades ou não, se ele cumpria seu dever cívico a cada dois anos, apareceria nos registros de eleitores.

Júnior não tinha mais um trabalho, mas ele tinha uma missão.

No sábado e no domingo, entre as pesquisas no catálogo, Júnior viajava pelo estado numa série de passeios — testando a teoria de que o tira maníaco não estava mais seguindo-o. Aparentemente, Simon Magusson tinha razão. O caso havia sido encerrado.

Viúvo enlutado, Júnior passava suas noites como todos haviam de esperar: sozinho em casa. No domingo ele dormia sem companhia há oito noites, desde sua alta no hospital.

Ele era um homem viril, desejado por muitas mulheres, e a vida era curta. A pobre Naomi, seu rosto lindo e sua expressão de choque ainda fresca em sua memória, era uma lembrança constante do quão repentinamente o fim poderia chegar. O amanhã não era garantia para ninguém. Era preciso aproveitar o dia.

Caesar Zedd recomendava não apenas aproveitar o dia, mas devorá-lo.

Mastigar o dia, alimentar-se dele, engoli-lo inteiro. Farte-se, dizia Zedd, farte-se, tratando a vida como gourmet e glutão, porque aquele que pratica o jejum não se fortalecerá o bastante para resistir quando a fome inevitável chegar.

Na noite de domingo, uma combinação de fatores — um compromisso profundo com a filosofia de Zedd, níveis de testosterona explosivos, tédio, autopiedade, e um desejo de ser mais uma vez um aventureiro sem medo do perigo — motivaram Júnior a borrifar um pouco de Hai Karate atrás de cada orelha e sair à caça. Logo depois do pôr-do-sol, segurando uma rosa vermelha e uma garrafa de Merlot, ele foi à casa de Victória Bressler.

Ligou para ela antes de sair, para certificar-se de que estava em casa. Ela não trabalhava à noite nos fins de semana no hospital; mas talvez ela tivesse saído com amigos. Quando atendeu, ele reconheceu a voz sedutora de Victória e murmurou diabolicamente: — Desculpe, foi engano.

Sempre o romântico, ele queria surpreendê-la. Voilà! Flores, vinho e moi. Victória o desejava desde a conexão elétrica entre os dois no hospital, mas não devia esperar uma visita ainda por semanas. Ele ansiava ver o rosto de Victória iluminar-se de deleite.

Durante a semana anterior, tentara descobrir tudo que podia a respeito da enfermeira. Trinta anos, divorciada, sem filhos, morando sozinha.

Júnior ficara surpreso com a idade dela. Ela não parecia tão velha.

Trintona ou não, Victória era muito atraente.

Encantado com a vulnerabilidade das jovens, ele jamais dormira com uma mulher mais velha. A perspectiva deixou-o fascinado. Ela devia possuir truques em seu repertório que as mulheres mais jovens deviam ser inexperientes demais para conhecer.

Júnior podia imaginar no quanto Victória ficaria lisonjeada em receber as atenções de um garanhão de 23 anos. Lisonjeada e grata. Quando imaginou todas as formas com que ela expressaria essa

gratidão, quase não havia espaço atrás do volante do Suburban para ele e a sua virilidade.

Apesar do clamor de seu desejo, ele seguiu uma rota tortuosa até a casa de Victória, curvando-se sobre o volante duas vezes, atento para qualquer vigilância enquanto dirigia. Se estivesse sendo seguido, seu perseguidor era um homem invisível num carro fantasma.

Não obstante, cauteloso mesmo enquanto aproveitava o dia — ou a noite, neste caso —, estacionou a uma pequena distância do seu destino, numa rua paralela. Ele caminhou os últimos três quarteirões.

O ar de janeiro estava fresco, recendendo a pinho e o odor suave do mar distante. Uma lua amarela brilhava como um olho malévolos, espiando Júnior entre nuvens escuras que a cobriam como bandagens num rosto de múmia.

Victória morava na zona nordeste de Spruce Hills, onde as ruas davam lugar a alamedas arborizadas. Aqui as casas tendiam ao rústico, construídas em terrenos maiores do que aquelas próximas ao centro da cidade, e ficavam quase sempre no fundo de quintais amplos.

Durante a caminhada curta de Júnior, a calçada acabou, cedendo lugar a um caminho de acesso calçado em cascalho. Não viu ninguém a pé, e nenhum veículo passou por ele.

Nesta região extrema da cidade, nenhuma lâmpada de rua iluminava o chão. Com apenas o luar para revelá-lo, ele provavelmente não seria reconhecido se alguém por acaso olhasse pela janela.

Se Júnior não fosse discreto, e se fofocas sobre o viúvo Caim e a enfermeira sexy começassem a circular, Vanadium voltaria ao caso, ainda que estivesse encerrado. O tira era um sujeito doentio, impulsionado por demônios internos insondáveis. Embora no presente momento ele estivesse contido por seus superiores, uma simples fofoca de natureza picante seria desculpa suficiente para que ele abrisse novamente o caso, o que certamente faria sem informar os seus superiores.

Victória vivia numa casa de madeira com um teto pontudo. Um par de janelas verticais imensas, projetando-se num ângulo incomum, avultava sobre a varanda da frente. A casa parecia pertencer a um condomínio de moradias populares, e não a este bairro.

Abajures dourados iluminavam as janelas do primeiro andar. Dali a pouco Júnior estaria sentado com Victória no sofá da sala de

estar, bebericando vinho enquanto eles conheciam melhor um ao outro. Ela pediria que ele a chamasse de Vicky, e talvez Júnior a deixasse chamá-lo de Eno, o apelido afetuoso que Naomi dera-lhe por não suportar Enoch.

Pouco depois estariam brincando como adolescentes cheios de tesão.

Júnior iria despi-la no sofá, acariciaria o seu corpo macio e admiraria a sua pele dourada à luz do abajur. Por fim, iria carregá-la, nua, até o quarto escuro no andar de cima.

Evitando o caminho de acesso calçado em cascalho, no qual decerto arranharia seus sapatos de couro recém-engraxados, ele se aproximou da casa no fundo do gramado, sob os galhos de um grande pinheiro que se fazia inútil para a época de Natal ao se espalhar tão majestoso quanto um carvalho.

Ele supôs que Victória estivesse com uma visita. Talvez um parente ou uma amiga. Não um homem. Não. Ela sabia que ele era o homem de sua vida, e não teria nenhum outro enquanto aguardava a chance de se render a ele e consumir o relacionamento que tinham iniciado dez dias antes, com a colher e o gelo.

Como nada na vida era livre de riscos, ele hesitou apenas um momento nos degraus da varanda antes de galgá-los e bater na porta.

Música tocava lá dentro. Música animada. Certamente um suingue. Não conseguiu identificar a melodia.

Quando Júnior estava prestes a tocar de novo, a porta abriu para dentro, e acima de Sinatra divertindo-se em “When My Sugar Walks Down the Street”, Victória disse: — Você chegou cedo. Não ouvi seu carro...

Ela estava falando enquanto abria a porta, e se calou no meio da frase ao passar pela soleira e ver quem estava de pé à sua frente.

Ela pareceu surpresa; até aí tudo bem, mas sua expressão não foi a que Júnior pintara na tela da sua imaginação. Sua surpresa não carregava qualquer deleite, e ela não abriu um sorriso radioso.

Victória fitava-o de cenho franzido. Júnior demorou um instante para compreender que essa não devia ser uma expressão de preocupação, mas de desejo ardente.

Usando calças compridas pretas e um suéter de algodão verde-maçã que realçava suas formas, Victória Bressler cumpria toda a promessa voluptuosa que Júnior suspeitara haver debaixo do uniforme folgado de enfermeira. O decote em “V” sugeria o abismo sinuoso entre os seios, embora houvesse apenas um pedacinho à mostra; nada nesta beldade podia ser classificado como vulgar.

— O que você quer? — perguntou Victória.

Sua voz estava seca e um tanto agressiva. Outro homem teria interpretado erroneamente o seu tom como de desaprovação, impaciência, até de raiva contida.

Júnior sabia que ela devia estar provocando-o. Era isso, ela adorava brincar. Seus olhos azuis cintilavam com malícia.

Ele estendeu-lhe a rosa vermelha.

— Para você. Não que ela lhe faça jus. Nenhuma flor poderia. Ainda insistindo em fingir rejeição, Victória não tocou a rosa.

— Que tipo de mulher você pensa que eu sou? — O tipo deslumbrante — respondeu Júnior, satisfeito por ter lido muitos livros sobre a arte da sedução e portanto saber precisamente qual era a coisa certa a dizer.

Com uma expressão ainda mais severa, ela lhe disse: — Conte à polícia sobre a sua tentativa ridícula de sedução com a colher de gelo.

Empurrando de novo a rosa vermelha para Victória, insistentemente pressionando-a contra a sua mão para distraí-la, Júnior brandiu o Merlot, e no instante exato em que Sinatra cantou animadamente a palavra sugar, a garrafa atingiu Victória no centro de sua frente.

Capítulo 33

A IGREJA DE NOSSA SENHORA das Dores, silenciosa e receptiva em meio à noite de Bright Beach, era humilde em dimensão e desprovida de colunas altas e corredores cavernosos, mas com sua ornamentação espartana, era tão familiar — e confortante — para Maria Elena Gonzalez quanto sua própria casa. Deus estava em toda parte no mundo, mas aqui em particular.

Maria sentiu-se mais feliz no instante em que passou pela porta da entrada para o nártex.

A missa beneditina tinha acabado, e os paroquianos haviam voltado para suas casas. O padre e os coroinhas também não estavam mais lá.

Depois de ajustar o grampo de cabelo que prendia sua mantilla de seda, Maria passou do nártex para a nave da igreja. Ela mergulhou dois dedos na água benta que reluzia na fonte de mármore e se benzeu.

O ar estava carregado com incenso e com a fragrância da cera com aroma de limão usada nos bancos de madeira.

Na frente, um spot de luz suave focava no crucifixo em tamanho natural.

A única iluminação adicional provinha das lampadzinhas sobre as estações da via-sacra, ao longo de ambas as paredes laterais, e das chamas bruxuleantes dos vasos de vidro na estante de velas votivas.

Caminhou pelo corredor central assombrada, fez genuflexão e se benzeu diante da capela-mor. Em seguida dirigiu-se até a estante de velas votivas.

Maria podia fazer uma doação de apenas 25 cents por vela, mas deu cinquenta, enfiando cinco notas de um dólar e duas moedas de 25 cents na caixa de dízimos.

Depois de acender onze velas, todas em nome de Bartholomew Lampion, tirou do bolso as cartas de baralho rasgadas. Quatro laçaios de espadas. Na noite de sexta-feira ela tinha rasgado cada carta em três, e desde então vinha carregando os doze pedaços consigo, esperando por esta noite calma de domingo.

Sua crença na predição da sorte e no ritual curioso que estava prestes a realizar não contava com a aprovação da Igreja. Misticismo desta natureza era, de fato, considerado um pecado, uma distração da fé e uma perversão.

Entretanto, Maria vivia confortavelmente com o catolicismo e o ocultismo com os quais fora criada. Em Hermosillo, México, o segundo fora tão importante para a vida espiritual de sua família quanto o primeiro.

A Igreja alimentava a alma, enquanto o ocultismo nutria a imaginação.

No México, onde os confortos físicos muitas vezes eram escassos e as chances de uma vida melhor neste mundo conquistadas arduamente, tanto a alma quanto a imaginação precisavam ser alimentadas para que o corpo físico pudesse suportar a vida.

Com uma prece para a Mãe de Deus, Maria segurou um terço de um laçao de espadas na chama da primeira vela. Quando o pedaço de carta pegou fogo, ela deixou o fragmento cair no jarro de vidro. Enquanto ele era consumido, ela disse em voz alta “Para Pedro”, referindo-se ao mais proeminente dos doze apóstolos.

Repetiu este ritual mais onze vezes — “Para André, para Paulo, para João” — frequentemente olhando para a nave às suas costas, para ter certeza de que ninguém a observava.

Acendera uma vela para cada um dos onze apóstolos, nenhuma para o décimo segundo, Judas, o traidor. Consequentemente, depois de queimar um fragmento das onze cartas em cada uma das velas votivas, ela ficou com uma carta na mão.

Normalmente teria retornado à primeira das velas e oferecido um segundo fragmento a São Pedro. Contudo, neste caso ela confiou o fragmento ao menos conhecido dos apóstolos, porque tinha certeza de que ele possuía uma significância especial neste caso.

Com todos os doze fragmentos destruídos, a maldição devia ter sido retirada do pequeno Bartholomew: a ameaça do inimigo desconhecido e violento que era representado pelos quatro laçaios. Em algum lugar no mundo, existia um homem mau que um dia mataria Barty, mas agora sua jornada através da vida iria levá-lo a outro lugar. Onze santos tinham assumido doze cotas de responsabilidade em retirar essa maldição.

A crença de Maria na eficácia desse ritual não era tão forte quanto a sua fé na Igreja, mas quase. Enquanto ela se debruçava sobre o jarro votivo, observando o último fragmento dissolver-se em cinzas, sentiu um peso terrível sendo retirado de seus ombros.

Alguns minutos depois, ao sair da Igreja de Nossa Senhora das Dores, estava convencida de que o caminho do laçao de espadas — fosse um monstro humano ou o próprio diabo — jamais cruzaria com o de Barty Lampion.

Capítulo 34

E ASSIM ELA TOMBOU, abrupta e violentamente, deserdada de sua graça natural durante a queda, embora tenha recuperado um pouco quando, depois de um baque surdo no chão, assumiu sua postura de desmaio.

Victória Bressler jazia no assoalho da pequena ante-sala, braço esquerdo acima da cabeça, palma exposta, como se estivesse acenando para o teto; braço direito cruzado sobre o corpo numa forma que a sua mão estava em concha sobre o seio esquerdo. Uma perna estava estendida reta, o outro joelho dobrado. Se estivesse nua, deitada contra um fundo de folhas secas, ou um gramado impecável, ela estaria na posição perfeita para ser a coelhinha da página central da Playboy.

Júnior ficou menos surpreso com seu ataque repentino a Victória do que com o fato de que a garrafa não tinha quebrado. Ele era, afinal de contas, um homem novo desde a sua decisão na torre de incêndio, um homem de ação, que fazia o que era necessário. Mas a garrafa era de vidro, e ele a brandira com força suficiente para chocar-se contra a frente de Victória com um som parecido com o de um martelo batendo numa bola de críquete. O golpe fora o bastante para fazer com que ela desmaiasse instantaneamente. Talvez tivesse sido forte a ponto de matá-la, mas mesmo assim o Merlot permanecia preparado para ser bebido.

Ele entrou na casa, fechou a porta da frente sem fazer ruído, e examinou a garrafa. O vidro era grosso, especialmente na base, onde o fundo bojudo encorajava os sedimentos a se reunirem mais ao longo da borda do que através do fundo inteiro da garrafa. Esta característica de design foi o fator secundário para a força do recipiente. Era evidente que ele a atingira com o fundo da garrafa, que tinha mais condições de resistir ao impacto.

Um ponto rosado no centro da frente de Victória marcava o local do choque. Logo ele seria uma contusão muito feia. O osso do crânio não parecia ter sido rachado.

Com a cabeça tão dura quanto o coração, Victória não sofrera nenhum dano cerebral sério, apenas uma concussão.

No aparelho de som na sala de estar, Sinatra cantava “It Was a Very Good Year”.

A julgar pelas evidências, a enfermeira estava sozinha em casa, mas Júnior levantou a voz acima da música e gritou: — Olá! Tem alguém aqui? Embora ninguém tenha respondido, ele vasculhou rapidamente a pequena casa.

Um abajur com uma coberta franjada com seda rendada projetava asas de luz dourada num canto da sala de estar. Na mesinha de centro havia três lâmpadas de querosene decorativas, emitindo uma luz bem baixa.

Na cozinha, o forno exalava um aroma delicioso. Sobre o fogão havia uma panela grande em fogo baixo. Ao lado estava a massa a ser acrescentada quando a água dentro da panela começasse a ferver.

Sala de jantar. Dois lugares postos numa extremidade da mesa. Copos de vinho. Dois castiçais de estanho ornados, velas ainda apagadas.

Júnior agora estava vendo o quadro. Nítido como uma foto polaroide.

Victória estava envolvida num relacionamento, e ela o procurara no hospital não porque estivesse procurando por mais ação, mas porque era uma provocadora. Uma dessas mulheres que achavam divertido aquecer os sucos de um homem e então deixá-los cozinhando nele.

Ela também era uma filha da puta traiçoeira. Depois de procurá-lo, depois de provocar uma reação nele, ela saía correndo para fofocar sobre ele, como se ele tivesse instigado a sedução. Pior ainda, para se sentir importante, tinha contado à polícia a sua versão da história, certamente acrescentando mais detalhes coloridos.

Um banheiro sem chuveiro no andar térreo. Dois quartos e um banheiro completo no andar superior. Todos vazios.

Novamente na ante-sala. Victória não havia se mexido.

Júnior ajoelhou-se ao lado dela e premiu dois dedos na artéria carótida em seu pescoço. Ela tinha pulsação, talvez um pouco irregular, mas forte.

Embora ele agora soubesse que pessoa odiável era a enfermeira, continuava fortemente atraído por ela. Contudo, ele não

era o tipo de homem que se aproveitaria de uma mulher inconsciente.

Além disso, ela estava claramente esperando um convidado.

Você chegou cedo. Não ouvi o seu carro, dissera Victória ao atender à batida na porta, antes de ver que a visita era Júnior.

Ele caminhou até a porta da frente, que era ladeada por janelinhas fechadas por cortinas. Ele puxou uma das cortinas e espiou.

A lua mumificada livrara-se de suas bandagens. Seu rosto sardento deitava sua luz sobre os galhos do pinheiro, o jardim e o caminho de acesso à casa.

Nenhum carro.

Na sala de estar, ele removeu uma almofada decorativa do sofá e a carregou até a ante-sala.

Contei à polícia sobre a sua tentativa ridícula de sedução com a colher de gelo.

Ele deduziu que ela não havia telefonado à polícia para fazer uma queixa formal. Por que perder seu tempo indo à delegacia quando Thomas Vanadium estava vagando pelo hospital dia e noite, pronto para alugar um ouvido a qualquer falsidade que fizesse Júnior parecer um escroto e um assassino da própria esposa? Muito provavelmente, Victória falara diretamente com o detetive maníaco. Ainda que tivesse reportado suas invenções sórdidas a outro policial, este as teria passado para Vanadium, e o tira teria procurado a enfermeira para ouvi-la em primeira mão, quando ela teria aumentado a história até fazer parecer que Júnior tinha agarrado seus peitos e tentado enfiar a língua na sua garganta.

Agora, se Victória reportasse a Vanadium que Júnior havia aparecido na sua porta com uma rosa vermelha, uma garrafa de Merlot e intenções românticas, o detetive demente pegaria no seu pé novamente. Vanadium podia pensar que a enfermeira tinha interpretado erroneamente a coisa da colher com gelo, mas o intento neste caso seria inequívoco, e o policial cruzado jamais desistiria.

Victória grunhiu mas não se mexeu.

As enfermeiras deviam ser anjos de misericórdia. Ela não mostrara nenhuma misericórdia para com ele. E ela certamente não era nenhum anjo.

Ajoelhando-se ao lado dela, Júnior colocou a almofada sobre o rosto adorável de Victória e apertou com firmeza enquanto Frank Sinatra terminava “Hello, Young Lovers” e cantava talvez metade de “All or Nothing at All”. Victória permaneceu inconsciente, sem jamais ter uma chance de se debater.

Depois de checar sua artéria carótida e não encontrar nenhum pulso, Júnior retornou para o sofá na sala de estar. Ele afofou a almofada e a colocou precisamente onde a encontrara.

Não sentia a menor vontade de vomitar.

Ainda assim não se culpava por sua falta de sensibilidade. Ele estivera com esta mulher apenas uma vez antes. Não investira emocionalmente nela como o fizera com a doce Naomi.

Mas ele não era completamente insensível, claro. Uma tristeza forte pesou em seu coração, uma tristeza com o pensamento do amor e da felicidade que ele e a enfermeira poderiam ter tido juntos. Mas, afinal de contas, tinha sido escolha dela provocá-lo sexualmente e tratá-lo com tanta crueldade.

Quando Júnior tentou levantar Victória, a sua voluptuosidade perdeu o apelo. Um peso morto, ela era mais pesada do que ele esperara.

Na cozinha, sentou o cadáver numa cadeira e deixou-o cair para a frente, sobre a mesa. Com os braços dobrados, a cabeça sobre os braços e o corpo voltado para um lado, ela parecia estar descansando.

Coração acelerado, mas lembrando a si mesmo da força e da sabedoria que se elevam de uma mente calma, Júnior ficou parado em pé no centro da cozinha pequena, virando-se lentamente para estudar cada ângulo do cômodo.

Com o convidado da mulher morta a caminho, os minutos eram preciosos. Contudo, a atenção aos detalhes era essencial, a despeito do tempo que fosse necessário para disfarçar um assassinato como um acidente doméstico.

Infelizmente, Caesar Zedd não escrevera um livro de auto-ajuda sobre como cometer suicídio e escapar das suas consequências. Como antes, Júnior estava inteiramente sozinho.

Com pressa e uma economia de movimento, ele se pôs a trabalhar.

Primeiro pegou suas toalhas de papel num armário embutido na parede, segurou uma em cada mão, para usá-las como luvas. Estava determinado a não deixar digitais.

A cozinha possuía dois fornos; o jantar estava cozinhando no direito.

Júnior ligou o forno esquerdo, ajustando o fogo para médio, e abriu a porta.

Na sala de jantar, pegou os dois pratos de jantar que já estavam postos.

Retornou com eles para a cozinha e colocou-os no forno esquerdo, como se ela o estivesse usando como aquecedor de pratos.

Ele deixou a porta do forno aberta.

Na geladeira, encontrou um bastão de manteiga num recipiente com uma tampa de plástico transparente. Levou o recipiente até a mesa de culinária ao lado da pia e o abriu.

Uma faca jazia no balcão ali perto. Usou-a para fatiar quatro pedaços de um centímetro e meio de manteiga amarela e cremosa.

Deixando três pedaços de manteiga no recipiente, colocou cuidadosamente o quarto no assoalho revestido com vulcapiso.

As toalhas de papel estavam manchadas de manteiga. Amassou-as e jogou-as no lixo.

Pretendia empapar a sola do sapato direito de Victória no pedaço de manteiga e deixar uma mancha comprida no chão, como se ela tivesse escorregado e caído na direção dos fornos.

Finalmente, segurando a cabeça de Victória com ambas as mãos, ele teria de golpear sua fronte com força considerável no canto da porta aberta do forno, tomando o cuidado de colocar o ponto do impacto precisamente onde a garrafa a acertara.

Ele supunha que a Divisão de Investigação Científica da Polícia Estadual do Oregon poderia encontrar pelo menos um motivo para suspeitar do cenário trágico que estava criando. Ele não sabia quanta tecnologia a polícia empregaria numa cena criminal, e conhecia muito pouco sobre patologia forense. Estava apenas fazendo o melhor trabalho que podia.

O Departamento de Polícia de Spruce Hills era pequeno demais para possuir uma Divisão de Investigação Científica completa. E se o

cenário que lhes fosse apresentado parecesse convincente, eles poderiam aceitar a morte como um acidente bizarro e jamais recorrer à assistência técnica da polícia estadual.

Se a polícia estadual se envolvesse, e até se eles encontrassem evidências de que o acidente fora ensaiado, eles provavelmente apontariam o dedo da culpa para o homem para quem Victória estivera preparando o jantar.

Nada restava a ser feito além de pressionar o sapato de Victória na manteiga e chocar sua cabeça contra a borda da porta do forno.

Estava prestes a levantar o cadáver da cadeira quando ouviu o carro no caminho de acesso. Ele não teria ouvido o motor tão claramente e tão cedo se o aparelho de som não estivesse no processo de trocar de álbuns.

Não havia tempo para preparar o cadáver para ser visto.

Uma crise depois de outra. Este novo homem de ação não era burro.

Nas adversidades residem grandes oportunidades, como ensinara-lhe Caesar Zedd, e como sempre, claro, havia um lado bom mesmo quando você não era capaz de vê-lo imediatamente.

Júnior saiu correndo da cozinha e seguiu o corredor até a porta da frente.

Ele correu silenciosamente, apoiando-se nos dedos como um dançarino.

Sua graça atlética natural era uma das coisas que atraíam tantas mulheres.

Símbolos tristes de um amor que não estava escrito nas estrelas, a rosa vermelha e a garrafa de vinho no chão da ante-sala. Sem a presença do cadáver, não restava nenhum sinal de violência no local.

Enquanto Sinatra começava a cantar “I'll Be Seeing You”, Júnior guiou seus passos de modo a não pisar na rosa nem no Merlot. Ele cautelosamente puxou para trás cinco centímetros da cortina numa das janelinhas ao lado da porta.

Um sedã parara no caminho de acesso, do lado direito da casa, quase fora de vista. Enquanto Júnior observava, os faróis se apagaram. O motor foi desligado. A porta do motorista foi aberta. Um homem

saltou do carro, uma figura ameaçadora sob o luar amarelo. O convidado para o jantar.

Capítulo 35

IMPLODIR, explodir para dentro sob pressão. Como o casco de um submarino numa profundidade muito grande.

Júnior aprendera a palavra implodir num livro de auto-ajuda sobre como aperfeiçoar o seu vocabulário e falar bem. Naquela época ele achava que jamais ia usar essa palavra, nem tantas outras nas listas que decorara.

Agora era a descrição perfeita para a forma como se sentia: como se estivesse na iminência de implodir.

O convidado do jantar inclinou-se de volta para o carro, como se fosse pegar alguma coisa. Talvez ele, também, fosse educado o bastante para trazer um pequeno presente para a sua anfitriã.

Quando Victória não atendesse à porta, este homem não iria embora simplesmente. Ele havia sido convidado. Era esperado. Havia luzes acesas na casa. A falta de uma resposta à sua batida seria vista como um sinal de que alguma coisa estava errada.

Júnior estava numa profundidade crítica. A pressão psicológica era de pelo menos uma tonelada por centímetro quadrado e crescia a cada segundo.

Implosão iminente.

Se fosse deixado parado em pé na varanda, o visitante circularia a casa, espiando nas janelas onde as cortinas não estavam fechadas, experimentando as portas na esperança de encontrar alguma aberta. Com medo de que Victória estivesse doente ou ferida, que talvez tivesse escorregado num naco de manteiga e batido a cabeça contra a borda de uma porta de fogão aberta, ele poderia tentar invadir o lugar, quebrar uma janela. Certamente ele procuraria os vizinhos para chamar a polícia.

Duas toneladas por centímetro quadrado. Quatro. Cinco.

Júnior correu para a sala de jantar e pegou uma das taças de vinho na mesa. Pegou também um dos castiçais de estanho, deixando cair a sua vela.

Novamente na antessala, a cerca de um metro e meio da porta da frente, pousou a taça de vinho no chão. Posicionou o Merlot ao lado do vinho, a rosa vermelha ao lado da garrafa.

Como uma pintura de natureza-morta intitulada Romance.

Uma porta de carro foi fechada lá fora.

A entrada da frente não estava trancada. Júnior girou silenciosamente a maçaneta e puxou com gentileza, deixando a porta deslizar para dentro.

Carregando o castiçal, ele correu para a cozinha no final do corredor curto. A porta estava aberta, mas ele precisou entrar na sala para ver Victória sentada numa das duas cadeiras da cozinha, debruçada sobre a mesa.

Ele se escondeu atrás da porta e ergueu o castiçal de estanho sobre a cabeça. Pesando talvez um pouco mais de dois quilos, o objeto funcionaria como uma arma manual formidável, provavelmente tão boa quanto um martelo.

O coração de Júnior batia furioso. Sua respiração estava pesada.

Estranhamente, o aroma da comida sendo assada, antes delicioso, agora lhe parecia pungente como sangue.

Respirações lentas e profundas. Por Zedd, respirações lentas e profundas. Qualquer estado de ansiedade, a despeito do quão poderoso, podia ser suavizado ou até dissipado completamente com duas inalações lentas e profundas acompanhadas pela lembrança de que cada um de nós tem o direito de ser feliz, de se sentir realizado, de estar livre do medo.

Sobre o refrão final de “I'll Be Seeing You” veio da ante-sala uma voz masculina num tom intrigado, talvez um pouco surpreso: — Victória? Lento e profundo. Lento e profundo. Ele já estava mais calmo. A canção terminou.

Júnior segurou sua respiração, ouvidos atentos.

No breve silêncio entre as faixas do Disable ouviu o clique do cálice de vinho batendo contra a garrafa de Merlot, quando o visitante evidentemente colheu-os no chão.

Ele havia presumido que o convidado para o jantar era amante de Victória, mas repentinamente compreendeu que esse talvez não fosse o caso. O homem poderia não ser mais do que um amigo. Seu pai

ou um irmão. Neste caso, o convite ao romance — insinuado pela forma com que o vinho e a rosa haviam estado dispostos diante da porta — seria tão absurdamente inadequado que o visitante saberia que alguma coisa estava errada.

Beócio. Outra palavra aprendida para aprimorar o vocabulário e jamais usada antes. Beócio. Pessoa burra, obtusa, estúpida. Sentia-se repentinamente muito beócio.

No instante em que Sinatra voltou a cantar, Júnior pensou ter ouvido um passo no assoalho de madeira do corredor, e o rangido de uma tábua. A música mascarava os sons do visitante se aproximando se ele, de fato, estava se aproximando.

Erguer o castiçal bem alto. Apesar da música, fazer respirações rasas e através da boca. Permanecer em posição, preparado.

O castiçal de estanho era pesado. Ele ia fazer uma lambança.

Tinha nojo de sangue. Ele se recusava a ver filmes que lidavam com as consequências da violência, e tinha ainda menos estômago para sangue na vida real.

Ação. Concentre-se na ação e ignore os seus efeitos repugnantes.

Lembre do trem desgovernado e do ônibus cheio de freiras preso nos trilhos. Fique com o trem, não volte para olhar para as freiras esmagadas, apenas continue movendo-se para a frente, e tudo ficará bem.

Um som. Muito perto. O outro lado da porta aberta.

Aqui, agora, o convidado para o jantar, entrando na cozinha. Ele carregava a taça de vinho e a rosa na mão esquerda. O Merlot estava enfiado debaixo do seu braço. Na mão direita ele tinha uma caixa de presente pequena e embrulhada num papel brilhante.

Ao entrar, o visitante estava de costas para Júnior, e ele se moveu até a mesa, onde Victória, morta, estava sentada com a cabeça sobre os braços dobrados. Ela parecia estar simplesmente descansando.

— O que é isto? — perguntou o homem a ela, enquanto a voz de Sinatra deslizava por “Come Fly With Me”.

Avançando rápido com o castiçal em riste, Júnior viu o convidado do jantar enrijecer, talvez sentindo perigo ou ao menos

movimento, mas era tarde demais. O sujeito nem mesmo teve tempo para virar a cabeça ou se abaixar.

O porrete-castiçal acertou as costas do crânio do homem com um baque sonoro. O escalpo rasgou, sangue jorrou, e o homem caiu tão pesado quanto Victória caíra sob a influência de um bom Merlot. A diferença foi que o homem tombou de bruços, não de rosto para cima, como acontecera com Victória.

Não estando disposto a correr riscos, Júnior brandiu o castiçal de novo, curvando-se ao fazer isso. O segundo impacto não foi tão sólido quanto o primeiro, mas foi eficaz.

Ao cair, a taça de vinho se quebrara. Mas a garrafa de Merlot sobrevivera de novo, rolando pelo assoalho de vulcapiso até bater gentilmente contra o pé do armário.

Já esquecido da respiração lenta e profunda, arfando como um banhista se afogando, um suor repentino gotejando de seu semblante, Júnior usou um pé para cutucar o homem caído.

Quando não obteve resposta, ele enfiou a ponta de seu sapato direito debaixo do peito do homem e, com algum esforço, o fez rolar, deixando-o de barriga para cima.

Segurando a rosa vermelha na mão esquerda, a caixa de presente embrulhada em papel brilhante meio esmagada na mão direita, Thomas Vanadium jazia à mercê de Júnior, sem nenhum truque para realizar, sem nenhuma moeda dançando nos nós de seus dedos. Toda a sua magia havia desaparecido.

Capítulo 36

O CREPITAR DE CHAMAS FALSAS, da forma como eram feitas nos tempos das novelas de rádio, nas décadas de 1930 e 1940, quando ele era menino: celofane sendo amassado.

Sentado sozinho na mesa de canto de sua quitinete, Jacó fez mais sons de fogo ao desnudar um segundo baralho novo de cartas de seu celofane transparente; e então um terceiro e um quarto.

Ele possuía arquivos vastos sobre incêndios trágicos, e a maioria deles estava gravada em sua mente. No magnífico Ring Theater de

Viena, em 8 de dezembro de 1881, um incêndio clamou 850 vidas. Em 25 de maio de, duzentos mortos na Opera Comique, Paris. Em 28 de novembro de, no clube noturno Coconut Grove em Boston — quando Jacó tinha apenas quatorze anos de idade e já era obcecado com o lamentável talento da humanidade para destruir a si própria por intenção ou inépcia —, 491 pessoas morreram sufocadas e queimadas vivas numa noite que devia ter sido de alegria regada a champanhe.

Agora, depois de remover os quatro baralhos dos maços prensados nos quais eles tinham vindo, Jacó alinhou-os lado a lado no arranhado tampo de bordo de sua mesa.

— *Quando o Iroquois Theater em Chicago incendiou em 30 de dezembro — disse em voz alta, testando a sua memória —, durante uma matinê de O barba-azul, seiscentas e duas pessoas morreram, em sua maioria mulheres e crianças.*

A consistência infalível do empacotamento possibilita aos mestres em manipulação de cartas — jogadores profissionais e mágicos — embaralharem um novo maço com a certeza de saberem onde cada carta poderá ser encontrada no bolo. Um bom manipulador de cartas com mãos habilidosas e ágeis pode aparentar embaralhar tão completamente que até o observador mais desconfiado ficará satisfeito — e mesmo assim ele ainda saberá exatamente onde cada carta se encontra no maço. Com uma manipulação magistral, ele pode posicionar as cartas na ordem que ele quer, para obter os efeitos que deseja.

— *Em 6 de julho de 1944, na cidade de Hartford, Connecticut, um incêndio foi deflagrado na grande tenda do Circo dos Irmãos Ringling, Barnum e Bailey, às duas e quarenta da tarde, enquanto seis mil espectadores assistiam aos Wallendas, uma trupe de equilibristas famosa mundialmente, subirem para começar seu número. Às três da tarde o fogo começou, seguido pelo colapso da tenda em chamas, deixando cento e sessenta e oito pessoas mortas. Outras quinhentas pessoas ficaram feridas gravemente, mas mil animais de circo (incluindo quarenta leões e quarenta elefantes) saíram ilesos.*

Uma destreza incomum é essencial a qualquer um que deseje tornar-se um manipulador de cartas altamente habilidoso, mas não é a única exigência. Também é imensamente importante uma capacidade

em suportar um tédio terrível enquanto passa milhares de horas treinando. Os melhores manipuladores de cartas também possuem funções de memória complexas de uma amplitude e de uma profundidade que seriam consideradas extraordinárias por qualquer pessoa comum.

— *14 de maio de 1845, Cantão, China. Um incêndio num teatro matou seiscentas e setenta pessoas. Em 8 de dezembro de 1863, um incêndio na igreja de La Compana, em Santiago, Chile, deixou duas mil, quinhentas e uma pessoas mortas. Cento e cinquenta pereceram num incêndio num bazar de caridade em Paris: 4 de maio de 1897. 30 de junho de 1900: um incêndio nas docas em Hoboken, Nova Jersey, matou trezentas e vinte e seis...*

Jacó nascera com a destreza necessária e uma capacidade de memória mais do que suficiente. Seu distúrbio de personalidade — que impedia que ele arranjasse trabalho e garantia que sua vida social jamais envolveria uma série interminável de festas — possibilitava que tivesse tempo livre necessário à prática das técnicas mais difíceis de manipulação de cartas até que as dominasse.

Como, desde a infância, Jacó fora atraído por histórias e imagens apocalípticas, por catástrofes tanto em escala pessoal quanto planetária — de incêndios em teatros à guerra nuclear total —, ele tinha uma imaginação febril e uma vida intelectual plena, ainda que peculiar. Portanto, para ele a parte mais difícil no aprendizado da manipulação de cartas fora suportar o tédio de praticar durante anos, motivado apenas por seu amor e admiração por sua irmã, Agnes.

Agora ele embaralhou o primeiro dos quatro maços tão precisamente quanto os embaralhara na noite de sexta-feira passada, e o colocou de lado.

Para ter o máximo de chances de se tornar um mestre na técnica da manipulação de cartas, qualquer jovem precisa de um mentor. A arte do controle total sobre as cartas não pode ser aprendida inteiramente a partir de livros e experimentos.

O mentor de Jacó tinha sido um homem chamado Obadiah Sepharad.

Eles haviam se conhecido quando Jacó estava com dezoito anos, durante um período em que ele estivera confinado numa ala

psiquiátrica durante um curto tempo, sua excentricidade tendo sido temporariamente confundida com algo pior.

Ele embaralhou os três maços restantes da forma ensinada por Obadiah.

Agnes e Esaú não sabiam a respeito da grande habilidade de Jacó com as cartas. Ele havia sido discreto sobre o seu aprendizado com Obadiah, e durante quase vinte anos resistira ao impulso de surpreender os irmãos com a sua perícia.

Quando crianças — vivendo numa casa que era conduzida como uma prisão, sufocados pelo governo opressivo de um pai rabugento que acreditava que qualquer forma de entretenimento era uma ofensa contra Deus — eles conduziam partidas secretas de cartas como seu ato básico de rebelião. Um maço de cartas era pequeno o bastante para ser escondido rapidamente e mantido oculto mesmo durante uma das inspeções minuciosas do pai aos seus quartos.

Quando o velho morreu e Agnes herdou a propriedade, os três irmãos jogaram cartas no quintal dos fundos pela primeira vez no dia do funeral do pai; jogaram abertamente, quase eufóricos com sua liberdade. Quando Agnes se apaixonou e se casou, Joey Lampion juntou-se aos seus jogos de cartas, e Jacó e Esaú sentiram-se finalmente membros de uma família.

Jacó tornara-se um manipulador de cartas com um propósito. Não porque fosse um jogador. Não para embasbacar os amigos com truques de cartas. Não porque o desafio o intrigava. Ele queria ser capaz de dar a Agnes cartas vencedoras de vez em quando, se ela estava perdendo com frequência demais ou estava desanimada. O esforço que ele fizera — os milhares de horas de treinamento — era pago com dividendos a cada vez que Agnes ria de deleite depois de tirar uma mão perfeita.

Se Agnes soubesse que Jacó estivera ajudando-a a jogar, ela provavelmente jamais jogaria cartas com ele novamente. Ela não aprovaria o que ele tinha feito. Consequentemente, sua grande habilidade como trapaceiro de cartas seria para sempre o seu segredo.

Ele sentia um pouco de culpa com isto... mas apenas um pouco. Sua irmã fizera muito por ele; mas sem trabalho, guiado por suas obsessões, herdeiro de muito da natureza amarga de seu pai, não havia

muita coisa que ele pudesse fazer por ela. Apenas este truque benigno com as cartas.

— *20 de setembro de 1902, Birmingham, Alabama, incêndio em igreja, quinhentos e cinquenta mortos. 4 de março de 1908, Collinwood, Ohio, incêndio em escola... cento e sessenta e seis mortos.*

Tendo embaralhado todos os quatro maços de cartas, Jacó cortou dois baralhos e misturou as metades, controlando-as exatamente como ele havia controlado na noite de sexta-feira passada. A seguir, as outras duas metades.

— *Nova York, 25 de março de 1911, a fábrica Triangle Shirtwaist... cento e quarenta e seis mortos.*

Sexta-feira passada, depois do jantar, quando ele ouvira o suficiente sobre o método de leitura de cartas de Maria para saber que eram necessários quatro maços, que apenas a terceira era lida, e que os ases — especialmente os ases vermelhos — eram as cartas mais propícias para serem recebidas, Jacó divertira-se muito preparando para Barty as mais favoráveis primeiras oito cartas que podiam ser tiradas. Este era um presentinho para animar Agnes, que estava com o coração pesado como chumbo depois da morte de Joey.

No começo tudo corraera bem. Agnes, Maria e Esaú tinham ficado maravilhados. Todos à mesa estavam sorridentes e esperançosos. Eles estavam encantados com a série de cartas estrondosamente favorável, uma improbabilidade matemática surpreendente.

— *23 de abril de 1940, Natchez, Mississippi, incêndio do salão de danças: cento e noventa e oito mortos. 7 de dezembro de 1946, Atlanta, Geórgia, o incêndio do Hotel Wincoff: cento e noventa mortos.*

Agora, na mesa da sua quitinete, duas noites depois da leitura de cartas de Maria, Jacó terminou de integrar os quatro baralhos como fizera na sexta-feira, na mesa de jantar da casa principal. Depois de terminar o trabalho ele se sentou durante algum tempo, fitando o bolo de cartas, hesitando prosseguir.

— *5 de abril de 1949, Effingham, Illinois, um incêndio de hospital matou setenta e sete pessoas.*

Em sua voz, ele ouviu um tremor que não tinha nenhuma relação com as mortes hediondas em Effingham, mais de dezesseis anos

antes. Primeira carta. Ás de copas. Descarte duas. Segunda carta. Ás de copas.

Ele continuou até quatro ases de copas e quatro ases de ouros estarem na mesa diante dele. Ele havia preparado essas quatro tiradas de cartas, e este efeito era intencional.

Os manipuladores de cartas possuem mãos estáveis, mas as de Jacó tremiam enquanto ele descartava duas cartas e lentamente virava a nova carta. Esta devia ser um quatro de paus, não um valete de espadas. E foi um quatro de paus.

Ele olhou as duas cartas que seguiram o quatro de paus na pilha.

Nenhuma dessas também tinha sido um valete de espadas, e ambas tinham sido as que ele antecipara.

Na noite de sexta-feira, Jacó providenciara para que os ases fossem tirados, mas não empilhara as subsequentes doze cartas para prover a seleção de quatro valetes idênticos a intervalos de três cartas. Ele ficara estarecido ao ver Maria virá-las.

As probabilidades contra a retirada de um valete de espadas quatro vezes seguidas de quatro baralhos combinados e embaralhados aleatoriamente eram proibitivas. Jacó não tinha o conhecimento necessário para calcular essas probabilidades, mas ele sabia que eram astronômicas.

Obviamente, a possibilidade de sacar quatro valetes idênticos de maços combinados que haviam sido magistralmente manipulados e meticulosamente dispostos por um mestre da manipulação era nula — a não ser que o efeito dos valetes tivesse sido proposital, e neste caso não havia sido. As probabilidades não podiam ser calculadas porque isso não podia acontecer. Não havia qualquer elemento do acaso envolvido aqui. As cartas naquela pilha haviam estado ordenadas de forma tão previsível — para Jacó — quanto as páginas numeradas num livro.

Na noite de sexta-feira, mistificado e atormentado, Jacó não dormira muito, e cada vez que cochilara, tinha sonhado em estar sozinho num bosque, seguido por uma presença sinistra, invisível mas inegável. Este predador andava silenciosamente pelo mato, indistinguível das árvores e arbustos entre os quais deslizava. Era tão fluido e frio quanto o luar, mais escuro que a noite... e estava cada vez

mais próximo. Cada vez que sentira que o predador ia pular sobre ele, Jacó acordara, uma vez com o nome de Barty nos lábios, gritando pelo menino como se para avisá-lo, e uma vez com duas palavras: “o lacaio...” Na manhã de sábado ele caminhou até um mercadinho na cidade e comprou oito baralhos. Com quatro, passou o dia recriando, de novo e de novo, o que fizera na mesa da sala de estar no dia anterior. Os quatro lacaio jamais apareceram.

Quando ele foi para a cama no sábado à noite, as cartas que tinham sido novas naquela manhã estavam mostrando sinais de desgaste.

Nos bosques sombrios do sonho, ainda a presença: sem rosto, silenciosa, irradiando uma intenção implacável.

Na manhã de domingo, aqui estava ele, abrindo quatro maços novos, como se as cartas novas pudessem permitir que a mágica se repetisse. Ás, ás, ás, ás de copas.

— *10 de dezembro de 1958, Chicago, Illinois, um incêndio numa escola paroquiana matou noventa e cinco pessoas.*

Ás, ás, ás, ás de ouros. Quatro de paus.

Se mágica era a explicação para os valetes na noite de sexta-feira, talvez essa fosse a variação sombria da mágica. Talvez ele não devesse estar tentando convocar, mais uma vez, o espírito que tinha sido responsável pelos quatro lacaio.

— *14 de julho de 1960, na Cidade de Guatemala, Guatemala, um incêndio num hospício... duzentos e vinte e cinco mortos.*

Curiosamente, recitar esses fatos geralmente costumava acalmá-lo, como se falar de desastres pudesse espantá-los. Contudo, desde a sexta-feira ele não encontrava conforto em suas rotinas usuais.

Relutante, Jacó finalmente colocou as cartas de volta nos maços e admitiu para si mesmo que ele fora tomado pela superstição e não conseguiria livrar-se dela. Em algum lugar no mundo havia um lacaio, um monstro humano — ou até pior, segundo Maria, um homem tão temível quanto o próprio diabo — e por motivos desconhecidos este monstro queria ferir o pequeno Barty, um bebê inocente. Por obra de alguma graça que Jacó não conseguia compreender, eles tinham sido alertados, através das cartas, que o lacaio estava vindo. Eles tinham sido alertados.

Capítulo 37

ESPARRAMADA NO ROSTO ACHATADO, a marca de nascença cor de vinho.

No centro da mancha, o olho fechado, tapado por uma pálpebra púrpura, liso e redondo como uma uva.

A visão de Vanadium no chão da cozinha causou em Caim Júnior o maior susto de sua vida. Ele pulou dentro de sua pele, e seu coração bateu, bateu, e ele quase esperou escutar seus ossos martelarem uns contra os outros, como os de um esqueleto pendurado numa casa das bruxas de parque de diversões.

Embora Thomas Vanadium estivesse inconsciente, talvez até morto, e embora os olhos cinzentos como pregos estivessem fechados, Júnior sabia que aqueles olhos estavam observando-o, observando-o através das pálpebras.

Talvez estivesse um pouco maluco. Ele não negaria um estado de loucura breve, transitório.

Ele não percebeu que estava golpeando o castiçal contra o rosto de Vanadium até ver o golpe ferir. E então não resistia a golpeá-lo mais uma vez.

Quando voltou a si, estava à pia da cozinha, fechando a água, que ele não conseguia lembrar de ter aberto. Ele parecia ter lavado o castiçal ensanguentado — o objeto estava limpo — mas não tinha qualquer lembrança de ter cumprido essa tarefa doméstica.

Piscou, e então estava na sala de jantar sem saber como chegara ali.

O castiçal estava seco. Segurando este cassetete de estanho com uma toalha de papel, Júnior recolocou-o na mesa como o havia encontrado.

Pegou a vela no chão e a casou com o castiçal.

Piscou, estava na sala de estar. Desligando Sinatra no meio de “It Gets Lonely Early”.

A música tinha sido sua aliada, impedindo que sua respiração tensa fosse ouvida por Vanadium, e emprestando uma aura de normalidade à casa.

Agora ele queria silêncio, para poder ouvir imediatamente outro carro no instante em que chegasse à casa.

A sala de jantar novamente, mas desta vez ele lembrou como chegara ali: através da sala de estar.

Abriu as portas sólidas no fundo do armário, sem saber o que procurava.

Em seguida checou o bar, e ali estava um pequeno suprimento de bebidas.

Uísque, gim, vodca. Selecionou uma garrafa de vodca cheia.

No começo não conseguiu reunir a coragem para voltar à cozinha. Tinha uma certeza insana de que em sua ausência o detetive morto havia se levantado e estava à sua espera.

O impulso em fugir da casa era quase irresistível.

Respirando de forma ritmada. Lenta e profundamente, lenta e profundamente. Para Zedd, a rota para a tranquilidade passa pelos pulmões.

Ele não se permitiu meditar por que Vanadium viera aqui ou que relacionamento poderia ter existido entre o tira e Victória. Tudo isso ficaria para consideração posterior, depois que tivesse lidado com esta maldita lambança.

Acabou aproximando-se da porta entre a sala de jantar e a cozinha.

Parou ali, e escutou atentamente.

Silêncio na cozinha que tinha se tornado um abatedouro.

É claro. O policial não fizera nenhum ruído ao fazer aquela moeda de 25 cents se mover pelos nós de seus dedos. E ele deslizara pelo quarto de hospital, no escuro, com passos felinos.

No cineminha de sua mente, Júnior viu a moeda em trânsito pelos dedos gordos, movendo-se mais rápido do que antes porque sua passagem estava lubrificada com sangue.

Tremendo de pavor, ele encostou uma mão na porta e lentamente a abriu.

O detetive maníaco ainda estava no chão onde tinha morrido. A rosa vermelha e a caixa de presente ocupavam suas mãos.

Sobre a marca de nascença havia manchas mais brilhantes. O rosto estava menos achatado, agora perfurado e rasgado numa

geografia nova e horrenda.

Em nome de Zedd, respirações lentas e profundas. Concentre-se não no passado, não no presente, mas apenas no futuro. O que aconteceu não é importante. Tudo que importa reside no futuro.

O pior tinha ficado para trás.

Assim, continue avançando. Não se prenda aos efeitos repugnantes.

Continue assobiando como um trem desgovernado. Siga depressa, siga adiante.

Fragmentos da taça quebrada estalaram sob os seus sapatos quando ele atravessou a pequena cozinha até a mesa de jantar. Ele abriu a garrafa de vodca e colocou-a sobre a mesa na frente da mulher morta.

Seu plano anterior para criar um cenário — manteiga no chão, porta do fogão aberta — para retratar a morte de Victória como um acidente não era mais adequado. Agora era necessária uma nova estratégia.

Os ferimentos de Vanadium eram graves demais para passarem por machucados acidentais. Ainda que houvesse alguma forma de disfarçá-los através de uma encenação arguta, ninguém acreditaria que Victória tinha morrido numa queda, e que Vanadium, correndo até ela, tropeçara e caíra, também recebendo ferimentos mortais na cabeça.

Muito bem, então orbite esta lua de problemas e encontre o seu lado iluminado, o seu lado bom...

Depois de levar um minuto arregimentando coragem, Júnior agachou-se ao lado do detetive morto.

Não olhou o rosto ferido. Não ousou fitar aqueles olhos fechados temendo que se abrissem de repente, cheios de sangue, e fixassem nele um olhar crucificador.

Muitas agências de polícia requeriam que cada policial carregasse uma arma de fogo mesmo quando não estivesse trabalhando. A polícia do estado do Oregon não tinha essa regra, mas Vanadium provavelmente carregava uma assim mesmo, porque em sua mente desvairada ele jamais era um civil, sempre um policial, sempre o cruzado implacável.

Uma levantada rápida de cada perna de sua calça não revelou nenhum coldre de tornozelo, que era como muitos policiais gostavam de carregar suas armas em horas de folga.

Evitando olhar o rosto de Vanadium, Júnior subiu ainda mais por aquele corpanzil. Dobrou para trás o casaco de tweed para revelar um coldre de ombro.

Júnior não sabia muita coisa sobre armas. Ele não as aprovava; ele jamais tivera uma.

Isto era um revólver. Não havia nele nenhum mecanismo de segurança complicado.

Mexeu no tambor até conseguir abri-lo. Cinco câmaras, uma bala reluzente em cada uma delas.

Fechando o tambor em seu lugar, ele se levantou. Já tinha um novo plano, e o revólver deste tira era a ferramenta mais importante para implementá-lo.

Júnior estava surpreso com sua flexibilidade e audácia. Ele era realmente um novo homem, um aventureiro ousado, e ficava mais formidável a cada dia.

Segundo Zedd, o propósito da vida era a realização pessoal, e Júnior teve certeza de que seu guru ficaria satisfeito em vê-lo frutificar tão rápido o seu potencial.

Empurrando a cadeira de Victória para longe da mesa, virou seu rosto para ele. Ajustou Victória de modo a deixar sua cabeça inclinada para trás e seus braços pendendo ao longo do corpo.

Ela era bonita, tanto em rosto quanto em forma, mesmo com a boca entreaberta e os olhos virados para cima. Como o futuro dela poderia ter sido brilhante, caso não tivesse decidido enganar Júnior. Era essencialmente uma provocadora, sempre prometendo, jamais realizando.

Esse comportamento dificilmente teria conduzido Victória à descoberta e ao aperfeiçoamento de si mesma. À realização plena. Nesta vida, somos nós mesmos que fazemos a nossa dor. Para o bem ou para o mal, somos nós que criamos os nossos futuros.

— Sinto muito por isto — disse Júnior.

Então ele fechou os olhos, segurou o revólver com ambas as mãos e à queima-roupa atirou duas vezes na mulher morta.

O recuo da arma foi pior que ele esperara. O revólver coiceou em suas mãos.

Nas superfícies duras dos armários, da geladeira, dos fornos, os ecos duplos ricochetearam. Os vidros das janelas estremeceram.

Júnior não estava preocupado com a possibilidade dos tiros atraírem atenções indesejadas. As distâncias entre essas propriedades rurais grandes e a forma como a profusão de árvores abafava os sons tornavam improvável que o vizinho mais próximo tivesse ouvido alguma coisa.

Com o segundo tiro, a mulher morta caiu da sua cadeira, e a cadeira tombou de lado.

Júnior abriu os olhos e viu que apenas o segundo dos dois tiros encontrara o alvo desejado. O primeiro atravessara o centro da porta de um armário, certamente estilhaçando os pratos em seu interior.

Victória jazia no chão com o rosto voltado para cima. A enfermeira não era mais linda como tinha sido, e talvez devido ao começo do rigor mortis sua graça, que inicialmente estivera evidente até em sua morte, agora a havia desertado.

— Eu realmente sinto muito — disse Júnior, lamentando a necessidade de negar-lhe o direito de parecer bonita em seu próprio funeral. — É que precisa parecer um crime passionai.

De pé sobre o corpo, disparou os três últimos tiros. Ao terminar, detestava armas mais do que nunca.

O ar recendia a pólvora de revólver e a assado de carne.

Com uma toalha de papel, Júnior limpou o revólver. Largou-o no chão ao lado do cadáver da enfermeira.

Não se deu ao trabalho de colocar a mão de Vanadium em torno da arma.

De qualquer maneira não haveria muitas evidências a serem analisadas pela Divisão de Investigação Científica quando o fogo finalmente fosse apagado: apenas pistas torradas demais para permitir que chegassem a alguma conclusão.

Dois assassinatos e um incêndio premeditado. Júnior estava sendo um menino ousado esta noite.

Não um menino malvado. Ele não acreditava em bem e mal, certo e errado.

Havia ações eficazes e ações ineficazes, comportamentos socialmente aceitáveis e socialmente inaceitáveis, decisões inteligentes e estúpidas que podiam ser feitas. Mas se você queria alcançar o máximo da realização pessoal, precisava compreender que qualquer escolha que fizesse na sua vida era de valor inteiramente neutro. A moralidade era um conceito primitivo, talvez útil nos estados iniciais da evolução da sociedade, mas sem relevância na era moderna.

Alguns atos também eram repugnantes, como revistar o policial lunático em busca do distintivo e das chaves do carro.

Continuando a evitar olhar o rosto ferido e as pálpebras de tons diferentes, Júnior encontrou as chaves num bolso externo do casaco. As credenciais estavam enfiadas num bolso interior: uma carteira de couro sem repartições, contendo o distintivo brilhante e uma identidade com foto.

Agora sair da cozinha, seguir o corredor, subir as escadas, dois degraus por vez, até o quarto de Victória. Não com a intenção de roubar um souvenir perverso. Meramente para encontrar um cobertor.

Na cozinha novamente, Júnior estendeu o cobertor no chão, num lado do sangue. Ele rolou Vanadium para o cobertor, cujas pontas juntou, improvisando um trenó com o qual arrastaria o detetive para fora da casa.

Com o policial pesando demais para ser carregado a qualquer distância, o cobertor revelou-se eficaz, a decisão de arrastá-lo, sábia, e o processo inteiro, de valor neutro.

Um passeio desconfortável, cheio de solavancos, para o falecido: ao longo do corredor, através da ante-sala, sobre a soleira da porta, pelos degraus da varanda, através de um gramado mosqueado pelas sombras dos pinheiros ao luar amarelo, até o caminho de acesso calçado com cascalho.

O morto não reclamou.

Júnior não podia ver as luzes das outras casas mais próximas. Ou essas estruturas estavam cobertas por árvores ou os vizinhos não estavam em casa.

O veículo de Vanadium, obviamente não um sedã oficial da polícia, era um Studebaker Lark Regai azul, de 1961. Carro bruto e

desprovido de elegância, parecia ter sido projetado especificamente para complementar o físico avantajado do detetive.

Quando abriu o porta-malas, Júnior descobriu que o equipamento de pesca e os dois estojos com ferramentas de carpinteiro em seu interior não deixavam espaço para um detetive morto. Só conseguiria fazer o corpo caber ali dentro se o desmembrasse primeiro.

Ele era uma alma sensível demais para usar uma serra manual ou mesmo elétrica num cadáver.

Apenas os loucos eram capazes desse tipo de atrocidade. Lunáticos sem cura como Ed Gein, lá de Wisconsin, preso há sete anos, quando Júnior tinha dezesseis. Ed, a inspiração para o filme Psicose, construía móveis com narizes e lábios. Ele usava pele humana para fazer coberturas de abajur e estofar mobília. As tigelas de sopa desse homem já tinham sido crânios humanos. Ele comia os corações e selecionava outros órgãos de suas vítimas, usava um cinto ornamentado com mamilos, e ocasionalmente dançava sob a lua mascarado com o escalpo e o rosto de uma mulher que assassinara.

Estremecendo com um arrepio, Júnior fechou o porta-malas e analisou o terreno ao seu redor. Pinheiros negros estendiam braços longos através da noite estrelada, e a lua deitava sua luz amarela que parecia obscurecer mais do que iluminar.

Júnior não era um homem supersticioso. Ele não acreditava em deuses ou demônios, ou qualquer coisa intermediária.

Ainda assim, ao lembrar de Gein imaginou que poderia haver um mal monstruoso espreitando nas proximidades. Observando. Planejando.

Movido por uma fome incontrolável. Num século marcado por duas guerras, oprimido por homens como Hitler e Stalin, os monstros não eram mais sobrenaturais, mas humanos, e sua humanidade tornava-os mais assustadores que vampiros e enviados do Inferno.

Júnior não era motivado por necessidades perversas, mas por interesses pessoais lógicos. Consequentemente, optou por despejar o corpo do detetive no banco traseiro do Studebaker com todos os membros intactos e a cabeça presa ao pescoço.

Retornou à casa e apagou os três lampiões na mesinha de centro da sala de estar. Também apagou o abajur franjado em seda

rendada.

Na cozinha, contornou, enojado, o cadáver de Victória, evitando pisar no sangue, e desligou ambos os fornos. Apagou a chama de gás debaixo da panela de água fervente.

Depois de desligar as luzes da cozinha, a luz do corredor, a luz da ante-sala, fechou a porta da frente, deixando a casa escura e silenciosa às suas costas.

Ainda tinha muito trabalho a fazer aqui. Mas livrar-se adequadamente de Thomas Vanadium era uma tarefa mais urgente.

Um vento frio desceu da luz, trazendo um cheiro suave e estranho, e as copas negras das árvores esvoaçaram e farfalharam como saias de bruxas.

Sentou atrás do volante do Studebaker, ligou o motor, fez uma volta de graus, usando mais o gramado que o caminho de acesso, e gritou de terror quando Vanadium mexeu-se ruidosamente no banco traseiro.

Júnior pisou fundo no freio, puxou o freio de mão, abriu a porta e saltou do carro. Virou sobre os calcanhares para ficar face a face com a ameaça, cascalho solto mexendo-se traiçoeiramente debaixo dos seus pés.

Capítulo 38

BONÉ DE BEISEBOL NAS MÃOS, estava em pé na varanda da frente nesta noite de domingo, um homem grande com jeito de menino tímido.

— Sra. Lampion? — Sou eu.

A cabeça leonina, as feições ousadas, emolduradas em cabelos dourados, deviam transmitir uma aura de força, mas essa impressão era comprometida por uma franja de cabelos encaracolados sobre a testa, um estilo lamentavelmente reminescente dos imperadores afetados da Roma antiga.

— Eu vim... — A voz descarrilou.

Considerando o tamanho formidável do homem, as suas roupas deviam ter servido a uma imagem de virilidade masculina: botas, calças

jeans, camisa de malha vermelha. Contudo, a cabeça abaixada, a postura curva, os pés voltados para dentro, eram lembretes de que muitos rapazes jovens também se vestiam assim.

— Alguma coisa errada? — encorajou Agnes.

Os olhos do rapaz encontraram os dela, mas imediatamente voltaram-se de novo para o soalho da varanda.

— Vim dizer que sinto... sinto imensamente.

Durante os dez dias desde o falecimento de Joey, muitos haviam transmitido suas condolências a Agnes, mas até então sempre pessoas conhecidas.

— Daria qualquer coisa para fazer com que aquilo não tivesse acontecido — disse com franqueza. E agora, um tom torturado de emoção em sua voz: — Queria ter morrido no lugar dele. O sentimento do estranho era tão excessivo que deixou Agnes sem voz.

— Eu não estava bêbado. Isso já foi provado. Mas admito ter sido imprudente, ter dirigido rápido demais na chuva. Eles me culpam por isso e por ter atravessado o sinal.

De repente Agnes entendeu.

— Foi você.

Ele fez que sim com a cabeça, o rosto ruborizado de culpa.

— Nicholas Deed.

Na sua língua, o nome parecia tão amargo quanto uma aspirina dissolvida.

— Nico — sugeriu, como se existisse qualquer razão para que ela tratasse pelo apelido o homem que matara o seu marido. — Eu não tinha bebido.

— Você andou bebendo agora — acusou Agnes calmamente.

— Tomei umas, sim. Para ganhar coragem. Para vir aqui pedir desculpas à senhora.

O pedido dele foi recebido por Agnes como uma agressão. Ela quase recuou como se tivesse sido esbofeteada.

— Pode... a senhora pode... me perdoar? Por natureza, Agnes não conseguia nutrir ressentimentos, não conseguia guardar mágoas, era incapaz de vingança. Perdoara até o seu pai, que a fizera atravessar o inferno por tanto tempo, que estragara as vidas de seus irmãos, que

matar a sua mãe. Perdoar não era o mesmo que fechar os olhos para alguma coisa. Perdoar não era o mesmo que esquecer.

— Não consigo dormir nem metade da noite — disse Deed, torcendo o boné de beisebol nas mãos. — Perdi peso e ando nervoso, agitado.

A despeito de sua natureza, desta vez Agnes não podia encontrar perdão em seu coração. Palavras de absolvição entalaram em sua garganta. Ela ficou envergonhada com a amargura que estava sentindo, mas não podia negá-la.

— O seu perdão não faria nada ficar direito — disse o homem. — Mas pelo menos me daria um pouco de paz de espírito.

— Por que eu devo me importar se você tem paz de espírito ou não? — perguntou Agnes, e teve a impressão de estar ouvindo uma mulher estranha falar com sua voz.

— Motivo nenhum — balbuciou Deed. — Mas eu nunca quis qualquer mal ao seu marido, Sra. Lampion. Nem ao seu bebê, Bartholomew.

À menção do nome de seu filho, Agnes estremeceu. Deed teria diversas formas de descobrir o nome do bebê, mas ainda assim parecia errado que soubesse, e errado que usasse o nome da criança que ele tornara órfã, e a quem quase matara.

O bafo de álcool de Deed envolveu Agnes quando ele perguntou: — Como vai o Bartholomew? Ele está bem? O rapazinho está saudável? — Valetes de espadas, num quarteto, despontaram na mente de Agnes.

Lembrando dos cabelos amarelos encaracolados da figura odiosa nas cartas de baralho, Agnes fixou os olhos nos cachos de Deed, que caíam sobre o seu semblante largo.

— Nada nesta casa é da sua conta — disse ela, recuando da porta para fechá-la.

— Por favor, Sra. Lampion.

Uma emoção forte marcava o rosto de Deed. Angústia, talvez. Ou raiva.

Ela era incapaz de interpretar a expressão de Deed, não porque ele fosse um homem difícil de ser lido, mas porque as percepções de

Agnes estavam abaladas por um terror súbito e por um jorro de adrenalina em seu sangue.

Seu coração parecia girar como uma roda de fiar dentro de seu peito.

— Espere — disse Deed, estendendo uma mão para implorar sua piedade ou bloquear a porta.

Ela bateu a porta com força antes que ele a pudesse detê-la, fosse essa sua intenção ou não, e colocou o ferrolho.

Distorcido, fragmentado e reconfigurado em formas de pétalas e folhas, o rosto de Deed por trás do vitral na porta, aproximando-se para espiar dentro da casa, era a face de um demônio saído de um pesadelo.

Agnes correu para a cozinha, onde estivera trabalhando quando a campainha tocara, embrulhando caixas de mantimentos a serem entregues com as tortas de pêra com mel que ela e Jacó tinham assado esta manhã.

O berço de Barty estava ao lado da mesa.

Ela esperava que ele tivesse desaparecido, raptado por um cúmplice que entrara pelos fundos enquanto Deed a distraía na porta da frente.

O bebê estava onde ela o deixara, dormindo serenamente.

Para as janelas, então, e abaixar todas as persianas. E ainda assim, ironicamente, ela se sentia vigiada.

Trêmula, sentou-se ao lado do berço e olhou para o bebê com tanto amor que teve a impressão de que a força de seus sentimentos poderia acordá-lo.

Ela esperou que Deed tocasse novamente a campainha. Ele não o fez.

— Imagine que pensei que você tinha sumido — disse ela a Barty. — A sua velha mamãe está pirando. Como nunca fiz um acordo com Rumpelstiltskin, não há nada aqui para ele coletar.

Nem fazendo piadas ela conseguia expurgar o medo.

Nicholas Deed não era o lacaio. Ele já tinha contribuído com toda a ruína que podia trazer às suas vidas.

Mas em algum lugar havia um lacaio, e o dia dele iria chegar.

Para evitar que Maria se sentisse responsável pela mudança de humor abrupta que acontecera quando os ases vermelhos tinham sido seguidos pelos valetes de espadas, Agnes fingira não ligar para a predição do futuro de seu filho pelas cartas, especialmente a parte assustadora dela. Mas na verdade uma frieza envolvia o seu coração.

Ela jamais pusera fé em qualquer forma de prognóstico. Contudo, naquela sucessão de doze cartas ela ouvira a leve voz da verdade, não exatamente uma verdade coerente, não uma mensagem tão clara quanto ela gostaria, mas um murmúrio que não podia ser ignorado.

O pequeno Bartholomew franziu o rosto enquanto dormia. Sua mãe fez uma prece para ele.

Ela também pediu perdão pela rudeza com que tratara Nicholas Deed. E pediu para ser poupada da visita do laçao.

Capítulo 39

O DETETIVE MORTO, sorrindo ao luar, um par de moedas de prata reluzindo nas órbitas antes ocupadas por seus olhos.

Esta era a imagem que vagava pela imaginação turbulenta de Caim ao pular pela porta do motorista e girar nos calcanhares para confrontar o Studebaker, seu coração caindo como uma âncora.

Sua língua seca, boca desidratada e garganta em brasa pareciam cobertas de areia, e sua voz jazia enterrada morta lá embaixo.

Mesmo quando não viu nenhum policial morto-vivo, nenhum sorriso fantasmagórico, nenhuma moeda de prata no lugar dos olhos, Júnior não se sentiu imediatamente aliviado. Cautelosamente, circulou o carro, esperando encontrar o detetive acorado e preparado para atacar.

Nada.

A lâmpada interna do carro se encontrava acesa, porque a porta do motorista estava aberta.

Ele não queria inclinar-se para dentro e espiar sobre o banco da frente.

Ele não tinha nenhuma arma. Sentia-se desequilibrado, vulnerável.

Ainda cauteloso, aproximou-se da porta traseira, da janela. O corpo de Vanadium jazia no soalho do carro, embrulhado no cobertor.

Ele não ouvira o homem da lei levantar-se com intentos malévolos, conforme imaginara. O corpo havia simplesmente caído do banco traseiro para o chão durante a curva abrupta de 180 graus.

Por um instante, Júnior sentiu-se humilhado. Ele quis arrastar o detetive para fora do carro e pisotear o seu rosto irônico, morto.

Isso não seria um uso produtivo de seu tempo. Satisfatório, mas não prudente. Zedd nos ensina que o tempo é a coisa mais preciosa que possuímos, porque nascemos com muito pouco dele.

Júnior entrou mais uma vez no carro, bateu a porta e disse: — Seu babaca quase careca, de cara chata e queixo duplo! Seu... seu coletor de vômitos! Surpreendentemente, sentiu-se muito gratificado por colocar em palavras o seu insulto, ainda que Vanadium estivesse morto demais para escutá-lo.

— Sua aberração de pescoço gordo, nariz de batata, orelhas de abano, testa de macaco e marca de nascença na cara! Isto era melhor do que fazer respirações lentas e profundas.

Periodicamente, no trajeto até a casa de Vanadium, Júnior cuspiu uma torrente de insultos, pontuados com obscenidades.

Ele teve tempo para pensar em vários, porque dirigiu oito quilômetros abaixo do limite de velocidade. Não podia correr o risco de ser parado por uma violação de trânsito quando Thomas Vanadium, o fardo humano, estava morto e embrulhado no banco de trás.

Durante a semana anterior, Júnior fizera uma pesquisa discreta sobre os antecedentes do prestidigitador com distintivo. O tira era divorciado. Vivia sozinho, de modo que esta visita ousada não apresentava riscos.

Júnior estacionou na garagem para dois carros. Nenhum veículo ocupava o segundo espaço. Numa parede estava pendurado um conjunto impressionante de ferramentas de jardinagem. No canto havia uma bancada de jarros.

Num armário sobre a bancada, Júnior encontrou um par de luvas de jardinagem feitas de algodão. Vestiu-as, e elas serviram-lhe

perfeitamente.

Ele teve dificuldade em visualizar o detetive cuidando de seu jardim durante os fins de semana. A não ser que houvesse corpos enterrados debaixo das rosas.

Usando a chave do detetive, entrou na casa.

Enquanto Júnior estivera hospitalizado, Vanadium revistara a sua casa, com e sem um mandado. Era agradável dar-lhe o troco.

Vanadium claramente passava muito tempo na cozinha; era o único aposento na casa que parecia confortável. Vários utensílios culinários.

Panelas e frigideiras penduradas num suporte de teto. Uma cesta de cebolas, outra de tomates. Um grupo de garrafas com rótulos coloridos revelou-se uma coleção de azeites de oliva.

O detetive se julgava um mestre-cuca.

Outros aposentos eram mobiliados tão espartanamente quanto um monastério. De fato, a sala de jantar não continha absolutamente nada.

Um sofá e uma poltrona de braços proporcionavam os assentos na sala de estar. Não havia nenhuma mesinha de centro. Uma mesinha ao lado da cadeira. Uma estante abrigava uma boa aparelhagem de som e algumas centenas de discos.

Júnior examinou a coleção de música. O gosto do policial consistia em big bands e vocalistas da era do swingue.

Evidentemente, ou Sinatra era um entusiasmo que Victória e o detetive compartilhavam, ou a enfermeira pegara emprestado alguns dos discos do intérprete expressamente para fazer a atmosfera de seu jantar.

Este não era o momento para ponderar sobre a natureza do relacionamento entre a traiçoeira srta. Bressier e Vanadium. Júnior tinha um rastro sangrento para cobrir, e seu tempo estava se esgotando.

Além disso, as possibilidades o repugnavam. O simples pensamento de uma mulher de aparência esplêndida como Victória submetendo-se a um homem grotesco como Vanadium teria arrepiado a sua alma, se ele tivesse uma.

O escritório tinha o tamanho de um banheiro. O espaço apertado mal dava para uma velha mesa de pinho, uma cadeira e um

arquivo.

A mobília do quarto de dormir, barata e arranhada, podia ter sido comprada num brechó. Uma cama dupla e uma mesinha-de-cabeceira.

Uma penteadeira pequena.

Como todo o resto da casa, o quarto estava impecavelmente limpo. O assoalho de madeira reluzia como se tivesse sido polido com a mão. Um lençol branco simples cobria a cama sem um vinco sequer, como se pertencesse a um soldado no quartel.

Não havia quinquilharias e lembranças em lugar nenhum da casa. Não havia nada pendurado nas paredes, com exceção de um calendário na cozinha.

Uma estatueta de bronze, fixada em madeira laqueada, sofria sobre a cama. Este crucifixo, contrastando fortemente com as paredes brancas, reforçava a impressão de uma economia monástica.

Segundo a visão de Júnior, esta não era a forma de uma pessoa normal viver. Esta era a casa de um solitário lunático, um homem perigosamente obsessivo.

Tendo sido um objeto da fixação de Thomas Vanadium, Júnior sentia-se grato por ter sobrevivido. Sentiu um arrepio.

Um conjunto limitado de roupas não ocupava completamente o espaço disponível dentro do armário. No piso, sapatos dispostos de forma altamente organizada.

A prateleira superior do armário abrigava caixas e duas malas baratas, revestidas em vinil verde. Pegou as malas e colocou-as na cama.

Vanadium possuía tão poucas roupas que as malas tinham capacidade suficiente para acomodar o conteúdo do armário e da penteadeira.

Júnior jogou as roupas no chão e pela cama para criar a impressão de que o detetive fizera as malas com pressa. Depois de ser imprudente o bastante para atirar em Victória Bressier cinco vezes com seu revólver de serviço — talvez movido por ciúmes, ou talvez porque enlouquecera —, Vanadium ficaria frenético em fugir da justiça.

No banheiro, Júnior pegou um barbeador elétrico e itens de higiene.

Colocou-os também nas malas.

Depois de colocar as duas bagagens no carro na garagem, retornou ao escritório. Sentou-se à mesa e examinou o conteúdo das gavetas, e então virou-se para o arquivo.

Não tinha certeza do que esperava encontrar. Talvez um envelope ou uma caixa com dinheiro, que um assassino em fuga certamente levaria consigo. A polícia ficaria desconfiada se descobrisse que o dinheiro fora deixado para trás. Talvez um talão de cheques.

Na primeira gaveta, ele descobriu uma caderneta de endereços.

Logicamente, Vanadium a teria levado consigo, mesmo apressado depois de um assassinato. Assim, Júnior enfiou a caderneta no bolso do casaco do detetive.

Quando tinha praticamente acabado de revistar as gavetas da escrivaninha, o telefone tocou — não o sino estridente usual, mas um zumbido eletrônico baixo. Ele não tinha qualquer intenção de atender. O segundo toque foi seguido por um clique, e então uma voz arrastada, familiar, disse: “Olá. Aqui é Thomas Vanadium...” Como uma cobra de brinquedo saltando de uma caixa de surpresas, Júnior saltou da cadeira, quase derrubando-a. “... mas não estou no momento.” Virando-se para a porta aberta, ele viu que o detetive morto era fiel à sua palavra: ele não estava lá.

A voz continuou, emitida por um dispositivo sobre a escrivaninha, ao lado do telefone.

“ Porfavor, não desligue. Esta é uma secretária eletrônica. Deixe uma mensagem depois de ouvir o sinal, e telefonarei de volta mais tarde.” A palavra Ansaphone estava gravada no estojo de plástico preto do aparelho.

O sinal soou, conforme o prometido, e uma voz de homem falou da caixa: “Aqui é o Max. Você é vidente. Descobri tudo no hospital daqui. A coitada da menina teve uma hemorragia cerebral, gerada por uma crise de hipertensão causada por... eclampsia, acho que o nome é esse. O bebê sobreviveu. Liga pra mim, tá?” Max desligou. A secretária eletrônica fez uma série de barulhinhos de robô e então ficou silenciosa. Incrível.

Júnior sentiu-se tentado a mexer nos controles. Talvez houvesse outras mensagens gravadas na máquina. Ouvi-las seria delicioso —

mesmo se cada uma fosse tão desprovida de sentido para ele quanto a de Max —, algo como folhear o diário de um estranho.

Não encontrando nada mais de interesse no escritório, considerou vasculhar o restante da casa.

Entretanto, o tempo urgia; ele tinha muito a fazer antes que amanhecesse.

Deixe os lampiões acesos, a porta destrancada. Um assassino, desesperado por desaparecer enquanto a vítima permanecesse sem ser descoberta, não ficaria preocupado com o custo da eletricidade ou com proteção contra assaltos.

Júnior ligou o carro e saiu, ousadamente. Zedd aconselhava ousadia.

Como continuasse imaginando os sons furtivos de um assassino morto levantando-se vingativo às suas costas, Júnior ligou o rádio. Sintonizou numa estação apresentando a contagem regressiva das quarenta mais.

O locutor anunciou a canção de número quatro da semana: “She's a Woman”, dos Beatles. Os Fab Four encheram o Studebaker com música.

Todo mundo achava que os reis do iê-iê-iê eram a melhor coisa de todos os tempos — de todos os tempos —, mas para Júnior sua música era apenas boazinha. Ele não se sentia empolgado a cantar junto com eles, nem achava suas canções particularmente apropriadas para dançar.

Ele era um cara patriótico, e preferia rock americano à variedade inglesa.

Ele não tinha nada contra os ingleses, nenhum preconceito contra pessoas de qualquer nacionalidade. Não obstante, acreditava que as quarenta mais nos Estados Unidos deviam apresentar exclusivamente música norte- americana.

Atravessando Spruce Hills com John, Paul George, Ringo e o morto Thomas, Júnior seguiu de volta para a casa de Victória, onde Sinatra não estava cantando mais.

O número três nas paradas era “Mr. Lonely”, de Bobby Vinton, um talento americano de Canonsburg, Pensilvânia. Júnior cantou com ele.

Ele passou pela residência de Bressler sem reduzir a velocidade. A esta altura Vinton tinha terminado, os comerciais haviam passado e o segundo lugar nas paradas começou: “Come See About Me”, pelas Supremes.

Mais música norte-americana de qualidade. As Supremes eram negras, claro, mas Júnior não era racista. Ele até já tinha feito amor apaixonado com uma garota negra.

Harmonizando com Diana Ross, Mary Wilson e Florence Ballard, ele dirigiu até a pedreira a cinco quilômetros depois do limite da cidade.

Uma nova pedreira, operada pela mesma companhia, jazia um quilômetro e meio ao norte. Esta era a velha, abandonada após décadas de cortes em suas rochas.

Anos antes, um rio fora desviado para encher a escavação vasta. Eles tinham colocado peixes ali, principalmente trutas.

Como local de recreação, o Lago da Pedreira podia ser considerado apenas um sucesso parcial. Durante a operação de mineração, as árvores ao redor da escavação tinham sido cortadas, de modo que não havia sombra nas margens do lago durante os dias quentes de verão. Além disso, ao redor do lago havia placas avisando Atenção: águas imediatamente profundas.

Nos locais em que o lago encontrava a terra, o fundo jazia a mais de trinta metros de profundidade.

Os Beatles começaram a cantar o primeiro lugar nas paradas, “I Feel Fine”, enquanto Júnior saía da rodovia municipal e seguia a estrada do lago para noroeste em torno da água negra como óleo. Eles tinham duas músicas americanas entre as cinco mais. Revoltado, Júnior desligou o rádio.

Em abril último, os rapazes de Liverpool tinham ocupado todas as cinco posições das cinco mais. Os americanos autênticos, como os Beach Boys e os Four Seasons, precisaram contentar-se com números mais baixos. Isso fazia você pensar em quem havia realmente vencido a Guerra da Independência.

Ninguém nos círculos de Júnior parecia importar-se com a crise na música americana. Ele supunha que era mais sensível a injustiças do que a maioria das pessoas.

Nesta noite fria de janeiro, não havia campistas ou pescadores em torno do lago. Como as árvores ficavam longe demais, a praia e a poça negra que ela circulava parecia tão desolada quanto a paisagem de um mundo sem atmosfera.

Longe demais de Spruce Hills para ser um ponto de encontro de casais adolescentes, o Lago da Pedreira também repelia os jovens amantes devido à sua reputação de território assombrado. Durante cinco décadas, quatro operários tinham morrido em acidentes de mineração. O folclore da região incluía histórias de fantasmas vagando nas profundezas da escavação antes dela ser inundada — e subsequentemente a margem, depois que o lago foi preenchido.

Júnior pretendia acrescentar mais um fantasma parrudo ao grupo. Talvez numa noite de verão, dali a muitos anos, um pescador deitasse a luz de sua lanterna sobre um Vanadium semitransparente fornecendo entretenimento com uma moeda etérea.

Num local em que a água profunda encontrava a margem, Júnior saiu da estrada e seguiu até o lago. Estacionou a seis metros da água, de frente para o lago, e desligou os faróis e o motor.

Inclinando-se sobre o banco da frente, abaixou o vidro da janela de passageiros doze centímetros. Então abaixou igualmente a janela do motorista.

Limpou o volante e cada superfície que poderia ter tocado durante o passeio desde a casa de Victória até a casa do detetive, onde adquirira as luvas de jardinagem que ainda usava. Saiu do carro e, com a porta aberta, limpou a maçaneta externa.

Duvidava que o Studebaker viesse a ser encontrado algum dia, mas os homens de sucesso eram, sem exceção, aqueles que prestavam atenção aos detalhes.

Durante algum tempo ficou ao lado do carro, deixando seus olhos adaptarem-se à escuridão.

A noite prendia novamente a respiração, a brisa anterior agora confinada ao peito das trevas.

Convencido de que estava sozinho e que ninguém o observava, debruçou-se para dentro do carro e soltou o freio de mão.

A margem era inclinada para o lago. Ele fechou a porta e saiu do caminho enquanto o Studebaker avançava, ganhando velocidade.

Com um chapinhar notavelmente suave, o carro entrou na água. Flutuou por alguns instantes, borbulhando perto da margem, inclinado para a frente pelo peso do motor. Enquanto a água do lago entrava pelas fendas de ventilação no chassi, o veículo manteve-se estável... e então afundou rapidamente quando a água alcançou as duas janelas parcialmente abertas.

Esta gôndola construída em Detroit navegaria lépida para o rio Estige sem um gondoleiro de manto negro para impulsioná-la com uma vara.

No momento em que o teto do carro desapareceu debaixo da água, Júnior correu dali, refazendo a pé a rota pela qual havia dirigido. Ele não precisava voltar até a casa de Vanadium, apenas até a casa escurecida onde deixara Victória Bressler. Tinha um encontro com uma mulher morta.

Capítulo 40

SEM A MENOR VONTADE de praticar jardinagem, mas mesmo assim vestindo as luvas apropriadas, Júnior acendeu a luz da ante-sala, a luz da cozinha, e contornou a enfermeira abatida por um porrete de estanho e tiros de revólver, até o fogão, onde ligou o forno direito, no qual um assado começava a esfriar, e o forno esquerdo, no qual os pratos de jantar aguardavam para ser aquecidos. Ligou novamente uma chama debaixo da panela de água que estivera fervendo antes... e olhou faminto para a massa crua que Victória pesara e colocara de lado.

Se os efeitos de seu encontro com Vanadium não fossem tão sujos, Júnior teria parado para jantar antes de voltar para trabalhar aqui. A caminhada de volta desde o Lago da Pedreira levava quase duas horas, em parte porque ele se agachara atrás das árvores e arbustos sempre que ouvira algum veículo aproximar-se. Estava faminto. Porém, a despeito do quanto a comida fosse bem preparada, o ambiente era um fator significativo para desfrutar de qualquer refeição, e uma decoração emporcalhada com sangue não era, a seu ver, apropriada a um jantar civilizado.

Mais cedo, ele havia colocado uma vodca aberta na mesa, na frente de Victória. A enfermeira, não mais na cadeira, estava esparramada no chão como se tivesse esvaziado outra garrafa antes desta.

Júnior derramou metade da garrafa de vodca sobre o cadáver, molhou algumas outras partes da cozinha, e derramou o restante no tampo do fogão, onde escorreu até a boca acesa. Este não era um inflamável ideal, não tão eficaz quanto gasolina, mas enquanto ele punha a garrafa de lado, a bebida encontrava a chama.

Um fogo azul atravessou o tampo do fogão e seguiu as gotas de bebida sobre a superfície de metal esmaltado da frente do aparelho até chegar ao chão. O azul deflagrou para amarelo, e o amarelo escureceu quando a chama encontrou o cadáver.

Brincar com fogo era divertido quando você não precisava tentar ocultar o fato de que estava realizando um incêndio

premeditado.

Sobre a mulher morta, a carteira de couro com a identidade de Vanadium pegou fogo. A identificação do detetive queimaria, mas as chances do distintivo derreter eram pequenas. A polícia também identificaria o revólver.

No chão, Júnior pegou a garrafa de vinho que por duas vezes recusara-se a quebrar. O seu Merlot da sorte.

Caminhou de costas até a porta do corredor, observando o fogo espalhar-se. Depois de se demorar até ter certeza de que a casa em breve seria uma pira funerária, ele finalmente avançou pelo corredor a passos largos até a porta da frente.

Sob uma lua declinando, correu discretamente por três quarteirões até o seu Suburban, estacionado numa rua paralela. Não encontrou qualquer tráfego, e no caminho despiu as luvas de jardinagem, descartando-as numa lixeira diante de uma casa em reforma.

Não houve uma vez sequer que ele tenha se virado para ver se o fogo tornara-se um brilho visível no céu. Os eventos na casa de Victória pertenciam ao passado. Aquilo tudo ficara para trás. Júnior era um homem com o pensamento no futuro.

A meio caminho de casa, ouviu sirenes e viu os faróis de veículos de emergência aproximando-se. Ele parou o Suburban no acostamento da estrada e observou dois caminhões de bombeiros passarem, seguidos por uma ambulância.

Sentia-se incrivelmente bem ao chegar em casa: calmo, orgulhoso de seu pensamento rápido e sua ação ousada, agradavelmente cansado. Ele não escolhera matar novamente; esta obrigação lhe havia sido empurrada pelo destino. Ainda assim provaria que a ousadia que demonstrara na torre de incêndio, em vez de ser uma força temporária, era uma qualidade com raízes profundas.

Embora não nutrisse qualquer medo de ser apontado como suspeito do assassinato de Victória Bressler, ele pretendia deixar Spruce Hills nesta mesma noite. Nenhum futuro existia para ele naquela cidadezinha modorrenta. Um mundo maior o aguardava, merecia o direito de desfrutar de tudo que ele podia oferecer-lhe.

Telefonou para Kaitlin Hackachak, sua cunhada avara e monstruosa.

Pedi-lhe que ela ficasse com as coisas de Naomi, com a mobília deles, e todas as posses pessoais que deixasse para trás. Embora ela tivesse sido premiada com um quarto de milhão no arranjo entre a família e o condado, Kaitlin estaria na casa ao raiar do dia se achasse que ganharia dez dólares vendendo tudo que havia dentro dela.

Júnior planejava fazer uma única mala, deixando a maioria de suas roupas. Ele tinha condições para refazer todo o seu vestuário.

No quarto, enquanto abria uma mala na cama, viu a moeda de 25 cents.

Reluzente. Cara para cima. Sobre a mesinha-de-cabeceira.

Se Júnior tivesse a mente suficientemente fraca para sucumbir à loucura, este era o momento em que teria caído num abismo de insanidade. Ele ouviu um crepitar interno, sentiu um dilaceramento terrível em sua mente, mas se manteve inteiro apenas com o poder de sua força de vontade, lembrando de respirar lenta e profundamente.

Reuniu coragem suficiente para aproximar-se da mesinha. Sua mão tremia. Ele quase esperava que a moeda fosse ilusória, que seus dedos a atravessassem. Mas a moeda era real.

Quando ele segurou com força a sua sanidade, o bom senso acabou dizendo-lhe que a moeda devia ter sido deixada muito mais cedo nesta mesma noite, logo depois que ele saíra para a casa de Victória. Na verdade, apesar das novas fechaduras e travas, Vanadium devia ter parado aqui em seu caminho até a casa de Victória, sem saber que iria encontrar a sua morte na cozinha... e pelas mãos do homem a quem estava atormentando.

O medo de Júnior cedeu lugar a uma apreciação pela ironia nesta situação. Pouco a pouco, readquiriu a capacidade de sorrir, jogou a moeda no ar, pegou-a, e deixou-a cair no seu bolso.

Contudo, no instante em que o sorriso terminava de se curvar, uma coisa horrível aconteceu. A humilhação começou com um ronco alto em sua barriga.

Desde que lidara com Victória e o detetive, Júnior orgulhara-se do fato de que ele mantivera seu equilíbrio e, o mais importante, o seu almoço.

Nenhuma crise emética nervosa aguda, como ele sofrera depois da morte da pobre Naômi. Na verdade, ele até sentira apetite.

Agora, problemas. Diferente do que vivenciara antes, mas igualmente poderosos e aterrorizantes. Ele não precisava regurgitar, mas tinha urgência em evacuar.

Sua sensibilidade excepcional continuava uma maldição. Fora mais afetado pelas mortes trágicas de Victória e Vanadium do que imaginara.

Fora abalado profundamente.

Com um grito de alarme, correu até o banheiro e evacuou assim que se sentou. Pareceu ficar no trono por tempo suficiente para ter testemunhado a ascensão e queda de um império.

Mais tarde, fraco e abalado, quando estava fazendo as malas, foi novamente tomado pela urgência. Ficou estarrecido em descobrir que nada parecia permanecer em sua via intestinal.

Ele mantinha alguns exemplares populares da obra de Caesar Zedd no banheiro, para que o tempo passado na privada não fosse desperdiçado.

Algumas das suas inspirações mais profundas sobre a condição humana e suas melhores ideias para o aprimoramento pessoal tinham acontecido neste lugar, onde as palavras luminosas de Zedd pareciam lançar uma luz ainda mais brilhante em sua mente.

Contudo, nesta ocasião, ele não teria se concentrado num livro mesmo se tivesse forças para segurá-lo. Os paroxismos que atormentavam suas entranhas também pareciam ter destruído sua capacidade de se concentrar.

Depois que acabou de guardar sua mala e três caixas de livros — a obra completa de Zedd e seleções do Clube do Livro — no Suburban, Júnior tinha corrido mais duas vezes ao banheiro. As pernas estavam trêmulas, e ele sentia-se oco, frágil, como se tivesse perdido mais do que era aparente, como se a substância essencial de si mesmo tivesse desaparecido.

A palavra diarreia era inadequada para descrever esta aflição. A despeito dos livros que lera para aperfeiçoar o seu vocabulário, Júnior não conseguia lembrar de nenhuma palavra suficientemente descritiva e poderosa para resumir sua angústia e o horror de sua provação.

O pânico se instaurou quando começou a se perguntar se esses espasmos intestinais iriam impedi-lo de deixar Spruce Hills. E se eles exigissem hospitalização? Um policial com olhos abertos para evidências patológicas, e que estivesse ciente da crise emética nervosa aguda após a morte de Naômi, poderia imaginar uma conexão entre esta diarreia épica e o assassinato de Victória, e o desaparecimento de Vanadium. Essa era uma linha de especulação que ele não queria encorajar.

Precisava sair da cidade enquanto podia. Sua liberdade, sua felicidade, dependiam de uma saída rápida.

Durante os últimos dez dias, ele provara ser inteligente, ousado, com recursos internos excepcionais. Ele precisava de suas reservas de força e resolução agora, mais do que nunca. Ele já chegara longe demais, conquistara coisas demais, para ser derrubado pela biologia.

Ciente dos perigos da desidratação, bebeu uma garrafa de água e colocou duas garrafinhas de Gatorade no Suburban.

Suado, tremendo, com frio, sentindo os joelhos enfraquecidos, chorando de pena de si mesmo, Júnior estendeu um saco plástico de lixo sobre a poltrona do motorista. Entrou no Suburban, girou a chave na ignição, e gemeu quando as vibrações do motor ameaçaram desarranjar o seu intestino. Com uma pontada muito leve de emoção, dirigiu para longe da casa que fora o seu ninho de amor com Naômi durante quatorze meses abençoados.

Apertou o volante com força com ambas as mãos, rangeu os dentes tão ferozmente que os músculos de sua mandíbula se contorceram, e se concentrou numa determinação teimosa em obter autocontrole.

Respirações lentas e profundas. Pensamentos positivos.

A diarreia tinha acabado, terminado, era parte do passado. Há muito tempo ele tinha aprendido a jamais pensar no passado, jamais ficar preocupado demais com os problemas presentes, mas concentrar-se inteiramente no futuro. Ele era um homem do futuro.

Enquanto fazia o carro correr para o futuro, o passado alcançou-o na forma de espasmos intestinais, e depois que tinha dirigido por menos de cinco quilômetros, fez uma parada de emergência num posto de gasolina e, gemendo como um cão doente, correu para o banheiro.

Depois Júnior conseguiu dirigir por sete quilômetros antes de ser forçado a parar em outro posto, quando teve a sensação de que o sofrimento tinha acabado. Contudo, menos de dez minutos mais tarde, precisou recorrer a um ambiente mais rústico, aliviando-se num ajuntamento de arbustos ao longo da rodovia, onde seus gritos de dor assustaram pequenos animais, que fugiram ganindo.

Apenas cinquenta quilômetros ao sul de Spruce Hills, ele finalmente admitiu que a respiração lenta e profunda, os pensamentos positivos, a auto-estima elevada e uma firme resolução não eram suficientes para dominar suas entranhas traiçoeiras. Precisava encontrar abrigo para a noite.

Não se importava se o lugar tivesse piscina, cama de casal, ou um bufê maravilhoso no café da manhã. A única amenidade que importava era uma instalação sanitária.

O motel ordinário chamava-se Sleepie Tyme Inne, mas o atendente magro e grisalho não devia ser o proprietário, não parecendo o tipo de pessoa que se preocuparia em inventar um nome de motel com rima. A julgar por sua aparência, ele era um ex-nazista comandante de campo de concentração que, fugindo do serviço secreto israelense, abrigara-se no Brasil e agora estava se escondendo no Oregon.

Atormentado por cólicas e fraco demais para carregar sua bagagem, Júnior deixou a mala no Suburban. Levou para o quarto apenas as garrafas de Gatorade.

A noite que se seguiu poderia ter sido uma noite no Inferno... embora um Inferno no qual Satã servia bebidas balanceadas eletroliticamente.

Capítulo 41

MANHÃ DE SEGUNDA-FEIRA, 17 de janeiro. O advogado de Agnes, Vinnie Lincoln, chegou à casa com o testamento de Joey e outros documentos que requeriam atenção.

Rotundo de rosto e corpo, Vinnie não caminhava como os outros homens; parecia quicar suavemente para a frente, como se inflado com uma mistura de gases que incluíam hélio suficiente para

fazê-lo flutuar, embora não o bastante para que corresse risco de desgarrar-se do solo e desaparecer ao sabor do vento como um balão de festa de aniversário. As faces lisas e os olhos animados emprestavam-lhe uma expressão infantil, mas ele era um advogado competente e astuto.

— Como está Jacó? — indagou Vinnie, hesitante diante da porta aberta.

— Não está aqui — respondeu Agnes.

— É exatamente como eu estava torcendo que ele estivesse.— Aliviado, seguiu Agnes até a sala de estar. — Entenda, Agnes, não tenho nada contra o Jacó, mas...

— Meu Deus, Vinnie, sei disso — assegurou, enquanto se abaixava para o berço e levantava Barty, que não estava muito maior que um saco de açúcar. Ela se sentou com o bebê numa cadeira de balanço.

— É só que... na última vez em que o vi, ele me cercou num canto e me contou uma história horrorosa, com detalhes escabrosos dos quais eu gostaria de ser poupado. Ele falou sobre um homem monstruoso que batia nas pessoas com um martelo até matá-las, bebia seu sangue e depois livrava-se dos cadáveres num tonel de ácido — concluiu com um arrepio.

— Esse deve ser John George Haigh — disse Agnes, checando a fralda de Barty antes de aninhá-lo ternamente na curva de seu braço.

Os olhos do advogado pareciam tão redondos quanto o seu rosto.

— Agnes, por favor, não me diga que você começou a compartilhar dos... entusiasmos... de Jacó? — Não, não. Mas depois de tanto tempo com ele a gente acaba absorvendo alguns detalhes. Quando fala sobre um assunto que lhe interessa, Jacó é um orador fascinante.

— Ah, claro — concordou Vinnie. — Não fiquei entediado nem por um segundo.

— Sempre achei que Jacó teria dado um bom professor.

— Contanto que as crianças recebessem terapia depois de cada aula.

— Contanto, claro, que ele não tivesse essas obsessões. —
Extraíndo documentos de sua valise, Vinnie disse: — Bem, não tenho o direito de criticar ninguém. A comida é a minha obsessão. Olhe para mim, tão gordo que pareço estar sendo criado para o abate.

— Você não é gordo — objetou Agnes. — É arredondado.

— Sim, estou me arredondando tanto que vou acabar morrendo cedo — disse, quase alegremente. — E devo admitir que estou me divertindo.

— Você pode estar caminhando para uma sepultura prematura, Vinnie, mas o pobre Jacó foi assassinado na própria alma, e isso é infinitamente pior.

— “Assassinado na própria alma”... uma frase muito interessante.

— A esperança é o alimento da fé, o suporte da vida, não concorda? — Aninhado nos braços da mãe, Barty olhou com adoração para ela. Ela continuou: — Quando não nos permitimos nutrir esperanças, não nos permitimos possuir propósito. Sem propósito, sem significado, a vida é escura. Não temos luz dentro de nós e estamos apenas vivendo para morrer.

Com a mão pequenina, Barty tentou alcançar a da sua mãe. Ela lhe ofereceu o dedo indicador, que o bebê segurou tenazmente.

A despeito de seus outros sucessos ou fracassos como mãe, Agnes tinha o firme propósito de garantir que Barty jamais carecesse de esperança, que significado e propósito corressem através do menino com a mesma constância que o sangue.

— Sei que Esaú e Jacó têm sido um fardo — disse Vinnie. — Você sendo responsável por eles...

— Muito pelo contrário — disse Agnes. Ela sorriu para Barty, que balançou o seu dedo. — Eles sempre foram a minha salvação. Não sei o que teria feito sem eles.

— Acho que está sendo sincera.

— Sempre sou.

— Bem, com o correr dos anos, eles iam se tornar ao menos um problema financeiro. Assim, acho que trago uma pequena surpresa.

Quando levantou os olhos, Agnes viu o advogado com as mãos cheias de documentos.

— Surpresa? Sei o que está no testamento de Joey.

A casa era dela, livre de qualquer hipoteca. Havia duas cadernetas de poupança nas quais Joey tinha feito depósitos semanais durante os nove anos de casamento.

— Seguro de vida — disse Vinnie.

— Sei disso. Uma apólice de cinquenta mil dólares.

Ela calculava que poderia ficar em casa, dedicando-se a Barty, durante talvez três anos antes de precisar procurar emprego.

— Além dessa apólice, há outra — disse Vinnie. — Ele encheu os pulmões, hesitou, e então exalou o ar e a quantia com um tremor: — Setecentos e cinquenta mil. Três quartos de um milhão de dólares.

Um pouco de descrença insulou-a contra a surpresa imediata. Ela balançou a cabeça.

— Isso não é possível.

— Era um seguro de prêmio completo em dinheiro, não uma pensão vitalícia.

— Eu quero dizer, Joey não teria comprado isso sem...

— Ele sabia como você ia se sentir tendo um seguro de vida muito alto.

Assim, ele não quis contar a você.

A cadeira de balanço parou de guinchar embaixo dela. Ela ouviu a sinceridade na voz de Vinnie, e à medida que sua descrença se dissolvia, ela ficou chocada, imóvel.

— Minha pequena superstição — sussurrou Agnes.

Sob outras circunstâncias, Agnes ficaria ruborizada, mas agora seu medo aparentemente irracional de um seguro de vida muito alto havia se justificado.

— Joey, afinal de contas, era um vendedor de seguros — lembrou-lhe Vinnie. — Ele não ia esquecer de providenciar para deixar a sua família bem.

Agnes sempre acreditara que um seguro de vida excessivo era uma tentação para o destino.

— Uma apólice razoável, sim, tudo bem. Mas uma apólice grande... é como apostar com a morte.

— Agnes, isto é apenas um planejamento prudente.

— Eu acredito em apostar na vida.

— Com este dinheiro, você não terá de diminuir o número de tortas que dá... e todas as outras coisas.

Com “todas as outras coisas” ele se referia aos mantimentos que ela e Joey costumavam enviar junto com as tortas, um ocasional pagamento de hipoteca que eles faziam por alguém que estava numa maré baixa de sorte, e outras filantropias discretas.

— Aggie, encare desta forma: todas as tortas, todas as coisas que você faz... são apostas na vida. E agora você acaba de receber a grande bênção de ser capaz de fazer apostas mais altas.

O mesmo pensamento ocorrera a ela, um consolo que poderia possibilitar a aceitação dessas riquezas. Ainda assim, continuava petrificada pelo pensamento de, em decorrência de uma morte, ter recebido uma quantidade de dinheiro capaz de mudar sua vida.

Ao olhar para Barty, Agnes viu o fantasma de Joey no rosto do bebê, e embora ela quase acreditasse que seu marido estaria vivo agora se algum dia tivesse tentado a morte ao colocar um preço tão alto por sua vida, ela não conseguia encontrar em seu coração nenhuma raiva dele. Ela devia aceitar esta generosidade final de Joey com gratidão... ainda que também sem entusiasmo.

— Muito bem — disse Agnes, e enquanto expressava sua aceitação, foi varada por um medo repentino cuja causa não conseguiu identificar prontamente.

— E há mais — disse Vinnie Lincoln, rotundo como Papai Noel, e com o rosto corado pelo prazer de poder entregar esses presentes. — A apólice continha uma cláusula de dupla indenização em caso de morte por acidente. O prêmio completo, sem impostos, é de um milhão e meio.

Uma causa agora aparente, o medo explicado, Agnes apertou mais o bebê contra o corpo. Tão novo no mundo, ele já parecia escapar dela, capturado pelo turbilhão de um destino exigente.

O ás de ouros. Quatro em sucessão. Ás, ás, ás, ás.

A predição da sorte, que ela vinha se esforçando para considerar um jogo sem consequências, estava se tornando verdade.

Segundo as cartas, Barty seria rico não apenas financeiramente, mas também em talento, espírito, intelecto. Rico em coragem e honra,

conforme Maria prometera. Com uma riqueza de bom senso, sabedoria e sorte.

Ele iria precisar da coragem e da sorte.

— Alguma coisa errada, Aggie? — perguntou Vinnie.

Ela não podia explicar sua ansiedade a ele, porque ele acreditava na supremacia das leis, na justiça que devia ser realizada nesta vida, numa realidade comparativamente simples. Ele não compreenderia a realidade gloriosa, assustadora, confortadora, estranha e profundamente complexa que Agnes percebia às vezes — em geral perifericamente, ocasionalmente de forma intelectual, mas quase sempre com o seu coração. Este era um mundo no qual o efeito poderia vir antes da causa, no qual o que parecia coincidência era, na verdade, meramente a parte visível de um padrão bem maior que não podia ser visto por inteiro.

Se o ás de ouros, o quarteto, precisava ser levado a sério, então por que não o resto da lei? Se o pagamento da seguradora não foi mera coincidência, mas a riqueza que havia sido predita pelas cartas, então quanto tempo demoraria para o laçao chegar? Anos? Meses? Dias? — Você está com cara de quem viu um fantasma — disse Vinnie.

Agnes queria que o problema fosse tão simples quanto um espírito inquieto, gemendo e arrastando suas correntes, como o Marley, de Dickens, aparecendo para Ebenezer Scrooge na véspera do Natal.

Capítulo 42

O PODER DO VELHO DO SONO não foi suficiente para lançar um feitiço de sonolência em Júnior, que passou a noite inteira dando descargas suficientes para esvaziar um reservatório.

Ao amanhecer, quando os paroxismos intestinais finalmente passaram, este novo homem, este aventureiro ousado, sentia-se achatado e vazio como um animalzinho esmagado na estrada.

Afinal adormecendo, teve sonhos tensos de estar num banheiro público, levado até ali pela força da necessidade, apenas para descobrir que cada cabine estava ocupada por uma pessoa que ele matara, todas

vingativamente determinadas a negar-lhe uma chance de se aliviar dignamente.

Acordou ao meio-dia, olhos pesados com remelas de sono. Sentia-se muito mal, mas mantinha o autocontrole e forte o bastante para pegar sua mala no carro, o que fora incapaz de fazer ao chegar.

Lá fora, descobriu que algum criminoso havia arrombado seu Suburban durante a noite. A mala e as seleções do Clube do Livro tinham desaparecido. O filho da puta tinha até afanado a caixa de lenços de papel, o chiclete e as pastilhas no porta-luvas.

Incrivelmente, o bandido deixara os pertences mais valiosos: a coleção de primeiras edições em capa dura da obra completa de Caesar Zedd. A caixa estava aberta, seu conteúdo tendo sido explorado às pressas, mas nem um único volume havia desaparecido.

Felizmente, ele não guardara nem dinheiro nem seu talão de cheques na mala. Com Zedd intacto, suas perdas eram toleráveis.

No escritório do motel, Júnior pagou adiantado por outra noite. Sua preferência por acomodações não incluía tapetes empoeirados, mobílias queimadas por brasas de cigarro e baratas correndo no escuro, mas embora estivesse se sentindo melhor, ele estava cansado e trêmulo demais para dirigir.

O velho nazista fugitivo tinha sido substituído por uma mulher com cabelos louros mal cortados, rosto bruto e braços que desanimariam Charles Atlas a desafiá-la. Ela trocou uma nota de cinco dólares em moedas para as máquinas automáticas e rosnou para ele uma única vez, num inglês de sotaque estranho.

Júnior estava morto de fome, mas não confiava o bastante nas suas tripas para arriscar jantar num restaurante. A aflição parecia ter passado, mas poderia retornar quando tivesse novamente alimentos em seu organismo.

Comprou sanduíches de bolachas cracker, alguns recheados com queijo e outros com manteiga de amendoim, barras de chocolate, amendoins torrados, e Coca-Cola. Embora esta fosse uma refeição nada saudável, queijo, manteiga de amendoim e chocolate compartilhavam uma virtude: eram alimentos que prendiam os intestinos.

Em seu quarto, acomodou-se na cama com seus lanches constipadores e o catálogo telefônico do condado. Como ele tinha

empacotado o catálogo junto com a coleção de Zedd, o ladrão não o levava.

Ele já tinha checado 24 mil números de telefone, não encontrando nenhum Bartholomew, colocando marcas vermelhas ao lado dos nomes com a inicial B no lugar do primeiro nome. Uma tira de papel amarelo marcava o lugar em que ele estava.

Abrindo o catálogo de acordo com o marcador, encontrou um cartão enfiado entre as páginas. Um curinga de baralho, com BARTHOLOMEW em letras de imprensa vermelhas.

Este não era o mesmo que ele encontrara em sua mesinha-de-cabeceira, debaixo de duas moedas de dez e uma de cinco centavos de dólar, na noite seguinte ao funeral de Naomi. Ele tinha rasgado aquele e o jogado fora.

Não havia mistério nenhum aqui. Nenhum motivo para pular até o teto e ficar grudado ali de cabeça para baixo, como um gato de desenho animado.

Evidentemente, na noite anterior, antes de comparecer ao jantar com Victória, quando entrara ilegalmente na casa de Júnior para colocar outra moeda de 25 cents na mesinha-de-cabeceira, o detetive vira o catálogo aberto na mesa da cozinha. Deduzindo o significado das marcas vermelhas, ele inseriu esta carta e fechou o catálogo: mais um pequeno ataque na guerra psicológica que ele estava travando.

Júnior cometera um erro ao esmagar o castiçal de estanho no rosto de Vanadium depois que o tira já estava inconsciente. Ele devia ter amarrado o filho da puta e tentado reavivá-lo para um interrogatório.

Aplicando dor suficiente, ele poderia obter colaboração até de Vanadium. O detetive dissera que ouvira Júnior repetir Bartholomew com medo enquanto dormia, o que Júnior acreditava ser verdade, porque o nome realmente parecia dizer-lhe alguma coisa; contudo, não tinha certeza se acreditava na alegação do policial em ignorar a identidade de sua nêmesis.

Agora era tarde demais para um interrogatório, com Vanadium golpeado até alcançar o sono eterno e repousando debaixo de muitas braças de água fria.

Mas... ah, o peso do castiçal em suas mãos, o arco perfeito que delineara, o som que fizera em contato com a cabeça do policial, tinham

sido tão imensamente satisfatórios quanto dar a tacada decisiva que ganharia o campeonato de beisebol.

Mastigando uma barra de chocolate com amêndoas, Júnior voltou para o catálogo telefônico, sem nenhuma escolha além de encontrar Bartholomew do jeito difícil.

Capítulo 43

NO DECORRER DESTA segunda-feira, 17 de janeiro, este dia marcante, quando o final de uma coisa é o começo de outra.

Debaixo do céu sombrio de um fim de tarde, nas colinas castigadas pelo inverno, a perua amarela e branca era uma flecha brilhante, disparada não do arco de um caçador, mas do arco de um samaritano.

Esaú dirigia, feliz em poder ajudar Agnes. Ainda estava mais feliz por não precisar entregar as tortas sozinho.

Ele não precisaria torturar-se em busca de conversas agradáveis para tecer com as pessoas a quem visitasse. Agnes era a inventora da conversa agradável.

No banco do passageiro, Barty estava aninhado nos braços da mãe. De vez em quando o menino soltava um gritinho ou gerava algum som molhado com a boca.

Até agora, Esaú não vira o menino chorar ou mesmo choramingar uma vez sequer.

Barty usava pijamas de tamanhos de elfo, tricotados em lã azul, completos com pés, laços brancos na gola e nos punhos, e um capuz igualmente branco. Estava coberto por um lençol branco decorado com coelhinhos azuis e amarelos.

O bebê tinha feito um sucesso monstruoso nas primeiras quatro paradas.

Sua presença brilhante e sorridente era uma ponte que ajudava as pessoas a atravessar as águas sombrias da morte de Joey.

Esaú teria julgado este um dia perfeito... não fosse esse clima de terremoto. Estava convencido de que o Grandão iria levar as cidades costeiras à ruína antes do crepúsculo.

Este era um clima de terremoto diferente daquele de dez dias atrás, quando ele entregara as tortas sozinho. Naquele dia: céu azul, calor fora de época, umidade baixa. Hoje: nuvens cinzentas baixas, ar frio, umidade alta.

Um dos aspectos mais enervantes da vida no sul da Califórnia era que havia muitas variedades de clima de terremoto. Na maior parte do tempo você levantava da cama, checava o céu no barômetro e percebia com desânimo que as condições eram indicativas de catástrofe.

Com a terra ainda tenuemente estável debaixo deles, chegaram ao seu primeiro destino, um endereço novo na lista de benfeitorias de Agnes.

Eles estavam nas colinas do leste, a um quilômetro e meio da casa de Jolene e Bill Klefton, onde dez dias antes Esaú entregara a torta de amoras junto com os detalhes sinistros do terremoto de Tóquio-Yokohama de.

Esta casa era parecida com a dos Kleftons. Embora fosse de alvenaria em vez de madeira, ela não via há muito tempo uma boa mão de tinta. Uma rachadura numa das janelas da frente fora selada com fita adesiva.

Agnes acrescentara esta parada em sua rota a pedido do reverendo Tom Collins, o ministro batista local cujos pais deram-lhe, sem querer, o nome de um coquetel. Ela era amiga de todos os sacerdotes de Bright Beach, e suas entregas não favoreciam nenhum credo.

Esaú levava a torta de pêra com passas, e Agnes carregou Barty através do jardim bem cuidado até a porta da frente. O puxão de uma cordinha acionou sinos que tocaram as dez primeiras notas de “That Old Black Magic”, que eles escutaram distintamente através do vidro na porta.

Esta casa humilde não ficava onde se esperasse ouvir um sino feito sob encomenda — ou mesmo qualquer tipo de campainha, considerando que batidas na madeira eram a forma mais barata possível de anunciar uma visita.

Esaú olhou para Agnes e disse, tenso: — Estranho.

— Não. Encantador — discordou Agnes. — Deve haver um significado.

Tudo possui um significado, meu bem.

Um negro idoso atendeu à porta. Seus cabelos eram de um branco puro que, em contraste com sua pele escura como ameixa, parecia reluzir como uma nuvem nimbo sobre sua cabeça. Com seu sorriso igualmente radioso, suas feições gentis, e seus olhos negros hipnóticos, ele parecia ter saído de um filme sobre um músico de jazz que, tendo morrido, voltara à Terra para ser o anjo da guarda de alguém.

— Sr. Obadiah? — disse Agnes. — Obadiah Sepharad? Olhando para a torta gordinha nas mãos de Esaú, o velho respondeu a Agnes num tom musical: — Você deve ser a moça de quem o reverendo Collins falou.

A voz reforçou a imagem que Esaú fazia de um jazzista celestial. Voltando sua atenção para Barty, Obadiah abriu um sorriso ainda maior, revelando um dente superior de ouro.

— Tem uma coisa aqui mais doce do que essa torta apetitosa. Qual é o nome da criança? — Bartholomew — respondeu Agnes.

— Bem, claro que é.

Esaú observou Agnes conversar animadamente com o seu anfitrião — indo de senhor Obadiah para apenas Obadiah enquanto eles entravam na sala de estar, a torta era entregue e aceita, e o café oferecido e servido.

Ficou impressionado em ver os dois formarem uma amizade no tempo em que Esaú levaria para pensar em alguma coisa interessante para dizer sobre o furacão de Galveston em 1900, no qual seis mil pessoas haviam morrido.

Enquanto Obadiah se sentava numa poltrona de braços puída, ele disse a Esaú: — Filho, eu não te conheço de algum lugar? Tendo se acomodado no sofá com Agnes e Barty, preparado para servir confortavelmente no papel de observador silencioso, Esaú ficou alarmado em subitamente tornar-se assunto da conversa. Também ficou alarmado em ser chamado de “filho”, porque, em seus 36 anos, a única pessoa que o chamara assim fora o seu pai, morto há uma década e ainda um terror nos sonhos de Esaú.

Balançando a cabeça, a xícara de café tilintando contra o pires, Esaú respondeu: — N-não, não senhor. Acho que nunca nos

encontramos até agora.

— Talvez. Mas você me parece familiar.

— Tenho um desses rostos tão comuns que você vê em qualquer lugar — justificou Esaú e decidiu contar a história do Tornado Triestadual de.

Talvez sua irmã tenha intuído o que estava para dizer, porque não o deixou começar.

De algum modo, Agnes sabia que, em sua juventude, Obadiah havia sido mágico de palco. Com muito tato, ela trouxe outro assunto à baila.

A magia profissional não era um campo no qual muitos negros conseguiam encontrar a estrada para o sucesso. Obadiah pertencia a um tipo raro.

A tradição musical era profundamente enraizada na comunidade negra.

Não existia nenhuma tradição similar na música.

— Talvez não quiséssemos ser chamados de bruxos e dar mais uma desculpa para os racistas nos enforcarem — disse Obadiah com um sorriso.

Um pianista ou um saxofonista podia seguir um longo caminho contando apenas com seu talento e disposição em aprender sozinho, mas um candidato a mágico de palco precisava de um mentor para ter acesso aos segredos mais protegidos da ilusão e dominar as técnicas do ilusionismo de nível avançado. Numa profissão praticada quase exclusivamente por homens brancos, um rapaz negro precisava buscar um mentor, especialmente em 1922, quando Obadiah, então com apenas 21 anos, sonhava tornar-se o novo Houdini.

Agora Obadiah fez aparecer um maço de cartas de baralho como se o tivesse tirado do bolso secreto de um casaco invisível.

— Quer ver uma coisinha? — Sim, por favor — disse Agnes com deleite evidente. Obadiah jogou o maço de cartas para Esaú, dando-lhe um susto.

— Filho, você terá de me ajudar. Não tenho mais precisão nos dedos.

Ele ergueu as mãos enrugadas.

Esaú notara-as antes. Agora viu que estavam em condições piores do que imaginara. Nós inchados, dedos não mais alinhados em ângulos naturais uns aos outros. Talvez Obadiah sofresse de artrite reumatóide, como Bill Klefton, embora de uma variedade menos grave.

— Por favor, tire as cartas do baralho e deite-as na mesinha de café — comandou Obadiah.

Esaú fez como ele mandou. E quando lhe foi requerido, cortou o maço em dois bolos aproximadamente iguais.

— Embaralhe uma vez — instruiu o mágico. Esaú embaralhou.

Inclinando-se à frente em sua poltrona de braços, os cabelos brancos radiantes como as asas de um querubim, Obadiah gesticulou uma mão contorcida sobre o baralho, nunca a mais de vinte e cinco centímetros das cartas.

— Agora espalhe as cartas em leque sobre a mesa, com os naipes para baixo. Esaú obedeceu, e no arco dos padrões de bicicletas vermelhas uma carta revelou-se branca demais no canto, porque era a única virada com o naipe para cima.

— Talvez você queira dar uma olhada — sugeriu Obadiah.

Puxando a carta, Esaú viu que era um ás de ouros — o que era notável, à luz da sessão de adivinhação de Maria Gonzalez na noite de sexta passada.

Contudo, ele ficou mais estarecido com o nome escrito em tinta negra diagonalmente sobre a face da carta: BARTHOLOMEW.

O arfar súbito de Agnes fez Esaú levantar os olhos do nome de seu sobrinho. Estava pálida, olhos assombrados como mansões antigas.

Capítulo 44

COM BRIGHT BEACH assolada por uma gripe horrorosa e uma variedade incontável de resfriados, os negócios estavam animados nesta manhã na Farmácia Damascus.

Os clientes estavam mal-humorados, a maioria resmungando sobre suas mazelas. Outros reclamavam sobre o tempo horrível, o número crescente de jovens zunindo pelas calçadas naqueles skates que tinham se tornado uma coqueluche entre crianças e adolescentes, os

aumentos recentes dos impostos e o salário astronômico de 427 mil dólares que os New York Jets pagariam anualmente a Joe Namath para jogar futebol americano, o que alguns viam como um sinal de que o país estava perdendo a noção dos gastos e indo para o Inferno.

Paul Damascus manteve-se atarefado, atendendo receitas, até as duas e meia da tarde, quando finalmente conseguiu fazer uma pausa para o almoço.

Costumava almoçar sozinho no seu escritório. O aposento era do tamanho de um elevador, mas obviamente não subia ou descia. Contudo ia para os lados, no sentido de que ali dentro Paul era transportado para terras de aventuras maravilhosas.

Uma estante do chão ao teto estava entupida com pulp magazines, as revistas de contos e novelas em papel vagabundo publicadas durante as décadas de 20, 30 e 40, antes de serem suplantadas pelos livros de bolso.

The All-Story, Mammoth Adventure, Nickel Western, The Black Mask, Detective Fiction Weekly, Spicy Mystery, Weird Tales, Amazing Stories, Astounding Stories, The Shadow, Doe Savage, G-8 and His Battle Aces, Mysterious Wu Fang...

Era apenas uma fração da coleção de Paul. As estantes de sua casa estavam entupidas com milhares de outros exemplares.

As capas das revistas eram coloridas, chocantes, plenas com as sugestões de violência e a sensualidade que tinham marcado uma época mais inocente. Quase todos os dias ele lia uma história enquanto comia as duas frutas que eram o seu almoço, mas às vezes se perdia numa ilustração particularmente vívida, sonhando acordado com lugares distantes e aventuras extraordinárias.

De fato, mesmo a fragrância distinta do papel de polpa de árvore, amarelado com a idade, era suficiente para conduzi-lo à fantasia. Com sua combinação impressionante de compleição mediterrânea e cabelos ruivos, traços bonitos e físico invejável, Paul tinha a aparência exótica de um herói dos pulp magazines. Em particular, ele gostava de imaginar que poderia passar por um irmão de Doe Savage.

Doe Savage era um de seus favoritos. O grande combatente do crime.

Gênio e atleta.

Nesta manhã de segunda-feira, ele queria o escapismo e o conforto de meia hora de aventuras de ficção. Mas decidiu que devia finalmente compor a carta que vinha adiando escrever há pelo menos dez dias.

Depois de cortar uma maçã com uma faca Paul pegou uma folha de papel de carta na gaveta e abriu a tampa de uma esferográfica. Sua caligrafia era antiquada e precisa. Ele escreveu: Caro reverendo White...

Ele parou, incerto se deveria continuar. Não estava acostumado a escrever cartas para estranhos absolutos.

Finalmente, começou: Saudações neste dia marcante. Escrevo-lhe a respeito de uma mulher notável, Agnes Lampion, cuja vida o senhor tocou sem saber, e cuja história pode lhe interessar.

Capítulo 45

EMBORA OUTROS PUDESSEM ver magia neste mundo, Esaú encantava-se apenas com o mecanismo: a grande máquina destrutiva da natureza moendo e moendo até transformar tudo em pó. Ainda assim, ele se viu repentinamente assombrado ao ver o ás com o nome de seu sobrinho.

Durante a preparação das cartas, Barty adormecera nos braços da mãe, mas com a revelação de seu nome no ás, ele acordara de novo, talvez porque, com sua cabeça repousando no busto da mãe, tenha sido alarmado pelo aceleração súbito do coração de Agnes.

— Como se faz isso? — perguntou Agnes a Obadiah.

O velho assumiu a expressão solene e sábia de um guardião de mistérios, uma esfinge sem ornamento e juba.

— Minha querida, se eu lhe contar vai deixar de ser mágica. É apenas um truque.

— Mas você não entende. — Ela recontou a extraordinária seqüência de ases durante a predição da sorte na noite de sexta.

Do rosto de esfinge, Obadiah conjurou um sorriso que levantou a ponta de seu bigode branco quando virou a cabeça para olhar para Esaú.

— Ah, faz muito tempo... — murmurou, como se estivesse falando com seus botões. — Faz muito tempo, mas agora eu lembro. Ele piscou para Esaú.

A piscadela surpreendeu e intrigou Esaú. Estranhamente, ele lembrou do olho misterioso, desincorporado e que mais piscava, flutuando sobre a pirâmide nas costas de qualquer nota de um dólar.

Ao relatar a leitura da sorte, Agnes não contou ao mágico sobre os quatro valetes de espadas, apenas sobre os ases de ouro e copas. Ela jamais deixava que suas preocupações aflorassem à vista de todos; e embora na sexta-feira tenha feito uma piada sobre a aparição do quarto valete, Esaú soube que aquilo a havia deixado profundamente perturbada.

Ou Obadiah intuiu o medo de Agnes ou foi motivado por sua gentileza em revelar o seu método, afinal de contas.

— Fico embaraçado em dizer que o que vocês viram não foi realmente um trabalho de mágico. Foi fraude pura. Escolhi o ás de ouro exatamente por representar a fortuna na predição da sorte, de modo que é uma carta positiva à qual as pessoas respondem bem. O ás com o nome do seu filho foi preparado antecipadamente, inserido com a face para cima no fundo do baralho, de modo que não seria revelado por um corte no meio.

— Mas você não sabia o nome do meu Barty quando chegamos aqui.

— Ah, eu sabia. Quando o reverendo Collins me ligou, contou tudo sobre a senhora e Bartholomew. Quando recebi vocês e perguntei o nome do menino, eu já sabia qual era, e estava apenas preparando este truquezinho.

Agnes sorriu.

— Inteligente.

Sorrindo, Obadiah contradisse Agnes: — Inteligente, não. Rude. Antes que minhas mãos ficassem contorcidas deste jeito, eu teria maravilhado vocês.

Em sua juventude, ele tinha se apresentado primeiro em clubes noturnos de negros e em teatros como o Apollo, do Harlem. Durante a Segunda Guerra Mundial, havia integrado uma parte da USO dedicada a entreter soldados por todo o Pacífico, mais tarde na África do Norte e depois do Dia D, na Europa.

— Depois da guerra, durante algum tempo, consegui continuar me apresentando para plateias gerais. As coisas estavam mudando...

racialmente. Mas eu também estava envelhecendo, e o ramo do entretenimento sempre está procurando por pessoas jovens, novas. Assim, jamais consegui estourar na minha área. Deus, nunca obtive nem um sucesso mediano. E em meados dos anos cinquenta o meu agente tinha cada vez mais dificuldade em conseguir trabalho em bons clubes e datas.

Além de entregar uma torta de pêra com mel, Agnes viera oferecer um ano de trabalho a Obadiah Sepharad — não realizando mágicas, mas falando sobre elas.

Graças aos esforços de Agnes, a biblioteca pública de Bright Beach estava realizando um projeto ambicioso de história oral financiado por fundações particulares e pelo festival anual do morango. Os aposentados locais estavam sendo arrematados para registrar as histórias de suas vidas, de modo que suas experiências, ideias e conhecimentos não se perdessem para as futuras gerações.

Não incidentalmente, o projeto servia como um veículo para que alguns cidadãos idosos, em crise financeira, recebessem dinheiro de uma forma que poupasse sua dignidade, lhes desse esperança e reparasse sua auto-estima danificada. Agnes pediu a Obadiah que enriquecesse o projeto aceitando um salário com duração de um ano para que registrasse a história de sua vida com a ajuda da bibliotecária-chefe.

Claramente tocado e intrigado, o mágico ainda assim circundou a oferta em busca de motivos para não aceitá-la, antes de finalmente balançar a cabeça com tristeza.

— Duvido que eu pertença ao nível de pessoa que a senhora está procurando. Eu não seria inteiramente digno do seu projeto.

— Bobagem. De que diabos você está falando? Olhando para suas mãos contorcidas, os nós inchados dos dedos voltados para Agnes, Obadiah disse: — Como a senhora acha que elas ficaram assim? — Artrite? — palpitou.

— Pôquer. — Mantendo as mãos elevadas, como um penitente confessando um pecado num encontro de grupo e pedindo a Deus que o perdoasse, Obadiah disse: — A minha especialidade era mágica com jogos de azar. Claro que de vez em quando eu tirava coelhos da cartola, lenços de seda do ar, pombas de lenços de seda. Mas a mágica com jogos de azar era a minha paixão. Moedas e principalmente... cartas.

Ao dizer cartas, o mágico voltou a olhar para Esaú, extraíndo dele uma resposta em forma de expressão intrigada.

— Mas eu tinha uma facilidade com as cartas bem maior que a maioria dos mágicos. Treinei com Moisés Moon, o maior manipulador de cartas da sua geração.

Em manipulador ele novamente olhou significativamente para Esaú, que sentiu que uma resposta era esperada. Quando abriu a boca, ele não pensou em nada para dizer, exceto que em Sanriku, Japão, em

15 de junho de, uma onda de 34 metros de altura, acionada por um terremoto subaquático, matou 27.100 pessoas, a maioria enquanto rezava no festival xintoísta. Até para Esaú, esse pareceu um comentário inadequado, e ele não disse nada.

— A senhora sabe o que um manipulador de cartas faz, sra. Lampion? — Chame-me só de Agnes. E presumo que ele manipula as cartas. — Girando lentamente as mãos erguidas diante de seus olhos, como se as visse jovens e separadas nos ângulos corretos, o mágico descreveu as manipulações surpreendentes que um mestre em manipulação de cartas podia realizar. Embora falasse sem afetação, fez esses truques de habilidade soarem mais fantásticos que coelhos saídos de cartola, pombos de lenços e louras cortadas ao meio por serras.

Esaú ouviu com a atenção de um homem cujo ato mais ousado fora comprar uma caminhonete Ford County Squire.

— Quando não consegui mais trabalho como mágico em clubes noturnos e teatros... recorri ao jogo.

Sentado inclinado à frente em sua poltrona de braços, Obadiah abaixou as mãos até os joelhos, e num silêncio pensativo olhou para elas. Então: — Viajei de cidade em cidade, procurando apostas altas em jogos de pôquer. Eles são ilegais, mas não são difíceis de achar. Fiz da trapaça profissão.

Ele jamais ganhava demais num único jogo. Era um ladrão discreto, encantando suas vítimas com conversas agradáveis. Como era tão simpático e parecia gozar de uma sorte apenas mediana, ninguém questionava quando ele ganhava. Não demorou muito a fazer mais dinheiro do que em seus tempos de mágico.

— Passei a viver bem. Quando não estava na estrada, morava aqui em Bright Beach, não neste barraco alugado em que estou agora, mas numa bela casa com vista para o mar. Você pode adivinhar o que deu errado.

Ganância. Era fácil demais tirar dinheiro dos otários. Logo, ao invés de ganhar um pouco em cada jogo de cartas, ele passou a procurar apostas mais altas.

— Atraí atenção. Levantei suspeitas. Certa noite, em St. Louis, um caipira me reconheceu de meus dias como mágico, embora eu tivesse mudado de aparência. Era um jogo de apostas altas, mas os

jogadores não eram de nível alto. Eles me deram uma surra e depois esmagaram minhas mãos, um dedo por vez, com uma viga de ferro.

Esaú sentiu um arrepio.

— Pelo menos o maremoto em Sanriku foi rápido.

— Faz cinco anos que aconteceu isso. Depois de mais cirurgias do que quero lembrar, fiquei com as mãos assim. — Levantou de novo as mãos de bicho-papão. — Elas doem quando o tempo fica úmido, e um pouco menos no tempo seco. Posso cuidar de mim mesmo, mas jamais serei um manipulador de cartas de novo... ou um mágico.

Durante um momento, nenhum deles falou. O silêncio foi tão perfeito quanto o silêncio sobrenatural que se acreditava preceder os maiores terremotos. Até Barty parecia transfixado. Então Agnes disse: — Bem, está claro para mim que você não será capaz de falar sobre a sua vida em um ano. Vamos tentar um salário de dois anos.

Obadiah olhou intrigado para ela.

— Sou um ladrão.

— Foi um ladrão. E sofreu terrivelmente.

— Não sofri por vontade própria, acredite.

— Mas sente remorso — disse Agnes. — Eu posso ver isso. E não é só por causa do que aconteceu com as suas mãos.

— Mais do que remorso, — disse o mágico. — Vergonha. Vim de uma família boa. Não me criaram para ser um trapaceiro. Às vezes, quando tento entender o que aconteceu de errado, acho que não foi a necessidade de dinheiro que me arruinou. Pelo menos não apenas isso. A necessidade de dinheiro nem foi o motivo principal. Foi o orgulho de minha habilidade com as cartas, orgulho frustrado porque não estava conseguindo trabalho em clubes noturnos suficientes para me mostrar tanto quanto queria.

— Há uma lição valiosa nisso — disse Agnes. — Outras pessoas poderão aprender essa lição, se você a compartilhar. Mas se quiser registrar a sua vida apenas até parar de trabalhar como mágico profissional, poderá fazer isso. Mesmo se você só chegar até aí, será uma jornada fascinante, uma história que não merece se perder depois da sua morte. As bibliotecas estão atulhadas com biografias de estrelas de cinema e políticos, a maioria incapaz da mesma honestidade e auto-análise que você. Não precisamos saber mais sobre as vidas das

celebridades, Obadiah. O que pode nos ajudar, o que pode até nos salvar, é saber mais sobre as vidas de pessoas reais que nunca se tornaram famosas mas que sabem de onde vieram e por quê.

Esaú, que também jamais fora grande, ou médio, ou mesmo pequeno, observou a imagem da irmã embaçar diante de seus olhos. Ele lutou para manter o calor da luz difusa em seus olhos. Seu amor não era pela mágica, e seu orgulho não residia em nenhuma habilidade que possuísse, porque ele nada possuía digno de nota. O seu amor era por sua irmã bondosa; ela era o seu orgulho, também, e ele sentia que sua vida pequena tinha um significado precioso contanto que fosse capaz de levá-la de carro em dias como este, carregar suas tortas e ocasionalmente fazê-la sorrir.

— Agnes, é melhor você começar a encontrar com aquele bibliotecário para registrar a sua própria vida — disse o mágico. — Se esperar quarenta anos para começar, até lá precisará de uma década inteira para colocar tudo por escrito.

Em toda situação social, qualquer que fosse a sua natureza, chegava um momento em que Esaú precisava levantar-se abruptamente, e este era o momento, não por estar perdido em busca de palavras, não por estar receoso de dizer a coisa errada ou de deixar cair sua xícara de café, ou de correr algum outro risco de se revelar desajeitado ou estúpido; mas porque neste instante ele não queria trazer suas lágrimas ao dia de Agnes.

Recentemente, ela tivera lágrimas demais em sua vida, e embora as lágrimas agora não fossem de sofrimento, fossem lágrimas de amor, ele não queria perturbá-la com elas.

Ele se levantou abruptamente do sofá, dizendo alto demais: — Enlatados de presunto! Mas imediatamente percebeu que isso não fazia sentido nenhum e buscou desesperadamente por algo coerente para dizer, como “Batatas, batatas fritas”, o que era igualmente ridículo. Agora Obadiah estava fitando-o com a expressão de alarme que você vê nos rostos das pessoas que observam um epilético num surto descontrolado. Assim, Esaú atravessou a sala a passos largos, na direção da porta da frente, tentando encontrar uma forma de se explicar enquanto caminhava: — Trouxemos alguns, temos alguns, vou pegar alguns, se você não se importar em ficar com alguns, temos caixas no

carro, vou trazer as caixas, caixas de caixas, bem, não caixas de caixas, claro que não, você sabe, coisas que a gente trouxe em caixas.

Abrindo a porta da frente, tropeçando através do pórtico para a varanda, ele pensou finalmente na palavra que precisava, e gritou por sobre o ombro “Mantimentos!” com triunfo e alívio.

Atrás da caminhonete, onde não podia ser visto nem por Obadiah nem por Agnes, Esaú inclinou-se contra o Ford, olhando boquiaberto o belo céu cinzento, e chorou. Essas foram lágrimas de gratidão por ter Agnes em sua vidinha, mas, para sua surpresa, ele descobriu em seu coração que também eram lágrimas por sua mãe assassinada, que tinha possuído a compaixão de Agnes, muito pouco de sua força e humildade e nem uma gota de sua fé imorredoura.

Um bando de gaivotas gritou no céu vasto. A princípio Esaú seguiu-as por suas vozes animadas, até a visão clarear, e então observou suas asas, como lâminas brancas, cortarem as nuvens cinzentas. Mais cedo do que esperava, ele foi capaz de carregar os mantimentos para a casa.

Capítulo 46

NED — “ME CHAME DE NEDDY” — Gnathic era magro como uma flauta, com uma quantidade de buracos de flauta na cabeça pelos quais seu pensamento podia escapar antes que a pressão que exercia criasse uma música desagradável dentro do seu crânio. Sua voz era sempre suave e harmônica, mas frequentemente ele falava em allegro, às vezes até em prestissimo, e a despeito do seu tom suave, Neddy no andamento máximo era tão irritante ao ouvido quanto gaitas de fole soprando o Bolero de Ravel, se tal coisa fosse possível.

Sua profissão era tocar piano em bares e festas, embora não precisasse ganhar a vida com isso. Ele herdara uma bela casa de quatro pavimentos num bairro de classe em San Francisco e recebia uma pensão suficientemente boa para atender às necessidades se evitasse extravagâncias. Apesar disso, trabalhava cinco noites por semana no salão elegante de um dos grandes hotéis antigos de Nob Hill, tocando melodias refinadas para turistas, empresários de fora da cidade, gays

que teimavam em acreditar em romance numa época que valorizava a aparência sobre a substância, e casais heterossexuais não casados que estranhamente pareciam querer colocar os seus adultérios em evidência.

Neddy ocupava todo o quarto andar espaçoso da casa. O terceiro e o segundo pavimentos eram divididos em dois apartamentos, e o andar térreo em quatro quitinetes, todos os quais haviam sido alugados.

Um pouco depois das quatro horas, aqui estava Neddy, já paramentado para o trabalho num smoking preto, com camisa branca cuidadosamente gomada, em pé diante da porta aberta para a quitinete de Celestina White, explicando em detalhes tediosos os motivos segundo os quais ela estava cometendo uma infração flagrante de seu contrato, o que a obrigava a mudar-se até o fim do mês. O problema era Anja, o único bebê num prédio sem crianças. Seu choro (embora raro), suas brincadeiras ruidosas (embora Anja ainda não fosse forte o bastante para balançar um chocalho) e o potencial que ela representava para danos às instalações (embora ainda não fosse capaz de sair do berço sozinha, quanto mais com uma marreta).

Celestina não conseguia fazer com que ele visse a razão, e até mesmo a sua mãe, Grace, que estava morando aqui temporariamente, e que sempre trazia calma às piores tempestades, não conseguiu aplacar a fúria de Neddy Gnathic. Ele descobrira a respeito do bebê há cinco dias, e desde então sua indignação vinha crescendo em força, como uma depressão tropical aspirando à condição de furacão.

O mercado de aluguéis em San Francisco naquele momento estava muito difícil, com mais demanda que oferta. Agora, como vinha fazendo há cinco dias, Celestina tentou explicar que precisaria de pelo menos trinta dias, e preferencialmente até o fim de fevereiro, para encontrar acomodações adequadas e de acordo com suas condições financeiras. Ela estudava na Academy of Art College durante o dia, trabalhava como garçonete seis noites por semana, e não podia deixar a pequena Anja inteiramente aos cuidados de Grace, nem mesmo em caráter temporário.

Neddy falou quando Celestina parou para respirar, e continuou falando quando ela retomou seu discurso, escutando apenas a sua

própria voz adocicada e ficando satisfeito em conduzir ambos os lados da conversa, desgastando Celestina como as tempestades de areia haviam diminuído as pirâmides do faraó, embora bem mais rápido. Falou durante o primeiro “com licença” educado do homem alto que apareceu no vão da porta aberta atrás dele, durante o segundo e o terceiro, e então, com uma rapidez que pareceu tão miraculosa quanto qualquer cura no santuário de Lourdes, calou-se quando o visitante colocou a mão no seu ombro, empurrou-o gentilmente para o lado, e entrou no apartamento.

Os dedos de D. Walter Lipscomb eram mais longos e flexíveis que os do pianista, e ele tinha a presença de um regente de orquestra sinfônico para quem uma batuta erguida era supérflua e concentrava as atenções de todos meramente com a sua entrada. Uma torre de autoridade e autocontrole, ele disse para Neddy: — Sou o médico da criança. Ela nasceu abaixo do peso e foi mantida no hospital para curar uma infecção auricular. Ouvindo a sua voz, tenho a impressão de que você tem um caso incipiente de bronquite que irá se manifestar em vinte e quatro horas, e tenho certeza de que não desejará ser responsabilizado por ter submetido este bebê a uma infecção virótica.

Piscando como se tivesse sido esbofeteado, Neddy disse: — Segundo o contrato de locação...

O Dr. Lipscomb inclinou a cabeça na direção do pianista, como um tutor severo faria antes de enfatizar uma lição apertando a orelha de seu pupilo.

— A Srta. White e a menina deixarão este lugar até o final da semana... a não ser que você insista em continuar a incomodá-las com a sua voz. Para cada minuto que você continuar a importunar a Srta. White e a criança, a saída delas será prorrogada em um dia.

Embora o Dr. Lipscomb tenha falado numa voz quase tão macia quanto o pianista de grande fôlego, e embora o rosto estreito do médico fosse muito comum e desprovido de qualquer resíduo de temperamento violento, Neddy Gnathic recuou e se retirou através do pórtico, até o corredor.

— Tenha um bom dia — disse Lipscomb, fechando a porta na cara de Neddy, possivelmente comprimindo seu nariz.

Anja estava deitada numa toalha do sofá-cama, onde Grace acabara de mudar sua fralda.

Enquanto Lipscomb levantava o bebê limpinho, Grace disse: — O senhor lidou muito bem com ele. Tão bem quanto uma esposa de pastor lidando com um paroquiano impossível... na verdade, melhor.

— O seu trabalho é mais difícil que o meu — disse Lipscomb a Grace, acalentando Anja enquanto falava. — Não tenho a menor dúvida.

Celestina, surpresa com a chegada de Lipscomb, ainda estava mentalmente entorpecida com o falatório de Neddy.

— Doutor, eu não sabia que o senhor vinha.

— Eu mesmo não sabia até perceber que estava no seu bairro. Calculei que a sua mãe e Anja estariam aqui e torci que estivessem. Se estou importunando...

— Não, não. Eu apenas não...

— Eu queria que vocês soubessem que estou deixando a medicina.

— Por causa do bebê? — indagou Grace, seu rosto tricotando um franzido de preocupação.

Segurando Anja inteiramente em suas mãos grandes, sorrindo para Grace, ele respondeu: — Oh, não, Sra. White. Esta parece uma mocinha muito saudável para mim. Ela não precisa de cuidados médicos.

Anja, como se nas mãos do próprio Deus, fitou o médico com olhos grandes e cheios de assombro.

— Estou querendo dizer que estou vendendo a minha licença e colocando um fim na minha carreira médica — disse o Dr. Lipscomb. — Eu queria que vocês soubessem.

— Está se aposentando? — disse Celestina. — Mas você ainda é jovem demais.

— Gostaria de um pouco de chá e uma fatia de bolo? — perguntou Grace, tão natural quanto se aquela fosse a resposta que o Grande Manual de Etiqueta das Mulheres de Pastores indicasse para o anúncio de um abandono abrupto de carreira.

— Na verdade, Sra. White, esta é uma ocasião para champanhe, se vocês não tiverem nada contra álcool.

— Alguns batistas são contrários ao consumo de álcool, doutor, mas somos da variedade corrompida. Ainda bebemos no máximo uma garrafa de Chardonnay.

— Estamos a apenas dois quarteirões e meio do melhor restaurante armênio da cidade — disse Lipscomb. — Se concordarem, darei um pulinho lá e trarei um champanhe efervescente e um jantar prematuro.

— Se você não fizer isso, estamos condenadas a restos de bolo de carne.

— Para Celestina, Lipscomb disse: — Se você não estiver ocupada, é claro.

— Esta é a noite de folga dela — disse Grace.

— Vai abandonar a medicina? — perguntou Celestina, estarrecida com a declaração de Lipscomb e sua animação.

— Portanto, devemos celebrar... o fim da minha carreira e a sua mudança. — Subitamente lembrando da garantia do médico a Neddy de que elas estariam fora do prédio até o final da semana, Celestina disse: — Mas não temos lugar algum para ir. Passando Anja para Grace, Lipscomb respondeu: — Tenho algumas propriedades. Um investimento que fiz. Numa delas tenho uma unidade de sala e dois quartos.

Balançando a cabeça, Celestina disse: só posso pagar por uma quitinete, alguma coisa bem pequena.

— Você vai pagar lá exatamente o que estiver pagando aqui, seja lá quanto for — garantiu Lipscomb.

Celestina e sua mãe trocaram um olhar significativo. O médico viu a troca de olhares e a compreendeu. Um rubor apareceu em seu rosto comprido e pálido.

— Celestina, você é muito bonita, e tenho certeza de que sua mãe lhe ensinou a tomar cuidado com homens, mas juro que minhas intenções são inteiramente honradas.

— Oh, não pensei...

— Sim, você pensou, e tenho certeza de que foi exatamente isso que a experiência ensinou-lhe a pensar. Mas tenho quarenta e sete e você vinte...

— Quase vinte e um.

— ... e somos de mundos diferentes, o que respeito. Respeito você e a sua família maravilhosa. Respeito a forma como vocês são seguros e determinados. Quero fazer isto apenas porque devo a vocês.

— Por que você me deveria alguma coisa? — Bem, na verdade, devo a Fimie. Foi o que ela disse entre as duas vezes em que morreu na mesa de operação que mudou a minha vida.

Rowena te ama, dissera-lhe Fimie, reprimindo temporariamente os efeitos de seu derrame e falando com clareza. Bizil e Fizil estão a salvo com ela. Mensagens de sua esposa e filhos mortos, de onde aguardavam por ele além desta vida.

Carinhosamente, mas sem nenhuma intenção de intimidade, ele tomou as mãos de Celestina nas suas.

— Durante anos, como obstetra, eu trouxe vida ao mundo, mas não sabia o que a vida era, não absorvia o significado dela, nem sabia que tinha significado. Antes de Rowena, Harry e Danny caírem naquele avião, eu já estava... vazio. Depois de perdê-los, fiquei ainda mais vazio. Celestina, eu estava morto por dentro. Fimie me devolveu a esperança. Não posso pagar a ela o que lhe devo, mas posso fazer alguma coisa pela filha dela e por você, se permitir.

As mãos de Celestina tremeram dentro das dele, e seu aperto de mão também. Quando ela não aceitou imediatamente a generosidade dele, o médico disse: — Toda a minha vida vivi apenas para sobreviver ao dia. Primeiro a sobrevivência. Depois conquistas, aquisições. Casas, investimentos, antiguidades... Não há nada errado com isso. Mas isso não preenche o vazio. Talvez um dia eu retorne à medicina. Mas essa é uma existência agitada, e no momento quero paz, calma, tempo para refletir. O que eu encontrar daqui em diante... Quero que a minha vida tenha um nível de propósito que jamais teve antes. Você pode entender? — Fui criada para entender isso — disse Celestina, e quando olhou para o outro lado da sala, viu que suas palavras também tinham comovido sua mãe.

— Se quiserem, podem sair daqui amanhã — sugeriu Lipscomb.

— Tenho aula amanhã e quarta-feira, mas nenhuma na quinta.

— Então será quinta-feira — disse ele, claramente deliciado por estar recebendo apenas um terço do preço de mercado do aluguel de seu apartamento.

— Obrigada, Dr. Lipscomb. Vou anotar exatamente quanto você vai perder a cada mês, e algum dia pagarei.

— Discutiremos isso quando o momento chegar. E... por favor, me chame de Wally.

O rosto longo e estreito do médico, suas feições humildes, ideal para transmitir notícias de grande pesar, não era o rosto de um Wally. Você esperava que um Wally fosse travesso, gorducho e sardento.

— Wally — disse Celestina sem hesitação, porque subitamente ela viu algo de um Wally nos seus olhos verdes, que nunca transmitiram mais animação.

E então, champanhe e duas bolsas de compras abarrotadas com comida armênia. Sou beurek, mujadereh, biryani de arroz e frango, folhas de uva recheadas, costeleta de carneiro com arroz e verduras, orouk, manti, e muito mais. Depois de uma oração batista de graças (dita por Grace), Wally e as três mulheres White, uma quarta presente em espírito, sentaram-se em torno da mesa com tampo de fórmica e comeram, riram e falaram sobre arte, medicina, cuidados com bebês, o passado e o futuro, enquanto no bairro de Nob Hill, Neddy Gnathic, vestido num smoking, estava sentado a um piano laqueado em negro, espalhando notas cristalinas como diamantes por um salão luxuoso.

Capítulo 47

AINDA USANDO SE JALECO branco de farmacêutico sobre uma camisa branca e calças pretas, caminhando determinado pelas ruas de Bright Beach, debaixo de um crepúsculo cinzento e maligno, digno de uma capa da Weird Tales, e ao som de um ritmo sinistro providenciado pelo vento soprando as folhas das palmeiras altas, Paul Damascus voltava para casa.

Caminhar fazia parte de um regime de boa forma que seguia seriamente.

Ele jamais seria convocado para salvar o mundo, como os heróis dos pulp magazines que adorava; contudo, tinha responsabilidades solenes que estava determinado a cumprir, e para fazê-lo precisava manter uma boa saúde.

Num bolso de seu jaleco estava a carta para o reverendo Harrison White.

Ele não havia selado o envelope, porque pretendia ler o que escrevera para Perri, sua esposa, e incluir as correções que ela sugerisse. Nisto, como em todas as coisas, Paul valorizava a opinião de sua esposa.

O ponto alto do seu dia era ir para casa e rever Perri. Eles se conheceram quando tinham treze anos, casando-se aos 22. Em maio iriam celebrar 23 anos de casados.

Não tinham filhos. O destino quisera assim. A bem da verdade, Paul não sentia qualquer arrependimento por estar perdendo a experiência de ser pai.

Como uma família de dois, eram mais íntimos do que poderiam ser se o destino tivesse lhes permitido ter filhos, e ele valorizava muito o seu relacionamento.

Suas noites juntos eram maravilhosas, embora geralmente apenas vissem televisão juntos, ou ele lia para ela. Ela gostava de ouvir o marido lendo, principalmente romances históricos ou livros de mistério.

Perri em geral dormia rápido, por volta das nove e meia, raramente depois das dez horas, enquanto Paul jamais se deitava antes da meia-noite ou uma da manhã. Nesse meio-tempo ele voltava às suas aventuras nos pulp magazines, à trilha sonora da respiração sussurrante da esposa adormecida.

Esta era uma noite boa na televisão. To Tell The Truth, às sete e meia, seguido por I've Got a Secret, The Lucy Show e The Andy Griffith Show.

O novo seriado da Lucille Ball não era tão bom quanto o anterior; Paul e Perri sentiam falta de Desi Arnaz e William Frawley.

Quando dobrou a esquina da Jasmine Way, sentiu seu coração levitar em expectativa à visão de sua casa. Não era uma residência grandiosa — uma casa típica de uma rua principal americana — porém era mais esplêndida para Paul do que Paris, Londres e Roma combinadas, cidades que ele jamais iria ver e que jamais lamentaria não conhecer.

Sua expectativa feliz metamorfoseou-se em medo quando viu a ambulância parada diante da casa. E no caminho de acesso à casa

estava o Buick que pertencia a Joshua Nunn, seu médico de família.

A porta da frente estava aberta. Paul entrou apressado.

Na ante-sala, Hanna Rey e Nellie Oatis estavam sentadas lado a lado na escadaria. Hanna, a governanta, era grisalha e roliça. Nellie, a acompanhante de Perri, podia passar por irmã de Hanna.

Hanna estava emocionada demais para ficar de pé.

Nellie encontrou força para se levantar, mas ao fazê-lo se viu incapaz de falar. Sua boca formou palavras, mas a voz a desertou.

Congelado pelo significado inconfundível das expressões nos rostos dessas mulheres, Paul ficou grato por Nellie estar emudecida. Ele não acreditava que teria forças para receber as notícias que ela estava tentando comunicar.

A bênção do silêncio de Nellie durou apenas até que Hanna, amaldiçoada com a capacidade de falar mas não suficientemente forte para se manter em pé, disse: — Tentamos falar com o senhor, mas já tinha saído da farmácia.

As portas de correr na sala de estar estavam entreabertas. As pessoas do outro lado atraíram Paul contra a sua vontade.

Espaçosa, a sala de estar era mobiliada com dois propósitos: como um local onde receber amigos em visita, mas também com duas camas, porque aqui Paul e Perri dormiam todas as noites.

Jeff Dooley, um paramédico, estava em pé do outro lado das portas de correr. Ele agarrou o ombro de Paul e o conduziu para dentro do cômodo.

Até a cama de Perri, uma jornada de uns poucos passos, contudo mais distante que a Paris que ele não tinha visto, mais distante do que a Roma que ele não queria conhecer. O tapete parecia puxar os seus pés, grudando como lama debaixo de seus sapatos. O ar, espesso como líquido em seus pulmões, resistente ao seu progresso.

Ao lado da cama, Joshua Nunn, amigo e médico, olhou para cima quando Paul aproximou-se. Levantou como se espetado por um alfinete.

A cabeceira da cama de hospital estava elevada e Perri deitada nela, olhos fechados.

Durante a crise, o poste que sustentava sua garrafa de oxigênio tinha sido empurrado até a cama. A máscara de respiração jazia no

travesseiro ao lado de Perri.

Ela raramente precisava do oxigênio. Hoje, quando precisara, ele não tinha ajudado.

O respirador de peito, que Joshua havia evidentemente aplicado, jazia descartado nas roupas de cama ao seu lado. Ela raramente requeria este aparato para ajudá-la a respirar, e quando isso acontecia, era apenas à noite.

Durante o primeiro ano de sua doença, Perri havia lentamente abdicado do pulmão de ferro. Até seus dezessete anos, ela precisara do respirador de peito, mas aos poucos ganhara força para respirar sem ajuda.

— Foi o coração — disse Joshua Nunn.

Ela sempre tivera um coração generoso. Depois que a doença emagrecera Perri, deixando-a muito frágil, seu grande coração, não diminuído por seu sofrimento, parecera maior que o corpo que o continha.

A poliomielite, em geral uma aflição das crianças pequenas, a acometera duas semanas antes de seu 15º aniversário. Trinta anos atrás.

Ao cuidar de Perri, Joshua dobrara para baixo os lençóis. O tecido do pijama amarelo-claro não podia disfarçar o quanto suas pernas eram terrivelmente magras: dois palitos.

Seu caso de poliomielite fora tão severo que braçadeiras e muletas jamais tinham sido opção. A reabilitação muscular fora ineficaz.

As mangas do topo de seu pijama estavam enroladas para cima, revelando mais do trabalho violento da doença. Os músculos do braço esquerdo inútil tinham atrofiado; a mão, um dia graciosa, curvara-se para dentro, como se segurando um objeto invisível, talvez a esperança que ela jamais abandonara.

Como ela desfrutara de um uso limitado do braço direito, ele estava menos prejudicado que o esquerdo, embora sua aparência não fosse normal. Paul baixou essa manga do pijama.

Gentilmente, levantou os lençóis para cobrir o corpo arruinado de sua esposa, até os seus ombros finos, mas dispôs o braço direito sobre os lençóis. Ajeitou e alisou a ponta superior do lençol.

A doença não corrompera seu coração, e também não tocara seu rosto.

Ela continuava tão linda como sempre fora.

Sentou na ponta da cama e segurou a mão direita da esposa. Ela morrera há tão pouco tempo que sua pele ainda estava morna.

Sem uma palavra, Joshua Nunn e o paramédico saíram para a ante-sala.

As portas de correr foram fechadas depois que eles passaram.

Tantos anos juntos e mesmo assim tão pouco tempo...

Paul não conseguia lembrar quando começara a amá-la. Não fora à primeira vista. Mas fora antes que ela contraísse pólio. O amor viera gradualmente, e quando a doença surgiu, os dois já estavam apaixonados.

Ele conseguia lembrar claramente quando soubera que iria casar-se com ela: durante o primeiro ano de faculdade, quando ele retornara para casa para o feriado de Natal. Longe, na faculdade, ele sentira falta dela a cada dia, e no momento em que a vira, uma tensão constante deixara-o, e ele se sentira em paz pela primeira vez em meses.

Naquela época Perri vivia com os pais. Eles haviam convertido a sua sala de jantar num quarto para ela.

Quando Paul chegou com um presente de Natal, Perri estava na cama, usando pijama vermelho, lendo Jane Austen. Um dispositivo bem bolado, que consistia em tiras de couro, alavancas e contrapesos, ajudava-a a mover o braço direito com mais fluidez do que seria possível de outra forma. O livro estava sobre um suporte de pé, mas ela conseguia virar suas páginas.

Ele passou a tarde com ela e ficou para jantar. Comeu ao lado da cama, alimentando tanto a si próprio quanto a ela, equilibrando o progresso de sua refeição com a dela, de modo que terminaram juntos. Paul jamais dera de comer a Perri antes, mas mesmo assim não se sentiu constrangido, nem ela. E mais tarde o que ele lembraria do jantar seria a conversa, não a logística.

Em abril do ano seguinte, quando Paul pediu Perri em casamento, ela não quis aceitar.

— Você é maravilhoso, Paul, mas não posso permitir que você jogue a sua vida fora por minha causa. Você é este... este navio lindo que está destinado a singrar para longe, para lugares fascinantes, e eu seria apenas a sua âncora.

— Um navio sem âncora jamais descansa — respondeu Paul. — Ele fica à mercê do mar.

Ela protestou que seu corpo arruinado não teria nenhum conforto a oferecer a um homem, nem a força para fazer dela uma noiva.

— A sua mente está tão fascinante quanto sempre foi — disse ele. — A sua alma é linda. Ouça, Per, desde que tínhamos treze anos, nunca me interessei principalmente pelo seu corpo. Você está se iludindo se pensa que ele era tão especial assim, mesmo depois da pólio.

Ela gostava de franqueza e comentários duros, porque pessoas demais tratavam-na como se o seu espírito fosse tão frágil quanto os seus membros. Ela riu com deleite... mas ainda assim recusou o pedido de Paul.

Dez meses depois, ele finalmente a venceu pelo cansaço. Ela aceitou sua proposta e o casal marcou uma data para o matrimônio.

Entre lágrimas, Perri lhe perguntou se ele não estava assustado com o compromisso que estava fazendo.

Na verdade, ele estava aterrorizado. Embora sua necessidade pela companhia de Perri fosse tão profunda que parecesse sair da medula de seus ossos, uma parte de Paul sempre se perguntara se estava tomando a atitude certa.

Ainda assim, nessa noite, quando ela aceitou sua proposta e perguntou se ele não estava aterrorizado, Paul respondeu: — Não mais.

O terror que ele escondia dela desapareceu com o recital dos votos.

Desde seu primeiro beijo como marido e mulher ele soube que este era o seu destino. Que grande aventura eles haviam tido juntos nesse últimos 23 anos, uma aventura que até Doe Savage, o Homem de Bronze, teria invejado.

Cuidar dela, em todos os sentidos, fizera-o um homem muito mais feliz do que ele poderia ter sido — e um homem bem melhor.

E agora ela não precisava mais dele. Fitou o rosto de Perri, segurou sua mão, agora esfriando; sua âncora estava se afastando dele, deixando-o ao léu.

Capítulo 48

DEPOIS DE UMA SEGUNDA NOITE na Sleepie Tyme Inne, acordando ao alvorecer, Júnior sentia-se descansado, refrescado... e no controle de seu intestino.

Ele não sabia exatamente o que causara seu desconforto, recente.

Os sintomas de envenenamento alimentar costumavam aparecer cerca de duas horas depois da refeição. Os espasmos intestinais horrendos que o atormentaram tinham começado pelo menos seis horas depois de ter comido. Além disso, se o culpado fosse o envenenamento alimentar, ele teria vomitado; mas não sentia nenhum impulso de vomitar.

Ele suspeitava que a culpa cabia à sua extraordinária sensibilidade à violência, morte e perda. Antes ela se manifestara como um esvaziamento explosivo de seu estômago, desta vez como um afrouxamento de seus reinos inferiores.

Na manhã de terça-feira, enquanto banhava-se na água morna do chuveiro, junto com uma barata tão exuberante quanto um golden retriever, Júnior jurou jamais matar novamente. Exceto em autodefesa.

Ele fizera esse juramento antes. Podia-se argumentar que o quebrara.

Não havia dúvida de que se não tivesse se livrado de Vanadium, o tira maníaco o teria matado. Portanto, ele matara Vanadium em autodefesa.

Contudo, apenas um homem desonesto ou louco poderia justificar o assassinato de Victória como autodefesa. Até certo ponto, ele fora motivado pela raiva e pela paixão, e Júnior era suficientemente honesto para admitir isso.

Conforme Zedd ensinara, neste mundo onde a desonestidade era o passaporte para a aceitação social e o sucesso financeiro, você precisa praticar algumas trapaças para seguir na vida, mas jamais deve mentir para si mesmo, ou não terá mais ninguém em quem acreditar.

Desta vez, ele jurou jamais matar de novo, exceto em autodefesa, a despeito da provocação. Esta condição mais difícil o

agradou. Ninguém alcançava um aperfeiçoamento pessoal significativo estabelecendo padrões baixos para si mesmo.

Quando abriu a cortina do chuveiro, deixou a barata na banheira molhada, viva e intocada.

Antes de sair do motel, Júnior correu os olhos por mais quatro mil nomes no catálogo telefônico, procurando Bartholomew. No dia anterior, confinado neste quarto, ele procurara seu inimigo através de doze mil nomes. Cumulativamente, Júnior examinara os nomes de quarenta mil assinantes.

Novamente na estrada, sem bagagem além da caixa com as obras de Caesar Zedd, Júnior dirigiu para o sul na direção de San Francisco. Estava empolgado com a perspectiva da vida na cidade.

Seus anos na sonolenta Spruce Hills tinham sido ricos em romance, um casamento feliz e sucesso financeiro. Mas aquela cidadezinha carecia de estímulo intelectual. Para estar completamente vivo, ele precisava vivenciar não apenas prazeres físicos em abundância, não apenas gozar de uma vida emocional satisfatória, mas também de uma vida intelectual.

Escolheu uma rota que o conduziu através do condado de Marin e pela ponte Golden Gate. A metrópole, que ele nunca visitara, erguia-se no esplendor de suas colinas sobre a baía cintilante.

Durante uma hora gloriosa, Júnior seguiu uma rota aleatória e impetuosa pela cidade, admirando a arquitetura, as paisagens estonteantes, o sobe e desce empolgante das ruas. Logo Júnior estava mais entorpecido com San Francisco do que já ficara com vinho.

Aqui, as atividades intelectuais e as possibilidades de aperfeiçoamento pessoal eram ilimitadas. Grandes museus, galerias de arte, universidades, salões de concertos, livrarias, bibliotecas, o observatório Monte Hamilton...

Menos de um ano atrás, uma tendência moderníssima tinha nascido aqui, quando as primeiras dançarinas topless tinham subido aos palcos de San Francisco. Agora esta manifestação artística empolgante era praticada em muitas grandes cidades, que tinham acompanhado a ousadia de San Francisco, e Júnior estava ansioso por iluminar-se comparecendo a uma apresentação bem aqui, onde a inovação em dança do século havia nascido.

Às três da tarde, ele se registrou num hotel famoso em Nob Hill. Seu quarto oferecia uma vista panorâmica.

No saguão de uma loja de modas masculinas, Júnior comprou várias roupas para substituir aquelas que tinham sido roubadas. Os ajustes foram feitos e tudo foi entregue em seu quarto às seis da tarde.

Às sete ele estava saboreando um coquetel no salão elegante do hotel.

Um pianista vestido num smoking tocava música romântica com um estilo refinado.

Várias mulheres bonitas, na companhia de outros homens, flertaram subrepticamente com Júnior. Ele estava acostumado a ser um objeto de desejo. Contudo, nesta noite a única dama para a qual tinha olhos era a própria San Francisco, e ele queria estar a sós com ela.

Era possível jantar no saguão. Júnior desfrutou de um filé mignon soberbo com uma dose de um excelente Cabernet Sauvignon.

O único momento ruim da noite aconteceu quando o pianista tocou "Someone to Watch Over Me".

Em sua mente, Júnior viu uma moeda passar de um nó de dedo para outro, e escutou a voz arrastada do tira maníaco: Tem uma canção muito bonita do George e do Ira Gershwin chamada "Someone to Watch Over Me"... Alguém para me Vigiar. Você já a ouviu, Enoch? Eu sou esse alguém para você, embora não, é claro, num sentido romântico.

Júnior quase deixou cair o garfo ao reconhecer a melodia. Seu coração acelerou. Suas mãos ficaram repentinamente úmidas.

De vez em quando os clientes atravessavam o saguão para deixar cair dinheiro numa caixinha sobre o piano: gorjetas para o músico. Algumas dessas pessoas pediam suas músicas favoritas.

Júnior não prestara atenção a todos os que tinham visitado o pianista...

embora certamente não tivesse notado nenhum corpanzil coberto por um terno vagabundo.

O policial maluco não estava em nenhuma das mesas. Júnior tinha certeza disso, porque corraera os olhos pelo lugar várias vezes, para apreciar as mulheres bonitas.

Ele não tinha prestado atenção aos clientes sentados atrás dele. Agora ele se virou em sua cadeira para estudá-los.

Uma mulher masculinizada. Vários homens efeminados. Mas nenhuma figura alta e gorda que pudesse ser o policial doido disfarçado.

Respirar lenta e profundamente. Lenta. Profundamente. Um gole de vinho.

Vanadium estava morto. Golpeado com estanho e afundado numa pedreira inundada. Tinha ido para sempre.

O detetive não era a única pessoa no mundo que gostava de “Someone to Watch Over Me”. Qualquer pessoa naquele saguão poderia ter requisitado a canção. Ou talvez este número fosse parte do repertório usual do pianista.

Depois da conclusão da música, Júnior sentiu-se melhor. Seus batimentos cardíacos voltaram depressa ao normal. As palmas úmidas de suas mãos ficaram secas.

Enquanto comia o crême brûlée que pedira para a sobremesa, já conseguia rir de si mesmo. Ele tinha esperado ver um fantasma sentado no bar, tomando um coquetel e comendo castanhas de caju de cortesia?

Capítulo 49

QUARTA FEIRA, DOIS DIAS inteiros depois de entregar tortas de pêra com mel junto com Agnes, Esaú reuniu coragem para visitar Jacó.

Embora seus apartamentos ficassem em cima da garagem, de costas um para o outro, cada um era servido por uma escadaria externa separada. A julgar pela frequência com que entravam nos domínios do outro, eles podiam viver a centenas de quilômetros de distância.

Quando juntos em companhia de Agnes, Esaú e Jacó eram irmãos, confortáveis na companhia um do outro. Mas juntos apenas os dois, sem Agnes, ficavam mais desconfortáveis do que com estranhos, porque estranhos não tinham um passado conjunto para superar.

Esaú bateu, Jacó atendeu.

Jacó recuou da soleira da porta, Esaú entrou.

Ficaram em pé, sem olhar diretamente um para o outro. A porta do apartamento continuou aberta.

Esaú sentia-se desconfortável neste reino de um deus estranho. O deus que o irmão dele temia era a humanidade, as suas compulsões obscuras, a sua arrogância. Esaú, por outro lado, temia a Natureza, cuja ira era tão grande que um dia destruiria todas as coisas, quando o universo se comprimisse numa bolinha de matéria superdensa, do tamanho de uma ervilha.

Para Esaú, a humanidade obviamente não era a maior dessas duas forças destrutivas. Homens e mulheres faziam parte da natureza, não estavam acima dela, e sua maldade, portanto, era apenas mais um exemplo da intenção maligna da natureza. Eles debatiam esse assunto há anos, mas jamais tinham convencido um ao outro de seus dogmas.

Sucintamente, Esaú contou a Jacó sobre a visita a Obadiah, o mágico das mãos contorcidas. E então: — Quando saímos, Obadiah me segurou e disse: “O seu segredo está seguro comigo.” — Que segredo? — perguntou Jacó, olhando preocupado para os sapatos de Esaú.

— Eu estava esperando que você soubesse — disse Esaú, estudando o colarinho da camisa de malha verde de Jacó.

— Como eu iria saber? — Ocorreu-me que talvez Obadiah tenha pensado que eu era você.

— Por que ele pensaria isso? — disse Jacó, agora fitando o bolso da camisa de Esaú.

— A gente se parece um pouco — disse Esaú, movendo sua atenção para a orelha esquerda de Jacó.

— Somos gêmeos idênticos, mas eu não sou você, sou? — Isso é óbvio para nós, mas nem sempre para os outros. Além disso, deve ter acontecido anos atrás.

— O que deve ter acontecido anos atrás? — Você conhecer Obadiah.

— Ele disse que eu o conhecia? — perguntou Jacó, correndo os olhos por cima de Esaú para o sol brilhante na porta aberta.

— Como eu disse, ele pode ter pensado que eu era você — disse Esaú, fitando os livros bem arrumados nas estantes.

— Ele está caduco ou algo assim? — Não, ele está muito bem da cabeça.

— Supondo que ele esteja senil, não seria possível que ele pensasse que você era o irmão que ele perdeu há muito tempo ou

alguma outra pessoa? — Ele não está senil.

— Se você falou sem parar sobre terremotos, tornados, vulcões em erupção e coisas do tipo, como ele foi confundi-lo comigo? — Não falei nada. A Agnes conversou com ele o tempo todo. Voltando a atenção para os seus próprios sapatos, Jacó disse: — Então... o que devo fazer sobre isto? — Você conhece ele? — perguntou Esaú, olhando agora para a porta aberta, para a qual Jacó tinha se virado. — Obadiah Sepharad? — Tendo passado a maior parte dos últimos vinte anos neste apartamento, sem ter um carro, como você. Como eu poderia ter conhecido um mágico negro? — Muito bem, então.

Enquanto Esaú atravessava o pórtico, saindo para o patamar no topo da escadaria, Jacó seguiu-o, proclamando sua fé: — Véspera de Natal de 1940, Orfanato de Santo Anselmo, San Francisco. Josef Krepp matou onze meninos, entre seis e onze anos.

Assassinou as crianças enquanto dormiam e cortou um pedaço de cada uma como troféu... um olho aqui, uma língua ali.

— Onze? — disse Esaú; não estava impressionado.

— De 1604 a 1610, Erzebet Bathory, irmã do rei polonês, com a ajuda de seus servos, torturou e matou seiscentas meninas. Ela mordida as crianças, bebia seu sangue, rasgava seus rostos com facas, mutilava suas partes íntimas e escarnecia de seus gritos.

Descendo as escadas, Esaú disse: — Em 18 de setembro de 1906, um furacão devastou Hong Kong. Mais de dez mil pessoas morreram. O vento soprava com uma velocidade tão incrível que centenas de pessoas foram mortas por pedaços afiados de destroços... farpas de madeira, pontas de cercas afiadas como flechas, pregos, vidro... movidos contra elas com a velocidade de balas. Um homem foi atingido por um fragmento soprado pelo vento de um jarro funerário da Dinastia Han, que furou seu rosto, atravessou o crânio e se instalou no cérebro.

Enquanto Esaú alcançava o fundo da escadaria, ouviu a porta fechar atrás dele.

Jacó estava escondendo alguma coisa. Até falar sobre Joseph Krepp, cada resposta dele tinha sido formada como uma pergunta, que sempre fora a sua forma favorita de se proteger quando a conversa envolvia alguma coisa que o fazia sentir-se desconfortável.

Ao voltar para o seu apartamento, Esaú precisou passar debaixo dos galhos de um carvalho majestoso que dominava o vasto jardim entre a casa e a garagem.

Cabeça baixa, como se sua visita a Jacó fosse um peso que o mantivesse curvado, sua atenção estava no chão. Não fosse por isso, talvez não tivesse notado o padrão belíssimo que as sombras causadas pela luz do sol formavam por onde ele estava caminhando.

Este era um carvalho vivo da Califórnia, verde até no inverno, embora estivesse agora com menos folhas que nas estações mais quentes. A estrutura intrincada dos galhos, refletida ao redor dele, era um labirinto bonito e harmônico sobre um mosaico de grama verde iluminada pelo sol, e alguma coisa nesses padrões subitamente tocou e comoveu Esaú, absorvendo a sua imaginação. Ele teve a impressão de estar à beira de uma inspiração maravilhosa.

Então olhou para cima, para os galhos imensos sobre a sua cabeça, e seu humor mudou: a sensação de inspiração iminente deu lugar ao medo de que um daqueles galhos se partisse naquele preciso momento, esmagando-o debaixo de uma tonelada de madeira, ou que o Grandão, atacando agora, derrubasse o carvalho inteiro.

Esaú correu de volta para seu apartamento.

Capítulo 50

DEPOIS DE PASSAR A quarta-feira como um turista, Júnior começou a procurar por um apartamento adequado na quinta. A despeito de sua fortuna recém-adquirida, ele não pretendia pagar diárias de quartos de hotel por muito tempo.

No momento estava muito difícil encontrar um apartamento para alugar em San Francisco. O primeiro dia de sua busca resultou apenas na descoberta de que ele teria de pagar mais do que esperava, mesmo por acomodações modestas.

Na noite de quinta-feira, a terceira no hotel, ele retornou ao saguão para tomar coquetéis e comer mais um filé. O entretenimento era proporcionado pelo mesmo pianista vestido num smoking.

Júnior estava vigilante. Ele prestou atenção em todos os que se aproximaram do piano, tenham ou não deixado dinheiro na caixinha.

Quando começou a tocar “Someone to Watch Over Me”, o pianista não pareceu estar respondendo a um pedido, considerando que alguns outros números tinham sido tocados desde a gorjeta mais recente. A melodia, afinal de contas, pertencia ao seu repertório usual.

Uma tensão residual abandonou Júnior. Ficou um pouco surpreso por ainda estar preocupado com a canção.

Durante o restante de seu jantar, concentrou-se inteiramente no futuro, o passado afastado de sua mente. Até...

Enquanto Júnior desfrutava de um conhaque depois do jantar, o pianista fez uma pausa, e a conversa entre os clientes parou. Quando o telefone do bar tocou, ainda que baixo, ele o ouviu de sua mesa.

O zumbido eletrônico era parecido com o som do telefone no apartamentinho de Vanadium, na noite de domingo. Júnior foi transportado de volta àquele lugar, àquele momento no tempo.

A secretária eletrônica.

Em sua mente, ele viu a secretária com uma nitidez extraordinária.

Aquele aparelho curioso. Em cima da mesa de pinho.

Na realidade, aquilo era um mero dispositivo doméstico. Em sua memória, a secretária eletrônica parecia ameaçadora, carregada com a força maligna de uma bomba nuclear.

Ele ouvira a mensagem e a considerara incompreensível e desmerecedora de atenção. Subitamente, uma intuição tardia disse-lhe que a mensagem não podia ter sido mais importante para ele se tivesse sido Naomi ligando da tumba para deixar um testemunho para o detetive.

Naquela noite atarefada, com o cadáver de Vanadium no Studebaker e com o corpo de Victória esperando na casa por uma pira funerária, Júnior estivera distraído demais para reconhecer a pertinência da mensagem.

Agora ela o torturava de um recanto sombrio em seu subconsciente.

Caesar Zedd ensina que cada experiência em nossas vidas, incluindo o menor momento e o mais simples ato, é preservada na memória, inclusive cada conversa estúpida que travamos com os mais ignóbeis com quem encontramos. Por esse motivo, ele escreveu um livro sobre por que não devemos jamais nos submeter a indivíduos tediosos e burros, e sobre como podemos nos livrar deles, oferecendo centenas de estratégias para expurgá-los de nossas vidas, incluindo homicídio, que ele afirma favorecer, ainda que apenas de brincadeira.

Embora Zedd aconselhe viver no futuro, ele reconhece a necessidade de termos recordações plenas do passado quando isso for absolutamente necessário. Uma das melhores técnicas sugeridas por Zedd para pescar memórias no subconsciente era tomar uma ducha muito fria enquanto se pressionava uma pedra de gelo nos genitais, até que você recordasse os fatos desejados ou fosse acometido por uma hipotermia.

Estando no saguão glamouroso deste hotel fino, Júnior foi obrigado a usar outra das técnicas de Zedd — e mais conhaque — para liberar de seu subconsciente o nome da pessoa que deixara o recado na secretária. A pessoa dissera... Aqui é o Max.

Agora a mensagem... Alguma coisa sobre um hospital. Alguém morrendo. Uma hemorragia cerebral.

Enquanto Júnior lutava para resgatar detalhes de sua memória, o pianista voltou. A primeira canção de seu novo número era “I Want to Hold Your Hands”, dos Beatles, arranjada num andamento tão lento que parecia uma canção de ninar para narcolépticos. A invasão do pop britânico, ainda que disfarçado, parecia um sinal de que Júnior deveria se retirar.

Mais uma vez neste quarto de hotel, Júnior consultou a caderneta de endereços de Vanadium, que ele não destruía. Encontrou um Max. Max Bellini. O endereço era em San Francisco.

Isto não era bom. Ele tinha pensado que tudo a respeito de Thomas Vanadium fazia parte do passado. Agora aqui estava um elo inesperado com San Francisco, onde Júnior planejava erigir o seu futuro.

Havia dois números de telefones listados debaixo do endereço de Bellini. O primeiro estava rotulado trabalho, o segundo, casa.

Júnior olhou as horas no seu relógio de pulso. Nove da noite.

Qualquer que fosse a linha de trabalho de Bellini, ele provavelmente não estaria no trabalho a essa hora.

Ainda assim, Júnior decidiu discar primeiro o número do emprego, com a esperança de pegar uma mensagem gravada sobre suas horas de trabalho.

Se ele pudesse descobrir o nome da firma que empregava Bellini, isso seria útil e poderia sugerir a ocupação do homem. Quanto mais Júnior soubesse sobre Bellini antes de ligar para a casa dele, melhor.

O telefone foi atendido no terceiro toque. Uma voz masculina, rouca, disse: — Homicídios.

Por um instante, Júnior pensou que era uma acusação.

— Alô? — disse o homem no outro lado da linha.

— De onde... de onde fala? — inquiriu Júnior.

— Departamento de Polícia de San Francisco, homicídios.

— Desculpe. Foi engano.

Desligou e afastou a mão do telefone como se ele o tivesse queimado.

Departamento de Polícia de San Francisco.

Era quase certo que Bellini fosse um detetive de homicídios, exatamente como Vanadium. Ligar para a sua casa não seria uma boa

ideia.

Agora era imperativo que Júnior lembrasse de cada palavra da mensagem que Bellini deixara para o seu colega distante no Oregon. Ainda assim, o restante da mensagem continuava enterrado em sua memória.

Convenientemente, todas as manhãs, quando a camareira do hotel trocava os lençóis da cama e colocava um odorizante mentolado no travesseiro, ela também enchia o balde de gelo. Como uma careta de antecipação à provação que o aguardava, Júnior carregou o balde até o banheiro.

Despiu-se, ligou a água gelada e entrou no chuveiro. Ficou parado ali em pé algum tempo, torcendo que a água gelada fosse suficiente para libertar as lembranças de que precisava. Não deu sorte.

Hesitante, mas com a confiança que qualquer acólito teria em sua fé, Júnior pegou um punhado de cubos de gelo e pressionou-os contra os dois locais mais quentes de sua anatomia.

Um número terrível de minutos depois, tremendo violentamente e chorando por pena de si mesmo, mas ainda longe de uma hipotermia, ele recordou as últimas coisas essenciais na mensagem da secretária eletrônica.

A coitada da menina... hemorragia cerebral... o bebê sobreviveu...

Júnior fechou a água, saiu do boxe do chuveiro, enxugou-se vigorosamente, vestiu dois pares de cuecas novas, foi para a cama, puxou as cobertas até o queixo. E matutou.

Vanadium no cemitério, segurando uma rosa branca. Caminhando entre as lápides para se colocar ao lado de Júnior, diante da sepultura de Naômi.

Júnior perguntara-lhe a que funeral ele acabara de comparecer. Da filha de um amigo. Eles disseram que ela morreu num acidente de trânsito em San Francisco. Ela era ainda mais nova do que Naômi.

O amigo tinha sido o reverendo White. Sua filha... Serafina. Suspeitando que a causa da morte poderia não ter sido um acidente de trânsito, era evidente que Vanadium pedira a Max Bellini que investigasse em San Francisco.

Serafina tinha morrido... mas o bebê sobrevivera.

O mais simples dos cálculos revelou que a gravidez de Serafina datava daquela noite de amor tórrido que eles tinham compartilhado na paróquia, ao acompanhamento da voz do pai da moça esboçando um sermão.

A boa Naômi perecera grávida do filho de Júnior, e Serafina morrera enquanto dava à luz outro filho dele.

O orgulho aqueceu os colhões enregelados de Júnior. Ele era um homem viril, e sua semente era definitivamente fértil. Isso não o surpreendia, mas uma confirmação tão espetacular não deixava de ser gratificante.

Sua euforia foi temperada pela compressão de que o sangue proporcionava um espectro de prova admissível no tribunal. As autoridades tinham conseguido identificá-lo como o pai do bebê que morrera com Naômi. Se a suspeita levasse os policiais a perseguir a questão, eles seriam capazes de associar a paternidade do bebê Serafina também a ele.

Aparentemente, a filha do pastor não mencionara o nome de Júnior nem fizera acusações de estupro antes de sucumbir. Se isso tivesse acontecido, Júnior agora estaria numa cela. E com a mocinha morta, mesmo se os testes laboratoriais revelassem que Júnior era o pai de seu bebê, nenhum processo crível poderia ser estabelecido.

Para Júnior, a ameaça residia em outro lugar.

Um pouco mais de reflexão logo trouxe o entendimento.

Há quase duas semanas, no hospital de Spruce Hills, Júnior tinha sido atraído por algum magnetismo estranho para a vitrine da unidade neonatal.

Ali, transfixado pelos recém-nascidos, ele afundara num medo terrível que ameaçara devastá-lo completamente. Através de algum tipo de sexto sentido, ele compreendera que o misterioso Bartholomew tinha alguma relação com bebês.

Agora Júnior empurrou as cobertas e saltou da cama. Tenso, pôs-se a perambular pelo quarto do hotel.

Talvez ele não tivesse percorrido esta cadeia de raciocínio se não fosse um admirador de Caesar Zedd, porque Zedd ensina que muito frequentemente a sociedade nos encoraja a ignorar certas ideias,

tachando-as como ilógicas, até paranoicas, quando na verdade elas provêm de um instinto animal e constituem a coisa mais próxima da verdade à qual podemos chegar.

Bartholomew não tinha apenas alguma relação com bebês. Bartholomew era um bebê.

Serafina White viera para a Califórnia para dar à luz a fim de poupar seus pais — e sua congregação — do embaraço.

Ao deixar Spruce Hills, Júnior julgara colocar distância entre ele e o seu inimigo enigmático, ganhando tempo para estudar o catálogo telefônico e planejar sua busca contínua, caso essa rota de investigação não surtisse sucesso. Em vez disso, ele caminhara direto para o covil do seu adversário.

Bebês de mães solteiras — especialmente de mães solteiras mortas, e especialmente de mães solteiras mortas cujos pais eram pastores incapazes de suportar a mortificação pública — costumavam ser disponibilizados à adoção. Como Serafina dera à luz aqui, o bebê seria — indubitavelmente já tinha sido — adotado por uma família da área de San Francisco.

Enquanto Júnior dava voltas pelo quarto de hotel, o medo em seu peito cedeu lugar à raiva. Tudo que ele queria era paz, uma chance de crescer como pessoa, uma oportunidade de se aperfeiçoar. E agora isto. Ele estava chocado com o quanto isso tudo era injusto. Sentia-se perseguido.

Júnior não era imune à lógica tradicional, mas neste caso ele reconhecia a sabedoria superior da filosofia de Zedd. Seu medo de Bartholomew e sua animosidade profunda contra uma criança com quem jamais se encontrara desafiava toda a razão e excedia uma simples paranoia; portanto, devia tratar-se do mais puro, do mais infalível, instinto animal.

O pequeno Bartholomew estava aqui em San Francisco. Era preciso encontrá-lo. Era preciso eliminá-lo.

Depois que finalmente havia delineado um plano de ação para localizar a criança, Júnior estava com tanta raiva que suava, e assim tirou um dos dois pares de cuecas que estava usando.

Capítulo 51

DEFINHADO PELA POLIOMIELITE, o corpo de Perri não foi um teste para a força das pessoas que carregaram o seu caixão. O pastor rezou por sua alma, os amigos choraram por perdê-la e a terra a recebeu.

Paul Damascus recebera inúmeros convites para jantar. Ninguém achava que ele deveria ficar sozinho nesta noite difícil.

A solidão, contudo, era a sua preferência. Ele considerava a simpatia de seus amigos insuportável, uma lembrança constante de que Perri não existia mais.

Tendo sido conduzido da igreja para o cemitério em companhia de Hanna, sua governanta, Paul preferira voltar do cemitério para casa a pé. A distância entre a cama nova de Perri e sua cama velha era de apenas cinco quilômetros, e a tarde estava com uma temperatura agradável.

Ele não tinha mais qualquer motivo para seguir um regime de exercícios.

Durante 23 anos, ele precisara manter uma boa saúde para cumprir as suas responsabilidades, mas agora todas as responsabilidades que tinham importado para ele haviam sido tiradas de seus ombros.

Caminhar em vez de dirigir era agora nada mais do que uma questão de hábito. E caminhando ele poderia retardar sua chegada a uma casa que tinha se tornado uma estranha para ele, uma casa em que cada som que ele fazia, desde a segunda-feira, parecia ecoar como se através de cavernas vastas.

Quando notou que o crepúsculo tinha chegado e ido embora, compreendeu também que caminhara através de Bright Beach, ao longo da rodovia Pacific Coast, e para o sul, rumo à cidade vizinha. Ele havia andado talvez uns quinze quilômetros.

Ele tinha apenas algumas lembranças muito vagas da jornada. Isto não lhe pareceu estranho. Entre as muitas coisas que não mais lhe diziam nada estavam os conceitos de distância e tempo.

Virou-se, caminhou de volta para Bright Beach e foi para casa.

A casa estava vazia, silente. Hanna ficava apenas durante o dia. Nellie Oatis, a acompanhante de Perri, não trabalhava mais aqui.

A sala de estar não mais era usada também como dormitório. A cama de hospital de Perri havia sido retirada. A cama de Paul tinha sido movida para um quarto no andar de cima, onde durante as últimas três noites ele tentara dormir.

Subiu para tirar seu terno azul-escuro e seus sapatos pretos mal cuidados.

Na sua mesinha-de-cabeceira encontrou um envelope evidentemente colocado ali por Hanna, depois que o tirara do seu jaleco de farmacêutico, que ele lhe dera para lavar. O envelope continha a carta sobre Agnes Lampion que Paul escrevera para o reverendo White, no Oregon.

Ele jamais tivera oportunidade de ler a carta para Perri ou beneficiar-se de sua opinião. Agora, ao correr os olhos pelo texto escrito de punho, suas palavras pareceram bobas, inadequadas, confusas.

Embora tenha considerado rasgar a carta e jogá-la fora, sabia que suas percepções estavam anuviadas pela dor e o que ele escrevera pareceria bom se ele o revisasse num estado mental menos confuso. Recolocou a carta no envelope e a colocou na gaveta de sua mesinha-de-cabeceira.

Na gaveta também havia um revólver que ele guardava para proteger a casa. Ele o fitou, tentando decidir entre descer para fazer um sanduíche ou se matar.

Retirou o revólver da gaveta. Em suas mãos, a arma não ia acomodar-se com a mesma facilidade com que sempre parecia ficar nas mãos dos heróis dos pulp magazines.

Paul temia que o suicídio fosse um passaporte para o Inferno, e sabia que Perri, que jamais pecara na vida, não o esperava nos reinos inferiores.

Agarrando-se à esperança desesperada de reunir-se à sua esposa no Além, Paul guardou a arma e desceu para a cozinha, onde fez um bom sanduíche de queijo quente: cheddar com pedacinhos de pickles.

Capítulo 52

NOLLY WULFSTAN, detetive particular, tinha os dentes de um deus, mas o seu rosto lamentável era um argumento convincente contra a existência de uma divindade benigna.

Branco como um inverno viking, esses magníficos trituradores de comida eram retos como as fileiras de pratos na mesa de banquete de Odin.

Soberbas superfícies oclusórias. Belíssimas bordas incisivas. Bicúspides de formato clássico, aninhadas em alinhamento perfeito entre os molares e os caninos.

Antes de tornar-se fisioterapeuta, Júnior considerara estudar odontologia. Mas uma baixa tolerância ao fedor da halitose gerada pelas doenças das gengivas fora um fator decisivo para que desistisse dessa carreira. Porém, ainda gostava de ver uma arcada dentária tão admirável como essa.

As gengivas de Nolly também estavam em excelente estado: firmes, róseas, sem sinal de recessos, envolvendo carinhosamente a base de cada dente.

Esta boca maravilhosa não era simplesmente obra da natureza. Com o que Nolly devia ter gasto para obter esse sorriso, algum dentista sortudo pagara as joias de sua amante durante os seus anos mais núbéis.

Lamentavelmente, o sorriso radiante meramente enfatizava, por contraste, as feições horrendas do rosto no qual ficava. Irregular, pontuado de manchas e verrugas, e escurecido por uma sombra permanente de barba, este rosto estava além dos poderes de redenção do melhor cirurgião plástico do mundo, o que sem dúvida era o motivo para Nolly aplicar seus recursos estritamente nos cuidados com os dentes.

Cinco dias atrás, raciocinando que um advogado inescrupuloso saberia como encontrar um detetive particular inescrupuloso, mesmo de outra cidade, Júnior telefonara para Simon Magusson, em Spruce Hills, para pedir uma recomendação confidencial. Aparentemente, também

existia uma fraternidade dos feios terminais, e seus membros indicavam-se profissionalmente uns aos outros. Magusson — aquele da cabeça grande, orelhas pequenas, olhos protuberantes — indicara Nolly Wulfstan a Júnior.

Curvado sobre a sua mesa, inclinado conspiratoriamente para a frente, olhos reluzindo como os de um bicho-papão falando sobre a sua receita favorita para cozinhar crianças, Nolly disse: — Confirmei as suas suspeitas.

Júnior procurara o detetive há quatro dias, trazendo-lhe uma missão que teria estrangido um investigador mais ético. Ele precisava descobrir se Serafina White dera à luz num hospital de San Francisco no começo do mês, e onde o bebê poderia ser encontrado. Como não estava preparado para revelar seu relacionamento com Serafina, e como qualquer história que inventasse levantaria a suspeita de um detetive competente, o seu interesse nesse bebê inevitavelmente pareceu sinistro.

— A Srta. White foi admitida no St. Mary em cinco de janeiro — disse Nolly. — Estava acometida por uma hipertensão perigosa e uma complicação de gravidez.

No momento em que vira o prédio no qual Nolly mantinha um escritório — uma velha estrutura de três andares no distrito de North Beach —, Júnior soubera que havia encontrado o tipo de investigador de que precisava. O escritório do detetive ficava no topo de seis lances de escadas estreitas — sem elevador —, no fim de um corredor sombrio com linóleo gasto e paredes salpicadas por manchas de uma origem que era melhor não considerar. O ar fedia a desinfetante vagabundo, fumaça de cigarro, cerveja choca e esperanças mortas.

— A Srta. White morreu ao dar à luz, como você tinha deduzido, nas primeiras horas de sete de janeiro — disse o detetive.

A suíte do investigador — uma sala de espera minúscula e um escritório apertado — carecia de uma secretária, mas certamente era rico em todas as formas de pestes.

Sentado na cadeira dos clientes, separado de Nolly por uma mesa salpicada de queimaduras de cigarro, Júnior ouviu, ou imaginou ter ouvido, um pequeno roedor passar correndo atrás dele, e alguma coisa mastigando papel dentro de um par de arquivos enferrujados.

Repetidamente, esfregou as costas de seu pescoço ou se curvou para coçar os tornozelos, convencido de que havia insetos andando sobre sua pele.

— O bebê da jovem foi disponibilizado para adoção na Associação das Famílias Católicas.

— Ela era batista.

— Sim, mas o hospital é católico, e oferece essa opção a todas as mães solteiras... a despeito de qual seja a sua religião.

— Então, onde está o menino agora? Quando Nolly suspirou e franziu a testa, seu rosto feio pareceu em perigo de escorregar de seu crânio, como aveia escorrendo de uma colher.

— Sr. Caim, por mais que eu lamente isso, acho que vou precisar devolver metade do adiantamento que me deu.

— Hein? Por quê? — A lei exige que os registros de adoção sejam guardados com tanto segredo que seria mais fácil conseguir uma lista completa dos agentes da CIA infiltrados no crime organizado do que encontrar esse bebê.

— Mas você obviamente consultou os registros do hospital...

— Não. A informação que lhe dei veio do Instituto Médico Legal, que emitiu o certificado de óbito. Mas mesmo se eu tivesse acesso aos registros do St. Mary, não encontraria uma única pista de onde a Associação das Famílias Católicas colocou esse bebê.

Tendo antecipado que teria algum tipo de problema, Júnior retirou de um bolso interno do casaco um maço de notas novinhas de cem dólares. O maço ainda estava amarrado com a fita do banco, e nela estava impresso o valor somado das notas: dez mil dólares.

Júnior pousou o dinheiro na mesa.

— Então entre nos arquivos da Associação de Famílias Católicas.

O detetive olhou boquiaberto para o dinheiro, com o desejo de um glutão faminto olhando uma torta de maçã, ou de um sátiro babando por uma loura nua.

— Impossível. O sistema deles é íntegro demais. Eu teria mais chances se você me pedisse para entrar no Palácio de Buckingham e roubasse um par de calcinhas da rainha.

Júnior inclinou-se à frente e deslizou o maço de dinheiro sobre a mesa, na direção do detetive.

— Tem mais de onde estas vieram.

Nolly balançou a cabeça, fazendo uma profusão de manchas e verrugas bailarem por suas faces flácidas.

— Pergunte a qualquer adotado que depois de adulto tentou descobrir os nomes dos seus pais de verdade. É mais fácil arrastar um trem de carga montanha acima com os dentes.

Com os dentes, você conseguiria, pensou Júnior, mas se conteve de dizer isso.

— Isto não pode ser um beco sem saída.

— Mas é. — De uma gaveta na mesa Nolly retirou um envelope e o colocou em cima do dinheiro oferecido. — Estou devolvendo quinhentos dólares do seu adiantamento — disse, empurrando tudo na direção de Júnior.

— Por que você não disse antes que era impossível? O detetive deu de ombros.

— A menina podia ter tido o bebê num hospital de quinta, um sem controle sobre as fichas dos pacientes e uma equipe menos profissional. Ou o bebê poderia ter sido disponibilizado para adoção através de alguma corretagem de bebês, estritamente pelo dinheiro. Então teríamos chances de descobrir alguma coisa. Mas assim que soube que o parto tinha sido no St. Mary, vi que estávamos perdidos.

— Se existem registros, eles podem ser adquiridos.

— Sr. Caim, não sou um ladrão. Nenhum cliente tem dinheiro suficiente pra me fazer correr o risco de acabar no xilindró. Além disso, mesmo se conseguisse os arquivos deles, provavelmente descobriria que as identidades dos bebês estão codificadas, e sem o código o senhor estaria no mato sem cachorro.

— Isto é um estorvo — disse Júnior, lembrando, sem precisar de passar gelo nas genitais, da palavra aprendida num curso de aperfeiçoamento de vocabulário.

— É o quê? — perguntou o detetive, que, exceto por seus dentes, não era um indivíduo auto-aperfeiçoado.

— Um embaraço, um obstáculo — disse Júnior.

— Entendo o que quer dizer. Eu jamais daria as costas para tanto dinheiro se pudesse fazer qualquer coisa para merecê-lo.

A despeito dos dentes brilhantes, o sorriso do detetive foi melancólico, prova de que ele fora sincero ao dizer que o bebê de Serafina estava fora de seu alcance.

Quando caminhou pelo corredor de linóleo rachado e desceu os seis lances de escadas até a rua, Júnior descobriu que uma garoa fina estava caindo. A tarde ficou ainda mais escura quando ele virou o rosto para o céu e a cidade fria, que em algum lugar protegia Bartholomew em suas entranhas de concreto, não parecia mais um pináculo da cultura e da sofisticação, mas um império ameaçador.

Em comparação com o resto da cidade, o clube de strip-tease — com sua fachada iluminada em néon, com luzes de teatro piscando — parecia mais aconchegante e convidativo.

O letreiro prometia dançarinas com os peitos de fora. Embora estivesse em San Francisco há uma semana, Júnior ainda não experimentara esta forma de arte de avant-garde.

Sentiu-se tentado a entrar.

Um problema: Nolly Wulfstan, um Quasímodo sem corcunda, provavelmente vinha a esse clube noturno depois do trabalho, para entornar algumas cervejas, porque isto certamente era o mais perto que ele conseguia chegar de uma mulher atraente. O detetive pensaria que ele e Júnior estavam ali pela mesma razão — olhar beldades nuas e guardar imagens suficientes de peitões para uma diversão solitária antes de dormir — e não compreenderia que para Júnior a atração era a dança, a emoção intelectual de experimentar um novo fenômeno cultural.

Frustrado em muitos níveis, Júnior correu até um estacionamento a um quarteirão de distância do escritório do detetive, onde deixara seu Chevrolet Impala conversível. Molhado de chuva, o carro vermelho-sangue era ainda mais bonito do que parecera, polido e em condições imaculadas, na vitrine da concessionária.

Contudo, apesar de sua beleza, potência e conforto, o carro não foi capaz de levantar o moral de Júnior enquanto ele subia e descia as colinas da cidade. Em algum lugar ao longo dessas ruas reluzentes, nessas casas e prédios altos, estava abrigado um menino meio negro, meio branco, mas uma ameaça completa para Caim Júnior.

Capítulo 53

NOLLY SENTIA-SE UM pouco ridículo caminhando pelas ruas sinuosas de North Beach debaixo de um guarda-chuva branco com bolotas vermelhas.

Contudo, ele o mantinha seco, e com Nolly as considerações práticas sempre triunfavam sobre as questões de imagem e estilo.

Uma cliente distraída deixara o guarda-chuva no escritório há seis meses. Se não fosse por isso, Nolly não teria nenhum guarda-chuva.

Ele era um detetive muito bom, mas no que dizia respeito às minúcias da vida cotidiana não era tão organizado quanto gostaria. Ele jamais lembrava de separar suas meias esburacadas para serem cerzidas; e certa vez ele usara um chapéu com um buraco de bala por quase um ano antes de pensar em comprar um novo.

Hoje em dia poucos homens usavam chapéus. Desde sua adolescência, Nolly gostava de um modelo de abas ligeiramente curvas. Frequentemente fazia frio em San Francisco, e ele começara a perder os cabelos ainda muito jovem.

A bala tinha sido disparada por um tira renegado que era tão ruim de mira quanto era corrupto. Ele estivera mirando na virilha de Nolly.

Isso acontecera há dez anos, a primeira e a última vez em que alguém atirara em Nolly. O trabalho verdadeiro de um detetive particular não tinha nada em comum com a vida colorida retratada na televisão e nos livros.

Esta era uma profissão de poucos riscos e muita rotina, contanto que você escolhesse seus casos com cuidado — o que significava manter-se longe de clientes como Enoch Caim.

A quatro quarteirões de seu escritório, numa rua mais requintada que a sua, Nolly chegou ao Edifício Tollman. Construído na década de 1930, tinha um ar art deco. As áreas públicas possuíam pisos de travertino e um mural futurista, exaltando as maravilhas da era das máquinas, abrilhantava uma parede do saguão.

No quarto pavimento, na suíte da Dra. Klerkle, a porta do corredor estava aberta. Depois do horário comercial, a pequena sala de

visitas ficava deserta.

Três acomodações igualmente modestas davam para esta sala. Duas abrigavam consultórios dentários e a terceira era o espaço apertado compartilhado pela recepcionista e pela dentista.

Se Kathleen Klerkle fosse um homem, ela teria um espaço maior num edifício mais novo numa parte melhor da cidade. Ela era mais gentil e respeitosa para com o conforto de seus pacientes que qualquer homem dentista que ele já tinha conhecido, mas o preconceito prejudicava as mulheres de sua profissão.

Enquanto Nolly pendurava sua capa de chuva e seu chapéu de feltro num cabideiro ao lado da porta, Kathleen Klerkle apareceu na entrada para a mais próxima das duas salas de tratamento.

— Está preparado para sofrer? — Nasci humano, não nasci? Ele se acomodou na cadeira sem tremer.

— Vou usar uma quantidade muito pequena de novocaína, para a sua boca não estar entorpecida na hora do jantar.

— Como se sente sendo parte de um momento histórico como este? — Lindbergh pousando na França não foi nada em comparação com isto. — Ela removeu uma jaqueta temporária da segunda bicúspide no lado inferior esquerdo e substituiu-a por uma de porcelana que o laboratório tinha entregue naquela manhã.

Nolly gostava de observar as mãos de Kathleen enquanto ela trabalhava.

Delgadas, graciosas, mãos de menina adolescente.

Ele também gostava de seu rosto. Ela não usava maquiagem e mantinha os cabelos presos num coque. Alguns homens diziam que ela parecia uma ratinha, mas a única coisa nela que lhe lembrava um rato era um jeito engraçadinho de torcer o nariz de vez em quando.

Ao terminar, ela lhe deu um espelho, para que ele pudesse admirar sua nova jaqueta bicúspide. Depois de cinco anos de tratamento, espaçado para não sobrecarregar a tolerância de Nolly, Kathleen melhorara o serviço da natureza, dando-lhe uma mordedura perfeita e um sorriso sobrenatural. A última jaqueta era a parte final da reconstrução.

Ela soltou o cabelo e o penteou, e Nolly levou-a para jantar no seu local favorito, que tinha uma decoração classuda e uma vista para a

baía adequada para a mesa de Deus. Eles vinham aqui com tanta frequência que o maître cumprimentou-os por seus nomes, como também fez o garçom.

Nolly, como sempre, era “Nolly” para todos, mas aqui Kathleen era a “Sra. Wulfstan”.

Pediram martinis, e quando Kathleen, correndo os olhos pelo cardápio, perguntou ao seu marido o que achava adequado para o jantar, ele sugeriu: — Ostras? — Sim, você vai precisar delas. — Seu sorriso não pareceu nem um pouco com o de uma ratinha.

Enquanto saboreavam seus martinis gelados, ela perguntou sobre o cliente e Nolly respondeu: — Ele engoliu a história. Não vai dar as caras de novo.

Os registros de adoção do bebê de Serafina White não tinham sido selados pela lei, porque a custódia da criança permaneceria com a família.

— E se ele descobrir a verdade? — perguntou Kathleen, preocupada.

— Vai pensar apenas que sou um detetive incompetente. E se aparecer querendo suas quinhentas pratas de volta, vou dar a ele.

Uma vela de mesa brilhava num copo âmbar. Para Nolly, a esta luz bruxuleante, o rosto de Kathleen estava mais radiante que a chama.

Eles haviam se conhecido graças a um interesse mútuo por dança de salão, quando cada um deles precisara de um novo parceiro para uma competição de fox-trote e suingue. Nolly começara a frequentar aulas de dança cinco anos antes de conhecer Kathleen.

— Afinal de contas, aquele escroto disse por que quer achar o bebê? — perguntou Kathleen.

— Não. Mas tenho certeza que será melhor para o bebê não ser descoberto por gente como ele.

— Por que ele tem tanta certeza de que é um menino? — Sei lá. Mas não contei a verdade para ele. Quanto menos ele souber, melhor. Ainda não sei qual é a motivação dele, mas se você quisesse seguir o rastro desse sujeito, teria de procurar por pegadas de cascos fendidos.

— Tome cuidado, Sherlock.

— Ele não me assusta — disse Nolly.

— Ninguém te assusta. Mas um bom chapéu de feltro não é barato.

— Ele me ofereceu dez mil pratas para roubar a Associação das Famílias Católicas.

— Então disse a ele que para fazer isso você cobrava vinte? Mais tarde, em casa na cama, depois que Nolly tinha provado o valor das ostras, ele e Kathleen ficaram deitados de mãos dadas. Depois de um silêncio muito longo, ele disse: — É um mistério.

— O que é um mistério? — Porque você está comigo.

— Gentileza, cavalheirismo, humildade, força.

— Isso basta? — Bobinho.

— O Caim parece um astro de cinema.

— Ele tem dentes bonitos? — São bons. Não são perfeitos.

— Então me beija, Sr. Perfeito.

Capítulo 54

TODA MÃE ACREDITA que o seu bebê é o mais bonito do mundo. Ela continuará inabalavelmente convencida disso mesmo se viver para ser uma centenária e seu bebê tiver sido devastado por oito décadas árduas de gravidade e experiência.

Toda mãe também acredita que o seu bebê é mais esperto que os outros.

Infelizmente, o tempo e as opções da criança geralmente exigem que ela ajuste sua opinião, o que ela jamais fará na questão da beleza física.

Mês a mês, durante o primeiro ano de seu filho, Agnes viu o desenvolvimento de Barty confirmar a sua crença de que ele possuía uma inteligência extraordinária. No final do segundo mês de vida, a maioria dos bebês sorri em resposta a um sorriso, e é capaz de sorrir espontaneamente no quarto mês. Barty já sorria frequentemente em sua segunda semana. No terceiro mês, muitos bebês riem alto, mas a primeira gargalhada de Barty apareceu em sua sexta semana.

No começo de seu terceiro mês, em vez de no fim de seu quinto, ele estava combinando vogais com consoantes: “Ba-ba-ba, ga-ga-

ga, la-la-la, ca-ca-ca.” No fim de seu quarto mês, em vez de em seu sétimo, ele disse “Mamã” e deixou claro que entendia o significado da palavra. Ele a repetia quando queria a atenção de Agnes.

Foi capaz de brincar de esconder a cara em seu quinto mês, em vez de em seu oitavo, e a ficar em pé segurando-se em algo em seu sexto mês, em vez de no oitavo.

Durante onze meses seu vocabulário se expandiu para dezenove palavras, segundo as contas de Agnes: uma idade em que até uma criança precoce costuma falar três ou quatro no máximo.

Sua primeira palavra depois de “mamã” foi “papá”, que ela ensinou mostrando-lhe fotos de Joey. Sua terceira palavra: “torta”.

Ele chamava Esaú de “E-zu”. Maria tornou-se “Ma-ia”.

A primeira vez que Bartholomew disse “Ba-bó” e estendeu a mão na direção de seu tio, Jacó surpreendeu Agnes ao chorar de felicidade.

Barty começou a engatinhar aos dez meses e a caminhar aos onze.

Aos doze meses sabia fazer suas necessidades sozinho, e sempre que precisava usar seu troninho colorido ele anunciava orgulhoso para todos: — Barty qué cocô! Em 10 de janeiro de 1966, cinco dias antes do primeiro aniversário de Barty, Agnes descobriu-o, em seu cercadinho, divertindo-se com uma brincadeira incomum com os dedos. Ele não estava simplesmente coçando ou puxando aleatoriamente os dedos do pé. Entre o polegar e o indicador, ele puxou com firmeza o dedo médio do pé esquerdo e em seguida puxou os dedos, um a um, até o dedo maior. Sua atenção mudou para o pé esquerdo, onde ele puxou primeiro o dedo maior, antes de seguir sistematicamente até o menor.

Durante esse procedimento, Barty pareceu solene e pensativo. Quando espremeu o décimo dedo, olhou para ele, testa franzida.

Ele segurou um dedo na frente do seu rosto, estudando os dedos. A outra mão.

Puxou todos os dedos na mesma ordem que antes.

E em seguida puxou-os novamente em ordem.

Agnes teve a impressão louca de que Barty estava contando os dedos, quando em sua idade, é claro, ele não poderia ter nenhuma

noção de números.

— O que está fazendo, meu bem? — disse Agnes, agachando-se para olhar para ele entre as barras verticais do cercadinho.

Ele sorriu e levantou um pé.

— Esses são os dedos do seu pé.

— Dedos! — repetiu imediatamente na sua voz doce e aguda.

Esta era uma palavra nova para ele.

Esticando o braço entre as barras do cercadinho, Agnes fez cócegas nos na sola rosada do pé esquerdo de Barty.

— Dedos.

Barty soltou uma risada gostosa e disse: — Dedos.

— Você é um bom menino, Barty esperto. Ele apontou para os pés.

— Dedos, dedos, dedos, dedos, dedos, dedos, dedos, dedos, dedos, dedos.

— Um bom menino, mas um pouco repetitivo. Levantando a mão, ele disse: — Dedos, dedos, dedos, dedos, dedos, dedos, dedos, dedos, dedos, dedos.

— Que foi que eu disse? Cinco dias depois, na manhã do aniversário de Barty, quando Agnes e Esaú estavam na cozinha, cuidando dos preparativos para as visitas que tinham lhe concedido o título afetuosamente de Moça das Tortas, Barty estava em sua cadeira alta, comendo um wafer de baunilha empapado com leite.

Cada vez que um pedaço do biscoito caía, o menino tirava-o da bandeja e o punha cuidadosamente sobre a língua.

Alinhadas sobre a mesa da cozinha estavam tortas de maçãs e uvas verdes. Seus domos crocantes eram reluzentes como moedas de ouro.

Barty apontou para a mesa.

— Torta, torta, torta, torta, torta, torta, torta, torta.

— Não são suas — disse Agnes. — A nossa está na geladeira.

— Torta, torta, torta, torta, torta, torta, torta, torta — repetiu Barty, com o mesmo tom eufórico que usava ao anunciar “Barty qué cocô”.

— Ninguém começa o dia com torta — disse Agnes. — Torta se come depois do jantar.

Apontando o dedo para a mesa a cada repetição da palavra, Barty insistiu alegremente: — Torta, torta, torta, torta, torta, torta, torta, torta.

Esaú dera as costas para a caixa de mantimentos que estivera empacotando. Fitando as tortas, ele disse: — Você não acha... Agnes olhou para o irmão.

— Acha o quê? — Não pode ser — disse Esaú.

— Torta, torta, torta, torta, torta, torta, torta, torta.

Esaú removeu duas tortas da mesa e colocou-as no balcão perto dos fornos. Depois de seguir os movimentos do tio, Barty olhou novamente para a mesa.

— Torta, torta, torta, torta, torta, torta.

Esaú transferiu mais duas tortas da mesa para o balcão.

Apontando quatro vezes para a mesa, Barty disse: — Torta, torta, torta, torta.

Embora suas mãos estivessem tremendo e os joelhos parecessem a ponto de desabar, Agnes levantou duas tortas da mesa.

Balançando o dedo indicador para cada um dos petiscos remanescentes, Barty disse: — Torta, torta.

Agnes colocou de volta na mesa as duas tortas que tinha levantado.

— Torta, torta, torta, torta — disse Barty, sorrindo para ela.

Surpresa, Agnes olhou para o bebê. Não conseguia dizer uma palavra sequer, em parte por orgulho, em parte por assombro e em parte por medo, embora não tivesse compreendido imediatamente por que essa precocidade maravilhosa deveria assustá-la.

— Uma, duas, três, quatro. — Esaú retirou todas as tortas remanescentes. Ele apontou para Barty e em seguida para a mesa vazia.

Barty suspirou como se estivesse desapontado.

— Sem torta.

— Meu Deus — disse Agnes.

— Mais um ano e ele vai levar você de carro no meu lugar — disse Esaú. Seu medo, Agnes compreendeu subitamente, provinha da convicção de seu pai — que em vida ele havia expressado frequentemente — de que uma tentativa em superar os outros em qualquer coisa era um pecado que um dia seria punido. Todas as formas

de diversão eram pecaminosas, segundo a forma de pensar de seu pai, e todas as pessoas que procuravam mesmo os entretenimentos mais simples eram almas perdidas; contudo, os piores pecadores eram aqueles que divertiam os outros, porque eram orgulhosos e ambicionavam tornarem-se falsos deuses, para serem adorados como apenas Deus deveria ser. Os atores, músicos, cantores e escritores estavam condenados ao Inferno por seus próprios atos de criação que, em sua egomania, viam como equivalente à obra do Criador. Lutar para superar a média das pessoas em qualquer coisa era um sinal de corrupção da alma, fosse a intenção ser reconhecido como um carpinteiro, um mecânico ou um cultivador de rosas melhor que os outros. Aos olhos do pai de Agnes, o talento não era um presente de Deus, mas do diabo, e seu propósito era distrair-nos da oração, da penitência, do dever.

É claro que sem a excelência não haveria civilização, progresso, ou alegria; e Agnes sentia-se surpresa em encontrar esse fragmento da filosofia de seu pai ecoando no subconsciente, preocupando-a sem necessidade. Ela até agora tinha achado que estava completamente livre da influência dele.

Se o seu lindo filho ia ser algum tipo de prodígio, ela agradeceria a Deus por seu talento e faria qualquer coisa que pudesse para ajudá-lo a alcançar o seu destino.

Ela se aproximou da mesa da cozinha e correu a mão sobre ela, para enfatizar seu vazio.

Barty seguiu o movimento da mãe de Agnes, levantou os olhos até os dela, hesitou, e então perguntou: — Sem torta? — Exatamente — disse Agnes, sorrindo para ele. Animado com o sorriso da mãe, o menino exclamou: — Sem torta! — Sem torta! — concordou Agnes.

Agnes usou suas mãos para colocar a cabeça do menino entre parênteses e pontuou com beijos o seu lindo rostinho.

Capítulo 55

PARA OS AMERICANOS de descendência chinesa — e San Francisco tinha uma grande população chinesa — 1965 fora o Ano da Cobra. Para Caim Júnior, tinha sido o Ano da Arma, embora não tenha começado dessa forma.

Seu primeiro ano em San Francisco tinha sido rico em eventos para a nação e para o mundo. Winston Churchill, reconhecidamente o maior homem do século até aqui, tinha morrido. Os Estados Unidos lançaram os primeiros ataques aéreos contra o Vietnã do Norte e Lyndon Johnson aumentou o número de soldados para 150 mil nesse conflito. Um cosmonauta soviético tinha sido o primeiro a andar no espaço fora de uma cápsula orbital. Distúrbios raciais abalaram Watts durante cinco dias de fúria. A Lei dos Direitos de Voto de 1965 foi promulgada. Sandy Koufax, lançador dos Dodgers de Los Angeles, fez uma tacada perfeita, na qual nenhum batedor alcançou a primeira base. T. S. Eliot morreu e Júnior comprou um dos livros do poeta através do Clube do Livro. Outras pessoas famosas faleceram: Stan Laurel, Nat King Cole, Le Corbusier, Albert Schweitzer, Somerset Maugham... Indira Ghandi tornou-se a primeira mulher primeira-ministra da Índia, e o sucesso inexplicável e irritante dos Beatles continuou e continuou.

Além de comprar o livro de T. S. Eliot, que ele não encontrara tempo para ler, Júnior estivera apenas marginalmente cômico dos eventos correntes, porque eles eram, afinal de contas, correntes, enquanto tentava concentrar-se no futuro. As notícias do dia eram apenas mera música de fundo para ele, como uma canção no rádio do apartamento de outra pessoa.

Estava morando em Russian Hill, num prédio de fachada de pedra com detalhes vitorianos. Seu apartamento de um banheiro incluía uma cozinha espaçosa com bancada de café e uma sala de estar ampla com janelas com vista para a sinuosa Lombard Street.

A lembrança da decoração espartana da casa de Thomas Vanadium permanecia com Júnior, e ele decorara sua morada tendo o estilo do detetive em mente. Instalara um mínimo de mobília, embora todos os móveis fossem novos, de qualidade superior ao lixo na residência de Vanadium: peças em nogueira envernizada com estofados eram da cor de mel.

As paredes eram vazias. A única arte nas paredes era uma única escultura. Júnior estava fazendo cursos de extensão em história da arte na universidade, e quase diariamente vagava pelas incontáveis galerias da cidade, aprofundando e refinando constantemente o seu conhecimento. Ele pretendia não iniciar uma coleção antes de conhecer tanto sobre arte quanto qualquer diretor de qualquer museu desta cidade.

A única peça que comprara era de um jovem artista da Área da Baía, Baval Poriferan, sobre quem os críticos de arte do país inteiro estavam em acordo: ele estava destinado a uma carreira longa e significativa. A escultura custara nove mil dólares, uma extravagância para um homem tentando viver de renda a partir da fortuna que ganhara à custa de tanto esforço, e que agora estava investida com extrema prudência. Contudo, a presença dessa obra de arte em sua sala de estar imediatamente identificava-o, aos doutos, como uma pessoa de sensibilidade e gostos refinados.

A estátua de 1,80m de altura era de uma mulher nua, feita de metal de ferro-velho, parte dele enferrujado. Os pés eram compostos por engrenagens de tamanhos variados e pontas de batedores de carne quebrados. Pistons, canos e extensões de arame farpado formavam suas pernas. Ela era peituda: latas de sopa amassadas como seios, parafusos como mamilos. Mãos de ancinho cruzadas defensivamente sobre o peito deformado. Num rosto esculpido com garfos torcidos e lâminas de ventilador, órbitas oculares negras e vazias arregalavam-se num sofrimento hediondo, e uma boca aberta acusava o mundo com um grito de horror silencioso.

Ocasionalmente, quando Júnior voltava para casa de um dia de peregrinação por galerias ou uma noite num restaurante, a Mulher industrial — o título do artista — assustava o seu bom humor. Mais de

uma vez ele gritara de alarme antes de perceber que estava apenas vendo o seu caríssimo Poriferan.

Às vezes, ao acordar de um pesadelo, ele pensava ter ouvido passos metálicos. O guinchado de juntas de metal enferrujado. O som metálico de dedos de pontas de ancinho batendo uns contra os outros.

Geralmente ele permanecia imóvel, tenso, escutando, até que uma quantidade suficiente de silêncio o convencesse de que os sons que ouvira tinham sido do sonho, não do mundo real. Se o silêncio não o acalmasse, ele ia até a sala de estar, para certificar-se de que a Mulher industrial estava onde ele a deixara, seu rosto de garfos e lâminas de ventilador contorcidos num grito mudo.

Este, obviamente, é o propósito da arte: perturbar você, deixá-lo incomodado consigo mesmo e com o mundo, para minimizar o seu senso de realidade de modo a fazê-lo reconsiderar tudo que você pensava que sabia. As melhores obras de arte devem abalá-lo emocionalmente, devastá-lo intelectualmente, deixá-lo fisicamente doente, e enchê-lo com ódio pelas tradições culturais que nos cegam e nos prendem e nos afogam num mar de conformismo. Júnior já aprendera tudo isso no seu curso de história da arte.

No começo de maio, ele buscou o aperfeiçoamento pessoal fazendo um curso de francês. A linguagem do amor.

Em junho, ele comprou um revólver.

Não pretendia usá-lo para matar alguém.

De fato, Júnior passaria o resto de 1965 sem recorrer a outro homicídio.

Os disparos não fatais em setembro seriam lamentáveis, sujos, dolorosos...

mas necessários, e calculados para causar o mínimo de dano possível.

Mas primeiro, no começo de julho, parou de estudar francês. Era uma linguagem impossível. Difícil de pronunciar. Construções frasais ridículas.

Além do mais, nenhuma das mulheres bonitas que ele conhecia falava francês ou se importava se ele falava.

Em agosto, desenvolveu um interesse em meditação. Começou com meditação de concentração — a forma conhecida como meditação

“com semente” —, na qual você deve fechar os olhos, focar mentalmente num objeto visualizado e afastar todo o resto de sua mente.

Seu instrutor, Bob Chicane — que o visitava duas vezes por semana durante uma hora — aconselhava-o a imaginar uma fruta perfeita como o objeto de sua meditação. Uma maçã, uma uva, uma laranja... qualquer fruta.

No fim, ele conseguiu uma imagem mental de um pino de boliche como sua “semente”. Um objeto liso, de formato elegante, que o convidava a uma contemplação lânguida, mas não provocava a sua libido.

Na noite de terça-feira, 7 de setembro, depois de meia hora na posição de lótus, pensando em nada mais além de um pino de boliche branco com suas mãos negras em seu pescoço e o número 1 pintado em sua cabeça, Júnior foi para a cama às onze da noite e ajustou o alarme do despertador para as três da manhã, quando pretendia atirar em si mesmo.

Dormiu bem, acordou revigorado e empurrou as cobertas.

Numa mesinha-de-cabeceira aguardava-o um copo de água e uma garrafa de farmácia contendo várias cápsulas de um analgésico potente.

Este analgésico estava entre as várias substâncias que roubara, com o tempo, do armário de remédios no hospital de reabilitação onde trabalhara.

Algumas substâncias ele havia vendido; estas, ele guardara.

Engoliu uma cápsula e a fez descer com água. Devolveu o frasco à mesinha-de-cabeceira.

Sentado na cama, dedicou algum tempo à sua leitura favorita, passagens marcadas do livro *Você é o mundo*, de Zedd. O livro apresentava um argumento brilhante de que o egoísmo era a mais incompreendida, moral, racional e corajosa de todas as motivações humanas.

O analgésico não era baseado em morfina, e não sinalizava a sua presença no organismo induzindo sonolência ou mesmo um leve distúrbio nos sentidos. Contudo, depois de quarenta minutos, teve certeza de que ele seria eficiente, e colocou o livro de lado.

O revólver estava na mesinha-de-cabeceira, completamente carregado.

Descalço, vestido num pijama azul-escuro, caminhou através dos aposentos acendendo as luzes num determinado padrão que ele havia estabelecido depois de muita consideração e planejamento.

Na cozinha, pegou um pano de pratos numa gaveta, carregou-o até a mesinha com tampo de granito na sala e sentou-se diante do telefone.

Antes havia se sentado várias vezes aqui com um lápis, fazendo listas de compras. Agora, em lugar de um lápis, estava com o revólver calibre 22 de fabricação italiana.

Depois de repassar mentalmente o que precisava dizer, depois de ensaiar uma tensão nervosa, discou o número de emergência do departamento de polícia de San Francisco.

Quando a telefonista da polícia atendeu, Júnior gritou: — Levei um tiro! Meu Deus! Levei um tiro! Me ajuda, manda uma ambulância... ai, merda. Depressa! A telefonista tentou acalmá-lo, mas ele permaneceu histérico, entre arfados e gritos de dor fingida, recitou trêmulo seu nome, endereço e número de telefone.

A telefonista instruiu Júnior a permanecer na linha, acontecesse o que acontecesse, e disse-lhe que continuasse conversando com ela, e ele desligou.

Ele deslizou de lado em sua poltrona até a mesinha, e se inclinou para a frente segurando a arma com ambas as mãos.

Dez, vinte, quase trinta segundos depois, o telefone tocou.

No terceiro toque, Júnior arrancou com um tiro o dedão de seu pé esquerdo.

Uau.

O tiro foi mais alto — e a dor inicialmente menor — do que ele esperava. A explosão ecoou para a frente e para trás pelo apartamento de pé-direito alto.

Largou a arma. No sétimo toque, ele pegou o telefone.

Certo de que a pessoa ligando era a telefonista da polícia, Júnior gritou como que em agonia, perguntando-se se os seus gritos soavam genuínos, porque não tivera oportunidade de ensaiar. E então, apesar do analgésico, seus gritos subitamente eram genuínos.

Chorando desesperadamente, deixou o fone cair na mesinha, agarrou o pano de prato. Amarrou o pano com força em torno do coto, aplicando pressão para diminuir o sangramento.

Seu dedo decepado estava caído do outro lado da sala, sobre o assoalho de ladrilhos brancos. Estava com a ponta para o alto, a unha reluzindo, como se o chão fosse de neve o dedo fosse a única extremidade exposta de um corpo enterrado por uma avalanche.

Teve a impressão de que iria desmaiar.

Durante mais de 23 anos ele dera a esse dedão pouca consideração, tomando-o como certo, tratando-o com negligência vergonhosa. Agora este dedo inferior parecia precioso, um pedaço de carne comparativamente pequeno, mas tão importante para a sua imagem de si mesmo quanto o seu nariz ou seus olhos.

A escuridão começou a envolver as fronteiras de sua visão.

Tonto, caiu para a frente da cadeira, e se esparramou no chão.

Tentou manter a toalha em torno do seu pé, mas ela ficou tingida de vermelho vivo e repugnantemente pegajosa.

Ele não podia desmaiar. Ele não ousava desmaiar.

A consequência não era importante. A única coisa que importava era a ação. Esqueça o ônibus cheio de freiras esmagado nos trilhos e fique com o trem desgovernado. Continue em movimento, olhando para a frente, sempre à frente. Esta filosofia funcionara com ele anteriormente, mas esquecer os efeitos era mais difícil quando a consequência era o seu pobre e decepado dedão do pé. O seu pobre e decepado dedão do pé era infinitamente mais difícil de ignorar do que um ônibus cheio de freiras mortas.

Esforçando-se para manter a consciência, Júnior disse a si mesmo que se concentrasse no futuro, que vivesse no futuro, livre do passado inútil e do presente difícil, mas ele não podia avançar no futuro o bastante para chegar a um momento no tempo quando a dor não estaria mais com ele.

Ele pensou ouvir o repicar-tilintar-arrastar da Mulher industrial caminhando. Na sala de estar. Agora no vestibulo. Aproximando-se.

Incapaz de segurar sua respiração ou silenciar seu choro incontrolável, Júnior não conseguia escutar suficientemente claro para

discernir se os sons da escultura eram reais ou imaginários. Ele sabia que tinham de ser imaginários, mas eles pareciam reais.

Arrastou-se freneticamente pelo assoalho até estar de frente para a entrada da cozinha. Através de suas lágrimas de dor, ele esperava ver uma sombra frankensteiniana avultando-se no corredor, e então a criatura em si, seus dentes de garfos rangendo, seus mamilos de parafuso apontando para a frente.

A campainha tocou.

A polícia. Mas como eram imbecis! Tocando a campainha quando sabiam que ele tinha levado um tiro. Tocando a porra da campainha quando ele estava aqui, indefeso, a Mulher industrial vindo em sua direção, o dedo do seu pé caído no outro lado da cozinha. Tocando a campainha quando ele estava perdendo sangue suficiente para oferecer transfusões a uma ala inteira de hemofílicos feridos. Os imbecis provavelmente estavam esperando que ele lhes servisse chá e um prato de biscoitos amanteigados, com florezinhas de papel enfeitando cada pires.

— Arrombem a merda da porta! — gritou.

Júnior deixara a porta da frente fechada, porque se a tivesse deixado destrancada pareceria que ele desejara facilitar a entrada da polícia, o que atrairia desconfiança para a situação inteira.

— Arrombem a merda da porta! Depois que leram um jornal ou fumaram alguns cigarros, os imbecis finalmente arrombaram a porta. O som da madeira sendo partida foi satisfatoriamente dramático.

Aqui estavam eles finalmente, revólveres em punho, cautelosos. Seus uniformes eram diferentes, mas ainda assim lembravam-no os tiras do Oregon, reunidos à sombra da torre de incêndio. Os mesmos rostos: olhares severos e desconfiados.

Se Vanadium aparecesse entre esses homens, Júnior não apenas vomitaria o conteúdo de seu estômago, como também poria para fora os órgãos internos — todos, até o último —, e cuspiria os seus ossos, até seu corpo ser reduzido a um saco de pele.

— Achei que tinha ouvido um ladrão — gemeu Júnior, mas ele sabia que não devia contar sua história inteira imediatamente; fazer isso pareceria o recitar de um roteiro decorado.

Os policiais permitiram a entrada dos enfermeiros, que se espalharam pelo apartamento, e Júnior diminuiu a força com que apertava o pano de pratos.

Dali a um ou dois minutos um dos policiais voltou, acocorando-se perto de onde os enfermeiros trabalhavam.

— Não há intruso nenhum — disse ele.

— Eu achei que tinha um — argumentou Júnior.

— Não há sinal de arrombamento.

Júnior pressionou a palavra através de uma careta de dor: — Acidente.

O policial tinha coletado o revólver calibre 22 passando um lápis pelo gatilho, de modo a prevenir a destruição das digitais.

— É meu — disse Júnior, apontando com a cabeça para o revólver. Um soerguer de sobranceiras pontuou a pergunta: — O senhor atirou em si mesmo? — Achei que tinha ouvido alguma coisa — disse Júnior, esforçando-se por parecer apropriadamente mortificado. — Vasculhem o apartamento.

— O senhor atirou no próprio pé? — Sim — disse Júnior, e se esforçou para não acrescentar seu débil mental.

— Como aconteceu, senhor? — Nervoso — disse ele, e uivou quando um dos enfermeiros revelou-se um sádico mascarado como anjo de misericórdia.

Mais dois policiais uniformizados entraram na cozinha, tendo terminado de vasculhar o apartamento. Eles pareciam achar graça de tudo aquilo.

Júnior sentiu vontade de atirar em todos eles, mas disse: — Tire isso de perto de mim. Fique com essa coisa.

— O seu revólver? — perguntou o oficial acocorado.

— Nunca mais quero ver essa porcaria. Detesto armas. Meu Deus, como dói! — Em seguida, um passeio de ambulância até o hospital, uma corrida até a sala de cirurgia e, durante algum tempo, a bênção da inconsciência.

Os enfermeiros preservaram o dedão cortado com violência num frasco de plástico que encontraram na cozinha de Júnior. Ele jamais usaria de novo esse tipo de frasco para guardar restos de sopa.

O dedão fora decepado com extrema violência, e a equipe cirúrgica, embora altamente gabaritada, foi incapaz de religá-lo ao pé de Júnior. O dano aos tecidos fora grave demais para permitir o reparo delicado de ossos, nervos e veias sanguíneas.

O coto foi capeado na extremidade do osso cuneiforme interno, privando Júnior de tudo desde o metatarso até a ponta do dedão. Ele ficou deliciado com este resultado, porque uma religação bem-sucedida poderia ter sido uma calamidade.

Na manhã de 10 de setembro, uma sexta-feira, pouco mais de 48 horas depois do tiro, ele se sentia bem e de bom humor.

Assinou alegremente um documento policial, abrindo mão da propriedade do revólver que comprara em junho último. A cidade operava um programa para derreter armas doadas e confiscadas para moldá-las em pás, xilofones, ou canos de água.

Em 23 de setembro, quinta-feira, devido ao acidente e à cirurgia de Júnior, a junta de destacamento — que tinha restaurado sua condição de reservista depois que ele perdera a isenção que acompanhava seu trabalho como fisioterapeuta — concordou em marcar um novo exame médico para dezembro.

Considerando a proteção que isso iria lhe proporcionar num mundo cheio de guerras, Júnior considerou a perda do dedão, ainda que trágica, um desfiguramento necessário. Aos seus médicos e enfermeiras, Júnior fez piadas sobre desmembramento e em geral posou de corajoso, atitude pela qual foi muito admirado.

Assim, por mais traumático que tivesse sido, o disparo não foi a pior coisa que aconteceu a Júnior naquele ano.

Enquanto convalescia, Júnior teve tempo de sobra para praticar meditação. Tornou-se tão eficaz em focar num pino de boliche imaginário que conseguia não pensar em mais nada. Um toque de telefone estridente não conseguia penetrar o seu transe. Até mesmo Bob Chicane, o instrutor de Júnior, que conhecia todos os truques, não conseguia fazer sua voz ser ouvida quando Júnior estava uno com o pino.

Além disso, também teve tempo de sobra para procurar Bartholomew.

Em janeiro, quando recebeu o relatório desapontador de Nolly Wulfstan, Júnior consultou várias organizações de adoções de crianças, assim como várias agências estaduais e federais. Ele descobriu que a história de Wulfstan era verdadeira: os registros de adoção estavam selados pela lei para a proteção dos progenitores verdadeiros. Obter esses registros era impossível.

Enquanto aguardava que a inspiração o presenteasse com uma estratégia melhor, Júnior voltou ao catálogo telefônico em busca do Bartholomew certo. Não o catálogo de Spruce Hills e do condado que a cercava, mas de toda San Francisco.

A cidade tinha menos de doze quilômetros num lado, apenas 120 quilômetros quadrados, mas ainda assim Júnior se via diante de uma tarefa ousada. Centenas de milhares de pessoas residiam dentro dos limites da cidade.

Pior, as pessoas que tinham adotado o bebê de Serafina podiam viver em qualquer lugar na área da baía, que consistia de nove condados. Milhões de números telefônicos para examinar.

Lembrando a si próprio que a sorte favorecia os persistentes e que sempre devia olhar o lado bom das coisas, Júnior começou com a cidade em si e com aqueles cujo sobrenome era Bartholomew. Esse era um número manejável.

Fazendo-se passar por conselheiro da Associação das Famílias Católicas, ele telefonou para cada pessoa listada com esse nome, com uma pergunta relacionada à sua adoção recente. As pessoas que se mostravam aturdidas e que afirmavam não ter adotado uma criança, geralmente eram riscadas da lista.

Às vezes, apesar de negarem tudo, certas pessoas deixavam Júnior com a pulga atrás da orelha. Júnior localizava as residências dessas pessoas, via-as com seus próprios olhos e fazia perguntas novas — e sutis — aos seus vizinhos, até sentir certeza de que sua presa estava em outro lugar.

Em meados de março, ele havia exaurido as possibilidades de Bartholomew tratar-se de um sobrenome. Na época em que atirara no próprio pé, em setembro, Júnior já tinha examinado o primeiro quarto de milhão de números de telefone no catálogo, em busca de pessoas cujos primeiros nomes eram Bartholomew.

Era evidente que o filho de Serafina não teria um telefone. Ele era apenas um bebê, perigoso para Júnior de uma forma que ainda não lhe estava clara, mas, não obstante, um bebê.

Contudo, Bartholomew era um nome incomum, e a lógica dizia que se o bebê agora era chamado Bartholomew, herdara esse nome de seu pai adotivo. Portanto, uma busca nos números de telefone poderia ser frutífera.

Embora ainda se sentisse ameaçado, e continuasse a acreditar em seus instintos nesta questão, Júnior não devotava à caça cada uma das horas em que ficava acordado. Afinal de contas, tinha uma vida para desfrutar.

Aperfeiçoamento pessoal para realizar, galerias para explorar, mulheres para conquistar.

Era bem provável que cruzasse com a trilha de Bartholomew quando menos esperasse, não como consequência de sua busca, mas no curso normal de um dia. Se isso acontecesse, ele precisava estar preparado para eliminar a ameaça imediatamente, segundo quaisquer meios que lhe fossem disponíveis.

Portanto, depois do disparo, a caçada a Bartholomew prosseguiu, e também a boa vida.

Depois de um mês de recuperação e cuidados médicos pós-operatórios, Júnior pôde retomar suas aulas bissemanais em história da arte. Também voltou a fazer suas peregrinações diárias pelas melhores galerias e museus de belas-artes da cidade.

De borracha firme mas maleável, formado sob medida para o seu pé desfigurado, uma inserção de sapato enchia o vácuo deixado por seu dedo decepado. Esse recurso simples possibilitou que ele caminhasse de forma praticamente confortável, e em novembro Júnior já não mancava.

Mas quando se apresentou para uma reavaliação de sua classificação de reservista, em 14 de dezembro, quarta-feira, Júnior deixou o preenchimento em seu sapato; ele caminhava como o velho ator Walter Brennan passeando pelo rancho no seriado Os McCoys.

O médico da Seleção de Serviços logo declarou Júnior aleijado e inadequado ao serviço militar. Discreta mas ardorosamente, Júnior rogou por uma chance para provar seu valor às forças armadas, mas o

examinador não se comoveu com tanto patriotismo, estando interessado apenas em escolher homens saudáveis na fila de gado que passava num ritmo regular à sua frente.

Para celebrar, Júnior foi a uma galeria e comprou a segunda obra de arte de sua coleção. Desta vez não uma escultura, mas uma pintura.

Embora não tão jovem quanto Baval Poriferan, o artista era igualmente adorado pelos críticos e considerado amplamente como um gênio. Ele assinava com um nome solitário e misterioso, Sklent, e na foto de divulgação exibida na galeria ele parecia perigoso.

A obra-prima que Júnior comprou era uma tela pequena, de 103 cm², mas seu custo foi de 2.700 dólares. O quadro inteiro — intitulado O câncer espreita invisível, versão 1 — era completamente preto, exceto por uma pequena massa contorcida, verde-bilis e amarelo-pus, no quadrante superior direito. Valia cada centavo gasto.

Júnior sentia-se feliz. Estava se aperfeiçoando a cada dia, a vida ia cada vez melhor — mas então aconteceu algo pior do que o tiro no pé. Uma coisa que arruinou o seu dia, a sua semana, o resto do ano.

Depois de mandar a galeria entregar em casa a aquisição, Júnior parou num restaurante nas proximidades para almoçar. O lugar era especializado na magnífica culinária norte-americana: bolo de carne, galinha frita, macarrão com queijo.

Sentado numa banquetta num canto do balcão, Júnior pediu um cheesebúrguer, salada com molho, batatas fritas e uma Cherry Coke.

Outro dos projetos de aperfeiçoamento pessoal de Júnior, desde que se mudara para a Califórnia, era tornar-se um gourmet e um connoisseur de vinhos. San Francisco era a universidade perfeita para esta educação, porque oferecia incontáveis restaurantes de classe mundial em todas as variedades étnicas concebíveis.

Porém, de vez em quando ele revertia às suas raízes, para a comida que lhe proporcionava conforto. Portanto, o cheesebúrguer e seus companheiros decadentes.

Recebeu tudo que pediu, e mais. Quando levantou o topo do pão para jogar mostarda sobre o conteúdo, descobriu uma reluzente moedinha de 25 cents premida contra o queijo semiderretido.

Girando na banquetta, o topo do pão numa mão e o frasco de mostarda apertado na outra, Júnior perscrutou a lanchonete comprida. Procurando pelo tira maníaco. O tira maníaco morto. Ele quase esperava ver Thomas Vanadium: cabeça empapada em sangue, rosto reduzido a uma polpa, corpo coberto por lodo de pedreira e completamente molhado, como se tivesse saído do seu Studebaker há poucos minutos.

Embora apenas metade das banquettas no balcão estivesse ocupada, e nenhuma delas perto de Júnior, os clientes ocupavam a maior parte das mesas. Alguns estavam de costas para Júnior, e três tinham aproximadamente o tamanho de Vanadium.

Ele correu ao longo da lanchonete, empurrando as garçonetes e checando todas as três possibilidades. Mas, é claro, nenhum daqueles homens era o detetive morto — ou qualquer pessoa que Júnior tivesse visto antes. Ele estava procurando por — o quê? — um fantasma? Mas fantasmas vingativos não paravam num restaurante assombrado para degustar um bolo de carne.

Além do mais, Júnior não acreditava em fantasmas. Acreditava em carne e ossos, pedra e estuco, dinheiro e poder, nele próprio e na natureza.

Não se tratava de um fantasma. Não se tratava de um morto-vivo. Era alguma outra coisa, mas até que ele soubesse o que era, a única pessoa por quem ele podia procurar era Vanadium.

Com cada pessoa na lanchonete agora olhando para ele, com cada cabeça voltada em sua direção, e com cada olho cauteloso a segui-lo, Júnior jogou a tampa do pão e o frasco de mostarda no chão. Passando pela porta de vaivém no fundo do balcão da lanchonete, ele entrou na estreita área de trabalho atrás dela.

Empurrou com o ombro duas garçonetes, passou pelo cozinheiro velho e baixinho que estava fritando ovos, bacon e carnes de hambúrguer na grelha elétrica. Qualquer que fosse a expressão em seu rosto, devia ser intimidadora, porque os empregados deixaram-no passar, sem levantar um protesto sequer.

Júnior perdera o controle no momento em que girara na banquetta.

Segundo a segundo, tempestades gêmeas de raiva e medo giravam mais fortes dentro dele.

Ele sabia que precisava se controlar. Mas não podia manter sua respiração lenta e profunda; não conseguia lembrar de nenhum dos outros métodos à prova de falhas de Zedd para manter o autocontrole, não conseguia recordar uma única técnica de meditação útil.

Quando passou por seu próprio prato no balcão e viu novamente a moeda brilhando no queijo, vociferou um impropério.

E aqui, agora, estava entrando na cozinha através de uma porta com uma escotilha no centro. Através de nuvens de fumaça de cebola frita e do aroma de frango e batata mergulhados em frigideiras enormes.

Funcionários da cozinha. Todos homens. Alguns olharam-no com surpresa; outros nem perceberam que ele havia entrado. Caminhou pelos corredores apertados da cozinha, olhos cheios de água devido à fumaça e ao calor, procurando por Vanadium, por uma resposta.

Júnior não encontrou qualquer resposta antes do dono da lanchonete impedi-lo de sair da cozinha para a despensa e a porta dos fundos.

Simultaneamente suando e sentindo frio, Júnior xingou o homem, e o confronto ficou feio.

A atitude do proprietário suavizou um pouco quando Júnior comentou sobre a moedinha, e suavizou ainda mais quando voltaram juntos ao balcão para ver a prova no queijo. O dono da lanchonete passou de furioso a apologético.

Júnior não queria uma desculpa. A oferta de um almoço grátis — ou de uma semana inteira de almoços grátis — não provocou nele um sorriso sequer.

Ele queria uma explicação, mas ninguém podia dar-lhe a explicação de que precisava, porque ninguém além dele mesmo conhecia o significado e a simbologia da moeda.

Com fome e nenhuma iluminação, ele se retirou da lanchonete.

Enquanto se afastava, percebeu os muitos rostos nas janelas, todos tão estúpidos quanto os de vacas mascando grama. Ele lhes dera alguma coisa para conversar quando voltassem para as suas lojas e escritórios. Ele se reduzira a um objeto de diversão para estranhos. Ingressara momentaneamente no exército de excêntricos na cidade.

Ficou chocado com o seu comportamento.

Durante o caminho de volta para casa: respirando lenta e profundamente, lenta e profundamente, movendo-se não a passos lépidos, mas numa marcha lenta, procurando permitir que a tensão se esvaísse, esforçando-se para se concentrar em coisas boas, como a sua dispensa plena do serviço militar e sua compra da pintura de Sklent.

O humor de San Francisco às vésperas do Natal o deserdera. O brilho e a alegria da época deram lugar a um clima tão sombrio e agourento quanto O câncer espreita invisível, versão 1.

Quando chegou ao seu apartamento, Júnior já conseguia pensar melhor.

Assim, telefonou para Simon Magusson, seu advogado em Spruce Hills.

Usou o telefone da cozinha, no armário de canto. O sangue que estivera ali obviamente fora limpado há muito tempo, e os danos mínimos do ricochete da bala tinham sido reparados.

Estranhamente, como às vezes acontecia neste aposento, Júnior sentiu seu dedo desaparecido coçar. Não havia qualquer motivo para remover o sapato e a meia e coçar o coto, porque isso simplesmente não proporcionaria o menor alívio. Curiosamente, a coceira era no fantasma do dedão, que obviamente jamais podia ser coçado.

Quando finalmente atendeu, o advogado pareceu aborrecido, como se Júnior fosse o equivalente a um dedo problemático que precisava ser estourado com uma bala de revólver.

Tendo lucrado 850 mil dólares com a morte de Naômi, o rábula de cabeça grande, olhos saltados e boca fina podia ao menos oferecer uma pequena informação. Mas mesmo assim ele provavelmente cobraria por seu tempo.

Considerando suas ações naquela última noite em Spruce Hills, onze meses atrás, Júnior precisava ser cauteloso. Sem incriminar-se, fingindo ignorância, estava ansioso por descobrir se o cenário que ele montara meticulosamente — para inocentá-lo da morte de Victória e do desaparecimento repentino de Vanadium — convencera as autoridades, ou se alguma coisa saía errada, algo que pudesse explicar a moeda de 25 cents no seu sanduíche.

— Magusson, você disse uma vez que se o detetive Vanadium me importunasse de novo teria como puxar a sua coleira. Bem, acho

que precisa falar com alguém a respeito disso.

Magusson ficou estarecido.

— Está dizendo que ele entrou em contato com você? — Bem, tem alguém me importunando...

— Vanadium? — Suspeito que ele...

— Você o viu? — inquiriu Magusson.

— Não, mas eu...

— Falou com ele? — Não, não. Mas ultimamente...

— Você sabe o que aconteceu lá em cima, em relação a Vanadium? — Como assim? Acho que não — mentiu Júnior.

— Quando você ligou no começo do ano, para pedir a referência de um investigador particular aí, a mulher tinha acabado de aparecer morta e Vanadium havia desaparecido, mas no começo ninguém ligou os dois.

— Que mulher? — Ou se a polícia sabia da verdade na época, não divulgou isso ao público. Eu não tinha qualquer motivo para comentar isso com você na época. Nem sabia que Vanadium tinha desaparecido.

— Do que está falando? — As provas sugerem que Vanadium matou uma mulher aqui, uma enfermeira do hospital. É provável que tenha sido um crime passional.

Vanadium incendiou a casa com o cadáver dentro, para cobrir o seu rastro.

Mas deve ter deduzido que ainda assim poderia ser incriminado, e deu no pé.

— Deu no pé para onde? — Ninguém sabe. Ninguém viu nada. Até agora.

— Mas não vi o Vanadium — lembrou Júnior ao advogado. — Apenas considere, quando comecei a ser assediado aqui...

— Você deve ligar para a polícia de San Francisco e mandar que coloquem a sua casa sob vigilância. Os policiais prenderão Vanadium se ele aparecer.

Como os policiais acreditavam que Júnior havia acidentalmente atirado no próprio pé enquanto procurava por um ladrão inexistente, ele já devia estar anotado no livrinho deles como um idiota. Se tentasse explicar como Vanadium o atormentara com a moedinha, e como uma

moedinha aparecera dentro do seu cheesebúrguer, eles iriam tomá-lo por um histórico incurável.

Além disso, não queria que os tiras de San Francisco soubessem que ao menos um colega deles tinha suspeitado de que ele assassinara a sua esposa no Oregon. E se um dos policiais daqui ficasse curioso a ponto de requerer uma pasta sobre o caso da morte de Naomi, e se nesse arquivo Vanadium tivesse feito alguma referência ao fato de Júnior ter acordado de um pesadelo gritando com medo o nome Bartholomew! E se no futuro Júnior localizasse o Bartholomew verdadeiro e eliminasse o bastardinho, será que o policial local que lera a pasta do caso relacionaria um Bartholomew ao outro e começaria a fazer perguntas? Ele precisava admitir que esse raciocínio chegava às raias da paranoia. Não obstante, esperava sumir da vista do Departamento de Polícia de San Francisco assim que fosse possível, e viver longe de seu território.

— Você quer que eu ligue para confirmar como Vanadium estava assediando você aqui? — perguntou Magusson.

— Ligar para quem? — Para o agente de plantão da polícia de San Francisco. Para confirmar sua história.

— Não, isso não é necessário — disse Júnior, tentando soar casual. — Considerando o que você me contou, tenho certeza de que quem anda me assediando não pode ser o Vanadium. Se ele está fugindo da polícia, e cheio de problemas, a última coisa que faria era me seguir até aqui para mexer com a minha cabeça.

— Nunca se sabe com esses obsessivos — acautelou Magusson.

— Não, quanto mais penso no assunto, mais tenho a impressão de que foi obra de algum moleque. Crianças brincando comigo, apenas isso. Acho que Vanadium me deixou mais traumatizado do que eu pensava. Quando aconteceu esta coisa, não consegui pensar direito.

— Bem, se mudar de ideia, basta me ligar.

— Obrigado, mas tenho certeza de que foi apenas brincadeira de moleques.

— Não está surpreso? — perguntou Magusson.

— Hein? Surpreso com o quê? — Com Vanadium ter matado a enfermeira e picado a mula. Todo mundo aqui ficou atônito.

— Francamente, sempre achei que ele fosse desequilibrado mental. Eu lhe disse isso, sentado bem aí no seu escritório.

— Você disse, de fato — reconheceu Magusson. — E julguei que ele fosse apenas um cruzado bem-intencionado, um panaca metido a herói.

Parece que você compreendeu ele melhor do que eu, Caim.

A atitude do advogado surpreendeu Júnior. Provavelmente isso era o mais perto que Magusson podia chegar de dizer: Afinal de contas, talvez você não tenha matado a sua mulher, mas como ele era teimoso por natureza, até mesmo um pedido de desculpas disfarçado era mais do que Júnior esperara receber.

— Como vai a vida aí na Cidade da Baía? — perguntou o advogado.

Júnior não cometeu o erro de julgar que o novo tom conciliatório de Magusson significava que eles eram amigos, que segredos podiam ser compartilhados entre os dois. O único amigo verdadeiro desse sapo faminto por dinheiro era aquele que ele via no espelho. Se descobrisse que Júnior estava se divertindo a valer depois da morte de Naômi, Magusson guardaria essa informação até encontrar uma forma de usá-la em benefício próprio.

— Solitária — disse Júnior. — Eu sinto tanta... saudade.

— Dizem que o primeiro ano é o pior. Ficaré mais fácil depois.

— Faz quase um ano e me sinto cada vez pior — mentiu.

Depois de desligar, Júnior olhou para o telefone, profundamente perturbado.

Ele não descobrira muita coisa com o telefonema além do fato de que Vanadium e seu Studebaker não tinham sido encontrados no fundo do Lago da Pedreira.

Desde que descobrira a moedinha no seu cheesebúrguer, Júnior estava convencido de que o tira maluco havia sobrevivido aos golpes com o castiçal. Apesar de seus ferimentos graves, talvez Vanadium tivesse nadado por trinta metros de água lodosa, deixando de se afogar por pouco.

Contudo, depois da conversa com Magusson, Júnior compreendeu que esse medo era irracional. Se o detetive havia escapado milagrosamente das águas frias do lago, teria precisado de um

tratamento médico de emergência. Ele teria cambaleado ou se arrastado pela rodovia em busca de ajuda, sem saber que Júnior o incriminara pelo assassinato de Victória, ferido demais para pensar em qualquer coisa além de atenção médica.

Se Vanadium continuava desaparecido, ele ainda estava morto dentro de seu caixão de oito cilindros.

O que deixava em aberto a questão da moedinha.

No cheesebúrguer.

Alguém a colocara ali.

Se não Vanadium, quem?

Capítulo 56

BARTY ENGATINHOU, Barty caminhou e Barty finalmente carregou uma torta para a sua mãe num dos dias de entrega, ciente de seu equilíbrio e de sua responsabilidade.

Ele se mudou de um berço para uma cama com grades, meses antes da média das crianças. Uma semana depois, requisitou que as grades fossem retiradas.

Durante as oito noites seguintes, Agnes cobriu o assoalho com cobertores dobrados em ambos os lados da cama do menino, uma segurança para o caso dele rolar durante o sono. Na nona noite, ela descobriu que Barty havia colocado os cobertores de volta no armário de onde os tirara. Eles não estavam embolados dentro das prateleiras — a evidência clara do trabalho de uma criança — mas dobrados e empilhados com a mesma competência que a própria Agnes teria aplicado.

O menino não mencionou o que tinha feito, e a mãe deixou de se preocupar com a possibilidade de que ele caísse da cama.

De seu primeiro ao seu terceiro aniversário, Barty tornou inúteis todos os livros sobre cuidados com crianças e desenvolvimento infantil com os quais uma mãe de primeira viagem contava para saber o que, e

quando, esperar de sua cria. Barty crescia, aprendia e se harmonizava com o ambiente segundo o seu próprio relógio.

A diferença do menino era definida não apenas pelo que ele fazia, mas também pelo que ele não fazia. Por exemplo, ele não cumpriu as expectativas dos Terríveis Dois Anos, o período de rebeldia da criança que geralmente esfrangalhava os nervos dos pais mais pacientes. O filho da Moça das Tortas não fazia birra, não queria mandar nos adultos, não fazia peraltices.

Anormalmente saudável, nunca ficava resfriado nem sofria com gripes, sinusites ou a maioria das mazelas às quais as outras crianças eram vulneráveis.

Frequentemente as pessoas diziam a Agnes que ela devia encontrar um agente para Barty, porque ele era maravilhosamente fotogênico. O menino, segundo essas pessoas, conquistaria fácil, fácil, uma carreira como modelo ou ator infantil. Embora seu filho fosse realmente um rapazinho bonito, Agnes sabia que ele não era tão excepcionalmente belo quanto muitos o consideravam. Mais do que sua aparência, o que tornava Barty tão encantador, o que o fazia parecer extraordinariamente bonito, e outras qualidades: uma graça incomum para uma criança; uma facilidade física incrível em todos os movimentos e posturas, dando a impressão de que algum relacionamento pessoal com o tempo proporcionara-lhe vinte anos para se tornar uma criança de três; um temperamento infalivelmente afável e um sorriso rápido que possuía seu rosto inteiro, inclusive os hipnóticos olhos verde-azulados. Talvez a sua característica mais contagiante, a boa saúde, fosse expressada num brilho lustroso de seus fios de cabelos grossos, no luzir de dourado para rosa de sua pele tocada pelo verão, em cada aspecto físico, o que fazia com que em alguns momentos Barty parecesse radiante.

Em julho de 1967, aos dois anos e meio, Barty finalmente contraiu sua primeira gripe, um vírus extemporâneo e particularmente pernicioso. O menino ficou com a garganta inflamada, mas não fazia birra nem mesmo se queixava. Ele engoliu seus remédios sem resistir, e embora descansasse ocasionalmente, manuseava brinquedos e folheava livros ilustrados com o mesmo prazer de sempre.

Na segunda manhã da doença de Barty, Agnes desceu e encontrou-o à mesa da cozinha, em seu pijama, aplicando alegremente tons anti convencionais a uma cena em seu livro de colorir.

Quando o cumprimentou por ser um soldado tão bonzinho, lidando com seu resfriado sem se queixar, Barty deu de ombros. Sem desviar os olhos de seu livro de colorir, ele disse: — Está apenas aqui.

— O que está apenas aqui, querido? — O meu resfriado.

— O seu resfriado está apenas aqui? — Não está em toda parte.

Agnes sempre se deliciava com suas conversas. Barty estava muito adiante da curva de aprendizado linguístico para sua idade, mas ainda era uma criança, e suas observações eram repletas de inocência e charme.

— Você está dizendo que o seu resfriado está apenas no seu nariz mas não nos seus pés? — Não, mamãe. Resfriados não ficam no pé de ninguém.

— Pés.

— Sim — confirmou o menino, aplicando um lápis de cera azul a uma coelhinha sorridente que estava dançando com um esquilo.

— Quer dizer que está com você na cozinha, mas não se você for para a sala? O seu resfriado tem vontade própria? — Isso é muito bobo.

— Foi você quem disse que o seu resfriado está apenas aqui. Talvez ele fique na cozinha, torcendo para conseguir uma fatia de torta.

— Meu resfriado está apenas aqui, não em todos os lugares onde eu existo — expandiu o menino.

— Então... você não está apenas aqui, na cozinha com o seu resfriado? — Não.

— Onde mais você está, mestre Lampion? Brincando no jardim?

— Em algum lugar, sim.

— Na sala, lendo? — Em algum lugar, sim.

— Em todos os lugares ao mesmo tempo, hein? A língua de Barty estalava entre seus dentes enquanto ele se concentrava em manter o lápis de cera azul dentro das linhas do coelho.

— Sim — respondeu Barty, meneando a cabeça.

O telefone tocou, pondo um fim na conversa, mas Agnes lembraria da substância desse diálogo no final do ano, no dia anterior

ao Natal, quando Barty caminhou na chuva e mudou para sempre o entendimento de sua mãe sobre o mundo e sua própria existência.

Ao contrário da maioria das crianças pequenas, Barty sentia-se perfeitamente à vontade com cada mudança. Da mamadeira ao copo, do berço à cama aberta, das comidas favoritas aos alimentos novos, ele sempre sentia-se deliciado com o novo. Embora Agnes costumasse permanecer por perto, Barty gostava de ficar temporariamente sob os cuidados de Maria Gonzalez ou de Esaú e sorria para o seu tio Jacó com a mesma alegria com que sorria para todos.

Ele nunca passou por uma fase durante a qual tenha ficado avesso a abraços ou beijos. Era um menino para quem as demonstrações de afeto vinham fácil, fácil.

As correntes de medo irracional, que trazem turbulências periódicas a virtualmente todas as infâncias, não perturbaram o rio fluente dos primeiros três anos de Barty. Ele nunca sentia medo de adormecer, e depois de dormir aparentava ter apenas sonhos agradáveis.

A escuridão, a única fonte de medo infantil que a maioria dos adultos nunca supera, não causava terror algum em Barty. Embora durante algum tempo Agnes tenha mantido no quarto do menino um abajur noturno do Mickey, não o pusera ali para acalmar Barty, mas sim a ela própria, que temia que o filho andasse sozinho no escuro.

Talvez essa preocupação específica não fosse uma preocupação materna comum. Se existe um sexto sentido em funcionamento dentro de todos nós, talvez, subconscientemente, Agnes estivesse cônica da tragédia que estava por vir: os tumores, a cirurgia, a cegueira.

A semente de suspeita de Agnes, de que Barty fosse um menino- prodígio, germinara na manhã de seu primeiro aniversário, quando sentado em sua cadeira alta ele contara tortas de maçã e uvas verdes. Durante os dois anos seguintes, uma ampla gama de provas de inteligência alta e talentos maravilhosos transformou em convicção as suspeitas de Agnes.

Não foi fácil deduzir precisamente o tipo de prodígio que Barty poderia ser. Ele revelou muitos talentos e não apenas um.

Ao ganhar uma gaita de tamanho infantil, ele improvisou versões simplificadas de canções que ouvia no rádio. "All You Need Is

Love”, dos Beatles; “The Letter”, dos Box Tops; “I Was Made to Love Her”, de Steve Wonder. Depois de ouvir a melodia uma vez, Barty conseguia tocar uma versão reconhecível.

Embora a gaitinha de lata e plástico fosse, mais um brinquedo que um instrumento genuíno, o menino conseguia soprar músicas completas nela.

E até onde Agnes conseguia perceber, ele jamais desafinava.

Um dos presentes de que ele mais gostou no Natal de 1967 foi uma gaita cromada de doze orifícios com 48 palhetas, proporcionando um alcance pleno de três oitavas. Mesmo em suas mãos pequeninas, e com as limitações de sua boca pequena, este instrumento mais sofisticado possibilitava-lhe produzir versões completas de qualquer música da qual gostasse.

Ele também tinha um talento para línguas.

Desde uma idade muito tenra, Barty adorava ouvir sua mãe ler para ele, e não exibia nem um pouco do alcance de atenção curto da maioria das crianças. Ele expressava uma preferência de ficar sentado ao lado da mãe, e pedia que ela corresse um dedo sobre cada linha de texto, para poder ver precisamente a palavra que ela estava falando. Dessa forma, ele ensinou a si próprio a ler no começo do seu terceiro ano.

Ele trocou os livros ilustrados por noveletas para leitores mais avançados, e logo progrediu para livros destinados a adolescentes. As aventuras de Tom Swift e os mistérios de Nancy Drew cativaram-no durante o verão e o começo do outono.

A capacidade de escrever chegou junto com a de ler, e ele começou a usar um caderninho para fazer anotações de pontos de interesse nas histórias das quais gostava. Seu Diário de um leitor, como ele o intitulava, fascinava Agnes, que o lia com sua permissão; essas anotações para si mesmo eram entusiásticas, honestas e encantadoras. Contudo — literalmente mês a mês —, Agnes notava que elas se tornavam menos ingênuas, mais complexas, mais contemplativas.

Tendo sido professora voluntária de inglês para vinte alunos adultos durante os últimos anos, tendo ensinado Maria Elena Gonzalez a falar um inglês impecável sem sotaque evidente, Agnes era pouco necessária como professora para o seu próprio filho. Ainda mais que as

outras crianças, ele perguntava por que com uma regularidade atordoante, por que isto e por que aquilo, mas nunca a mesma pergunta duas vezes; e frequentemente já sabia a resposta e estava apenas confirmando a precisão de sua dedução.

Era um autodidata tão eficaz que ensinava a si próprio melhor do que qualquer junta de professores que poderia ter-lhe sido designada.

Agnes considerou essa surpresa do destino surpreendente, divertida, irônica — e um pouco triste. Ela teria adorado ensinar o menino a ler e escrever, a ver o seu conhecimento e sua competência florescer lentamente sob os seus cuidados. Embora apoiasse completamente que Barty explorasse seus dons, e embora se orgulhasse de suas conquistas notáveis, achava que esse avanço rápido estava lhe furtando um pouco da alegria compartilhada da infância do filho, ainda que em muitos aspectos ele continuasse uma criança.

A julgar por seu grande prazer em aprender, Barty não se sentia furtado de nada. Para ele, o mundo era uma laranja de camadas infinitas, que ele descascava e saboreava com um deleite cada vez maior.

Em novembro de 1967 as histórias de detetive do Padre Brown, escritas por G. K. Chesterton para adultos fãs de mistérios, empolgavam Barty.

Essa série de livros continuaria a ocupar um lugar especial em seu coração pelo restante de sua vida — assim como o romance de ficção científica *O monstro do espaço*, de Robert Heinlein, que figurara entre seus presentes de Natal desse ano.

Ainda assim, apesar de todo o seu amor pela leitura e pela música, os acontecimentos sugeriam que a matemática ainda era a sua maior aptidão.

Antes de aprender sozinho a ler livros, também aprendeu sozinho a ler números, e em seguida a como ver as horas. A significância do tempo exercia sobre ele um impacto muito profundo, que Agnes não conseguia entender; talvez porque a maioria de nós precise esperar até o começo da vida adulta, se não mais, para adquirir uma consciência da natureza finita do universo e da natureza finita da vida humana — e compreender plenamente as implicações deste conhecimento, enquanto

para Barty as vastas glórias do universo e a natureza comparativamente humilde da existência humana foram reconhecidas, contempladas e absorvidas numa questão de semanas.

Durante algum tempo ele gostou de ser desafiado a adivinhar o número de segundos passados a partir de um evento histórico específico.

Recebendo a data, ele fazia os cálculos de cabeça, proporcionando uma resposta correta em até um mínimo de vinte segundos, raramente levando mais de um minuto.

Apenas duas vezes Agnes contestou a resposta.

Na primeira vez ela precisou de lápis, papel e nove minutos para calcular o número de segundos que tinham passado desde um evento ocorrido há anos, seis meses e oito dias. A resposta de Agnes diferiu da dele, mas ao comparar os números ela percebeu que tinha esquecido de considerar os anos bissextos.

Na segunda vez, armada com o fato previamente calculado de que cada ano normal continha três milhões e 153 mil e 600 segundos, e que um ano bissexto continha mais 86.400 segundos, negou a resposta de Barty em apenas quatro minutos. Daí em diante, ela passou a aceitar os números do filho sem verificá-los.

Em sua cabeça, sem esforço aparente, Barty mantinha um cômputo total do número de segundos em que estava vivo, e do número de palavras em cada livro que tinha lido. Agnes jamais checkou o total de palavras para um volume inteiro; contudo, quando citava qualquer página num livro que ele acabara de ler, Barty sabia o número de palavras nela contidos.

As habilidades musicais de Barty provavelmente eram uma variante de seus talentos extraordinários para a matemática. Ele dizia que música eram números, e parecia querer dizer que podia traduzir instantaneamente as notas de qualquer canção num código numérico pessoal, retê-las, e repetir a canção mediante a repetição da sequência decorada do código. Quando lia partituras musicais, ele via arranjos de números.

Ao ler sobre prodígios infantis, Agnes descobriu que a maioria, se não todos, os mágicos da matemática também possuíam talento musical. A um grau menor, mas ainda impressionante, muitos jovens

gênios do mundo da música também tinham se destacado em matemática.

As habilidades de ler e escrever pareciam também relacionadas ao talento para a matemática. Para ele, a linguagem era primeiro fonética, uma espécie de música que simbolizava objetos e ideias, e esta música era em seguida traduzida para sílabas escritas usando o alfabeto — que ele via como um sistema de matemática que empregava 26 dígitos em vez de dez.

Agnes descobriu, a partir de sua pesquisa, que entre os prodígios infantis Barty não era uma maravilha das maravilhas. Alguns gênios matemáticos eram absorvidos pela álgebra e até pela geometria antes de completarem três anos de idade. Jascha Heifetz tornou-se um violinista rematado aos três anos, e aos seis ele tocava os concertos de Mendelssohn e Tchaikovski; Ida Haendel já se apresentava aos cinco anos.

Agnes acabou suspeitando que, apesar de sua aptidão com números e de todo o prazer que o menino extraía da matemática, o maior dom e a paixão mais profunda de Barty residia em outro lugar. Ele estava encontrando seu caminho rumo a um destino a um só tempo mais estarrecedor e estranho do que as vidas de muitos prodígios sobre quem ela havia lido.

O gênio de Bartholomew poderia ser intimidante, até assustador, se ele não fosse tanto uma criança comum quanto era uma criança genial. Da mesma forma, ele seria irritante se fosse impressionado com os seus talentos.

Contudo, apesar de todo o seu brilhantismo, ainda era um menino que adorava correr e pular. Que se divertia com um balanço de pneu-e-corda pendurado no carvalho no jardim. Que ficou empolgadíssimo ao ganhar um velocípede. Que ria de deleite ao ver seu tio Jacó rolar uma moedinha de 25 cents sobre os nós dos dedos e executar outros truques simples com moedas.

E embora não fosse tímido, Barty também não era exibido. Ele não buscava elogios por suas realizações e, de fato, elas eram pouco conhecidas fora do círculo familiar. Sua satisfação provinha inteiramente de aprender, explorar, crescer.

E, à medida que crescia, o menino parecia satisfeito com a sua própria companhia, e a de sua mãe e seus tios. Ainda assim, Agnes estava preocupada com o fato de não haver crianças de sua idade na vizinhança.

Ela achava que ele seria mais feliz se tivesse um ou dois companheiros de folgedos.

— Em algum lugar eu tenho — assegurou-lhe certa noite, enquanto Agnes o punha para dormir.

— É? E onde você os guarda? No fundo do seu armário? — Não, o monstro vive lá — disse Barty, o que era uma piada, porque ele jamais sentira medo à noite de coisas desse — ou de qualquer tipo.

— Puxa vida, eu tenho o meu próprio Red Skeltonzinho! — disse Agnes, despenteando o cabelo do menino.

Barty não via muita televisão. Ele já ficara acordado até tarde o bastante para ver Red Skelton apenas algumas vezes, mas o comediante sempre arrancava gargalhadas dele.

— Em algum lugar, há crianças na casa ao lado — disse ele.

— Na última vez que olhei, a Srta. Galloway vivia ao sul da gente.

Aposentada. Nunca se casou. Sem filhos.

— Sim, mas em algum lugar ela é uma senhora casada e com netos.

— Ela tem duas vidas, hein? — Mais de duas.

— Centenas! — Muito mais.

— A misteriosa Selma Galloway, espiã! — Poderia ser, algumas vezes.

— Professora aposentada de dia, espiã russa à noite.

— Talvez espiã ela não seja em nenhum lugar.

No começo dessa noite, sentada na cama de seu filho, Agnes começara a sentir vagamente que certas dessas conversas com Barty talvez não fossem tão fantasiosas quanto pareciam, que de alguma forma infantil ele estava expressando alguma verdade que ela considerava fantasia.

— E ao norte da gente, Janey Cater partiu para a faculdade no ano passado, e ela é a única filha deles.

— Nem sempre os Carters vivem ali — disse Barty.

— É? Eles alugam a casa deles para piratas com criancinhas piratas, e palhaços com criancinhas palhaças? Barty soltou uma risadinha.

— Você é Red Skelton.

— E você tem uma tremenda imaginação.

— Na verdade, não. Eu te amo, mamãe.

Ele bocejou e mergulhou no sono com aquela rapidez que sempre surpreendia Agnes.

E então tudo mudou num momento atordoante. Mudou profundamente e para sempre.

A véspera de Natal, ao longo da costa da Califórnia. Embora o sol brilhasse na manhã, nuvens ajuntavam-se na tarde, mas nenhuma neve cobriria esses telhados.

Bolos de noz-pecã, tortas de canela fechadas em caixas térmicas, presentes embrulhados com papel brilhante e laços reluzentes: Agnes Lampion fazia entregas para os amigos que estavam em sua lista de necessitados, mas também a amigos que eram abençoados com fartura. A visão de cada rosto amado, cada abraço, beijo e sorriso, cada "Feliz Natal" proferido com alegria, em cada uma das paradas programadas de Agnes, fortificava seu coração para a tarefa triste que a aguardava depois que todos os presentes tivessem sido ofertados.

Barty ia com sua mãe no Chevrolet. Como os bolos, tortas e presentes eram numerosos demais para serem contidos num único veículo, Esaú seguia-os em sua camioneta Ford Country Squire amarela.

Agnes chamava sua parada de dois carros de "caravana de Natal", o que apelava ao senso de mágica e aventura de Barty. Repetidamente ele se virou em seu assento e se ajoelhou sobre o estofado a fim de olhar para trás, para o seu tio Esaú, acenando vigorosamente.

Tantas paradas, tão pouco tempo em cada uma, uma sucessão de árvores de Natal, cada uma decorada segundo um gosto diferente, ofertas de biscoitos amanteigados e chocolate quente ou gemada, conversas matinais em cozinhas mergulhadas em maravilhosos odores culinários e — na tarde mais fria — felicitações trocadas diante de lareiras, presentes aceitos e oferecidos, biscoitos recebidos em troca dos

bolos de noz-pecã, tudo isso ao som de “Silver Bells”, “Hark How the Bells” e “Jingle-Bell Rock” tocando no rádio. Às três da tarde da véspera de Natal suas entregas estavam completadas antes mesmo de Papai Noel ter começado.

Com o Country Squire carregado com biscoitos, bolos de ameixa, pipocas amanteigadas com cobertura de amêndoas e presentes, Esaú estava indo para casa, direto do endereço de Obadiah Sepharad, que tinha sido sua parada final. Ele corria pela estrada como se estivesse fugindo de tornados e ondas sísmicas.

Para Agnes e Barty, restava uma parada, onde parte da alegria do Natal sempre estaria enterrada com o marido de quem ela ainda sentia saudades todos os dias, e o pai que o garoto jamais iria conhecer.

Ciprestes ladeavam o caminho de acesso ao cemitério. Altas e solenes, as árvores mantinham guarda, como se posicionadas ali para impedir que espíritos inquietos vagassem pela terra dos vivos.

Joey repousava não sob a vigília severa dos ciprestes, mas próximo a um pimenteiro californiano. Com seus galhos grandes e frondosos, ele parecia estar meditando ou orando.

O ar estava fresco, mas ainda não frio. Uma brisa suave perfumava o mar além da colina.

Chegaram à sepultura com rosas vermelhas e brancas. Agnes carregava as vermelhas, Barty as brancas.

Na primavera, verão e outono, eles enfeitavam a sepultura com as rosas que Esaú cultivava no jardim lateral. Nesta estação menos favorável a rosas, esses buquês de Natal tinham sido comprados numa floricultura.

Desde o começo de sua adolescência Esaú tinha sido atraído para a jardinagem, extraíndo um prazer especial do cultivo de rosas híbridas. Ele tinha apenas dezesseis anos quando uma de suas rosas ganhara o primeiro lugar num concurso de flores. Quando seu pai descobrira a respeito da competição, ele considerara a busca de Esaú pelo prêmio um sinal grave de orgulho pecaminoso. A punição deixara Esaú de cama por três dias, e quando ele finalmente conseguiu descer, descobriu que o seu pai tinha arrancado todas as roseiras.

Onze anos depois, alguns meses após se casar com Agnes, Joey misteriosamente convidou Esaú para acompanhá-lo a um

“passeiozinho”, e levou seu apalermado cunhado a uma loja de jardinagem. Eles voltaram para casa com sacos de adubo especial, fertilizantes e uma profusão de novas ferramentas. Juntos, limparam o terreno do jardim lateral, reviraram o solo e prepararam a terra para a rica variedade de plantas híbridas iniciais que seriam entregues na semana seguinte.

Este rosário era o único relacionamento de Esaú com a natureza que não lhe inspirava terror. Agnes acreditava que o entusiasmo de Joey pela restauração do jardim tinha sido, em parte, o motivo pelo qual Esaú não se voltara para dentro como Jacó, e porque ele continuava mais apto que seu gêmeo a funcionar para além das paredes de seu apartamento.

As rosas que enchiam os canteirinhos nos cantos da sepultura de Joey não haviam sido cultivadas por Esaú, mas tinham sido compradas por ele.

Ele visitara o florista e selecionara pessoalmente cada rosa do estoque; mas não tivera coragem de acompanhar Agnes e Barty à sepultura.

— O papai gosta de Natal? — perguntou Barty, sentado na grama diante da lápide.

— O seu pai não gostava simplesmente de Natal, ele amava o Natal. Ele começava a planejar o Natal em junho. Se já não houvesse um Papai Noel, o seu pai teria ocupado a sua vaga.

Usando uma flanela que eles tinham trazido para polir a lápide, Barty disse: — Ele é bom com números, como eu? — Bem, ele era um vendedor de seguros, e os números são importantes nessa linha de trabalho. E ele também era um bom investidor. Não era brilhante com números como você, mas tenho certeza de que você herdou um pouco de talento dele.

— Ele lê os mistérios do Padre Brown? Acocorando-se ao lado do menino enquanto ele esfregava o granito, Agnes disse: — Barty, por que você está...? Ele parou de polir a pedra e fitou os olhos da mãe.

— O quê? Embora ela se sentisse ridícula fraseando esta pergunta para qualquer menino de três anos, não existia forma melhor de perguntar ao seu filho especial: — Querido... você sabe que está falando sobre o seu pai usando os verbos no presente? Barty jamais

fora instruído nas regras gramaticais, mas as absorvia como as rosas de Esaú absorviam nutrientes.

— Claro. Estou perguntando se o papai gosta de Natal e coisas assim.

— Porquê? O menino deu com os ombros.

A grama do cemitério tinha sido aparada para o feriado. O aroma de grama recém-cortada tornava-se mais intenso a cada segundo que Agnes passava fitando os radiantes olhos verde-azulados de seu filho, até um ponto em que a fragrância tornou-se maravilhosamente adocicada.

— Meu bem, você entende... é claro que entende... que o seu pai se foi.

— Claro. No dia em que nasci.

— Isso mesmo.

Graças a sua inteligência e personalidade, a presença de Barty era tão poderosa para a sua idade que Agnes tendia a pensar nele como sendo fisicamente maior e mais forte do que realmente era. Enquanto o aroma da grama ficava mais forte, quase inebriante, ela começou a ver seu filho mais nitidamente do que o via há um bom tempo: muito pequeno; órfão de pai, mas corajoso; portador de um dom que era uma bênção mas que poderia impossibilitar uma infância normal; forçado a crescer num ritmo mais acelerado do que qualquer criança deveria ser obrigada. Barty era dolorosamente delicado, tão vulnerável que quando Agnes olhava para ele sentia um pouco daquela sensação horrível de impotência que atormentava Esaú e Jacó.

— Eu queria que seu pai tivesse conhecido você — disse Agnes.

— Em algum lugar, ele conhece.

No começo, ela pensou que Barty quisera dizer que seu pai o observava do céu, e suas palavras tocaram uma ternura em Agnes, sobrepondo um arco de dor sobre a curva de seu sorriso.

Então o menino acrescentou significados novos e intrigantes às suas palavras, acrescentando: — O papai morreu aqui, mas não morreu em todos os lugares onde eu existo. — A frase que Barty proferira lá atrás, em julho, chegou a Agnes: Meu resfriado está apenas aqui, não em todos os lugares onde eu existo.

O pimenteiro estivera sussurrando ao sabor da brisa, as rosas meneando suas cabeças reluzentes. Agora uma calma absoluta dominou o cemitério, como erguendo-se de sob a grama, da cidade dos perdidos.

— Está solitário para mim aqui — disse Barty. — Mas não está solitário para mim em todos os lugares.

De uma conversa antes de dormir em setembro: Em algum lugar, há crianças na casa ao lado.

E em algum lugar Selma Galloway, sua vizinha, não era uma solteirona, mas uma mulher casada e com netos.

Uma fraqueza repentina e estranha, um medo amorfo, fez Agnes cair de sua posição de cócoras, ajoelhando-se ao lado do menino.

— Algumas vezes é triste aqui, mamãe. Mas não é triste em todos os lugares onde você existe. Em muitos lugares, papai está com você e comigo, e nós estamos mais felizes, e tudo está bem.

Aqui estavam novamente aquelas construções gramaticais peculiares, que ocasionalmente ela considerara simples erros que até mesmo um menino-prodígio podia cometer, e que às vezes ela interpretara como expressões de especulações fantasiosas, mas que recentemente ela vinha suspeitando serem de uma natureza mais complexa — e talvez mais sombria. Agora seu medo assumiu uma forma, e ela pensou que os distúrbios de personalidade que tinham moldado as vidas de seus irmãos podiam não ter raízes apenas no abuso que eles tinham sofrido de seu pai, mas também um legado genético que poderia manifestar-se novamente em seu filho. A despeito de seus grandes dons, Barty poderia estar destinado a uma vida limitada por um problema psicológico de natureza única — ou ao menos diferente —, sugerida inicialmente por essas conversas ocasionais que não pareciam completamente coerentes.

— E em muitos lugares as coisas estão piores para nós do que aqui — disse Barty. — Em alguns lugares, você também morreu quando nasci, e então também não conheci você.

Essas declarações soaram tão absurdas aos ouvidos de Agnes que nutriram ainda mais o medo crescente de que Barty sofresse de uma instabilidade mental.

— Por favor, querido... por favor, não...

Agnes quis dizer ao menino que não falasse essas coisas estranhas, não se expressasse dessa maneira, mas não conseguiu. Quando Barty lhe perguntasse por quê, como inevitavelmente faria, Agnes teria de dizer que estava preocupada com a possibilidade de haver alguma coisa terrivelmente errada com ele, mas não poderia revelar esse medo ao filho, jamais. Barty era o alicerce do coração de Agnes, as paredes de sua alma, e se ele fracassasse devido à falta de confiança de sua mãe, ela própria desabaria em ruínas.

Uma chuva chegou sem aviso, poupando Agnes de terminar a frase.

Gotas pesadas chocaram-se contra seus rostos, e enquanto eles se levantavam, o tamborilar suave da chuva foi abafado por trovoadas muito fortes.

— Depressa, querido.

Tendo chegado segurando rosas, eles não haviam se dado ao trabalho de trazer guarda-chuvas. Além disso, embora o céu estivesse carregado há algum tempo, a meteorologia não previra precipitação.

Aqui, a chuva, mas em algum lugar estamos caminhando ao sol. Este pensamento assustou Agnes, perturbou-a, mas ao mesmo tempo, inexplicavelmente, derramou uma medida de conforto morno em seu coração frio.

O carro estava no caminho de acesso ao cemitério, a pelo menos noventa metros da sepultura. Sem vento para perturbar as gotas, a chuva caía reta como contas de colares partidos, e além de seu véu perolado, o carro parecia uma miragem.

Monitorando Barty com o canto dos olhos, Agnes manteve seu caminhar no ritmo lento das pernas curtas do menino, de modo que ela tremia de frio ao chegar ao automóvel.

Enquanto Agnes abria a porta do motorista e se sentava atrás do volante, Barty acomodava-se no banco ao seu lado. Resfolegando, ele puxou a porta com ambas as mãos enquanto ela girava a chave na ignição.

Ela estava ensopada, trêmula. Água escorria de seus cabelos, corria pelo rosto, enquanto ela enxugava os cílios com a mão molhada.

Enquanto as fragrâncias do veludo e do jeans molhados levantavam-se de suas roupas, Agnes ligou o aquecedor e angulou as

ventilações do meio do painel na direção de Barty.

— Querido, vire a outra ventilação para você.

— Estou bem.

— Você vai pegar pneumonia — alertou Agnes, esticando o braço para virar a ventilação no lado do passageiro para ele.

— Você precisa do calor, mamãe. Eu não.

E quando finalmente olhou para ele e piscou os olhos, os cílios espargindo uma nuvem de gotinhas, Agnes viu que Barty estava seco.

Nenhuma gota de chuva reluzia nos cabelos negros e grossos, nas faces lisas de seu rosto. A camisa e o suéter estavam secos como se tivessem acabado de sair do cabide do armário. Algumas gotas escureciam as pernas das calças caqui do menino — mas Agnes compreendeu que elas tinham caído de seu braço ao estendê-lo para ajustar a ventilação.

— Eu corri onde a chuva não estava — disse Barty.

Criada por um pai que considerava blasfema qualquer forma de diversão, Agnes só tinha visto um show de mágica aos dezenove anos, quando Joey Lampion, então seu noivo, levara-a a um espetáculo. Coelhoos tirados de cartolas, pombas conjuradas de nuvens de fumaça súbitas, assistentes serradas ao meio e emendadas para caminhar de novo; cada ilusão que tinha sido velha mesmo nos tempos de Houdini deixara-a de queixo caído naquela noite. Agora ela lembrava um truque no qual o mágico derramara uma garrafa de leite num funil feito com algumas páginas de jornal, fazendo o leite desaparecer quando o funil, ainda seco, foi desenrolado para revelar reles notícias impressas. As emoções que a tinham animado naquela noite mediam um ponto na escala Richter quando comparadas com o assombro de dez pontos completos que a abalavam agora, diante da visão de Barty tão seco quanto se houvesse passado a tarde inteira aquecendo-se diante da lareira.

Embora estivesse com a pele coberta com água de chuva, os pelos finos no pescoço de Agnes se eriçaram. O arrepio em seus braços não tinha nenhuma relação com suas roupas frias, molhadas.

Quando tentou perguntar como, o dom de falar lhe fugiu e ela ficou sentada ali, muda, como uma pessoa que jamais proferira uma palavra sequer em toda a sua vida.

Tentando desesperadamente manter um raciocínio claro, Agnes olhou para o cemitério, cujas árvores contorcidas em prece e monumentos funéreos estavam nublados pela água descendo pelo para-brisa. Cada forma distorcida, cada cor borrada, cada luz filtrada resistia às tentativas de Agnes de relacioná-las com o mundo que conhecia, como se, tremendo à sua frente, estivesse a paisagem de um sonho.

Ela ligou os limpadores de para-brisa. Repetidamente, no arco de vidro limpo, o cemitério foi revelado em detalhes nítidos, e mesmo assim o lugar permanecia menos que completamente familiar a ela. Seu mundo inteiro tinha sido alterado quando Barty caminhara na chuva sem se molhar.

— Isso é apenas uma... piada velha — Agnes ouviu a si mesma dizer, de muito longe. — Não dá para caminhar entre as gotas.

O risinho animado do menino soou como o repicar de sinos de trenó, seu espírito de Natal também completamente seco.

— Não entre as gotas, mamãe. Ninguém pode fazer isso. Eu só corri onde a chuva não estava.

Ela ousou olhar para ele novamente.

Ele ainda era o seu filho. Como sempre, o seu filho.

Bartholomew.

Barty. Seu fofinho. Seu bebezinho.

Mas ele era mais do que ela jamais imaginara que o filho seria, mais do que um mero prodígio.

— Como, Barty? Meu Deus, como? — Você não sente? A cabeça, inclinada para o lado. O olhar, inquisidor. Os olhos, tão belos quanto o seu espírito.

— Sinto o quê? — perguntou Agnes.

— As formas como as coisas são. Você não sente... todas as formas como as coisas são? — Formas? Não sei o que você quer dizer.

— Puxa, você não consegue sentir nem um pouco? Ela sentia o banco do carro debaixo de sua bunda, as roupas molhadas coladas em seu corpo e a umidade no ar. Sentia também um terror do desconhecido, como um grande vácuo sem luz à beira do qual ela flutuava, mas não sentia aquilo sobre o que o menino estava falando, porque a coisa que ele sentia fazia-o sorrir.

Sua voz era a única coisa em seu corpo que estava seca, e ela temeu que uma nuvem de pó saísse de sua boca quando ela disse: — Sentir o quê? Explica pra mim.

Ele era tão jovem e despreocupado com a vida que sua testa não franziu quando olhou intrigado para a mãe.

— Puxa, não tenho as palavras certas — disse ele.

Embora o vocabulário de Barty fosse bem maior que o de um menino comum de três anos, e embora ele estivesse lendo e escrevendo como uma criança no final do curso primário, Agnes podia entender por que as palavras lhe falhavam. Apesar de possuir um vocabulário muito mais amplo, ela tinha ficado muda diante da façanha do menino.

— Querido, você já tinha feito isso antes? Ele balançou a cabeça.

— Nunca soube que podia.

— Você nunca soube que podia... caminhar onde a chuva não estava? — Não. Só precisei agora.

O ar quente saindo do painel não aqueceu os ossos enregelados de Agnes. Empurrando um emaranhado de cabelos molhados para longe de seu rosto, ela percebeu que suas mãos estavam trêmulas.

— Alguma coisa errada? — perguntou Barty.

— Eu estou um pouco... estou um pouco preocupada, Barty. A surpresa levantou as sobrancelhas e a voz do menino: — Por que, mamãe? Porque você pode caminhar na chuva sem se molhar, porque você caminha em ALGUM OUTRO LUGAR, e sabe lá Deus onde esse lugar fica ou se VOCÊ PODE FICAR PRESO LÁ, enalhado de alguma forma, E NUNCA VOLTAR, e se você pode fazer isso, certamente também pode fazer outras coisas impossíveis, e por mais esperto que seja, não conhece os riscos de fazer essas coisas — ninguém conhece —, e também há pessoas que ficariam interessadas em você se soubessem que pode fazer essas coisas, cientistas que iriam examiná-lo e, pior que os cientistas, GENTE PERIGOSA que diria que a segurança nacional vem antes dos direitos de uma mãe sobre o seu filho, gente que poderia roubar você e jamais deixar que eu o visse de novo, o que para mim seria o mesmo que morrer, porque quero que você tenha uma vida normal, feliz, boa, e quero protegê-lo e vê-lo crescer para se tornar o homem bom que sei que será, PORQUE eu TE AMO MAIS DO QUE

QUALQUER COISA, E VOCÊ AINDA NÃO CONHECE A VIDA, E NÃO SABE COMO COISAS HORRÍVEIS PODEM ACONTECER DE REPENTE.

Ela pensou em tudo isso, mas cerrou os olhos e disse: — Vou ficar bem. Me dá um segundinho, tá? — Você não tem nenhum motivo pra ficar assustada — assegurou-lhe Barty. Ela ouviu a porta, e quando abriu os olhos ele já tinha saído do carro, e estava novamente na chuva. Ela o chamou de volta, mas ele continuava andando.

— Mamãe, veja! — Ele se virou em meio ao aguaceiro, braços estendidos para ambos os lados. — Não tenho medo! Respiração presa na garganta, coração martelando, Agnes viu seu filho através da porta aberta do carro.

Girando em círculos, ele curvava a cabeça para trás, apresentando o rosto para o céu chuvoso, rindo.

Agnes agora enxergava o que não vira ao correr junto com Barty pelo cemitério, porque não estivera olhando diretamente para ele. Ainda assim, mesmo vendo com os seus próprios olhos, ela sentia dificuldade em acreditar.

Barty estava na chuva, cercado pela chuva, golpeado pela chuva, com a chuva. Grama empapada em água chiava debaixo de seus tênis. As gotas, em seus milhões, não mudavam de rota magicamente, contornando as formas de Barty, não sobrevoavam a um milímetro acima de sua pele.

Ainda assim, ele permanecia tão seco quanto Moisés quando bebê, flutuando no rio na cesta de juncos feita por sua mãe.

Na noite do nascimento de Barty, quando Joey jazia morto no Pontiac atingido pela picape, enquanto um paramédico empurrava a maca de Agnes para a porta traseira da ambulância, ela tinha visto o seu marido parado ali, intocado pela chuva, exatamente como seu filho agora estava intocado por esta. Mas Joey-seco-na-chuva tinha sido um fantasma ou uma ilusão gerada pelo choque e pela perda de sangue.

A luz tênue do fim da tarde, nesta véspera de Natal, Barty não era um fantasma, não era uma ilusão.

Movendo-se em torno da frente do carro, acenando, divertindo-se com o espanto de Agnes, Barty gritou: — Não tenho medo! Assustada, mas ao mesmo tempo maravilhada, Agnes pulou para a

frente, forçando os olhos para ver através do movimento dos limpadores de para-brisa.

Passando pelo para-lama dianteiro esquerdo, ele veio em sua direção, saltitando alegremente como se num pula-pula, e ainda acenando para ela.

O menino não estava translúcido, como o fantasma de seu pai estivera naquela noite chuvosa de janeiro, cerca de três anos atrás. A mesma luz afogada em água desta tarde cinzenta, que revelava as lápides e as árvores encharcadas, também revelava Barty, e nenhuma refulgência sobrenatural brilhava através dele, como brilhara através de Joey-morto-e-ascendido.

À janela da porta do motorista Barty chegou fazendo troça de sua mãe com um repertório de caretas, usando um dedo para empinar o nariz exageradamente, como se estivesse abrindo as narinas para catar melecas.

— Não tenho medo, mãe! Em reação a uma sensação horrível de imponderabilidade, as mãos de Agnes apertaram o volante com tanta força que doeram. Ela se segurou ao volante com todas as suas forças, como se corresse risco real de sair flutuando do carro e subir até a fonte das gotas cadentes de chuva.

Do outro lado da janela Barty não fez nenhuma das coisas que Agnes esperaria de um menino que não pertencesse suficientemente ao dia para compartilhar sua chuva: ele não tremeluzia como uma imagem numa tela de tevê mal sintonizada; ele não se contorcia como uma miragem em meio ao calor do Saara ou num reflexo num espelho embaçado por vapor.

Ele era tão sólido quanto qualquer menino. Ele estava no dia, mas não na chuva. Ele estava se movendo na direção da traseira do carro.

Virando-se em seu banco, esticando o pescoço, Agnes tentou manter o menino em seu campo de visão.

Ela o perdeu de vista. O medo bateu e bateu na porta de seu coração, porque ela teve certeza de que ele desaparecera da forma como os navios supostamente desapareciam no Triângulo das Bermudas.

Então o viu aproximando-se pelo lado do passageiro.

A sensação horrível de imponderabilidade tornou-se uma coisa muito melhor, uma impressão de estar boiando, uma leveza de espírito extraordinária. O medo permanecia — medo por Barty, medo do futuro, medo da complexidade estranha da Criação que ela acabara de vislumbrar —, mas agora esse medo estava acompanhado por uma esperança profunda e uma crença em milagres.

Ele chegou à porta aberta, sorrindo. Não era um sorriso do gato de Alice, flutuando sem corpo no ar, dentes sem lábios. Era um sorriso cheio de Barty.

Entrou no carro. Um menino. Pequeno. Frágil. Seco.

Capítulo 57

PARA CAIM JÚNIOR o Ano do Cavalo (1966) e o Ano do Bode (1967) ofereceram-lhe muitas oportunidades para progresso e aperfeiçoamento pessoal. Ainda que na véspera do Natal de 1967 Júnior não fosse capaz de caminhar na chuva sem se molhar, este foi um período de grandes conquistas e muito prazer para ele. Também foi uma época perturbadora.

Enquanto o cavalo e em seguida o bode pastaram durante doze meses cada um, uma bomba atômica acidentalmente caiu de um B-52 e se perdeu no oceano, nas proximidades da Espanha, durante dois meses antes de ser localizada. Mao Tsé-tung lançou sua Revolução Cultural, matando trinta milhões de pessoas para aperfeiçoar a sociedade chinesa. James Meredith, ativista pelos direitos civis, foi ferido por um tiroteio durante uma marcha no Mississippi. Em Chicago, Richard Speck matou oito enfermeiras no dormitório de um albergue, e um mês depois Charles Whitman subiu numa torre na Universidade do Texas, da qual matou a tiros doze pessoas. A artrite forçou Sandy Koufax, principal lançador dos Dodgers, a se aposentar. Os astronautas Grissom, White e Chaffee morreram na Terra, numa explosão que destruiu a sua cápsula Apollo durante uma simulação em escala plena. Entre os famosos que trocaram a fama pela eternidade estiveram Walt Disney, Spencer Tracy, o saxofonista John Coltrane, a escritora Carson McCullers, Vivien Leigh e Jayne Mansfield. Júnior comprou o livro *O coração é um caçador solitário*, de McCullers, e embora não duvidasse de que ela tinha sido uma escritora muito boa, o estilo se revelou estranho demais para o seu gosto. Durante esses dois anos, o mundo foi abalado por terremotos, varrido por furacões e tufões, atormentado por enchentes, secas e políticos, devastado por doenças. E a guerra continuava no Vietnã.

Júnior não estava mais interessado no Vietnã e não se sentiu nem um pouco abalado com essas outras notícias. Esses dois anos foram perturbadores para ele apenas por causa de Thomas Vanadium.

Inquestionavelmente morto, o policial maníaco continuava uma ameaça.

Durante algum tempo, Júnior quase convenceu a si mesmo de que aquela moedinha no seu cheesebúrguer, em dezembro de 1965, tinha sido uma coincidência sem sentido, um acontecimento sem qualquer relação com Vanadium. Sua breve inspeção da cozinha, em busca do perpetrador, dera-lhe todos os motivos para acreditar que os padrões sanitários da lanchonete eram inadequados. Ao lembrar dos homens suados naquele esquadrão da morte culinário, ele tinha certeza de que tivera a sorte de não ter descoberto um roedor morto, partido ao meio sobre o queijo derretido, ou uma meia velha.

Mas em 23 de março de 1966, depois de um encontro infeliz com Frieda Bliss, que colecionava pinturas de Jack Lientery, um importante artista novo, Júnior teve uma experiência que o abalou, acrescentou significância ao episódio na lanchonete, e o fez desejar que ele não tivesse doado seu revólver ao projeto da polícia que derretia armas para fazer ferramentas.

Contudo, durante os três meses que precederam o incidente de março, a vida foi boa.

Do Natal até fevereiro, ele saiu com uma lindíssima analista e investidora de ações chamada Tammy Bean, que era especializada em encontrar valor em companhias que tinham relacionamentos lucrativos com ditadores brutais.

Ela também era uma fanática por gatos, trabalhando com o Kitten Konservatory para salvar felinos abandonados da morte por afogamento no lago da cidade. Ela era a gerente de investimentos da instituição. Num espaço de dez meses, Tammy transformou os vinte mil dólares dos fundos do Konservatory num quarto de milhão. Ela fez isso investindo em ações de uma empresa sul-africana que fazia muito dinheiro vendendo tecnologia de guerra bacteriológica para países como Coréia do Norte, Paquistão, Índia e a República da Tanzânia, cujo principal artigo de exportação era o sisal.

Durante algum tempo, Júnior obteve lucros imensos graças aos conselhos de investimento de Tammy. Além disso, o sexo era fantástico.

Como um agradecimento pelas comissões gordas que ela ganhara — sem falar de todos os orgasmos —, Tammy deu-lhe um Rolex.

Ele não se importava que ela tivesse quatro gatos, nem se importou quando os quatro cresceram para seis, e então para oito.

Lamentavelmente, às duas da manhã de 28 de fevereiro, acordando sozinho na cama de Tammy, Júnior procurou-a e a achou comendo alguma coisa na cozinha.

Preferindo usar os dedos em vez de um garfo, ela estava comendo um alimento para gatos, baseado em carne de cavalo, na própria lata, e engolindo-o com a ajuda de um copo de creme de leite.

Dali em diante, Júnior sentiu nojo de beijar aquela mulher, e seu relacionamento acabou.

Durante esse mesmo período, tendo comprado um passe para a temporada de ópera, Júnior compareceu a uma apresentação de O anel dos Nibelungos, de Wagner.

Empolgado pela música, porém incapaz de entender uma palavra sequer da peça, ele marcou aulas de alemão com um professor particular.

Enquanto isso, tornou-se um meditador magistral. Guiado por Bob Chicane, Júnior progrediu de uma meditação concentradora com semente — a imagem mental de um pino de boliche — para meditação sem semente. Esta forma avançada era muito mais difícil, porque nada era visualizado, e seu único propósito era se concentrar em tornar a mente absolutamente vazia.

Quando realizadas sem supervisão profissional, as meditações sem semente incorriam em risco. Para seu horror, Júnior descobriria alguns dos perigos em setembro.

Mas, primeiro, 23 de março: o encontro infeliz com Frieda Bliss e o que ele descobriu no seu apartamento quando chegou em casa naquela noite.

Tão espetacularmente peituda quanto a ainda não falecida Jayne Mansfield, Frieda jamais usava sutiã. Em 1966. Este estilo livre era raríssimo. Inicialmente, Júnior não compreendeu que a ausência de sutiã era uma declaração da liberação sexual de Frieda; ele pensou que isso significava que ela era uma piranha.

Ele a conhecera num curso de extensão universitária intitulado “Como aumentar a auto-estima através do grito controlado”. Os participantes eram ensinados a identificar emoções reprimidas danosas

e dissipá-las através de imitações vocais autênticas de uma variedade de animais.

Altamente impressionado com o grito de hiena com o qual Frieda expurgara-se de todos os traumas de infância infligidos por uma avó autoritária, Júnior convidou-a a sair com ele.

Ela possuía uma firma de relações públicas especializada em artistas e durante o jantar falou sobre Jack Lientery. Sua série de pinturas atual — bebês emaciados contra fundos de frutas maduras e outros símbolos de plenitude — tinham levado os críticos ao êxtase.

Deliciado em estar saindo com alguém que vivia mergulhada em cultura até o pescoço — especialmente depois de dois meses com Tammy Bean, a connaisseuse de dinheiro —, Júnior ficou surpreso por não ter conseguido traçar Frieda no primeiro encontro. Ele geralmente era irresistível, até para mulheres que não eram piranhas.

Mas no final do segundo encontro Frieda convidou Júnior ao seu apartamento, para ver sua coleção de Lientery e, sem dúvida, passear no carrossel de êxtase de Caim. Ela possuía sete telas do pintor, recebidas como pagamento parcial por seu trabalho como relações públicas.

As pinturas de Lientery atendiam aos critérios de grande arte, sobre os quais Júnior aprendera nos cursos de história da arte. Elas reduziram o seu senso de realidade, deixaram-no tenso, cheio de angústia e ódio contra a condição humana, e o fizeram querer não ter acabado de jantar.

A cada obra-prima que comentava, Frieda ficava menos coerente. Ela tinha bebido alguns coquetéis, a maior parte de uma garrafa de Cabernet Sauvignon, e dois conhaques depois do jantar.

Júnior gostava de mulheres que bebiam muito. Elas geralmente eram amorosas — ou impunham menos resistência aos avanços masculinos.

Quando chegaram à sétima pintura, a combinação de álcool, a gordurosa cozinha francesa e as pinturas de Jack Lientery foi poderosa demais para Frieda. Ela estremeceu, apoiou-se com uma das mãos diante de uma tela, curvou a cabeça e cometeu um ato de péssimas relações públicas.

Júnior pulou bem a tempo para fora do alcance do jorro.

Isto acabou com todas as esperanças de romance e deixou Júnior desapontado. Um homem com menos controle de si próprio talvez tivesse agarrado o vaso de bronze mais próximo — moldado de modo a parecer um cocô de dinossauro — e batido com ele na cabeça da mulher.

Quando Frieda terminou de vomitar e desmaiou, Júnior deixou-a caída no chão e se pôs imediatamente a explorar os aposentos.

Desde que vasculhara a casa de Vanadium, há mais de quatorze meses, Júnior adquirira um gosto por aprender a respeito de outras pessoas passeando por suas casas quando elas se ausentavam. Como não estava disposto a ser preso por arrombamento, essas explorações eram raras, limitando-se apenas às casas de mulheres com quem saía por tempo suficiente para justificar uma troca de chaves. Felizmente, nesta idade dourada de confiança e relacionamentos liberais, bastava uma semana de sexo quente para chegar ao nível da troca de chaves.

O único problema era que Júnior precisava mudar constantemente as suas fechaduras.

Agora, como não pretendia voltar a sair com esta mulher, ele aproveitou a única chance que teria de aprender os detalhes mais íntimos e excêntricos de sua vida. Ele começou pela cozinha, com o conteúdo da geladeira e dos armários, e concluiu a visita no quarto de dormir.

Das curiosidades que Júnior descobriu, a que mais o interessou foi o interesse de Frieda por armas. Havia armas espalhadas por todo o apartamento: revólveres, pistolas, espingardas. Dezesseis ao todo.

A maioria dessas armas de fogo estava carregada e pronta para ser usada, mas cinco permaneciam em suas caixas originais, no fundo do armário do quarto. A julgar pelos recibos em cada uma das cinco armas nas caixas, ela devia ter adquirido todas as armas legalmente.

Júnior não encontrou nada que explicasse sua paranoia — contudo, para sua surpresa, descobriu seis livros de Caesar Zedd na sua pequena biblioteca. Várias páginas estavam com as bordas dobradas; muitas passagens estavam sublinhadas.

Era evidente que ela não tinha aprendido nada com sua leitura. Nenhum estudante sério de Zedd seria tão desprovido de autocontrole quanto Frieda Bliss.

Júnior pegou em uma das caixas de armas, um revólver, semi-automático de 9mm. Provavelmente passariam meses antes que ela desse por falta da arma no fundo de seu armário, e até lá não teria como saber quem a roubara.

Havia um suprimento de munição alinhado na gaveta do fundo da penteadeira, oculto por calcinhas e sutiãs. Júnior apropriou-se de uma caixa de cartuchos de 9mm.

Deixando Frieda inconsciente e fedendo, condição na qual a sua ausência de sutiã não tinha o poder de excitá-lo, Júnior se retirou.

Vinte minutos depois, em casa, ele se serviu de conhaque com gelo.

Bebericando, ficou parado em pé na sala de estar, admirando as suas duas pinturas.

Com uma parte dos lucros obtidos com as dicas de investimento de Tammy Bean, Júnior comprou uma segunda pintura de Sklent. Intitulada No cérebro do bebê reside o parasita do apocalipse, versão 6, era tão belissimamente repulsiva que o gênio do artista não podia mais ser posto em dúvida.

Júnior atravessou o quarto e acabou parado diante da Mulher industrial, em toda sua glória de ferro-velho. Seus seios de lata de sopa lembraram-lhe o busto igualmente generoso de Frieda; infelizmente, a sua boca, aberta num grito silencioso, conjurou a imagem mental do vômito da mesma Frieda.

Sua apreciação da arte foi prejudicada por essas associações, e enquanto Júnior deu as costas para a Mulher industrial, sua atenção foi repentinamente atraída pelas moedinhas. Três moedas de 25 cents jaziam no chão, os pés de engrenagens e dentes de batedores de carne. Elas não haviam estado ali antes.

As mãos metálicas da Mulher industrial ainda estavam cruzadas defensivamente sobre os seios. O artista soldara arruelas hexagonais aos dedos de pontas de ancinho para sugerir os nós das mãos. Equilibrada sobre uma das arruelas estava uma quarta moeda.

Como se ela tivesse treinado enquanto Júnior estava fora de casa.

E como se alguém houvesse estado aqui esta noite para ensinar à Mulher industrial o seu truque com moedas.

O revólver de 9mm e a munição estavam na mesa da ante-sala. Com mãos trêmulas, Júnior abriu as caixas e carregou a arma.

Tentando ignorar o seu dedo fantasma, que coçava furiosamente, ele vasculhou o apartamento. Procedeu com o máximo de cuidado, determinado a não atirar em si mesmo, desta vez de forma realmente acidental.

Vivo ou morto, Vanadium não estava aqui.

Júnior telefonou para um chaveiro 24 horas e pagou a tarifa extra de depois da meia-noite para trocar suas fechaduras duplas.

Na manhã seguinte, cancelou as aulas de alemão. Era uma língua impossível. As palavras eram enormes.

Além disso, ele não podia mais gastar horas e horas aprendendo uma nova língua ou indo à ópera. A sua vida estava cheia demais, deixando-o com tempo insuficiente para a busca por Bartholomew.

Um instinto animal disse a Júnior que a moeda na lanchonete, e agora estas na sala de estar, estavam relacionadas com a sua incapacidade de encontrar Bartholomew, o filho bastardo de Serafina White. Ele não podia explicar logicamente a conexão; mas, como Zedd ensina, o instinto animal é a única verdade pura que podemos conhecer.

Assim, Júnior passou a dedicar um tempo maior por dia aos catálogos telefônicos. Ele tinha obtido catálogos para todos os nove condados que, com a própria cidade, constituíam a Área da Baía.

Alguém chamado Bartholomew adotara o filho de Serafina e batizara-o com o seu próprio nome. Júnior aplicou a paciência aprendida através da meditação à sua tarefa e, instintivamente, logo desenvolveu um mantra motivador que continuamente circulava por sua mente enquanto estudava os catálogos telefônicos: “Encontre o pai, mate o filho.” Em abril, Júnior descobriu três Bartholomews. Investigando esses alvos, preparado para cometer homicídio, ele aprendeu que nenhum tinha um filho chamado Bartholomew ou algum dia adotara uma criança.

Em maio, descobriu mais um Bartholomew. Não o certo.

Não obstante, Júnior mantinha uma ficha sobre cada homem, caso o instinto mais tarde lhe dissesse que um deles, de fato, era o seu inimigo mortal. Poderia ter matado todos eles, apenas para sentir-se

seguro, mas matar uma miríade de Bartholomews, mesmo espalhados por várias jurisdições, cedo ou tarde atrairia muita atenção da polícia.

No terceiro dia de junho, encontrou mais um Bartholomew inútil. E no dia 25, um sábado, aconteceram dois eventos profundamente perturbadores. Ele ligou o rádio da cozinha apenas para descobrir que “Paperback Writer”, mais uma canção dos Beatles, subira para o topo das paradas, e recebeu um telefonema de uma mulher morta.

Tommy James and the Shondells, bons rapazes americanos, tinham uma música bem mais embaixo nas paradas — “Hanky Panky” — que Júnior considerava melhor que a dos Beatles. A incapacidade de seus compatriotas em apoiar talentos domésticos irritava-o profundamente. A nação parecia ávida em entregar sua cultura a estrangeiros.

O telefone tocou às 3:20 da tarde, logo depois que ele tinha desligado o rádio, repugnado. Sentado diante da mesa da cozinha, o catálogo telefônico de Oakland aberto à sua frente, ele quase disse Encontre o pai, mate o filho, ao invés de “Alô”.

— O Bartholomew está? — perguntou uma mulher. Estarrecido, Júnior não encontrou nenhuma resposta.

— Por favor, eu gostaria de falar com o Bartholomew — rogou a mulher, tensa.

A voz da mulher era baixa, quase um mero sussurro, e carregada de ansiedade; mas sob outras circunstâncias, ela teria sido sensual.

— Quem fala? — inquiriu Júnior, embora sua voz tenha sido fina, esganiçada demais para uma indagação.

— Preciso avisar o Bartholomew. Eu preciso.

— Quem fala? Léguas de silêncio inundaram a linha. Ainda assim, ela estava ouvindo.

Ele a sentia do outro lado, embora como se a uma grande profundidade.

Reconhecendo o perigo de dizer a coisa errada, o potencial para se auto-incriminar, Júnior cerrou os dentes e aguardou.

Quando a mulher falou de novo, sua voz soou como se a reinos de distância: — Pode dizer ao Bartholomew...? Ainda mais distante: —

Pode dizer a ele...? — Dizer o quê? — Diga que a Victória ligou para avisar a ele. Clique.

A linha estava muda.

Ele não acreditava em almas penadas. Nem um pouco.

Como fazia muito tempo que ouvira Victória Bressler — e isso acontecera em apenas em duas ocasiões —, e como a mulher do outro lado da linha falara muito baixo, Júnior não podia precisar se as duas vozes eram iguais.

Não, impossível. Ele matara Victória quase um ano e meio antes deste telefonema. Quando a pessoa morre, some para sempre.

Júnior não acreditava em deuses, demônios, Paraíso, Inferno, vida após a morte. Júnior concentrava toda a sua fé em apenas uma coisa: ele próprio.

Ainda assim, durante o verão de 1966, depois do telefonema, Júnior se comportou como um homem assombrado. Uma brisa repentina, ainda que quente, provocava-lhe um arrepio terrível e o fazia andar em círculos, à procura da fonte. No meio da noite, o mais inocente dos sons era motivo para que levantasse da cama e revistasse o apartamento. Ele se assustava com sombras, e se virava para procurar por espectros que imaginara ter visto com o canto do olho.

De vez em quando, enquanto se barbeava ou penteava o cabelo, quando estava olhando no espelho do banheiro ou do corredor, Júnior pensava ver uma presença, sombria e vaporosa, menos substancial que fumaça, parada ou movendo-se às suas costas. Em outros momentos, esta entidade parecia estar dentro do espelho. Ele não conseguia concentrar-se nela, estudá-la, porque no momento em que se apercebia da presença, ela desaparecia.

Meros delírios induzidos pelo estresse, claro.

Cada vez mais, usava a meditação para aliviar a tensão. Tinha-se tornado tão bom em concentração meditativa sem semente — o esvaziamento da mente — que meia hora fazendo isso era tão refrescante quanto uma noite de sono. No fim da tarde de 19 de setembro, segunda-feira, Júnior retornou cauteloso ao seu apartamento. Vinha de mais uma investigação infrutífera a Bartholomew, uma que o levara a atravessar a baía em Corte Madera.

Exaurido por sua busca interminável, deprimido pela falta de sucesso, ele buscava refúgio na meditação.

Em seu quarto, usando nada além de cuecas, sentou-se no chão, sobre um travesseiro de penas de ganso com capa de seda. Com um suspiro, assumiu a posição de lótus: espinha reta, pernas cruzadas, mãos descansando com as palmas para cima.

— Uma hora — anunciou, estabelecendo uma contagem regressiva.

Em sessenta minutos o seu relógio interno o despertaria de um estado meditativo.

Quando fechou os olhos, viu um pino de boliche, uma imagem residual de seus dias “com semente”. Em menos de um minuto foi capaz de fazer o pino desmaterializar-se e encheu sua mente com um imóvel, mudo e calmante nada.

Branco. Nada.

Depois de algum tempo, uma voz rompeu o silêncio perfeito. Bob Chicane. O seu instrutor.

Bob gentilmente encorajou-o a retornar em etapas do estado meditativo profundo, retornar, retornar, retornar..

Isto era uma memória, não uma voz real. Mesmo depois que você se tornava um mestre em meditação, a mente resistia a esse grau de vazio, e tentava sabotá-lo com lembranças auditivas e visuais.

Usando todos os seus poderes de concentração, que eram formidáveis, Júnior tentou silenciar o fantasma de Chicane. A princípio, a voz sumiu pouco a pouco, mas logo ficou alta de novo, e mais insistente.

Em seu vazio branco, Júnior sentiu uma pressão nos olhos e então alucinações visuais, perturbando sua paz interior profunda. Sentiu alguém levantar suas pálpebras, e o rosto preocupado de Bob Chicane — com as feições determinadas de uma raposa, cabelos negros cacheados e bigode felpudo — estava a centímetros do seu.

Ele achou que Chicane não era real.

Logo compreendeu que estava errado, porque quando o instrutor começou a tentar desatá-lo de sua posição de lótus, uma dormência defensiva o abandonou, e ele tomou ciência da dor. Excruciante.

O corpo inteiro tremia, do pescoço às pontas de seus nove dedos dos pés. A pior sensação era nas pernas, que agonizavam uma dor quente.

Chicane não estava só. Sparky Vox, o síndico do prédio, aproximou-se por trás e ficou olhando-o do alto. Já com 72 anos e esperto como um garoto, o jeito de Sparky caminhar lembrava um macaco saltitante.

— Deixei ele entrar porque ele disse que era uma emergência, Sr. Caim — justificou Sparky. — Espero que o senhor não se importe.

Depois de tirar Júnior de sua postura meditativa, Chicane o fez deitar-se de costas e se pôs a massagear suas coxas e panturrilhas com vigor, quase com violência.

— Espasmos musculares realmente ruins — explicou.

Júnior percebeu que uma baba grossa escorria do canto direito de sua boca. Trêmulo, levantou a mão para enxugar o rosto.

Aparentemente, ele estava babando há muito tempo. Embora seu pescoço e sua garganta não estivessem pegajosos, uma crosta de saliva seca reluzia sobre sua pele.

— Cara, quando você não atendeu à campainha, saquei logo o que tinha acontecido — disse Chicane a Júnior.

A seguir disse alguma coisa a Sparky, que se retirou do cômodo.

Júnior não conseguia falar ou mesmo gemer de agonia. Toda a saliva tinha escorrido para a frente e para fora de sua boca aberta, por tanto tempo que sua garganta estava seca e arranhada. Ele tinha a impressão de ter mastigado um petisco de lâminas salgadas que agora estava preso em sua faringe. O som que sua garganta produzia lembrava o de uma miríade de escaravelhos andando por cima uns dos outros.

A massagem rude começava a trazer um pouco de alívio às pernas de Júnior quando Sparky retornou com seis bolsas térmicas cheias de gelo.

— Eram todas as que eles tinham lá na farmácia. Chicane empilhou as bolsas de gelo sobre as coxas de Júnior.

— Espasmos severos causam inflamação. Vinte minutos de gelo alternado com vinte minutos de massagem, até o pior passar.

O pior, na verdade, ainda não tinha chegado.

A esta altura Júnior já sabia que estivera preso num transe meditativo durante pelo menos dezoito horas. Ele assumira a posição de lótus às cinco da tarde de segunda — e Bob Chicane aparecera para sua sessão regular de instrução às onze da manhã de terça.

— Você é melhor em meditação concentradora sem semente do que qualquer pessoa que já conheci. É melhor até que eu. É por causa disso que você, especialmente você, nunca deve realizar uma sessão longa sem supervisão — ralhou Chicane. — No mínimo, no mínimo mesmo, deve usar o seu despertador. Não estou vendo ele aqui.

Sentindo-se culpado, Júnior balançou a cabeça.

— Não, não estou vendo o despertador — repetiu Chicane. — Uma maratona de meditação não gera nenhum benefício. Vinte minutos bastam, cara. Meia hora, no máximo. Você confiou no seu relógio interno, não foi? Envergonhado, Júnior fez que sim com a cabeça.

— E você se programou para uma hora de meditação, não foi? Antes que Júnior pudesse assentir, o pior aconteceu: contrações paralíticas da bexiga.

Até agora ele sentira-se grato por não ter urinado durante um transe tão longo. Agora ele passaria de bom grado por qualquer quantidade de humilhação para não sofrer estas cólicas horríveis.

— Meu Deus! — exclamou Chicane.

Ele e Sparky ajudaram Júnior a caminhar até o banheiro.

A necessidade por alívio era tremenda, inexprimível, e a urgência de urinar irresistível, mas ainda assim ele não conseguia se soltar. Durante mais de dezoito horas o seu processo urinário natural tinha sido bloqueado pela meditação concentradora. Agora o cofre dourado estava fechado, e ele tinha esquecido a combinação. Cada vez que se esforçava para urinar, era devastado por uma cólica nova e mais terrível. Ele tinha a impressão de ter o lago Mead inteiro dentro de sua bexiga inchada, enquanto a represa Boulder tinha sido erguida em sua uretra.

Nunca, em toda a sua vida, Júnior sofrera tanta dor sem matar alguém antes.

Relutante em partir até ter certeza de que o seu discípulo estava fora de perigo físico, emocional e mental, Bob Chicane permaneceu até as três e meia. Ao sair, deu uma má notícia a Júnior: —

Cara, não posso manter você na minha lista de alunos. Sinto muito, mas você é intenso demais. É intenso em tudo. Com o número de mulheres com quem sai, com o tipo de arte de que gosta, com essa coisa que faz com catálogos de telefone, seja lá o que for. Agora é intenso até com meditação.

É intenso demais pro meu gosto. Obsessivo demais. Desculpe. Tenha uma boa vida, cara.

Sozinho, Júnior ficou sentado à mesa da cozinha com um bule de café e um bolo Sara Lee inteiro, sabor chocolate com recheio de baunilha.

Depois que as contrações paralíticas da bexiga tinham passado e Júnior acabara de drenar o lago Mead, Chicane recomendou muita cafeína com açúcar para protegê-lo contra um improvável, mas não impossível, retorno espontâneo ao estado de transe.

— De qualquer maneira, depois de bombear ondas alfa por tanto tempo, como você fez, não vai precisar dormir tão cedo.

Na verdade, embora fraco e dolorido, Júnior sentia-se mentalmente refrescado e maravilhosamente alerta.

Chegara para ele a hora de pensar mais seriamente em sua situação e em seu futuro. O aperfeiçoamento pessoal permanecia um objetivo louvável, mas seus esforços precisavam ser mais concentrados.

Ele tinha a capacidade de ser extraordinário em qualquer coisa à qual se aplicasse. Bob Chicane tivera razão nesse sentido: Júnior era bem mais intenso do que os outros homens, detentor de grandes dons e da energia para usá-los.

Em retrospecto, concluiu que ele não tinha nada a ver com meditação.

Meditar era uma atividade passiva, enquanto por natureza ele era um homem de ação. Ele se sentia mais feliz quando estava agindo.

Júnior buscara refúgio na meditação porque se sentira frustrado por seu fracasso contínuo na caça a Bartholomew e perturbado por suas experiências aparentemente paranormais com moedinhas e telefonemas dos mortos. Perturbado de forma mais profunda do que percebera ou que fora capaz de admitir.

O medo do desconhecido é uma fraqueza, porque presume dimensões além do controle do homem. Zedd ensina que nada está

além de nosso alcance, que a natureza é apenas uma máquina de moer sem mente própria e sem mais mistérios do que encontramos no suco de maçã.

Outro motivo para o medo do desconhecido ser uma fraqueza é que ele nos torna humildes. A humildade, declara Caesar Zedd, é estritamente para fracassados. Para ascendermos social e financeiramente, devemos fingir humildade — esfregar os pés no tapete antes de entrarmos na casa de alguém, manter a cabeça baixa e fazer comentários autodepreciativos —, porque o fingimento é a moeda corrente da civilização. Mas se chafurdarmos na humildade legítima, não seremos diferentes da massa da humanidade, que Zedd chama de “uma corja sentimental, apaixonada pelo fracasso e pela perspectiva de sua própria ruína”.

Engolindo bolo de chocolate e café para se resguardar contra uma queda espontânea na catatonia meditativa, corajosamente admitiu que tinha sido fraco, que reagira ao desconhecido com medo e fuga ao invés de com confrontação ousada. Como cada um de nós não pode acreditar em mais ninguém no mundo além de si próprio, enganar a si mesmo é uma atividade perigosa. Júnior amava tanto a si mesmo que podia ser franco na admissão de suas fraquezas.

Assustado com os eventos recentes, jurou parar de meditar. Jurou também evitar todas as reações passivas aos desafios da vida. Ele precisava explorar o desconhecido em lugar de fugir dele. Além disso, depois de suas explorações, ele provaria que o desconhecido era tão assustador quanto tapioca, suco de maçã, ou qualquer coisa assim.

Ele precisava começar aprendendo o máximo possível sobre fantasmas, assombrações e vingança dos mortos.

Durante o restante de 1966, apenas dois eventos aparentemente sobrenaturais aconteceram na vida de Caim Júnior, o primeiro em 5 de outubro, quarta-feira.

Durante um passeio cultural, checando as obras mais recentes num circuito por suas galerias de arte favoritas, Júnior acabou chegando às vitrines da Galeria Coquin. Exibida proeminentemente aos transeuntes dessa rua movimentada estava a escultura de Wroth Griskin, duas peças grandes, cada uma pesando pelo menos duzentos

quilos, e sete esculturas de bronze bem menores, elevadas em pedestais.

Griskin, um ex-presidiário, cumprira onze anos por assassinato em segundo grau antes que os esforços conjuntos de uma coalizão de artistas e escritores lhe conseguisse uma condicional. Ele possuía um talento imenso.

Ninguém antes de Griskin conseguira expressar este nível de violência e fúria na mídia do bronze, e Júnior há muito tinha a obra do artista em sua pequena lista de compras.

Nas vitrines da galeria, oito de nove esculturas eram tão perturbadoras que muitos transeuntes, ao vê-las, desviavam o olhar e apertavam o passo.

Não é todo mundo que pode ser um apreciador da boa arte.

A nona peça não era arte, decerto não era uma obra de Griskin, e não perturbaria a ninguém tanto quanto a Júnior. Sobre um pedestal negro estava um castiçal de estanho idêntico àquele que rachara o crânio de Thomas Vanadium e acrescentara dimensão ao seu rosto previamente plano.

O castiçal parecia mosqueado com uma substância escura. Talvez cinzas.

Como se tivesse sido jogado numa lareira.

No topo do castiçal, o suporte da vela estava marcado por um chuveiro cor de vinho. A cor de manchas de sangue envelhecidas.

Havia várias fibras presas nesses respingos funestos; elas tinham se grudado ao estanho quando o líquido que formara as manchas ainda estivera fresco. Pareciam cabelos humanos.

O medo congelou as veias de Júnior. Ele ficou parado ali, em meio ao fluxo contínuo de pedestres, como se paralisado por uma embolia, e certo de que a qualquer momento sucumbiria a um ataque cardíaco.

Fechou os olhos. Contou até dez. Abriu os olhos.

O castiçal permanecia no topo do pedestal.

Lembrando-se de que a natureza era meramente uma máquina estúpida, absolutamente desprovida de mistérios, e que o desconhecido sempre se revelaria familiar se você ousasse erguer o seu véu, Júnior descobriu que conseguia se mexer. Cada um de seus pés parecia pesar

tanto quanto uma das esculturas de Griskin, mas ele cruzou a calçada e entrou na Galeria Coquin.

Não havia clientes nem funcionários na primeira das três salas amplas.

Apenas as galerias mais baratas viviam cheias de curiosos e vendedores insistentes. Num estabelecimento tão fino quanto a Coquin, o zé-povinho não tinha coragem de entrar e ficar babando as obras, enquanto o valor elevado das artes era evidenciado pela aversão quase patológica que o quadro de funcionários nutria pela promoção das mercadorias.

A segunda e a terceira salas também revelaram-se desertas, e tão silenciosas quanto uma funerária, mas havia um escritório enfurnado discretamente nos fundos da última câmara. Quando Júnior atravessou a terceira sala, aparentemente monitorado por câmeras de segurança de circuito fechado, um homem saiu do escritório para saudá-lo.

O marchand era alto, com cabelos prateados, feições cinzeladas e os modos enigmáticos de um ginecologista da realeza. Vestia um terno cinza feito sob medida e seu Rolex de ouro era exatamente o tipo de relógio pelo qual Griskin teria matado nos dias de sua juventude.

— Estou interessado num dos Griskins menores — disse Júnior conseguindo aparentar calma, embora estivesse com a boca ressequida pelo medo e a mente entupida com imagens delirantes do policial maníaco, morto e decomposto, capengando ao redor de San Francisco.

— Sim? — replicou a eminência de cabelos prateados, torcendo o nariz como se suspeitasse de que este cliente iria perguntar se o pedestal de exibição estava incluído no preço.

— Em geral sou cativado mais por pinturas do que por obras dimensionais — explicou Júnior. — De fato, a única escultura que adquiri até hoje foi uma de Poriferan.

A Mulher industrial, que ele adquirira por um pouco mais de nove mil dólares, há menos de dezoito meses e em outra galeria, seria avaliada em pelo menos trinta mil no mercado corrente, tão rápido subira a reputação de Baval Poriferan.

Diante desta prova de gosto e recursos financeiros, o comportamento gélido do marchand derreteu levemente. Ele sorriu ou

torceu o nariz para um odor vago mas desagradável — difícil dizer qual das duas coisas —, e se identificou como o proprietário, Maxim Coquin.

— A peça que me intrigou foi aquela que parece um... um... castiçal — revelou Júnior. — É muito diferente das outras.

Exprimindo surpresa, o marchand caminhou na frente pelos três salões até a vitrine frontal, deslizando sobre o assoalho de bordo polido como se estivesse equilibrado sobre rodas.

O castiçal tinha sumido. O pedestal no qual ele estivera agora ostentava uma escultura de bronze tão devastadoramente genial que um único olhar provocaria pesadelos tanto em freiras quanto em assassinos.

Quando Júnior tentou se explicar, Maxim Coquin conjurou uma expressão não menos desconfiada do que a de um policial ouvindo o alibi de um suspeito com mãos ensanguentadas. Então: — Tenho certeza de que Wroth Griskin não faz castiçais. Se é isso que o senhor está procurando, recomendo o departamento de utensílios domésticos da Gump.

A um só tempo furioso e pasmo, e ainda por cima aterrorizado, uma colagem multimídia ambulante de emoções, Júnior retirou-se da galeria.

Lá fora, virou-se para olhar a vitrine. Esperou ver o castiçal, sobrenaturalmente etéreo apenas deste lado do vidro, mas ele não estava lá.

Durante o outono, Júnior leu livros e mais livros sobre fantasmas, poltergeists, casas mal-assombradas, navios-fantasmas, sessões espíritas, possessões, manifestações espirituais, exorcismos, viagens astrais, revelações de tabuleiros Ouija e bordados em tela.

Júnior acreditava que toda pessoa que aperfeiçoava a si própria devia se destacar numa habilidade, e o bordado em tela parecia-lhe mais interessante que cerâmica ou colagem. Para cerâmica, ele precisaria de uma roda de olaria e um forno; e colagem fazia muita sujeira, por causa daquela cola toda. Em dezembro, começou o seu primeiro projeto: uma pequena capa de travesseiro onde uma moldura geométrica cercava uma citação de Caesar Zedd: “A humildade é para os fracassados.” Às 3:22 da manhã de 13 de dezembro, depois de um dia atarefado de pesquisa sobre assombrações, busca por Bartholomews

num catálogo telefônico e trabalho com seus bordados, Júnior acordou ao som de uma canção. Uma única voz. Nenhum acompanhamento musical. Uma mulher.

Inicialmente, aconchegado por suntuosos lençóis de algodão franjados com seda negra, Júnior considerara encontrar-se numa condição intermediária entre os estados de sono e vigília e que o canto era um fragmento residual de um sonho. Embora subindo e descendo, a voz permanecia tão suave que ele não identificou imediatamente a melodia, mas quando reconheceu “Someone to Watch Over Me”, sentou-se na cama e empurrou as cobertas.

Ligando as luzes no percurso, procurou pela fonte da serenata.

Carregava a pistola de 9mm, que seria inútil contra um espírito visitante; mas toda a sua leitura sobre fantasmas não o convencera de que eles eram reais. Sua fé na eficácia de balas — e de castiçais de estanho, a propósito — permanecia inabalável.

Embora baixa e pouco ressonante, a voz da mulher era pura, tornando esta versão em capela da canção tão agradável quanto qualquer voz adocicada por uma orquestra. Ainda assim, a canção tinha uma qualidade perturbadora, um tom sinistro de desejo, ansiedade, tristeza cortante. Por falta de palavra melhor, sua voz era assombrosa.

Júnior procurou a voz, mas ela escapou dele. A canção sempre parecia provir do cômodo ao lado, mas quando ele passava pela porta para esse espaço, tinha a impressão de que a voz acabara de sair dali.

Por três vezes, a canção se calou, mas por duas vezes, exatamente quando Júnior acreditou que ela tinha acabado, a voz voltou a soar. Na terceira vez o silêncio perdurou.

Este prédio antiquíssimo, construído com a solidez de um castelo, contava com um bom isolamento acústico; os ruídos dos outros apartamentos raramente penetravam o de Júnior. Nunca antes ele ouvira a voz de um vizinho de forma suficientemente clara para compreender as palavras proferidas... ou, neste caso, cantadas.

Ele duvidava que a cantora fosse Victória Bressler, enfermeira morta, mas acreditava que era a mesma voz que ouvira no telefone, em 25 de junho, quando alguém alegando ser Victória telefonara com um aviso urgente para Bartholomew.

Às 3:31 da manhã, quando nem mesmo o alvorecer prematuro do inverno estava próximo, Júnior voltou para a cama. Embora suave, embora melancólica, jamais ameaçadora, a canção espectral deixara Júnior sentindo-se... ameaçado.

Considerou tomar um banho de chuveiro e começar o dia mais cedo.

Mas não conseguia parar de lembrar aquela cena de Psicose, quando Anthony Perkins, travestido de mulher, retalhava sua vítima com uma faca de açougueiro.

O bordado não lhe proporcionou refúgio algum. As mãos de Júnior tremiam tanto que bordar era impossível.

Seu humor desaconselhava ler sobre poltergeists e coisas do tipo. Em vez disso, sentou-se à mesa da cozinha com os seus catálogos telefônicos e voltou à sua busca implacável por Bartholomew. Encontre o pai, mate o filho.

No espaço de apenas nove dias, Júnior foi para a cama com quatro mulheres bonitas: uma na véspera de Natal, a seguinte na noite de Natal, a terceira na véspera do Ano-novo e a quarta no primeiro dia do ano. Pela primeira vez em sua vida — e em todas as quatro ocasiões — seu prazer com o ato sexual foi menos que completo.

Não que tivesse tido um desempenho ruim. Como sempre, ele foi um touro, um garanhão, um sátiro insaciável. Nenhuma de suas amantes queixara-se; nenhuma delas tivera a energia para queixar-se depois que ele havia terminado com elas.

Ainda assim, faltava alguma coisa.

Ele se sentia oco. Incompleto.

Por mais bonitas que elas fossem, nenhuma dessas mulheres o satisfizera tanto quanto Naômi.

Ele se perguntou se a Coisa Que Faltava era o amor.

Com Naômi, o sexo tinha sido glorioso, porque eles eram ligados de diversas formas, todas mais profundas que a física. Tinham sido tão íntimos, tão emocionais e intelectualmente entrelaçados, que ao fazer amor com ela fazia amor consigo mesmo; e Júnior jamais experimentaria uma intimidade maior do que isso.

Ele desejava ardentemente encontrar uma nova alma gêmea. Ele era esperto o bastante para saber que nem com todo o desejo do

mundo conseguiria transformar a mulher errada na mulher certa. O amor não podia ser encomendado, planejado ou fabricado. O amor sempre chegava como uma surpresa, avançando quando você menos esperava por ele, como Anthony Perkins num vestido.

Ele apenas podia esperar. E manter a esperança.

Foi mais fácil sustentar a esperança quando o final de 1966 e o ano de trouxeram o maior avanço na moda feminina desde a invenção da agulha de costura: o minivestido, e em seguida a minissaia. Mary Quant — adivinhe só, uma designer britânica — conquistara a Inglaterra e a Europa com sua criação esplêndida; e agora ela tirava os Estados Unidos da idade das trevas do recato psicopatológico.

Por toda parte de San Francisco, panturrilhas, joelhos e coxas bem torneadas estavam à mostra. Isso acendeu o romantismo em Júnior, e mais do que nunca ele desejou desesperadamente a mulher perfeita, a amante ideal, a metade que faltava em seu coração incompleto.

Ainda assim, o relacionamento mais duradouro que tivera o ano inteiro fora com a cantora fantasma.

Na tarde de 18 de fevereiro, Júnior chegou em casa, vindo de uma aula de canalização, e ouviu o canto ao abrir a porta da frente. Aquela mesma voz. E a mesma canção odiosa. Como antes, a voz distante aumentava e abaixava repetidamente.

Pôs-se imediatamente a procurar pela fonte, mas em menos de um minuto, antes de conseguir seguir o rastro da voz, ela sumiu. E ao contrário daquela noite de dezembro, desta vez o canto não recomeçou.

O que mais perturbou Júnior foi o fato do recital misterioso ter acontecido enquanto ele não estava em casa. Sentiu-se violado. Invadido.

Ninguém estivera realmente ali. E ele ainda não acreditava em fantasmas, de modo que não pensava que um espírito estivera vagando por sua casa durante sua ausência.

Apesar disso, sua sensação de violação cresceu à medida que, intrigado e frustrado, ele caminhou pelos cômodos agora silenciosos.

Em 19 de abril, a sonda não-tripulada Surveyor 3, depois de pousar na superfície lunar, começou a transmitir fotos para a Terra, e quando saiu de sua ducha matinal, Júnior começou a ouvir novamente o

canto sobrenatural, que agora parecia provir de um lugar mais distante, mais alienígena, que a lua.

Nu, gotejando no chão, correu pelo apartamento. Como na noite de 13 de dezembro, a voz parecia vir do nada: estava à frente dele, em seguida atrás dele, à sua direita, mas agora à sua esquerda.

Contudo, desta vez o canto durou mais do que antes, tempo suficiente para que ele começasse a desconfiar das tubulações do aquecimento. Estes cômodos tinham um pé-direito de três metros, e as tubulações terminavam em respiradouros altos nas paredes.

Usando uma escadinha dobrável, Júnior conseguiu chegar perto o bastante de um dos respiradouros na sala de estar para determinar se ele podia ser a fonte da canção. Nesse exato momento a cantoria parou.

No final do mês, Júnior descobriu, através de Sparky Vox, que cada apartamento do prédio era servido por um sistema isolado de aquecimento de quatro tubos, assessorado por ventiladores. Como nenhum dos apartamentos compartilhava tubulações, não era possível que vozes fossem transmitidas de uma residência para outra.

Durante a primavera, o verão e o outono de 1967, Júnior conheceu novas mulheres, fez amor com algumas, e não teve qualquer dúvida que cada uma de suas conquistas experimentou com ele algo completamente novo.

Mesmo assim, ele ainda sofria com um coração oco.

Júnior não tentou manter um relacionamento com nenhuma dessas damas adoráveis depois de alguns encontros. Da mesma forma, nenhuma tentou manter um relacionamento com Júnior depois que ele tinha acabado com elas, embora certamente tenham ficado tristes, se não arrasadas, por perdê-lo.

A cantora espectral não demonstrava a relutância de suas irmãs de carne e osso em perseguir o seu homem. Numa manhã de julho, Júnior estava visitando a biblioteca pública, folheando os arquivos em busca de livros de ocultismo, quando a voz fantasma surgiu perto dele. Aqui, o canto estava mais baixo que em seu apartamento, pouco mais que um murmúrio, e também oscilante.

Duas funcionárias estavam na mesa da frente, onde ele as vira pela última vez, longe demais para escutarem a melodia. Júnior chegara antes do horário de funcionamento e aguardara que as portas da

biblioteca fossem abertas, e até agora não encontrara outros frequentadores.

Ele não conseguia ver o corredor ao lado através das brechas entre os livros: as estantes tinham fundos sólidos.

Os tomos compunham paredes labirínticas, uma trama de palavras.

Ele começou caminhando de corredor para corredor, mas logo pôs-se a mover-se depressa, convencido de que a cantora seria encontrada depois da esquina seguinte, e então da seguinte. Será que ele vislumbrara a sombra da mulher, deslizando pelo canto às suas costas? Será que estava sentindo seu aroma de mulher pairando no ar depois de sua passagem? Júnior avançou pelas novas avenidas do labirinto, mas então recuou novamente, refazendo o próprio circuito, coleando pelos corredores, indo de ocultismo para literatura moderna, de história para ciência popular, e aqui mais uma vez no ocultismo, sempre vislumbrando a sombra tão rápida e periféricamente que talvez ela fosse mera obra de sua imaginação, um perfume de mulher sendo detectado e em seguida perdido novamente em meio aos perfumes de papel velho e cola de brochura. Júnior coleou, ziguezagueou, serpenteou entre as estantes até parar de supetão, arfando forte, sua marcha interrompida pelo entendimento de que já há algum tempo não escutava a voz.

No outono de 1967, Júnior correu os olhos por milhares de listas telefônicas, e ocasionalmente localizou um raro Bartholomew. Em San Rafael ou em Marin-wood. Em Greenbrae ou em San Anselmo. Localizou-os, investigou-os e isentou-os de qualquer conexão com o bebê bastardo de Serafina White.

Entre novas mulheres e bordados para almofadas, Júnior participou de sessões espíritas, compareceu a palestras oferecidas por caçadores de fantasmas, visitou casas mal-assombradas e leu mais livros estranhos. Ele até se sentou diante da câmera de uma famosa médium cujas fotografias às vezes revelavam as auras de presenças benignas ou malignas pairando próximas ao indivíduo, embora no caso de Júnior ela não tivesse conseguido discernir nenhum sinal de espírito.

Em 15 de outubro, Júnior adquiriu uma terceira pintura de Sklent: O coração é lar de minhocas e besouros, sempre escavando,

sempre voando, versão 3.

Para celebrar, ao sair da galeria, ele foi ao café do Fairmont Hotel, no topo de Nob Hill, determinado a tomar uma cerveja e comer um cheesebúrguer.

Embora comesse em restaurantes a maior parte do tempo, ele não pedia um hambúrguer há 22 meses, desde que encontrara a moedinha enterrada na fatia semiderretida de queijo cheddar, em dezembro de 1965. De fato, desde aquela época, ele jamais arriscara comer qualquer tipo de sanduíche em lanchonetes, limitando sua seleção a alimentos servidos em pratos abertos.

No café do Fairmont, Júnior pediu batatas fritas, um cheesebúrguer e salada com molho. Ele pediu que o alimento fosse servido frito, mas não montado: as metades do pão deviam vir viradas para cima, a carne posicionada separada no prato, cada fatia de tomate e cebola disposta ao lado e a fatia de queijo devia ser servida, não derretida, num prato à parte.

Intrigado com as exigências, mas disposto a agradar seu cliente, o garçom serviu o almoço precisamente de acordo com o pedido.

Júnior levantou o pão com um garfo, não encontrou nenhuma moeda debaixo dele, e colocou a carne numa metade do pão. Ele montou o sanduíche com os ingredientes, acrescentou ketchup e mostarda, e deu uma mordida grande, deliciosa, satisfatória.

Quando reparou numa loura olhando para ele de uma mesa próxima, sorriu e piscou para ela. Embora não fosse atraente o bastante para satisfazer os seus padrões, não havia motivo para ele ser mal-educado.

Provavelmente sentindo como fora avaliada por Júnior, e compreendendo que tinha poucas chances de encantá-lo, ela imediatamente virou o rosto e não mais olhou em sua direção.

Com o término bem-sucedido do sanduíche e com a adição do terceiro Sklent à sua coleção, Júnior foi tomado por uma animação que não sentia há um bom tempo. Contribuindo para o seu humor melhor estava o fato de que não ouvia a cantora fantasma há mais de três meses, desde o incidente em julho, na biblioteca.

Duas noites depois, após um sonho com minhocas e besouros, ele acordou ao som da voz cantando.

Surpreendeu a si próprio ao sentar na cama e gritar: — Cala a boca, cala a boca, cala a boca! A voz continuou entoando baixinho “Someone to Watch Over Me”.

Júnior deve ter gritado mais cala a boca do que percebera, porque os vizinhos começaram a bater na parede para silenciá-lo.

Nada que ele aprendera sobre o sobrenatural conduziu-o a uma crença em fantasmas e em tudo que os fantasmas implicavam. Sua fé ainda repousava inteiramente em Enoch Caim Júnior, e ele se recusava a abrir espaço em seu altar para qualquer um ou qualquer coisa além de si mesmo.

Ele se enfiou debaixo das cobertas, apertou um travesseiro macio sobre a cabeça para abafar o canto, e cantarolou “Encontre o pai, mate o filho”, até finalmente ser vencido pela exaustão e dormir.

De manhã, durante o desjejum, desta perspectiva mais calma, ele repensou em seu ataque no meio da noite e se perguntou se poderia estar sofrendo de algum problema psicológico. Decidiu que não.

Em novembro e dezembro, Júnior estudou textos arcanos sobre o sobrenatural, saiu com mulheres num ritmo prodigioso até para ele, encontrou três Bartholomews, e terminou dez capas de almofadas.

Nada em suas leituras oferecera uma explicação satisfatória para o que lhe estava acontecendo. Nenhuma das mulheres preencheu a lacuna em seu coração, e todos os Bartholomews encontrados eram inofensivos. Apenas os bordados tinham lhe oferecido alguma satisfação, mas embora Júnior se orgulhasse de suas habilidades manuais, ele sabia que um homem adulto não podia encontrar satisfação apenas bordando coisas.

Em 18 de dezembro, enquanto “Hello Goodbye”, dos Beatles, subia como um foguete pelas paradas de sucesso, Júnior fervia de frustração com sua incapacidade de encontrar tanto um novo amor quanto o bebê de Serafina. Assim, dirigiu pela ponte Golden Gate até o condado de Marin, e seguiu a estrada até a cidade de Terra Linda, onde matara Bartholomew Prosser.

Prosser — 56 anos, viúvo, contador — tinha uma filha de 30 anos, Zelda, que era advogada em San Francisco. Júnior dirigira até Terra Linda antes, para pesquisar o contador; ele já sabia que Prosser não tinha qualquer relação com a maldita criança de Serafina.

Dos três Bartholomews que localizara recentemente, escolheu Prosser porque, amaldiçoado com o nome Enoch, Júnior sentia simpatia por qualquer menina que tinha sido batizada pelos pais com um nome horroroso como Zelda.

O contador vivia numa casa branca georgiana numa rua margeada por árvores altas e frondosas.

Às oito da noite, Júnior estacionou dois quarteirões depois da casa-alvo.

Caminhou de volta até a residência de Prosser, mãos enluvadas nos bolsos do casaco de chuva, gola virada para cima.

Densas, brancas e coleantes massas de neblina pairavam na vizinhança, aromatizadas com a fumaça de madeira provinda de várias lareiras, como se tudo ao norte da fronteira com o Canadá estivesse em chamas.

A respiração de Júnior saía dele em nuvens de fumaça, como se também dentro dele ardesse uma chama. Ele sentiu uma camada de condensação cobrir seu rosto, uma camada fria e revigorante.

Em muitas casas, fios de lâmpadas natalinas desenhavam padrões coloridos nos telhados, nas molduras das janelas e ao longo das balaustradas das varandas, todas borradas pela neblina de uma forma que causou em Júnior a impressão de caminhar por uma paisagem onírica, pontuada por lanternas japonesas.

Fora o latido distante de um cão a uma distância muito grande, a noite estava silenciosa. Grave, bem mais baixa que a canção fantasmagórica que recentemente atormentara Júnior, a voz rude desse cão também conseguiu abalá-lo, falando diretamente a um aspecto essencial de seu coração.

Na casa de Prosser, ele tocou a campainha e esperou.

Pontual como seria de esperar de qualquer contador, Bartholomew Prosser não demorou tempo suficiente para obrigar Júnior a tocar uma segunda vez. A lâmpada da varanda acendeu.

Ao longe, nos limites da noite e da neblina, o cachorro se calou, expectante.

Menos cauteloso que o contador típico, talvez amolecido por esta temporada de paz, Prosser abriu a porta sem hesitar.

— Isto é pela Zelda — anunciou Júnior, avançando contra o pórtico empunhando uma faca.

Uma empolgação selvagem explodiu através dele como uma pirotecnia de fogos de artifício queimando no céu noturno, reminescente da excitação que acompanhara sua ação ousada na torre de incêndio. Felizmente, Júnior não tinha qualquer ligação emocional com Prosser, como tivera com sua amada Naômi; portanto, a pureza de sua experiência não foi diluída por lamentos ou empatia.

Tão rápida, esta violência findou mal havia começado. Contudo, como não nutria nenhum interesse nas consequências de seus atos, Júnior não sofreu qualquer desapontamento com a brevidade da emoção. O passado era passado, e enquanto fechava a porta da frente e contornava o cadáver, ele concentrou-se no futuro.

Agira com ousadia e imprudência, sem checar o território para certificar-se de que Prosser estava sozinho. O contador vivia sozinho, mas um visitante podia estar presente.

Preparado para qualquer contingência, Júnior auscultou a casa até ter certeza de que não precisaria da faca para mais ninguém.

Seguiu direto até a cozinha e pegou um copo de água na pia. Engoliu os dois tabletes antieméticos que trouxera para coibir o vômito.

Mais cedo, antes de sair de casa, ele tomara uma dose preventiva de elixir paregórico. Por enquanto, pelo menos, suas entranhas estavam quietas.

Como sempre, curioso sobre como os outros viviam — ou, neste caso, tinha vivido — Júnior explorou a casa, fuçando gavetas e armários. Para um viúvo, até que Bartholomew Prosser era limpo e bem organizado.

Comparando com os outros passeios por casas alheias, este estava sendo incrivelmente menos interessante que a maioria. O contador parecia não ter uma vida secreta, ou interesses perversos que escondesse do mundo.

A coisa mais vergonhosa que Júnior encontrou foi a “arte” nas paredes.

Realismo sentimental. Paisagens brilhantes. Naturezas-mortas de frutas e flores. Até um retrato idealizado de Prosser, sua falecida esposa, e Zelda.

Nenhuma pintura falava sobre a sordidez e o terror da condição humana: mera decoração, não arte.

Na sala de estar havia uma árvore de Natal, e debaixo da árvore presentes muito bem embrulhados. Abrir todos foi divertido, mas Júnior não encontrou nada com que quisesse ficar.

Saiu pelos fundos, para não se defrontar com as consequências do assassinato, que jaziam diante da porta da frente. Foi envolvido por uma neblina fria e refrescante.

No trajeto até sua casa, Júnior jogou a faca num bueiro em Larkspur.

Descartou as luvas numa caçamba de lixo em Corte Madera. De novo na cidade, parou o carro por tempo suficiente para doar a capa de chuva a um mendigo. Esse ser humano patético aceitou alegremente o belo casaco sem reparar que o tecido estava salpicado por manchas estranhas. E assim que vestiu o casaco... xingou o seu benfeitor, cuspiu nele e o ameaçou com um martelo.

Júnior era realista demais para esperar gratidão.

Mais uma vez em seu apartamento, saboreando um conhaque e um punhado de pistaches enquanto a segunda mudava para terça, ele decidiu que devia fazer preparativos para a possibilidade de um dia, apesar de todas as suas precauções, deixar alguma evidência comprometedora. Ele precisava converter uma parte de seus bens em riqueza portátil e anônima, como moedas de ouro e diamantes. E criar duas ou três identidades alternativas, com documentação, também seria sensato.

Durante as últimas horas, Júnior mudara novamente a sua vida, tão dramaticamente quanto a mudara naquele dia na torre de incêndio, há quase três anos.

Empurrara Naomi por um motivo: lucro. Matara Victória e Vanadium em autodefesa. Essas três mortes tinham sido necessárias.

Contudo, ele esfaqueara Prosser meramente para aliviar sua frustração e animar a rotina de uma vida amaldiçoada por uma caçada tediosa a Bartholomew e por sexo sem amor. Para obter mais excitação, ele assumira um risco maior; para mitigar o risco, precisaria de seguro.

Na cama, luzes apagadas, Júnior quase explodia de orgulho por seu espírito destemido. Ele jamais deixava de surpreender a si mesmo.

Não estava sendo atormentado por culpa ou remorso. Bem e mal, certo e errado, ele não ligava para essas coisas. As ações eram eficazes ou ineficazes, sábias ou estúpidas, mas completamente neutras.

Também não se preocupava com sua sanidade, como faria um homem menos aperfeiçoado. Nenhum louco tenta aprimorar seu vocabulário ou aprofundar sua apreciação por cultura.

Mas uma coisa o surpreendia: por que escolhera justamente esta noite para se tornar um aventureiro ainda mais ousado, em vez de alguma noite do mês passado ou do próximo? O instinto deu-lhe a resposta: Júnior sentira a necessidade de testar a si próprio; uma crise estava se aproximando depressa e, para estar preparado, precisava ter certeza de que conseguiria fazer o que fosse preciso quando ocorresse o conflito.

Enquanto afundava no sono, Júnior imaginou que Prosser tinha sido mais um treinamento do que uma travessura.

Os preparativos adicionais — a compra de moedas de ouro e diamantes, o estabelecimento de identidades falsas — precisariam ser adiados por causa da urticária. Uma hora antes do amanhecer, Júnior foi acordado por uma coceira feroz, não limitada apenas ao seu dedo fantasma. O seu corpo inteiro, sobre cada plano e dentro de cada reentrância, ardia como se estivesse sendo queimado por uma febre terrível — e coçava.

Tremendo, esfregando-se furiosamente, ele cambaleou até o banheiro.

No espelho, confrontou-se com um rosto que quase não reconheceu: inchado e salpicado com caroços vermelhos.

Durante 48 horas ele se entupiu com anti-histamínicos, banhou-se em banheiras cheias até a borda com água fria e untou-se com pomadas.

Sofrendo, dominado por uma pena imensa de si mesmo, ele não ousava pensar na pistola de 9mm que roubara de Frieda Bliss.

Na quinta-feira as erupções passaram. Como ele tivera autocontrole suficiente para não arranhar o rosto ou as mãos, estava suficientemente apresentável para passear pela cidade. Mas se as pessoas nas ruas tivessem visto as escaras sangrentas e os arranhões

inflamados que tatuavam seu corpo e membros, teriam fugido com a certeza de que a peste negra, ou coisa pior, estava à solta entre eles.

Durante os dez dias seguintes, Júnior sacou dinheiro de diversas contas.

Também converteu títulos em dinheiro.

Ele também procurou por um fornecedor confiável de identidades falsas.

Isso se revelou mais fácil do que previra.

Um número surpreendente das mulheres que tinham sido suas amantes era usuária recreativa de drogas e, durante os últimos dois anos, ele havia conhecido vários traficantes que as supriam. Do menos agradável desses homens ele comprou cinco mil dólares em cocaína e LSD para estabelecer sua credibilidade. Em seguida, perguntou sobre documentos forjados.

Mediante uma comissão, Júnior foi posto em contato com um forjador de documentos chamado Sapo. Esse não era o seu nome verdadeiro, é claro, mas com seus olhos esbugalhados e lábios inchados, e o pomo-de-adão imenso cravado na garganta, o apelido caía-lhe muito bem.

Como as drogas arruínam todos os esforços de aprimoramento pessoal, Júnior não tinha qualquer utilidade para a cocaína e o ácido. Ele não ousava vendê-los para recuperar seu dinheiro; nem cinco mil dólares valiam o risco de ser preso. Em vez disso, deu as substâncias a um grupo de garotos jogando basquete num pátio de escola, e lhes desejou feliz Natal.

O dia 24 de dezembro começou com chuva, mas a tempestade moveu-se para o sul depois do amanhecer. O sol caiu sobre a cidade, e as ruas encheram-se com compradores de última hora.

Júnior juntou-se à turba, embora não tivesse qualquer lista de presentes ou gosto pela época. Ele precisava apenas sair de seu apartamento, porque tinha certeza de que a cantora fantasma apareceria em breve para mais uma serenata.

Ela não cantava desde as primeiras horas de 18 de outubro, e nenhum outro evento paranormal acontecera desde então. A espera entre as manifestações causava mais danos aos nervos de Júnior que as manifestações em si.

Alguma coisa estava para acontecer relacionada com esta assombração longa e peculiar que ele sofria há mais de dois anos, desde que encontrara a moeda de 25 cents no seu sanduíche. Enquanto todas as pessoas ao seu redor na rua sorriam como bobas, Júnior caminhava cabisbaixo e cheio de mau humor, tendo temporariamente esquecido de olhar o lado bom das coisas.

Inevitavelmente, sendo um homem das artes, acabou passando por várias galerias. Na vitrine da quarta galeria que visitou, não um de seus estabelecimentos favoritos, ele viu uma fotografia de 20 x 25cm de Serafina White.

A garota sorria, tão extraordinariamente bonita quanto ele lembrava, mas não mais com quinze anos, como na última vez que a vira. Desde que morrera ao dar à luz, há quase três anos, Serafina amadurecera e ficara mais linda que nunca.

Se Júnior não fosse um homem racional, escolado em lógica e razão pelos livros de Caesar Zedd, teria tido um ataque ali mesmo na rua, diante da fotografia de Serafina; teria começado a tremer, chorar e babar até que o levassem a uma ala psiquiátrica. Mas embora os joelhos que o mantinham em pé estivessem trêmulos como gelatina, eles não se desmancharam sob o seu peso. Júnior não conseguiu respirar por um minuto, sua visão escureceu nos cantos e os ruídos do tráfego de súbito pareceram os gritos agonizantes de pessoas sendo torturadas, mas ele manteve a razão por tempo suficiente para perceber que o nome debaixo da foto, que servia como a peça central de um pôster, dizia Celestina White em letras de imprensa, e não Serafina.

O pôster anunciava uma futura exposição, intitulada “Este Dia Marcante”, dos trabalhos da jovem artista Celestina White. As datas da exposição eram de sexta-feira, 12 de janeiro, até sábado, 17 de janeiro.

Júnior reuniu toda a sua coragem e, cauteloso, entrou na galeria para fazer perguntas. Esperava que os funcionários ficassem aturdidos quando mencionasse o nome Celestina White, esperava que o pôster desaparecesse quando ele voltasse à vitrine.

Em vez disso, deram-lhe um pequeno folheto colorido exibindo reproduções da obra da artista. Ele também continha a mesma fotografia de seu rosto sorridente que embelezava a vitrine.

Segundo a curta biografia abaixo da foto, Celestina White era formada no Academy of Art College de San Francisco. Ela nasceu e foi criada em Spruce Hills, Oregon, filha de um pastor protestante.

Capítulo 58

AGNES SEMPRE GOSTAVA de cear com Esaú e Jacó na véspera de Natal, porque até eles temperavam seu pessimismo nesta noite das noites. Se a data tocava os seus corações ou se eles queriam agradar sua irmã ainda mais que o habitual, ela não sabia. Se o gentil Esaú falava sobre tornados assassinos ou se o querido Jacó lembrava de explosões terríveis, seus comentários não se focavam em mortes terríveis, como de costume, mas em feitos de coragem em meio a uma catástrofe terrível, resgates fantásticos e fugas miraculosas.

Com a presença de Barty, as ceias de véspera de Natal tinham se tornado ainda mais aprazíveis, especialmente este ano, quando ele estava com quase três anos. Falava sobre as visitas a amigos que ele, sua mãe e Esaú tinham feito durante o dia, sobre o Padre Brown, como se o clérigo-detetive fosse real, sobre os sapos que ele e sua mãe tinham visto nas poças d'água do jardim ao voltar do cemitério. A conversa do menino era encantadora porque, apesar de ser imbuída com entusiasmo e encanto infantis, era apimentada com observações precoces que deliciavam os adultos.

Desde a sopa de milho, passando pelo presunto assado, até o pudim de ameixas, ele não falou sobre o seu passeio seco na chuva.

Agnes não pedira ao menino que mantivesse a sua estranha façanha em segredo para os tios. Na verdade ela viera para casa num estado mental tão alterado que — mesmo enquanto preparara o jantar com Jacó e ajudara Esaú a pôr a mesa — hesitara dizer-lhes o que acontecera durante a corrida entre a sepultura de Joey e o automóvel. Ela estava flutuando entre uma euforia irresistível e um medo à beira do pânico, e não confiava em si mesma para relatar a experiência até ter mais tempo para absorvê-la.

Naquela noite, no quarto de Barty, após ouvir as preces do filho e em seguida tê-lo preparado para dormir, Agnes sentou-se na ponta de sua cama.

— Querido, será que... Agora que você teve mais tempo para pensar, será que consegue me explicar o que aconteceu? Ele rolou a cabeça para a frente e para trás sobre o travesseiro.

— Não. Ainda é uma coisa que a gente simplesmente sente.

— Sentir todas as formas que as coisas são.

— Sim.

— Vamos ter de conversar muito sobre isso durante os próximos dias, à medida que tivermos mais tempo para pensar no assunto.

— Imaginei.

Suavizado por uma capa de xantungue sobre sua abóbada, o abajur deitava sobre o rosto liso do menino uma luz dourada, mas um tom safira e esmeralda em seus olhos.

— Você não mencionou isso ao tio Esaú nem ao tio Jacó; —
Achei melhor não.

— Por quê?

— Você ficou assustada, não ficou?

— Sim, fiquei. — Ela não lhe disse que o medo não tinha sido amenizado pelas garantias do menino nem por sua segunda caminhada na chuva.

— E você nunca tem medo de nada — disse Barty.

— Quer dizer... Bem, Esaú e Jacó já têm medo de muita coisa. —
O menino fez que sim com a cabeça.

— Se eu lhes contasse isso, eles teriam de lavar as cuecas.

— Onde ouviu essa expressão? — inquiriu Agnes, embora não tenha conseguido deixar de achar graça.

Barty abriu um sorriso traquinas.

— Em um dos lugares que visitamos hoje. Uns meninos mais velhos. Eles viram um filme de terror e disseram que precisaram lavar as cuecas depois.

— Meninos mais velhos nem sempre são mais espertos porque são maiores.

— Sim, eu sei.

Ela hesitou antes de dizer: — Esaú e Jacó tiveram vidas difíceis,
Barty.

— Eles trabalharam em minas de carvão?

— Como assim?

— Na tevê disseram que os mineradores de carvão levam vidas difíceis.

— Não apenas os mineradores de carvão. Embora você seja maduro em alguns aspectos, ainda é jovem demais para eu explicar o que aconteceu. Um dia, explico.

— Tá.

— Você deve lembrar de que já conversamos antes sobre as histórias que eles vivem contando.

— Furacão. Galveston, Texas, em 1900. Seis mil pessoas mortas.

— Sim, essas histórias, meu bem — disse Agnes, fitando o menino com uma expressão preocupada. — Sabe, os seus tios vivem falando sobre tempestades que sopram as pessoas para longe e explosões que riscam as pessoas do mapa, mas essas não são as coisas mais importantes na vida.

— Mas acontecem — disse o menino.

— Sim. Acontecem.

Não fazia muito tempo, Agnes tentara pensar numa forma de explicar a Barty que os seus tios tinham perdido a esperança, uma forma de expressar também o que significava viver sem esperança — e de algum modo contar tudo isso ao menino sem sobrecarregá-lo, numa idade tão tenra, com os detalhes do que o avô monstruoso dele fizera com ela, Esaú e Jacó. Mas essa tarefa estava além das habilidades de Agnes. O fato de Barty ser um prodígio multiplicado por seis não facilitaria o trabalho de Agnes, porque, para compreendê-la, o menino precisaria não apenas de intelecto, mas também de experiência e maturidade emocional.

Novamente frustrada, ela disse simplesmente: — Sempre que Jacó e Esaú falarem dessas coisas, quero que você não esqueça de que o mais importante na vida não é a morte, mas viver e ser feliz.

— Eu queria que eles soubessem disso.

Por essas seis palavras Agnes amou-o mais do que nunca.

— Eu também, querido. Deus sabe que eu também. — Beijou a testa do menino. — Ouça, meu bem, apesar do jeito estranho deles, e das histórias que contam, os seus tios são homens bons.

— Claro que são.

- E eles te amam muito.
- Eu também amo os dois, mamãe.

Mais cedo, as nuvens de chuva haviam se esvaziado por completo.

Agora, as árvores cujas copas pairavam sobre a casa finalmente tinham parado de deitar gotas sobre o telhado de telhas de madeira de cedro. A noite estava tão silenciosa que Agnes podia ouvir o mar quebrando suavemente na praia a quase um quilômetro dali.

- Com sono? — perguntou Agnes.
- Um pouco.
- Papai Noel não virá enquanto você não dormir.
- Não tenho certeza se ele existe mesmo.
- Por que está dizendo isso?
- Uma coisa que li.

Perceber que a inteligência precoce negaria a Barty esta fantasia de infância, exatamente como o pai amargurado de Agnes tinha-lhe negado, deixou-a subitamente triste.

- Ele existe — garantiu Agnes.
- Você acha?
- Eu não apenas acho. E não apenas sei. Eu sinto, exatamente como você sente todas as formas que as coisas são. Aposto que você também pode sentir.

Ainda que fossem brilhantes o tempo inteiro, os olhos de pedras preciosas de Barty reluziram ainda mais, agora com raios de mágica do pólo Norte.

- Talvez eu sinta.
- Se não sente, então a sua glândula de sentimentos não está trabalhando. Quer que eu leia pra você dormir? — Tudo bem, não precisa. Vou fechar os olhos e contar uma história pra mim mesmo.

Ela beijou a bochecha do menino, e ele tirou os braços de debaixo das cobertas para abraçá-la. Braços tão pequeninos, mas como apertavam forte! Envolvendo Barty novamente nos cobertores, Agnes disse: — Barty, acho que você ainda não deve deixar mais ninguém ver como pode caminhar na chuva sem se molhar. Nem Esaú e Jacó, nem

mais ninguém. E isso vale para qualquer outra coisa especial que você descubra que pode fazer. Precisamos manter essas coisas em segredo.

— Por quê?

Franzindo o cenho e estreitando os olhos como se estivesse se preparando para passar um sermão em Barty, Agnes lentamente baixou seu rosto até o dele, até seus narizes se tocarem, e sussurrou: — Por que é mais divertido se for um segredo.

Imitando o sussurro da mãe, deliciando-se com sua conspiração, Barty disse: — A nossa própria sociedade secreta.

— O que sabe sobre sociedades secretas?

— Apenas o que aprendi nos livros e na tevê.

— Que é...?

Barty arregalou os olhos e engrossou a voz, fingindo medo.

— Elas são sempre... más.

O sussurro de Agnes ficou mais baixo, porém mais rouco: — Precisamos ser maus?

— Talvez.

— E o que acontece com as pessoas nas sociedades secretas más?

— Elas acabam na prisão — sussurrou solene.

— Então não vamos ser maus.

— Tá.

— Vamos ser uma sociedade secreta boa.

— Precisamos de um aperto de mão secreto.

— Bobagem, toda sociedade secreta tem um aperto de mão secreto — disse Agnes. E estando com o rosto ainda próximo ao do filho, esfregou seu nariz no dele. — Nós vamos fazer isto.

— E uma palavra secreta — disse Barty, contendo um risinho.

— Esquimó.

— E um nome.

— A Sociedade dos Aventureiros Bons do Polo Norte.

— Que nome bacana!

Agnes esfregou o nariz no dele de novo, beijou-o, e se levantou da beira da cama.

Olhando para ela, Barty disse: — Você tem uma auréola, mamãe.

- Você é um amor, querido.
- Não, você tem mesmo. — Ela desligou o abajur.
- Durma bem, anjinho.

A luz suave do corredor não penetrou a porta aberta. Do quarto semiescuro, Barty disse: — Veja, luzes de Natal! — Julgando que o menino tinha fechado os olhos e estava falando sozinho, em algum lugar entre sua história de dormir autonarrada e um sonho, Agnes retirou-se do quarto, apenas encostando a porta atrás de si.

- Boa noite, mamãe.
- Boa noite, Barty — sussurrou.

Ela desligou a luz do corredor e ficou parada diante da porta entreaberta, ouvindo, esperando.

A casa estava mergulhada numa quietude tão intensa que Agnes mal conseguia ouvir os murmúrios de sofrimento do passado.

Embora jamais tivesse visto neve, a não ser em fotos ou filmes, este silêncio profundo parecia falar de flocos de neve e paisagens nevadas.

Agnes não ficaria nem um pouco surpresa se saísse para o quintal e se visse numa paisagem gloriosa de inverno, fria e cristalina, aqui nas colinas e praias da Califórnia.

Seu filho especial, que caminhava por onde não havia chuva, tinha feito todas as coisas parecerem possíveis.

Da escuridão de seu quarto Barty agora falou as palavras pelas quais Agnes estivera esperando, sua voz baixa, mas ainda assim ecoando na casa silenciosa: — Boa noite, papai.

Em outras noites, ela tinha ouvido isso e se sentido tocada. Mas, nesta véspera de Natal, essas palavras encheram-na de alegria e esperança, porque ela recordou a conversa anterior com o filho, diante da sepultura de Joey: Eu queria que o seu pai tivesse conhecido você. Em algum lugar, ele conhece. Papai morreu aqui, mas não morreu em todos os lugares onde eu existo. Estou solitário aqui, mas não estou solitário em todos os lugares.

Relutante, Agnes puxou a porta até quase fechá-la, e desceu até a cozinha; ali, ficou sentada sozinha, bebendo café e pensando em mistérios.

De todos os presentes que Barty abriu na manhã de Natal, o exemplar em capa dura de O monstro do espaço, de Robert Heinlein, foi o seu favorito. Instantaneamente encantado com a promessa de uma divertida criatura alienígena, viagens pelo espaço, um futuro exótico e muitas aventuras, ele aproveitou todas as oportunidades durante aquele dia atarefado para abrir o livro e zarpar de Bright Beach rumo a regiões desconhecidas.

Tão comunicativo quanto os seus tios eram introvertidos, Barty não evitava as festividades. Agnes nunca precisava lembrá-lo de que a família e os convidados tinham precedência, mesmo sobre os personagens mais fascinantes da ficção, e o prazer do menino em estar na companhia de outras pessoas agradava sua mãe e a deixava orgulhosa.

Do final da manhã até o jantar, pessoas chegaram e saíram, ergueram brindes a um feliz Natal e a paz na terra, à saúde e à felicidade, lembraram de Natais passados, comentaram maravilhados o primeiro transplante de coração, realizado naquela manhã na África do Sul, e rezaram para que os soldados do Vietnã voltassem para casa em breve e que Bright Beach não perdesse naquelas selvas distantes nenhum de seus filhos preciosos.

No correr dos anos, as ondas alegres de amigos e vizinhos tinham lavado quase todas as manchas com que a ira negra do pai de Agnes marcara aqueles cômodos. Ela rezava para que os seus irmãos um dia vissem que raiva e ódio eram apenas pedras numa praia, enquanto o amor é a espuma que alisa incessantemente a areia.

Maria Elena Gonzalez — não mais a costureira de uma lavanderia, mas a proprietária da Elena's Fashions, uma lojinha de roupas a um quarteirão da praça central da cidade — juntou-se a Agnes, Barty, Esaú e Jacó na noite de Natal. Ela trouxe suas filhas: Bonita, de sete anos, e Francesca, de seis, que chegaram com suas mais novas bonecas Barbie — a Barbie Cor Mágica, seus amigos Casey e Tutti, sua irmã Skipper e o namorado Ken, mais o Conjunto de Maquiagem da Barbie —, e logo as meninas tinham envolvido Barty num mundo de faz-de-conta muito diferente daquele do romance de Heinlein, no qual o personagem principal, um adolescente, possuía um alienígena

extraordinário com oito pernas, o temperamento de um gatinho e um apetite para tudo, de ursos pardos a Buicks.

Mais tarde, quando os sete estavam reunidos à mesa do jantar, os adultos levantaram taças de Chardonnay, as crianças copos de Pepsi, e Maria fez um brinde: — A Bartholomew, à imagem de seu pai, o homem mais gentil que já conheci. Às minhas queridas Bonita e Francesca, que abrilhantam cada dia de minha vida. A Esaú e Jacó, com quem aprendi muitas coisas que me fizeram pensar sobre a fragilidade da vida e compreender como cada dia é precioso. E a Agnes, a minha amiga mais querida, que me deu tanto, incluindo todas as palavras que estou usando. Deus abençoe a cada um de nós.

— Deus abençoe a cada um de nós — repetiu Agnes a sua família estendida. Após um gole de vinho, Agnes arranhou uma desculpa para verificar alguma coisa na cozinha, onde premiu lágrimas quentes contra um pano de prato frio, levemente molhado, de modo a impedir que os olhos ficassem vermelhos.

Frequentemente, nesses dias, ela precisava explicar a Barty aspectos da vida que não esperava discutir ainda por anos a fio. Ela se perguntava como conseguiria fazê-lo entender isto: a vida pode ser tão agradável, tão plena, que algumas vezes a felicidade possui a mesma intensidade que o sofrimento, e a pressão que ela exerce no coração quase se torna dor. Quando acabou de passar a toalha nos olhos, Agnes voltou para a sala de jantar, e embora todos já estivessem jantando, ela pediu outro brinde.

Levantando a taça, Agnes disse: — A Maria, que é mais que minha amiga. É minha irmã. Não posso permitir que fale sobre o que lhe dei sem contar para suas filhas que você me deu de volta muito mais. Você me ensinou que o mundo é tão simples quanto costurar, que aqueles problemas que parecem ser os mais terríveis podem ser costurados, reparados. — Ela levantou um pouco mais a taça.

— A primeira galinha já veio com o primeiro ovo dentro dela. Deus abençoe a todos nós.

— Deus abençoe a todos nós — disseram todos.

Maria, depois de um único gole de Chardonnay, correu para a cozinha, ostensivamente para checar o flã de damasco que ela trouxera,

mas na verdade para premir um pano de prato frio e ligeiramente úmido nos olhos.

As crianças insistiram em saber o que significava aquela conversa sobre a galinha, e isto conduziu a uma série de piadas de “por que a galinha atravessou a rua”, que Esaú e Jacó tinham decorado na infância como um ato de rebelião contra o pai mal-humorado.

Mais tarde, enquanto Bonita e Francesca serviam orgulhosas as porções do flã moldadas individualmente como árvores de Natal, que elas mesmas tinham posto nos pratos, Barty inclinou-se para perto da mãe e, apontando para a mesa na frente deles, disse em voz baixa mas excitada: — Olhe os arco-íris.

Ela seguiu o dedo estendido do filho, mas não conseguiu ver sobre o que ele estava falando.

— Entre as velas — explicou.

Jantavam à luz de velas. Havia velas com perfume de baunilha pousadas sobre o bufê no outro lado da sala, brilhando sobre castiçais de vidro, mas Barty apontava para cinco velas vermelhas atarracadas, distribuídas no centro do móvel.

— Entre as chamas, veja, arco-íris! Agnes não viu nenhum ar de cores entre uma vela e outra, e achou que ele estava se referindo aos copos e taças que espelhavam as chamas. Aqui e ali, o efeito prismático do cristal transformava os reflexos das chamas em espectros vermelhos-dourados-amarelos-azuis-violetas que dançavam ao longo das bordas transparentes.

Quando a última porção de flã foi servida e as meninas de Maria assumiram mais uma vez seus lugares, Barty piscou para as velas e disse: — Sumiram agora.

Mas os espectros pequeníssimos ainda brilhavam nas bordas das taças de cristal. Agora Barty voltou a sua atenção para o flã com tanto entusiasmo que logo sua mãe parou de pensar em arco-íris.

Depois que Maria, Bonita e Francesca tinham ido embora, quando Agnes e seus irmãos juntaram forças para limpar a mesa e lavar os pratos, Barty deu-lhes um beijo de boa-noite e se recolheu para o quarto levando O monstro do espaço.

Já tinham passado duas horas da sua hora de dormir. Nos últimos meses, ele exibira os hábitos erráticos de dormir das crianças

mais velhas. Em certas noites, parecia possuir o ritmo circadiano de uma coruja ou um morcego; depois de passar o dia inteiro lendo, Barty ficava subitamente alerta e energético ao anoitecer, e querendo ler até bem depois da meia-noite.

Para orientar-se, Agnes não podia confiar em nenhum dos livros sobre educação infantil em sua coleção. Os dons únicos de Barty brindavam-na com problemas específicos de mãe. Agora, quando ele perguntava se podia ficar acordado até mais tarde, para ler sobre John Thomas Stuart e LummoX, seu bicho de estimação do espaço exterior, Agnes dava-lhe permissão.

Às quinze para a meia-noite, a caminho da cama, Agnes parou no quarto de Barty para encontrá-lo debruçado sobre os travesseiros. O livro não era maior que a média, mas era grande em proporção ao menino. Incapaz de mantê-lo aberto apenas com as mãos, ele repousava seu braço esquerdo inteiro sobre o topo do volume.

— A história está boa? — perguntou Agnes. Ele levantou os olhos para ela.

— Fantástica! E retomou imediatamente a leitura.

Quando Agnes acordou, à 1:50 da manhã, estava tomada por uma vaga apreensão cuja fonte não conseguia identificar. Luar fracionado na janela.

O grande carvalho no jardim, dormindo na cama silenciosa da noite.

A casa completamente quieta. Nem intrusos nem fantasmas vagavam por ela.

Mesmo assim tensa, Agnes desceu o corredor até o quarto do filho e descobriu que ele dormira sentado, durante a leitura. Retirou delicadamente O monstro do espaço dos braços do menino, marcou a parte em que ele estava com a orelha da sobrecapa e colocou o livro na mesinha-de-cabeceira.

Enquanto Agnes puxava o excesso de travesseiros de debaixo do menino e o acomodava sob as cobertas, Barty, meio adormecido, meio acordado, murmurou alguma coisa sobre a polícia estar caçando o pobre LummoX, que não queria ter causado todos aqueles estragos, tendo apenas se assustado com os tiros, e que quando você pesa seis

toneladas e tem oito pernas, às vezes não consegue andar por lugares apertados sem derrubar algumas coisas.

— Está tudo bem — sussurrou Agnes. — Lummox vai ficar bem.

Ele fechou os olhos de novo e pareceu dormir, mas quando ela desligou o abajur, ele murmurou: — Você está com a sua auréola de novo.

De manhã, depois que tinha tomado banho e se vestido, Agnes desceu para o térreo e descobriu Barty já à mesa da cozinha, comendo uma tigela de cereais enquanto se mantinha grudado no livro. Ao terminar o desjejum, voltou para o seu quarto, lendo durante o percurso.

Na hora do almoço, ele já tinha virado a última página, e estava tão empolgado com a história que não parecia ter tempo para comer. Enquanto a mãe continuava insistindo para que comesse, ele a regalava com detalhes sobre as grandes aventuras de John Thomas Stuart e Lummox, como se cada palavra escrita por Heinlein não fosse ficção científica, porém a mais pura verdade.

Então ele se aboletou numa das poltronas grandes na sala de estar e começou a ler o livro de novo. Era a primeira vez que lia um romance, e por volta da meia-noite havia terminado.

No dia seguinte, quarta-feira, 27 de dezembro, sua mãe o levou de carro até a biblioteca, onde ele retirou mais dois livros de Heinlein recomendados pela bibliotecária: Planeta vermelho e The Rolling Stones. A julgar pela empolgação demonstrada durante o trajeto de volta para casa, a reação anterior do menino aos romances de mistério tinha sido um flerte passageiro, enquanto esta era uma paixão desesperada, eterna.

Agnes descobriu que observar o filho ser completamente consumido por um entusiasmo novo era um deleite incomparável. Através de Barty, ela tinha uma noção de como sua própria infância teria sido se o seu pai lhe tivesse permitido ter uma; e em alguns momentos, ao ouvir o menino relatar as aventuras espaciais da família Stone ou os mistérios de Marte, Agnes descobria que ao menos parte de uma criança ainda vivia dentro dela, intocada pela crueldade e pelo tempo.

Logo depois das três da tarde de quinta-feira, num estado de agitação, Barty correu até a cozinha, onde Agnes estava assando pudins

de leite.

Segurando Planeta vermelho entre as páginas 104 e 105, ele reclamou que o exemplar da biblioteca estava defeituoso.

— Tem umas manchas na impressão, e umas letras distorcidas, que não deixam ler direito todas as palavras. Será que a gente pode comprar o nosso próprio exemplar, e comprar agora? Depois de limpar as mãos, Agnes pegou o livro e, examinando-o, não encontrou nada errado. Folheou algumas páginas anteriores, e então algumas seguintes, mas as linhas da impressão estavam limpas e claras.

— Mostre onde estão os defeitos, querido.

O menino não respondeu de imediato, mas quando Agnes levantou os olhos de Planeta vermelho, viu que ele estava olhando estranhamente para ela. Ele franziu a testa, como se intrigado.

— As manchas saltaram da página para o seu rosto, mamãe.

A apreensão disforme que a acordara às dez para as duas da manhã de terça tinha voltado para ela de tempos em tempos durante os últimos dias.

Agora, aqui estava ela novamente, arranhando sua garganta e apertando o seu peito — pelo menos começando a tomar forma.

Barty deu as costas para ela, correu os olhos pela cozinha e disse: — Ah, sou eu quem está com defeito.

Auréolas e arco-íris avultaram-se na memória de Agnes, ameaçadores como nunca tinham sido.

— Deixe-me dar uma olhada.

Ele a fitou com os olhos semicerrados.

— Pálpebras bem abertas, querido. — Ele as abriu.

Safiras e esmeraldas, pedras preciosas deslumbrantes engastadas no branco claríssimo, pupilas negras como ébano no centro. Lindos mistérios, esses olhos, mas, até onde Agnes conseguia discernir, não estavam nem um pouco diferentes do habitual.

Ela poderia ter atribuído o problema de Barty a esforço visual devido a toda a leitura que ele realizara nos últimos dias. Ela poderia ter posto colírio em seus olhos, dito que deixasse os livros de lado por algum tempo, e então mandá-lo brincar no quintal. Ela poderia ter aconselhado a si própria a não ser uma daquelas mães alarmistas que

detectavam pneumonia em cada fungada, um tumor cerebral atrás de cada enxaqueca.

Ao invés disso, tentando não expor a Barty a profundidade de sua preocupação, mandou-o pegar seu casaco no armário. Em seguida, pegou seu próprio casaco e, deixando os pudins de leite incompletos, enfiou o menino no carro e o levou até o consultório médico, porque Barty era a sua razão para respirar, o motor de seu coração, sua esperança e alegria, seu último elo com o marido falecido.

O Dr. Joshua Nunn tinha apenas 48 anos, mas parecia um vovô desde a primeira vez que Agnes viera até ele como paciente, depois da morte de seu pai, há mais de dez anos. Seus cabelos tinham assumido um tom de branco puro antes mesmo que fizesse trinta anos. Ele aproveitava todas as folgas para ou trabalhar assiduamente em seu barco pesqueiro de 20 pés, o Hipocrático, que ele raspava, pintava, polia e consertava com as próprias mãos, ou passeava pela Bright Bay nele, pescando como se o destino de sua alma dependesse do tamanho do peixe que pegasse; conseqüentemente, passava tanto tempo exposto ao ar salgado e ao sol que seu rosto perpetuamente bronzeado tinha rugas nos cantos de seus olhos e tantas linhas de expressão quanto os melhores avôs. Joshua aplicava à preservação de uma barriga redonda e um segundo queixo a mesma dedicação que aplicava à manutenção de seu barco. Somando tudo isso aos óculos finos, à gravata-borboleta, aos suspensórios e às cotoveleiras amarelas em sua jaqueta, ele parecia ter esculpido intencionalmente a sua aparência física para colocar os pacientes à vontade, e escolhido suas roupas com o mesmo propósito.

Como sempre, o médico foi gentil com Barty, e nesta ocasião provocou no menino mais do que o número usual de sorrisos e risadinhas, enquanto tentava fazê-lo ler a tabela de Snellen que estava na parede. Em seguida, reduziu as luzes da sala de exames para estudar seus olhos com um oftalmômetro e um oftalmoscópio.

Da cadeira no canto, onde Agnes estava sentada, pareceu que Joshua examinou o menino por muito mais tempo que o normal. Ela estava tão preocupada que a minuciosidade usual do médico desta vez pareceu-lhe carregada de um significado funesto.

Ao terminar, Joshua pediu licença e caminhou pelo corredor até o seu escritório. Ficou fora talvez por cinco minutos e, quando voltou,

mandou Barty ir até a sala de espera, onde a recepcionista mantinha uma jarra de pirulitos com sabor de laranja e limão.

— Alguns têm o seu nome neles, Bartholomew — disse o médico.

As distorções sutis em sua visão, que distorciam as linhas das letras, não pareciam importunar muito nos outros aspectos. Ele se movia com a mesma rapidez e convicção de sempre, e com sua graça especial.

A sós com Agnes, o médico disse: — Quero que leve Barty a um especialista em Newport Beach. Franklin Chan. Ele é um oftalmologista e um cirurgião de olhos fabuloso, e no momento não temos ninguém como ele aqui na cidade.

As mãos de Agnes estavam entrelaçadas sobre o seu colo, os dedos tão apertados uns contra os outros que os músculos em seus antebraços doíam.

— O que há de errado? — Não sou especialista em olhos, Agnes.

— Mas você tem alguma suspeita.

— Não quero preocupá-la sem necessidade se...

— Por favor. Me prepare. — Ele fez que sim com a cabeça.

— Sente aqui — disse, dando um tapinha na mesa de exames.

Ela se sentou na ponta da mesa, onde Barty sentara, agora os olhos nivelados com os do médico em pé.

Antes que os dedos de Agnes pudessem se entrelaçar novamente, Joshua estendeu suas mãos bronzeadas e calejadas pelo trabalho. Grata, Agnes apertou as mãos dele.

— Há um ponto branco na pupila direita de Barty... que creio que indique um crescimento — disse o médico. — As distorções em sua visão continuam, embora um pouco diferentes, quando ele fecha o olho direito, de modo que isso indica que também há um problema no esquerdo, embora eu não tenha conseguido ver nada lá. O Dr. Chan está com a agenda cheia amanhã, mas como um favor para mim, ele receberá vocês no começo da manhã, antes do horário usual. Vocês precisam começar o mais cedo possível.

Newport Beach ficava a quase uma hora de viagem para o norte, ao longo da costa.

— E é melhor você se preparar para um longo dia — acautelou Joshua.

— Tenho certeza de que o Dr. Chan vai querer que vocês consultem um oncologista.

— Câncer — sussurrou Agnes e, supersticiosamente, reprovou-se por falar a palavra em voz alta, como se assim estivesse conferindo poder à doença e garantindo sua existência.

— Ainda não temos certeza — disse Joshua. Mas ela tinha.

Barty, alegre como sempre, parecia não estar muito preocupado com o problema com sua visão. Parecia esperar que ele passasse como qualquer gripe ou resfriado.

Ele se importava apenas com Planeta vermelho e o que aconteceria depois da página 103. Levava o livro consigo até o consultório do doutor e no caminho de volta para casa, no carro, ele repetidamente o abriu, forçando a vista para ler o texto, tentando ler ao redor ou através das manchas.

— Jim, Frank e Willis estão enrascados.

Agnes não resistiu à tentação de mimar o menino no jantar: salsichas com queijo e batatas fritas. E em lugar de leite, refrigerante sabor gengibirra.

Ela não ia ser tão franca com Barty quanto insistira que Joshua Nunn fosse com ela, em parte porque estava abalada demais para ser coerente.

Na verdade, não estava conseguindo falar com o filho com a tranquilidade com que ele estava acostumado. Ela ouvia em sua própria voz uma solenidade que, sabia, se tornaria evidente para o menino, cedo ou tarde.

Temia que sua ansiedade fosse contagiosa, e que se seu medo infectasse o menino, ele ficasse menos capaz de enfrentar a coisa odiosa que tinha se instaurado em seu olho direito.

Robert Heinlein salvou Agnes. Sobre as salsichas e as batatas fritas, ela leu para Barty o Planeta vermelho, começando no topo da página 104. Ele compartilhara com ela a história até ali, de modo que Agnes sentiu-se conectada com a narrativa, e logo estava tão envolvida com a história que conseguiu ocultar a sua angústia.

E então para o quarto, onde sentaram-se lado a lado na cama, um prato de biscoitos de chocolate entre eles. Durante toda a noite, saíram deste planeta e de todos os seus problemas e partiram para um mundo de aventuras, onde amizade, lealdade, coragem e honra eram armas poderosas contra qualquer coisa odiosa.

Depois que Agnes leu as palavras finais da última página, Barty estava inebriado com especulações, tagarelando sobre o que aconteceria em seguida com aqueles personagens que tinham se tornado seus amigos. Ele falou sem parar enquanto vestia o pijama, fazia xixi e escovava os dentes, fazendo Agnes perguntar-se como conseguiria acalmá-lo para que ele dormisse.

No fim, ele acabou se cansando tanto que adormeceu.

Uma das coisas mais difíceis que já tinha feito foi deixá-lo sozinho em seu quarto, com aquela coisa odiosa ainda crescendo silenciosamente em seu olho. Ela queria arrastar a cadeira até a cama e passar a noite a vigiá-lo.

Contudo, se acordasse e a visse de vigília, Barty compreenderia o quanto seu estado podia ser ruim.

E assim Agnes foi sozinha para o seu quarto e ali, como em tantas outras noites, procurou o conforto da pedra que também era sua lâmpada, da lâmpada que também era sua fortaleza, da fortaleza que também era o seu pastor. Ela rogou por misericórdia, e se a misericórdia não viesse, pediu pela sabedoria para compreender o propósito do sofrimento de seu filhinho.

Capítulo 59

NA MANHÃ DA VÉSPERA de Natal, folheto da galeria na mão, Júnior retornou ao seu apartamento, intrigado com mistérios que não tinham qualquer relação com estrelas-guias e virgens dando à luz.

Através das janelas, a noite invernal caiu lentamente sobre a cidade enquanto Júnior se manteve sentado em sua sala de estar, uma taça de Dry Sack numa das mãos e a foto de Celestina White na outra.

Ele tinha certeza de que Serafina morrera dando à luz. Vira os negros reunidos em seu funeral no cemitério, no mesmo dia do enterro de Naomi.

Ouvira a mensagem de Max Bellini na secretária eletrônica do policial maníaco.

Em todo caso, se Serafina ainda estivesse viva, estaria agora com apenas dezenove anos, jovem demais para ter-se formado na Academy of Art College.

A semelhança notável entre esta artista e Serafina, bem como os fatos no resumo biográfico abaixo da foto, argumentava que as duas eram irmãs.

Isso deixou Júnior desnortado. Até onde podia lembrar, durante as semanas que ele administrara o tratamento fisioterapêutico a Serafina, ela jamais mencionara uma irmã mais velha ou qualquer irmã.

Na verdade, por mais que se esforçasse para recordar suas conversas, Júnior não conseguia lembrar nada que Serafina tivesse dito durante a terapia, como se ele tivesse estado surdo naqueles dias. As únicas coisas que sua mente retinha eram as impressões sensuais: a beleza do rosto, a textura da pele, a firmeza da carne que ele tocara com suas mãos.

Mais uma vez, lançou sua memória em águas lodosas, aproximadamente quatro anos no passado, à noite que compartilhara com Serafina na paróquia. Como antes, não conseguiu lembrar nada do que ela dissera, apenas a beleza do rosto e a perfeição núbil do corpo da menina.

Na casa do pastor, Júnior não vira indícios de uma irmã. Nenhuma foto de família, nenhum retrato de formatura de segundo grau emoldurado orgulhosamente. Evidentemente, ele não nutria qualquer interesse pela família, porque estivera completamente consumido por Serafina.

Além disso, sendo um homem focado no futuro, que acreditava que o passado era um fardo a ser descartado, ele jamais fazia qualquer esforço para guardar lembranças. Chafurdar sentimentalmente em nostalgia não exercia sobre ele o mesmo fascínio que sobre a maioria das pessoas.

Contudo, este esforço de recordação auxiliado pelo vinho seco resgatou mais uma coisa além das imagens lascivas do corpo nu de Serafina. A voz do pai dela. No gravador. O reverendo falando devagar enquanto Júnior servia-se de sua filha devota no colchão.

Por mais excitante que tivesse sido fazer amor com a garota ao som do sermão do pastor, que Serafina estivera transcrevendo para papel, Júnior não conseguia lembrar nada do que o reverendo dissera, apenas o tom e o timbre de sua voz. Fosse por instinto, tensão nervosa, ou apenas influência da bebida, ele agora estava atormentado pelo pensamento de que houvera algo significativo no conteúdo da fita.

Virou o folheto em suas mãos, para olhar a capa novamente. Pouco a pouco, começou a suspeitar de que poderia ter sido o título da exposição que o fizera lembrar do sermão do pastor.

Este Dia Marcante.

Júnior proferiu as três palavras em voz alta e sentiu uma ressonância estranha entre elas e as lembranças sombrias da voz do reverendo White naquela noite distante. Ainda assim, a ligação, se é que existia alguma, permanecia fugidia.

Reproduzidas no folheto dobrado em três havia amostras das pinturas de Celestina White. Júnior julgou-as extremamente ingênuas, tediosas, insípidas. Ela imbuía seu trabalho com todas as qualidades que os artistas verdadeiros desprezavam: detalhes realistas, histórias, beleza, otimismo e até encantamento.

Não era arte. Eram reproduções banais da vida, meras ilustrações, mais adequadas a pinturas sobre veludo do que sobre tela.

Estudando o catálogo, Júnior sentiu que a sua melhor reação à obra desta artista era ir diretamente ao banheiro, e enfiar um dedo na garganta para induzir vômito. Entretanto, considerando o seu histórico médico, ele não podia se dar ao luxo de ser um crítico tão expressivo.

Quando retornou à cozinha para adicionar gelo e mais bebida à sua taça, procurou por White, Celestina no catálogo telefônico de San Francisco. O número estava listado, mas o endereço não.

Pensou em telefonar para ela, mas não sabia o que dizer se ela atendesse.

Embora não acreditasse em destino ou fatalidade, em nada além de si próprio ou em sua própria habilidade em moldar o futuro, Júnior não podia negar o quanto era extraordinário que esta mulher cruzasse o seu caminho neste momento preciso de sua vida, quando ele estava frustrado ao ponto ter de uma hemorragia cerebral por sua incapacidade em encontrar Bartholomew, confuso e nervoso sobre a cantora fantasma e outros eventos aparentemente sobrenaturais em sua vida, e mais tenso do que nunca. Aqui estava um elo com Serafina e, através de Serafina, com Bartholomew.

Os registros de adoção certamente tinham sido mantidos em segredo para Celestina, como para todo mundo. Mas talvez ela soubesse alguma coisa sobre o destino do filho bastardo que Júnior não sabia, um pequeno detalhe que seria insignificante para ela mas que poderia colocá-lo finalmente na pista certa.

Precisava ser cuidadoso em sua abordagem a ela. Não podia tomar nenhuma decisão apressada. Precisava pensar em tudo, delinear uma estratégia. Esta oportunidade valiosa não podia ser desperdiçada.

Com sua bebida refrescante, estudando a fotografia de Celestina na brochura, Júnior voltou para a sala de estar. Ela era tão estonteante quanto Serafina, mas, ao contrário de sua pobre irmã, não estava morta e, portanto, era uma perspectiva interessante para um romance. Com ela, ele deveria aprender tudo que pudesse capaz de ajudá-lo na caça a Bartholomew, sem alertá-la a respeito de sua razão. Ao mesmo tempo, não havia razão para que eles não tivessem um caso, um romance, talvez até um futuro sério juntos.

Como seria irônico se Celestina, a tia do filho bastardo de Serafina, se revelasse a alma gêmea com quem Júnior sonhava nos

últimos anos de relacionamentos insatisfatórios e sexo casual. Isto parecia improvável, considerando a qualidade insípida de suas pinturas, mas talvez ele conseguisse ajudá-la a crescer e a se desenvolver como artista. Ele era um homem de mente aberta, desprovido de preconceitos, de modo que qualquer coisa poderia acontecer depois que a criança fosse encontrada e assassinada.

As lembranças sensuais de sua noite tórrida com Serafina deixaram Júnior excitado. Infelizmente, a única fêmea nas proximidades era a Mulher industrial, e ele não estava tão desesperado assim.

Fora convidado para uma celebração de véspera de Natal com um tema satânico, mas não tinha pretendido ir. A festa não seria realizada por adoradores de Satã autênticos, o que seria interessante, mas por um grupo de jovens artistas, todos ateus, que compartilhavam de um senso de humor perverso.

Júnior afinal decidiu comparecer às festividades, motivado pela perspectiva de se relacionar com uma mulher mais macia que a escultura de Baval Poriferan.

Enquanto saía, enfiou o folheto de “Este Dia Marcante” no bolso do casaco. Seria divertido ver um grupo de jovens artistas de vanguarda analisarem as imagens de cartão-postal de Celestina. Além disso, como o Academy of Art College era a principal faculdade de seu tipo na Costa Oeste, alguns dos convidados talvez a conhecessem e pudessem oferecer-lhe informações úteis.

A festa foi realizada num apartamento cavernoso no terceiro — e último — pavimento de um prédio industrial modificado, a residência comunal e estúdio de um grupo de artistas que acreditavam que arte, sexo e política eram os três martelos da revolução violenta, ou algo parecido.

Um que parecia movido a energia nuclear ribombava músicas dos Doors, Jefferson Airplane, Mamas and the Papas, Strawberry Alarm Clock, Country Joe and the Fish, Lovin’ Spoonful, Donovan (infelizmente), Rolling Stones (irritantemente) e Beatles (insultuosamente). Megatons de música colidiam com as paredes de tijolos, faziam as janelas de moldura de metal reverberarem como tambores numa banda militar e criavam simultaneamente uma atmosfera de possibilidades

empolgantes e uma sensação de que o Apocalipse estava próximo e iria ser divertido.

Tanto os vinhos brancos quanto os tintos eram vagabundos demais para o gosto de Júnior; assim, tomou cerveja Dos Equis, que o deixou alto quando combinada com a inalação de uma quantidade de fumaça de maconha grande o bastante para defumar toda a produção anual de presuntos do estado de Virgínia. Entre os duzentos ou trezentos convidados, alguns estavam viajando em ácido, outros ligados em anfetaminas, alguns exibiam a excitação e a verborragia típicas dos cocainômanos, mas Júnior não sucumbiu a nenhuma dessas tentações.

Tudo que importava para ele era o aperfeiçoamento pessoal e o autocontrole; ele não aprovava nenhuma dessas formas de dependência.

Além disso, notava uma tendência entre os viciados a ficarem deprimidos e a se abrirem com quem estivesse por perto, procurando alcançar a paz através da auto-análise e da confissão. Portanto, se as drogas deixassem Júnior com vontade de se confessar, a consequência poderia ser a morte por eletrocussão, envenenamento por gás ou injeção letal, dependendo da jurisdição e do ano no qual fosse induzido a expor os segredos que guardava no peito.

Falando em peito, a festa estava cheia de mulheres sem sutiã vestidas com suéteres e minissaias, mulheres sem sutiã com camisas de malha e minissaias, mulheres sem sutiã com blusas de seda e calças jeans, mulheres sem sutiã com blusas de sacha e calças colantes. Muitos homens também se moviam pela multidão, mas Júnior mal os notou.

O único homem que despertou o interesse de Júnior — um grande interesse — foi Sklent, o pintor de um nome cujas três telas constituíam a única arte nas paredes do apartamento de Júnior.

O artista, com cerca de 1,82m e mais de cem quilos, parecia muito mais perigoso em pessoa do que na sua foto publicitária. Ainda na casa dos vinte, tinha cabelos brancos que caíam retos até os ombros. Pele branca como a de um cadáver. Os olhos profundos, tão cinzentos quanto a chuva, com um tom rosado como o de um albino, tinham um brilho predador tão arrepiante quanto os olhos de uma pantera. Cicatrizes horríveis varavam seu rosto e manchas vermelhas cobriam as

mãos, como se ele tivesse se defendido com as mãos nuas contra homens armados com espadas.

Mesmo no canto mais distante dos alto-falantes estéreos, as vozes precisavam ser levantadas até nos diálogos mais íntimos. Contudo, o artista que criara No cérebro do bebê reside o parasita do apocalipse, versão 6, possuía uma voz tão profunda, alta e penetrante quanto o seu talento.

Sklent revelou-se zangado, supersticioso, volátil, mas também um homem de imenso poder intelectual. Dotado de uma oratória fascinante e profunda, ele desfiava relatos impressionantes sobre a condição humana, opiniões ousadas mas lógicas sobre arte e conceitos filosóficos revolucionários. Mais tarde, exceto pela parte dos fantasmas, Júnior não conseguiria lembrar uma única palavra dita por Sklent, apenas que seu discurso tinha sido brilhante.

Fantasmas. Sklent era um ateu, mas ainda assim acreditava em espíritos.

Era assim que funcionava: Paraíso, Inferno e Deus não existiam, mas os seres humanos são compostos tanto por energia quanto por carne, e quando a carne acaba, a energia continua.

— Somos a espécie mais teimosa, egoísta, violenta, psicótica e má do universo — explicou Sklent. — E alguns de nós simplesmente se recusam a morrer. O espírito é um aglomerado de energia que às vezes se prende a lugares e pessoas que foram importantes para o indivíduo quando estava vivo. É por causa disso que existem casas assombradas, pobres coitados ainda atormentados por suas esposas mortas, e porcarias desse tipo. E às vezes o aglomerado de energia se liga ao embrião de alguma vagabunda que acaba de ser fodida, e é assim que acontecem as reencarnações. Não é preciso um deus para nada disso. É apenas a forma como as coisas são, e somos apenas um bando de macacos sujos e desprezíveis tentando transpor uma série infinita de barreiras.

Durante dois anos, desde que encontrara a moedinha em seu cheesebúrguer, Júnior estivera procurando por uma forma de metafísica que pudesse abraçar, que combinasse com todas as verdades que aprendera com Zedd, e que não exigisse que ele reconhecesse nenhum poder maior do que o seu. Aqui estava ela. Inesperada. Completa. A

parte sobre macacos e barreiras não fizera muito sentido, mas ele entendera todo o resto, e agora sentia-se envolto numa espécie de paz.

Júnior gostaria de continuar a aprender questões espirituais com Sklent, mas vários outros convidados queriam sua vez com aquele grande homem.

Antes de sair, certo de que faria o artista dar uma boa risada, Júnior tirou o folheto de “Este Dia Marcante” do bolso da jaqueta e, timidamente, pediu a sua opinião sobre as pinturas de Celestina White.

Tomando por base as evidências, talvez Sklent jamais risse, a despeito do quanto a piada fosse boa. Ele fez uma careta ao ver as pinturas no folheto e o devolveu a Júnior.

— Dê um tiro nessa puta — disse Sklent.

Considerando que essa crítica era uma hipérbole divertida, Júnior riu, mas Sklent semicerrou seus olhos virtualmente descoloridos e o riso de Júnior morreu em sua garganta.

— Bem, talvez isso acabe acontecendo — disse Júnior, querendo cair nas boas graças de Sklent, mas arrependendo-se imediatamente por ter proferido essas palavras diante de testemunhas.

Usando o folheto para derreter o gelo, Júnior circulou pela multidão, procurando qualquer um que tivesse cursado o Academy of Art College e pudesse conhecer Celestina White. As críticas às suas pinturas foram uniformemente negativas, frequentemente hilárias, mas nunca tão sucintas e violentas quanto a de Sklent.

Finalmente, uma loura sem sutiã e com botas reluzentes, tão brancas quanto sua minissaia, e uma camisa de malha cor-de-rosa exibindo um desenho em silkscreen do rosto de Albert Einstein, disse: — Sim, eu a conheço. Frequentamos algumas aulas juntas. Não é má pessoa, mas é muito esquisita, especialmente para uma afro-americana.

Quero dizer, você já viu algum negro esquisito? — Nunca. Talvez só o Buckwheat.

— Quem? — gritou ela, embora estivessem empoleirados lado a lado num sofá de couro preto.

Júnior falou ainda mais alto: — Daqueles filmes antigos dos Batutinhas.

— Não gosto de nada velho. Essa tal White tem um gosto estranho por gente velha, prédios velhos, todo tipo de coisa velha. Ela

não entende que é jovem. Dá vontade de agarrar essa mulher, balançar ela e dizer: “Ei, siga em frente.” — O passado é passado.

— É o quê? — gritou.

— Passado! — Pura verdade.

— Mas a minha falecida esposa gostava dos filmes dos Batutinhas.

— Você foi casado? — Ela morreu.

— Tão nova? — Câncer — disse ele, porque era mais trágico e muito menos suspeito que uma queda de uma torre de incêndio no meio da floresta.

Em simpatia, ela pousou uma mão sobre a coxa de Júnior.

— Foram anos difíceis — disse ele. — Perder a minha mulher... e depois sair vivo do Vietnã.

A loura arregalou os olhos.

— Você esteve lá? Ele achava difícil fazer uma revelação pessoal parecer sincera quando gritada, mas conseguiu umedecer os olhos com lágrimas: — Perdi parte do meu pé durante um ataque.

— Que droga, bicho. Puxa, como odeio essa guerra.

A mulher estava a fim dele, assim como uma legião de outras mulheres desde que ele chegara, e assim Júnior tentou equilibrar sedução com coleta de informações.

— Conheci o irmão dela lá no Vietnã — disse Júnior, pousando a mão sobre a da loura, que massageava gentilmente sua coxa. — Depois fui ferido e mandado de volta e perdemos o contato. Nunca o encontrei.

Confusa, a loura perguntou: — Que irmão? — O de Celestina White.

— Ela tem um irmão? — Grande sujeito. Se tiver o endereço de Celestina, tentarei entrar em contato com o irmão dela.

— Eu não a conheci bem. Ela não badalava muito... especialmente depois do bebê.

— Então ela está casada — disse Júnior, deduzindo que Celestina talvez não fosse sua alma gêmea, afinal de contas.

— Talvez esteja. Faz um tempo que não a vejo.

— Perguntei porque você disse “bebê”.

— Não foi a Celestina que teve bebê. Foi a irmã dela. Mas a irmã morreu.

— Sim, eu sei. Mas...

— Então a Celestina ficou.

— Ficou com o quê? — Com o bebê.

Júnior esqueceu por completo a sedução.

— Ela fez o quê? Adotou o bebê da irmã? — Esquisito, não é?

— É um menino chamado Bartholomew? — perguntou.

— Nunca o vi.

— Mas o nome é Bartholomew? — Pode ser até Mijão, eu não sei.

— O quê? — Estou dizendo que não sei o nome. — Ela tirou a mão da coxa de Júnior. — Qual é o seu lance com a Celestina, afinal? — Com licença — disse Júnior.

Saiu da festa e ficou na rua durante algum tempo, respirando lenta e profundamente, deixando o ar frio da noite limpar a fumaça de maconha de seus pulmões. De repente descobriu-se completamente sóbrio, a despeito de toda a cerveja que tinha bebido, e frio como um bife tirado da geladeira, mas não por causa do sereno noturno.

Estava impressionado com o fato dos registros de adoção terem sido selados e guardados com tanto zelo quando a criança havia sido posta sob a guarda de um parente direto, a irmã de sua mãe.

Apenas duas explicações lhe ocorrera. Primeira, a burocracia segue mecanicamente as regras, mesmo quando elas não fazem sentido. Segunda, o Detetive Mais Feio do Mundo, Nolly Wulfstan, era um panaca incompetente.

Júnior não ligava para qual explicação estava correta. Apenas uma coisa importava: a caçada a Bartholomew estava próxima do fim.

Na quarta-feira, 27 de dezembro, Júnior encontrou com Sapo, o forjador de documentos, durante uma matinê de Bonnie e Clyde, uma rajada de balas.

Seguindo instruções recebidas por telefone, Júnior comprou uma caixa grande de flocos de arroz e um saquinho de confeitos de chocolate na bonbonnière, e então sentou-se numa das últimas três fileiras do corredor central, comendo os confeitos, ainda irritado por ter pisado em chiclete mastigado ao caminhar até ali. Tudo que podia fazer agora era esperar que Sapo o achasse.

Repleto de consequências dos atos dos personagens, o filme era violento demais para o gosto de Júnior. Ele quisera marcar o encontro para uma sessão de Doutor Dolittle ou A primeira noite de um homem. Mas Sapo, tão paranoico quanto um rato de laboratório depois de uma vida cheia de experimentos com eletrochoque, insistira em escolher o cinema.

Embora se relacionasse bem com o tema de relativismo moral e autonomia pessoal num mundo de valores neutros, Júnior sentia-se apreensivo a cada cena que prometia violência, e fechava os olhos para não ver sangue. Precisou suportar noventa minutos do filme antes de Sapo finalmente sentar-se na poltrona ao seu lado.

Os olhos esbugalhados do falsário refletiam a luz da tela. Ele lambeu seus lábios borrachudos, e seu pomo-de-adão proeminente balançou ao dizer: — Bem que eu queria afogar o ganso nessa Faye Dunaway! — Júnior olhou-o sem conseguir ocultar sua repulsa.

Sapo não compreendeu que ele era um objeto de repulsa. Balançou as sobrancelhas de uma forma que considerava demonstrativa de camaradagem masculina e cutucou Júnior com um cotovelo.

Havia poucos frequentadores na matinê. Como não havia ninguém sentado perto deles, Júnior e Sapo trocaram abertamente seus pacotes: um envelope de 15x12cm para Sapo, um de 30 x 12 para Júnior.

O falsário tirou um bolo grosso de notas de cem dólares e forçou a vista para inspecionar o dinheiro à luz tremeluzente da sala.

— Vou sair agora, mas você espera até o filme acabar.

— Por que eu não saio, e você espera? — Por que se você tentar isso, eu enfio uma faca no teu olho.

— Foi apenas uma pergunta — disse Júnior.

— Ouça bem, se você sair logo depois de mim, tenho um sujeito de vigia que vai enfiar uma bala de calibre trinta e oito na sua bunda.

— É que estou odiando o filme.

— Você é doido. Este filme ainda vai ser considerado um clássico. Ei, comeu os flocos de arroz? — Eu te disse pelo telefone que não gosto de flocos de arroz.

— Me dá.

Júnior deu a caixa para ele e Sapo saiu do cinema com seu doce e seu dinheiro.

O balé mortal em câmera lenta, durante o qual Bonnie e Clyde são varados por balas, foi a pior cena que Júnior já tinha ouvido num filme. Ele só viu um vislumbre da cena, porque passou o resto do filme de olhos bem fechados.

Nove dias antes, segundo instruções de Sapo, Júnior alugou caixas postais em dois serviços de recebimento de encomendas, usando o nome John Pinchbeck numa, Richard Gammoner na outra, e então deu esses endereços ao falsário. Essas eram as duas identidades para as quais Sapo iria prover documentações detalhadas e convincentes.

Na quinta-feira, 28 de dezembro, usando como identificação carteiras de motorista e cartões de seguro social falsos, Júnior abriu pequenas contas bancárias e também alugou cofres para Pinchbeck e Gammoner em bancos diferentes e com os quais jamais fizera negócios, fornecendo os endereços das caixas postais.

Em cada conta bancária Júnior depositou quinhentos dólares em dinheiro. E em cada cofre, enfiou vinte mil dólares em notas estalando de novas.

Para Gammoner, exatamente como para Pinchbeck, Sapo providenciara: uma carteira de motorista que estava realmente registrada no departamento de veículos automotores da Califórnia e que, portanto, passaria na inspeção de qualquer policial; um cartão do seguro social legítimo; uma certidão de nascimento realmente arquivada no cartório citado e um passaporte autêntico e válido.

Júnior mantinha as duas carteiras de motorista falsas na carteira, além daquela que exibia o seu nome verdadeiro. Guardava todo o resto nos cofres de Pinchbeck e Gammoner, junto com o dinheiro de emergência.

Também concluiu os preparativos para abrir uma conta para Gammoner num banco da ilha Grande Caimã, e uma para Pinchbeck na Suíça.

Não se sentia tão aventureiro desde que chegara do Oregon. Assim, durante o almoço serviu-se de três cálices de um Bordeaux excelente e um filé mignon suculento no saguão do hotel elegante onde jantara em sua primeira noite em San Francisco, quase três anos antes.

A sala deslumbrante parecia inalterada. Até o pianista parecia o mesmo homem que vira tocar naquela época, embora sua camisa

amarelo-rosada, e provavelmente também o seu smoking, fossem novos.

Algumas mulheres atraentes estavam aqui sozinhas, prova de que os hábitos sociais tinham mudado dramaticamente em três anos. Júnior percebeu seus olhares sensuais, sua necessidade, e soube que poderia ter qualquer uma delas.

A tensão que sentia no momento não era a mesma que ele frequentemente aliviava com mulheres. Este era um nervosismo energizante, um enrijecimento não desagradável dos nervos, uma antecipação deliciosa que ele queria desfrutar em sua plenitude — até a recepção na noite em que a exposição de Celestina seria inaugurada, 12 de janeiro. Esta tensão não podia ser aliviada com sexo, mas apenas com o assassinato de Bartholomew, e quando esse momento há tanto aguardado chegasse, Júnior esperava que o alívio fosse mais delicioso que qualquer orgasmo.

Ele tinha considerado descobrir a localização de Celestina — e do bastardo — antes da exposição. Talvez conseguisse seu endereço na secretaria da universidade. Se não, algumas perguntas a mais na comunidades de belas-artes da cidade provavelmente dariam conta do recado.

Entretanto, depois do assassinato de Bartholomew, as pessoas poderiam lembrar do homem que estivera perguntando sobre sua mãe, Celestina. E Júnior não era simplesmente qualquer homem; irresistivelmente bonito, ele deixava uma impressão indelével nas pessoas, especialmente nas mulheres.

Inevitavelmente, os policiais iriam bater em sua porta, cedo ou tarde.

Como ele sabia onde Celestina estaria em 12 de janeiro, não havia motivo para assumir riscos ao encontrá-la mais cedo. Ele tinha muito tempo para se preparar para o seu encontro, tempo para saborear a doce antecipação.

Júnior estava calculando a gorjeta e se preparando para assinar o recibo do cartão de crédito quando o pianista iniciou “Someone to Watch Over Me”. Embora tenha esperado que isso acontecesse desde que entrara ali, estremeceu ao ouvir a melodia.

Como ele constatara em suas duas primeiras visitas — sua primeira noite na cidade e então duas noites depois —, a canção simplesmente fazia parte do repertório do pianista. Nada sobrenatural aqui.

Não obstante, quando assinou o recibo do cartão, a sua assinatura pareceu tremida.

Júnior não sofria uma experiência paranormal desde as primeiras horas da manhã de 18 de outubro, quando acordara de um sonho desagradável com minhocas e besouros para ouvir a cantora fantasma entoar uma serenata a capela. Ao gritar para que ela se calasse, ele acordara os vizinhos.

Agora, a música odiosa o enervava. Ele estava convencido de que se fosse para casa sozinho a cantora fantasma — fosse o espectro vingativo de Victória Bressler ou alguma outra coisa — cantaria para ele mais uma vez.

Afinal de contas ele queria companhia e distração.

Uma mulher excepcionalmente bonita, sozinha no bar, acendeu o desejo de Júnior. Cabelos negros lustrosos: fios do próprio manto da noite, arrancados do céu. Compleição olivácea não menos macia que a seda.

Olhos reluzentes como poças de chuva refletindo o brilho da eternidade e das estrelas.

Ela inspirava o poeta nele.

Raras vezes vira uma mulher tão elegante. Um vestido chanel cor-de-rosa com a saia batendo na altura do joelho, um colar de pérolas no pescoço. Sua silhueta era espetacular, mas ela não a expunha. Estava até mesmo usando sutiã. Nesta época de moda erótica ousada, seu estilo mais recatado era imensamente sedutor.

Sentado na banquetta vazia ao lado desta beldade, Júnior ofereceu-se para pagar-lhe um drinque, e ela aceitou.

Renee Vivi falava com um sotaque sulista aveludado. Vivaz sem ser extravagante, bem-educada e culta mas jamais pretensiosa, direta em sua conversa sem parecer ousada ou petulante, era uma companhia encantadora.

Ela parecia estar no começo da casa dos trinta, talvez seis anos mais velha que Júnior, mas isso não depunha contra ela. Ele não era

mais preconceituoso para com pessoas mais velhas do que era contra pessoas de outras raças e origens étnicas.

Matando ou amando, ele jamais era guiado pelo preconceito. Uma piada íntima, mas verdadeira.

Ele se perguntou como seria fazer amor com Renee e matá-la. Ele já tinha matado uma vez sem um bom motivo. E a pessoa tinha sido um dos Bartholomews que tanto o enfureciam. Prosser, em Terra Linda. Um homem. Naquela ocasião, nenhum elemento erótico estivera envolvido.

Esta seria a primeira vez.

Caim Júnior definitivamente não era um maníaco sexual louco, não era conduzido ao homicídio por desejos bizarros além de seu controle. Uma única noite de sexo e morte — uma indulgência que jamais seria repetida — não requereria uma auto-análise séria ou uma reconsideração de sua auto-imagem.

Duas vezes indicaria uma mania perigosa. Três vezes seria indefensável.

Mas uma vez era uma experimentação saudável. Uma experiência de aprendizado.

Qualquer autêntico aventureiro entenderia.

Quando Renee, docemente alheia ao destino que a aguardava, alegou ter herdado uma fortuna considerável baseada numa indústria de válvulas, Júnior pensou que ela estava inventando a riqueza, ou ao menos exagerando-a, para se tornar mais desejável. Mas quando ele a acompanhou ao lugar em que morava, descobriu um nível de luxo que provava que Renee não era uma moça de classe média com delírios de grandeza.

Levá-la para casa não exigiu nem um passeio de carro nem uma caminhada longa; ela vivia num dos andares superiores do hotel onde Júnior jantara. Os três andares superiores do prédio possuíam imensos apartamentos ocupados por proprietários.

Entrar no apartamento de Renee foi como viajar numa máquina do tempo para outro século, percorrendo também o espaço, até a Europa de Luís XIV. Os cômodos amplos, de pé-direito alto, inundavam os olhos com as cores ricas e as formas pesadas da arte e da mobília do período barroco.

Conchas, folhas de acanto, volutas, guirlandas de flores e pergaminhos — vários deles dourados — decoravam móveis que podiam pertencer ao acervo de museus, como baús de Bombaim, cadeiras, mesas, espelhos enormes, armários e étagères antigos.

Ocorreu a Júnior que matar Renee nesta mesma noite seria um desperdício inimaginável. Em vez disso, ele poderia primeiro casar-se com Renee, divertir-se um pouco com ela, e um dia forjar um acidente ou um suicídio que o deixasse com todos os seus bens, ou ao menos uma parte significativa deles.

Este não iria ser um assassinato pela emoção — que, agora que tivera tempo de pensar a respeito, estava abaixo dele, mesmo se a serviço do crescimento pessoal. Este iria ser um assassinato por uma causa boa e justificável.

Durante os últimos anos, ele tinha descoberto que uns poucos milhões podiam comprar até mais liberdade do que pensara ao empurrar Naomi da torre de incêndio. Uma riqueza maior, na faixa de cinquenta a cem milhões de dólares, compraria não apenas uma liberdade maior, e não apenas a capacidade de realizar aperfeiçoamentos pessoais ainda mais ambiciosos, mas também poder.

A perspectiva do poder intrigava Júnior.

Ele não tinha a menor sombra de dúvida de que conseguiria fazer Renee apaixonar-se e casar-se com ele, a despeito de sua riqueza e sofisticação.

Ele podia moldar mulheres segundo o seu desejo com a mesma facilidade com que Sklent podia pintar suas visões brilhantes em tela, com mais facilidade ainda que Worth Griskin podia moldar o bronze em formas de arte perturbadoras.

Além disso, mesmo antes que tivesse empregado todo o seu charme, mesmo antes que tivesse mostrado que um passeio na máquina do amor de Caim Júnior fazia todos os outros homens parecerem inadequados, Renee estava tão atraída por ele que seria uma boa ideia abrir uma garrafa de champanhe para banhá-la quando a combustão espontânea destruísse o seu vestido chanel.

Na sala de estar, a janela maior e central emoldurava uma vista magnífica, e a janela, por sua vez, era emoldurada por cortinas de seda amarela. Uma espreguiçadeira grande, estofada com um tecido exótico,

posava contra esse fundo de cidade e seda. Renee puxou Júnior para a espreguiçadeira, desesperada para ser possuída ali.

Renee tinha a boca tão ávida quanto macia, e seu corpo curvilíneo irradiava calor vulcânico. Mas quando deslizou as mãos por baixo da saia de Renee, a mente fervilhando com pensamentos de sexo, poder e riqueza, Júnior descobriu que a herdeira era um herdeiro, com uma genitália mais adequada a um calção de boxeador que a uma lingerie de seda.

Saltou para longe de Renee rápido como um disparo de rifle. Atordoado, repugnado, humilhado, afastou-se da espreguiçadeira, cuspiendo, limpando a boca, xingando.

Incrivelmente, Renee veio até ele, lânguida e sedutora, tentando acalmá-lo e seduzi-lo de volta para um abraço.

Júnior quis matá-la. Matar ele. Mas sentiu que Renee conhecia mais do que um pouco sobre luta suja e que o resultado de um confronto violento não poderia ser predito com facilidade.

Quando Renee compreendeu que esta rejeição era completa e final, ela — ele, qualquer coisa — transformou-se de uma dama sulista encantadora em um réptil peçonhento. Olhos reluzindo com fúria, lábios contorcidos expondo os dentes, ela chamou-o com uma ampla variedade de nomes feios, alinhavando epítetos com tanta facilidade e riqueza que aumentou o vocabulário de Júnior mais do que todos os cursos que ele tinha feito.

— E encare isso, menino bonito, você sabia o que eu era desde o momento em que me ofereceu uma bebida. Você sabia, e você queria, você queria a mim, e perdeu a coragem quando a gente ia pros finalmentes.

Perdeu a coragem, menino bonito, mas não perdeu o tesão.

Recuando sem dar as costas para a sua anfitriã, tentando encontrar com o tato o caminho até a ante-sala e a porta da frente, com medo de que se esbarrasse numa cadeira e Renee avançasse contra ele como uma águia contra um ratinho, Júnior negou as acusações.

— Como eu podia saber? Olha só para você! Como eu podia saber? — Eu tenho um pomo-de-adão bem evidente, não tenho? — guinchou Renee. Sim, ela tinha, mas não era dos maiores, e comparado à maçã na garganta de Sapo, o pomo-de-adão de Renee não era mais do

que uma cereja, fácil de ser ignorado, não grande demais para uma mulher.

— E quanto às minhas mãos, menino bonito, as minhas mãos?
— rosnou.

As mãos dela eram as mais femininas que Júnior já vira. Finas, macias, mais bonitas que as de Naômi. Ele não tinha a menor ideia do que ela estava falando.

Arriscando tudo, Júnior deu as costas para ela e fugiu, e apesar de suas expectativas em contrário, Renee deixou-o escapar.

Mais tarde, em casa, ele gargarejou até ter drenado metade de uma garrafa de anti-séptico bucal sabor menta, tomou a ducha mais longa de sua vida e então usou a outra metade do anti-séptico bucal.

Jogou fora sua gravata, porque no elevador, enquanto descia da cobertura de Renee — ou Renê —, e mais uma vez na caminhada de volta até o seu apartamento, Júnior esfregara a língua nela. E ao pensar melhor, jogou fora tudo que estivera usando, inclusive os sapatos.

Jurou que também se livraria de todas as memórias desse incidente. No best-seller de Caesar Zedd Como negar o poder do passado, o autor oferece uma série de técnicas para expurgar da mente todas as lembranças dos eventos que nos causaram danos psicológicos, dor, ou mesmo um mero embaraço. Júnior foi para a cama com seu precioso exemplar desse livro e um cálice de conhaque cheio quase até a borda.

Havia uma lição valiosa a ser aprendida com esse encontro com Renee Vivi: muitas coisas nesta vida não são o que aparentam. Contudo, Júnior considerou que não valeria a pena aprender essa lição se para isso tivesse de viver com a memória vívida de sua humilhação.

Graças a Caesar Zedd e Rémy Martin, Júnior acabou sendo levado pelas correntes do sono, e enquanto vagava em suas ondas de veludo, consolou-se com o fato de que, acontecesse o que acontecesse, 29 de dezembro seria um dia melhor do que 28 de dezembro.

Estava completamente errado a esse respeito.

Na última sexta-feira de cada mês, sob sol ou chuva, Júnior rotineiramente fazia uma caminhada pelas seis galerias que eram as suas favoritas, demorando-se em cada uma e conversando com os marchands, com uma pausa de uma hora para almoçar no Hotel St.

Francis. Esta era uma tradição para ele e, invariavelmente, no fim de cada um desses dias, ele se sentia deliciosamente extenuado.

Sexta-feira, 29 de dezembro, era um grande dia: fresco mas não frio; nuvens altas e espalhadas ornamentando um céu azul. As ruas estavam agradavelmente movimentadas, mas não cheias como os corredores de uma colmeia, como acontecia às vezes. Os nativos de San Francisco, sempre agradáveis, ainda estavam tomados pelo espírito das festas de fim de ano e, portanto, mais sorridentes e corteses que o usual.

Depois de um almoço esplêndido, tendo acabado de sair da quarta galeria em sua lista e caminhando a passos largos para a quinta, Júnior não viu imediatamente a fonte das moedas. De fato, quando a primeira rajada de três moedas de 25 cents atingiram o lado de seu rosto, ele nem entendeu o que elas eram. Estarrecido, gritou de dor e olhou para baixo enquanto elas quicavam na calçada.

Plaft, plaft, plaft! Mais três moedinhas ricochetearam do lado esquerdo de seu rosto — têmpora, bochecha, queixo.

Enquanto os trocados batiam no concreto aos seus pés, Júnior — plaft, plaft — viu a fonte das duas rajadas seguintes. Eram cuspidas da ranhura vertical de pagamento de uma máquina de venda de jornais. Uma acertou o seu nariz, as outras duas tilintaram em seus dentes.

A máquina, uma numa fileira de quatro, não estava preenchida com jornais comuns, que custavam apenas dez centavos de dólar, mas com um tabloide direcionado a swingers heterossexuais.

A batida no coração de Júnior ressoou tão alta quanto tiros de canhão.

Ele andou para trás e para o lado, para longe da linha de fogo da máquina de venda.

Como se uma das moedas tivesse se enfiado em sua orelha e acionasse uma velha canção na jukebox de sua mente, Júnior ouviu a voz de Vanadium no quarto de hospital, em Spruce Hills, na noite do dia em que Naomi morrera: Quando cortou a corda de Naomi, você colocou um fim nos efeitos que a sua música exerceria nas vidas de outras pessoas e na forma do futuro...

Outra máquina ao lado da primeira, cheia de exemplares de uma publicação sexualmente explícita direcionada a gays, disparou uma

moeda que acertou a testa de Júnior.

... Você gerou um desafino que, embora muito leve, pode ser ouvido até o canto mais distante do universo...

Se Júnior estivesse mergulhado até o peito em concreto líquido, teria mais mobilidade do que tinha agora. Não sentia as suas pernas.

Incapaz de correr, levantou os braços defensivamente, cruzando-os na frente de seu rosto, embora o impacto das moedas não fosse doloroso. Mais moedinhas atingiram seus dedos, palmas, pulsos.

... Esse desafino gera muitas outras vibrações, algumas das quais voltarão para você das formas que espera...

As máquinas de venda eram projetadas para aceitar moedas, não para ejetá-las. Elas não davam troco. Mecanicamente, esta função não era possível. ... e outras de formas que você nem imagina...

Dois rapazes adolescentes e uma senhora idosa agacharam-se na calçada para catar as gotas da chuva de moedas. Eles conseguiram pegar umas, mas outras quicaram e correram sobre seus dedos, e então rolaram até cair no esgoto.

... Das formas que você nem imagina, eu sou a pior...

Além desses carniceiros, havia outra presença aqui, uma presença que não podia ser vista, mas podia ser sentida. Essa entidade invisível provocou em Júnior um arrepio que o atravessou até a medula: o teimoso, violento e psicótico aglomerado de energia que já fora Thomas Vanadium, o tira maníaco, insatisfeito em assombrar a casa na qual morrera, ainda não preparado para buscar a reencarnação, mas disposto a perseguir o seu suspeito mesmo depois da morte, agindo como — para citar Sklent — um macaco invisível, sujo e desprezível, fazendo estripulias bem aqui na rua, à luz do dia.

Das formas que você nem imagina, eu sou a pior.

Um dos caçadores de moedas esbarrou em Júnior, libertando-o de sua paralisia, mas quando ele capengou para fora da linha de fogo da segunda máquina de venda, uma terceira disparou moedas contra ele.

Das formas que você nem imagina, eu sou a pior... Eu sou a pior... Eu sou a pior...

Aterrorizado pelo tilintar provocado pelo detetive maníaco ao esvaziar seus bolsos fantasmais, Júnior correu dali.

Capítulo 60

KATHLEEN À LUZ DAS VELAS, seus olhos castanhos acesos com o reflexo da chama âmbar. Martínis gelados, azeitonas extras num prato branco raso.

Através da janela ao lado da mesa, a baía lendária também reluzia, mais escura e fria que os olhos de Kathleen, e nem uma fração tão profunda quanto eles.

Nolly, contando a história de seu dia de trabalho, parou enquanto o garçom entregava os dois antepastos de caranguejo com molho de mostarda.

— Nolly, Sra. Wulfstan... bom apetite! Durante as primeiras mordidas de caranguejo empanado em farinha de milho, Nolly interrompeu a conversa. Que delícia.

Kathleen observou-o, sabendo que ele estava saboreando não apenas o petisco, mas o fato de estar mantendo-a em suspense.

Música de piano entrou no restaurante vinda do bar adjacente, tão suave e ainda assim tão animada que faria o tilintar dos talheres de prata parecerem música, também. Finalmente, Nolly disse: — E então ali estava o sujeito, mãos na frente do rosto, moedas quicando nele, enquanto crianças e uma senhora ceavam o dinheiro no chão.

— Então o truque funcionou! — exclamou Kathleen, sorrindo. Nolly fez que sim com a cabeça.

— Desta vez Jimmy “Engenhoca” mereceu o dinheiro que lhe paguei.

O técnico que montara as caixas cuspidoras de moedas era James Hunnicolt, mas todos o chamavam de Jimmy “Engenhoca”. Era especializado em vigilância eletrônica, e sabia instalar câmeras e gravadores nos objetos mais improváveis. Era capaz de fazer qualquer coisa que exigisse um design mecânico inventivo.

— Umás duas moedas acertaram bem nos dentes dele — disse Nolly.

— Aprovo qualquer coisa que aumente a clientela dos dentistas.

— Queria descrever a cara que ele fez, mas não é possível. O Abominável Homem das Neves não seria tão branco. O furgão de vigilância estava estacionado ali perto, dois espaços ao sul das máquinas de venda...

— Uma vista de camarote.

— Foi tão divertido que me senti culpado por não pagar por aqueles lugares. Quando a terceira máquina começou a cuspir moedas nele, Caim saiu correndo como um menininho fugindo de um cemitério à meia-noite.

A lembrança fez Nolly rir de novo.

— Mais divertido que divórcio, hein? — Você devia ter visto, Kathleen. Ele esbarrava nos transeuntes, e quando não conseguia contornar as pessoas, empurrava-as para fora do caminho. Por três longos quarteirões, eu e Jimmy observamos o crápula, até ele dobrar a esquina. Foram três quarteirões ladeira acima, e aquela ladeira mataria um atleta olímpico, mas ele não reduziu o passo uma única vez.

— O homem estava com um fantasma na sua cola.

— Acho que ele acreditou.

— Este é um caso muito doido — disse ela, balançando a cabeça.

— Assim que Caim sumiu, arrancamos as nossas máquinas de venda adulteradas e tiramos as verdadeiras do furgão e as instalamos de novo.

Rapidez e eficiência. As pessoas ainda estavam catando moedas na calçada quando terminamos. E sabe o mais engraçado? Elas queriam saber onde a câmera estava.

— Não brinca. Eles...

— Sim, eles pensaram que era um programa de pegadinhas da tevê.

Assim, Jimmy apontou para o caminhão da United Parcel estacionado do outro lado da rua e disse que as câmeras estavam lá.

Ela bateu palmas de puro deleite.

— Demos partida no furgão e, quando saímos, as pessoas estavam acenando para o caminhão da UPS no outro lado da rua.

Quando viu as pessoas acenando, o motorista, que estava de pé diante do caminhão, ficou confuso, mas acenou de volta.

Nolly adorava a gargalhada de Kathleen, tão musical e infantil. Ele podia fazer todo tipo de palhaçada, a qualquer momento, apenas para ouvi-la rir.

— Por que acha que ele está gastando o dinheiro dele com todos esses truques? — perguntou Kathleen, não pela primeira vez.

— Ele disse que tem uma responsabilidade moral.

— Sim, mas já andei pensando nisso. Se ele sente algum tipo de responsabilidade... então por que defendeu o Caim? — Ele é um advogado, e recebeu a visita de um marido viúvo com um grande caso de ação contra o governo. Ele precisava ganhar a vida, certo? — Mesmo achando que esse sujeito talvez tivesse empurrado a mulher? Nolly deu de ombros.

— Ele não tinha como ter certeza. Além disso, só desconfiou de Caim depois de ter aceitado o caso.

— Caim ganhou milhões. De quanto foi a comissão de Simon?

— Vinte por cento. Oitocentos e cinquenta mil pratas.

— Deduzindo o que pagou a você, ele ainda fica com oitenta mil.

— Simon é um bom homem. Agora que praticamente sabe que Caim empurrou a esposa, não se sente bem representando-o só porque o pagamento foi alto. E ele não é o advogado de Caim no caso atual, de modo que não há nenhum conflito de interesses, nenhum dilema ético.

Tudo que quer é endireitar um pouco as coisas.

Em janeiro de 1965, Magusson mandara Caim para Nolly como cliente, sem saber ao certo por que o crápula precisava de um detetive particular. O motivo revelou ser o bebê de Serafina White. O aviso de Simon para tomar cuidado com Enoch Caim ajudara a moldar a decisão de Nolly em ocultar a informação sobre o paradeiro da criança.

Dez meses depois, Simon telefonou de novo, também a respeito de Caim, mas desta vez o advogado era o cliente e Caim o alvo. O que Simon queria que Nolly fizesse era estranho, para dizer o mínimo, e poderia ser classificado como assédio, mas não exatamente ilegal. E assim, durante dois anos, começando com a moeda de 25 cents no

cheesebúrguer e terminando com as máquinas cuspidoras de moedas, tudo aquilo tinha sido muito divertido.

— Bem, mesmo se o dinheiro não fosse tão bom, ficarei com pena se este caso terminar — disse Kathleen.

— Eu também. Mas não vai acabar até encontrarmos o homem.

— Faltam duas semanas. Não vou perder isso. Já cancelei todos os compromissos para esse dia.

Nolly levantou a taça de martíni num brinde.

— A Kathleen Klerkle Wulfstan, dentista e detetive associada. Ela retribuiu o brinde: — Ao meu Nolly, marido e, sempre, o melhor namorado do mundo. — Deus, como ele a amava.

— Vitela digna de reis — disse seu garçom ao entregar os pratos, e uma única prova confirmou a promessa.

A baía reluzente e as velas bruxuleantes proporcionavam a atmosfera perfeita para a canção que começou a ser tocada no piano do bar.

Embora o piano ficasse a uma certa distância dali e o restaurante estivesse um pouco barulhento, Kathleen reconheceu logo a melodia.

Levantou os olhos de sua vitela, olhos cheios de surpresa.

— Foi a pedido — admitiu. — Estava esperando que você cantasse.

Mesmo a esta luz suave, Nolly pôde vê-la ruborizar como uma menininha.

Ela olhou em volta para as mesas próximas.

— Considerando que sou o melhor namorado do mundo e esta é a nossa canção.

Ela soergueu as sobrancelhas ao ouvir nossa canção.

— Nunca tivemos realmente uma canção nossa, a despeito do quanto dançamos — disse Nolly. — Acho que esta é merecedora do título. Mas, até agora, você só a cantou para outro homem.

Ela baixou o garfo, olhou ao redor mais uma vez e se inclinou sobre a mesa. Ruborizando ainda mais forte, cantou suavemente as frases iniciais de “Someone to Watch Over Me”.

Uma mulher mais velha, sentada na mesa ao lado, disse: — Você tem uma voz adorável, minha querida. — Embaraçada, Kathleen

parou de cantar, mas Nolly disse à mulher: — É mesmo uma voz adorável, não é? Até assombrosa, eu diria.

Capítulo 61

RUMO AO NORTE pela rodovia costeira, seguindo para Newport Beach, Agnes viu maus presságios, quilômetro após quilômetro.

As colinas verdejantes ao leste jaziam como gigantes adormecidos sob lençóis de grama invernal, brilhando ao sol da manhã. Mas quando as sombras das nuvens saíram do mar e se reuniram sobre a terra, as colinas ficaram verde-escuras, tão sinistras quanto mortilhas, e a paisagem que até aqui parecera sonolenta agora parecia morta e fria.

Inicialmente, o Pacífico não podia ser visto além de uma lente opaca de neblina. E mesmo depois, quando a neblina recuou, o mar em si tornou-se um presságio de cegueira: achatado e descolorido à luz da manhã, a água vítrea lembrando-a os olhos rasos dos cegos, da vacância triste e terrível de onde não existe visão.

Barty acordara apto a ler. Na página, as linhas das letras não mais se contorciam aos seus olhos.

Embora sempre tivesse sido esperançosa, Agnes sabia que uma esperança fácil costumava ser uma esperança falsa, e não se permitiu acreditar, nem mesmo por um segundo, que o problema do menino tinha se resolvido sozinho. Outros sintomas — as auréolas e os arco-íris — tinham desaparecido por algum tempo, apenas para retornar.

Agnes tinha lido a segunda metade de Planeta vermelho para Barty na noite anterior, mas ele havia trazido o livro, para relê-lo.

Embora, aos olhos de Agnes, o mundo natural estivesse fazendo previsões funestas nesta manhã, ela também estava ciente de sua grande beleza. Ela queria que Barty armazenasse cada vista magnífica, cada detalhe de beleza.

Contudo, os meninos jamais se comovem com o cenário, especialmente não quando seus corações estão vivendo aventuras em

Marte.

Barty leu em voz alta enquanto Agnes dirigia, porque ela tinha desfrutado o romance apenas a partir da página 104. Ele queria compartilhar com ela as aventuras de Jim, Frank e seu companheiro marciano, Willis.

Embora temesse que a leitura pudesse forçar os seus olhos, piorando sua condição, ela reconhecia a irracionalidade de seu medo. Os músculos não se atrofiam com o uso, nem os olhos desgastam ao ver muito.

Depois de quilômetros de preocupação, beleza natural, profecias imaginadas, e as areias vermelhas de Marte, finalmente chegaram ao consultório de Franklin Chan, em Newport Beach.

Baixo e magro, o dr. Chan era calmo como um monge budista, e confiante e gracioso como um imperador mandarim. Seus modos eram serenos, e com isso ele gerava tranquilidade.

Durante meia hora estudou os olhos de Barty com diversos mecanismos e instrumentos. Depois, marcou um compromisso imediato com um oncologista, como Joshua Nunn previra.

Quando Agnes pressionou-o por um diagnóstico, o dr. Chan, sempre muito calmo, alegou precisar de mais informações. Depois que Barty tivesse se consultado com o oncologista e realizado mais exames, ele e sua mãe voltariam à tarde para receber um diagnóstico e opções de tratamento.

Agnes estava grata pela velocidade com que esses arranjos estavam sendo feitos, mas também perturbada com isso. A pressa de Chan em cuidar do caso de Barty provinha em parte de sua amizade com Joshua, mas uma urgência se revelara durante seu exame do menino, e uma suspeita de que ele continuava relutante em colocar em palavras.

O Dr. Morley Schurr, o oncologista, que tinha consultório num edifício nas proximidades do Hoag Hospital, era um homem alto e corpulento, mas fora isso muito parecido com Franklin Chan: gentil, calmo e confiante.

Ainda assim, Agnes o temeu por motivos semelhantes aos que fariam um primitivo supersticioso tremer na presença de um curandeiro. Embora seu propósito fosse curar, seu conhecimento sombrio dos

mistérios do câncer parecia conceder-lhe um poder quase divino; seu julgamento portava a força da fatalidade, e sua voz era a do destino.

Depois de examinar Barty, o Dr. Schurr mandou-os para o hospital para mais testes. Ali passaram o resto do dia, exceto por uma pausa de uma hora, durante a qual almoçaram numa lanchonete.

Durante o almoço e, de fato, durante suas horas como paciente ambulatorial no hospital, Barty não deu nenhuma indicação de compreender a gravidade de sua situação. Ele continuou alegre, encantando os médicos e técnicos com sua personalidade serena e sua oratória precoce.

À tarde, o Dr. Schurr chegou ao hospital para revisar os resultados dos exames e reexaminar Barty. Quando o crepúsculo de começo de inverno deu lugar à noite, ele mandou Barty de volta para o Dr. Chan, e Agnes não pressionou Schurr por uma opinião. Durante o dia inteiro estivera impaciente por um diagnóstico, mas subitamente odiava ter os fatos à sua disposição.

Na curta viagem de volta ao oftalmologista, Agnes chegou a considerar passar direto pelo prédio do Dr. Chan e continuar em frente — sempre em frente —, rumo à noite estrelada de dezembro, não apenas de volta a Bright Beach, onde as más notícias chegariam pelo telefone, mas a lugares tão distantes que o diagnóstico jamais poderia alcançá-los, onde a doença permaneceria sem nome e portanto sem nenhum poder sobre Barty.

— Mamãe, você sabia que cada dia em Marte é trinta e sete minutos e vinte e sete segundos mais longo que os nossos? — É engraçado, mas nenhum dos meus amigos marcianos nunca mencionou isso.

— Adivinhe quantos dias tem um ano marciano.

— Bem, é mais distante do sol...

— Duzentos e vinte e cinco milhões de quilômetros! — Então... uns quatrocentos dias? — Muito mais. Seiscentos e oitenta e sete. Eu gostaria de viver em Marte, e você? — Lá a gente teria de esperar mais tempo pelo Natal — conjeturou Agnes. — E pelos nossos aniversários. Bem, pelo menos eu economizaria muito dinheiro em presentes.

— Você não me engana, mamãe. Eu te conheço. Teríamos Natal duas vezes por ano e festas em todos os meio-aniversários.

— Você acha que tenho um coração de manteiga, não acha? —
Acho. Mas também acho que é uma mãe muito boa.

Como se tivesse sentido a relutância de sua mãe em retornar ao dr. Chan, Barty mantivera-a ocupada com informações sobre o planeta vermelho enquanto se aproximavam do prédio comercial e percorriam a rua e o caminho de acesso à garagem. Ao estacionar o carro, Agnes finalmente abdicou da fantasia de uma viagem infinita pela estrada.

Às quinze para as seis, bem depois do fim do horário comercial, o consultório do Dr. Chan estava silencioso.

Rebecca, a recepcionista, ficara depois da hora apenas para fazer companhia a Barty na sala de espera. Enquanto Rebecca sentava numa cadeira ao lado de Barty, o menino perguntou se a moça sabia como era a gravidade em Marte, e quando ela confessou sua ignorância, ele disse: — Apenas trinta e sete por cento da nossa. Em Marte, você pode pular pra valer! O Dr. Chan conduziu Agnes ao seu escritório, onde fechou discretamente a porta.

As mãos de Agnes tremiam, seu corpo inteiro tremia, e em sua mente ressoava um som trepidante, como o de rodas de um carrinho de montanha-russa correndo sobre trilhos soltos.

Quando o oftalmologista percebeu o sofrimento de Agnes, a sua expressão ficou mais gentil, e a piedade mais palpável.

Nesse instante, ela conheceu a forma medonha do futuro, se não todos os seus detalhes.

Ao invés de sentar-se atrás de sua mesa, ele se acomodou na segunda das duas cadeiras de pacientes, ao lado dela. Isto, também, indicava más notícias.

— Sra. Lampion, a experiência me ensinou que em casos como estes é mais misericordioso ser direto — disse o médico. — O seu filho tem um retinoblastoma. Um tumor maligno da retina.

Embora tivesse sentido uma falta profunda de Joey durante os últimos três anos, Agnes jamais sentira tanta falta dele quanto sentia agora. O casamento é uma expressão de amor, respeito, confiança e fé no futuro, mas a união de marido e esposa também é uma aliança contra as mudanças e as tragédias da vida, uma promessa de que comigo ao seu lado, você jamais estará só.

— O perigo é que o câncer se dissemine do olho para a órbita, e ao longo do nervo ótico até o cérebro — explicou o Dr. Chan.

Para não ver a piedade de Franklin Chan, que implicava o quanto a condição de Barty era desesperançada, Agnes fechou os olhos. Mas os abriu imediatamente, porque optar pela escuridão a fez lembrar que Barty iria obtê-la sem desejar.

A compostura de Agnes era ameaçada pelo tremor do corpo. Ela era mãe e pai de Barty, sua única rocha, e precisava ser sempre forte para ele. Num ato de pura força de vontade, cerrou os dentes e firmou o corpo, gradualmente aquietando os tremores.

— Em geral o retinoblastoma é unilateral, ocorrendo em apenas um olho — continuou o Dr. Chan. — Bartholomew apresenta tumores em ambos os olhos.

O fato de que Barty via manchas distorcidas fechando um olho ou o outro, preparara Agnes para esta notícia terrível. Ainda assim, a despeito da defesa que o conhecimento prévio lhe proporcionava, os dentes da tristeza morderam fundo.

— Em casos como este, o tumor costuma ser mais avançado num olho que no outro. Se o tamanho do tumor exigir isso, removemos o olho mais maculado e tratamos o olho remanescente com radiação.

Confiei em Vossa misericórdia, Senhor, pensou Agnes desesperadamente, buscando conforto no Salmo 13:5.

— Frequentemente, os sintomas aparecem cedo o bastante para que a terapia num ou em ambos os olhos, tenha chance de funcionar. Às vezes, a ocorrência de estrabismo, quando um ou ambos os olhos divergem um do outro para dentro, na direção do nariz, ou para fora, na direção da têmpora, funciona como um aviso prematuro. Porém, é mais comum que sejamos alertados quando o paciente reporta problemas de visão.

— Manchas torcidas.

Chan fez que sim com a cabeça.

— Considerando o estágio avançado dos tumores de Bartholomew, ele deveria ter se queixado mais cedo.

— Os sintomas vêm e vão. Hoje ele está conseguindo ler.

— Isso também é incomum, e eu gostaria que a etiologia desta doença, que é muito bem compreendida, nos desse motivos para nutrir

esperanças com base na intermitência dos sintomas. Mas ela não dá.

Tende misericórdia, segundo Vossa palavra.

Poucas pessoas passarão a maior parte de sua juventude estudando, lutando para obter o aprendizado necessário a uma especialidade médica, a não ser que tenham uma paixão pela cura. Franklin Chan tinha essa paixão, em particular pela preservação da visão, e Agnes podia ver que a angústia dele, ainda que um reflexo pálido da sua, era real e sentida profundamente.

— A massa desses tumores sugere que eles em breve irão se disseminar, se é que já não se disseminaram, do olho para a órbita. Neste caso, não há nenhuma chance de que a terapia por radiação funcione, e mesmo se houvesse chances, não temos tempo para experimentar isso. Nenhum tempo. O Dr. Schurr e eu concordamos que, para salvar a vida de Bartholomew, ambos os olhos devem ser removidos imediatamente.

— Imediatamente — disse Agnes. — O que isso significa? — Amanhã de manhã.

Agnes olhou para suas mãos entrelaçadas. Mãos feitas para trabalhar, e sempre prontas para assumir qualquer tarefa. Mãos fortes, ágeis e confiáveis, mas agora absolutamente inúteis para ela, incapazes de executar o único milagre que ela precisava.

— O aniversário de Barty será daqui a oito dias. Eu esperava...

Os modos do Dr. Chan continuaram profissionais, proporcionando a força de que Agnes precisava, mas sua dor foi evidente quando a voz gentil suavizou ainda mais: — Os tumores estão tão avançados que só depois da cirurgia poderemos saber até onde se espalharam. Talvez já seja tarde demais. E, se não for tarde demais, então dispomos de pouco tempo. Pouquíssimo. Oito dias podem significar um risco grande demais.

Fez que sim com a cabeça. E não conseguiu levantar os olhos de suas mãos. Não conseguiu fitar os olhos do médico, receando que a preocupação dele alimentasse a sua, temendo que a visão da sua fizesse com que ela perdesse o controle de suas emoções.

Depois de algum tempo, Franklin Chan perguntou.

— Quer que eu ajude você a contar a ele? — Acho... acho melhor só eu e ele.

— Aqui no meu escritório? — Tudo bem.

— Quer ficar algum tempo sozinha antes que eu o traga? Ela fez que sim com a cabeça.

Ele se levantou, abriu a porta.

— Sra. Lampion...

— Sim? — respondeu Agnes sem olhar para cima.

— Ele é um menino maravilhoso, tão inteligente, tão cheio de vida. A cegueira será difícil, mas não será o fim. Ele vai conseguir viver sem a luz.

No começo, será difícil, mas este menino... ele ainda vai brilhar.

Ela mordeu o lábio inferior, segurou a respiração, reprimiu o soluço que tentou escapar de sua garganta e disse: — Eu sei.

O Dr. Chan fechou a porta ao sair.

Agnes inclinou-se à frente em sua cadeira: joelhos juntos, mãos pousadas nos joelhos, testa encostada nessas mãos.

Pensou que já soubesse tudo sobre humildade, sobre como ela era necessária, sobre o poder de conceder paz de espírito e curar o coração, mas nos minutos que se seguiram ela aprendeu mais sobre a humildade do que em cada dia anterior de sua vida.

Os tremores retornaram, ficaram mais violentos que antes... e então mais uma vez passaram.

Durante algum tempo ela não conseguiu respirar ar suficiente. Sentia-se sufocada. Arfou forte e seguidamente, e chegou a pensar que jamais conseguiria se acalmar. Mas a calma chegou.

Não querendo assustar Barty com lágrimas, e temendo não conseguir parar depois que começasse a chorar, Agnes fechou com força as suas comportas. A responsabilidade maternal provou-se tão forte quanto o material de que as represas eram feitas.

Levantou-se da cadeira, caminhou até a janela e preferiu levantar a persiana a olhar por entre suas brechas. A noite, as estrelas.

O universo era vasto e Barty era pequeno, mas a alma imortal do menino era tão importante quanto as galáxias, tão importante quanto qualquer coisa na Criação. Agnes acreditava nisso. Ela não conseguiria tolerar a vida sem a convicção de que ela tinha propósito e significado, embora às vezes tivesse a impressão de ser um pardal cuja queda passara despercebida.

Barty sentara-se à beira da mesa do médico, pernas balançando, segurando Planeta vermelho, um dedo inserido entre as páginas marcando o ponto em que a leitura fora interrompida.

Agnes levantara-o da mesa. Agora alisou o cabelo dele, ajeitou sua camisa e amarrou os cadarços soltos dos sapatos, descobrindo que dizer o que precisava ser dito era ainda mais difícil do que ela esperara. Ela pensou que, afinal de contas, devia requisitar a presença do Dr. Chan.

Então, subitamente, encontrou as palavras certas. Mais precisamente, elas pareceram vir através dela, porque Agnes não teve consciência de formular as sentenças. A substância de suas palavras e o tom com que foram proferidas foram tão perfeitos que ela quase teve a impressão de que um anjo estava poupando-a dessa tarefa, possuindo-a por tempo suficiente para ajudar Barty a entender o que precisava acontecer e por quê.

Barty possuía um domínio matemático e uma capacidade de leitura maior que a maioria dos jovens de dezoito anos, mas apesar de seu brilhantismo ainda faltavam três dias para que ele completasse seu terceiro aniversário. Prodígios nem sempre eram tão maduros no plano emocional quanto eram no intelectual, mas Barty ouviu com atenção, fez perguntas, e então ficou sentado em silêncio, fitando o livro em suas mãos, sem lágrimas nem medo aparente.

Finalmente, disse: — Você acha que os médicos têm razão? — Sim, querido, acho.

Barty pousou o livro ao seu lado na mesa e estendeu os braços para ela.

Agnes puxou-o para seus braços e levantou-o da mesa, abraçando-o com força, com sua cabecinha no ombro dela, e seu rostinho aninhado em seu pescoço, como ela o segurara quando era ainda um bebê.

— Não podemos esperar até segunda? — perguntou o menino.

Ela poupou o filho de duas informações: o câncer já podia ter-se disseminado e o menino talvez morresse mesmo tendo seus olhos removidos — e que se a doença ainda não tivesse se espalhado, em breve iria.

— Por que segunda? — Estou conseguindo ler agora. As letras não estão mais distorcidas.

— Elas vão voltar.

— Mas durante o fim de semana eu talvez consiga ler uns últimos livros.

— Heinlein, não é? Ele sabia os títulos que queria: Túnel do céu, Entre planetas, Starman Jones. Carregando-o até a janela, olhando para as estrelas, a lua, ela disse: — Eu sempre vou ler pra você, Barty.

— Mas isso é diferente.

— Sim, é diferente sim.

Heinlein sonhava com viagens para mundos distantes. Antes de sua morte, John Kennedy prometera que os homens caminhariam na lua antes do final da década. Barty não queria nada tão grandioso, apenas ler algumas histórias, para perder-se no mundo maravilhosamente privado dos livros, porque em breve cada história seria apenas uma experiência auditiva, não mais uma jornada inteiramente íntima.

A respiração do menino bateu quente na garganta de Agnes: — E quero voltar pra casa para ver alguns rostos.

— Rostos? — Tio Esaú. Tio Jacó. Tia Maria. Para eu poder lembrar dos rostos depois de... você sabe.

O céu era tão profundo, tão frio.

A lua tremeluziu, as estrelas borraram — mas apenas por um instante, porque a devoção de Agnes a este menino era uma fornalha feroz que temperava o aço de sua espinha e trazia um calor seco aos seus olhos.

Sem a aprovação plena de Franklin Chan, mas com sua compreensão completa, Agnes levou Barty para casa. Na segunda, eles voltariam para o Hoag Hospital, onde Barty seria operado na terça.

A biblioteca de Bright Beach ficava aberta até as nove horas da noite de sexta-feira. Chegando uma hora antes de fechar, eles devolveram os romances de Heinlein que Barty já tinha lido e pegaram os três que ele queria. Num espírito otimista, retiraram um quarto, Podkayne of Mars.

Novamente no carro, a um quarteirão de casa, Barty disse: — Acho melhor você não contar ao tio Esaú e ao tio Jacó até domingo à noite. Eles não vão reagir bem, sabe? — Eu sei — respondeu Agnes.

— Se contar a eles agora, não vamos ter um fim de semana feliz. Um fim de semana feliz. A atitude do menino surpreendeu-a, e sua força diante da escuridão deu coragem à sua mãe.

Em casa, Agnes não sentiu qualquer apetite, mas fez para Barty um sanduíche de queijo, serviu uma colherada de salada de batatas num prato, acrescentou um saco de batatas fritas e uma Coca-Cola, e serviu este jantar tardio numa bandeja, no quarto dele, onde já estava na cama e lendo Túnel no céu.

Esaú e Jacó chegaram à casa perguntando o que o Dr. Chan tinha dito, e Agnes mentiu para eles.

— O doutor só vai receber os resultados dos exames na segunda, mas ele acha que vão ser bons.

Se algum dos dois suspeitou que Agnes estava mentindo, foi Esaú. Ele pareceu intrigado, mas não insistiu no assunto.

Ela pediu a Esaú que ficasse na casa principal, para não deixar Barty sozinho enquanto ela estivesse na casa de Maria Gonzalez, onde permaneceria por uma ou duas horas. Ele ficou feliz em ajudá-la e se sentou diante da tevê para assistir a um documentário sobre vulcões, que prometia incluir histórias sobre a erupção de 1902 do monte Pelee, na Martinica, que matou 28 mil pessoas numa questão de minutos, e outros desastres de proporções colossais.

Agnes sabia que Maria estava em casa, esperando que ela telefonasse para contar sobre Barty.

Chegava-se ao apartamento sobre a loja Elena's Fashions através de um conjunto de escadas externas nos fundos do prédio. A subida jamais deixara Agnes cansada, mas agora roubou seu fôlego e deixou-a com as pernas tremendo ao chegar ao patamar superior.

Maria parecia agitada ao atender à campainha, porque intuía que uma visita, em vez de um telefonema, significava o pior.

Na cozinha de Maria, ainda poucos dias depois do Natal, Agnes deixou que sua máscara estoica se dissolvesse e finalmente chorou.

Mais tarde, em casa, depois de mandar Esaú de volta para o seu apartamento, abriu uma garrafa de vodca que comprara no caminho ao voltar da casa de Maria. Ela misturou-a com suco de laranja num copo de água.

Sentou-se à mesa da cozinha, fitando o copo. Depois de algum tempo, esvaziou-o na pia sem tomar um único gole.

Serviu-se de leite gelado e bebeu depressa. Enquanto lavava o copo vazio, teve a impressão de que iria vomitar, mas isso não aconteceu.

Durante um longo tempo, sentada sozinha na sala de estar escura, na cadeira de braços que tinha sido a favorita de Joey, pensou em muitas coisas mas frequentemente recordou quando Barty tinha caminhado na chuva sem se molhar.

Às duas e dez da manhã, subiu ao quarto de Barty e encontrou o menino dormindo profundamente à luz suave do abajur, Túnel no céu ao seu lado.

Ela se enrodilhou na cadeira de braços, observando Barty. Estava faminta por vê-lo. Pensou que não adormeceria, que passaria a noite a observá-lo, mas acabou vencida pela exaustão.

Logo depois das seis da manhã de sábado ela acordou sobressaltada de um pesadelo e viu Barty sentado na cama, lendo.

Durante a noite, ele acordara, vira-a na poltrona, e a cobrira com um cobertor. Sorrindo, puxando o cobertor mais para cima, ela disse: — Você cuida bem da sua velha mãe, sabia? — Você faz tortas gostosas.

Pega de surpresa pela piada, ela soltou um riso gostoso.

— Bem, ficou feliz de saber que presto para alguma coisa. Tem alguma torta especial que você quer que eu faça hoje? — Amendoim. Creme de coco. E musse de chocolate.

— Três tortas, hein? Você vai virar um porquinho gordo.

— Eu divido com vocês — assegurou ele.

Assim começou o primeiro dia do último fim de semana de suas vidas antigas.

Maria visitou-os no sábado. Ficou sentada na cozinha, bordando o colarinho e as mangas de uma blusa, enquanto Agnes assava tortas.

Barty estava sentado à mesa da cozinha, lendo *Entre planetas*. Vez por outra, Agnes flagrava-o observando Maria trabalhar, ou estudando seu rosto e suas mãos habilidosas.

Ao pôr-do-sol, o menino ficou parado no quintal dos fundos, observando entre os galhos do carvalho gigante o céu laranja escurecer para coral, para vermelho, para púrpura, para azul-escuro.

Ao amanhecer, Barty e sua mãe foram até o mar, ver as ondas, douradas pelo sol matutino, deitarem espuma na praia. Eles admiraram as gaivotas e espalharam pedaços de pão na areia, o que atraiu uma miríade de seres alados para a terra.

No domingo, véspera do Ano-novo, Esaú e Jacó foram jantar. Depois da sobremesa, quando Barty foi ao seu quarto para continuar lendo Starman Jones, que ele começara no final daquela tarde, Agnes contou aos gêmeos a verdade sobre os olhos do sobrinho deles.

O esforço que os gêmeos fizeram para colocar sua tristeza em lágrimas comoveu Agnes, não tanto pelo sentimento dos dois, mas porque eles não eram capazes de se expressar adequadamente. Sem o alívio proporcionado pela expressão, a angústia dos dois tornara-se corrosiva. Toda uma vida de introversão deixara-os sem habilidades sociais para se abrir ou para prover conforto aos outros. Pior, suas obsessões com a morte, em todos os seus meios e mecanismos, preparara-os para esperar o câncer de Barty, e isso não os deixava chocados nem consolados, mas apenas resignados. No fim, extremamente frustrados, cada um dos gêmeos conseguiu expressar apenas frases fragmentadas, gestos limitados, lágrimas silenciosas — e Agnes tornou-se a única capaz de consolá-los.

Eles queriam subir ao quarto de Barty, mas ela não permitiu, porque não havia nada mais que pudessem fazer pelo menino do que já tinham feito por ela.

— Ele quer terminar de ler Starman Jones, e não vou deixar que vocês atrapalhem. Vamos para Newport Beach às sete da manhã. Se quiserem ver Barty, apareçam para se despedir da gente.

Logo depois das nove da noite, uma hora depois que Esaú e Jacó tinham ido embora, Barty desceu as escadas, livro na mão.

— As manchas contorcidas voltaram.

Agnes serviu uma bola de sorvete de baunilha para cada um deles num copo alto, e depois de vestirem rapidamente os seus pijamas, sentaram-se juntos na cama de Barty e tomaram o sorvete enquanto ela lia em voz alta as últimas sessenta páginas de Starman Jones.

Nenhum fim de semana jamais passou tão rápido, e nenhuma meia-noite jamais trouxe tanto medo.

Naquela noite, Barty dormiu na cama de sua mãe.

Logo depois de desligar a luz, Agnes disse: — Querido, faz uma semana desde que você caminhou onde não havia chuva, e tenho pensado muito nisso.

— Não precisa ter medo disso — assegurou ele novamente.

— Bem, isso ainda me dá medo. Mas o que estive pensando... quando você fala sobre todos os modos que as coisas são... existe algum lugar onde você não tenha esse problema nos olhos? — Claro. É assim que funciona com tudo. Tudo que pode acontecer acontece, e cada modo diferente de acontecer forma um lugar completamente novo.

— Não entendi. Ele suspirou.

— Eu sei.

— Você vê esses outros lugares? — Apenas sinto eles.

— Mesmo quando caminha neles? — Eu não caminho realmente neles. Eu apenas caminho... na ideia deles.

— Acho que você não consegue esclarecer isso um pouco mais para a sua velha mãe, consegue? — Talvez algum dia. Agora não.

— Então... esses lugares são muito distantes? — Estão todos juntos aqui, agora.

— Outros Bartys e outras Agnes em outras casas como esta... todos juntos aqui, agora.

— Isso.

— E em alguns desses lugares o seu pai está vivo.

— Isso.

— E em algum deles eu morri na noite em que você nasceu e você vive sozinho com seu pai.

— Em alguns lugares foi preciso ser assim.

— E em alguns lugares foi preciso que os seus olhos estivessem normais? — Existem muitos e muitos lugares onde não tenho olhos ruins. E em muitos e muitos lugares eles estão piores ou não estão tão ruins.

Agnes continuava intrigada com essas coisas que Barty dizia, mas uma semana antes, no cemitério açoitado pela chuva, ela descobrira que o discurso do menino tinha substância.

— Querido, estive pensando numa coisa... — disse Agnes depois de hesitar um pouco. — Será que você poderia caminhar por onde não tem olhos ruins, como caminhou por onde não tinha chuva, e deixar os tumores nesse outro lugar? Poderia caminhar por onde tem olhos bons e voltar com eles? — Não funciona dessa maneira.

— Por que não? — Eu não sei.

— Pode pensar sobre isso para mim? — Claro. É uma boa pergunta. — Ela sorriu.

— Obrigada. Eu te amo, querido.

— Também te amo.

— Já fez suas preces silenciosas? — Vou fazer agora.

Agnes deitou-se ao lado do filho na escuridão, olhando para a janela coberta, onde o brilho fraco da lua atravessava a persiana, sugerindo outro mundo repleto de vidas alienígenas por trás de uma fina membrana de luz.

Quase dormindo, Barty falou com seu pai em todos os lugares onde Joey ainda existia: — Boa noite, papai.

A fé que Agnes nutria dizia-lhe que o mundo era infinitamente complexo e cheio de mistérios, e de uma forma peculiar tudo que Barty dissera sobre possibilidades infinitas sustentaram sua crença e deram-lhe o conforto do sono.

Na manhã de segunda, primeiro dia do ano, Agnes carregou duas malas até a porta dos fundos, pousou-as no soalho da varanda, e piscou de surpresa ao ver o Ford Country Squire amarelo e branco de Esaú estacionado no caminho de acesso para a garagem. Ele e Jacó estavam colocando suas malas no carro.

Eles caminharam até Agnes e pegaram a bagagem que ela deixara no chão.

— Eu dirijo — disse-lhe Esaú.

— Vou sentado na frente, com Esaú — disse Jacó.—Você vai atrás com Barty. Em todos os seus anos, nenhum dos gêmeos jamais pusera um pé fora dos limites de Bright Beach. Ambos pareciam nervosos, mas determinados.

Barty saiu da casa com o exemplar da biblioteca de Podkayne of Mars, que sua mãe prometera ler para ele mais tarde, no hospital. — Vamos todos? — perguntou Barty.

— É o que está parecendo — respondeu Agnes.

— Uau.

— Exatamente.

Apesar da iminência de grandes terremotos, explosões de caminhões carregados com dinamite, tornados formando-se em algum lugar, a possibilidade funesta de que uma grande represa se rompesse ao longo da rota, tempestades de gelo armazenadas nos céus imprevisíveis, aviões e trens desgovernados convergindo para a rodovia costeira e a possibilidade de que uma mudança súbita e violenta no eixo da Terra exterminasse a civilização humana, Esaú e Jacó arriscaram cruzar os limites de Bright Beach e viajar para o norte, rumo a territórios desconhecidos e cheios de perigos.

Enquanto o carro viajava pela costa, Agnes começou a ler Podkayne of Mars para Barty: — “Durante toda a minha vida eu quis ir para a Terra. Não para viver, é claro, mas apenas para conhecê-la. Como todos sabem, a Terra é um lugar maravilhoso para visitar, mas não para viver. Não é um lugar adequado à habitação humana.” No banco da frente, Esaú e Jacó murmuraram suas concordâncias com os sentimentos do narrador.

Na noite de segunda-feira, Esaú e Jacó ocuparam unidades adjacentes num motel perto do hospital. Eles ligaram para o quarto de Barty para dar a Agnes o seu número e reportar que tinham inspecionado dezoito estabelecimentos antes de encontrar um que lhes parecera comparativamente seguro.

Em consideração à idade tenra de Barty, o dr. Franklin providenciara para que Agnes passasse a noite no quarto do seu filho, na segunda cama, que no momento não era necessária para um paciente.

Pela primeira vez em muitos meses, Barty não quis dormir no escuro.

Eles deixaram a porta do quarto aberta, admitindo um pouco do brilho fluorescente do corredor.

A noite pareceu mais longa que um mês marciano. Agnes teve um sono agitado, acordando mais de uma vez, suada e trêmula, de um sonho no qual seu filho era-lhe tomado em pedaços: primeiro os olhos, depois as mãos, então as orelhas, as pernas...

O hospital estava mergulhado num silêncio aterrorizante, quebrado apenas pelo guinchado ocasional de sapatos de sola de borracha no assoalho de vinil do corredor.

À primeira luz do dia, uma enfermeira apareceu para executar a preparação cirúrgica preliminar em Barty. Ela puxou os cabelos do menino para trás e capturou-os debaixo de uma touca apertada. Com creme e uma navalha com borda segura, raspou suas sobrancelhas.

Depois que a enfermeira tinha saído, sozinho com sua mãe enquanto esperavam que o enfermeiro trouxesse uma maca de rodas, Barty disse: — Chegue mais perto.

Ela já estava parada ao lado da cama do menino. Ela se debruçou sobre ele.

— Mais perto.

Ela abaixou seu rosto até o dele. Barty levantou a cabeça e esfregou o nariz no dela.

— Esquimó — disse Barty — Esquimó — repetiu Agnes.

— A Sociedade dos Aventureiros Bons do Pólo Norte está agora em sessão — sussurrou Barty.

— Todos os membros presentes — proclamou Agnes.

— Eu tenho um segredo.

— Nenhum membro da sociedade jamais violou uma confidência secreta — assegurou-lhe Agnes.

— Estou com medo.

Durante seus 33 anos de vida, Agnes muitas vezes precisara ser forte, mas jamais tanto quanto agora, quando devia conter suas emoções e ser uma rocha para Barty.

— Não tenha medo, querido. Estou aqui. — Envolveu uma das mãos do filho com as suas duas. — Estarei esperando. Sempre estarei com você.

— Você não está com medo? Se Barty fosse qualquer outro menino de três anos, Agnes teria dito uma mentira gentil. Mas ele era uma criança miraculosa, o seu prodígio, e iria perceber se ela mentisse.

— Sim — admitiu Agnes, rosto próximo ao dele. — Estou com medo.

Mas o Dr. Chan é um bom cirurgião, e este é um hospital muito bom.

— Quanto tempo vai levar? — Não muito.

— Vou sentir alguma coisa? — Vai estar dormindo, meu bem.

— Deus está olhando? — Sim, sempre.

— Tenho a impressão de que ele não está olhando.

— Ele está aqui tanto quanto eu, Barty. É muito ocupado, com um universo inteiro para governar, com tantas pessoas de quem cuidar, não apenas aqui, mas também em outros planetas, como naqueles sobre os quais você tem lido.

— Eu não tinha pensado nos outros planetas.

— Bem, com tantas responsabilidades sobre os ombros, Ele nem sempre pode cuidar da gente diretamente, com toda a atenção a cada minuto. Mas pelo menos Ele está sempre olhando para a gente com o canto do Seu olho.

Você vai ficar bem. Eu sei que vai.

A maca, uma roda guinchando. O enfermeiro jovem por trás dela, todo vestido em branco. E novamente a enfermeira.

— Esquimó — sussurrou Barty.

— Esquimó — respondeu Agnes.

— Esta reunião da Sociedade dos Aventureiros Bons do Pólo Norte está oficialmente encerrada.

Segurou o rosto de Barty com ambas as mãos e beijou cada um dos seus olhos lindos como joias.

— Está pronto? Um sorriso frágil: — Não.

— Nem eu — admitiu Agnes.

— Então vamos.

O enfermeiro colocou Barty sobre a maca de rodas.

A enfermeira cobriu-o com um lençol e acomodou um travesseiro debaixo de sua cabeça.

Tendo sobrevivido à noite, Esaú e Jacó aguardavam no corredor. Cada um deles beijou seu sobrinho, mas nenhum dos dois conseguiu falar.

A enfermeira foi na frente, enquanto o enfermeiro empurrava a maca por trás da cabeça de Barty.

Agnes caminhou ao lado do filho, segurando com firmeza sua mão direita.

Esaú e Jacó flanquearam a maca de rodas, cada um segurando um dos pés através do lençol que os cobria, escoltando-os com a mesma determinação pétrea que se vê nos rostos dos agentes do Serviço Secreto que protegem o presidente dos Estados Unidos.

No final do corredor, o enfermeiro sugeriu que Esaú e Jacó tomassem outro elevador e os encontrassem no pavimento cirúrgico.

Esaú mordeu o lábio inferior, balançou a cabeça e continuou a segurar teimosamente o pé esquerdo de Barty.

Segurando com força o pé do menino, Jacó observou que um elevador poderia descer em segurança, mas se eles tomassem dois, um ou outro certamente cairia no fundo do poço, considerando o quanto eram indignas de confiança todas as máquinas feitas pelo homem.

A enfermeira comentou que a capacidade máxima do elevador permitia que todos viajassem juntos, se eles não se importassem de ir um pouco apertados.

Eles não se importaram, e para baixo foram numa descida controlada que, não obstante, pareceu rápida demais para Agnes.

As portas abriram e eles empurraram a maca de Barty de um corredor para o seguinte, passando pelas pias de assepsia, até uma enfermeira que os aguardava paramentada com roupas cirúrgicas: touca, máscara e jaleco verdes. Sozinha, ela efetuou a transferência do menino para a pressão positiva da cirurgia.

Enquanto era empurrado, de cabeça para a frente, até a sala de operação, Barty levantou-se um pouco do travesseiro e fixou o olhar em sua mãe até a porta ser fechada entre eles.

Agnes manteve o sorriso o melhor que conseguiu, querendo que a última visão que Barty tivesse do rosto de sua mãe não fosse uma expressão de desespero.

Com seus irmãos, ela caminhou até a sala adjacente, onde os três sentaram-se para beber o café de uma máquina de venda automática.

Ocorreu a Agnes que o lacaio tinha chegado, conforme a previsão nas cartas naquela noite, há tanto tempo. Ela esperara que o lacaio fosse um homem de olhos cruéis e coração mau, mas a maldição era o câncer, não um homem.

Desde sua conversa com Joshua Nunn na quinta-feira anterior, ela tivera mais de quatro dias para se proteger do pior. Preparou-se para isso tão bem quanto qualquer mãe que ainda detinha controle sobre sua sanidade.

Ainda assim, seu coração não conseguia perder esperanças por um milagre. Este menino extraordinário, um prodígio, um menino que podia andar por onde a chuva não estava, já era ele próprio um milagre, e parecia que qualquer coisa podia acontecer, que o dr. Chan poderia subitamente entrar correndo na sala de espera, máscara cirúrgica pendendo do pescoço, sorriso estampado no rosto, com notícias de uma rejeição espontânea do câncer.

Dali a algum tempo, o cirurgião realmente apareceu, trazendo a boa notícia de que nenhum dos tumores se disseminara para a órbita do nervo ótico, mas ele não tinha nenhum milagre maior a reportar.

Em 2 de janeiro de 1968, quatro dias antes de seu aniversário, Bartholomew Lampion renunciou aos seus olhos para poder continuar vivo, e aceitou uma vida de escuridão, sem nenhuma esperança de ver a luz novamente, até que chegasse a sua hora de partir deste mundo para um melhor.

Capítulo 62

PAUL DAMASCUS ESTAVA caminhando pela Costa Norte da Califórnia: Point Reyes Station até Tomales; dali, para Bodega Bay; e dali para Stewarts Point, Gualala e Mendocino. Alguns dias ele chegava a fazer dezesseis quilômetros, e em outros ele percorria quase cinquenta.

Em 3 de janeiro de 1968, Paul estava a menos de 400km de Spruce Hills, Oregon. Contudo, não tinha se apercebido da proximidade da cidade, e no momento não a tinha como seu destino.

Com a determinação de um aventureiro de pulp magazines, Paul caminhou sob sol e chuva. Caminhou no calor e no frio. Nem ventos nem raios o detinham.

Nos três anos desde a morte de Perri, ele caminhara milhares de quilômetros. Ele não tinha mantido um registro da distância acumulada, porque não estava tentando entrar no Guinness ou provar nada.

Durante os primeiros meses, as jornadas eram de doze ou quinze quilômetros: ao longo da linha da costa ao norte e ao sul de Bright Beach, e pelo interior até o deserto além das colinas. Ele saía de casa e retornava no mesmo dia.

Sua primeira viagem noturna, em junho de 1965, fora para La Jolla, 20 km ao norte de San Diego. Ele carregara uma mochila muito grande e usara calças caqui quando devia ter usado calções devido ao calor do verão.

Essa fora a primeira — e até agora a última — caminhada longa que ele fez com um propósito em mente. Ele fora ver um herói.

Num artigo de revista sobre o herói, fora feita uma menção passageira sobre um restaurante onde ocasionalmente esse grande homem almoçava.

Partindo depois do anoitecer, Paul caminhara para o sul, seguindo a rodovia costeira. No começo foi acompanhado pelo ruído dos carros passando a grande velocidade, mas depois escutou apenas o canto ocasional de uma garça, o sussurro da brisa na grama, o murmúrio

das ondas quebrando na areia. Sem se esforçar demais, ele alcançou La Jolla ao amanhecer.

O restaurante não era fino. Uma lanchonete. No ar, um cheiro gostoso de bacon e ovos fritando, o odor acanelado de doces frescos, o aroma inebriante de café forte. Instalações limpas e bem iluminadas.

Paul estava com sorte: o herói estava aqui, tomando o café da manhã.

Ele e mais dois homens sentavam-se a uma mesa de canto, absortos em conversa.

Paul sentou-se sozinho, no fundo do restaurante. Pediu suco de laranja e waffles.

A caminhada curta através do salão, até a mesa do herói, parecia mais desafiadora que a jornada que acabara de completar. Paul não era ninguém, apenas um farmacêutico de cidade pequena que a cada mês comparecia menos ao trabalho, confiando que seus funcionários preocupados cuidassem das coisas por ele, e que estava fadado a perder o seu negócio se não recuperasse a autodisciplina. Jamais realizara um grande feito, jamais salvara uma vida. Não tinha nenhum direito de incomodar este homem, e agora descobriu que também não tinha coragem para fazê-lo.

Ainda assim, sem nenhuma lembrança de ter-se levantado da cadeira, descobriu que tinha pendurado sua mochila num ombro e cruzado a sala.

Os três homens olharam para ele, curiosos.

A cada passo de sua longa caminhada noturna, Paul pensara no que iria dizer, no que deveria dizer, caso este encontro se concretizasse. Agora todas as palavras decoradas tinham desertado.

Abriu a boca mas continuou mudo. Descolou a mão direita de seu flanco e a levantou. Meneou os dedos no ar, como se as palavras necessárias pudessem ser colhidas do éter. Sentia-se estúpido, ridículo.

Evidentemente, o herói estava acostumado a encontros desta natureza.

Ele se levantou e puxou a quarta cadeira, que estava desocupada.

— Por favor, sente conosco.

Esta gentileza não deixou Paul à vontade para falar. Em vez disso, sentiu a garganta apertar, segurando ainda mais forte a sua voz.

Ele queria dizer: Os políticos vaidosos e sedentos por poder que ordenam ovações das multidões ignóbeis, as estrelas dos esportes e os canastrões do cinema que são chamados de heróis e jamais objetam contra isso, deviam encolher-se de vergonha à menção do seu nome. A sua visão, a sua luta, os anos de trabalho árduo, a sua fé imorredoura quando todos ao seu redor duvidavam, os riscos que assumiu com sua carreira e reputação...

formam uma das grandes histórias da ciência, e eu me sentiria honrado se pudesse apertar sua mão.

Paul não proferiu uma palavra sequer desse discurso decorado, mas sua afonia frustrante talvez tenha sido uma boa coisa. Considerando tudo que sabia sobre este herói, elogios tão efusivos iriam deixá-lo embaraçado.

Em vez disso, enquanto se acomodava na cadeira oferecida, tirou uma foto de Perri da carteira. Era uma velha fotografia em preto e branco dos tempos de escola, ligeiramente amarelada pela idade, tirada em 1933, o ano que ele começara a apaixonar-se por ela, quando ambos tinham apenas treze anos.

Como se já lhe tivessem mostrado muitas outras fotos sob circunstâncias semelhantes, Jonas Salk pegou-a.

— Sua filha? Paul balançou a cabeça negativamente. Deu-lhe uma segunda foto de Perri, esta tirada no Natal de 1964, menos de um mês antes de sua morte.

Estava deitada em sua cama na sala de estar, corpo encolhido, mas rosto ainda belo e vivo.

Quando finalmente encontrou sua voz, a dor a fez sair entrecortada: — Minha esposa. Perri. Perris Jean.

— É muito bonita.

— Casados... por vinte e três anos.

— Quando ela adoeceu? — perguntou Salk.

— Tinha quase quinze anos... 1935.

— Um ano terrível para o vírus.

Perri ficara aleijada dezessete anos antes que a vacina de Jonas Salk poupasse gerações da maldição da poliomielite.

— Eu queria que você... não sei... eu apenas queria que você a visse. Eu queria dizer... dizer...

As palavras lhe fugiram novamente e olhou em torno, como se alguém na lanchonete fosse aproximar-se para falar com ele. Percebeu então que as pessoas o olhavam, e o constrangimento amarrou sua língua num nó ainda mais apertado.

— Por que não damos uma caminhada juntos? — perguntou o médico.

— Sinto muito. Eu interrompi. Fiz uma cena.

— Você não fez cena nenhuma — assegurou o Dr. Salk. — Preciso falar com você. Se me conceder um pouco do seu tempo...

O verbo precisar, no lugar de querer, impulsionou Paul a seguir o médico através da lanchonete.

Do lado de fora, ele percebeu que não tinha pago por seu suco e waffles.

Quando virou-se para a lanchonete, ele viu, através de uma das janelas, um dos amigos de Salk pegar a conta em sua mesa.

Colocando um braço em torno dos ombros de Paul, o Dr. Salk caminhou com ele ao longo de uma rua alinhada com eucaliptos e pinheiros, até um parquinho próximo. Sentaram-se num banco ao sol, observando patos andarem à margem do laguinho artificial.

Salk ainda segurava as duas fotografias.

— Me fale de Perri.

— Ela... ela morreu.

— Sinto muito.

— Há cinco meses.

— Eu realmente gostaria de saber sobre ela.

Embora seu desejo em exprimir sua admiração por Salk tivesse deixado Paul confuso, as palavras sobre Perri saíram com facilidade. Sua inteligência, bondade, sabedoria, gentileza, beleza e coragem eram os fios numa trama narrativa que Paul poderia continuar tecendo pelo resto de seus dias. Desde sua morte, não fora capaz de falar sobre ela com nenhum de seus conhecidos, porque os amigos tendiam a focar nele, em seu sofrimento, quando Paul queria apenas que eles compreendessem Perri melhor, para entender que pessoa extraordinária ela tinha sido. Paul queria que ela fosse lembrada depois de sua morte,

queria que sua graça e energia fossem recordadas e respeitadas. Perri fora uma mulher boa demais para partir sem deixar uma marca, e o pensamento de que sua memória morreria com o próprio Paul era angustiante.

— Eu posso falar com você — disse a Salk. — Você vai entender. Ela era uma heroína. A única pessoa com uma alma realmente heroica que conheci até encontrar você. Li sobre heróis por toda a minha vida, em pulp magazines e livros de bolso. Mas Perri... ela era uma heroína de verdade.

Ela não salvou dezenas de milhares... centenas de milhares... de crianças, como você fez, não mudou o mundo, como você fez, mas enfrentou cada dia sem se queixar e viveu para os outros. Não através dos outros. Para eles. Pessoas visitavam minha esposa para compartilhar seus problemas com ela, e Perri as ouvia, e se importava. E as pessoas também a visitavam para levar boas notícias, porque sabiam que ela ficaria feliz. As pessoas pediam conselhos a Perri, e embora ela fosse inexperiente, carecesse de vivência em tantas coisas, sempre sabia o que dizer, Dr. Salk. Sempre dizia a coisa certa. Tinha um grande coração e uma sabedoria natural, e se importava muito com os outros.

Estudando as fotos, Jonas Salk disse: — Gostaria de tê-la conhecido.

— Era uma heroína, exatamente como você. Eu queria que você... Eu queria que a visse e conhecesse o seu nome. Perri Damascus. Esse foi o nome dela.

— Jamais vou esquecer — prometeu o Dr. Salk. Com sua atenção ainda focada nas fotos de Perri, ele acrescentou: — Mas acho que está me dando crédito demais. Não fiz o trabalho sozinho. Muitas pessoas dedicadas estiveram envolvidas.

— Eu sei. Mas todo mundo diz que você...

— E você também está se dando muito pouco crédito — continuou Salk, gentilmente. — Não há a menor dúvida em minha mente de que Perri era uma heroína. Mas ela também foi casada com um herói.

Paul meneou a cabeça.

— Não, não. As pessoas olham o nosso casamento e pensam que abri mão de muita coisa, mas recebi muito mais do que abdiquei.

O Dr. Salk devolveu as fotos, pousou uma mão no ombro de Paul e sorriu.

— Mas é sempre assim, você não sabia? Os heróis sempre colhem muito mais do que plantam. O ato de dar assegura o ato de receber.

O médico se levantou, e Paul se levantou com ele.

— Posso lhe dar uma carona para algum lugar? — indagou o herói.

— Não, estou caminhando.

— Estou feliz por você ter me procurado.

Paul não conseguiu imaginar mais nada para dizer.

— Pense no que eu lhe disse — clamou o Dr. Salk. — A sua Perri gostaria que você pensasse nisso.

Então o herói entrou num carro com seus amigos e o veículo se afastou rumo ao sol.

Tarde demais, Paul pensou em mais uma coisa que ele gostaria de ter dito. Era tarde, mas disse mesmo assim: — Deus o abençoe.

Continuou olhando até o carro se tornar um pontinho na distância. E depois que o veículo tinha desaparecido, Paul fitou o local na rua onde ele estivera, e continuou olhando enquanto um vento animava a paisagem, jogando folhas de eucaliptos aos seus pés; continuou olhando até finalmente se virar e iniciar a longa jornada de volta para casa.

Continuou caminhando desde então, com breves intervalos em Bright Beach.

Admitindo a possibilidade de jamais voltar a se dedicar seriamente à farmácia, Paul vendeu-a a Jim Kessel, há muito tempo seu braço-direito e colega farmacêutico.

Ficou com a casa, porque era um altar dedicado à vida com Perri.

Voltava a ela de tempos em tempos, para refrescar o espírito.

Durante o restante desse primeiro ano, caminhou até Palm Springs e voltou, uma viagem circular de mais de trezentos quilômetros, e para o norte até Santa Bárbara.

Na primavera e no verão de 1966, voou para Memphis, Tennessee, permaneceu ali durante alguns dias, e caminhou 463

quilômetros para St.

Louis. De St. Louis caminhou 453 quilômetros para Kansas City, Missouri.

Em seguida, tomou o sudeste para Wichita. De Wichita até Oklahoma City.

De Oklahoma City para leste, rumo a Fort Smith, Arkansas, de onde viajou de volta para Bright Beach numa série de ônibus da companhia Greyhound.

Um pouco poucas vezes dormia ao relento, passando as noites principalmente em motéis baratos, pensões e albergues da ACM.

Na mochila leve, carregava uma muda de roupas, meias sobressalentes, barras de chocolate, garrafas de água. Planejava suas jornadas de modo a estar numa cidade a cada anoitecer, onde lavava um conjunto de roupas e vestia o outro.

Viajou por pradarias, montanhas e vales, passou por campos ricos em todos os tipos imagináveis de plantações, cruzava florestas amplas e rios largos. Caminhou debaixo de tempestades ferozes quando trovões ressoavam pelo céu e raios o riscavam, caminhou a um vento que espalhava a terra do solo e derrubava galhos de árvores, caminhou também ao sol, em dias em que o céu estava tão claro e limpo quanto nos dias do Jardim do Éden.

Os músculos de suas pernas ficaram tão duros quanto os terrenos nos quais andava. Coxas de granito; panturrilhas de mármore, traçadas por veias.

Apesar dos milhares de horas que Paul caminhou a pé, ele quase não se perguntava por que caminhava. Conheceu pessoas ao longo do caminho que lhe perguntaram isso, e sempre teve respostas para elas, mas jamais soube se alguma dessas respostas era verdadeira.

Às vezes pensava que caminhava por Perri, usando os passos que ela tinha armazenado e jamais usado, concedendo expressão ao seu desejo não concretizado de viajar. Em outros momentos, pensava que caminhava pela solidão que lhe permitia lembrar de sua vida em detalhes minuciosos — ou esquecê-la. Para encontrar a paz — ou buscar aventura. Para obter um entendimento através da contemplação... ou para expurgar todos os pensamentos de sua mente. Para ver o mundo... ou para livrar-se dele.

Talvez esperasse que os coiotes o perseguissem através de um crepúsculo sombrio ou que um leão da montanha saltasse sobre ele durante um alvorecer faminto, ou um motorista bêbado o atropelasse.

No fim, a razão para caminhar era o ato em si. Caminhar dava-lhe algo a fazer, um propósito necessário. Movimento tornou-se o mesmo que significado. Movimento tornou-se um remédio para a melancolia, um preventivo para a loucura.

Através de colinas cobertas por neblina e arborizadas com carvalhos, bordos e coníferas variadas, através de fileiras magníficas de sequoias que alcançavam até noventa metros de altura, ele chegou a Weott na tarde de 3 de janeiro de 1968. Passou a noite ali. Se Paul tinha algum objetivo ao norte nesta viagem, era a cidade de Eureka, quase oitenta quilômetros adiante; e ele não tinha motivo nenhum para escolhê-la como alvo, a não ser comer os caranguejos de Humboldt Bay em sua origem, porque essa sempre fora uma das comidas favoritas de Perri.

De seu quarto de hotel, telefonou para Hanna Rey em Bright Beach. Ela ainda cuidava de sua casa em tempo parcial, pagava as contas de um fundo especial enquanto ele viajava e o mantinha informado sobre os eventos em sua cidade. Foi através de Hanna que ele soube que os olhos de Barty Lampion tinham sido perdidos para o câncer.

Paul recordou a carta que escrevera para o reverendo Harrison White algumas semanas depois da morte de Joey Lampion. Ele levava a carta consigo ao voltar da farmácia para casa no dia em que Perri morreu, para pedir a sua opinião. A carta jamais fora remetida.

Ainda guardava de cabeça o parágrafo de abertura, porque o redigira com grande cuidado: Saudações neste dia marcante. Estou escrevendo a você para falar sobre uma mulher extraordinária, Agnes Lampion, cuja vida você tocou sem saber, e cuja história pode lhe interessar.

Seu raciocínio tinha sido de que o reverendo White poderia encontrar em Agnes, a amada Moça das Tortas de Bright Beach, um assunto para inspirar uma continuação do sermão que tocara profundamente a Paul — que jamais fora nem batista nem religioso praticante — quando ele o ouvira no rádio há mais de três anos.

Contudo, ele agora não estava pensando no que a história de Agnes poderia significar para o reverendo White, mas que o pastor poderia prover ao menos algum conforto a Agnes, que passara toda a sua vida confortando os outros.

Depois de jantar numa lanchonete de beira de estrada, voltou para o seu quarto e estudou um mapa amassado do oeste dos Estados Unidos, o último de vários que ele gastara durante os anos. Dependendo do clima e da inclinação do terreno ele seria capaz de alcançar Spruce Hills, Oregon, em dez dias.

Pela primeira vez desde que caminhara para La Jolla para conhecer Jonas Salk, Paul planejou uma jornada com um propósito específico.

Durante muitas noites, seu sono não tinha sido tão calmo quanto gostaria, porque vivia sonhando que acordava num lugar ermo. Às vezes via-se no meio de uma tempestade de areia, e cercado por formações rochosas contorcidas pela erosão eólica. Às vezes sua pele não era castigada por areia, mas por flocos de neve, e ele não estava cercado por monumentos de rocha, mas por montanhas de gelo. A despeito de qual fosse a paisagem, ele caminhava devagar, embora tivesse o desejo e a energia para mover-se mais depressa. Sua frustração crescia até ficar tão intolerável que ele acordava, agitado e nervoso, chutando os lençóis embolados.

Nesta noite em Weott, com o silêncio solene das florestas de sequoias paradas lá fora e esperando para abraçá-lo pela manhã, Paul dormiu um sono sem sonhos.

Capítulo 63

DEPOIS DO ENCONTRO com as máquinas cuspidoras de moedas de 25 cents, Júnior sentiu vontade de matar outro Bartholomew, qualquer Bartholomew, mesmo que se para fazê-lo precisasse dirigir até algum subúrbio distante como Terra Linda, mesmo que tivesse de dirigir até mais longe ainda, passar a noite num motel vagabundo e comer num self-service em que a comida estivesse coberta por germes da gripe e cabelos soltos de outros clientes.

Ele teria feito isso, e arriscado estabelecer um padrão que a polícia talvez notasse; mas a voz pequena de Zedd guiava-o agora, como guiara-o tantas vezes antes, e aconselhava calma, aconselhava foco.

Em vez de matar alguém imediatamente, Júnior voltou para o seu apartamento na tarde de 29 de dezembro e se deitou completamente vestido. Para se acalmar. Para pensar em foco.

Foco, ensina Caesar Zedd, é a única qualidade que separa os milionários dos mendigos cobertos de moscas e molhados com urina que moram em caixas de papel e disputam restos de comida com os ratos. Os milionários possuem a capacidade de focar em seus objetivos, os mendigos não. Da mesma forma, nada além da capacidade em focar nos seus objetivos separa um atleta olímpico de um aleijado que perdeu as pernas num acidente de carro. O atleta possui foco, o aleijado não. Afinal, postula Zedd, se o aleijado tivesse a capacidade de focar em seus objetivos, teria sido um motorista melhor, um atleta olímpico e um milionário.

Entre os muitos dons de Júnior, a sua capacidade de focar nos seus objetivos talvez fosse o mais importante. Bob Chicane, seu ex-instrutor de meditação, chamara-o de intenso e até obsessivo, depois do incidente doloroso envolvendo meditação sem semente, mas a intensidade e a obsessão tinham sido acusações injustas. Júnior era simplesmente focado.

Na verdade, era focado o bastante para encontrar Bob Chicane, matar o filho da puta insultuoso e se safar.

Contudo, a experiência lhe ensinara que matar alguém que conhecia, embora ocasionalmente necessário, não aliviava o estresse. Ou, se aliviava brevemente o estresse, então consequências imprevistas sempre contribuíam para piorá-lo ainda mais.

Por outro lado, matar um estranho como Bartholomew Prosser deixara-o ainda mais aliviado do que conseguia com sexo. Matar sem propósito relaxava-o tanto quanto meditação sem semente, e provavelmente era menos perigoso.

Ele poderia matar alguém chamado Henry ou Larry, sem o risco de criar um padrão Bartholomew que os detetives de Homicídios da Área da Baía seguiriam como sabujos atrás de um coelho. Mas ele se conteve.

Foco.

Agora ele precisava focar em estar pronto para a noite de 12 de janeiro: a inauguração da exposição de Celestina White. Ela havia adotado o bebê de sua irmã. O pequeno Bartholomew estava sob os seus cuidados; e em breve o menino estaria ao alcance de Júnior.

Se matar o Bartholomew errado tinha arrebatado uma represa em Júnior e aliviado um lago de tensão, matar o Bartholomew certo deixaria escapar um oceano de tensão acumulada, e ele se sentiria livre como não se sentia desde a torre de incêndio. Mais livre do que em toda a sua vida.

Quando matasse o Bartholomew, esta assombração também iria acabar.

Na mente de Júnior, Vanadium e Bartholomew estavam inextricavelmente ligados, porque o policial maníaco tinha sido o primeiro a ouvir Júnior chamar por Bartholomew durante o sono. Isso fazia sentido? Bem, fazia mais sentido em alguns momentos que em outros, mas sempre fazia muito mais sentido que qualquer outra coisa. Para livrar-se do detetive morto, mas persistente, Júnior precisava eliminar Bartholomew.

Então a assombração pararia. O tormento pararia. A sensação que Júnior tinha, de vagar sem rumo através dos dias, sumiria, e ele mais uma vez encontraria propósito no aperfeiçoamento pessoal. Ele aprenderia francês e alemão, com toda certeza. Faria um curso de culinária e se tornaria um mestre-cooca. E também aprenderia caratê.

De algum modo, o espírito malévolo de Vanadium era o culpado pela incapacidade de Júnior em encontrar uma nova alma gêmea, apesar de todas as mulheres com quem andava. Com toda certeza, quando Bartholomew estivesse morto e Vanadium desaparecido com ele, o romance e o amor verdadeiro iriam florescer.

Deitado de lado na cama, vestido e calçado, joelhos recolhidos, braços dobrados sobre o peito, mãos premidas sob o queixo, como um feto precoce já completamente paramentado enquanto aguarda seu nascimento, Júnior tentou recordar a corrente de lógica que conduziu a esta longa e difícil perseguição a Bartholomew. Contudo, a corrente levava até três anos no passado, o que para Júnior era uma eternidade, e nem todos os elos estavam em seus lugares.

Não importava. Ele era um homem focado no futuro, e focado em si mesmo. O passado é para os fracassados. Não, espere, a humildade é para os fracassados. “O passado é a teta que alimenta aqueles que são fracos demais para enfrentar o futuro.” Sim, essa era a frase de Zedd que Júnior tinha bordado numa capa de almofada.

Focar. Preparar-se para matar Bartholomew e qualquer um que tentar protegê-lo em 12 de janeiro. Preparar para todas as contingências.

Júnior compareceu a uma festa de Ano-novo com um tema de holocausto nuclear. As festividades foram realizadas numa mansão cujas paredes geralmente ostentavam obras de arte de vanguarda, mas nesta noite as pinturas tinham sido substituídas por ampliações em tamanho natural das ruínas de Hiroshima e Nagasaki.

Uma ruiva ultrajantemente sensual deu em cima de Júnior enquanto ele pegava um canapé em forma de bomba numa bandeja segurada por um garçom vestido como um sobrevivente esfarrapado e sujo. Myrtle, a ruiva, preferia ser chamada Scamp, o que Júnior entendia completamente. Ela usava uma minissaia verde, um suéter colante branco e uma boina verde.

Scamp tinha pernas fabulosas, e a ausência de sutiã não deixava qualquer dúvida de que seus seios eram apetitosos e autênticos, mas depois de uma hora de conversa sobre isto ou aquilo, antes de convidá-la a sair da festa com ele, Júnior conduziu-a a um canto razoavelmente privado e, discretamente, enfiou a mão por baixo de sua saia, apenas para conferir se o seu sexo era realmente o feminino.

Passaram uma noite excitante juntos, mas aquilo não foi amor. A cantora fantasma não cantou.

Quando Júnior abriu uma toranja no café da manhã, não encontrou uma moeda em seu interior.

Em 2 de janeiro, terça-feira, Júnior se encontrou com o traficante de drogas que o apresentara a Sapo, o falsificador de documentos, e encomendou uma pistola de 9mm com silenciador.

Júnior já tinha a pistola que confiscara da coleção de Frieda Bliss, mas esta não viera com um compressor de som. Júnior estava preparado para todas as contingências. Foco.

Além da arma, encomendou um destravador automático. Essa ferramenta, semelhante a uma pistola e capaz de abrir automaticamente qualquer fechadura com simples apertos em seu gatilho, era vendida estritamente para os departamentos de polícia, e sua distribuição era controlada rigidamente. No mercado negro, alcançava um preço tão alto que Júnior quase poderia ter comprado uma pintura pequena de Sklent com o dinheiro que gastou com ela.

Preparação. Detalhes. Foco.

Acordou várias vezes naquela noite, instantaneamente alerta para uma serenata fantasmagórica, mas não ouviu nenhuma cantora espectral.

Passou a quarta-feira trepando com Scamp. Não era amor, mas havia conforto em estar familiarizado com o equipamento de sua parceira.

Em 4 de janeiro, quinta-feira, usou sua identidade de John Pinchbeck para comprar um novo furgão Ford com um cheque ao portador. Em nome de Pinchbeck, ele alugou uma vaga de garagem perto de Presídio, e guardou o furgão lá.

Naquele mesmo dia, ousou visitar duas galerias. Nenhuma delas tinha um candelabro de estanho à mostra.

Não obstante, o fantasma hostil de Thomas Vanadium, aquele terrível aglomerado de energia teimosa, ainda não desistira de Júnior. Até que Bartholomew estivesse morto, o espírito de macaco sujo e desprezível do policial continuaria voltando e voltando, e certamente ficaria mais violento.

Júnior sabia que era preciso continuar vigilante. Vigilante e concentrado até que 12 de janeiro chegasse e fosse embora. Faltavam oito dias.

A sexta-feira trouxe Scamp de volta, toda a Scamp, o dia todo, de todas as formas, Scamp de fio a pavio, até que no sábado Júnior não teve energia suficiente para fazer mais nada além de tomar uma boa ducha.

No domingo, Júnior livrou-se de Scamp, usando a secretária eletrônica para filtrar seus telefonemas, e trabalhou em suas capas de travesseiros com tanto foco que esqueceu de ir para a cama naquela

noite. Ele adormeceu sobre as suas agulhas às dez da manhã de segunda.

Terça-feira, 9 de janeiro, tendo feito vários saques em fundos de investimento nos últimos dez dias, Júnior efetuou uma transferência por telex de um milhão e meio de dólares para a conta de Gammoner no banco de Grande Caimã.

Num banco da igreja velha de Santa Maria, em Chinatown, Júnior recebeu, conforme combinado previamente, o destravador automático e a pistola de 9mm munida com silenciador. A igreja estava deserta às dez da manhã. O interior escuro e as figuras religiosas sinistras causaram arrepios em Júnior.

O garoto de entregas — um rapaz sem polegares e com os olhos frios de um homem morto — entregou a arma numa sacola de comida chinesa. A sacola continha duas caixas de cartolina branca (frango xadrez, arroz primavera), uma caixa cor-de-rosa grande cheia de biscoitos da sorte e — no fundo — uma segunda caixa rosa contendo o destravador automático, a pistola, o silenciador e um coldre de ombro de couro no qual estava amarrado um cartão de presente com uma mensagem escrita à mão: Com nossos cumprimentos. Foi uma satisfação fazer negócios com você.

Numa loja de armas, Júnior comprou duzentos cartuchos de munição.

Mais tarde, essa quantidade de munição pareceu-lhe excessiva. Mais tarde ainda, ele comprou outros duzentos cartuchos.

Comprou facas. E então bainhas para as facas. Adquiriu um conjunto para amolar facas e passou o fim de tarde afiando as lâminas.

Nenhuma moeda. Nenhuma canção. Nenhum telefonema dos mortos.

Manhã de quarta-feira, 10 de janeiro. Ele transferiu por telex um milhão e meio de dólares da conta de Gammoner para Pinchbeck, na Suíça. Em seguida, fechou a conta no banco de Grande Caimã.

Ciente de que sua tensão estava chegando a um nível intolerável, Júnior decidiu que, afinal de contas, precisava de Scamp. Ele passou o restante da quarta, até o amanhecer de quinta, com a ruiva infatigável, cujo quarto continha uma vasta coleção de óleos de

massagem em volume suficiente para lubrificar metade dos trilhos de qualquer estrada de ferro que atravessasse o Mississippi.

Scamp deixou-o dolorido em lugares onde ele nunca ficara dolorido antes. Ainda assim, na quinta-feira sentia-se mais estressado do que estivera na quarta.

Scamp era uma mulher de múltiplos talentos, com a pele mais macia que um pêsego depilado, com mais saliências de que Júnior podia catalogar, mas ela não se revelou um remédio para a sua tensão. Apenas Bartholomew, encontrado e destruído, poderia dar-lhe paz.

Ele visitou o banco no qual mantinha um cofre particular sob a identidade de John Pinchbeck. Sacou os vinte mil dólares em dinheiro e retirou da caixa todos os documentos falsos.

Em seu carro — no momento, uma Mercedes —, ele fez três viagens entre seu apartamento e a garagem na qual guardava o furgão Ford sob o nome Pinchbeck. Tomou precauções para não ser seguido.

Guardou no furgão duas malas cheias com roupas e artigos de higiene — mais o conteúdo do cofre de Pinchbeck —, e em seguida acrescentou aqueles objetos preciosos que odiaria perder se o atentado contra Bartholomew desse errado, forçando-o a deixar a sua vida boa em Russian Hill e fugir da polícia. As obras de Caesar Zedd. As três pinturas geniais de Sklent. As capas de almofadas, nas quais bordara a sabedoria de Zedd, consistiam a maior parte de sua coleção de objetos essenciais: 102 almofadas em tamanhos e formatos diversos, que ele completara em apenas treze meses de bordado febril.

Se matasse Bartholomew e conseguisse se safar, como esperava fazer, então subseqüentemente iria devolver ao apartamento tudo que estava no furgão. Estava apenas sendo prudente ao planejar seu futuro, porque o futuro era, afinal de contas, o único lugar no qual vivia.

Ele levaria também a Mulher industrial, mas ela pesava um quarto de tonelada. Era impossível carregá-la sozinho, e ele não podia correr o risco de contratar um ajudante, mesmo um imigrante ilegal, e portanto comprometer o furgão e a identidade de Pinchbeck.

De qualquer modo, a Mulher industrial cada vez lembrava-lhe mais a Scamp. Como várias membranas mucosas inflamadas lembravam-no constantemente, ele já estava saciado da Scamp.

Afinal chegou o dia: sexta-feira, 12 de janeiro.

Cada nervo no corpo de Júnior estava tão retesado quanto a corda de uma armadilha. Se alguém o desarmasse, ele explodiria tão violentamente que acabaria caindo num hospício.

Felizmente, ele reconhecia essa sua vulnerabilidade. Até o lançamento da exposição de Celestina White, à noite, ele passaria cada hora do dia dedicando-se a atividades calmantes, para poder ser frio e eficiente quando chegasse o momento de agir.

Respirações lentas e profundas.

Tornou outro banho demorado, o mais quente que conseguiu tolerar, até seus músculos ficarem macios como manteiga.

No café da manhã, evitou açúcar. Comeu rosbife frio e bebeu leite com uma dose dupla de conhaque.

O tempo estava bom. Saiu para caminhar, embora tenha atravessado a rua várias vezes para evitar passar por máquinas de venda automática de jornais.

Comprar acessórios de roupas relaxava Júnior. Passou algumas horas olhando prendedores de gravata, lenços de seda e cintos exóticos.

Enquanto subia a escada-rolante numa loja de departamentos, entre o segundo e o terceiro pavimento, Júnior viu Vanadium descendo na outra escada, a cinco metros de distância.

Para um espírito, o homem da lei maníaco parecia perturbadoramente sólido. Usava um casaco esportivo de tweed e calças que Júnior julgou serem as mesmas que vestia na noite em que morreu. Aparentemente, até os fantasmas do mundo espiritual ateuista de Sklent passavam à eternidade vestidos nas mesmas roupas nas quais pereceram.

O primeiro lampejo que Júnior teve do rosto de Vanadium foi de perfil.

E então, enquanto a escada-rolante descia, Júnior pôde ver apenas a nuca do policial. Ele não via aquele homem há quase três anos, mas ainda assim teve certeza absoluta de que não se tratava de um sócia accidental. Ali estava o espírito do macaco sujo e desprezível.

Ao chegar ao terceiro pavimento, Júnior correu até a entrada da escada-rolante de descida.

O fantasma corpulento saiu da escada-rolante no segundo piso e caminhou até a seção de roupas femininas.

Júnior desceu a escada-rolante dois degraus por vez, não satisfeito em seguir o policial em seu próprio ritmo. Mas ao alcançar o segundo pavimento constatou que o fantasma de Vanadium fizera o que os fantasmas fazem melhor. Tinha desaparecido no ar. Abandonando sua busca pelo elo perfeito na corrente, mas determinado a se manter calmo, Júnior decidiu almoçar no Hotel St. Francis.

As calçadas estavam cheias de executivos trajando ternos, hippies em vestes extravagantes, grupos de suburbanas fazendo compras no centro com suas melhores roupas e, é claro, os zé-povinhos, vestidos de forma desprezível, alguns sorrindo, alguns sorumbáticos, e alguns falando, mas com olhos tão vazios que podiam ser assassinos ou poetas, ou mesmo milionários excêntricos disfarçados e aberrações de circo que ganhavam a vida arrancando com os dentes as cabeças de galinhas vivas.

Mesmo nos dias bons, quando não era assediado por espíritos de policiais mortos e não se preparava para cometer assassinatos, Júnior às vezes sentia-se desconfortável em meio a essas multidões. Esta tarde, sentia-se especialmente claustrofóbico enquanto abria caminho através da turba e, precisava admitir, um pouco paranoico também.

Observava cauteloso as pessoas à sua volta enquanto caminhava, e de vez em quando olhava sobre o ombro. Numa dessas olhadas para trás, ficou nervoso, mas não surpreso, ao ver o espectro de Vanadium.

O policial fantasma estava doze metros atrás dele, por trás de fileiras de outros pedestres, cada um deles podendo não ter face alguma agora, sendo liso e desprovido de feições da testa ao queixo, porque subitamente Júnior não enxergava outro rosto além daquele do morto-vivo. O rosto fantasmagórico oscilava para cima e para baixo à medida que o espírito avançava, afundando e aflorando, e então afundando de novo em meio a todas as cabeças que subiam e desciam à sua volta.

Júnior apertou o passo, acotovelando as pessoas à sua frente, olhando para trás seguidamente. E embora visse apenas lampejos rápidos do rosto do policial morto, ele podia dizer que havia alguma coisa terrivelmente errada com ele. Embora jamais tivesse sido candidato a ídolo das matinês, Vanadium parecia muito mais feio que

antes. A marca de nascença roxa continuava cercando o seu olho direito. Suas feições não estavam apenas achatadas como antes. Elas estavam... distorcidas.

Amassado. O rosto parecia amassado. Amassado por um castiçal de estanho.

Na esquina seguinte, em vez de continuar seguindo para o sul, Júnior angulou agressivamente na frente dos pedestres que vinham contra ele, saiu da calçada e tomou o rumo leste, atravessando a encruzilhada apesar do aviso do sinal de pedestres estar fechado para ele. Buzinas trombetaram, um ônibus quase o achatou no asfalto, mas ele atravessou a rua.

Quando pisou na calçada, o sinal abriu para os pedestres, e quando procurou por seu perseguidor, encontrou-o. Lá vinha Vanadium, que estaria tremendo, necessitado de um sobretudo, caso a sua pele fosse real.

Júnior continuou seguindo para leste, ziguezagueando através da horda, convencido de que podia ouvir os passos do policial fantasma, apesar da barulheira gerada pelos passos das legiões de vivos, apesar dos sons caóticos que se levantavam do tráfego. Ocos, os passos do morto ecoavam não apenas nos ouvidos de Júnior, como também através de seu corpo, ressoando por seus ossos.

Parte dele sabia que esse som eram as batidas de seu coração, não os passos de um perseguidor do Além, mas essa parte de seu ser não estava conseguindo ser dominante no momento. Júnior caminhava rápido, não exatamente correndo, mas em passos apressados de um homem atrasado para um compromisso.

Cada vez que Júnior olhava para trás, Vanadium seguia-o através da turba. Corpulento, mas quase deslizando pela calçada. Sinistro, horrendo...

e mais próximo a cada segundo.

Um beco se abriu à esquerda de Júnior. Saiu da turba, adentrou essa rua de serviço sombreada por edifícios altos, e ali caminhou até mais rápido, ainda não correndo exatamente porque continuava a acreditar que possuía a calma e o autocontrole inabaláveis de um homem que aperfeiçoou a si mesmo.

No meio do beco, reduziu o passo e olhou por cima do ombro.

Flanqueado por caçambas e latas de lixo, através do vapor que se levantava das grades do esgoto, passando por caminhões de entrega estacionados, lá vinha o policial morto. Correndo.

Súbito, mesmo no coração de uma grande cidade, o beco parecia tão solitário quanto uma masmorra inglesa, e um lugar nem um pouco adequado a servir de abrigo contra um espírito vingador. Abandonando todas as ilusões de autocontrole, Júnior correu até a rua seguinte, onde a visão de miríades de pessoas, aglomerando-se debaixo do sol de inverno, encheram-no não com paranoia ou incômodo, mas com um sentimento de conforto até agora desconhecido.

Das formas que você nem imagina, eu sou a pior.

A mão pesada desceria sobre o seu ombro, ele seria girado sobre os calcanhares contra sua vontade, e então estariam à sua frente aqueles olhos de cabeça de prego, a mancha roxa, os ossos faciais esmagados por um castiçal...

Alcançou o fundo do beco, chocou-se contra o fluxo de pedestres, quase derrubou uma velha chinesa, virou-se e descobriu... nenhum Vanadium.

Sumiu no ar.

As lixeiras e os caminhões de entrega avultavam-se contra as paredes do prédio. Fumaça erguia-se das grades no chão da rua. As sombras não mais eram perturbadas por uma silhueta num casaco de tweed.

Nervoso demais para sentir vontade de almoçar no Hotel St. Francis ou em qualquer outro lugar, Júnior voltou para o apartamento.

Ao chegar em casa, hesitou diante da porta aberta. Esperava encontrar Vanadium lá dentro.

Ninguém o esperava, além da Mulher-industrial.

Nem bordado, meditação ou mesmo sexo seriam suficientes para aliviar a sua tensão. As pinturas de Sklent e as obras de Zedd estavam guardadas no furgão, e portanto ele não podia buscar consolo nelas.

Outro copo de leite com conhaque ajudou, mas não muito.

Enquanto a tarde sumia em meio a uma escuridão portentosa, anunciando que a abertura da exposição de Celestina White não tardava, Júnior preparou suas facas e armas de fogo.

As lâminas e as balas acalmaram um pouco os seus nervos.

Ele precisava desesperadamente encerrar as questões que envolviam a morte de Naômi. Era isso que significava os últimos três anos e todos aqueles eventos sobrenaturais.

Conforme Sklent colocou com tanta inteligência: alguns de nós vivem depois da morte, sobrevivem em espírito, porque somos tão teimosos, egoístas, violentos, psicóticos e maus que não aceitamos a nossa morte.

Nenhuma dessas qualidades descrevia a doce Naômi, que tinha sido gentil, amorosa e meiga demais para continuar vivendo em espírito, depois que seu coração parou de bater. Agora una com a terra, Naômi não representava ameaça a Júnior, e o estado tinha pago por negligência em sua morte, e o assunto inteiro deveria estar encerrado. Havia apenas duas barreiras que impediam a resolução plena e final: primeiro, o espírito teimoso, egoísta, violento, psicótico e maligno de Thomas Vanadium; e, segundo, o bebê bastardo de Serafina, o pequeno Bartholomew.

Um exame de sangue poderia provar que Júnior era o pai. Cedo ou tarde acusações seriam levantadas contra ele por familiares amargurados, talvez não com a esperança de trancafiá-lo numa prisão, mas unicamente com o propósito de botar as mãos numa parte considerável de sua fortuna, na forma de pensão familiar.

Então a polícia de Spruce Hills exigiria saber por que tinha trepado com uma negra menor de idade se seu casamento com Naômi era tão perfeito e satisfatório quanto alegara. Por mais injusto que isso parecesse, não havia estatuto de limitações em casos de assassinato. Era possível soprar a poeira de arquivos fechados e reabri-los; investigações podiam ser reiniciadas. E embora as autoridades tivessem poucas chances de condená-lo por assassinato a partir de qualquer prova ínfima que pudesse ser desenterrada, ele ia ser forçado a gastar outra parte significativa de sua fortuna em honorários de advogados.

Júnior jamais permitiria que o levassem à falência e o tornassem pobre novamente. Jamais. A sua fortuna fora obtida a um risco imenso, e graças a muita coragem e determinação. Era preciso defendê-la a qualquer preço.

Quando o bebê bastardo de Serafina estivesse morto, a evidência da paternidade morreria com ele — assim como qualquer processo por pensão familiar. Até o espírito teimoso, egoísta, violento, psicótico e mau de Thomas Vanadium teria de reconhecer que todas as esperanças de derrubar Júnior estavam perdidas, e a frustração iria levá-lo a se dissipar ou reencarnar.

O encerramento estava próximo.

Para Caim Júnior, a lógica de tudo isto parecia inacessível. Preparou suas facas e armas de fogo. Lâminas e balas. A sorte favorece os ousados, os aperfeiçoados, os focados.

Capítulo 64

NOLLY ESTAVA SENTADO atrás de sua mesa, paletó do terno dobrado sobre as costas da cadeira, chapéu de feltro ainda na cabeça, onde permanecia virtualmente em todos os momentos, exceto quando dormia, tomava banho, jantava em restaurantes, ou fazia amor.

Um cigarro aceso — geralmente pendurado do canto de uma boca contorcida num sorriso sarcástico — era um equipamento padrão para os detetives durões, mas Nolly não fumava. Sua incapacidade de desenvolver esse hábito nocivo resultara numa atmosfera menos poluída do que os clientes de um detetive particular esperavam.

Por sorte, a mesa tinha marcas de cigarro, porque já viera com o escritório. Tinha sido a propriedade de um caçador de inadimplentes chamado Otto Zelm, que ganhara um bom dinheiro fazendo o tipo de trabalho que Nolly evitava a todo custo: encontrar caloteiros e confiscar os seus veículos. Durante uma emboscada, Zelm adormecera em seu carro, enquanto fumava, desta forma acionando o pagamento de seus seguros de vida e de acidentes e liberando o aluguel deste espaço mobiliado.

Mesmo sem cigarro pendurado no canto da boca, e sem o hábito de delinear sorrisos sarcásticos, Nolly tinha um jeito durão digno de Sam Spade. Ele devia isso principalmente ao rosto que a natureza lhe dera, um disfarce esplêndido para o boboca sentimental que vivia por trás dele. Com seu pescoço gordo, suas mãos fortes, com as mangas da

camisa enroladas para cima de modo a expor os antebraços peludos, ele passava uma impressão apropriadamente intimidadora: como se Humphrey Bogart, Sydney Greenstreet e Peter Lorre tivessem sido enfiados num liquidificador e então derramados num terno.

Kathleen Klerkle, a Sra. Wulfstan, sentada na ponta da mesa de Nolly, olhava de soslaio para o visitante na cadeira do cliente. Na verdade Nolly tinha duas cadeiras para clientes. Kathleen podia ter sentado na segunda, mas esta parecia uma pose mais apropriada para a garota de um detetive.

Não que estivesse tentando parecer uma vadia; ela estava pensando em Myrna Loy no papel de Nora Charles em A ceia dos acusados: experiente mas elegante, durona mas divertida.

Até Nolly, a vida de Kathleen tinha sido tão carente de romances quanto uma bolacha de água e sal era carente de sabor. Sua infância e até sua adolescência tinham sido tão ordinárias que ela escolhera a carreira de dentista porque lhe parecera, em comparação com o que conhecia, uma profissão exótica e divertida. Ela saíra com alguns homens, mas todos eram desinteressantes e pouco gentis. As aulas de dança de salão — e mais adiante, as competições — prometiam o romance que a sua profissão e os seus namorados não tinham proporcionado. Contudo, mesmo a dança foi um tanto decepcionante, até o dia em que sua instrutora a apresentou a esse homem careca, de pescoço grosso e rosto irregular, que era um Romeu maravilhoso.

Era impossível saber se o visitante na cadeira do cliente tivera muitos romances em sua vida, mas decerto vivera muitas aventuras e pelo menos uma tragédia. O rosto de Thomas Vanadium era uma paisagem devastada por um terremoto: rachado por cicatrizes brancas como linhas de falha numa camada de granito; as superfícies do semblante, face e queixo mantinham um relacionamento estranho entre si. O hemangioma que cercava o olho direito e descoloria seu rosto estava com ele desde o nascimento, mas o dano terrível à sua estrutura óssea não era obra de Deus, mas de um homem.

Em meio à ruína nobre de seu rosto, os olhos cinzentos de Thomas Vanadium eram impressionantes, ricos de um sentimento belíssimo de... tristeza. Não autocomiseração. Ele claramente não considerava a si próprio uma vítima. Para Kathleen, esta era a tristeza de

um homem que vira muito sofrimento nos outros, que conhecia os males do mundo. Eram olhos que liam as pessoas num relance, que brilhavam com compaixão para os inocentes e que fulguravam com um julgamento inclemente para os culpados.

Vanadium não vira o homem que o acertara por trás, e que esmagara seu rosto com um candelabro de estanho, mas quando proferiu o nome Enoch Caim, o sentimento em seus olhos não foi compaixão. Nenhuma impressão digital fora deixada, nenhuma evidência nos vestígios do incêndio na casa Bressler ou no Studebaker içado do lago.

— Mas você acha que foi ele — deduziu Nolly.

— Eu sei.

Durante oito meses depois daquela noite, até o final de setembro de, Vanadium esteve em coma, e seus médicos não esperaram que ele recuperasse a consciência. Um motorista encontrara-o caído sobre a rodovia nas proximidades do lago, encharcado e enlameado. Quando, depois de seu longo sono, Vanadium acordou no hospital, extremamente debilitado, não lembrava de nada que acontecera depois de entrar na cozinha de Victória. Tinha apenas uma lembrança vaga, onírica, de estar afundando num carro e sair nadando.

Embora tivesse certeza moral da identidade de seu agressor, intuição sem provas não bastava para induzir as autoridades a agir — não contra um homem a quem o estado pagara 4.250.000 dólares para indenizá-lo da queda mortal de sua esposa. Isso faria as autoridades parecerem incompetentes na investigação da morte de Naomi ou estar usando outro caso para vingar-se de Enoch. Sem pilhas de provas, os riscos políticos de agir segundo os instintos de um policial eram grandes demais.

Simon Magusson — capaz de representar o próprio diabo pelos honorários adequados, mas também capaz de nutrir remorso genuíno — visitou Vanadium no hospital, logo depois de saber que o detetive acordara de um coma. O advogado compartilhava com ele a convicção de que Caim era a parte culpada, e que ele também assassinara a esposa.

Magusson considerava os ataques a Victória e Vanadium crimes hediondos, é claro, mas também os via como afronta à sua própria

dignidade e reputação. Ele esperava que um cliente culpado, depois de ser recompensado com quatro milhões e meio ao invés de uma pena de morte, ficasse suficientemente grato para andar na linha.

— Simon é doido varrido — avaliou Vanadium. — Mas gosto muito do Simon e confio nele implicitamente. Ele veio me perguntar o que podia fazer para ajudar. No começo eu não estava falando direito, estava com paralisia parcial no braço esquerdo e tinha perdido dezoito quilos. Eu não ia poder procurar por Caim por um bom tempo, mas o Simon acabou descobrindo onde ele estava.

— Porque Caim tinha ligado para pedir que ele recomendasse um investigador particular aqui em San Francisco — disse Kathleen. — Para descobrir o que aconteceu ao bebê de Serafina White.

O sorriso de Vanadium, naquele rosto tragicamente fraturado, aterrorizaria a maioria das pessoas, mas Kathleen considerou-o encantador devido ao espírito indestrutível que revelava.

— O que me sustentou durante estes últimos dois anos e meio foi saber que eu poderia colocar as mãos no sr. Caim quando finalmente estivesse bem o bastante para fazer alguma coisa com ele.

A carreira de Vanadium como detetive de homicídios ostentava um recorde de 98% de captura e condenação. Uma vez convencido de que encontrara a parte culpada, Vanadium não utilizava apenas técnicas policiais sólidas. Ele somava aos procedimentos e técnicas de investigação a sua própria noção de guerra psicológica — às vezes sutil, às vezes não —, que frequentemente encorajava o perpetrador a cometer erros que o condenavam.

— A moeda no sanduíche — disse Nolly, porque essa tinha sido a primeira peça que Simon Magusson lhe pagara para pregar.

Num passe de mágica, uma moeda prateada apareceu na mão direita de Thomas Vanadium. Fez a moeda dar cambalhotas do nó de um dedo para o seguinte, desaparecer entre o indicador e o polegar e reaparecer no mindinho, reiniciando a jornada sobre a mão.

— Depois que saí do coma, demorou algumas semanas para que a minha condição se estabilizasse. Então fui transferido para um hospital em Portland, onde precisei sofrer onze cirurgias.

Ou Vanadium detectou a surpresa bem escondida de Nolly e Kathleen, ou considerou que estavam curiosos de como, depois de

tantas cirurgias, ele ainda estava com aquela cara de Bóris Karloff. Ele continuou: — Os médicos precisaram reparar os danos no sino frontal esquerdo, no sino esfenoidal e no sino cavernoso, que foram esmagados parcialmente pelo candelabro de estanho. Os ossos frontal, malar, etmóide, maxilar, esfenóide e palatino foram reconstruídos para conter apropriadamente o meu olho direito, que estava mais ou menos... bem, estava pendurado. Isso era apenas o básico, e depois também precisei de uma reconstituição dentária. Foi opção minha não fazer nenhuma cirurgia cosmética.

Ele parou, dando ao casal uma chance de fazer a pergunta óbvia — e então, diante de sua reticência, sorriu.

— Para início de conversa, nunca fui nenhum Cary Grant — disse Vanadium, ainda rolando incessantemente a moeda sobre os dedos. — Portanto, eu não tinha nenhum apego emocional com a aparência. Uma cirurgia cosmética teria somado mais um ano de recuperação, talvez muito mais, e eu estava ansioso para ir atrás do Caim. Além disso, achei que esta minha cara nova ajudaria a assustar o cretino e fazer com que cometesse um engano incriminador. Ou, quem sabe, confessar.

Kathleen acreditava que isso poderia acontecer. Ela própria não sentira medo da aparência de Thomas Vanadium; mas isso porque se preparara antes de conhecê-lo pessoalmente. E ela não era uma assassina, com medo do castigo, para quem esse rosto específico pareceria a personificação da justiça divina.

— Além disso, ainda vivo segundo o meu juramento até onde posso, embora esteja gozando da dispensa contínua mais longa de que se tem notícia. — Um sorriso naquele rosto arruinado podia ser tocante, mas o olhar irônico que ele esboçou agora provocou um arrepio em Kathleen. — A vaidade é um pecado que tenho mais facilidade em evitar do que alguns outros.

Entre suas cirurgias e durante muitos meses depois, Vanadium devotara suas energias à terapia fonoaudiológica e à fisioterapia, mas também ao planejamento de tormentos periódicos para Enoch Caim. A implementação desses tormentos, com intervalos de poucos meses, caberia a Nolly e Kathleen. A idéia não era levar Caim à justiça torturando sua consciência, porque ele a deixara atrofiar há muito

tempo, mas mantê-lo abalado e portanto amplificar o impacto de seu primeiro encontro cara-a-cara com Vanadium renascido.

— Confesso que fiquei surpreso como essas peças deixaram o sujeito tão abalado — disse Nolly.

— Ele é um homem oco — disse Vanadium. — Não acredita em nada.

Homens ocos são vulneráveis a qualquer um que lhes ofereça alguma coisa para preencher o vácuo e fazer com que se sintam menos vazios. Assim...

A moeda parou de dar cambalhotas sobre a mão de Vanadium e, como se movida por vontade própria, deslizou para a curva apertada de seu indicador curvado. Com um estalar de dedos, ele fez a moeda rodopiar no ar.

— Estou oferecendo a ele misticismo barato e fácil...

No instante em que fez a moeda girar no ar, Vanadium abriu ambas as mãos — palmas para cima, dedos afastados — com um floreio projetado para distrair.

— ... um espírito vingativo incansável, um fantasma vingativo...
Vanadium esfregou as mãos.

— ... estou oferecendo a ele medo...

Como se Amélia Earhart, a aviadora há muito desaparecida, tivesse esticado o braço para fora da região além da imaginação na qual vivia e agarrado a moeda, nenhuma moeda brilhava no ar acima da mesa.

— ... doce medo — concluiu Vanadium.

— O que aconteceu? — perguntou Nolly, testa franzida. — Está na sua manga? — Não, está no bolso da sua camisa — respondeu Vanadium. — Estarrecido, Nolly verificou o bolso da camisa e retirou uma moeda de 25 cents.

— Não é a mesma — disse Nolly. Vanadium soergueu as sobancelhas.

— Você deve ter deixado esta cair no meu bolso quando chegou aqui — deduziu Nolly.

— Então onde está a moeda que acabei de jogar para o alto? — Medo? — perguntou Kathleen, mais interessada nas palavras que nas

prestidigitações de Vanadium.—Você disse que está oferecendo medo a Caim... como se isso fosse alguma coisa que ele quisesse.

— De certo modo, é, sim — disse Vanadium. — Quando você é uma pessoa tão oca quanto Enoch Caim, o vazio dói. Ele precisa desesperadamente preencher esse vazio, mas não tem a paciência ou o compromisso de enchê-lo com qualquer coisa de valor. Amor, caridade, fé, sabedoria... essas e outras virtudes são conquistadas com muito trabalho duro, compromisso e paciência, e nós as adquirimos na base de uma colherada por vez. Caim quer ser enchido depressa. Ele quer o vazio em seu interior cheio até as bordas, e para conseguir isso está disposto a tomar goles grandes de qualquer coisa, e agora.

— Parece com o que muita gente quer ultimamente — disse Nolly.

— Parece, sim — concordou Vanadium. — Assim, um homem como Caim fica obcecado com uma coisa atrás da outra: sexo, dinheiro, comida, poder, drogas, álcool, qualquer coisa que pareça conferir significado aos seus dias, mas isso não requer nenhuma autodescoberta ou auto-sacrifício.

Ele se sente completo durante algum tempo. Mas como não existe nenhuma substância naquilo com que se encheu, o que está no seu interior evapora logo, e ele fica oco de novo.

— E está dizendo que o medo pode encher o vazio dele tão bem quanto sexo ou birita? — perguntou Kathleen.

— Melhor. O medo não exige que ele seduza uma mulher ou compre uma garrafa de uísque. Tudo que precisa fazer é se abrir a ele, e logo estará cheio como um copo debaixo de uma torneira. Por mais difícil que possa ser compreender isso, Caim pode preferir ficar mergulhado até o pescoço num poço de terror, tentando desesperadamente permanecer na tona, a sofrer com o seu vazio. O medo pode conferir forma e significado à sua vida, e não pretendo simplesmente enchê-lo com medo. Quero afogá-lo em medo.

Considerando seu rosto amassado e costurado, considerando também sua história trágica e curiosa, Vanadium falava com pouquíssimo drama.

Sua voz era calma, quase sem entonação, subindo e descendo quase imperceptivelmente.

Ainda assim, Kathleen ouvia cada palavra dele com um fascínio que não sentia desde que assistira às grandes atuações de Laurence Olivier em *Rebecca*, a mulher inesquecível e *O morro dos ventos uivantes*. No tom calmo e contido de Vanadium, ela ouvia convicção e verdade, mas também detectava mais alguma coisa. Apenas gradualmente ela percebeu que poderia ser o seguinte: a ressonância sutil que provinha de um homem bom cuja alma, contendo não apenas uma câmara vazia, estava cheia com aquelas virtudes que eram absorvidas colherada por colherada, e que jamais evaporavam.

Ficaram sentados em silêncio, e o momento que se seguiu foi carregado com uma qualidade tão extraordinária de expectativa que Kathleen não teria ficado surpresa se a moeda desaparecida se materializasse subitamente no ar e caísse no centro da mesa de Nolly, para ali girar em moto-perpétuo, até Vanadium decidir pegá-la.

Nolly finalmente perturbou o silêncio: — Moço... você é um psicólogo e tanto. — Aquele sorriso salvador mais uma vez devolveu a harmonia perdida ao rosto quebrado e cicatrizado.

— Não sou mesmo. Do meu ponto de vista, a psicologia é apenas mais uma daquelas fontes fáceis de significado falso... como sexo, dinheiro e drogas. Mas admito que conheço uma ou duas coisas sobre o mal.

A luz do dia sumira das janelas. A noite invernal, embrulhada em echarpes de neblina, como um mendigo leproso, emitiu um som de exalação, como se estivesse clamando por atenção por trás do vidro.

Varada por um arrepio, Kathleen disse: — Gostaríamos de saber mais sobre por que fizemos o que fizemos por você. Por que as moedas? Por que a canção? Vanadium fez que sim com a cabeça e disse: — E eu gostaria de ouvir mais detalhes sobre as reações de Caim. Li seus relatórios, é claro, e eles foram completos, mas obviamente condensados. Existem muitas sutilezas que só se revelam através de conversas. Muitas vezes, detalhes aparentemente insignificantes são muito importantes para mim quando planejo uma estratégia.

Levantando da cadeira e enrolando para cima as mangas de sua camisa, Nolly disse: — Se você for nosso convidado para o jantar, suspeito que teremos uma noite fascinante.

Um momento depois, no corredor, enquanto Nolly trancava a porta de seu escritório, Kathleen enroscou o braço direito no esquerdo de Vanadium.

— Chamo você de detetive Vanadium, Irmão ou Pai? — Por favor, me chame apenas de Tom. Fui afastado à força da Polícia do Estado do Oregon, com aposentadoria por invalidez completa por causa do rosto. Não sou mais detetive. Mas até colocar Enoch Caim Júnior atrás das grades, onde é o lugar dele, continuarei sendo um tira, oficial ou não.

Capítulo 65

ANJA ESTAVA VESTIDA com tanto vermelho quanto o próprio diabo: sapatos vermelhos brilhantes, meias vermelhas, saia vermelha, suéter vermelho e um casaco vermelho que lhe batia nos joelhos, munido de um capuz igualmente vermelho.

Estava parada de pé diante da porta da frente do apartamento, admirando a si mesma no espelho de corpo, esperando pacientemente por Celestina, que estava guardando bonecas, livros de colorir, massinhas e uma imensa coleção de lápis de cera dentro de uma mochila.

Embora tivesse apenas três anos e uma semana de idade, Anja sempre escolhia suas próprias roupas e se vestia com muito cuidado. Em geral preferia conjuntos monocromáticos, às vezes com uma única cor acentuada, expressa num cinto, chapéu ou echarpe. Quando misturava muitas cores, a impressão inicial que passava era de um caos cromático — mas logo se começava a perceber que essas combinações improváveis eram mais harmoniosas do que tinham parecido à primeira vista.

Durante algum tempo, Celestina estivera preocupada com a menina, considerando-a mais lenta para aprender a caminhar, falar e desenvolver seu vocabulário que as outras crianças. Então, durante os últimos seis meses, Anja alcançara de supetão as suas contemporâneas — embora ainda parecesse caminhar por uma estrada diferente daquela descrita pelos livros sobre desenvolvimento infantil. Sua primeira palavra tinha sido mama, que era completamente comum, mas sua segunda tinha sido azul, que durante algum tempo saíra apenas como “zu”. Aos três anos, uma criança média estaria se saindo excepcionalmente bem se identificasse quatro cores; Anja conseguia dar nome a onze, incluindo preto e branco, porque era capaz de diferenciar rosa de vermelho, roxo de azul.

Wally — o Dr. Walter Lipscomb, que trouxera Anja ao mundo e se tornara seu padrinho — não ficara preocupado quando a menina

parecera desenvolver-se devagar demais. Ele avisara que cada criança era um indivíduo, com seu ritmo de aprendizado específico. A especialidade dupla de Wally — obstetrícia e pediatria — conferia-lhe credibilidade, claro, mas ainda assim Celestina ficara preocupada.

Preocupar-se é o que as mães fazem melhor. Celestina era a mãe da menina no que dizia respeito a Anja, porque ela ainda não estava em idade para ouvir, e entender, que fora abençoada com duas mães: aquela que a pusera no mundo e aquela que a criara.

Recentemente, Wally submetera Anja a uma série de testes de avaliação para crianças de três anos, e os resultados indicavam que ela talvez jamais se tornasse brilhante em matemática ou uma ginasta verbal, mas que podia ser altamente talentosa em outros aspectos. Sua apreciação das cores, seu entendimento inato da derivação de tons secundários a partir das cores primárias, seu senso de relacionamento espacial e seu reconhecimento de formas geométricas básicas a despeito do ângulo em que eram apresentadas estavam muito acima dos exibido por outras crianças de sua idade. Wally disse que a menina era altamente dotada de inteligência visual, e que provavelmente seria precoce em questões artísticas, podendo seguir a carreira de Celestina, e talvez até mesmo revelar-se um prodígio.

— Chapeuzinho Vermelho! — anunciou Anja, estudando-se no espelho.

Celestina finalmente fechou o zíper da mochila.

— É melhor tomar cuidado com o lobo mau.

— Eu não. É melhor o lobo se cuidar! — declarou Anja.

— Acha que poderia chutar o traseiro do lobo, hein? — Bam! — disse Anja, estudando seu reflexo enquanto chutava um lobo imaginário.

Retirando um casaco do armário, enfiando-se nele, Celestina disse: — Você devia usar verde, srta. Chapeuzinho. Assim o lobo não ia reconhecer você.

— Hoje não estou me sentindo uma rã.

— Você também não parece uma.

— Você é bonita, mamãe.

— Ora, muito obrigada, docinho.

— Eu sou bonita? — Não é educado pedir um elogio.

— Mas eu sou? — Você é deslumbrante.

— Às vezes não tenho certeza disso — comentou Anja, olhando desconfiada para o reflexo no espelho.

— Confie em mim. Você é uma beldade.

Celestina agachou-se diante de Anja, para amarrar o cordão do capuz debaixo do queixo da menina.

— Mamãe, por que os cachorros são peludos? — De onde vêm os cachorros? — Eu também queria saber.

— Não — disse Celestina. — Quero dizer, por que estamos falando de cachorros de repente? — Porque eles parecem lobos.

— Ah, certo. Bem, Deus fez eles assim, peludos.

— Por que Deus não me fez peluda? — Por que ele não queria que você fosse uma cachorra. — Ela acabou de amarrar um laço no cordão. — Pronto. Você está parecendo um M&M.

— Isso é um doce.

— Bem, você é doce, não é? E você é vermelho brilhante por fora e chocolate ao leite por dentro — disse Celestina, beliscando gentilmente o nariz marrom-claro da menina.

— Eu prefiro ser um Sr. Goodbar.

— Então você vai ter que vestir amarelo.

No corredor que servia os apartamentos no térreo, elas encontraram Rena Moller, a mulher Idosa que vivia no apartamento de frente para o delas. Ela estava polindo com óleo de limão a madeira escura de sua porta da frente, um sinal garantido de que seu filho e a família dele vinham jantar.

— Eu sou um M&M — disse Anja orgulhosa para a sua visita, enquanto Celestina fechava a porta.

Rena era alegre, baixa e sólida. Sua cintura devia medir dois terços de sua altura, e ela favorecia vestidos florais que embelezavam sua silhueta.

Com sotaque alemão e uma voz que sempre parecia dissolver-se em risos, ela disse: — Madchen lieb, você me parece mais uma vela de Natal.

— Velas derretem. Não quero derreter.

— M&Ms também derretem — alertou Rena.

— Lobos gostam de doces? — Talvez. Não entendo nada de lobos, lieblich.

— Você parece um jardim de flores, Sra. Moller — disse Anja.

— Pareço mesmo, não pareço? — concordou Rena, enquanto alisava com a mão gorducha a saia de seu vestido colorido.

— Um jardim grande.

— Anja! — ralhou Celestina, mortificada. Rena soltou uma gargalhada.

— Oh, mas é verdade! E não só um jardim. Eu sou um campo de flores! — Largou a saia, que se agitou como cascatas de pétalas em queda. — Então esta vai ser uma noite de fama, Celestina.

— Deseje-me sorte, Rena.

— Grande sucesso, venda total, eu prevejo! — Já ficarei aliviada se vendermos uma pintura.

— Ah, boa como você é, não vai sobrar nenhuma. Eu sei.

— Deus te ouça.

— Não seria a primeira vez — assegurou-lhe Rena. No lado de fora, Celestina segurou a mão de Anja enquanto desciam os degraus da frente até a rua.

Seu apartamento ficava numa casa vitoriana de quatro andares no bairro chique de Pacific Heights. Tinha sido convertida a apartamentos com profundo respeito pela arquitetura, anos antes que Wally a comprasse.

A casa do próprio Wally ficava na vizinhança, a um quarteirão e meio, uma preciosidade vitoriana de três pavimentos que ele ocupava inteiramente.

O final do crepúsculo deitou uma luz violeta no banco de neblina que chegava da baía, conferindo à cidade a aparência de um cabaré abrindo para negócios. A noite, com a suavidade de uma mulher começando a dançar, carregava uma faca de ar frio debaixo de suas saias de seda negra.

Celestina olhou seu relógio de pulso e viu que estava atrasada. Com as perninhas curtas de Anja e camadas de vermelho, não fazia sentindo tentar apressar o passo.

— Para onde foi o azul? — indagou a garota.

— Que azul, fofinha? — O céu azul.

- Seguiu o sol.
 - Para onde o sol foi? — Para o Havaí.
 - Por que o Havaí? — Ele tem uma casa lá.
 - Por que lá? — Os terrenos são mais baratos no Havaí.
 - Não estou engolindo isso.
 - E eu mentiria para você? — Não. Mas você mexeria comigo.
- Chegaram à primeira esquina e atravessaram o cruzamento.

Suas exalações saíam em plumas frias. Fantasmas de ar, como Anja as chamava.

- Comporte-se esta noite, viu? — disse Celestina.
- Vou ficar com o tio Wally? — Com a Sra. Ornwall.
- Por que ela mora com o tio Wally? — Você sabe por quê. Ela é a governanta dele.

— Por que você não mora com o tio Wally? — Não sou a governanta dele, sou? — O tio Wally não vai ficar em casa esta noite? — Só um pouquinho. Então ele vai se encontrar comigo na galeria, e depois que a mostra terminar, vamos jantar juntos.

— Vão comer queijo? — Talvez.

— Vão comer frango? — Por que está preocupada com o que vamos comer? — Quero comer queijo.

— Tenho certeza de que se você pedir a sra. Ornwall fará um sanduíche de queijo quente para você.

— Olha nossas sombras. Elas estão na frente, e depois vão para trás.

— Porque estamos passando pelas lâmpadas da rua.

— Elas devem ser sujas, né? — As lâmpadas da rua? — Nossas sombras. Estão sempre no chão.

— Tenho certeza de que são imundas.

— Então, para onde vai o preto? — Que preto? — O preto do céu. Quando amanhece. Para onde vai, mamãe? — Não faço a mínima ideia.

— Eu achava que você sabia tudo.

— Eu já soube — disse Celestina com um suspiro. — O meu cérebro não está trabalhando bem agora.

— Coma um pouco de queijo.

— Voltamos a isso? — É comida para o cérebro.

— Queijo? Quem disse? — O homem do queijo, na tevê.
— Você não pode acreditar em tudo que dizem na tevê,
querida.
— O Capitão Kangaroo não mente.
— Não, ele não mente. Mas o Capitão Kangaroo não é o homem
do queijo. A casa de Wally ficava meio quarteirão à frente. Ele estava
parado na calçada, conversando com um motorista de táxi. O táxi de
Celestina já tinha chegado.
— Vamos mais rápido, fofinha.
— Eles se conhecem? — Tio Wally e o motorista de táxi? Acho
que não.
— Não. O Capitão Kangaroo e o homem do queijo.
— Devem se conhecer, sim.
— Então o Capitão deve ter dito ao homem do queijo para não
mentir.
— Tenho certeza que ele deve ter dito, sim.
— O que é comida para o cérebro? — Peixe, talvez. Não esqueça
de rezar esta noite.
— Eu sempre lembro.
— Lembre de pedir que Deus abençoe a mim, tio Wally, e vovô e
vovó...
— Vou rezar também pelo homem do queijo.
— Essa é uma boa ideia.
— Vocês vão comer um pouco de pão? — Tenho certeza de que
iremos.
— Ponha um pouco de peixe nele. Sorrindo, Wally abriu os
braços. Anja correu até Wally, que a levantou da calçada.
— Você está parecendo uma pimentinha — disse Wally.
— O homem do queijo é um mentiroso descarado — anunciou
Anja.
Passando a mochila para Wally, Celestina relatou: — Bonecas,
lápiz de cera e a escova de dentes dela. Para Anja, o motorista de táxi
disse: — Ora, ora, você é uma mocinha linda, sabia? — Deus não quis
que eu fosse uma cachorra — disse-lhe Anja.
— Como sabe? — Ele não me fez peluda.

— Me dá uma beijoca, fofinha — pediu Celestina e a menina plantou um beijo molhado na sua bochecha. — Você vai sonhar com quê? — Com você — disse Anja, que ocasionalmente tinha pesadelos.

— Que tipo de sonhos vão ser? — Apenas sonhos bons.

— O que vai fazer se o bicho-papão aparecer no sonho? — Você vai dar um chute no traseiro peludo dele! — disse Anja.

— Isso.

— É melhor você se apressar — aconselhou Wally, presenteando a outra bochecha de Celestina com um beijo mais seco.

A recepção era das seis às oito e meia. Ela chegaria a tempo apenas se os anjos da guarda deixassem todos os sinais abertos.

Enquanto conduzia o táxi para o tráfego, o motorista disse: — O moço me disse que a senhora é a estrela da exposição desta noite.

Celestina virou-se em seu banco para olhar para Wally e Anja, que estavam acenando.

— Acho que sou.

— Os pintores dizem “merda”, como os atores de teatro? — Não vejo por que não.

— Então merda para você.

— Obrigada.

O táxi dobrou a esquina. Wally e Anja sumiram de vista. Olhando novamente à frente, Celestina riu deliciada. Fitando-a pelo espelho retrovisor, o motorista comentou: — A senhora está animada mesmo. É sua primeira grande exposição? — Acho que sim, mas não foi por causa disso que ri. Estava lembrando de uma coisa que a minha filha disse.

Celestina sucumbiu a um acesso de riso. Antes de conseguir controlar-se, usou dois lenços de papel para assoar o nariz e enxugar lágrimas de riso dos olhos.

— Ela parece uma menina muito especial.

— É o que acho. Para mim, ela é maravilhosa. Vivo dizendo para minha filha que ela é o céu e as estrelas também. Devo estar mimando-a demais.

— Bobagem. O amor não estraga ninguém.

Deus, como ela amava sua fofinha, sua pequena M&M. Três anos tinham passado no que parecera um mês, e apesar de todo esforço

e tensão, das horas exíguas de cada dia, de menos tempo para a sua arte do que ela teria preferido, e de pouco ou tempo nenhum para si mesma, Celestina não trocava os problemas da maternidade por nenhuma riqueza no mundo...

exceto para ter Fimie de volta. Anja era a lua, o sol, as estrelas e todos os cometas que riscavam as galáxias infinitas: uma luz eterna.

A ajuda de Wally, não apenas com o apartamento, mas com seu tempo e amor, tinham feito uma diferença incalculável.

Celestina frequentemente pensava na esposa e nos gêmeos de Wally— Rowena, Danny e Harry —, mortos naquela queda de avião há seis anos, e às vezes sentia-se trespassada por um sentimento de perda tão profundo que eles quase pareciam ter sido membros de sua própria família.

Lamentava tanto por eles terem perdido Wally quanto lamentava por ele tê-los perdido, e por mais blasfemo que fosse esse pensamento, perguntava-se por que Deus tinha sido tão cruel com uma família tão unida. Rowena, Danny e Harry haviam cruzado todas as águas do sofrimento e agora viviam eternamente no reino de Deus. Um dia iriam se reunir ao marido e pai especial que tinham perdido; mas até a recompensa do céu parecia uma compensação inadequada por lhes terem sido negados tantos anos aqui na Terra com um homem tão bom e gentil, de coração tão grande, quanto Walter Lipscomb.

Walter teria ajudado Celestina ainda mais, se ela tivesse permitido.

Celestina continuou trabalhando à noite como garçoneiro durante dois anos, enquanto completava suas cadeiras no Academy of Art College. Só pediu demissão do emprego quando começou a vender suas pinturas por um preço que se igualava ao salário de garçoneiro mais gorjetas.

No começo, Helen Greenbaum, da Galeria Greenbaum, comprou três telas, e as vendeu em um mês. Em seguida comprou mais quatro, e então outras três, porque duas mal pararam na galeria. Depois que colocou dez peças de Celestina sob a guarda de colecionadores, Helen decidiu incluir Celestina numa exposição de seis talentos novos. E agora ela já tinha uma exposição exclusiva.

Em seu primeiro ano na faculdade, o sonho mais alto de Celestina era um dia ganhar a vida como ilustradora para revista ou na equipe de arte de uma agência de publicidade. Uma carreira nas belas-artes, evidentemente, era a fantasia de todo pintor, a liberdade absoluta para explorar seu talento; mas ela teria ficado grata com a realização de um sonho muito mais humilde. Agora tinha apenas 23 anos, e o mundo pendia diante dela como um pêsego maduro, e ela parecia capaz de esticar o braço o bastante para colhê-lo do galho.

Às vezes Celestina ficava impressionada ao pensar no quão íntima e inextricavelmente os ramos da tragédia e da alegria estavam entrelaçados na árvore da vida. A tristeza muitas vezes era a raiz de alegrias futuras, e a alegria poderia ser a semente de tristezas vindouras. Os padrões dessa trama de ramos eram tão complexos, tão cativantes em sua riqueza de detalhes, tão assustadores em sua inevitabilidade, que Celestina poderia encher inúmeras telas, durante muitas encarnações como uma artista, lutando para capturar a natureza enigmática da existência em toda sua escuridão e luz, e no fim apenas sugerir a mais pálida sombra de seu mistério.

E a ironia das ironias: com seu talento aprofundando-se a um nível que ela nunca esperara chegar, com colecionadores respondendo à sua visão a um ponto que ela jamais imaginara possível, com seus objetivos já excedidos, e divisando grandes vistas de possibilidades em seu futuro, ela abriria mão de tudo isso — com alguma tristeza, mas nenhum arrependimento — se tivesse de escolher entre sua arte e Anja, porque a menina revelara-se uma bênção maior. Fimie estava morta, mas seu espírito alimentava e regava a vida da irmã, gerando uma grande abundância.

— Chegamos — anunciou o motorista, parando à beira da calçada em frente à galeria.

As mãos de Celestina tremiam enquanto ela pegava em sua carteira o dinheiro para pagar a corrida e a gorjeta.

— Estou morrendo de medo. Talvez seja melhor você me levar de volta para casa.

Virando-se em seu assento, achando graça da forma como Celestina manipulava desajeitadamente o dinheiro, o motorista disse: —

Você não está com medo, não você. Enquanto estava sentada aí atrás, calada quase o tempo todo, você não estava pensando em ser famosa.

Estava pensando na sua menininha.

— Estava, sim.

— Eu te conheço, garota. Você vai lidar bem com qualquer resultado. Se a exposição for um sucesso ou um fracasso, se você se tornar famosa ou apenas outra ninguém.

— Deve estar me confundindo com outra pessoa — disse ela, empurrando um bolo de notas na mão dele. — Sou uma geleia de salto alto.

O motorista balançou a cabeça.

— Eu soube de tudo que qualquer um precisaria saber sobre você quando perguntou à sua filha o que aconteceria se o bicho-papão aparecesse no sonho dela.

— Ela tem sonhado com isso, coitadinha.

— E mesmo nos sonhos dela você está determinada a estar lá, ao lado dela. Se aparecesse um bicho-papão, não tenho dúvida de que iria chutar o traseiro peludo dele, e ele não ia aparecer de novo, nunca mais. Então entre logo nessa galeria, impressione todos aqueles metidos, arranque o dinheiro deles e fique famosa.

Talvez porque fosse muito parecida com o pai, cheia de fé na humanidade, Celestina sempre ficava profundamente comovida com a gentileza de estranhos e via nela a forma de uma graça maior.

— A sua esposa sabe que mulher de sorte ela é? — Se eu tivesse uma esposa, ela não ia se achar tão sortuda. Não sou do tipo que quer uma esposa, meu bem.

— Então há um homem em sua vida? — O mesmo há dezoito anos.

— Dezoito anos. Então ele deve saber o quanto é sortudo.

— Lembro isso a ele pelo menos duas vezes por dia.

Ela saiu do táxi e ficou de pé na calçada, diante da galeria, as pernas trêmulas como as de um novilho recém-nascido.

O cartaz da exposição parecia grande, imenso, muito maior do que ela lembrava. Absurdamente grande. Seu tamanho instigava os críticos a serem cruéis, e desafiava o destino a celebrar o triunfo de Celestina reduzindo a cidade a ruínas neste momento, no terremoto do

século. Desejou que Helen Greenbaum tivesse optado por algumas linhas datilografadas num cartão de arquivo preso com fita adesiva no vidro.

Ao ver sua fotografia, sentiu-se corar. Torceu para que nenhum dos pedestres passando entre ela e a galeria olhasse da foto para o seu rosto e a reconhecesse. Onde estava com a cabeça? A coroa da fama era pesada demais para ela. Era uma filha de pastor, lá de Spruce Hills, Oregon, e se sentia mais confortável com um boné de beisebol.

Duas de suas pinturas maiores e melhores estavam nas vitrines, iluminadas dramaticamente. Eram ofuscantes. Eram horrendas. Eram bonitas. Eram ridículas.

Esta exposição era desastrosa, estúpida, dolorosa, linda, maravilhosa, gloriosa, agradável.

A única coisa que tornaria a noite melhor seria a presença de seus pais.

Eles tinham planejado pegar um avião para San Francisco esta manhã, mas no final da noite de ontem um membro da comunidade, muito amigo deles, tinha morrido. Um pastor e sua esposa às vezes tinham deveres para com seu rebanho que suplantavam todo o resto.

Ela leu em voz alta o nome da exposição: “Este Dia Marcante”.

Respirou fundo. Levantou a cabeça, empertigou os ombros, entrou. Lá dentro, uma vida nova a aguardava.

Capítulo 66

CAIM JÚNIOR CAMINHAVA entre os filisteus, na terra cinzenta da conformidade, procurando por um — apenas um! — quadro revigorantemente repulsivo, mas encontrando apenas imagens agradáveis e até encantadoras. Sedento por arte verdadeira e pelo redemoinho emocional de desespero e desprazer por ela evocado, Júnior deparava-se apenas com retratos de esperança e felicidade, e se via cercado por pessoas que pareciam gostar de tudo, das pinturas, dos canapés e até do tempo frio da noite de janeiro, pessoas que

provavelmente não dedicaram sequer um dia de suas vidas a pensar na inevitabilidade da aniquilação nuclear antes do final desta década, pessoas que sorriam demais para serem intelectuais genuínos. Júnior sentia-se mais sozinho e ameaçado do que Sansão cego e acorrentado em Gaza.

Inicialmente ele não pretendia entrar na galeria. Nenhum frequentador de seus círculos habituais compareceria a esta exposição, a não ser num estado tão quimicamente alterado que não conseguisse recordar do evento na manhã seguinte. Portanto, Júnior não corria o menor risco de ser reconhecido ou recordado. Ainda assim, parecia-lhe insensato correr o risco de que o identificassem como uma das pessoas na exposição, caso o pequeno Bartholomew de Celestina White e talvez a própria artista fossem assassinados mais tarde. A polícia, em sua paranoia costumeira, poderia suspeitar de um elo entre este evento e os assassinatos, o que iria motivá-los a procurar e interrogar cada convidado.

Além disso, ele não estava na lista de clientes da Galeria Greenbaum e não tinha um convite.

Nas galerias de arte de vanguarda, a cujas recepções Júnior comparecia, ninguém entrava sem um convite impresso. E mesmo com o papel autêntico na mão, você ainda poderia ter a sua entrada recusada se não fosse julgado “maneiro”. A exigência de maneirice também se aplicava nos clubes de dança mais badalados do momento e, na verdade, os leões-de-chácara que controlavam o ingresso às galerias de arte moderna mais refinadas eram os mesmos que trabalhavam nos clubes.

Júnior estivera caminhando ao longo das vitrines grandes, estudando as duas pinturas de White expostas aos convidados embasbacados com sua beleza, quando subitamente a porta se abriu e um funcionário da galeria o convidara a entrar. Não era preciso um convite impresso, não havia teste de maneirice, nem leões-de-chácara guardando a entrada. Tamanha acessibilidade servia como prova, se você precisasse, de que isto não era arte verdadeira.

Cautela descartada, Júnior havia entrado, pelo mesmo motivo que levaria um apreciador de óperas a comparecer a um concerto de música country uma vez por década: confirmar a superioridade de seu

gosto e divertir-se com aquilo que se passava por música entre os ignorantes.

Certas pessoas chamariam isso de entrar na favela.

Celestina White era o centro das atenções, sempre cercada por burgueses bebericando champanhe e entupindo-se com canapés, que estariam comprando pinturas em veludo se tivessem menos dinheiro.

Para ser justo, com sua beleza extraordinária, Celestina teria sido o centro das atenções mesmo num evento frequentado por autênticos apreciadores de arte. Júnior tinha pouca chance de matar o bastardo de Serafina sem passar por esta mulher e matá-la também; mas se tivesse sorte e eliminasse Bartholomew sem que Celestina soubesse quem fizera isso, então talvez tivesse uma chance de descobrir se ela era tão lúbrica quanto fora sua irmã e se era a sua alma gêmea.

Após ter visto toda a exposição, conseguindo não expressar seu asco com caretas, tentou se misturar aos convidados a uma distância de Celestina White que lhe permitisse ouvir o que ela dizia.

Escutou-a explicar que o título da exposição fora inspirado por um dos sermões de seu pai, que fora transmitido num programa de rádio de âmbito nacional há mais de três anos. Apesar de não ser religioso, o programa tinha como tema o sentido da vida; ele costumava transmitir entrevistas com filósofos contemporâneos e também discursos deles, mas de vez em quando apresentava um clérigo. O sermão do pai de Celestina recebera uma reação dos ouvintes melhor que a de qualquer outra coisa apresentada no programa em vinte anos e, três semanas depois, foi reprisado por exigência popular.

Recordando como o título da exibição ressoara em sua mente na primeira vez em que vira o catálogo da galeria, Júnior sentiu agora que a gravação em fita desse sermão tinha sido a "música" excitante que acompanhara sua noite de paixão com Serafina. Não conseguia lembrar uma palavra sequer do sermão, quanto mais qualquer elemento que pudesse ter comovido profundamente uma platéia nacional de rádio, mas isso não significava que fosse raso ou incapaz de ser tocado por especulações filosóficas. Estivera tão distraído pela perfeição erótica do corpo jovem de Serafina, e tão ocupado metendo nela, que também não lembraria uma única palavra se o próprio Zedd estivesse sentado na

cama, discursando sobre a condição humana com seu brilhantismo habitual.

Mas era bem provável que as palavras do reverendo White fossem tão besuntadas de sentimentalismo e otimismo irracional quanto as pinturas de sua filha; portanto, Júnior não sentiu a menor vontade de descobrir o nome do programa de rádio ou escrever para a emissora pedindo uma transcrição do sermão.

Ele estava prestes a sair em busca de canapés quando ouviu um dos convidados mencionar Bartholomew à filha do reverendo. Apenas o nome ressoou em seus ouvidos, não as palavras que o cercavam.

— Ah, sim, todo dia — respondeu Celestina White. — No momento estou envolvida numa série inteira de obras inspiradas por Bartholomew.

Decerto tratava-se de uma série de retratos sentimentais do bastardinho, com olhos impossivelmente grandes e límpidos, posando junto a cachorrinhos e gatinhos, retratos mais adequados a calendários baratos do que a paredes de galerias, e nocivos à saúde dos diabéticos.

Não obstante, Júnior ficou empolgado ao ouvir o nome Bartholomew, e sabendo que o menino de quem Celestina falava era o Bartholomew dos Bartholomews, a presença ameaçadora em seu sonho esquecido, a ameaça à sua fortuna e ao seu futuro que precisava ser eliminada.

Quando se aproximou mais, para ouvir melhor a conversa, percebeu que alguém o fitava. Levantou a cabeça para fitar olhos de carvão ardente, fixos como os de uma ave de rapina, dispostos no rosto fino de um homem de trinta e poucos anos, mais magro que um corvo faminto no inverno.

Quatro metros e meio os separavam, com convidados entre os dois.

Ainda assim, a atenção desse estranho não poderia ser mais perturbadora a Júnior se os dois estivessem sozinhos naquela sala e a meio metro um do outro.

Mais alarmante ainda, ele subitamente compreendeu que aquele homem não lhe era desconhecido. O rosto parecia familiar, e ele sentia que o vira antes num contexto desagradável, embora a identidade do homem lhe escapasse.

Com um meneio nervoso de sua cabeça de ave e um olhar intrigado, o observador interrompeu o contato visual e desapareceu entre a turba, tão rápido quanto uma garça esguia voando através de uma revoada de gaivotas gordas.

No instante em que o homem dera-lhe as costas, Júnior vira um lampejo do que ele usava debaixo de um sobretudo mais apropriado ao inverno londrino. Entre as fraldas do sobretudo: camisa branca com colarinho em V, gravata preta, a sugestão de lapelas de seda preta, como as de um smoking.

Uma mão fantasmagórica tocou uma melodia num piano na mente de Júnior: “Someone to Watch Over Me”. O observador com olhos de gavião era o pianista no saguão elegante do hotel onde Júnior jantara em sua primeira noite em San Francisco, e mais duas vezes depois.

Claramente, o músico reconhecera-o, o que parecia improvável, até extraordinário, considerando que jamais tinham falado um com o outro, e considerando que Júnior devia ser um dos milhares de clientes que tinham passado por aquele saguão nos últimos três anos.

Mais estranho ainda, o pianista estudara-o com um interesse agudo completamente inexplicável, considerando que os dois eram essencialmente estranhos. No instante em que fora flagrado fitando-o, ele parecera abalado, dando as costas rapidamente para Júnior, ansioso por evitar mais contato.

Júnior esperava não ser reconhecido por ninguém neste evento.

Lamentou não ter seguido à risca o plano original, mantendo vigilância da galeria de seu carro estacionado.

O comportamento do músico requeria explicação. Depois de perambular pela multidão, Júnior localizou o homem diante de uma pintura tão egregiamente linda que qualquer apreciador de arte autêntica mal resistiria ao ímpeto de retalhar a tela em tiras.

— Gostei da sua música — disse Júnior.

Surpreso, o pianista virou-se para olhá-lo — e recuou um passo como se o seu espaço pessoal tivesse sido invadido.

— Ah, sim, obrigado. Muita gentileza sua. Eu amo meu trabalho. Na verdade ele é tão divertido que quase tenho vergonha de chamá-lo de trabalho. Toco piano desde os seis anos e nunca fui uma daquelas

crianças que reclamam das aulas. Simplesmente não conseguia esperar a hora da próxima.

Ou esse tagarela era um bocó de tempo integral ou Júnior deixara-o desconcertado.

— O que está achando da exposição? — perguntou Júnior, dando um passo na direção do músico.

Esforçando-se para parecer casual, mas obviamente tenso, o homem com corpo de lápis recuou novamente.

— As pinturas são lindas, maravilhosas. Estou imensamente impressionado. Sou amigo da artista, sabe? Ela já foi minha inquilina. Ela morou num dos meus apartamentos quando estava no começo da faculdade, antes do bebê. Uma mocinha adorável. Sempre soube que ela ia ser um sucesso, isso era evidente até em seus primeiros trabalhos. Eu precisava comparecer esta noite e pedi a um amigo que cobrisse dois dos meus quatro números. Eu não podia perder isto.

Más notícias. Ser identificado por outro convidado punha Júnior em risco de mais tarde ser associado ao assassinato; ser reconhecido por um amigo pessoal de Celestina White era ainda pior. Agora era imperativo saber por que o pianista o estivera observando do outro lado da sala com tanta intensidade.

Mais uma vez aproximando-se de sua presa, Júnior comentou: — Fiquei impressionado quando vi que você me reconheceu, mesmo não sendo um frequentador assíduo do hotel.

O músico não tinha o melhor talento para a dissimulação. Seus olhos de garnisé bicaram a pintura mais próxima, os outros convidados, o assoalho, toda parte, menos diretamente Júnior, e um nervo se dilatou em sua face esquerda.

— Bem, sou muito bom fisionomista, você sabe, nunca esqueço de um rosto, não sei por quê. Deus sabe que no resto a minha memória é uma porcaria.

Estendendo a mão, observando o pianista de perto, Júnior disse: — Meu nome é Richard Gammoner.

Os olhos do músico encontraram os de Júnior por um instante, arregalando-se de surpresa. Obviamente ele sabia que Gammoner era uma mentira. Ele devia estar ciente da identidade verdadeira de Júnior.

Júnior disse ao músico: — Eu devia lembrar do seu nome do cartaz no saguão, mas sou tão ruim com nomes quanto você é com rostos.

Hesitante, o dedilhador de marfim apertou a mão de Júnior.

— Sou... bem... sou Ned Gnathic. Todo mundo me chama de Neddy. — Neddy cumprimentava rápido, com dois apertos curtos, mas Júnior continuou segurando a mão dele depois que o aperto de mão tinha acabado.

Ele não esmagou os nós dos dedos do músico, nada tão violento, apenas continuou segurando sua mão com firmeza. Sua intenção era confundir e enervar ainda mais o homem, para tirar vantagem de seu desgosto óbvio por ter seu espaço pessoal invadido, na esperança de que Neddy revelasse por que estivera observando Júnior com tanta intensidade através da sala.

— Eu sempre quis aprender piano — alegou Júnior. — Mas acho que realmente é preciso começar cedo.

— Não, não, nunca é tarde demais.

Visivelmente abalado pela recusa de Júnior em terminar o cumprimento, Neddy não queria ser rude e puxar a mão, ou fazer uma cena, por menor que fosse, mas Júnior, sorrindo e fingindo ser socialmente inapto, não respondeu a um puxão educado. Assim, Neddy aguardou, permitindo que sua mão continuasse sendo apertada, e seu rosto, anteriormente branco como teclas de piano, ganhou um tom avermelhado que combinou com o cravo em sua lapela.

— Você dá aulas? — inquiriu Júnior.

— Eu? Não, na verdade, não.

— Dinheiro não é problema. Posso pagar o quanto quiser cobrar. E eu seria um estudante muito aplicado.

— Tenho certeza de que você seria, sim, mas acho que não teria paciência para ensinar. Sou um intérprete, não um instrutor. Mas posso lhe dar o nome de um bom professor.

Embora o rosto de Neddy estivesse avermelhado, Júnior ainda segurava sua mão, aproximando-se ainda mais dele, abaixando o rosto até quase encostar no do músico.

— Se recomendar um professor, terei certeza de estar em boas mãos, Neddy. Eu realmente gostaria que reconsiderasse...

Paciência esgotada, o pianista puxou a mão do aperto de Júnior. Ele olhou em torno, nervoso, certo de que deviam ser o centro das atenções.

Mas, obviamente, os convidados estavam imersos em suas conversas burras, ou então babando as pinturas sentimentais; ninguém estava ciente deste pequeno drama.

Olhos esbugalhados, rosto vermelho, baixando a voz para quase um sussurro, Neddy disse: — Sinto muito, mas você me entendeu mal. Não sou como Renee e você. — Durante um momento a mente de Júnior não encontrou nenhum registro de uma Renee. Relutante, escavou o passado e desenterrou a lembrança dolorosa: o travesti deslumbrante no vestido Chanel, herdeiro ou herdeira de uma fortuna da indústria de válvulas.

— Não estou dizendo que haja qualquer coisa errada com isso, você entende? — sussurrou Neddy num tom levemente agressivo. — Mas não sou gay, e não estou interessado em ensinar piano a você nem a mais ninguém. Além disso, depois das histórias que Renee contou a seu respeito, não consigo imaginar por que imaginaria que qualquer amigo dele... dela, chegaria perto de você. Você precisa de ajuda. Renee é o que é, mas não é má pessoa. Ela é generosa e muito boa. Ela não merece ser espancada, abusada e... e todas as coisas horríveis que você fez. Com licença.

Num coleio de seu sobretudo londrino, Neddy deu as costas para Júnior e atravessou a multidão ruidosa.

Como se o rubor fosse transmitido por um vírus, Júnior pegou o tom avermelhado do pianista.

Como Renee Vivi morava no hotel, ela provavelmente considerava o saguão como seu campo de caça pessoal. Naturalmente, as pessoas que trabalhavam no saguão a conheciam, e eram amigas dela. Elas lembrariam de qualquer homem que tivesse acompanhado a herdeira até a sua cobertura.

Pior ainda, a piranha vingativa — melhor seria xingá-la de veado, mesmo — tinha inventado uma série de histórias maldosas sobre ele, que em noites de pouco movimento compartilhara com Neddy, com o barman, com qualquer um disposto a ouvir. Os funcionários do saguão acreditavam que Júnior era um sádico perigoso. Sem dúvida alguma,

Renee inventara outras histórias lúridas, acusando-o de tudo, desde um interesse degenerado em excrementos até automutilação da genitália.

Mas que maravilha. Então Neddy, um amigo de Celestina, sabia que Júnior, conhecido como um sádico violento, comparecera a esta recepção sob um nome falso. Se Júnior realmente era um pervertido com gostos bizarros a ponto de ser desprezado até pela escória do mundo, então certamente também era capaz de matar.

Ao ouvir sobre a morte de Bartholomew — e/ou de Celestina —, Neddy telefonaria para a polícia e incriminaria Júnior em doze segundos. Talvez quatorze.

Júnior seguiu discretamente o músico através da sala da frente, mas num arco indireto, usando os burgueses balbuciantes como cobertura.

Neddy cooperou não se rebaixando a olhar para trás. Ele parou um rapaz que, a julgar pelo crachá em seu blazer, era um funcionário da galeria. Eles juntaram as cabeças para conversar, e então o músico atravessou uma passagem em arco até a segunda sala de exposição.

Curioso para saber o que Neddy dissera, Júnior abordou o mesmo funcionário.

— Desculpe, mas estou procurando um amigo meu há um tempão, e quando finalmente o vi, ele estava conversando com você. Era o sujeito usando um sobretudo por cima de um smoking. Agora eu o perdi de novo.

Ele disse que estava indo embora? Quero pedir a ele uma carona até a minha casa.

O rapaz levantou a voz para ser ouvida acima do barulho gerado pelos convidados.

— Não, senhor. Ele só perguntou onde era o banheiro masculino.

— E onde é? — No fundo da segunda galeria, à esquerda, tem um corredor. Os banheiros ficam no fundo, depois dos escritórios.

Quando Júnior passou pelos três escritórios e encontrou o banheiro masculino, Neddy ocupara-o. A porta estava fechada, o que devia significar que só tinha lugar para um usuário por vez.

Júnior se encostou na moldura da porta.

O corredor estava inserto. Então uma mulher saiu de um dos escritórios e caminhou até a galeria, sem olhar para ele.

A pistola de 9mm descansava no coldre de ombro, debaixo do casaco de couro de Júnior. Mas o silenciador não tinha sido anexado; estava num dos bolsos do casaco. O cano estendido, longo demais para ficar encostado em seu flanco sem incomodá-lo, provavelmente ficaria preso no coldre quando fosse puxado.

Ele não queria correr o risco de casar arma e silenciador aqui no corredor, onde podia ser visto. Além disso, a situação poderia ficar complicada se ficasse todo sujo com o sangue de Neddy. A consequência não apenas era repelente, como também altamente incriminadora. Pela mesma razão, ele não queria usar uma faca.

Lá dentro, um som de descarga.

Durante os últimos dois dias, Júnior comera apenas alimentos que prendiam o intestino, e no final desta tarde ele também tomara uma dose preventiva de elixir paregórico.

Através da porta chegou o som de água corrente caindo numa pia.

Neddy lavando as mãos.

As dobradiças não ficavam no lado de fora. A porta abriria para dentro.

A água parou, Júnior ouviu o som mecânico de um dispensador de papel-toalha.

Ninguém no corredor.

Era vital aproveitar a oportunidade.

Júnior não estava mais encostado casualmente na moldura; estava com ambas as mãos espalmadas contra a porta.

Quando ouviu o clique da fechadura sendo destravada, arremeteu-se para o interior do banheiro masculino.

Num farfalhar de sobretudo, Neddy Gnathic cambaleou, desequilibrado e surpreso.

Antes que o pianista gritasse, Júnior empurrou-o entre a privada e a pia, jogando-o contra a parede com força suficiente para que ele perdesse a respiração e a água balançasse no interior do tanque de descarga.

Atrás deles, a porta ricocheteou de um calço com ponta de borracha e fechou com um baque.

Neddy possuía todo o talento musical, mas Júnior tinha os músculos.

Espetado na parede, garganta comprimida pelas mãos de Júnior, Neddy precisava de um milagre se quisesse tocar outro glissando num teclado.

As mãos, brancas como pombas, voaram para cima, adejando como se tentassem escapar das mangas de seu sobretudo, como se ele fosse um mágico e não um músico.

Mantendo uma pressão de estrangulamento brutal, Júnior virou a cabeça para o lado, para proteger os olhos. Ele atingiu a virilha de Neddy com o joelho, de modo a esmagar a vontade de lutar que restava nele.

As mãos-pombas, moribundas, baixaram até os braços de Júnior, batendo-se debilmente contra seu casaco de couro, e finalmente caíram límpidas nas laterais do corpo de Neddy.

O olhar de pássaro do músico estava vítreo. Sua língua rosa estava caída da boca, como uma minhoca comida pela metade.

Júnior largou Neddy e, deixando-o escorregar pela parede até o piso, voltou até a porta para trancá-la. Ao esticar o braço até a maçaneta, repentinamente esperou que a porta se abrisse violentamente, revelando Thomas Vanadium, renascido dos mortos. O fantasma não apareceu, mas Júnior ficou abalado apenas em pensar num confronto sobrenatural durante uma crise como aquela.

Da porta até a pia, pescando nervosamente um frasco plástico de farmácia num dos bolsos do casaco, Júnior aconselhou-se a permanecer calmo. Respirações lentas e profundas. O que está feito, está feito. Viva no futuro. Aja, não reaja. Mantenha o foco. Olhe sempre o lado bom.

Ele ainda não tinha tomado um antiemético nem um anti-histamínico para evitar vômitos ou urticária, porque queria medicar-se contra essas condições o mais perto que fosse possível do ato de violência, de modo a assegurar proteção máxima. Seu plano inicial era medicar-se apenas depois de seguir Celestina da galeria até a sua casa, e ter certeza absoluta de que localizara o covil de Bartholomew.

Tremia tanto que não conseguiu remover a tampa da garrafa. Sentia orgulho de ser mais sensível que a maioria das pessoas, de ser tão cheio de sentimentos, mas às vezes a sensibilidade era uma praga.

Lá se foi a tampa. Cápsulas amarelas na garrafa, azuis também. Conseguiu fazer cair uma de cada cor na palma da mão esquerda sem esparramar o resto no chão.

O final de sua busca estava próximo, próximo demais, com o Bartholomew certo quase ao alcance de uma bala. Júnior estava furioso com Neddy Gnathic por possivelmente ter estragado tudo.

Fechou a garrafa, enfiou-a no bolso, e então chutou o morto, chutou de novo, cuspiu nele.

Respirações lentas e profundas. Foco.

Talvez o lado bom fosse que o músico não tinha molhado nem sujado as calças ao morrer. Às vezes, durante uma morte comparativamente mais lenta, como por estrangulamento, a vítima perdia o controle de todas as funções corporais. Júnior lera isso num romance, algum que comprara através do Clube do Livro, e portanto uma obra enriquecedora e confiável.

Provavelmente não Eudora Welty, mas Norman Mailer. Em todo caso, o banheiro masculino não cheirava tão bem quanto uma floricultura, mas também não fedia.

Contudo, se esse era o lado bom, era uma merda de lado bom (sem trocadilhos), porque Júnior ainda estava encurralado neste banheiro masculino com um cadáver, e não podia permanecer aqui pelo resto de sua vida, sobrevivendo à base de água de bica e sanduíches de papel higiênico, mas não podia deixar o cadáver para ser encontrado, também, porque a polícia chegaria à galeria antes do final da recepção, e antes que ele tivesse uma chance de seguir Celestina até sua casa.

Outro pensamento: o jovem funcionário da galeria lembraria que Júnior perguntara por Neddy e o seguira até o banheiro dos homens. Daria uma descrição à polícia, e sendo um apreciador das artes, e portanto visualmente orientado, provavelmente daria uma descrição boa. Assim, o artista da polícia não ia desenhar uma visão cubista ao estilo de Picasso, ou uma pintura impressionista de cores borradas, mas um retrato cheio com detalhes vívidos e realistas, como uma pintura de Norman Rockwell, que garantiria a prisão de Júnior.

Olhando para o lado bom, Júnior deparara-se com um lado muito, muito ruim.

Quando sentiu o estômago embrulhar e o couro cabeludo pinicar, Júnior foi tomado por pânico, certo de que iria sofrer tanto um ataque de vômito quanto uma urticária severa, colocando tudo que comera para fora e se coçando ao mesmo tempo. Enfiou as cápsulas na boca, mas como não gerou saliva suficiente para engoli-las, abriu a bica, encheu as mãos em concha com água e bebeu, molhando a frente do casaco e do suéter.

Olhando para o espelho sobre a pia, não viu o reflexo do homem auto-aperfeiçoado e plenamente realizado que ele se esforçara tanto para se tornar, mas o menininho pálido, de olhos arregalados, que se escondera de sua mãe quando ela chegara ao extremo mais profundo e sombrio de uma de suas alterações de comportamento induzidas por cocaína e temperadas com anfetaminas, antes de ser removida da realidade fria para o aconchego do asilo. Como se um turbilhão de tempo o conduzisse de volta para o seu passado terrível, Júnior sentiu suas defesas, erguidas à custa de muito suor, serem derrubadas.

Como era injusto que tudo acabasse aqui, depois de tanto sofrimento: a busca pela agulha Bartholomew no palheiro, urticárias, ataques de vômito e diarreia, a perda de um dedo do pé, a perda de uma esposa amada, a peregrinação solitária por um mundo frio e hostil sem uma alma gêmea a seu lado, a humilhação nas mãos de um travesti, a assombração de espíritos vingativos, ser intenso demais para desfrutar dos benefícios da meditação, Zedd morto, a perspectiva da prisão sempre avultando por um motivo ou por outro, a incapacidade de encontrar a paz em seus bordados ou no sexo.

Júnior precisava de alguma coisa em sua vida, um elemento que faltava e sem o qual jamais seria completo, alguma coisa mais do que uma alma gêmea, mais do que alemão ou francês, ou caratê, e pensando melhor agora, percebeu que desde sempre procurava por essa substância misteriosa, esse objeto enigmático, essa habilidade, essa sei-lá-o-quê, essa força ou pessoa, essa ideia, mas o problema era que não sabia o que estava procurando e frequentemente, quando achava tê-la encontrado, descobria que não a encontrara, e portanto preocupava-se se, caso encontrasse essa coisa um dia, iria jogá-la fora

por não saber que ela era, de fato, a sei-lá-o- quê que ele procurava desde a infância.

Zedd aprova a autocomiseração, mas apenas se você aprender a usá-la como uma plataforma de lançamento para a raiva, porque a raiva — como o ódio — pode ser uma emoção saudável quando canalizada apropriadamente. A raiva pode motivar você a alturas de conquistas que de outras maneiras jamais alcançaria, mesmo a determinação simples e furiosa de provar que os filhos da puta que escarneciam de você estavam errados, de esfregar o seu sucesso na cara deles. A raiva e o ódio foram os motivadores de todos os grandes líderes políticos, como Hitler, Stalin e Mao, que talharam seus nomes indelevelmente no rosto da História, e que foram — cada um deles ao seu próprio modo — corroídos pela autocomiseração quando jovens.

Fitando o espelho, que poderia estar embaçado não apenas com vapor, mas também com autocomiseração, Caim Júnior procurou por sua raiva e a encontrou. Era uma raiva negra, amarga, tão venenosa quanto uma cascavel; com pouca dificuldade, seu coração estava destilando-a em ódio em sua forma mais pura.

Salvo do desespero por esta fúria empolgante, Júnior deu as costas para o espelho, mais uma vez olhando para o lado bom. Talvez ele fosse a janela do banheiro.

Capítulo 67

ENQUANTO OS WULFSTANS e seu convidado estavam sentados a uma mesa com janela, massas coleantes de névoa densa pairavam sobre a água negra, como se a baía houvesse acordado e, levantando-se de sua cama, tivesse empurrado montes de lençóis e cobertores.

Para o garçom, Nolly era Nolly, Kathleen era a Sra. Wulfstan e Tom Vanadium era senhor — embora não o senhor superficialmente polido, mas um senhor com ênfase diferenciada. Tom não era conhecido do garçom, mas seu rosto estraçalhado concedia-lhe respeitabilidade; além disso, ele possuía uma qualidade, completamente distinta de comportamento ou porte, uma inefável alguma coisa, que inspirava respeito e até confiança.

Todos pediram martinis. Ninguém ali observava um juramento de sobriedade absoluta.

Tom chamou menos atenção no restaurante do que Kathleen esperara.

Outros fregueses repararam nele, é claro, mas depois de um ou dois olhares de choque ou piedade eles pareceram indiferentes, ainda que sem dúvida estivessem fingindo a indiferença. A mesma qualidade nele que evocava tratamento diferenciado da parte do garçom aparentemente garantia que os outros fossem corteses o bastante para respeitar sua privacidade.

— Andei pensando numa coisa — disse Nolly. — Se você não é mais agente da lei, em que condição está perseguindo Caim? Tom Vanadium meramente arqueou uma sobrancelha, não precisando expressar mais do que isso para responder à pergunta.

— Acho que você não deveria agir como um vigilante — disse Nolly.

— E não vou. Vou ser apenas a consciência sem a qual Enoch Caim parece ter nascido.

— Está armado? — perguntou Nolly.

— Não vou mentir para você.

— Está. Legal. — Tom não disse nada. Nolly suspirou.

— Bem, acho que se você fosse apenas meter uma azeitona nele, já podia ter feito isso desde que chegou à cidade.

— Eu não conseguiria simplesmente dar um teco em alguém, nem mesmo num balde de vermes como Caim, assim como não seria capaz de cometer suicídio. Não esqueça, eu acredito em consequências eternas.

Para Nolly, Kathleen disse: — Foi por causa disso que casei com você. Para ouvir esse tipo de coisa.

— “Consequências eternas”?

— Não, “dar um teco”.

O garçom movia-se com tanta suavidade que os três martinis sobre uma bandeja de mogno pareceram flutuar através da sala à sua frente, e então pairar ao lado da mesa enquanto ele servia primeiro coquetéis para a dama, em seguida para o convidado e por fim para o anfitrião.

Depois que o garçom saiu, Tom disse: — Vocês não precisam ficar preocupados, que não vão ser cúmplices de um crime. Não hesitaria em apagar o Caim para proteger alguém, mas jamais agirei como juiz e júri.

Cutucando Nolly com o cotovelo, Kathleen comentou: — “Apagar”. Que maravilha. — Nolly levantou sua taça.

— À justiça, seja ela bruta ou suave. — Kathleen saboreou seu martíni.

— Hummmm... frio como o coração de um assassino, encorpado como sangue escorrendo de uma jugular! Isto encorajou Tom a levantar as sobancelhas.

— Ela lê muitas histórias de detetives — disse Nolly. — E ultimamente tem falado em escrever as suas próprias.

— Aposto que conseguiria escrever e aposto que arranjaria quem comprasse — disse ela. — Posso não ser tão boa com as palavras quanto sou com dentes, mas tenho certeza de que minhas histórias seriam melhores que algumas que já li.

— Suspeito que em qualquer trabalho ao qual se dedicar você vai ser tão boa quanto é como dentista.

— Não duvido nem um pouco — concordou Nolly.

— Tom, acho que sei porque você se tornou tira — disse Kathleen. — O Orfanato de Santo Anselmo... os assassinatos daquelas crianças.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Depois daquilo eu me tornei um São Tomé.

— Esse tipo de coisa faz a gente pensar: por que Deus permite que os inocentes sofram? — Duvidei mais de mim mesmo do que de Deus, embora tenha duvidado Dele, também. Eu tinha o sangue daqueles meninos nas minhas mãos. Era meu dever protegê-los, e falhei.

— Você é jovem demais para ter administrado um orfanato naquela época.

— Eu tinha vinte e três anos. No Orfanato de Santo Anselmo, eu era o monitor de um pavimento do dormitório. O pavimento onde todos os assassinatos aconteceram. Depois disso... decidi que talvez eu conseguisse proteger melhor os inocentes se fosse tira. Durante algum tempo, a lei me deu mais no que me apoiar do que a fé.

— É fácil ver você como um tira — disse Kathleen. — Expressões como “apagar”, “dar um teco” e “balde de vermes” deslizam fácil pela sua língua, por assim dizer. Mas é preciso fazer algum esforço para lembrar que você também é um padre.

— Fui um padre — corrigiu. — Posso voltar a ser. A meu pedido, estou sob dispensa dos votos e suspensão dos deveres há vinte e sete anos. Desde que aqueles meninos foram mortos.

— Mas por que você escolheu essa vida? — perguntou Kathleen. — Deve ter ingressado no seminário quando era jovem demais.

— Quatorze anos. Em geral a família está por trás de uma expressão do chamado a alguém tão jovem, mas em meu caso tive de convencer os meus pais.

Ele olhou para os fantasmas de névoa, multidões brancas que obscureciam inteiramente a baía, como se todos os marinheiros que tinham morrido no oceano houvessem se reunido aqui, e estivessem com os rostos premidos contra a janela, formas sem olhos que ainda assim viam tudo.

— Mesmo quando eu era criança, eu via o mundo de uma forma diferente que outras pessoas. Não estou dizendo que eu era mais inteligente. Talvez eu tivesse um Q.I. um pouquinho acima da média, mas nada de que pudesse me gabar. Fui reprovado em geografia duas vezes e em história, uma. Ninguém jamais me confundiria com o Einstein. Era apenas que eu sentia... tanta complexidade e mistério e mistério, que outras pessoas não apreciavam, tantas camadas de beleza, camadas sobre camadas, como massa de lasanha, cada nova camada mais surpreendente que a anterior. Não posso explicar isso a vocês sem parecer um idiota, mas mesmo sendo um menino, eu queria servir ao Deus que tinha criado tantas maravilhas, apesar do quanto Ele pudesse ser estranho e talvez até além de todo o entendimento.

Kathleen jamais ouvira um chamado religioso ser descrito com palavras tão estranhas como essas, e ficou realmente surpresa em ouvir um padre referir-se a Deus como “estranho”.

Desviando a atenção da janela, Tom encontrou o olhar de Kathleen. Seus olhos cinzentos pareciam gélidos, como se os fantasmas de névoa tivessem atravessado o vidro da janela e o possuído. Mas então uma rajada de vento aumentou subitamente a chama da vela na mesa. A luz dourada derreteu o frio nos olhos de Tom, e ela voltou a ver a candura e a tristeza bonita que a impressionara antes.

— Sou um tipo menos filosófico que Kathleen — disse Nolly. — O que eu gostaria de saber é onde você aprendeu os truques com a moeda. Como é que você é padre, tira... e mágico amador? — Bem, tinha um mágico...

Tom apontou para o martíni quase terminado que estava à sua frente na mesa. Equilibrada na borda do vidro — de forma impossível, precária: uma moeda.

— ... que se autodenominava Rei Obadias, Faraó do Fantástico. Ele viajava pelo país inteiro se apresentando em clubes noturnos...

Tom tirou a moeda de cima da taça, encerrou-a dentro de seu punho direito, e então imediatamente abriu sua mão, que agora estava vazia.

— ... e para onde quer que fosse, aproveitava os intervalos entre os seus espetáculos para fazer shows em hospitais, escolas de surdos...

Kathleen e Nolly voltaram sua atenção para a mão esquerda de Tom, que estava cerrada, embora a moeda não pudesse ter viajado de um punho para o outro.

— ... e sempre que o bom Faraó estava aqui em San Francisco, algumas vezes por ano, ele parava no Orfanato de Santo Anselmo para divertir os meninos...

Em vez de abrir o punho esquerdo, Tom levantou o martíni com o direito, e no pano da mesa, debaixo do vidro, estava a moeda.

— ... e um dia consegui convencê-lo a me ensinar alguns truques simples. — Finalmente sua mão esquerda se abriu, palma para cima, revelando duas moedas de dez e uma de cinco cents.

— Simples o cacete — disse Nolly. Tom sorriu.

— Pratiquei muito com o passar dos anos.

Ele fechou a mão por um instante em torno das três moedas, e então, com um meneio de seu pulso, jogou-as contra Nolly, que levantou a mão para se proteger. Mas ou as moedas nunca foram jogadas ou desapareceram no ar... e sua mão estava vazia.

Kathleen não notara Tom recolocar sua taça na mesa, sobre a moeda.

Quando levantou a taça para tomar o resto de seu martíni, duas moedas de dez e uma de cinco reluziam sobre o pano da mesa, onde antes estivera a moeda de 25 cents.

Depois de fitar as moedas por um longo momento: — Não lembro de nenhum escritor de romances de mistério que tenha feito uma série sobre um padre-detetive que também é um mágico.

Levantando seu martíni, gesticulando teatralmente para o pano da mesa onde a taça estivera, como se a ausência de moedas provasse que ele, também, tinha poderes de feitiçaria, Nolly disse: — Mais uma rodada desta bebida mágica? Todos concordaram, e o pedido foi feito quando o garçom trouxe os petiscos: patas de caranguejo para Nolly, camarões para Kathleen e lulas para Tom.

— Sabem de uma coisa? — disse Tom quando a segunda rodada de bebidas chegou. — Por incrível que pareça, alguns lugares nunca ouviram falar de martínis.

Nolly estremeceu.

— As florestas do Oregon. Não pretendo jamais ir até lá antes que o lugar seja civilizado.
— Não só o Oregon. Até alguns lugares de San Francisco.
— Deus nos proteja de vizinhanças impuras como essas — disse Nolly.
Fizeram tintim com suas taças.

Capítulo 68

NECESSITADA DE ÓLEO, a maçaneta rangeu, mas as metades compridas da janela de caixilho se separaram e abriram para o beco lá fora.

Contatos de alarme brilhavam nas extremidades do batente, mas o sistema não estava ativado no momento.

O peitoril ficava a cerca de 1,40m acima do piso do lavatório. Apoiando-se em ambas as mãos, Júnior elevou-se até ele.

Como as folhas da janela aberta não encostavam completamente na parede externa, elas bloqueavam sua visão. Júnior precisou arremessar a si mesmo através da abertura, até ficar com o peito sobre a soleira, antes de poder ver a rua inteira, em cujo meio aproximado situava-se a galeria.

Uma neblina densa distorcia todo o sentido de tempo e espaço. Em cada extremidade do quarteirão, manchas de luz perolada marcavam cruzamentos com ruas principais, mas não chegavam a iluminar o local.

Algumas lâmpadas de segurança — nuas debaixo de proteções em forma de pratos invertidos ou engaioladas em arame — indicavam as entradas de serviço de algumas lojas.

A névoa abafava os sons da cidade quase tanto quanto a obscurecia, e o beco estava surpreendentemente silencioso. Muitas das lojas estavam fechadas, e até onde Júnior podia discernir, não havia caminhões de entregas ou outros veículos estacionados ao longo da rua.

Completamente cômico de que alguém com mais necessidade que paciência em breve poderia bater na porta trancada, Júnior caiu de volta para o banheiro masculino.

Neddy, vestido para o trabalho, mas bem arrumado demais para o próprio funeral, estava encostado contra a parede, cabeça baixa, queixo no peito. Suas mãos pálidas estavam espalmadas no chão, como se confundisse os ladrilhos do solo com teclas de piano.

Júnior arrastou o músico entre a privada e a pia.

— Seu veado esquelético e tagarela! — sibilou Júnior, ainda tão furioso com Neddy que sentia vontade de bater a cabeça do pianista na privada, embora estivesse morto.

Ou melhor ainda: mergulhar a cabeça dele dentro da privada e dar a descarga.

Para ser útil, a raiva precisa ser canalizada, conforme Zedd explica com uma prosa poética em *A beleza da fúria*: canalize a sua raiva e seja um vencedor. A situação presente de Júnior apenas iria piorar se ele tivesse de telefonar para o Roto-Rooter para extrair um músico do encanamento.

Ao pensar nisso, se pôs a rir. Infelizmente, sua risada saiu aguda e trêmula, e o deixou morrendo de medo.

Canalizando sua fúria bela, Júnior ergueu o cadáver para a soleira e o empurrou de cabeça para a frente, para o beco. A neblina o recebeu com um som que lembrou um monstro engolindo sua comida.

Ele seguiu o homem morto através da janela, para o beco, conseguindo não pisar nele.

Nenhuma voz inquisidora ecoou pelas paredes do beco, nenhum grito acusador. Estava sozinho com o cadáver nesse momento enevado da noite metropolitana. Mas talvez não por muito tempo.

Outro cadáver teria exigido que Júnior o arrastasse; mas Neddy não devia pesar muito mais que uma bisnaga de pão de 1,67m. Júnior levantou o cadáver do chão e o jogou sobre um ombro, como faria um bombeiro.

Havia várias caçambas de lixo no beco, retângulos escuros menos vistos que sugeridos em meio à névoa coleante, como formas num sonho, ameaçadoras como capelas mortuárias, cada uma tão adequada a receber a carcaça de um músico como qualquer uma das outras.

Um problema preocupante: Neddy podia ser encontrado na lixeira antes que fosse rebocada para um depósito de lixo, local que

seria mais vantajoso para servir como descanso temporário do músico. Se o seu cadáver fosse descoberto aqui, precisava ser longe de qualquer lixeira usada pela galeria. Quanto menores fossem as chances dos tiras associarem Neddy à fábrica de salsichas artísticas Greenbaum, menores as chances deles associarem o assassinato a Júnior.

Curvado como um macaco, Júnior carregou o músico para o norte através do beco. O pavimento original em paralelepípedos era coberto com asfalto, mas em certos locais o material moderno tinha rachado e puído, proporcionando uma superfície irregular que se tornava ainda mais traiçoeira graças a uma camada de umidade deitada pela neblina. Júnior tropeçou e escorregou várias vezes, mas usou sua raiva para manter o equilíbrio e ser um vencedor, até encontrar uma lixeira a uma distância razoável.

O contêiner — seu topo ao nível dos olhos e amassado, enferrujado e úmido com a condensação — era maior que a maioria dos outros no beco, mas com uma tampa bifurcada. Ambas as metades da tampa já estavam levantadas.

Sem cerimônia ou prece, embora com uma raiva fanática, Júnior ergueu o músico morto sobre a tampa da lixeira. Durante um momento terrível o braço esquerdo de Júnior se emaranhou no cinto frouxo do sobretudo do músico. Deixando escapar um gemido de ansiedade através dos dentes cerrados, Júnior se soltou e largou o cadáver.

O som produzido pelo corpo ao cair na lixeira indicou que havia um colchão de lixo sobre o fundo da lixeira, e também que ela estava cheia até não mais que a metade. Isso aumentava as chances de que Neddy não fosse descoberto até que um caminhão de lixo o derramasse num depósito — e mesmo então talvez olhos humanos não o notassem, apenas os dos ratos famintos.

Siga em frente, sempre em frente, como um trem desgovernado, deixando as freiras mortas — ou pelo menos um músico morto — para trás.

Até a janela do banheiro, para o interior do banheiro masculino. Ainda ardendo de raiva. Fechando furiosamente as persianas gêmeas enquanto preguiçosas línguas de névoa lambiam a brecha estreita.

Para o caso de alguém estar esperando no corredor, ele deu a descarga para criar autenticidade, embora os alimentos que comera para prender o intestino e o elixir paregórico ainda lhe mantivessem as entranhas resistentes como as de qualquer soldado corajoso em batalha.

Quando ousou olhar-se no espelho sobre a pia, esperou ver um rosto exausto e olhos fundos, mas a experiência sinistra não deixou nenhuma marca visível. Rapidamente penteou os cabelos. Na verdade parecia tão bem que as mulheres não deixariam de lançar-lhe, como sempre, olhares sequiosos quando caminhasse novamente pela galeria.

Examinou as roupas o melhor que pôde. Estavam menos amassadas do que esperara, e não apresentavam nenhuma mancha notável.

Lavou vigorosamente as mãos.

Tomou mais remédios, apenas para sentir-se seguro. Uma cápsula amarela, uma azul.

Um exame rápido do assoalho do lavabo. O músico não deixara nada para trás, nem um botão caído nem pétalas de seu cravo.

Júnior destrancou a porta e encontrou o corredor deserto.

A recepção ainda retumbava nos salões de exposição da galeria. Legiões de incultos, dotados de gosto duvidoso sob qualquer aspecto menos em sua apreciação de canapés, matraqueavam sobre arte e engoliam as opiniões ridículas uns dos outros com o auxílio de champanhe medíocre.

De saco cheio destas pessoas e desta exposição, Júnior quase desejou sofrer um ataque de vômito. Mesmo em seu sofrimento, adoraria borrifar com o resíduo de suas entranhas essas telas insistentemente belas: crítica da mais pungente natureza.

Na sala principal, enquanto caminhava até a porta da frente, Júnior viu Celestina White cercada por ovelhas adoradoras, imbecis tagarelas, retardados balbuciantes, boçais, débeis mentais. Ainda era tão linda quanto suas pinturas desavergonhadamente belas. Se a oportunidade se apresentasse, Júnior teria mais uso para ela do que para a sua assim chamada arte.

As ruas na frente da galeria estavam tão inundadas por um mar de neblina quanto o beco no fundo. Os faróis dos carros em trânsito

varavam a escuridão como fochos de submersíveis de salvamento operando nas profundezas do mar.

Ele tinha subornado um manobreiro para cuidar de sua Mercedes estacionada diante de um restaurante próximo, para que ela estivesse disponível instantaneamente quando fosse necessário. Ele também podia largar o carro e seguir Celestina a pé, se escolhesse caminhar daqui.

Determinado a manter a fachada da galeria sob vigilância por trás do volante de sua Mercedes, Júnior checou as horas enquanto caminhava até o carro. Seu pulso estava nu, seu Rolex desaparecera.

Ele parou perto do carro, transfixado pela percepção da chegada do apocalipse.

A pulseira de ouro feita sob medida se mantinha segura no pulso por um fecho que, quando aberto, permitia ao relógio escorregar com facilidade.

Júnior compreendeu instantaneamente que o fecho abria quando seu braço se emaranhara com o sobretudo de Neddy. O cadáver caíra na lixeira, levando o relógio de Júnior junto.

Embora o Rolex fosse caro, Júnior não estava preocupado com a perda monetária. Ele podia comprar uma pilha de Rolex, e usá-los todos ao mesmo tempo, do pulso até o ombro.

A possibilidade de que tivesse deixado uma digital no cristal do relógio devia ser remota. E a pulseira era porosa demais para que tivesse deixado uma impressão útil para a polícia.

Contudo, nas costas do estojo do relógio estavam as palavras incriminadoras de uma gravação comemorativa: Para Eenie/Atnor/Tammy Bean.

Tammy — a analista de ações, corretora e fetichista de felinos e comida para gatos —, com quem ele saíra do Natal de 1965 até fevereiro de 1966, dera-lhe o relógio em agradecimento a todas as comissões e orgasmos que ele lhe proporcionara.

Júnior ficou chocado ao ver a piranha de volta à sua vida, para arruiná-lo, quase dois anos depois. Zedd ensina que o presente é apenas um instante entre passado e futuro, o que realmente nos deixa com apenas duas escolhas: viver no passado ou no futuro; o passado, estando morto e enterrado, não gerava nenhuma consequência, a não

ser que insistíssemos em conceder-lhe poder demais não vivendo inteiramente no futuro. Júnior sempre se esforçava para viver no futuro, e acreditava ser bem-sucedido nesta luta, mas obviamente não tinha aprendido ainda a aplicar a sabedoria de Zedd ao máximo do efeito, porque o passado continuava a alcançá-lo.

Desejou fervorosamente que em vez de ter rompido com Tammy, a tivesse estrangulado, levado seu cadáver até o Oregon e o jogado de uma torre de incêndio e o golpeado com um candelabro de estanho e o mergulhado no fundo do Lago da Pedreira com o Rolex enfiado na boca.

Ele podia não ter dominado completamente a coisa de viver no futuro, mas era absolutamente magnífico com a raiva.

Talvez o relógio não fosse descoberto com o cadáver. Talvez fosse soterrado pelos refugos e não fosse encontrado até daqui a dois mil anos, quando arqueólogos do futuro escavassem aquele depósito de lixo.

“Talvezes” são para crianças, ensinou-nos Zedd em Aja agora, pense depois: aprendendo a confiar em seus instintos.

Podia dar um tiro em Tammy Bean depois de matar Bartholomew, eliminá-la antes do alvorecer, antes da polícia encontrá-la, para que ela não pudesse identificar “Eenie”. Ou podia retornar para o beco, escalar a lixeira e resgatar o Rolex.

Como se a névoa fosse um gás paralisante, Júnior ficou parado no meio da calçada. Ele realmente não queria escalar aquela lixeira.

Sendo impiedosamente honesto consigo mesmo, como sempre, admitiu que matar Tammy não resolveria seu problema. Ela podia ter contado a amigos e colegas, assim como certamente contara às amigas os detalhes mais apetitosos sobre a perícia incomparável de Júnior no amor. Durante os dois meses que ele e aquela mulher-gato tinham saído, outros ouviram-na chamá-lo de Eenie. Júnior não podia matar Tammy e todas as suas amigas e colegas, pelo menos não rápido o bastante para obstruir o trabalho da polícia.

Um estojo de emergências na mala de seu carro continha uma lanterna.

Ele a pegou e deu o suborno ao guardador.

De volta ao beco. Desta vez não através da galeria apinhada de gente. Ao redor do quarteirão a passos lépidos.

Se não encontrasse o Rolex e voltasse para o carro antes do final da recepção, estragaria sua melhor chance de seguir Celestina até Bartholomew.

Ao longe, o repicar do sino de um bonde. Alto e claro, apesar da neblina abafadora.

Júnior lembrou de uma cena num filme antigo que Naômi quisera assistir, uma história de amor ambientada durante a Peste Negra: uma carroça puxada a cavalos percorrendo as ruas medievais de Londres ou Paris, o condutor tocando um sino de mão e gritando: “Tragam os seus mortos, tragam os seus mortos!” Se a San Francisco contemporânea oferecesse um serviço tão conveniente quanto esse, ele não precisaria ter jogado Neddy Gnathic na lixeira.

Paralelepípedos molhados e asfalto rachado. Depressa, depressa.

Passando diante da janela do banheiro masculino da galeria.

Havia tantas lixeiras que Júnior temia não identificar a certa. Ainda assim ele não ligou a lanterna, suspeitando que seria capaz de encontrar melhor seu caminho se as condições de escuridão e neblina fossem exatamente as que houvera antes. Essa logo se provou uma decisão acertada; ele reconheceu instantaneamente a lixeira enorme ao vê-la.

Depois de enfiar a lanterna debaixo de seu cinto, segurou a tampa da lixeira com ambas as mãos. O metal estava sujo, frio e úmido.

Um bom carpinteiro pode manejar um martelo com a mesma economia de movimentos e precisão elegante de um maestro conduzindo uma orquestra com uma batuta. Um policial dirigindo o tráfego pode desempenhar sua função com a graça de um bailarino. Contudo, dentre todas as tarefas humildes que homens e mulheres podem transformar em poesia visual mediante a aplicação de agilidade atlética e graça, escalar uma lixeira fica em último lugar.

Júnior subiu na tampa, curvou-se sobre a abertura e pulou na lixeira profunda, com toda a intenção de pousar em pé. Mas ele bateu o ombro contra a parede do fundo do contêiner, caiu de joelhos e bateu de cara no lixo.

Tendo usado seu corpo como um badalo no sino da lixeira, Júnior emitiu uma nota alta e reverberante. O som pareceu provir de um sino de catedral mal forjado, ecoando solenemente nas paredes dos edifícios circundantes, para a frente e para trás pela noite enevoada.

Permaneceu parado, aguardando que o silêncio voltasse, para poder ouvir se o plém alto atraía pessoas ao beco.

A falta de odores ofensivos indicava que ele não tinha aterrissado num contêiner cheio de lixo orgânico. Em meio à escuridão, julgando apenas pelo tato, decidiu que quase tudo ali estava em sacos de lixo plástico, cujo conteúdo era relativamente macio — provavelmente refugos de papel.

Contudo, seu lado direito descansava contra um objeto mais duro que papel ensacado, uma massa angulosa. Ao passo que o plém de furar os tímpanos diminuiu, permitindo-lhe pensar mais claramente, Júnior percebeu que alguma coisa desagradável, úmida e vagamente quente estava premida contra a sua face direita.

Se a massa angular era Neddy, a alguma coisa úmida e vagamente quente devia ser a língua estendida do homem estrangulado, pendendo para fora de sua boca.

Com um gemido de nojo, Júnior afastou-se da coisa, fosse o que fosse, retirou a lanterna do cinto e prestou atenção aos sons da noite, em busca de ruídos no beco. Nada de vozes. Nada de passos. Apenas ruídos de tráfego distantes, abafados como gemidos e rosnados de animais foragidos, predadores perambulando ocultos pela névoa urbana.

Afinal ele ligou a lâmpada, e iluminou Neddy. Relaxado e silencioso na morte como nunca estivera em vida, estava deitado de costas, cabeça caída para a direita, língua inchada e estendida obscenamente.

Júnior esfregou vigorosamente com a mão sua bochecha lambida por cadáver. Em seguida esfregou a mão contra o casaco do músico.

Ele estava contente por ter tomado a dose dupla de antieméticos. Apesar da provocação, seu estômago parecia tão sólido e seguro quanto um cofre de banco.

O rosto de Neddy não parecia tão pálido quanto antes. Um semitom cinza, talvez azul, escurecia-lhe a pele.

O Rolex. Como a maior parte dos refugos na lixeira enorme estavam ensacados, encontrar o relógio seria mais fácil do que Júnior previra.

Então tudo bem.

Tudo certo.

Precisava manter-se em movimento, conduzir a busca, encontrar o relógio e dar o fora dali, mas não conseguia parar de fitar o músico.

Alguma coisa no cadáver deixava-o nervoso — fora o fato de que estava morto e nojento, e que ser pego com ele significaria uma passagem de ida para a câmara de gás.

Este não era o primeiro encontro de Júnior com um corpo morto.

Durante os últimos anos, aprendera a se sentir tão confortável na companhia dos falecidos quanto um papa-defuntos. Os mortos eram tão normais para ele quanto cavacas para um padeiro.

Ainda assim, seu coração batia forte contra as costelas que o prendiam, e o medo arrepiava os pelos de seu pescoço.

Sua atenção, tão mórbida quanto um abutre voando em círculos, repousava na mão direita do pianista. A esquerda estava aberta, palma para baixo. Mas a direita estava cerrada, palma para cima.

Estendeu o braço até a mão fechada do morto, mas não conseguiu encontrar coragem para tocá-la. Temia que se abrisse os dedos rígidos do cadáver encontraria uma moeda de 25 cents por baixo.

Ridículo. Impossível.

Mas, e se isso acontecesse? Então não olhe.

Foco. Foque no Rolex.

Em vez disso, focou na mão iluminada pela lanterna: quatro dedos longos e finos, brancos como giz, curvados na direção do calcanhar; dedão voltado para cima, como se Neddy esperasse conseguir uma carona para fora da lixeira, para fora da morte, e de volta ao seu piano no saguão de coquetéis do Nob Hill.

Foco. Não podia permitir que o medo deslocasse a sua raiva.

Lembre a beleza da ira. Canalize a raiva e seja um vencedor. Aja agora, pense depois. Num movimento de ação repentino e desesperado, Júnior segurou a mão fechada do cadáver, abriu a armadilha de dedos e palma... e não achou a moeda de 25 cents. E nem duas de dez e uma de cinco. Ou cinco de cinco. Nada. Zero.

Quase riu sozinho, mas lembrou da gargalhada desconcertante que há pouco escapara dele no banheiro dos homens, quando pensara em enfiar Neddy Gnathic na privada. Agora ele mordeu a própria língua com força suficiente para tirar sangue, esperando com isso impedir que aquele som agudo e trêmulo fugisse dele novamente.

O Rolex.

Primeiro, ele vasculhou o local ao redor do morto, acreditando que o relógio talvez ainda estivesse preso ao cinto do sobretudo ou a uma das fivelas das mangas. Não teve sorte.

Ele fez Neddy rolar para um lado, mas não encontrando nenhum relógio de ouro embaixo dele, deixou o músico deitar de costas novamente. Agora aqui estava uma coisa, pior que o pensamento de uma moeda na mão fechada: os olhos de Neddy pareciam seguir Júnior enquanto ele escavava entre os sacos de lixo.

Sabia que o único movimento naqueles olhos fixos e cegos eram o reflexo inquieto do facho da lanterna com o qual ele estava sondando o lixo. Sabia que estava sendo irracional, mas mesmo assim relutava em dar as costas para o cadáver. Repetidamente, no meio da busca, ele levantou a cabeça, voltando sua atenção para Neddy, certo de que, com o canto do olho, tinha visto o olhar morto segui-lo.

Então ele pensou ouvir passos aproximando-se no beco.

Desligou a luz e se manteve acorocado e imóvel em meio ao escuro absoluto, encostado contra uma parede da lixeira para se equilibrar, porque seus pés estavam plantados sobre camadas escorregadias de sacos plásticos de lixo umedecidos pela névoa.

Se realmente tinham havido passos, eles silenciaram no momento em que Júnior concentrou-se para ouvi-los. Mesmo sobre o tamborilar forte de seu coração, ele teria ouvido ruídos. A neblina parecia abafar os sons no beco com mais eficácia que nunca.

Quanto mais ele ficava agachado ali, cabeça pendida para o lado, respirando silenciosamente pela boca aberta, mais convencido

ficava de que ouvira um homem aproximar-se. De fato, crescia dentro de si a convicção terrível de que alguém estava parado em pé imediatamente à frente da lixeira, cabeça inclinada para o lado, também respirando pela boca aberta, procurando ouvir Júnior assim como Júnior procurava ouvi-lo.

E se...

Não. Ele não iria afundar num pânico induzido por conjecturas. Sim, mas e se...

“Talvezes” são para crianças, mas Caesar Zedd não conseguira prover uma profundidade com a qual Júnior pudesse rechaçar os “e ses” com a mesma facilidade que os “talvezes”.

E se o espírito teimoso, egoísta, violento, psicótico e maligno de Thomas Vanadium, que já o perseguira através de outro beco em plena luz do dia, tinha-o seguido a este, nesta hora da noite mais apropriada a fantasmas, e se tivesse fechado a tampa bifurcada e passado uma trava através dos ferrolhos, e se Júnior estivesse encerrado aqui com o cadáver completamente estrangulado de Neddy Gnathic, e se a lanterna falhasse quando tentasse ligá-la de novo, e se então, em meio ao breu absoluto, ouvisse Neddy dizer: “Alguém tem um pedido especial?”

Capítulo 69

PARA OS MARINHEIROS, céu vermelho pela manhã é motivo de medo, céu vermelho à noite é motivo de festa.

Neste crepúsculo de janeiro, enquanto Maria Elena Gonzalez conduzia o carro ao longo da costa, de Newport Beach para o sul, todos os homens do mar pegavam garrafas de rum para celebrar o céu com cor de salada de frutas: cerejas maduras a oeste, laranjas no alto, uvas rosadas no leste.

Esta visão que inspirava celebração entre os marujos era negada a Barty, que estava no banco traseiro com Agnes. Não podia ver o céu vermelho admirando seu rosto no espelho do oceano, ou as ondas pintadas com tinta vermelha, ou o véu da noite devolvendo lentamente modéstia aos céus.

Agnes pensou em descrever o pôr-do-sol ao menino cego, mas não teve coragem, e quando as estrelas saíram, não disse uma palavra sobre o esplendoroso ato final do dia. Por um lado, temia que sua descrição não fizesse jus à realidade e que, com suas palavras inaptas, anuviasse as lembranças preciosas de Barty dos crepúsculos que ele vira. Mas o motivo principal de sua relutância em comentar o espetáculo era o temor de lembrá-lo de tudo que ele perdera.

Esses últimos dez dias tinham sido os mais difíceis da vida de Agnes, mais difíceis até que aqueles que tinham seguido a morte de Joey. Naquela época, embora tivesse perdido de uma só vez um marido, um amante gentil e seu melhor amigo, Agnes retinha sua fé inabalável, bem como seu filho recém-nascido e toda a promessa de seu futuro. Ela ainda tinha seu menino precioso, mas o futuro dele estava maculado. Ela também ainda tinha a sua fé, porém reduzida e oferecendo menos consolo que antes.

A alta de Barty tinha sido retardada por uma infecção, e depois ele passara três dias num hospital de reabilitação na área de Newport. A reabilitação consistira principalmente de orientação ao seu novo mundo escuro, porque sua função perdida não podia ser recuperada por exercícios diligentes ou terapia.

Em geral, uma criança de três anos era jovem demais para aprender a usar uma bengala de cego, mas Barty não era uma criança comum. Como não havia bengala disponível para uma criança tão pequena, Barty começou a treinar com um cabo de vassoura serrado para 66 centímetros.

No seu último dia na reabilitação, deram-lhe uma bengala feita sob medida, branca com ponta preta. Ver a bengala e tudo que ela implicava arrancou lágrimas de Agnes, quando já achava que seu coração estava suficientemente enrijecido para as obrigações que a aguardavam.

Aulas de Braille não eram recomendadas para crianças de três anos, mas uma exceção foi aberta em seu caso. Agnes providenciou para que Barty recebesse uma série de lições, embora suspeitasse que ele absorveria o sistema e aprenderia a usá-lo em uma ou duas sessões.

Olhos artificiais eram feitos sob encomenda. Em breve o menino teria de voltar a Newport para um terceiro ajustamento antes do

implante. Não eram de vidro, como as pessoas achavam, mas conchas de plástico finas que se encaixavam perfeitamente atrás das pálpebras nas cavidades depois da cirurgia. Na superfície interior da córnea transparente artificial, a íris artificial era pintada a mão cuidadosamente, e o movimento da prótese ocular seria obtido mediante a ligação dos músculos que moviam os olhos à conjuntiva.

Por mais impressionada que tivesse ficado ao ver as amostras de olhos artificiais, Agnes não se permitia nutrir esperanças de que a beleza singular dos olhos de esmeraldas e safiras de Barty pudesse ser replicada. Por mais detalhado que pudesse ser a obra do artista, essas íris seriam pintadas por mãos humanas, não pelas mãos de Deus.

Com suas cavidades oculares fechadas por pálpebras não sustentadas, Barty voltava para casa com os olhos tampados por gaze e cobertos por óculos de sol, sua bengala encostada contra o banco a seu lado, como se estivesse fantasiado para um papel numa peça repleta de sofrimentos infantis que fariam inveja a Charles Dickens.

No dia anterior, Esaú e Jacó tinham voltado de carro até Bright Beach, para preparar a chegada de Barty. Agora eles desciam correndo os degraus da varanda dos fundos e através do gramado, enquanto Maria percorria o caminho diante da casa e estacionava perto da garagem separada no fundo da propriedade ampla.

Jacó pretendia carregar a bagagem e Esaú anunciou que iria carregar Barty. Mas o menino insistiu em caminhar até a casa.

— Mas Barty, está escuro — disse Esaú, preocupado.

— Claro que está — retrucou Barry. Quando apenas um silêncio mortificado seguiu seu comentário, ele acrescentou: — Puxa, achei que era uma piada engraçada.

Com sua mãe, seus tios, e Maria pairando a dois passos atrás dele, Barty seguiu o caminho, sem se preocupar com a bengala, mantendo o pé direito no concreto, o pé esquerdo no gramado, até chegar a uma reentrância no pavimento, que aparentemente estivera procurando. Ele parou virado para o norte, pensou por um momento, e então apontou para oeste: — O carvalho fica ali.

— Está certo — confirmou Agnes.

Com a grande árvore situada noventa graus à sua esquerda, foi capaz de localizar os degraus da varanda dos fundos a 45 graus.

Apontou-a com a bengala, que não estava usando para mais nada.

— A varanda? — Perfeito — encorajou Agnes.

Jamais hesitante ou imprudente, o menino atravessou o gramado na direção dos degraus da varanda. Manteve uma linha mais reta do que Agnes teria sido capaz de delinear com os olhos fechados.

Ao lado dela, Jacó perguntou: — O que devemos fazer? — Apenas deixar que ele seja quem ele é — aconselhou Agnes. — Apenas deixar que ele seja Barty.

Lá adiante, debaixo dos galhos negros estendidos da árvore imensa, recebendo comunicados de encorajamento nos murmúrios contínuos em linguagem verde das folhas sopradas pela brisa, Barty era Barty, determinado e resoluto.

Quando julgou que estava perto dos degraus da varanda, sondou com sua bengala. Dois passos depois, a ponta roçou no degrau inferior.

Ele sentiu a balaustrada. Agarrou o ar vazio por um único instante.

Encontrou o corrimão. Subiu até a varanda.

A porta da cozinha estava aberta e cheia de luz, mas ele a errou por sessenta centímetros. Ele tateou pela parede dos fundos da casa, descobriu a moldura da porta e então a abertura, usou a bengala para sondar onde estava a soleira, e entrou na casa.

Virando-se para ficar de frente para as pessoas que o seguiam, todas ombro a ombro e com os pescoços duros de tensão, Barty disse: — O que tem pro jantar? Jacó passara quase dois dias inteiros assando as tortas, bolos e biscoitos que Barty mais gostava, e preparara também uma bela refeição. Como as filhas de Maria estavam esta noite na casa de sua irmã, ela ficou para o jantar. Esaú serviu vinho para todos, menos para Barty, refrigerante sabor gengibirra para o convidado de honra, e embora isto não pudesse ser chamado de celebração, o ânimo de Agnes foi levantado por uma sensação de normalidade, esperança, família.

Depois que o jantar tinha terminado, a limpeza dos pratos acabado, e Maria e os tios saído, Agnes e Barty enfrentaram a escada juntos. Ela o seguiu, segurando a bengala dele — que ele disse preferir não usar dentro da casa —, preparada para segurá-lo caso ele tropeçasse.

Uma das mãos na balaustrada, galgou lentamente os primeiros três degraus. Parando em cada um deles, deslizou o pé para a frente e para trás sobre o tapete para julgar a profundidade do passo relativa ao seu pé pequeno. Antes de cada passo, correu o dedo do pé direito para cima e para baixo pelo degrau, avaliando a altura.

Barty lidou com a subida da escada como um problema de matemática, calculando o movimento preciso de cada perna e o posicionamento de cada pé de modo a sobrepujar com sucesso o obstáculo. Procedeu menos lentamente nos três degraus seguintes do que nos primeiros três, e depois ascendeu com confiança crescente, movimentando as pernas com precisão mecânica.

Agnes quase podia visualizar o modelo geométrico tridimensional que seu pequeno prodígio criara na mente, no qual agora confiava para alcançar o assoalho superior sem tropeçar. Orgulho, fascínio e tristeza empurravam seu coração em direções diferentes.

Refletindo sobre como seu filho se adaptava ao escuro de forma inteligente e dedicada, e sem reclamar, ela se arrependeu de não ter descrito o pôr-do-sol deslumbrante sob o qual tinham feito sua jornada para casa. Ainda que as palavras de sua mãe soassem inadequadas ao espetáculo, ele as teria elaborado de modo a criar um quadro mental; com sua perícia criativa, o mundo que ele perdera com sua visão poderia ser perfeito em igual esplendor na imaginação.

Agnes torceu para que o menino passasse uma noite ou duas no quarto dela, até que ele fosse reorientado para a casa. Mas Barty queria dormir em sua própria cama.

Temia que ele precisasse ir ao banheiro durante a noite e que, sonolento, tomasse a direção errada, na direção das escadas, e caísse. Por três vezes eles percorreram a rota do quarto do menino até o banheiro do corredor.

Ela teria caminhado uma centena de vezes e ainda assim não se sentira satisfeita, mas Barty disse: — Tudo bem, eu já sei ir.

Durante a hospitalização de Barty, o menino tinha se passado dos romances para adolescentes de Robert Heinlein para alguns dos livros de ficção científica do mesmo autor, voltados para leitores de todas as idades.

Agora, paramentado com seu pijama e deitado na cama, com os óculos de sol na mesinha-de-cabeceira, mas com as gazes ainda sobre os olhos, Barty ouvia, extasiado, ao começo de Estrela dupla.

Não mais capaz de julgar o nível de sonolência do menino por seus olhos, ela dependia de que ele lhe dissesse quando parar de ler. Ao seu pedido, ela fechou o livro depois de 47 páginas, no final do Capítulo 2.

Agnes curvou-se sobre Barty e lhe deu um beijo de boa-noite.

— Mãe, se eu pedir uma coisa, você faz? — Claro, meu bem. Não faço sempre? Ele empurrou os lençóis e se sentou na cama, encostado contra os travesseiros e a cabeceira.

— Talvez seja difícil pra você fazer isso, mamãe, mas é realmente importante. Sentada na borda da cama, segurando a mão de Barty, ela fitou o arco delicado da boca do menino, quando antes teria fitado seus olhos.

— Diga o que é.

— Não fique triste. Tá? Agnes acreditara que durante todo este tormento ela havia conseguido poupar o filho de perceber o quanto sua dor era profunda. Contudo, nesta, como em tantas outras circunstâncias, o menino provou ser mais perceptivo e mais maduro do que imaginava. Agora ela compreendeu que tinha falhado, e esse fracasso doeu como um ferimento.

— Você é a Moça das Tortas — disse ele.

— Já fui.

— Vai ser. E a Moça das Tortas... Nunca fica triste.

— Às vezes até a Moça das Tortas fica triste.

— Você sempre faz as pessoas se sentirem bem, como Papai Noel.

Ela apertou gentilmente a mão do menino, mas não conseguiu dizer nada.

— Estava lá até enquanto você lia para mim. O sentimento de tristeza, quero dizer. Ele muda a história, faz com que ela não fique tão boa, porque não posso fingir que não escuto o quanto você está triste.

Com esforço, ela conseguiu dizer: — Sinto muito, meu bem — mas sua voz saiu tão distorcida pela angústia que, até para si mesma, ela soou como uma estranha.

Depois de um momento de silêncio, Barty perguntou: — Mamãe, você sempre acredita em mim, não acredita? — Sempre — disse ela, porque jamais conseguia mentir para o filho.

— Está olhando para mim? — Sim — assegurou, embora seu olhar tivesse descido da boca para a mão, tão pequena, que ela segurava dentro da sua.

— Mamãe, eu pareço triste? Por força do hábito, ela voltou sua atenção para os olhos dele, porque embora os tipos científicos insistissem que eles são incapazes de expressão, Agnes concordava com os poetas: para ver a condição do coração humano, você deve olhar primeiro onde os cientistas jamais admitirão olhar.

Os curativos brancos sobre os olhos repeliram Agnes, e ela percebeu até onde a extirpação dupla sofrida pelo menino afetaria a forma como ela lia seu humor e conhecia sua mente. Aqui estava uma perda menor até agora obscurecida pela destruição maior. Carente da evidência daqueles olhos, Agnes precisaria aprender a notar e interpretar melhor as nuances da linguagem corporal — também alterada pela cegueira — e da voz de Barty, porque não haveria uma alma revelada pelos implantes plásticos pintados à mão.

— Eu pareço triste? — repetiu o menino.

Naquele instante, a luz suave do abajur pareceu forte demais para Agnes e, enquanto a desligava, ela disse: — Chega pra lá.

O menino abriu espaço para ela.

Agnes chutou seus sapatos para fora dos pés e se sentou ao lado dele na cama, com as costas apoiadas na cabeceira, ainda segurando-lhe a mão.

Embora esta escuridão não fosse tão profunda quanto a de Barty, Agnes descobriu que conseguia controlar melhor suas emoções se não pudesse vê-lo.

— Imagino que esteja triste, querido. Você esconde muito bem, mas deve estar.

— Mas não estou.

— A vida parece um cocô, como eles dizem.

— Não é o que eles dizem! — retrucou o menino com uma risadinha, porque suas leituras tinham-no apresentado a palavras que ele e ela concordaram que ele não devia usar.

— Eles podem não dizer “cocô”, mas é o pior que nós dizemos. Na verdade, nesta casa preferimos “caca”.

— “A vida é uma caca”. Sei não, falta força.

— As pessoas valorizam demais a força.

— Mamãe, não estou realmente triste. Não estou. Não gosto de estar cego. É... difícil. — Sua voz pequena, musical como as vozes da maioria das crianças, tocante em sua inocência, tecia uma trama de melodia no escuro, e parecia doce demais para falar sobre essas coisas amargas. — Difícil mesmo. Mas estar triste não ajuda. Estar triste não vai me fazer enxergar de novo.

— Não, não vai.

— Além disso, estou cego aqui, mas não estou cego em todos os lugares onde existo.

Isto de novo.

Enigmático como sempre neste assunto, ele prosseguiu: — Provavelmente não estou cego na maioria dos lugares em que estou.

Sim, claro, eu preferia ser eu num dos outros lugares onde meus olhos são bons, mas é neste lugar que existo. E você sabe de uma coisa? — O quê? — Existe um motivo para eu ser cego neste lugar mas não em todos os lugares onde existo.

— Que motivo? — Deve haver alguma coisa importante que devo fazer aqui mas que não preciso fazer em todos os lugares onde existo, talvez alguma coisa que farei melhor se for cego.

— Como o quê? — Não sei. — Calou-se por um instante. — É isso que vai ser interessante. Ela pagou silêncio com silêncio. Então: — Querido, ainda estou completamente confusa com essa história.

— Eu sei, mamãe. Um dia vou entender isso melhor e explicar tudo para você.

— Esperarei ansiosamente. Acho.

— E eu não estou falando caca.

— Eu não achei que estivesse. E sabe de uma coisa? — O quê? — Acredito em você.

— Sobre a tristeza? — Sobre a tristeza. Você realmente não está triste, e isso... isso apenas me deixa confusa, meu bem.

— Estou frustrado — admitiu. — Tentando aprender a fazer coisas no escuro... estou pulo da vida, mamãe.

— Não é bem assim que eles dizem — brincou Agnes.

— É assim que nós dizemos.

— Na verdade, se tivermos de dizer isso, é melhor dizer que estamos fulos da vida.

— Isso não tem força, mamãe. Se estou cego, acho que devemos dizer que estamos pulos da vida.

— Você deve ter razão — concedeu Agnes.

— Estou pulo da vida, e sinto muita falta de algumas coisas, mas não estou triste. E você também não precisa ficar, porque isso estragaria tudo.

— Prometo tentar. E sabe de uma coisa? — O quê? — Talvez eu não precise tentar tanto quanto acho, porque você facilita muito as coisas para mim, Barty.

Durante mais de duas semanas o coração de Agnes estivera equilibrado na beira de um abismo, pesado com emoções fortes e amargas, mas agora ele se encheu com um novo tipo de paz, uma paz que, se fosse mantida, um dia poderia abrir espaço novamente para a alegria.

— Posso tocar o seu rosto? — pediu Barty.

— O rosto da sua velha mãe? — Você não é velha.

— Você leu sobre as pirâmides. Eu já estava aqui antes.

— Não diga caca.

Em meio à escuridão, ele encontrou o rosto dela com ambas as mãos.

Correu os dedos por seu semblante. Sentiu os olhos com as pontas dos dedos. O nariz, os lábios, as bochechas de Agnes.

— Passaram lágrimas por aqui — avaliou Barty.

— Passaram, sim — admitiu Agnes.

— Mas não tem nenhuma agora. Está seco. É tão gostoso tocar quanto ver você, mamãe.

Ela tomou as mãozinhas de Barty nas suas e as beijou.

— Sempre vou conhecer o seu rosto — prometeu Barty. — Mesmo se você tiver de ir embora e sumir por mil anos, sempre lembrarei como você se parece, como é tocar você.

— Não vou para lugar algum — argumentou Agnes. Ela percebeu que a voz do menino estava cada vez mais sonolenta. — Mas é

hora de você ir passear na terra dos sonhos.

Agnes levantou-se da cama, ligou o abajur e cobriu Barty de novo.

— Faça suas preces silenciosas.

— Estou fazendo agora — garantiu numa voz arrastada.

Agnes calçou os sapatos e ficou de pé por um momento, observando os lábios de Barty enquanto ele agradecia pelas bênçãos recebidas e pedia que essas bênçãos fossem dadas a outros que precisavam delas.

Ela encontrou o comutador e desligou o abajur de novo. — Boa noite, jovem príncipe.

— Boa noite, rainha mãe. Ela começou a caminhar até a porta, parou e se virou para ele em meio à escuridão.

— Filho meu? — Hummmm? — Já te disse o que o seu nome significa? — Meu nome... Bartholomew? — perguntou sonolento.

— Não. Lampion. Um dia, os antepassados franceses do seu pai devem ter sido fabricantes de lâmpadas. Lampion é lampião em francês. Um lampião, você sabe, é uma lâmpada a óleo com uma cobertura aberta de vidro pintado. Entre outras coisas, naqueles tempos muito remotos, os lampiões eram usados nas carruagens.

Sorrindo no escuro sem ameaças, ela ouviu a respiração ritmada de um menino adormecido.

Então ela sussurrou: — Você é o meu lampiãozinho, Barty. Você ilumina o caminho para mim.

Há muito tempo Agnes não dormia tão bem quanto dormiu naquela noite.

Dormiu profundamente, sem sonhos com crianças sofrendo ou com uma batida de carros numa rua molhada pela chuva. Não teve sonho nenhum, nem mesmo com milhares de folhas mortas sopradas pelo vento numa rua deserta, com cada folha sendo, na verdade, um valete de espadas.

Capítulo 70

UM DIA MARCANTE para Celestina, uma noite das noites, e um novo alvorecer no horizonte: aqui começava a vida com a qual ela sonhava desde que era menina.

A uma ou duas pessoas por vez, a multidão festiva acabou se desfazendo, mas para Celestina a empolgação continuou na atmosfera que pairava na galeria depois de uma exposição.

Nas mesas, as bandejas de canapés guardavam apenas guardanapos manchados, migalhas e taças plásticas de champanhe vazias.

Ela estivera nervosa demais para comer alguma coisa. Segurara a mesma taça de champanhe durante toda a noite, segurando-a como se fosse uma âncora que a impedia de ser arrastada do porto por uma tempestade.

Agora sua âncora era Wally Lipscomb — obstetra, pediatra, senhorio e melhor amigo —, que chegou na metade da recepção. Enquanto ouvia o relatório de vendas de Helen Greenbaum, Celestina segurou a mão de Wally com tanta força que, se fosse uma taça plástica de champanhe, teria rachado.

Segundo Helen, mais da metade das pinturas tinha sido vendida até o encerramento da recepção, um recorde para a galeria. Com a exposição programada para ser mantida durante duas semanas inteiras, ela tinha certeza absoluta de que acabariam por vender todos os quadros ou algo muito próximo a isso.

— De vez em quando vão escrever sobre você — alertou Helen.
— Esteja preparada para um ou dois críticos furiosos com o seu otimismo.

— Meu pai já me armou contra eles — assegurou-lhe Celestina.
— Ele disse que a arte permanece, mas que os críticos são os insetos incômodos de um único dia de verão.

Sua vida estava tão abençoada que ela conseguiria lidar com um enxame de gafanhotos, quanto mais alguns mosquitos.



A pedido de Thomas Vanadium, o táxi deixou-o a um quarteirão de sua casa nova — e temporária —, um pouco antes das dez da noite.

Embora a neblina mumificante envolvesse com mistérios brancos até os objetos mais ordinários, e ocultasse cada cidadão num manto de anonímia, Vanadium preferiu dirigir-se ao edifício com o máximo de discrição.

Qualquer que fosse a duração de sua permanência neste lugar, jamais chegaria ou sairia pela porta da frente, ou mesmo através da garagem do porão — até, talvez, o seu último dia aqui.

À sua esquerda, a porta conduzia até uma escadaria dos fundos, acessível com a chave especial que já estava em sua mão. À direita: um elevador de serviço operado por chave, para o qual ele já tinha provido uma chave separada.

Ele subiu até o terceiro dos cinco andares no elevador de serviço, que os outros inquilinos tinham permissão de usar apenas quando entravam ou saíam, ou quando recebiam entregas de mobílias grandes. O outro elevador, na frente do edifício, era público demais para atender aos seus propósitos.

O apartamento do terceiro andar diretamente sobre a unidade de Enoch Caim tinha sido alugado por Simon Magusson, através de sua corporação, desde que se tornara disponível em março de 1966, 22 meses atrás.

Quando esta operação fosse concluída e o sulfúreo Sr. Caim fosse levado a algum tipo de justiça, Simon teria gasto uns 25% dos honorários que coletara com a indenização provida pelo governo devido à morte de Naomi Caim. O advogado atribuía um valor substancial à sua dignidade e reputação.

E por mais que negasse isso, por mais que brincasse dizendo que consciência era um estorvo para um advogado, Simon possuía uma bússola moral. Quando percorria um trajeto longo demais pela trilha

errada, aquela agulha magnetizada em sua alma o conduzia de volta da terra dos perdidos.

O apartamento fora mobiliado apenas com duas cadeiras dobráveis estofadas e um colchão vazio na sala de estar. O colchão estava agora no assoalho, sem o benefício de cama ou caixas de molas.

Na cozinha havia rádio, torradeira, cafeteira, um conjunto de talheres baratos, um jogo de pratos, tigelas e canecas comprados em lojas variadas e que não combinavam perfeitamente, e um freezer cheio de comida congelada e bolinhos ingleses.

Essas acomodações espartanas eram boas o bastante para Vanadium. Ele chegara do Oregon na noite anterior com três malas cheias com suas roupas e objetos pessoais. Esperava que sua combinação exclusiva de trabalho policial com guerra psicológica o ajudasse a prender Caim em um mês, antes que este lugar começasse a parecer austero demais até para alguém que considerava barroca qualquer coisa mais luxuosa que a cela de um monge.

Prever um mês para o trabalho parecia otimista. Em contrapartida, ele tivera muito tempo para aperfeiçoar uma estratégia.

Usando este apartamento como base, Nolly e Kathleen tinham realizado alguns pequenos ataques na primeira fase da guerra, incluindo as serenatas fantasmagóricas. Eles haviam deixado o lugar bem arrumado. A bem da verdade, o único sinal de que tinham estado aqui era uma caixinha de fio dental esquecida sobre o peitoril de uma das janelas da sala de estar.

O telefone funcionava, e Vanadium discou o número de Sparky Vox, o síndico do prédio. Sparky tinha um apartamento no térreo, em cima dos dois andares subterrâneos, adjacente à entrada da garagem.

Na casa dos setenta, mas vigoroso e animado, Sparky gostava de vez em quando de dar um pulinho em Reno, para tentar a sorte nos caça-níqueis e jogar algumas mãos de vinte-e-um. Os cheques mensais, isentos de impostos, enviados por Simon, eram recebidos de bom grado, assegurando a cooperação do velho na conspiração.

Sparky não era um mau sujeito, não se vendia fácil, e se lhe tivesse sido pedido para trair qualquer inquilino que não fosse Caim, ele provavelmente não o teria feito a nenhum preço. Mas ele não suportava

Caim, a quem considerava “esquisito e sinistro como um macaco com sífilis”.

Tom Vanadium julgou bizarra a comparação de Caim com um macaco sífilítico, mas ela acabou se revelando um julgamento sóbrio, baseado em experiência pessoal. Quando tinha cerca de cinquenta anos, Sparky trabalhara como chefe da manutenção de um laboratório de pesquisas médicas, onde — entre outros projetos — macacos tinham sido infectados intencionalmente com sífilis e em seguida observados durante seu período de vida. Nos estágios terminais, alguns dos primatas adotaram um comportamento tão intenso que tinham preparado Sparky para seu encontro com Enoch Caim.

Na noite passada, no apartamento térreo do síndico, enquanto compartilhavam uma garrafa de vinho, Sparky contara a Vanadium várias histórias estranhas sobre Caim: A Noite em que Arrancou o Dedão com um Tiro, O Dia em que Foi Salvo de um Transe Meditativo e uma Paralisia da Bexiga, O Dia em que uma namorada Psicótica Trouxe um Porco ao Apartamento de Caim Enquanto ele Estava Fora e o Alimentou com Laxantes e o Prendeu no seu Quarto...

Depois de tudo que tinha sofrido nas mãos de Caim, Tom Vanadium surpreendeu-se ao rir desses relatos sobre as desventuras de um homem que matara a própria esposa. Na verdade os risos pareciam desrespeitosos para com as memórias de Victória Bressler e Naomi, e Vanadium sentira-se dividido entre um desejo de ouvir mais e a impressão de que extrair qualquer diversão de um homem como Caim deixaria em sua alma uma mancha que não seria apagada nem se a esfregasse por cem anos.

Sparky Vox — com menos treino em teologia e filosofia que o seu convidado, mas com uma compreensão espiritual que qualquer jesuíta supererudito iria admirar, ainda que a contragosto — aplacara a consciência atormentada de Vanadium.

— O problema com os filmes e os livros é que eles sempre fazem o mal parecer glamouroso e empolgante, quando isso não existe. O mal é tedioso, é deprimente, é estúpido. Os criminosos estão sempre atrás de emoções baratas e dinheiro fácil, e quando conseguem, tudo que querem é mais do mesmo, de novo e de novo. São pessoas rasas, vazias e tediosas que não conseguiriam lhe dar cinco minutos de

conversa interessante se você tivesse o azar de encontrar com elas numa festa. Talvez alguns possuam uma inteligência no nível dos macacos durante parte do tempo, mas isso não significa que sejam realmente espertos. Tenho certeza de que Deus quer que a gente ria desses palhaços, porque, quando não rimos deles, nós lhes concedemos respeito. Se você não caçoa de um filho da mãe como Caim, se sente muito medo dele, ou mesmo se olha para ele com solenidade, então está lhe prestando mais respeito do que ele merece. Quer mais um pouco de vinho? Agora, 24 horas depois, quando Sparky atendeu o telefone e ouviu Tom Vanadium, ele disse: — Quer um pouco de companhia? Tenho outra garrafa de Merlot de onde veio aquela.

— Obrigado, Sparky, mas esta noite não. Estou pensando em dar uma olhada lá embaixo, para ver se o velho Nove Dedos não está preso em casa esta noite com um caso de paralisia da bexiga.

— Na última vez que olhei, o carro dele não estava na garagem. Espere um pouquinho que vou verificar. — Sparky pousou o telefone e foi dar uma olhada na garagem. Quando voltou, disse: — Neca. Ainda está fora.

Quando ele sai pra gandaia, costuma voltar tarde.

— Você vai ouvir quando ele chegar? — Sim, se eu quiser.

— Se ele voltar dentro da próxima hora, telefone para mim lá no apartamento dele, para eu poder picar a mula.

— Vou fazer isso. Preste atenção nas pinturas que ele coleciona. As pessoas pagam grana alta por elas, até pessoas que nunca estiveram num hospício.



Wally e Celestina saíram para jantar no restaurante armênio onde ele comprara um almoço para viagem no dia de 1965 quando resgatara ela e Anja das garras de Neddy Gnathic. Panos de mesa vermelhos, pratos brancos, revestimentos de madeira escura nas paredes, um punhado de velas em copos vermelhos em cada mesa, ar recendendo a alho, pimenta tostada e soujouk frito — mais funcionários simpáticos, na maioria familiares do dono — criavam uma atmosfera tão

adequada para celebrações quanto para conversas íntimas, e Celestina esperava que ambos se divertissem, porque este prometia ser um dia marcante em mais de uma forma.

Os últimos três anos também tinham dado a Wally muito para celebrar.

Depois de vender seu consultório e fazer um hiato de oito meses das semanas de sessenta horas de trabalho que mantivera por tanto tempo, Wally começara a ceder 24 horas de serviço gratuito a uma clínica pediátrica por semana, provendo cuidados aos necessitados. Ele trabalhara duro durante toda sua vida e poupou o máximo; agora era capaz de se concentrar apenas naquelas atividades que lhe davam o máximo de satisfação.

Wally tinha sido uma dádiva de Deus para Celestina por causa de seu amor por crianças e de uma nova forma de diversão que descobrira enquanto cuidava de Anja. Ele era Tio Wally. Wally, o Cavalinho, Leão- marinho Wally, Lobisomem Wally, Wally Com Sotaques Tão Engraçados, Wally Das Orelhas Que Se Mexem Sozinhas, Wally Assobiador, Wally Caubói. Era Wally, o Bom Amigo de Todas as Horas. Anja o adorava, adorava mesmo, e ele não podia amar mais a menina nem se ela fosse um dos filhos que perdera. Sobrecarregada com suas aulas, o trabalho como garçoneiro, as pinturas, Celestina sempre podia contar com Wally para ajudá-la a cuidar de Anja. Ele não era apenas o tio honorário de Anja, mas seu pai em todos os aspectos, exceto o legal e o biológico; não era apenas seu doutor, mas um anjo da guarda que ficava em pânico quando ela contraía uma febre leve e preocupado com todas as formas com que o mundo poderia ferir uma criança.

— Hoje eu pago — insistiu Celestina quando se sentaram.— Agora sou uma artista de sucesso, com uma legião de críticos apenas esperando para me destroçar.

Wally pegou a carta de vinhos antes que ela conseguisse fazê-lo.

— Se está pagando, então vou pedir o que custar mais caro, não importa qual seja o seu gosto.

— Parece razoável.

— Chateau Le Grana, 1886. Podemos beber uma garrafa disso ou você pode comprar um carro novo, e pessoalmente acredito que a sede é mais importante que o transporte.

— Você viu Neddy Gnathic? — perguntou ela.

— Onde? — Olhou à sua volta no restaurante.

— Não, na recepção.

— Não acredito que ele tenha ido! — Do jeito como se comportou, você poderia jurar que ele deu abrigo a mim e a Anja durante a tempestade, ao invés de expulsar a gente de casa para congelar na neve.

Achando graça, Wally comentou: — Vocês artistas adoram um drama, né? Ou será que esqueci da tempestade de neve que varreu San Francisco em 1965? — Como você pode ter esquecido dos esquiadores deslizando pela Lombard Street? — Ah, sim, estou lembrando. Ursos polares comendo turistas na Unio Square, matilhas de lobos perambulando pelo bairro de Heights.

O rosto de Wally Lipscomb, longo e estreito como sempre, não estampava mais a expressão de um homem amargurado e insatisfeito, lembrando mais a cara de um palhaço de circo que podia fazer você rir ao contorcer as feições numa careta de tristeza ou num ar bobo. Celestina via espírito onde antes houvera indiferença espiritual, vulnerabilidade onde antes houvera um coração blindado, grandes expectativas onde antes vira esperanças ressequidas; via gentileza e bondade onde elas sempre haviam estado, mas agora numa medida mais generosa. Ela amava esse rosto feio, longo e estreito, e amava o homem que o usava.

Muita coisa argumentava contra a ideia de que poderiam ser bem-sucedidos como um casal. Nesta época a barreira entre as raças supostamente tinha sido derrubada, mas às vezes ela parecia estar se reerguendo um pouco a cada ano. A diferença de idades também tinha peso e, aos cinquenta anos, Wally era 26 anos mais velho que Celestina, velho o bastante para ser seu pai, conforme o pai dela certamente comentaria com educação e gentileza — muitas e muitas vezes! Wally tinha uma cultura elevadíssima, com diversos diplomas em medicina, e Celestina tinha frequentado uma escola de artes plásticas.

Porém, mesmo se os obstáculos fossem duas vezes mais altos, chegara a hora de colocar em palavras o que eles sentiam um pelo outro e decidir o que pretendiam fazer quanto a isso. Celestina sabia que em profundidade e intensidade, assim como em promessa de paixão, o

amor de Wally por ela igualava-se ao dela por ele. Devido ao respeito que nutria por Celestina, e talvez porque esse homem adorável duvidasse de seus atrativos, Wally tentava esconder a verdadeira força de seus sentimentos e realmente acreditava conseguir isso, apesar de estar radiante de amor. Os beijos fraternos que ele lhe dava nas faces, seus toques e olhares de admiração ainda eram castos, mas a passagem do tempo tornava-os cada vez mais ternos. E quando ele segurava sua mão — como nesta noite, na galeria —, fosse como uma demonstração de apoio ou simplesmente para mantê-la em segurança ao seu lado ao atravessar a rua ou percorrer uma calçada movimentada, o querido Wally era tomado por um jeito sonhador que Celestina lembrava vividamente dos seus tempos de escola, quando os meninos de treze anos, olhares transbordando com adoração pura, ficavam bobos e mudos pelo conflito entre desejo e inexperiência. Em três ocasiões recentes, Wally parecera prestes a revelar seus sentimentos, que ele esperava causar-lhe surpresa ou talvez até choque, mas o momento nunca lhe parecera completamente certo.

Para Celestina, o suspense que aumentou durante o jantar não teve relação com o fato de se Wally teria ou não coragem de tocar no assunto, porque se não o fizesse desta vez, ela pretendia tomar a iniciativa.

Celestina estava mais preocupada em saber se Wally esperava ou não que uma expressão calorosa de compromisso seria suficiente para induzi-la a dormir com ele.

Celestina tinha duas visões a respeito disso. Ela o queria, queria ser abraçada e acariciada, queria satisfazer e ser satisfeita. Mas ela era filha de pastor: o conceito de pecado e consequências talvez fosse menos profundamente entranhado em algumas filhas de bancários ou padeiros do que na filha de um pastor batista. Celestina era um anacronismo nesta época de sexo fácil, uma virgem por opção, não por falta de oportunidades.

Embora recentemente tivesse lido um artigo numa revista alegando que mesmo nesta era de sexo livre 49% das noivas chegavam virgens à noite de núpcias, Celestina não acreditara nisso e achara ter-se deparado com uma publicação caída através de uma fenda de realidades entre este mundo e um mais pudico que lhe era paralelo. Ela

não era puritana, mas também não era uma meretriz, e sua honra era um tesouro que ela não jogaria fora sem reflexão. Honra! Ela soava como uma dama de outrora, presa numa torre de castelo, esperando por seu Sir Lancelot. Eu não sou apenas uma virgem, sou uma aberração! Mas mesmo colocando de lado por um momento a ideia de pecado, considerando que a honra das damas era tão démodé quanto as saias pregueadas, ela ainda preferia esperar, para saborear o pensamento de intimidade, para permitir que a expectativa crescesse, e iniciar sua vida conjugal juntos sem a menor possibilidade de arrependimento. Não obstante, Celestina tinha decidido que se Wally estava pronto para o compromisso que ela acreditava tê-lo visto quase propor três vezes, então poria de lado todas as apreensões em nome de amor e iria deitar-se com ele, e abraçá-lo, e se entregar com todo o seu coração.

Duas vezes durante o jantar Wally pareceu chegar perto do Assunto, mas então circundou-o e saiu voando, cada vez para reportar notícias de pouca relevância ou recontar alguma coisa engraçada que Anja tinha dito.

Os dois chegaram ao último gole de vinho e estudavam o cardápio de sobremesas quando Celestina começou a se questionar se, a despeito dos seus instintos e de todos os indícios, ela estaria enganada sobre o estado do coração de Wally. Os sinais pareciam claros, e se sua radiância não era amor, então ele devia ser perigosamente radioativo. Mesmo assim, poderia estar enganada. Era uma mulher de certa visão, muito sofisticada em diversos aspectos, com as percepções à flor da pele de uma artista.

Contudo, em questões de romance, era inocente, talvez mais vergonhosamente ingênua do que imaginara. Enquanto corria os olhos pela lista de bolos, tortas e sorvetes caseiros, permitiu que a dúvida se derramasse sobre ela, e enquanto sentia crescer a suspeita de que Wally talvez não a amasse dessa forma, Celestina flagrou-se desesperada em saber, em pôr um ponto final no suspense, porque se ela não significava para ele o que ele significava para ela, então papai teria de aceitar sua conversão de batista para católica, porque ela e Anja teriam de passar um bom tempo curando seus corações num convento.

Entre a descrição de uma linha do baklava e as palavras mais efusivas sobre os mamouls de nozes, o suspense se tornou tão grande, a dor tão insidiosa, que Celestina tirou os olhos do cardápio e disse, com uma angústia mais infantil na voz do que gostaria: — Talvez este não seja o lugar, talvez este não seja o momento, talvez este seja o momento mas não o lugar, ou o lugar mas não o momento, ou talvez o momento e o lugar estejam certos mas o clima esteja errado, sei lá, mas... Ai, Deus, ouça só como estou falando! Mas realmente preciso saber se você pode, se você está, o que você sente, se você sente, quero dizer, se você achar que poderia sentir...

Ao invés de fitá-la embasbacado, crente de que Celestina tinha sido possuída por um demônio tagarela, Wally sacou apressadamente uma caixinha do bolso do casaco e disse: — Quer casar comigo? Ele atingiu Celestina com a grande pergunta, a imensa pergunta, no instante em que ela parou de parolear para respirar fundo, para melhor vomitar mais absurdos, só que esta inalação aterrorizada ficou em seu peito, presa tão teimosamente que teve certeza de que precisaria de atenção médica para voltar a respirar, mas então Wally abriu a caixinha, revelando um lindo anel de noivado, e vê-lo fez o ar preso explodir por suas narinas, e então voltou a respirar direito, ainda que fungando e chorando e absolutamente descontrolada.

— Wally, eu te amo.

Sorrindo, mas com um tom estranho de preocupação na expressão que Celestina conseguiu ver mesmo através de suas lágrimas, Wally disse: — Isso significa que... você aceita? — Está perguntando se vou te amar amanhã, e depois de amanhã, e para todo o sempre? É claro, para sempre, Wally, para sempre.

— Perguntei se aceita casar comigo.

O coração de Celestina caiu e sua confusão alçou vôo.

— Não foi isso que você perguntou? — E foi isso que você respondeu? — Oh! — Enxugou os olhos com as palmas das mãos. — Espere! Me dê uma segunda chance. Posso fazer isto melhor, tenho certeza.

— Eu também. — Ele fechou a caixa do anel. Respirou fundo. Abriu a caixa de novo. — Celestina, quando conheci você, meu coração estava batendo, mas eu estava morto. Ele estava frio dentro de mim. Eu

achava que meu coração jamais estaria quente de novo, mas graças a você ele está.

Você me devolveu a minha vida, e agora quero dar minha vida a você.

Quer casar comigo? Celestina estendeu a mão esquerda, que tremia tanto que ela quase derrubou as taças de vinho.

— Quero.

Nenhum deles notou que seu drama pessoal, em toda sua glória e falta de jeito, atraía a atenção de cada pessoa no restaurante. A ovação que se seguiu à aceitação de Celestina a fez estremecer de susto e ela derrubou o anel da mão de Wally quando ele tentou colocá-lo em seu dedo. O anel quicou pela mesa, os dois tentaram pegá-lo, Wally conseguiu, e agora Celestina e Wally selaram apropriadamente o seu noivado, sob aplausos e risos.

A sobremesa foi por conta da casa. O garçom levou-lhes os quatro melhores itens do cardápio, para poupar-lhes a necessidade de tomar duas pequenas decisões depois de terem tomado uma tão grande...

Depois que o café foi servido, quando Celestina e Wally não eram mais o centro da atenção, ele indicou a fileira de sobremesas com o garfo, sorriu e disse: — Celie, quero que você saiba que comer doces como estes vai ser o único prazer que compartilharemos juntos até o casamento.

Ela ficou estarrecida e comovida.

— Devo ser a última representante do século XIX. Como adivinhou o que eu tinha em mente? — Estava no seu coração, e tudo que está no seu coração está ali para todos verem. O seu pai vai casar a gente? — Assim que ele recuperar a consciência.

— Teremos um grande casamento.

— Não precisa ser grande — disse ela, e acrescentou com um sorriso sedutor: — Mas se vamos esperar, é melhor que o casamento seja logo.

Tom Vanadium pegara emprestado com Sparky uma chave mestra com a qual podia abrir a porta da frente do apartamento de Caim, mas preferia não usá-la enquanto pudesse entrar por uma rota

pelos fundos. Quanto menos usasse os corredores frequentados pelos moradores, maiores seriam as chances de manter sua presença em carne-e-osso ignorada por Caim, e assim assegurar sua reputação fantasmagórica. Se muitos moradores vissem seu rosto memorável, ele logo iria se tornar um assunto de conversas entre os vizinhos e o assassino da esposa poderia topar com a verdade.

Levantou a janela da cozinha e passou por ela, pousando no patamar da saída de incêndio. Sentindo-se como o primo pobre do Fantasma da Ópera, portando cicatrizes igualmente horrendas mas não o amor irrestrito por uma soprano, Vanadium desceu através da noite enevoada, pelos degraus de ferro da escada de incêndio, até a cozinha no apartamento de Caim.

Todas as janelas que abriam para a saída de incêndio eram como um sanduíche de vidro laminado e recheado com uma malha de arame para impedir o acesso fácil dos bandidos. Tom Vanadium conhecia os melhores truques dos gatunos profissionais, mas não precisava arrombar a janela para entrar.

Durante os procedimentos de limpeza, instalação de carpete novo e pintura que tinham seguido a remoção do porco com diarreia deixado por uma das namoradas enfurecidas de Caim, o assassino da esposa passara algumas noites num hotel. Nolly aproveitou a oportunidade para levar seu associado James Hunnicolt — Jimmy Engenhoca — até o local para instalar um ferrolho externo de liberação de janela absolutamente imperceptível.

Conforme fora instruído, Vanadium tateou o lado direito da moldura da janela até localizar um pino de aço com 63 milímetros de diâmetro, que se projetava dois centímetros e meio para fora. O pino tinha ranhuras para facilitar que fosse segurado. Foi preciso um puxão insistente e firme, mas, conforme o prometido, a trave interna foi desarmada.

Ele levantou o caixilho inferior da janela alta e deslizou silenciosamente para a cozinha escura. Como a janela também servia como saída de emergência e não ficava sobre um armário, foi fácil entrar.

Como este cômodo não dava para a rua pela qual Caim se aproximaria do prédio, Vanadium acendeu as luzes. Passou quinze

minutos examinando o conteúdo ordinário dos armários de cozinha, procurando por nada em particular, apenas obtendo uma ideia de como o suspeito vivia — e, precisava confessar, torcendo para achar alguma coisa tão favorável a uma condenação quanto uma cabeça cortada dentro da geladeira ou um quilo de maconha embrulhado em plástico no congelador.

Não achando nada especialmente gratificante, desligou as luzes e passou para a sala de estar. Se Caim estivesse voltando para casa, ele olharia da rua e veria as luzes acesas aqui; assim, Vanadium recorreu a uma pequena lanterna, sempre tendo o cuidado de tampar as lentes com uma das mãos.

Nolly, Kathleen e Sparky tinham-no preparado para a Mulher industrial, mas quando o fecho de luz reluziu em seu rosto de garfos e hélice de ventilador, Vanadium sentiu um arrepio. Sem perceber exatamente o que estava fazendo, ele se benzeu.



O Buick branco varava a neblina como um navio fantasma singrando um mar espectral.

Wally dirigia lenta e cuidadosamente, com toda a responsabilidade que condizia a um obstetra, pediatra, e agora noivo. A viagem para casa até Pacific Heights durou o dobro do tempo esperado para uma noite clara e sem uma nuvem de chuva no céu.

Ele queria que Celestina ficasse sentada e usasse seu cinto abdominal, mas ela insistiu em ficar agarradinha com ele, como se fosse uma adolescente e ele seu par para o baile de formatura.

Embora esta talvez fosse a noite mais feliz da vida de Celestina, uma nota de melancolia vibrava em seu coração. Ela não podia evitar pensar em Fimie.

A felicidade podia florescer com tanto vigor a partir de uma tragédia que produzia flores deslumbrantes e galhos frondosos. Essa noção servira para Celestina como uma inspiração básica para a sua pintura, e como prova de que este mundo sempre nos oferece promessas de grande alegria.

Da humilhação, do terror, do sofrimento e da morte de Fimie surgira Anja, a quem Celestina inicialmente tinha odiado, mas agora ela a amava ainda mais do que amava Wally, ainda mais do que amava a si mesma ou à própria vida. Fimie, através de Anja, concedera a Celestina e a Wally uma compreensão plena do significado das palavras do seu pai quando ele falara sobre este dia marcante, uma compreensão que concedia força à sua pintura e tocava profundamente as pessoas que viam e compravam sua arte.

Conforme o pai de Celestina ensinara, nenhum dia na vida de uma pessoa é um dia sem eventos importantes; nenhum dia é desprovido de significados profundos, não importando o quanto ele possa ter parecido bobo ou tedioso, não importando se você é uma costureira ou uma rainha, um engraxate ou uma estrela de cinema, um filósofo famoso ou uma criança com síndrome de Down. Porque em cada dia da sua vida existem oportunidades para realizar pequenas boas ações para os outros, tanto através de atos conscientes quanto por exemplos inconscientes. Cada pequeno ato de bondade — mesmo simples palavras de esperança para os necessitados, a lembrança de um aniversário, um cumprimento que gere um sorriso — reverbera através de grandes distâncias de tempo e espaço, afetando vidas desconhecidas à pessoa cujo espírito generoso foi a fonte do eco bom, porque a bondade é passada adiante e cresce a cada vez que é passada, até que uma simples cortesia se torne um ato de coragem altruísta dali a muitos anos, e num lugar muito distante. Da mesma forma, cada pequeno ato de maldade, cada expressão inconsciente de ódio, cada manifestação de inveja e rancor, a despeito do quão pequena, pode inspirar outras, e é portanto a semente que gerará um fruto maligno, envenenando pessoas que você nunca conheceu e jamais conhecerá. Todos os seres humanos — os vivos, os mortos, as gerações vindouras — são entrelaçados de forma tão profunda e intrincada que o destino de todos é o destino de cada um, e a esperança da humanidade repousa em cada coração e em cada par de mãos. Portanto, depois de um fracasso, somos instigados a lutar novamente pelo sucesso, e quando nos defrontamos com o fim de uma coisa, precisamos construir algo novo e melhor a partir de suas cinzas, assim como da dor e da mágoa devemos tecer esperança, porque cada um de nós é um fio vital para a malha — e a sobrevivência — da

tapeçaria humana. Cada hora em cada vida contém tanto potencial oculto para afetar o mundo que os grandes dias pelos quais nós, em nossa insatisfação, tanto ansiamos, na verdade já estão conosco; todos os grandes dias e possibilidades empolgantes estão sempre combinados neste dia marcante.

Ou, como o pai de Celestina dissera tantas vezes, caçoando alegremente de sua própria eloquência retórica: — Ilumine o canto onde você está e você iluminará o mundo.

— Bartolomeu, hein? — perguntou Wally enquanto pilotava através de uma massa de neblina.

Assustada, Celestina disse: — Caramba, você é assustador. Como adivinhou o que eu estava pensando? — Eu já te disse. Qualquer coisa no seu coração é tão fácil de ler quanto uma página aberta num livro.

— No sermão que lhe valeu um momento de fama — com a qual, aliás, ele se sentiu incomodado —, papai usou a vida do apóstolo Bartolomeu para ilustrar seu ponto de vista de que cada dia em cada vida é da mais profunda importância. Bartolomeu é considerado o mais obscuro dos doze apóstolos. Alguns dizem que Simão é menos conhecido, outros apontam Tomé, o descrente. Mas Bartolomeu certamente lança uma sombra muito mais curta que as de Pedro, Mateus, Tiago, João e Filipe. O propósito do pastor White em proclamar Bartolomeu o mais obscuro dos doze foi imaginar em detalhes vívidos como as ações desse apóstolo, aparentemente de pouca consequência na época, tinham ressoado através da história, através de centenas de milhões de vidas — e em seguida conjecturar que a vida de cada empregada doméstica que estava ouvindo o seu sermão, a vida de cada mecânico de carro, professor, motorista de caminhão, garçoneiro e zelador, era tão importante quanto a vida ressonante de Bartolomeu, embora cada um estivesse atrás da lâmpada da fama e laborasse sem o aplauso das multidões.

No final do famoso sermão, o pai de Celestina desejou a todas as pessoas de boa índole que suas vidas fossem banhadas com uma chuva de efeitos benignos gerada pelas ações altruístas de uma miríade de Bartolomeus a quem jamais conheceriam. E assegurou aos egoístas, invejosos e inclementes, ou àqueles que de fato cometeram atos de

grande malignidade, que suas ações retornariam para eles, multiplicadas por um número além de sua imaginação, porque eles estavam em guerra com o propósito da vida. Se o espírito de Bartolomeu não puder entrar em seus corações e mudá-los, então irá encontrá-los e proferir o julgamento terrível que eles merecem.

— Eu sabia que você estava pensando em Fimie — disse Wally, freando para um sinal vermelho. — E sabia que pensar nela devia ter conduzido às palavras do seu pai, porque, por mais curta que a vida de Fimie tenha sido, ela foi uma Bartolomeu. Ela deixou sua marca.

Fimie agora devia ser honrada com risos, não com lágrimas, porque sua vida deixara Celestina com muitas lembranças de alegria, e com alegria personificada em Anja. Para conter as lágrimas, ela disse: — Escute aqui, Clark Kent, nós mulheres precisamos dos nossos segredinhos, nossos pensamentos íntimos. Se pode mesmo ler meu coração com tanta facilidade, acho que vou começar a usar sutiãs de chumbo.

— Parece desconfortável.

— Não se preocupe, querido. Vou providenciar para as alças serem construídas de modo a deixar que você o tire de mim com facilidade.

— Ah, está na cara que você também consegue ler os meus pensamentos. Talvez exista uma linha tênue entre a filha de um pastor e uma bruxa.

— Talvez. Portanto, nunca me provoque. — O sinal de trânsito ficou verde. — Agora direto para casa.

Rolex recuperado e brilhando no pulso, Caim Júnior dirigiu sua Mercedes sabendo que precisava de mais autocontrole do que era capaz, mesmo com a orientação de Zedd.

Estava tão cheio de ressentimentos que queria correr como um foguete pelas ladeiras da cidade, ignorando todos os sinais de trânsito e placas de “pare”, mantendo a agulha do velocímetro na sua marca mais alta, como se alcançando uma grande velocidade conseguisse resfriar a cabeça. Queria atropelar pedestres desavisados, rachar seus ossos e jogá-los para o alto.

Ardia com tanta raiva, que por transmissão térmica direta de suas mãos ao volante seu carro estaria reluzindo em vermelho se não estivesse atravessando nuvens de neblina fria. Rancor, virulência, acrimônia, veemência: todas as palavras aprendidas com o propósito de aperfeiçoamento pessoal eram-lhe inúteis agora, porque nenhuma conduzia adequadamente o mínimo de sua raiva, vasta e ígnea como o sol, muito mais formidável que seu vocabulário aperfeiçoado com tanto zelo.

Felizmente, a neblina fria não estava sendo evaporada pela Mercedes, considerando que ela facilitava a caça a Celestina. A névoa envolvia o Buick branco no qual ela estava, aumentando as chances de Júnior perder sua pista, mas também envolvia a Mercedes e assegurava que ela e seu amigo não percebessem que o par de faróis atrás deles era sempre do mesmo veículo.

Júnior não fazia a menor ideia de quem era o motorista do Buick, mas odiava aquele veado alto e magro porque tinha certeza de que ele estava comendo a Celestina, que jamais aceitaria ser comida por qualquer outro homem além de Júnior se o tivesse conhecido primeiro, porque, como sua irmã, como todas as mulheres, iria considerá-lo irresistível. Acreditava ter direito anterior sobre Celestina devido ao seu relacionamento com a família; afinal de contas era o pai do filho bastardo de sua irmã, o que fazia dele um parente.

Em sua obra-prima *A beleza da fúria*: canalize a sua raiva e seja um vencedor, Zedd explica que todo homem plenamente evoluído é capaz de sentir raiva de uma pessoa ou coisa e instantaneamente redirecioná-la para qualquer nova pessoa ou coisa, usando-a para conquistar dominância, controle, ou qualquer objetivo que busque. A raiva não deve ser uma emoção que cresça gradualmente a cada nova causa justificável; ela deve ser guardada no coração e nutrida, mantida sob controle mas nutrida, de modo que seu poder pleno, branco de tão quente, possa ser direcionado instantaneamente quando for necessário, tenha ou não havido provocação.

Foi com grande satisfação que Júnior redirecionou sua raiva contra Celestina e o homem com ela. Esses dois, afinal de contas, eram os guardiões do verdadeiro Bartholomew, e portanto inimigos de Júnior.

Uma lixeira e um músico morto tinham humilhado Júnior como ele nunca fora humilhado antes, tão completamente quanto o vômito nervoso e a diarreia vulcânica o tinham humilhado, e ele odiava ser humilhado. A humilhação torna as pessoas humildes, e a humildade é para os fracassados.

Na lixeira escura, atormentado por torrentes incessantes de “e ses”, convencido de que o espírito de Vanadium ia bater na tampa e trancá-lo nela com um cadáver ressuscitado, Júnior durante algum tempo vira-se reduzido à condição de uma criança indefesa. Paralisado pelo medo, recolhido ao canto da lixeira mais distante do pianista putrefato, acorocado sobre o lixo, Júnior tremera com tanta violência que seus dentes tinham soado um ritmo flamenco, ao qual seus ossos pareceram responder, como calçados de sapateado numa pista de dança. Júnior ouviu-se gemer, mas não conseguiu parar; sentiu lágrimas de vergonha queimarem suas faces, mas nada pôde fazer para deter o fluxo; sentiu sua bexiga cheia pronta a estourar diante da agulha do terror, mas com um esforço heroico conseguiu não molhar as calças.

Durante algum tempo ele tinha pensado que o medo só acabaria quando morresse de medo. Contudo, o medo acabou sumindo, e em seu lugar uma catarata de autocomiseração se derramou sobre Júnior. A autocomiseração, é claro, é um excelente combustível para a raiva. E era por isso que, enquanto perseguia o Buick através da névoa, subindo em direção a Pacific Heights, Júnior transbordava de fúria assassina.

Ao chegar no quarto de Caim, Vanadium reconheceu que a decoração austera do apartamento provavelmente fora inspirada pelo minimalismo que o assassino da esposa notara na casa do próprio detetive, em Spruce Hills. Foi uma descoberta estranha, que perturbou o detetive por motivos que ele não conseguiu definir completamente, mas ele permaneceu convencido de que sua percepção era correta.

A casa de Caim em Spruce Hills, que ele compartilhara com Naomi, não era mobiliada desta forma. A diferença entre esta e aquela casa — e a semelhança com as moradas de Vanadium — não podia ser explicada nem pela aquisição de riqueza nem por uma mudança de gosto em relação à experiência da vida urbana.

As paredes vazias, a mobília em madeira escura contrastando fortemente com o branco das paredes, a exclusão absoluta de bricabraques e lembranças: o efeito resultava na atmosfera mais próxima à de uma verdadeira cela monástica que podia ser obtida fora de um monastério. A única qualidade do apartamento que o identificava como uma residência mundana era o seu tamanho confortável, mas se a Mulher industrial fosse trocada por um crucifixo, até o tamanho teria sido insuficiente para determinar se a residência não era de algum frei abastado.

Assim. Dois monges eram eles: um a serviço da luz imortal; o outro a serviço das trevas eternas.

Antes de vasculhar o quarto, Vanadium caminhou a passos largos através dos aposentos que já inspecionara, subitamente lembrando das três pinturas bizarras sobre as quais Nolly, Kathleen e Sparky tinham falado, e se perguntando como poderia não tê-las visto. Elas não estavam aqui.

Contudo, ela foi capaz de localizar os locais nas paredes onde as obras de arte estiveram penduradas, porque pregos ainda reluziam no gesso branco e havia ganchos pendurados nos pregos.

A intuição disse a Tom Vanadium que a remoção das pinturas significava alguma coisa, mas ele não era um Sherlock suficientemente talentoso para compreender de imediato o motivo da ausência.

Mais uma vez no quarto, antes de vasculhar os conteúdos das gavetas da mesinha-de-cabeceira, do guarda-roupas e do closet, Vanadium examinou o banheiro adjacente, acendendo a luz porque ali não havia janela — e encontrou Bartholomew numa parede, retalhado e perfurado, desfigurado por centenas de ferimentos.

Wally estacionou o Buick no meio-fio diante da casa na qual morava, e quando Celestina deslizou sobre o assento do carro até a porta do passageiro, ele lhe disse: — Não, espere aqui. Vou pegar a Anja e deixar vocês duas em casa.

— Que é isso, Wally? A gente pode caminhar até lá.

— Está frio, a neblina está densa e é tarde. E pode haver vilões à solta a esta hora. — E acrescentou, fingindo solenidade: — Vocês duas agora são mulheres da família Lipscomb, ou vão ser em breve, e as

mulheres da família Lipscomb jamais passeiam desacompanhadas pela perigosa noite urbana.

— Hummm... Estou me sentindo mimada.

O beijo foi delicioso, longo e tranquilo, carregado da paixão contida que prometia noites ardorosas na cama matrimonial.

— Eu te amo, Celie.

— Eu te amo, Wally. Nunca fui tão feliz na minha vida.

Deixando o motor funcionando e o aquecedor ligado, Wally saltou do carro e, curvando-se para a janela, disse à noiva: — É melhor trancar a porta enquanto eu não estiver com você. E fechou a porta.

Embora Celestina se sentisse um pouco paranoica, tendo sua segurança tão preservada numa vizinhança segura como aquela, ainda assim procurou pelo controle mestre e travou as portas.

As mulheres da família Lipscomb obedecem de bom grado aos desejos dos homens da família Lipscomb — a não ser que elas discordem deles, é claro, ou não discordem, mas apenas não queiram dar o braço a torcer.

O assoalho do banheiro amplo era calçado com azulejos de mármore bege e preenchimentos de granito preto em forma de diamante. O mármore do tampo da pia e do boxe combinavam com o do assoalho, assim como o usado nos lambris.

Sobre os lambris, as paredes eram cobertas por placas de madeira compensada, em vez do gesso que se via no resto do apartamento. Numa das placas, Enoch Caim gravara o nome Bartholomew três vezes.

Havia uma grande fúria aparente na forma como as letras de imprensa vermelhas tinham sido desenhadas na parede em talhos rudes. Mas a caligrafia parecia obra de uma mente calma e racional, em comparação com o que fora feito depois que os três nomes Bartholomew haviam sido gravados.

Com algum instrumento afiado, provavelmente uma faca, Caim tinha esfaqueado e estriado as letras vermelhas, trabalhando na parede com tamanha fúria que dois dos nomes Bartholomew já quase não podiam mais ser lidos. O compensado estava marcado por centenas de riscos e perfurações.

A julgar pelo modo como as letras estavam borradas, e pelo fato de que algumas tinham escorrido antes de secar, o instrumento de escrita não tinha sido um hidrocor de ponta de feltro, como Vanadium pensara inicialmente.

As gotas vermelhas salpicadas na tampa fechada da privada e no piso de mármore bege, todas secas agora, aumentaram a sua suspeita.

Cuspiu no dedão direito, esfregou-o numa das gotas secas no assoalho, esfregou o dedão e o indicador um no outro, e aproximou a matéria reidratada do nariz. Sentiu cheiro de sangue.

Mas sangue de quem?

Outras crianças de três anos, acordadas do sono depois das onze da noite, costumavam ficar birrentas, e quase sempre tontas e incapazes de se comunicar. Quando Anja acordava, acordava completamente, com um bom humor maravilhoso, e atenta para todos os detalhes da Criação, concedendo peso à predição de que ela seria um prodígio das artes.

Saltando pela porta entreaberta para o colo de Celestina, a menina disse: — Tio Wally me deu um bombom.

— Você o guardou no sapato? — Por que no sapato? — Está debaixo do seu capuz? — Está na minha barriga! — Então você não pode comer.

— Eu comi.

— Então ele se foi para sempre. Como isso é triste.

— Ele não é o único bombom do mundo, mamãe. Esta é a neblina mais densa de todos os tempos? — É praticamente a mais densa que já vi.

Enquanto Wally sentava atrás do volante e fechava a porta, Anja disse: — Mamãe, de onde a neblina vem? E não diga que vem do Havaí! — De Nova Jersey.

— Antes que ela me dedure, eu lhe dei um bombom.

— Ela já dedurou.

— Mamãe achou que eu tinha guardado no sapato.

— Foi preciso suborná-la para que ela entrasse nos sapatos e no casaco antes de segunda-feira — disse Wally.

— O que é neblina? — perguntou Anja.

— Nuvens — replicou Celestina.

— O que as nuvens estão fazendo aqui embaixo? — Elas foram para a cama. Estavam cansadas — disse-lhe Wally enquanto ligava o carro e soltava o freio de mão. — Você não está? — Posso comer outro bombom? — Eles não dão em árvores, sabia? — disse Wally.

— Eu tenho uma nuvem dentro de mim agora? Celestina perguntou: — Por que acha isso, meu docinho? — Porque estou exalando a neblina.

— É melhor segurar ela com força — alertou Wally, parando o carro no cruzamento. — Ela pode sair flutuando, e então teremos de chamar os bombeiros para trazê-la para baixo.

— Onde eles dão? — perguntou Anja.

— Em flores — respondeu Wally. E Celestina acrescentou: — Os bombons são as pétalas.

— Onde nascem as flores de bombons? — perguntou Anja, desconfiada.

— Havaí — respondeu Wally.

— Foi o que pensei — disse Anja, contorcendo o rosto numa expressão incrédula. — A Sra. Orwall fez queijo pra mim.

— A Sra. Orwall é uma grande fabricante de queijos — disse Wally.

— Num sanduíche — esclareceu Anja. — Por que ela mora com você, tio Wally? — Ela é a minha governanta.

— A mamãe não podia ser a sua governanta? — A sua mãe é uma artista. Além disso, você não quer que a sra.

Orwall perca o emprego, quer? — Todo mundo precisa de queijo — disse Anja, o que aparentemente significava que jamais faltaria trabalho para a sra. Orwall.

— Mamãe, você está errada.

— Errada sobre o quê, querida? — perguntou Celestina enquanto Wally estacionava rente ao meio-fio.

— O bombom não se foi para sempre.

— Então está mesmo no seu sapato? Virando-se no colo de Celestina, Anja disse: — Cheira — e colocou o dedo indicador da mão direita debaixo do nariz mãe.

— Isso não é educado, mas devo admitir que cheira bem.
— É o bombom. Depois que comi, o bombom foi se arrastando por dentro de mim até o meu dedo.
— Se sempre vão parar aí, então você vai acabar com um dedo bem gordo. — Wally desligou o motor e apagou os faróis.
— Lar, onde está o coração.
— Que coração? — perguntou Anja. Wally abriu a boca, não conseguiu pensar numa resposta. Rindo, Celestina disse para ele: — Nem sempre dá para ganhar, sabia? — Talvez não seja onde está o coração, mas onde corre o búfalo.

No balcão ao lado da pia do banheiro estava uma caixa aberta de Band-Aids de tamanhos variados, uma garrafa de álcool e uma garrafa de iodo.

Tom Vanadium checou a pequena cesta de lixo ao lado da pia e encontrou um bolo de lenços de papel ensanguentados. E as embalagens amassadas de dois Band-Aids.

Evidentemente, o sangue era de Caim.

Se o assassino da esposa tinha se cortado por acidente, o fato de que escreve com o próprio sangue na parede indicava um temperamento explosivo e um reservatório profundo de raiva há muito acumulada.

Se ele tinha se cortado intencionalmente com o propósito expresso de escrever o nome em sangue, então o reservatório de raiva era ainda mais fundo, e contido por uma imensa represa de obsessão.

Em qualquer dos casos, escrever o nome em sangue tinha sido um ato ritualístico, e rituais desta natureza eram sintomas inconfundíveis de uma mente seriamente desequilibrada. Vanadium agora teve certeza de que fazer o assassino da esposa perder o controle seria mais fácil do que esperava, porque ele já tinha pouco controle sobre si mesmo.

Este não era o mesmo Enoch Caim que Vanadium conhecera três anos antes em Spruce Hills. Aquele tinha sido um homem cruel, mas não um animal selvagem. Friamente determinado, sim; obsessivo, não. Aquele Caim tinha sido calculista e controlado demais para sucumbir ao

frenesi emocional exigido para pichar esta parede com sangue e usar uma faca para mutilar Bartholomew simbolicamente.

Enquanto estudava novamente a parede manchada e cortada, um arrepio, coleante como uma lacraia, desceu do escalpo de Tom Vanadium até a base do pescoço, mergulhou em seu sangue e se aninhou nos seus ossos. Ele teve a sensação terrível de que não estava mais lidando com uma força conhecida, nem com o homem perturbado que acreditara compreender, mas com um novo, e ainda mais monstruoso, Enoch Caim Júnior.

Carregando a mochila cheia com as bonecas e os livros de colorir de Anja, Wally atravessou a calçada na frente de Celestina e subiu os degraus da frente. Ela o acompanhou com Anja nos braços.

A menina estava sugando as nuvens com toda a capacidade de seus pulmões.

— Melhor me segurar com força, mamãe, eu vou flutuar.

— Não cheia de queijo e bombons.

— Por que aquele carro está seguindo a gente? — Que carro? — perguntou Celestina, parando na base dos degraus e se virando para olhar.

Anja apontou para um Mercedes parado a cerca de doze metros atrás do Buick, também com os faróis apagados.

— Ele não está seguindo a gente, docinho. Deve ser um vizinho.

— Posso comer um bombom? Subindo os degraus, Celestina disse: — Você já comeu um.

— E uma barra de chocolate? — Sem barras de chocolate.

— Posso comer confetes de chocolate? — Não é um tipo específico de chocolate que você não pode comer, querida. Você não pode comer nenhum chocolate.

Wally abriu a porta da frente e entrou.

— Posso comer uns waffers de baunilha? Celestina passou apressada pela porta aberta com Anja.

— Não, não pode. Não quero você acordada a noite toda com uma overdose de açúcar.

Enquanto Wally as acompanhava até a sala da frente, Anja disse: — Posso ter um carro? — Um carro? — Posso? — Você não sabe

dirigir — lembrou-a Celestina.

— Eu ensino a ela — disse Wally passando por elas na direção da porta do apartamento, pescando um chaveiro no bolso do casaco.

— Ele me ensina! — disse Anja triunfante à mãe.

— Então acho que teremos de arranjar um carro para você.

— Quero um que voe.

— Não fabricam carros voadores.

— Claro que fabricam — disse Wally enquanto destrancava as duas fechaduras da porta. — Mas você precisa ter vinte e um anos para conseguir uma licença para voar num deles.

— Eu tenho três.

— Então terá de esperar dezoito anos — disse ele, abrindo a porta do apartamento e mais uma vez dando um passo para o lado, permitindo que Celestina entrasse na frente.

Quando Wally entrou atrás das duas, Celestina sorriu para ele.

— Do carro até a sala de estar, tudo está correndo tão bem quanto um balé bem ensaiado — disse ela. — Nós vamos começar essa história de casamento com uma vantagem.

— Preciso fazer xixi — disse Anja.

— Isso não é uma coisa que se brade aos quatro ventos — ralhou Celestina.

— É quando a gente precisa muito fazer xixi.

— Nem mesmo quando a gente precisa muito.

— Me dê uma beijoca primeiro — pediu Wally. A menina beijou-o na bochecha.

— Ei, primeiro eu — disse Celestina. — Beijar o noivo é primazia da noiva, sabia? Embora Celestina ainda estivesse segurando Anja, Wally beijou-a, e mais uma vez foi delicioso, embora mais breve que antes, e Anja disse: — Que beijo molhado.

— Que tal eu passar às oito para tomarmos o café juntos? — sugeriu Wally. — Precisamos marcar a data.

— Daqui a duas semanas é cedo demais? — Preciso fazer xixi antes disso — declarou Anja.

— Eu te amo — disse Wally e Celestina repetiu isso, e ele disse: — Vou esperar no corredor até ouvir você trancar as fechaduras.

Celestina colocou Anja no chão, e a menina correu até o banheiro enquanto Wally saía para o corredor do edifício e fechava a porta do apartamento atrás de si.

Uma fechadura. Duas.

Celestina ficou parada diante da porta, prestando atenção, até ouvir Wally abrir a porta da rua e em seguida fechá-la.

Por um momento ficou encostada contra a porta do apartamento, segurando-se na maçaneta e na chave ainda introduzida na segunda fechadura, como se estivesse convencida de que se as soltasse iria desgrudar do chão e flutuar como uma menininha cheia de nuvens.



Com casaco e capuz vermelhos, Bartholomew apareceu primeiro nos braços do homem alto e magro, o sócio de Ichabod Crane, que também estava com uma mochila pendurada no ombro.

O homem parecia vulnerável, os braços ocupados com a criança e a mochila. Júnior considerou sair correndo da Mercedes, correr direto até o filho da puta que comia a Celestina e lhe dar um tiro à queimadura na cara. Atingido no cérebro, cairia mais rápido do que se o Cavaleiro Sem Cabeça o tivesse trespassado com um machado, e a criança cairia com ele, porque Júnior atiraria no menino bastardo em seguida, acertando três vezes na sua cabeça, quatro para garantir.

O problema era Celestina dentro do Buick, porque quando visse o que estava acontecendo, ela iria deslizar para o volante e pisar fundo no acelerador. O motor estava funcionando, fumaça branca subindo do capô e se misturando com a neblina, de modo que ela poderia fugir se pensasse rápido.

Correr atrás dela a pé. Atirar contra o carro. Talvez. Ele teria mais cinco balas se usasse uma no homem, quatro em Bartholomew.

Mas com o silenciador anexado, a pistola era útil apenas para trabalhos próximos. Depois de passar através de um supressor de som,

a bala sairia do cano a uma velocidade inferior à usual, talvez com uma oscilação adicional, e a precisão cairia drasticamente com a distância.

Júnior fora alertado sobre esse problema de precisão pelo rapaz sem polegar que lhe entregara a arma dentro de uma sacola de comida chinesa, na igreja velha de Santa Maria. Júnior acreditava no aviso por presumir que o bandidinho de oito dedos fora privado dos polegares como punição por esquecer de passar essa mensagem, ou uma igualmente importante, a um cliente no passado, o que garantia sua atual atenção a detalhes.

Mas, é claro, ele também podia ter arrancado os próprios polegares como uma garantia dupla de que não seria recrutado e mandado para o Vietnã.

Em todo caso, se Celestina escapasse, haveria uma testemunha, e não faria diferença para o júri que ela fosse uma piranha sem talento que fazia pinturas kitsch kitsch. Ela teria visto Júnior saltar do Mercedes e, apesar da neblina, seria capaz de prover uma descrição razoável do carro. Júnior ainda esperava acabar este negócio sem ter que abrir mão de sua vida boa em Russian Hill.

Mas ele não era um perito em tiro. Não conseguia acertar nada que não fosse à queima-roupa.

Ichabod passou Bartholomew através da porta aberta até Celestina no banco do passageiro, contornou o Buick, pendurou a mochila nas costas, e se sentou de novo atrás do volante.

Se tivesse adivinhado que eles iriam percorrer apenas um quarteirão e meio, Júnior não os teria seguido na Mercedes. Teria feito o resto do caminho a pé. Quando parou novamente no meio-fio, a alguns espaços de carro atrás do Buick, perguntou-se se tinha sido visto.

Agora, aqui, todos os três na rua e vulneráveis ao mesmo tempo: o homem, Celestina, o menino bastardo.

Com três assassinatos de uma vez, as consequências seriam numerosas, especialmente se Júnior apagasse os três com tiros nas cabeças. Mas como estava entupido com antieméticos, antidiarreicos e anti-histamínicos, sentia-se adequadamente protegido contra seu traiçoeiro lado sensível. Na verdade desta vez queria ver uma quantidade significativa de consequências, porque precisava ter certeza

de que o menino estava morto e que todo seu tormento finalmente chegara ao fim.

Contudo, Júnior temia ter sido visto ao parar no meio-fio, e que eles estivessem de olho nele, preparados para correr se saltasse do carro; nesse caso, todos os três conseguiriam entrar antes que Júnior pudesse abatê-los.

Se suspeitaram dele, não demonstraram nenhum alarme óbvio. Os três entraram sem pressa, e a julgar por seu comportamento Júnior decidiu que não tinha sido visto, afinal.

Luzes foram acesas nas janelas do andar térreo, à direita da porta da frente.

Espere aqui no carro. Dê-lhes tempo para se acomodarem. A esta hora, colocarão primeiro o menino na cama. Depois Ichabod e Celestina subirão para o quarto e se despirão para a noite.

Se Júnior tivesse paciência, poderia entrar sorrateiro na casa, encontrar Bartholomew, matar o menino na cama, apagar Ichabod em seguida, e ainda ter uma chance de fazer amor com Celestina.

Não nutria mais esperanças de que os dois pudessem ter um futuro juntos. Depois de provar da máquina do prazer de Caim Júnior, Celestina iria querer mais, como as mulheres sempre queriam, mas o momento para um romance significativo teria passado. Porém, depois de tanto sofrimento, Júnior merecia o consolo de ter seu corpo macio ao menos uma vez. Uma pequena compensação. Toma lá, dá cá.

Se não fosse pela irmã vadia de Celestina, Bartholomew não existiria.

Não haveria ameaça. A vida de Júnior seria diferente, melhor.

Celestina decidira abrigar o menino bastardo e, ao fazê-lo, declarara-se inimiga de Júnior, embora ele jamais tivesse feito nada contra ela, absolutamente nada. Na verdade ela não o merecia, não merecia nem mesmo uma rapidinha antes de morrer. Talvez depois que matasse Ichabod, Celestina implorasse a Caim para que ele a possuísse, e ele negasse.

Um caminhão passou em alta velocidade, agitando a neblina, e uma nuvem branca e coleante cobriu as janelas do carro, desorientando Júnior.

Júnior sentia-se tonto. Sentia-se estranho. Torceu para não ter contraído uma gripe.

O dedo médio de sua mão direita latejava debaixo do par de Band-Aids.

Júnior cortara-se enquanto usava o amolador elétrico para preparar as facas e agravara o ferimento ao estrangular Neddy Gnathic. Jamais teria se cortado se não fosse a necessidade de estar bem armado e preparado para Bartholomew e seus guardiães.

Durante os últimos três anos, Júnior sofrera muito por causa dessas irmãs, incluindo a recentíssima humilhação na lixeira com o músico morto, o amigo de pescoço de lápis de Celestina com uma propensão por lambidas post mortem. A lembrança desse horror ardia tão vívida—cada detalhe grotesco concentrado num lampejo intenso e devastador — que a bexiga de Júnior subitamente ficou inchada e cheia, embora tivesse dado uma mijada longa e satisfatória no beco em frente ao restaurante onde a pintora de cartões-postais jantara com Ichabod.

Havia mais uma coisa. Júnior não tinha almoçado, porque o espírito de Vanadium quase o alcançara enquanto ele procurava por prendedores de gravata e lenços de seda antes do almoço. Em seguida também deixou de jantar, porque precisara manter Celestina sob vigilância quando ela não foi direto para casa. Estava com fome. Morrendo de fome. Mais um sofrimento que Celestina tinha lhe causado. Aquela piranha.

Mais carros passaram por ele, e mais uma vez a névoa grossa coleou, coleou.

Os seus atos... retornarão para você, multiplicados por um número além da sua imaginação... o espírito de Bartholomew... irá encontrá-lo... e proferirá o julgamento terrível que você merece.

Essas palavras, numa espiral vertiginosa, gravadas nas fitas de memória na mente de Júnior, soaram tão nítidas e alarmantes quanto o lampejo de recordação do tormento na lixeira. Ele não podia lembrar de onde as ouvira, quem as proferira, mas a reverberação ecoava por sua mente.

Antes que pudesse colocar as palavras para tocar novamente, de modo a analisá-las, Júnior viu Ichabod sair da casa. O homem voltou

ao Buick, parecendo flutuar através da névoa, como um fantasma numa masmorra.

Ele ligou o motor, fez uma curva em U na rua e dirigiu colina acima, na direção da casa na qual Bartholomew estivera antes.

No quarto de Caim, a lanterna coberta pela mão em concha de Tom Vanadium revelou uma estante de 1,80m de altura que acolhia cerca de cem livros. A gaveta superior estava vazia, assim como a maior parte da segunda.

Lembrou da coleção de livros de auto-ajuda de Caesar Zedd que ocupara um lugar de honra na residência anterior do assassino da esposa em Spruce Hills. Caim possuía uma edição em capa-dura e uma edição popular de cada livro de Zedd. As edições mais caras haviam estado em condições impecáveis, como se tivessem sido manipuladas apenas com luvas; mas o texto nas edições populares estava muito sublinhado, e os cantos de várias páginas tinham sido dobrados para marcar passagens favoritas.

Uma olhada rápida na estante revelou que a preciosa coleção de Zedd não estava lá.

O closet, que Vanadium explorou em seguida, continha menos roupas do que esperara. Apenas metade do espaço no closet estava sendo usado.

Muitos cabides vazios estavam pendurados, encostados uns contra os outros.

Numa prateleira acima da vara de pendurar roupas havia uma única mala Mark Cross, muito cara, muito elegante, encostada num dos cantos da prateleira alta, encostada sem necessidade, porque o resto da prateleira alta estava vazia — com espaço suficiente para mais três malas.

Depois de dar a descarga, Anja subiu num banquinho e bochechou com água da pia.

— Escove os dentes, também — disse Celestina, encostando-se no umbral na porta aberta.

— Já fiz isso.

— Fez antes do bombom.

— Ele não sujou meus dentes! — protestou Anja.
— Como isso é possível? — Não mastiguei.
— Então você inalou o bombom pelo nariz.
— Engoli inteiro.
— O que acontece com gente que conta lorota? — Olhos arregalados: — Não tô contando lorota, mamãe.
— Então o que está fazendo? — Eu...
— Sim? — Estou só dizendo...
— Sim? — Vou escovar os dentes — decidiu Anja.
— Boa menina. Vou pegar o seu pijama.

Júnior na neblina. Tentando, tentando com tanta força, viver no futuro, onde viviam os vencedores. Mas sendo implacavelmente sugado de volta para o passado inútil.

Girando, girando, girando, o misterioso aviso em sua mente: o espírito de Bartolomeu... irá encontrá-lo... e proferirá o julgamento terrível que você merece.

Pôs as palavras para tocar de novo, escutou-as atentamente, mas ainda assim a fonte da ameaça continuava lhe escapando. Estava ouvindo-as com sua própria voz, como se as tivesse lido antes num livro, mas suspeitava que alguém as falara para ele e que...

Um carro-patrolha da polícia de San Francisco passou por ele, sirene silenciosa, o farol de emergência piscando no teto.

Assustado, Júnior empertigou-se na poltrona, segurando com força a pistola com silenciador, mas o carro-patrolha não freou abruptamente nem parou no meio-fio diante da Mercedes, conforme ele esperou.

A névoa cobriu as janelas do Mercedes de Júnior, e os facho de luz giratórios do farol do carro-patrolha afastaram-se, parecendo pairar em meio à neblina, como se fossem espíritos desencarnados procurando alguém para possuir.

Quando Júnior olhou seu Rolex, percebeu que não sabia há quanto tempo estava sentado ali desde que Ichabod saíra no Buick. Talvez um minuto, talvez dez.

Uma lâmpada ainda brilhava por trás das janelas da frente no andar térreo da casa, à direita.

Ele preferia aventurar-se ao interior da casa enquanto alguma lâmpada ainda estivesse ligada. Não queria ser obrigado a perambular sorratamente no escuro através de cômodos estranhos: só de pensar nisso sentia arrepios percorrerem suas tripas.

Pegou um par de luvas de látex finas. Flexionou as mãos. Tudo bem.

Fora do carro, ao longo da calçada, através dos degraus da varanda, do Mercedes para a névoa, para o assassinato. Destrivador automático, que parecia uma pistola, na mão esquerda; pistola de verdade na mão direita; três facas em bainhas amarradas ao corpo.

A porta da frente estava aberta. Esta não era mais uma única casa; fora convertida num prédio de apartamentos.

Do corredor público no andar térreo, as escadas levavam aos três andares superiores. Ele seria capaz de ouvir qualquer pessoa que descesse bem antes que ela chegasse.

Não havia elevador. Ele não precisava preocupar-se que portas se abrissem com um simples dingue por aviso, admitindo testemunhas ao corredor.

Um apartamento à direita, um à esquerda. Júnior foi ao da direita, ao Apartamento 1, onde ele tinha visto luzes por trás de janelas cobertas por cortinas.

Wally Lipscomb estacionou em sua garagem, desligou o motor e começou a sair do Buick antes de ver que Celestina tinha deixado sua bolsa no carro.

Empolgados com a promessa do noivado, ainda animados com o sucesso na galeria, com Anja completamente acordada apesar da hora e energizada pelo bombom, Wally estava surpreso por eles terem realizado a transferência do furacãozinho vermelho de uma casa para o Buick e para outra casa sem ter esquecido mais nada além de uma bolsa. Celie chamava isso de balé, mas Wally pensava que era apenas ordem momentânea no caos, o caos desafiador-alegre-frustrante-delicioso-vibrante de uma vida de amor, esperança e crianças, que ele não trocava por calma ou riquezas.

Sem suspiro ou queixa, decidiu que caminharia de volta até a casa de Celestina para levar a bolsa. O passeio não seria problema. Na

verdade, devolver a bolsa dar-lhe-ia uma chance de conseguir outro beijo de boa- noite.

Uma mesinha de cabeceira, duas gavetas.

Na gaveta superior, além dos objetos esperados, Tom Vanadium encontrou um folheto de galeria para uma exposição de arte. Sob a luz filtrada pela mão em concha, o nome Celestina White pareceu destacar-se do papel lustroso como se estivesse impresso em tinta reflexiva.

Em janeiro de 1965, enquanto Vanadium vivia o primeiro do que se revelaria um coma de oito meses, Enoch Caim Júnior procurara a assistência de Nolly numa busca pelo filho recém-nascido de Serafina.

Quando soube disso por Magusson, muito depois do evento, Vanadium considerou que Caim tinha ouvido a mensagem de Max Bellini na sua secretária eletrônica, feito a conexão com a morte de Serafina num “acidente” em San Francisco, e decidira procurar pela criança porque ela era dele. Paternidade era a única razão imaginável para o seu interesse pelo bebê.

Mais tarde, no começo de 1966, ao sair do coma e suficientemente recuperado para receber visitas, Vanadium passara uma hora muito difícil com seu velho amigo Harrison White. Por respeito à memória de sua filha morta, e não tanto por preocupação com sua imagem como pastor, o reverendo recusara-se a reconhecer que Serafina morrera grávida ou tinha sido estuprada — embora Max Bellini já tivesse confirmado a gravidez e acreditasse, tendo por base seu instinto de tira, que ela acontecera como decorrência de estupro. A julgar por sua atitude, Harrison parecia considerar que como Fimie estava morta, não se podia ganhar nada abrindo esta ferida, e mesmo se houvesse um vilão envolvido, a atitude cristã seria perdoar, se não esquecer e confiar na justiça divina.

Harrison era batista, Vanadium era católico, e embora abordassem a mesma por ângulos diferentes, estavam abordando-a de planetas diferentes, que era o sentimento que tomara Vanadium depois de sua conversa. Era verdade que Enoch Caim talvez jamais fosse levado a julgamento pelo estupro de Fimie, depois da morte jovem e na ausência de seu testemunho.

E também havia a certeza incômoda de que explorar a possibilidade de Caim ser o estuprador abriria os ferimentos nos

corações de todos os membros da família White, sem nenhum propósito útil. Não obstante, confiar apenas na justiça divina parecia ingênuo, se não moralmente questionável.

Vanadium compreendia a profundidade da dor de seu velho amigo, e com sabedoria sabia que a angústia pela perda de um filho podia fazer os melhores homens agirem movidos pela emoção e não pelo raciocínio, aceitou a preferência de Harriso em deixar o assunto descansar. Depois que a passagem do tempo favoreceu a reflexão, Vanadium decidiu que Harrison era muito mais confiante na fé batista do que ele na católica. Vanadium sentia-se mais confortável por trás de um distintivo do que dentro de uma batina, e talvez assim continuasse pelo resto de sua vida.

No dia em que compareceu ao funeral de Serafina e depois parou diante da sepultura de Naomi para alfinetar Caim, Vanadium suspeitou que Fimie não morrera num acidente de carro, conforme era alegado, mas nem por um momento pensou que o assassino da esposa estava ligado de alguma forma a esse outro crime. Agora, encontrar o folheto da galeria na mesinha-de-cabeceira pareceu-lhe mais uma prova circunstancial da culpa de Caim.

A presença do folheto também perturbou Vanadium por outro motivo.

Depois que Nolly dissera a Caim que tinha chegado a um beco sem saída, o assassino da esposa descobrira que Celestina assumira a custódia do bebê. Por algum motivo, a maravilha de nove dedos originalmente acreditara que a criança era menino, mas se agora seguira Celestina, ele sabia da verdade.

Por que Caim, mesmo se fosse o pai, estaria interessado na menininha, é um mistério completo para Tom Vanadium. Esse homem sinistramente oco, que acreditava apenas nos mandamentos de um mestre da auto-ajuda, não tinha respeito por nada; a paternidade, portanto, não exerceria nenhum apelo sobre ele que decerto também não sentiria nenhum tipo de obrigação para com a criança que resultara de seu ataque a Fimie.

Talvez o motivo de sua insistência no assunto fosse mera curiosidade, o de saber como uma filha dele pareceria; contudo, se havia mais alguma coisa por trás de seu interesse, certamente não era uma coisa benigna.

Quaisquer que fossem os intentos de Caim, ele provavelmente iria ser pelo menos um incômodo para Celestina e a menina — e possivelmente um perigo.

Como Harrison, com a melhor das intenções, não quisera abrir ferimentos, Caim podia caminhar até Celestina em qualquer lugar, a qualquer momento, e ela não saberia que ele tinha sido o estuprador de sua irmã. Para ela, Caim seria um estranho como qualquer outro.

E agora Caim sabia a respeito de Celestina, e estava interessado nela.

Informado sobre esse desenvolvimento, Harrison certamente reconsideraria a sua posição.

Carregando o folheto, Vanadium retornou ao banheiro e acendeu a luz superior. Ele olhou a parede pichada, o nome vermelho e arranhado.

O instinto, talvez até a razão, dizia-lhe que havia alguma conexão entre esta pessoa, este Bartholomew, e Celestina. O nome tinha aterrorizado Caim num pesadelo, na mesma noite do dia em que ele matara Naômi, e Vanadium portanto incorporara-o à sua estratégia de guerra psicológica sem conhecer a significância para o seu suspeito. Por mais que sentisse a conexão, não conseguia encontrar o elo. Ele carecia de alguma informação crucial.

Sob esta luz mais forte, ele examinou melhor o folheto e descobriu a fotografia de Celestina. Ela e a irmã não podiam passar por gêmeas, mas a semelhança entre as duas era impressionante.

Se Caim sentira-se atraído por uma mulher por sua aparência, certamente iria se sentir atraído por outra. E talvez as irmãs compartilhassem uma qualidade além da beleza que atraía Caim com um poder ainda maior. Inocência, talvez, ou bondade: ambas as coisas, alimentos para um demônio.

O título da exposição era “Este Dia Marcante”.

Como se ele fosse o lar de uma espécie de cupim que preferia o sabor de homens ao de madeira, Vanadium sentiu um formigamento em sua medula.

Ele conhecia o sermão, é claro. O exemplo de Bartolomeu. O tema da reação em cadeia nas vidas humanas. A observação de que um pequeno ato de bondade podia inspirar outros atos de bondade cada

vez maiores, e sobre os quais jamais saberíamos, em vidas distantes tanto no tempo quanto no espaço.

Ele jamais associara o temido Bartholomew de Enoch ao apóstolo no sermão de Harrison White, que tinha sido transmitido uma vez em dezembro de 1964, o mês anterior à morte de Naômi, e mais uma vez em janeiro de 1965. Mesmo agora, com o Bartholomew escrito em sangue e arranhado e esfaqueado na parede, e com Este Dia Marcante à sua frente no folheto, Tom Vanadium não conseguiu fazer completamente a conexão.

Ele fez força para juntar os elos partidos nesta corrente de evidências, mas eles continuavam separados por um elo perdido.

O que viu em seguida no folheto não foi o elo que procurava, mas o alarmou tanto que o papel dobrado em três estremeceu em suas mãos. A recepção para a exposição de Celestina tinha sido esta noite, tendo terminado há mais de três horas.

Coincidência. Nada mais. Coincidência.

Mas a Igreja e os físicos quânticos concordavam que coincidências não existem. Uma coincidência é o resultado de um planejamento misterioso e significativo — ou é a ordem estranha sob a aparência do caos. Faça a sua escolha. Ou, se preferir, sinta-se livre para acreditar que as duas opções são a mesma coisa.

Portanto, não era coincidência.

Todos esses arranhões na parede. Perfurações. Retalhos. Era necessário muita fúria para realizá-los.

Malas pareciam estar faltando. Algumas roupas, também. Isso podia significar um passeio de fim de semana.

Você escreve nomes nas paredes com o seu próprio sangue, brinca de Psicose usando uma placa de madeira compensada no lugar de Janet Leigh — e então voa para o Reno para passar o fim de semana jogando vinte-e-um, assistindo a shows e almoçando em bufês do tipo coma-tudo-o-que-puder. Não era provável.

Correu até o quarto e acendeu o abajur na mesinha-de-cabeceira, sem se preocupar com a possibilidade da luz poder ser vista da rua.

As pinturas desaparecidas. A coleção desaparecida dos livros de Zedd.

Você não leva coisas desse tipo para um fim de semana em Reno. Você leva essas coisas se acha que talvez não vá voltar nunca.

Apesar de já ser tarde da noite, discou o número da casa de Max Bellini.

Ele e o detetive da homicídios eram amigos há quase trinta anos, desde que Vanadium era um jovem padre recém-designado para o Orfanato de Santo Anselmo aqui na cidade. Antes de escolher a vida como policial, Max contemplara a vida como padre, e talvez naquela época ele sentira o policial que havia em Tom Vanadium.

Quando Max atendeu, Vanadium deixou sua respiração escapar num fuuuu de alívio e começou a falar junto com a inalação: — Sou eu, Tom, e talvez eu esteja apenas com um caso de paranoia aguda, mas tem uma coisa que acho melhor você fazer, e acho bom fazer agora.

— Você não sofre de paranoia aguda, você causa essa doença — disse Max. — Me conte qual é o problema.



Duas fechaduras de alta qualidade. Proteção suficiente contra um intruso médio, mas inadequada para manter um homem auto-aperfeiçoado e cheio de raiva canalizada. Júnior estava com a pistola de 9mm munida de silenciador debaixo do braço esquerdo, apertada contra a costela, deixando ambas as mãos livres para usar o destravador automático.

Sentia-se tonto novamente. Mas desta vez sabia o motivo. Não era gripe.

Estava lutando contra o casulo de sua vida, trabalhando para nascer numa forma nova e melhor. Júnior tinha sido uma pupa, aprisionada numa crisálida de medo e confusão, mas agora era uma imago, uma borboleta completamente evoluída, porque tinha usado o poder de sua ira belíssima para se auto-aperfeiçoar. Quando Bartholomew estivesse morto, Caim Júnior finalmente iria abrir as asas e voar.

Pressionou o ouvido esquerdo na porta, segurou a respiração, não ouviu nada e cuidou primeiro da fechadura superior.

Silenciosamente, introduziu a língua fina e metálica do destravador automático no canal da chave, debaixo dos pinos internos da fechadura.

Agora um risco pequeno, mas real, de ser ouvido lá dentro; ele apertou o gatilho. A mola no interior do destravador automático impeliu a língua metálica à frente, obrigando alguns dos pinos a se alojarem em seus orifícios. O ruído metálico do tambor contra a mola e o clique da língua metálica contra os pinos da fechadura foram sons baixos, mas qualquer pessoa que estivesse perto do outro lado da porta seria capaz de ouvi-los; contudo, se a pessoa estivesse a um cômodo de distância, o ruído não iria alcançá-la.

Nem todos os pinos eram empurrados para dentro de seus orifícios com um simples aperto no gatilho. Era preciso apertar o gatilho no mínimo três vezes, às vezes até seis, dependendo da fechadura.

Decidiu usar a ferramenta apenas três vezes em cada fechadura antes de tentar abrir a porta. Quanto menos barulho, melhor. Talvez a sorte estivesse ao seu lado.

Clique, clique, clique. Clique, clique, clique.

Girou a maçaneta. A porta se moveu para dentro, mas ele a empurrou apenas uma fração de centímetro.

Segundo Zedd, o homem plenamente evoluído jamais confia nos deuses da sorte, porque ele faz a sua sorte com tanta confiabilidade que pode cuspir impunemente nos rostos dos deuses.

Júnior enfiou o destravador automático num bolso de sua jaqueta de couro.

Novamente em sua mão direita, a pistola de verdade, carregada com dez balas de ponta oca, parecia vibrar com poder sobrenatural: estava para Bartholomew como o crucifixo para Drácula, a água benta para um demônio, a kriptonita para o Super-Homem.

Tanto quanto tinha sido vermelha para o passeio noturno, Anja estava amarela para seu retiro para a cama em sua própria casa. Pijama amarelo de duas peças. Meias amarelas. A pedido da menina, Celestina amarrara um laço amarelo em sua massa de cabelos enrolados.

Essa coisa de laço começara há alguns meses. Anja dizia que queria ficar bonita enquanto dormia, caso encontrasse um lindo príncipe em seus sonhos.

— Amarelo, amarelo, amarelo, amarelo — disse Anja com satisfação enquanto se examinava na porta espelhada do closet.

— Ainda a minha pequena M&M.

— Vou sonhar com meus pintinhos — disse Anja. — E se eu estiver toda de amarelo, eles vão pensar que sou um também.

— Você também pode sonhar com bananas — sugeriu Celestina enquanto dobrava os panos da cama.

— Não quero ser uma banana.

Devido aos seus pesadelos ocasionais, Anja gostava de dormir de vez em quando na cama da mãe e não na sua própria, e esta era uma dessas noites.

— Por que você quer ser uma pintinha? — Porque nunca fui uma. Mamãe, você e tio Wally são casados agora? — Surpresa, Celestina disse: — De onde você tirou essa ideia? — Você ganhou um anel como o da Sra. Moller do fundo do corredor. — Dotada com poderes incomuns de observação visual, a menina notava com rapidez as mudanças mais sutis em seu mundo. O anel brilhante na mão esquerda de Celestina não lhe escapara.

— Ele deu um beijo molhado em você — acrescentou Anja. — Como os beijos nojentos nos filmes.

— Você é uma detetivezinha e tanto.

— Vamos mudar de nome? — Talvez.

— Vou ser Anja Wally? — Anja Lipscomb, embora não soe tão bem quanto White, não acha? — Quero me chamar Wally.

— Não vai acontecer. Agora, venha pra cama.

Anja pulou-voou-flutuou até a cama da mãe, rápido como uma pintinha.



Bartholomew estava morto mas ainda não sabia. Pistola na mão, casulo retalhado, pronto para abrir suas asas de borboleta, Júnior empurrou a porta para o apartamento, viu uma sala de estar deserta, iluminada suavemente e mobiliada com bom gosto, e estava prestes a

cruzar o umbral quando a porta da rua abriu e no corredor entrou Ichabod.

O homem estava carregando uma bolsa, fosse lá o que isso significasse, e quando passou pela porta estava com uma expressão boba no rosto, que mudou no instante em que viu Júnior.

Aqui estava ele novamente, o maldito passado, voltando quando Júnior pensava ter-se livrado dele. Este filho da puta alto, magro, comedor de Celestina, guardião de Bartholomew, fora de carro para sua casa, mas não pudera permanecer no passado, onde pertencia, e estava abrindo a boca para dizer Quem é você ou talvez gritar um alarme, quando Júnior atirou nele três vezes.

Embrulhando Anja nas cobertas, Celestina disse: — Quer que tio Wally seja o seu papai? — Isso seria maravilhoso.

— Também acho.

— Nunca tive um papai, você sabe.

— Acha que valeu a pena esperar pelo Wally, hein? — Vamos nos mudar para a casa do tio Wally? — É assim que costuma funcionar.

— A Sra. Orwall vai embora? — Todas essas coisas precisam ser planejadas.

— Se ela for embora, você vai ter que fazer o queijo.

O supressor de som não deixava a pistola completamente silenciosa, mas os três disparos, cada um como uma tosse baixa abafada pela mão, provavelmente não seriam ouvidos fora do corredor.

O tiro um acertou Ichabod na coxa direita, porque Júnior disparou enquanto levantava a arma de seu lado, mas as duas balas seguintes acertaram solidamente no torso. Isso não era um resultado ruim para um amador, ainda que a distância até o alvo fosse quase curta o bastante para definir seu encontro como um combate mano-a-mano, e Júnior decidiu que se a deformação em seu pé esquerdo não o tivesse impedido de combater no Vietnã, ele teria se saído excepcionalmente bem na guerra.

Segurando a bolsa como se estivesse determinado a não ser assaltado, mesmo na morte, o homem caiu, esticou braços e pernas, tremeu e ficou imóvel. Tombara sem nenhum grito de alarme, sem nenhum berro de dor mortal, com tão pouco barulho que Júnior sentiu

vontade de beijá-lo, só que ele não beijava homens, vivos ou mortos, embora um homem vestido de mulher já o tivesse enganado, e embora um pianista morto certa vez tivesse lhe dado uma lambida no escuro.

Voz tão brilhante quanto sua roupa de dormir, irmã espiritual dos pintinhos em algum lugar, a Anja amarela levantou a cabeça do travesseiro e disse: — Vai ter um casamento? — Um casamento maravilhoso — prometeu-lhe Celestina, pegando um par de pijamas numa gaveta da cômoda.

Anja finalmente bocejou.

— Bolo? — Sempre tem bolo em casamentos.

— Eu gosto de bolo. Gosto de cachorrinhos. — Desabotoando a blusa, Celestina disse: — Tradicionalmente, cachorrinhos não exercem um papel em casamento. — O telefone tocou.

— Não vendemos pizza — disse Anja, porque recentemente haviam recebido alguns telefonemas para uma pizzaria nova que tinha um número de telefone com um dígito diferente do deles.

Pegando o telefone antes do segundo toque, Celestina disse: — Alô? — Srta. White? — Sim? — Aqui é o detetive Bellini, do Departamento de Polícia de San Francisco. Está tudo bem aí? — Tudo bem? Sim, claro. O que...

— Alguém está com você? — Minha filhinha — disse ela e tardiamente imaginou que esse homem podia não ser um policial, mas alguém tentando determinar se ela e Anja estavam a sós no apartamento.

— Por favor, tente não ficar alarmada, Srta. White, mas estou mandando um carro-patrolha até o seu endereço.

E subitamente Celestina acreditou que Bellini era realmente um tira, não porque sua voz contivesse muita autoridade, mas porque seu coração lhe disse que a hora havia chegado, que o perigo há muito antecipado finalmente se concretizara: o advento sombrio sobre o qual Fimie a alertara há quase três anos.

— Temos motivos para acreditar que o homem que violentou a sua irmã está vigiando você.

Ele vinha. Ela sabia disso. Sempre soubera disso, mas tinha quase esquecido. Havia alguma coisa especial em Anja, e devido a essa coisa especial ela vivia sob uma ameaça tão certa quanto os recém-

nascidos de Belém sob o decreto de morte do rei Herodes. Muito tempo atrás, Celestina vislumbrara um padrão misterioso e complexo nisto, e aos olhos de uma artista, a simetria do desenho requeria que o pai aparecesse, mais cedo ou mais tarde.

— As suas portas estão trancadas? — perguntou Bellini.

— Apenas a da frente. Sim, trancada.

— Onde vocês estão agora? — No meu quarto.

— Onde está a sua filha? — Aqui.

Anja estava sentada na cama, tão alerta quanto amarela.

— A porta do quarto tem tranca? — perguntou Bellini.

— Não é grande coisa.

— Tranque-a assim mesmo. E não desligue. Permaneça na linha até os policiais chegarem.

Júnior não podia deixar o homem morto no corredor e desfrutar de algum tempo de qualidade com Celestina.

As consequências gostavam de ser descobertas, geralmente nos piores momentos possíveis, o que ele aprendera nos filmes, nas matérias criminais veiculadas pela mídia e até a partir de experiências pessoais. A descoberta sempre trazia os policiais a toda velocidade, soando suas sirenes e cheios de entusiasmo, porque esses filhos da puta eram os fracassados mais focados no passado na face da Terra, absolutamente consumidos por seu interesse pelas consequências.

Ele enfiou sua pistola de 9mm no cinto, segurou Ichabod pelos pés e o puxou rápido até a porta do Apartamento 1. A passagem do corpo deixou rastros de sangue brilhante no assoalho fosco de pedra calcária.

Não eram lagos de sangue, apenas manchas, e assim Júnior poderia limpá-las rapidamente, depois que tivesse tirado o cadáver do corredor, mas vê-las o deixou furioso. Ele estava aqui para colocar um ponto final em todas as questões deixadas em aberto em Spruce Hills, para livrar-se de espíritos vingativos, para melhorar sua vida e mergulhar de cabeça num futuro inteiramente novo. Diabos, ele não estava aqui para cuidar da manutenção do prédio! Como o fio não era bastante longo para que pudesse levar o telefone consigo, Celestina pousou-o na mesinha-de-cabeceira, ao lado da lâmpada.

— O que está acontecendo? — perguntou Anja.

— Fique quietinha, meu bem — disse Celestina, cruzando o quarto até a porta, que estava entreaberta.

Todas as janelas estavam trancadas. Era conscienciosa em relação a elas.

Sabia também que a porta da frente estava trancada, porque Wally esperara para ouvir as fechaduras serem trancadas. Não obstante, entrou no corredor, onde a luz não estava acesa, passou rapidamente pelo quarto de Anja, chegou à entrada da sala de estar iluminada por um abajur... e viu um homem entrando de costas pela porta, arrastando alguma coisa grande, escura e pesada, arrastando um...

Deus misericordioso, não.

Ele quase tinha passado com Ichabod pelo portal quando ouviu alguém dizer: — Não.

Júnior olhou sobre o ombro a tempo de ver Celestina virar-se e fugir.

Teve apenas um vislumbre da mulher desaparecendo no corredor interno.

Foco. Acabar de puxar Ichabod para dentro. Agir agora, pensar depois.

Não, não, um foco apropriado requer um entendimento da necessidade dos três ar: perscrutar, analisar, priorizar. Pegue a piranha, pegue a piranha! Respirações lentas e profundas. Canalize a ira belíssima. Um homem plenamente evoluído é auto-controlado, é calmo. Mova-se, mova-se, mova-se! Subitamente, tantas grandes máximas de Zedd, que antes formavam uma filosofia confiável e um guia para o sucesso, pareciam contradizer umas às outras.

Uma porta bateu, e depois de um breve debate interno entre empregar os três ar ou agir, Júnior deixou Ichabod estatelado sobre o limiar da porta.

Precisava chegar a Celestina antes que ela alcançasse um telefone, e então poderia voltar e acabar de mover o corpo.

Celestina bateu a porta, pressionou o botão de trava na maçaneta, empurrou balançou arrastou o armário para a frente da porta, impressionada com sua própria força, e ouviu Anja falar ao telefone: — Mamãe está movendo os móveis. — Arrancou o fone da mão de Anja e disse a Bellini: — Ele está aqui.

Jogou o telefone na cama, disse a Anja: — Fique junto de mim. Correu até as janelas, puxou as cortinas para desobstruir o caminho.

Compromisso e comando. Não importa muito se o curso de ação ao qual você se compromete é prudente ou impulsivo, não importa nem um pouco se a sociedade em geral acredita que aquilo que você está fazendo é uma coisa “boa” ou uma coisa “ruim”. Contanto que você se comprometa sem reservas, você inevitavelmente comandará, porque sempre há tão poucas pessoas dispostas a se comprometer com alguma coisa, certa ou errada, sensata ou insensata, que aqueles que mergulham de cabeça têm mais chances de ser bem-sucedidos do que aqueles que não o fazem, mesmo quando suas ações são imprudentes e sua causa é estúpida.

Longe de ser estúpida, a causa de Júnior era sua sobrevivência e salvação, e ele estava compromissado a realizá-la com cada fibra de seu corpo, com toda a sua mente e todo o seu coração.

Três portas no corredor escuro: uma à direita, aberta; duas à esquerda, ambas fechadas.

A da direita, primeiro. Abrir a porta com um chute, simultaneamente disparando dois tiros, talvez porque este fosse o quarto de Celestina, onde ela guardava uma arma. Espelhos estilhaçaram: um tilintar de vidro caindo sobre porcelana, vidro sobre azulejos de cerâmica, muito mais barulho do que os tiros em si.

Percebeu que destroçara um banheiro deserto.

Barulho demais, chamando atenção. Agora não sobraria tempo para romance, não haveria tempo para desfrutar a experiência de ter provado duas irmãs. Apenas matar Celestina, matar Bartholomew, e ir embora, embora.

Primeiro quarto à esquerda. Chutar a porta. A sensação de um espaço mais amplo à frente. Desta vez sem banheiro, e mais escuro. Apontar a pistola para a frente, segurando-a com ambas as mãos. Dois disparos rápidos: tosse abafada, tosse abafada.

Comutador de luz à esquerda. Piscando por causa da luminosidade.

Quarto de criança. Quarto de Bartholomew. Móvel em cores primárias alegres. Pôsteres do Ursinho Pooh na parede.

Surpreendentemente, bonecas. Muitas bonecas. Aparentemente, o pequeno bastardo era afeminado, uma qualidade que com toda certeza não tinha sido herdada de seu pai.

Ninguém aqui.

A não ser embaixo da cama, no armário? Perda de tempo para checar esses lugares. Mais provavelmente, a mulher e o menino estavam escondidos no último quarto.



Rápida e amarela, Anja voou até onde sua mãe estava e se agarrou a uma das cortinas como se pudesse esconder-se por trás dela.

Era uma janela no estilo francês, com vidraças muito pequenas, de modo que Celestina não podia quebrar o vidro e pular para fora.

Duas vidraças de batente. Dois ferrolhos no lado direito, um em cima, um embaixo. Manivela destacada pousada na base do peitoril de trinta centímetros. Encaixe de mecanismo na base da moldura.

Celestina introduziu o cabo da manivela no encaixe do mecanismo. Não encaixou. Suas mãos tremiam. As arestas de metal no cabo da manivela precisavam ser alinhadas com as estrias no encaixe do mecanismo. Ela falhou, e falhou de novo.

Senhor, por favor, ajude-me com isto. O maníaco chutou a porta.

Há apenas um momento ele arrombara o quarto de Anja e fizera muito barulho, mas agora o barulho foi ainda maior, trovejante a ponto de acordar a todos no prédio.

A manivela encaixou. Girar, girar.

Onde estava o carro-patrolha? Por que não ouvia uma sirene? O mecanismo da janela rangeu, as duas vidraças de batente começaram a abrir para fora, mas devagar demais, e a noite fria e branca exalou uma pluma gelada para dentro do quarto.

O maníaco chutou mais uma vez, mas, devido ao guarda-roupa, a porta não cedeu. Assim, ele chutou mais forte, novamente sem sucesso.

— Rápido — sussurrou Anja.



Júnior deu um passo para trás e apertou o gatilho duas vezes, apontando para a fechadura. Um tiro arrancou um naco da ombreira, mas o outro atravessou a porta, estilhaçando mais do que madeira, e a maçaneta de bronze estremeceu e quase caiu.

Júnior empurrou a porta, mas ela ainda resistia, e ele se surpreendeu ao deixar escapar um grito de frustração que expressava exatamente o oposto do autocontrole, embora ninguém que o ouvisse fosse ter a menor dúvida quanto à sua determinação em se comprometer e comandar.

Mais uma vez disparou contra a fechadura, apertou o gatilho uma segunda vez e descobriu que não havia mais nenhuma bala no tambor.

Havia cartuchos extras distribuídos em seus bolsos.

Ele jamais pararia para recarregar neste desesperado penúltimo momento, quando o sucesso ou o fracasso podia ser decidido numa questão de segundos. Essa seria a escolha de um homem que pensava primeiro e agia depois, o comportamento de um fracassado nato.

Um pedaço grande da porta tinha sido estourado pelos tiros. Graças à luz brilhando através do quarto no outro lado, Júnior conseguiu ver que nenhuma parte da fechadura permanecia intacta. Ao olhar através do buraco da porta e ver o fundo de um móvel empurrado contra ela, a natureza do problema ficou clara.

Ele dobrou o braço esquerdo e se arremeteu contra a porta. A mobília obstrutora era pesada, mas ela se moveu um centímetro. Se tinha se movido um centímetro, iria ser mover dois, de modo que não era irremovível. Júnior estava quase lá.

Celestina não escutou os dois tiros, mas jamais teria confundido as balas com qualquer outra coisa quando elas vararam a porta.

O armário que estava bloqueando a porta, que também fazia as vezes de penteadeira, tinha frente de espelho. Uma bala atravessou as costas de madeira, desenhou um quebra-cabeça em forma de teia no

vidro, e ao se alojar na parede acima da cama — plaque! — fez descer uma chuva de cacos de gesso.

Quando as duas vidraças verticais da janela ainda estavam afastadas em menos de dezessete centímetros, elas travaram. O mecanismo gerou um som que pareceu pronunciar guturalmente o problema em si, c-c-c- corrosão, e empacou.

Até Anja, um espirro de querubim, não conseguiria passar por uma abertura de dezessete centímetros.

No corredor, o maníaco rugiu de frustração.

A maldita janela. A maldita janela emperrada. Celestina aplicou todas as suas forças na manivela, e sentiu-a ceder um pouco. Então, a manivela saltou do encaixe e raspou na parede.

Desta vez ela não ouviu um tiro, mas o som de madeira estilhaçada atestou a passagem de pelo menos mais duas balas.

Dando as costas para a janela, Celestina agarrou a menina e a empurrou na direção da cama, sussurrando: — Embaixo da cama.

Anja não queria ir, talvez porque o bicho-papão ficasse embaixo da cama em alguns de seus pesadelos.

— Vai! — insistiu Celestina.

Finalmente Anja se agachou e sumiu debaixo da cama, com um adejo final de meias amarelas.

Três anos atrás, no Hospital St. Mary, com o alerta de Fimie vivo em sua mente, Celestina jurou que estaria preparada quando a besta chegasse, mas aqui estava ela, e Celestina não estava tão preparada quanto possível. O tempo passa, a percepção de uma ameaça esvanece, a vida fica mais atarefada, você trabalha que nem uma cachorra como garçoneite, você se forma na faculdade, a sua menininha se torna tão vital, tão vívida, tão viva que você acha que ela vai viver para sempre, e além do mais, é filha de um pastor, acredita no poder da compaixão, no Príncipe da Paz, e confia que os humildes herdarão a Terra, de modo que se passaram três longos anos e você não comprou uma arma, não fez um curso de defesa pessoal, e de algum modo esqueceu que os humildes que herdarão a Terra são aqueles que sofreram agressões, mas não são aqueles tão pateticamente humildes que nem tentam se defender, porque não resistir ao mal é um pecado, e a recusa voluntária em defender a sua vida é um pecado mortal de suicídio passivo, e o

fracasso em proteger uma menininha M&M amarelinha certamente irá lhe comprar uma passagem de ida para o Inferno no mesmo trem expresso no qual os traficantes de escravos viajaram para a sua própria servidão eterna, onde os mestres de Dachau e o velho Stalin viajaram do poder para a punição, de modo que aqui, agora, enquanto a besta se joga contra a porta, enquanto derruba a barricada, você deve aproveitar o tempo parco e precioso que lhe resta e lutar.



Júnior arremeteu-se através da porta bloqueada, para dentro do quarto, e a piranha o acertou com uma cadeira. Uma cadeira pequena, com um assento estofado. Ela a girou como um bastão de beisebol, e devia haver algum sangue de Jackie Robinson na família White, porque ela teria força suficiente para rebater uma bola do Brooklyn para o Bronx.

Se tivesse acertado o flanco esquerdo de Júnior, como pretendia, ela teria quebrado seu braço ou rachado algumas costelas. Mas ele viu a cadeira chegando e, ágil como um corredor de base protegendo-se do ataque de um interbase, ele deu as costas para ela, recebendo o golpe nas costas.

Este golpe sujo não tinha sido nada esportivo, parecendo com as coisas que aconteciam no Vietnã nas histórias que Júnior às vezes contava para as mulheres. Como se atingido por uma explosão de granada, perdeu o equilíbrio e caiu no chão, recebendo o impacto bem no queixo, o que fez seus dentes fecharem-se com tanta força que teriam guilhotinado sua língua caso ela estivesse entre eles.

Sabendo que a mulher não ia simplesmente recuar para calcular sua vantagem, rolou no chão para fora do caminho dela, imensamente aliviado por poder mover-se, porque, a julgar pela dor que se espalhava por suas costas, não ficaria surpreso se ela tivesse quebrado sua espinha e o paralisado. A cadeira desceu novamente, colidindo exatamente com o local em que Júnior estivera estatelado um instante antes.

A piranha golpeou com tanta ferocidade que a força do impacto com o chão, redundando através dela, deve ter entorpecido os seus

braços. Ela cambaleou para trás arrastando a cadeira, temporariamente incapaz de levantá-la.

Ao entrar no quarto, Júnior pretendia guardar a pistola e sacar uma faca.

Mas ele não estava mais com saco para trabalhar corpo a corpo. Felizmente, conseguira continuar segurando a pistola.

Seu corpo doía demais para ele conseguir recuperar-se rápido e tomar vantagem da vulnerabilidade momentânea da mulher. Cambaleando enquanto se levantava, recuou e pescou cartuchos sobressalentes no bolso.

Ela tinha escondido Bartholomew em algum lugar.

Provavelmente no armário.

Apagar a pintora, matar a criança.

Ele era um homem com um plano, focado, comprometido, pronto para agir e em seguida pensar, assim que fosse capaz de agir. Um espasmo de dor enfraqueceu sua mão. Cartuchos escapuliram entre seus dedos, caíram no chão.

Os seus atos... retornarão para você, multiplicados por um número além da sua imaginação.

Novamente essas palavras funestas, um eco ricocheteando nas paredes de sua memória. Desta vez realmente as escutou sendo proferidas. A voz atraiu a atenção de Júnior com um timbre mais profundo e uma dicção mais perfeita que a dele.

Ejetou o pente de balas da coronha da pistola. Quase o deixou cair.

Celestina circulou-o, meio carregando, mas também meio arrastando a cadeira, ou porque os músculos dela ainda estavam vibrando e seus braços estavam fracos, ou porque estava fingindo fraqueza na esperança de induzi-lo a uma reação imprudente. Júnior a contornou enquanto ela fazia o mesmo, tentando freneticamente lidar com a pistola sem desgrudar os olhos da adversária.

Sirenes.

O espírito de Bartholomew... irá encontrá-lo... e proferirá o julgamento terrível que você merece.

A voz do reverendo White, teatral, mas mesmo assim sincera, ergueu-se do passado para proferir claramente a ameaça que ecoava na

mente de Júnior desde a noite em que a ouvira de um gravador, enquanto dançava um tango horizon com Serafina no quarto na paróquia.

A ameaça do pastor tinha sido esquecida, reprimida. Na época em que Júnior ouvira essas palavras, elas haviam funcionado apenas como uma melodia de fundo perversamente excitante para o amor carnal, e ele não considerara seriamente se significado, a mensagem de vingança implícita.

Agora, neste momento de perigo extremo, a bolha de memória reprimida explodiu sob a pressão e Júnior ficou chocado, estarrecido, ao perceber que o pastor tinha rogado uma praga contra ele! Sirenes uivando.

Cartuchos caídos reluziam sobre o tapete. Agachar-se para pegá-los? Não. Isso seria pedir por um golpe de rachar o crânio.

Celestina, a batista batedora de volta à ação, atacou novamente. Com uma perna quebrada, outra rachada, e o encosto solto, a cadeira não era mais uma arma tão formidável quanto antes. Ela brandiu a cadeira, Júnior se protegeu com um braço, ela o acertou de novo, Júnior tentou pegá-la, e ela conseguiu se esquivar, arfante.

A vagabunda estava ficando cansada, mas Júnior ainda não apreciava suas chances num confronto mano-a-mano. Ela estava com os cabelos despenteados. Os olhos reluziam com tanta ferocidade que ele tinha quase certeza de ter visto pupilas elípticas, como nos olhos de um grande felino.

Contorcidos num esgar, os lábios desnudavam os dentes.

Ela parecia tão insana quanto a mãe de Júnior.

Muito próximas, essas sirenes.

Outro bolso. Mais cartuchos. Tentando espremer apenas dois deles dentro do pente de balas, mas as mãos tremiam e estavam escorregadias por causa do suor.

A cadeira. Um golpe rápido, que não causou danos, empurrando-o de costas até a janela.

As sirenes estavam bem aqui.

Tiras na porta da frente do prédio, a puta lunática com a cadeira, a maldição do pastor: todas essas coisas juntas eram pesadas

demais até mesmo para um homem compromissado carregar. Saia do presente, parta para o futuro.

Largou a pistola, o pente de balas, os cartuchos.

Quando a puta iniciou seu novo golpe, Júnior agarrou a cadeira. Não tentou puxar a cadeira de suas mãos, mas usou-a para empurrar Celestina o mais forte que pôde.

Ela tropeçou numa perna caída da cadeira, perdeu o equilíbrio e caiu de costas contra a lateral da cama.

Ágil como um gato geriátrico, gritando de dor, Júnior saltou contra a soleira da janela, tentando passar entre as vidraças do batente. Elas já estavam parcialmente abertas... mas também estavam emperradas.

Deitado no chão, preso na brecha entre as vidraças do batente, mãos segurando a moldura da janela, o maníaco usava não apenas força, mas todo o peso do seu corpo para tentar escapar do quarto.

Apesar dos batimentos ensurdecadores de seu coração e do arfar alto de sua respiração, Celestina ouviu madeira rachar, uma vidraça pequena explodir e metal contorcer-se com um uivo. O desgraçado ia escapar.

A janela não dava para a rua. Ela dava para uma passagem de um metro e meio de largura entre esta casa e a seguinte. A polícia talvez não o visse fugir.

Ela podia acertá-lo com a cadeira mais uma vez, mas estava se desmantelando. Em vez disso, abandonou a mobília pela promessa de uma arma de fogo, caída diante de seus joelhos, e pegou o pente de balas descartado no chão.

O ganido das sirenes gemeu até silenciar. A polícia devia ter parado diante da calçada.

Celestina catou no chão uma bala bronzeada.

Outra vidraça pequena explodiu. Um crepitar de madeira desanimador.

De costas para ela, o maníaco atacava a janela com a ferocidade de uma fera enjaulada.

Não tinha experiência com armas, mas tendo-o visto tentar inserir balas no pente, sabia como carregar. Introduziu um cartucho. Então um segundo.

Era suficiente.

O mecanismo de operação estava começando a ceder, assim com as dobradiças, e a janela vergou para fora.

Do fundo do apartamento, homens gritaram: — Polícia! Enquanto empurrava o pente de balas contra a coronha da pistola, Celestina gritou: — Aqui! Aqui dentro! Ainda ajoelhada, ela levantou a arma e compreendeu que ia atirar nas costas do maníaco, mas não tinha outra escolha, porque sua experiência não permitia que ela mirasse numa perna ou num braço. Estava mergulhada num dilema moral, mas também numa imagem de Fimie morta, deitada em lençóis ensanguentados na mesa de operação. Apertou o gatilho e foi empurrada para trás pelo coice. A janela cedeu um instante antes de Celestina disparar. O homem caiu fora de vista. Ela não sabia se o havia acertado.

Até a janela. O quarto quente sugou da noite uma neblina fria e coleante, se debruçou sobre a soleira e mergulhou a cabeça na névoa.

A janela ficava a um metro e meio acima da passagem de serviço estreita, o maníaco esbarrou em latas de lixo enquanto fugia, mas não tropeçou no refúgio.

Da neblina e da escuridão chegou a Celestina um som de passos correndo sobre um piso de tijolos.

Ele estava correndo até os fundos da casa.

— Larga a arma! Celestina soltou a arma antes mesmo de se virar, e enquanto dois policiais entravam no quarto, ela gritou: — Ele está fugindo! Da passagem de serviço para o beco, do beco para a rua e dali para a cidade, a neblina e a noite, Júnior correu do Caim passado para o Pinchbeck futuro.

Durante o curso desse dia marcante, ele tinha empregado técnicas ensinadas por Zedd para canalizar sua raiva numa fúria vermelha. Agora, sem nenhum esforço de sua parte, a fúria cresceu para uma ira, uma ira branca de tão quente.

Como se espíritos vingativos já não fossem um problema grande o bastante, há três anos lutava, sem saber, contra o poder terrível da maldição do pastor, uma maldição batista negra que transformara sua vida num verdadeiro inferno. Agora ele sabia por que tinha sido atormentado por um ataque de vômito, uma diarreia épica e urticárias

horríveis e desfiguradoras. O fracasso em encontrar uma alma gêmea, a humilhação com Renee Vivi, os dois casos graves de gonorreia, a catatonia causada pela meditação, a incapacidade de aprender francês e alemão, a solidão, o vazio, as tentativas frustradas em achar e matar o menino bastardo nascido do ventre de Fimie. Todas essas coisas e mais, muito mais, tinham sido consequências odiosas da maldição vingativa daquele cristão hipócrita. Na condição de homem auto-aperfeiçoado, plenamente evoluído, compromissado, que se sentia confortável com seus instintos primitivos, Júnior deveria estar singrando pela vida em mares calmos, debaixo de céus perpetuamente ensolarados, com suas velas sempre infladas com vento, mas ao invés disso enfrentava tempestades em noites escuras, não devido a falhas de mente ou coração, ou caráter, mas por causa de magia negra.

Capítulo 71

NO HOSPITAL ST. MARY, onde há três anos trouxera Anja ao mundo, Wally agora lutava por sua vida, por uma chance de ver a menina crescer e ser o pai de quem ela precisava. Ele já tinha sido levado para a sala de cirurgia quando Celestina e Anja chegaram, alguns minutos depois da ambulância.

Foram levados ao St. Mary pelo detetive Bellini num carro da polícia.

Tom Vanadium — um amigo do pai de Celestina, com quem ela se encontrara algumas vezes em Spruce Hills, mas a quem não conhecia bem — viajou literalmente com o dedo no gatilho, olhando para os lados e para trás, atento aos ocupantes dos outros veículos, como se um deles certamente fosse o maníaco.

Até onde Celestina sabia, Tom era um detetive da polícia estadual do Oregon, e ela não entendia o que ele estava fazendo ali.

Assim como ela não conseguia nem mesmo imaginar a natureza do desastre que lhe acontecera, deixando seu rosto parecendo um quebra-cabeças mal encaixado. A última vez em que o vira fora no funeral de Fimie. Alguns minutos atrás, na porta de sua casa, ela o reconheceu apenas devido à sua marca de nascença roxa.

Como o pai de Celestina respeitava e admirava Tom, ela estava grata por sua presença. E qualquer um que conseguisse sobreviver à catástrofe que o deixara com este rosto cubista era um homem que ela queria ao seu lado num momento de crise.

Sentada no banco traseiro do carro, abraçada firme com a assustada Anja, Celestina estava surpresa com sua própria coragem no combate e com a calma inabalável que lhe servia tão bem agora. Não se sentia abalada com o pensamento do que poderia ter acontecido com ela, e com sua filha, porque sua mente e seu coração estavam aqui com Wally — e porque, tendo sido nutrida com esperança por toda a vida, ela tinha uma reserva profunda à qual recorrer em momentos de seca.

Bellini assegurou a Celestina que eles não esperavam que Enoch Caim fosse ousado a ponto de seguir carros de polícia e renovar seu

ataque a ela no St. Mary. Não obstante, ele destacou um policial uniformizado para ficar de guarda na sala de espera destinada aos amigos e à família dos pacientes na unidade de tratamento intensivo. E a julgar pelo elevado nível de vigilância do guarda, Bellini não descartara inteiramente a possibilidade de que Caim pudesse aparecer agora para terminar o que tinha começado em Pacific Heights.

Como em todas as salas de espera de UTIs, nas quais a Morte ficava sentada pacientemente, sorrindo por antecipação, esta era limpa e sóbria, com mobílias espartanas, como se cores mais brilhantes e conforto pudessem perturbar a velha Ceifadora e motivá-la a cortar mais vidas do que deveria.

Mesmo depois da meia-noite a sala costumava estar cheia de entes queridos preocupados, como a qualquer outra hora do dia. Contudo, nesta madrugada a única vida sob a ameaça da ceifa parecia ser a de Wally; a única vigília era por ele.

Traumatizada pela violência no quarto da mãe, não completamente ciente do que acontecera com Wally, Anja estava lacrimosa e tensa. Um médico prestativo deu-lhe um copo de suco de laranja pulverizado com uma dose pequena de sedativo, e uma enfermeira trouxera travesseiros.

Deitada em duas cadeiras estofadas, usando um robe cor-de-rosa sobre os pijamas amarelos, ela se entregou ao sono tão completamente quanto sempre, com sedativo ou não, que era tão plenamente quanto ela se entregava à vida quando estava acordada.

Depois de tomar um depoimento preliminar de Celestina, Bellini saiu para seduzir um juiz a se levantar da cama e obter um mandado de busca para a residência de Enoch Caim, tendo já ordenado uma tocaia do apartamento em Russian Hill. A descrição de Celestina de seu atacante combinava perfeitamente com a de Caim. Ademais, a Mercedes do suspeito tinha sido abandonada na casa dela. Bellini parecia confiante de que iriam encontrar e prender o homem muito em breve.

Tom Vanadium, em contrapartida, tinha certeza de que Caim, tendo se preparado para a possibilidade de que alguma coisa saísse errada durante seu ataque a Celestina, não seria fácil de localizar ou prender. Sob o ponto de vista de Vanadium, o maníaco ou tinha um

esconderijo em algum lugar da cidade ou já estava fora da jurisdição da polícia de San Francisco.

— Bem, talvez tenha razão, mas você teve a vantagem de uma busca ilegal, enquanto eu tenho os braços atados por detalhes como mandados — disse Bellini, num tom um pouco ácido, antes de sair.

Celestina sentiu uma camaradagem antiga entre esses dois, mas também uma tensão talvez relacionada à referência de uma busca ilegal.

Depois que Bellini saiu, Tom questionou Celestina longamente, com uma ênfase no estupro de Fimie. Embora o assunto fosse doloroso, ela sentiu-se grata pelas perguntas. Sem esta distração, apesar de seu poço de esperança, ela poderia permitir que sua imaginação tecesse um terror atrás do outro, até Wally ter morrido uma centena de vezes em sua mente.

— O seu pai nega que o estupro aconteceu, aparentemente devido ao que eu chamaria de uma disposição equivocada em confiar na justiça divina.

— Em parte é isso — concordou Celestina. — Mas originalmente papai queria que Fimie contasse, para que o homem pudesse ser julgado e condenado. Embora ele seja um bom batista, não lhe falta uma sede por vingança.

— Que bom ouvir isso — disse Tom. Seu sorriso fino poderia ter sido irônico, embora não fosse fácil interpretar o significado de qualquer expressão sutil neste rosto desmanchado.

— E depois que Fimie se foi... ele ainda esperava descobrir o nome do estuprador e colocá-lo na prisão. Mas então alguma coisa o fez mudar de ideia. Isso deve ter sido talvez há uns dois anos. De repente, ele queria esquecer o assunto, deixar o julgamento para Deus. Disse que se o estuprador era tão louco quanto Fimie alegara, então Anja e eu poderíamos correr perigo se descobríssemos seu nome e fôssemos à polícia. Não mexa em casa de maribondo, não arrume sarna para se coçar, tudo isso. Não sei o que o fez mudar de ideia.

— Eu sei — disse Tom. — Agora. Graças a você. O que o fez mudar de ideia fui eu... este rosto. Caim fez isto comigo. Passei a maior parte de em coma. Depois que acordei e me recuperei o bastante para ter visitantes, pedi para ver o seu pai. Há cerca de dois anos... como você disse. Através de Max Bellini, eu soube que Fimie tinha morrido ao

dar à luz, não num acidente, e os instintos de Max disseram que tinha sido um estupro. Expliquei ao seu pai por que Caim era o homem. Eu queria todas as informações que ele pudesse ter. Mas acho que... sentado ali, olhando o meu rosto, ele decidiu que Caim é realmente o maior ninho de marimbondo que já existiu, e ele não queria colocar sua filha e sua neta em mais risco do que era necessário.

— E agora isto.

— E agora isto. Mas mesmo se o seu pai tivesse cooperado comigo, nada teria mudado. Como Fimie nunca revelou o nome dele, eu ainda não poderia ter usado isso contra Caim.

Na cama de duas cadeiras ao lado de sua mãe, Anja emitiu gritos de angústia enquanto dormia. Quaisquer que fossem as presenças que a cercavam no sonho, não eram pintinhos.

Murmurando palavras de conforto, Celestina pousou uma mão na cabeça da menina e acariciou sua fronte, seu cabelo, até seu toque adocicar o sonho amargo.

Ainda procurando por algum fato que faltasse, alguma ideia que poderia ajudá-lo a compreender a obsessão do maníaco por Bartholomew, Tom fez mais perguntas até Celestina subitamente compreender e revelar o que talvez fosse a informação que ele buscava; a insistência perversa de Caim em tocar a gravação com o esboço do discurso “Este Dia Marcante” durante o longo estupro de Fimie.

— Fimie disse que o crápula achou que o discurso era engraçado, mas usar a voz de papai como música de fundo também... bem, também o excitou, talvez porque isso a humilhasse mais e talvez porque sabia que isso humilharia o nosso pai. Mas nunca contamos a papai essa parte do estupro. Nem Fimie nem eu achamos que havia motivo para contar a ele.

Durante algum tempo, inclinado para a frente em sua cadeira e fitando o assoalho com uma intensidade e uma expressão que não podia ser inspirada pelos insípidos ladrilhos de vinil, Tom meditou sobre o que ela tinha lhe dito. Então: — A conexão é essa, mas ainda não está inteiramente clara para mim.

Então ele obteve um prazer perverso em violentar Fimie com o sermão do seu pai como música de fundo... e talvez sem perceber a mensagem do reverendo tenha penetrado fundo na sua cabeça. Eu não

imaginaria que esse covarde, esse assassino da própria esposa, seria capaz de sentir culpa...

a não ser que, talvez, seu pai tenha realizado uma espécie de milagre e plantado a semente dessa culpa.

— Mamãe sempre disse que os porcos voariam se papai os convencesse de que eles têm asas.

— Mas em “Este Dia Marcante” o apóstolo é apenas o discípulo, a figura histórica, e também é uma metáfora para as consequências imprevisíveis de nossas ações, incluindo as mais banais.

— E daí? — Ele não é uma pessoa contemporânea real, nem ninguém de quem Caim precise ter medo. Então como ele desenvolveu esta obsessão em encontrar alguém chamado Bartholomew? — Fitou os olhos de Celestina, como se ela pudesse ter respostas para ele. — Existe um Bartholomew de verdade? E como isto se encaixa neste ataque a você? Ou será que simplesmente não se encaixa? — Acho que se tentássemos entender a lógica distorcida de Caim acabaríamos tão loucos quanto ele.

Vanadium meneou a cabeça.

— Acho que ele é maligno, e não maluco. E estúpido, da forma como o mal frequentemente é. Arrogante e fútil demais para compreender sua estupidez. É por causa disso que sempre está preso em armadilhas criadas por ele mesmo. Mas, ainda assim, perigoso por ser estúpido. Na verdade, muito mais perigoso que um homem sábio com um senso para as consequências.

A voz de Tom Vanadium, desprovida de inflexão, mas curiosamente hipnótica, seu jeito pensativo, seus olhos cinzentos, tão bonitos naquele rosto fraturado, seu ar de melancolia controlada, e sua inteligência evidente, concediam-lhe uma presença que era sólida como uma grande massa de granito e ao mesmo tempo sobrenatural.

— Todos os policiais são filosóficos como você? — perguntou Celestina. — Ele sorriu.

— Bom, falando por aqueles de nós que foram padres primeiro, sim, nós gostamos de questionar as coisas da vida. Quanto aos outros... bem, nem todos são filosóficos, mas provavelmente são mais do que você imagina.

Passos no corredor atraíram a atenção deles para a porta aberta, onde um cirurgião apareceu num jaleco verde folgado.

Celestina se levantou, o coração subitamente martelando no peito, como passos apressados fugindo do portador das más notícias, mas ela própria não correu, conseguiu apenas ficar de pé, enraizada em sua esperança — e escutar em sua mente seis versões de um prognóstico funesto nos dois segundos antes do médico falar.

— Ele resistiu bem à cirurgia. Vai ficar no pós-operatório durante algum tempo e depois será trazido para a UTI. Sua condição é crítica, mas existem vários níveis de condições críticas, e acredito que vamos conseguir promovê-lo para uma condição séria antes do final do dia. Ele vai sobreviver.

Este dia marcante. Em cada final, novos começos. Mas, graças a Deus, nenhum final aqui.

Liberta por um instante da necessidade de ser forte por sua Anja adormecida ou por Wally, Celestina virou-se para Tom Vanadium, viu nos seus olhos cinzentos a tristeza do mundo e uma esperança equivalente à sua, viu no rosto arruinado a promessa de triunfo sobre o mal e, debruçando-se para apoiar-se nele, finalmente chorou.

Capítulo 72

EM SEU FURGÃO FORD, abarrotado com bordados, Sklent e Zedd, Caim Júnior — Pinchbeck para o mundo — saiu da Área da Baía por uma porta dos fundos. Pegou a rodovia estadual 24 para Walnut Creek, ou “corredeira das nozes”, onde poderia ou não haver nozes, mas decerto havia uma montanha e um parque estadual batizado em homenagem ao diabo: Monte Diablo. A rodovia estadual 4 para Antioch levou-o a uma travessia do delta do rio a oeste de Bethel Island. Bethel, como sabiam aqueles que tinham feito bons cursos de aperfeiçoamento vocabular, significava “lugar sagrado” Do diabo para o sagrado e então para além, Júnior dirigiu rumo norte pela rodovia estadual 160, que era orgulhosamente marcada como rota cênica, embora nestas horas antes do amanhecer tudo estivesse escuro e sinistro. Seguindo o curso

serpenteante do rio Sacramento, a rodovia 160 amarrava uma série de cidades pequenas e separadas esparsamente.

Entre Isleton e Locke, Júnior começou a perceber vários pontos de dor em seu rosto. Não conseguia sentir nenhum inchaço, corte ou arranhão, e o espelho retrovisor revelava apenas as feições elegantes que tinham feito os corações de muitas mulheres correrem mais do que todas as anfetaminas já fabricadas.

O corpo também doía, especialmente as costas, por causa de todas as pancadas que levava. Lembrou-se de ter batido com o queixo no chão ao cair, e supunha que fora acertado no rosto mais do que tinha percebido ou sentido. Nesse caso, logo estaria com o rosto coberto por contusões, mas com o tempo elas desapareceriam; nesse ínterim, elas poderiam torná-lo ainda mais atraente para as mulheres, que iriam querer consolá-lo e mitigar sua dor com beijos — especialmente depois que soubessem que ele tinha sofrido seus ferimentos numa luta brutal, enquanto salvava uma vizinha de um estuprador.

Não obstante, quando os pontos de dor em sua frente e face pioraram gradualmente, ele parou num posto de gasolina perto de Courtland, comprou uma garrafa de Pepsi numa máquina de venda automática e engoliu mais uma cápsula de anti-histamínicos. Também tomou outro antiemético, quatro aspirinas e — embora não sentisse nenhum tremor nas entranhas — mais uma dose de elixir paregórico.

Assim protegido, finalmente chegou à cidade de Sacramento, uma hora antes do amanhecer. Sacramento autodenomina-se Capital Mundial das Camélias, e promove um festival de dez dias dessa flor no começo de março — já anunciado em outdoors agora, em meados de janeiro. A camélia, arbusto e flor, ganhou esse nome em honra a G. J. Camellus, um missionário jesuíta que a trouxe da Ásia para a Europa no século XVIII.

Montanhas do diabo, ilhas sagradas, rios e cidades sacramentados, jesuítas: essas referências espirituais a cada curva incomodaram Júnior.

Esta era uma noite assombrada, não havia dúvida quanto a isso. Não ficaria surpreso se olhasse o espelho retrovisor e visse o Studebaker Lark Regal azul de Thomas Vanadium seguindo-o de perto, não o carro verdadeiro a florado do Lago da Pedreira, mas uma versão

espectral, com o espírito de macaco sujo e desprezível do policial ao volante, uma Naomi ectoplásmica ao seu lado, Victoria Bressler, Ichabod, Bartholomew Prosser e Neddy Gnathic no banco de trás: o Studebaker cheio de espíritos, como um carro entupido com palhaços rodando pelo picadeiro de um circo, embora nada engraçado pudesse acontecer quando as portas do veículo se abrissem e esses fantasmas vingativos saltassem.

Depois que tinha chegado ao aeroporto, localizado uma companhia de voos particulares, descoberto quem era o proprietário através de um segurança noturno e arranjado um vôo imediato para Eugene, Oregon, a bordo de um Cessna de motores gêmeos, os pontos de dor no rosto de Júnior começaram a latejar.

O proprietário, também o piloto nesta viagem, ficou satisfeito em ser pago em dinheiro e antecipadamente, em notas novas de cem dólares, e não em cheque ou cartão de crédito. Contudo, aceitou o pagamento com certa hesitação, e com uma careta, como se estivesse com medo de contrair uma doença através do dinheiro.

— O que há de errado com o seu rosto? — perguntou.

Ao longo da linha do cabelo de Júnior, sobre sua face, no queixo, e em seu lábio superior, uma fileira dupla de pontinhos duros tinha aparecido, vermelhos e quentes ao toque. Tendo anteriormente sofrido de um caso particularmente violento de urticária, Júnior compreendeu que era alguma coisa nova... e pior.

— Reação alérgica — respondeu ao piloto.

Alguns minutos depois do amanhecer, num tempo excelente, eles decolaram de Sacramento, rumo a Eugene. Júnior teria apreciado a paisagem se o seu rosto não parecesse apertado por uma série de pinças quentes nas mãos dos mesmos duendes malvados que povoavam os contos de fadas narrados por sua mãe quando ele era pequeno.

Logo depois das nove e meia da manhã eles aterrissaram em Eugene, e o motorista de táxi que levou Júnior até o maior shopping-center da cidade passou mais tempo fitando seu passageiro aflito no espelho retrovisor do que olhando a rua. Júnior saltou do táxi e pagou o taxista através da janela aberta. O motorista nem esperou seu passageiro de rosto inflamado dar-lhe completamente as costas antes de se benzer.

A agonia de Júnior poderia fazê-lo uivar como um cão gangrenoso ou até cair de joelhos, se ele não estivesse usando a dor para alimentar a sua raiva. Sua face calosa estava tão sensível que a brisa suave açoitou-lhe a pele tão cruelmente quanto se o tivesse feito com arame farpado.

Fortalecido por uma ira ainda mais bonita do que suas feições estavam monstruosas, Júnior atravessou o estacionamento, olhando através das janelas dos carros na esperança de ver alguma chave esquecida na ignição.

Em vez disso, encontrou uma mulher idosa saltando de um Pontiac vermelho com uma cauda de raposa amarrada à antena do rádio. Uma olhada rápida à sua volta confirmou que não estavam sendo observados; com a coronha de sua pistola de 9mm, Júnior golpeou a cabeça da velha.

Estava com vontade de atirar nela, mas esta arma não estava munida de silenciador. Ele deixara aquela pistola no quarto de Celestina. Esta era a pistola confiscada da coleção de Frieda Bliss, e era tão cheia de som quanto Frieda fora cheia de vômito.

A velha tombou com um som farfalhante de papel, como se fosse uma complicadíssima dobradura de origami. Ficaria inconsciente durante algum tempo e, depois que acordasse, provavelmente não lembraria nem quem era, quanto menos que marca de carro estivera dirigindo, até Júnior estar bem longe de Eugene.

As portas de uma picape estacionada ao lado do Pontiac estavam destrancadas. Júnior levantou a vovó e a deixou cair no banco da frente da picape. Era tão leve, desagradavelmente angulosa e farfalhava tanto que poderia ser uma nova espécie de inseto mutante gigante que mimetizava a aparência humana. No fim das contas, estava feliz por não tê-la matado: o espírito farfalhante da vovó poderia ser tão difícil de erradicar quanto uma infestação de baratas. Com um arrepio, jogou a bolsa da velha sobre ela e bateu a porta do caminhão.

Pegou as chaves do carro da mulher na calçada, sentou-se atrás do volante do Pontiac e dirigiu para encontrar uma farmácia, a única parada que pretendia fazer até chegar a Spruce Hills.

Capítulo 73

WALLY NÃO TINHA IDO para casa com a Morte, mas eles com certeza haviam dançado juntos.

Quando entrou no cubículo da UTI, Celestina levou um susto ao ver o rosto de Wally. Apesar das garantias do médico, Wally estava com a pele acinzentada e as faces fundas, como se este fosse o século XVIII e os cirurgiões lhe tivessem aplicado tantas sanguessugas medicinais que sua substância essencial fora sugada.

Estava inconsciente, plugado a um monitor cardíaco, perfurado por uma sonda intravenosa. Introduzido em seu septo nasal, um tubo de oxigênio chiava levemente, e de sua boca aberta saía um som quase inaudível de respiração.

Durante um longo tempo Celestina ficou parada em pé, ao lado da cama, segurando a mão dele, confiante de que em algum nível ele estava ciente de sua presença, embora não desse qualquer indicação de saber que ela estava lá.

Poderia sentar-se na cadeira. Mas sentada não conseguiria ver o rosto dele.

Algum tempo depois a mão de Wally apertou levemente a sua. E depois desse sinal de esperança as pálpebras dele piscaram, e abriram.

No começo pareceu confuso, olhando para o monitor cardíaco e o poste intravenoso que se avultava sobre ele. Quando seus olhos encontraram os de Celestina, sua visão clareou. E o sorriso esboçado pelos lábios de Wally brindou o coração de Celestina com tanta luz quanto o anel que pusera em seu dedo algumas horas antes.

De repente o sorriso apagou, a testa franziu e ele disse, numa voz debilitada: — Anja...? — Está bem. Ele não tocou num fio de cabelo dela.

Uma enfermeira matronal chegou, alertada a respeito do retorno do paciente à consciência pelo dispositivo de telemetria associado ao monitor cardíaco. Examinou Wally e tomou sua temperatura. Com uma colher, conduziu duas lascas de gelo à sua boca

ressequida. Ao sair, dirigiu um olhar significativo a Celestina e mostrou seu relógio de pulso.

Novamente a sós com Wally, Celestina disse: — Eles me disseram que depois que você recuperasse a consciência eu só poderia visitá-lo dez minutos por vez, e não com muita frequência.

Fazendo que sim com a cabeça, Wally disse: — Cansado.

— Os médicos me disseram que você vai se recuperar completamente.

Sorrindo de novo, falando numa voz um pouco mais alta que um sussurro, ele disse: — Tenho uma data de casamento para cumprir.

Ela se inclinou sobre ele, beijou-o na bochecha, no olho direito, no esquerdo, na testa, nos lábios rachados.

— Eu te amo muito. Quis morrer quando achei que você não estava mais comigo.

— Nunca diga “morrer” — admoestou. Enxugando os olhos num lenço de papel, ela disse: — Certo. Nunca.

— Era o... pai de Anja? Ela ficou surpresa com a intuição dele. Três anos antes, quando se mudara para Pacific Heights, Celestina compartilhara com Wally o seu medo de que a besta algum dia encontrasse a ela e Anja, mas não falava sobre essa possibilidade há pelo menos dois anos e meio.

Ela balançou a cabeça, negativamente.

— Não. Não era o pai de Anja. Você é o pai dela. Ele era apenas o filho da puta que estuprou a Fimie.

— Pegaram ele? — Eu quase peguei. Com a arma do próprio cretino. — Wally arqueou as sobrancelhas. — E acertei ele com uma cadeira — acrescentou Celestina. — Isso deve ter doído um pouco.

— Uau.

— Não sabia que ia casar com uma amazona, sabia? — disse ela.

— Ora, é claro que eu sabia.

— Ele fugiu no instante em que a polícia chegou. E eles acham que ele é psicótico, doido o bastante para tentar de novo se não o encontrarem logo.

— Também acho — disse Wally, preocupado.

— Não querem que eu volte para o apartamento.

— Faça o que eles mandarem.
— E estão até preocupados por eu passar tanto tempo aqui no St. Mary, porque ele espera que eu esteja aqui com você.
— Ficarei bem. Tenho um monte de amigos aqui.
— Você vai sair da UTI amanhã, tenho certeza. Você vai ter um telefone no quarto. Eu ligo. E virei assim que puder.
Encontrou energia para apertar a mão de Celestina mais forte que antes.
— Fique segura. Mantenha Anja segura. — Ela o beijou novamente.
— Duas semanas — lembrou a ele. Ele abriu um sorriso melancólico.
— Até lá devo estar preparado para um casamento, mas não para uma lua-de-mel.
— Temos o resto das nossas vidas para a lua-de-mel.

Capítulo 74

QUANDO ALCANÇOU A PARÓQUIA, no fim da tarde de sexta-feira, 12 de janeiro, Paul Damascus chegou a pé, como ultimamente chegava a todos os lugares.

Um vento frio emitia um gemido assombroso enquanto coleava no interior do sino de bronze na torre da igreja, derrubava folhas dos pinheiros e resistia ao avanço de Paul com o que parecia um intento malicioso.

Quilômetros atrás, entre as cidades de Brookings e Pistol River, Paul decidira jamais caminhar novamente até tão longe ao norte nesta época do ano, ainda que os verbetes sobre a região nos guias turísticos alegassem que no inverno a costa do Oregon gozava de um clima comparativamente ameno.

Embora fosse um desconhecido, chegando sem aviso, e excêntrico segundo a definição de qualquer pessoa, Paul foi recebido por Grace e Harrison White com carinho e amizade. Diante de sua casa, levantando a voz para competir com o vento uivante, Paul resumiu a sua missão, temendo que sua presença trazida pelo vento fizesse o casal

fugir assustado, caso ele não se explicasse logo: — Vim caminhando de Bright Beach, Califórnia, para falar com vocês sobre uma mulher extraordinária cuja vida ecoará através das vidas de inúmeras outras, mesmo depois que ela tiver partido deste mundo. O marido dela morreu na noite em que seu filho nasceu, mas não antes de dar ao menino o nome Bartholomew, porque tinha ficado impressionado com o sermão “Este Dia Marcante”. E agora o menino está cego, e espero que vocês consigam prover algum conforto à mãe dele.

Os White não fugiram assustados, nem mesmo estremeceram diante daquele relato lamentavelmente explosivo. Ao invés disso, convidaram Paul a entrar em sua casa, mais tarde convidaram-no a jantar, e mais tarde ainda pediram que passasse a noite em seu quarto de hóspedes.

Eram as pessoas mais gentis que Paul já tinha encontrado, mas também pareciam genuinamente interessadas em sua história. Não ficou surpreso ao ver que a história de Agnes Lampion deixou-os encantados; afinal, o significado de sua vida era muito claro. Mas ficou surpreso ao ver que também pareciam interessados na sua história. Talvez estivessem apenas sendo gentis, mas foi com aparente fascínio que o fizeram desfiar detalhes sobre suas caminhadas longas, sobre os lugares onde tinha ido e seus motivos para ir até esses lugares, e sobre sua vida com Perri.

Desde o dia em que caminhara da farmácia até sua casa para deparar-se com Joshua Nunn e o paramédico em silêncio solene ao lado da cama de Perri, Paul não dormiu tão profundamente quanto na noite de sexta-feira.

Não sonhou que caminhava por um deserto, nem por salinas ou planícies nevadas, e quando acordou pela manhã sentia-se descansado em corpo, mente e alma.

Harrison e Grace tinham-no recebido apesar de terem perdido um amigo e pároco na quinta-feira, deixando ambos enlutados e com obrigações para com a comunidade.

— A sua chegada foi uma bênção de Deus — assegurou Grace a Paul durante o jejum de sábado. — Com todas as suas histórias, você levantou nossos corações quando mais precisávamos.

O funeral foi às duas da tarde, depois que a família e os amigos do falecido se reuniram na paróquia para um encontro social, para partir o pão juntos e compartilhar as lembranças do ente querido a quem tinham perdido.

Na manhã de sábado, Paul se fez útil ao ajudar Grace a preparar a comida e a colocar os pratos, talheres e copos na mesa de jantar.

Paul estava na cozinha às 11:20, deitando glacê sobre um grande bolo de chocolate enquanto o pastor terminava o serviço polvilhando coco.

Grace, tendo acabado de lavar todos os pratos que entupiam uma pia, estava de pé, monitorando a aplicação da cobertura e enxugando as mãos, quando o telefone tocou. Ela atendeu, e no instante em que disse “Alô”, a frente da casa explodiu.

Um grande bum. Uma concussão abalou o assoalho, estremeceu as paredes e fez as tábuas do teto rangerem como se milhares de morcegos escondidos tivessem decolado, batendo asas no mesmo instante.

Grace soltou o telefone. Harrison deixou a colher com o pó de coco escorregar de seus dedos.

Através da cacofonia de vidro partindo, madeira estilhaçando, argamassa rachando, Paul escutou o rumor alto de um motor, o toque de uma buzina, e imaginou o que tinha acontecido. Algum bêbado ou motorista imprudente tinha colidido em alta velocidade contra a paróquia.

Tendo chegado a essa mesma conclusão estarrecedora, mas não obstante óbvia, Harrison disse: — Alguém deve ter se machucado.

Ele saiu correndo da cozinha e atravessou a sala de estar, Paul logo atrás dele.

Na parede da frente da sala de estar, onde antes ficava uma janela panorâmica, a paróquia agora estava aberta para o dia ensolarado. Arbustos arrancados do chão e trazidos de fora marcavam a trilha de destruição. No meio da sala, encostado contra um sofá virado e uma pilha de móveis quebrados, um Pontiac vermelho estava afundado para a esquerda sobre amortecedores quebrados e pneus furados. Uma parte do para-brisas tinha quebrado e caído para dentro, enquanto colunas de fumaça levantavam-se chiando do capô amassado.

Embora tivessem esperado a causa da explosão, tanto Paul quanto Harrison ficaram imóveis pelo choque de ver toda aquela ruína. Eles tinham esperado ver o carro batido contra a parede da casa, mas jamais tão dentro da sala. A velocidade necessária para penetrar a casa até esta distância desafiou a habilidade de cálculo de Paul e o fez questionar se mesmo imprudência e álcool seriam suficientes para gerar tamanha catástrofe.

A porta do motorista abriu, empurrando para o lado uma mesinha de café danificada. Um homem saiu do Pontiac.

Havia duas coisas notáveis nele, começando por sua face. Ele tinha a cabeça embrulhada em ataduras como Claude Rains em *O homem invisível* ou Humphrey Bogart naquele filme sobre um criminoso fugitivo que fez cirurgia plástica para enganar a polícia e começar uma vida nova com Lauren Bacall. Tufos de cabelos louros saltavam do topo da cabeça, através de brechas nas ataduras. Apenas seus olhos, narinas e lábios estavam descobertos.

A segunda coisa notável era a arma em sua mão.

A visão daquele rosto coberto de ataduras aparentemente pressionou todos os botões de compaixão no reverendo, porque ele saiu do seu choque paralítico e começou a caminhar à frente — antes de perceber a arma.

Para um motorista que acabara de fazer de seu carro um aríete, o homem mumificado estava firme em pé e não parecia nem um pouco hesitante. Ele se virou para Harrison White e disparou dois tiros no seu peito.

Paul não tinha percebido que Grace os havia seguido para a sala de estar até o momento em que ela gritou. Ela começou a passar por ele, correndo na direção de seu marido enquanto Harrison ainda tombava.

Segurando o revólver, estendendo completamente o braço direito ao estilo de um executor, o pistoleiro caminhou até o pastor caído.

Grace White era pequena, e Paul não era. Não fosse isso, ele não teria conseguido impedi-la de correr até o seu marido, talvez nem a tivesse levantado do chão e corrido com ela nos braços para um lugar seguro.

A paróquia era uma casa limpa, respeitável e até encantadora, mas não podia ser chamada de grandiosa. Nenhuma escada alta e ampla permitiria uma entrada triunfal para Scarlett O'Hara. Muito pelo contrário, as escadas eram fechadas, acessíveis através de uma porta num canto da sala de estar.

Paul estava mais perto desse canto quando deteve Grace em sua corrida rumo à morte certa. Antes de compreender completamente o que estava fazendo, descobriu que tinha corrido através da porta aberta e galgado metade dos degraus, com passos tão seguros quanto os de Doe Savage, O Santo, O Sombra, ou qualquer outro herói de pulp fiction cujas aventuras há tanto tempo ele vivia lendo em segunda mão.

Atrás dele dois tiros soaram, e Paul compreendeu que o reverendo não estava mais neste mundo.

Grace também compreendeu isso, porque de repente parou de se debater nos braços dele com angústia.

Ainda assim, quando Paul chegou ao corredor no andar de cima e a soltou delicadamente de seus braços, ela gritou por seu marido.

— Harry! — e tentou correr mais uma vez até a escadaria estreita.

Paul puxou-a para trás. Gentil mas firmemente, ele a puxou através da porta aberta do quarto de hóspedes onde passara a noite.

— Fique aqui e espere.

No pé da cama: um baú de cedro. Um metro e vinte de comprimento, sessenta centímetros de largura, talvez noventa centímetros de altura. Alças de bronze.

A julgar pela expressão de Grace quando Paul levantou o baú do chão, ele calculou que o objeto devia ser pesado. Ele não tinha como saber ao certo, porque estava num estado estranho, tão saturado com adrenalina que seu coração esguichava sangue através de suas artérias com uma velocidade que Zeus não teria igualado com o raio mais veloz em sua aljava. O baú não parecia mais pesado que um travesseiro, o que era impossível, mesmo se estivesse vazio.

Sem compreender claramente que tinha saído do quarto de hóspedes, Paul baixou os olhos para a escada fechada.

O homem mumificado subia correndo das ruínas da sala de estar, ataduras adejando em torno dos lábios enquanto suas exalações

fortes pareciam provar que ele não era um faraó morto há milhares de anos, reanimado para punir o arqueólogo imprudente que ignorara todos os avisos e violara sua tumba. Portanto, esta não era uma ficção saída das páginas da *Weird Tales*. Paul jogou o baú pela escadaria. Um tiro. Cedro estilhaçando.

Atingido em cheio, o assassino foi jogado para trás pelo baú, num tilintar de alças de bronze.

Paul novamente no quarto de hóspedes. Jogando um abajur no chão, levantando a mesinha-de-cabeceira.

Então mais uma vez no topo da escadaria.

Lá embaixo, o assassino tinha empurrado o baú de cedro para o lado e se levantara, cambaleante. Através de suas bandagens de faraó mumificado, o assassino fitou Paul e disparou sem fazer mira, como se não tivesse colocado seu coração nisso. Em seguida, desapareceu na sala de estar.

Paul colocou a mesinha-de-cabeceira no chão e esperou, preparado para jogar móveis pela escadaria caso o atirador enfaixado ousasse retornar.

No térreo, dois tiros foram disparados, e um instante depois do segundo uma explosão abalou a paróquia como se o Apocalipse, prometido há tanto tempo, finalmente tivesse chegado. Esta foi uma explosão de verdade, não o impacto de outro Pontiac desgovernado.

Um clarão alaranjado floresceu na sala de estar, uma onda de calor engolfou Paul, e imediatamente atrás do calor veio uma massa de fumaça negra coleante, passando pelo corredor como se fosse uma chaminé.

O quarto de hóspedes. Levar Grace até a janela. Soltar a trava. Não soltou. Torcida ou travada por uma mão de tinta. Vidraças pequenas, molduras sólidas, muito difíceis de serem quebradas.

— Prenda a respiração e corra — urgiu Paul, arrastando-a com ele para o corredor.

Fuligem cegante, fumaça sufocadora. Um calor calcinante informou a Paul que uma chama ardente seguira a fumaça escadaria acima e agora espreitava na escuridão, perigosamente perto deles.

Para a frente da casa, através de um corredor subitamente escuro como um túnel, rumo a uma luz vaga em meio à escuridão

fervente. E ali estava uma janela, no fundo do corredor.

Esta abriu com facilidade. Ar frio e fresco, a luz do dia, muitíssimo bem-vinda.

Do lado de fora, chamas dançavam à esquerda e à direita da abertura. A frente da casa estava em chamas.

Não havia como voltar. Em meio à escuridão fumarenta, eles ficariam desorientados numa questão de segundos, cairiam e morreriam sufocados antes de terem seus corpos queimados. Além disso, a janela aberta, provendo uma corrente de vento, atrairia o fogo rapidamente pelo corredor atrás deles.

— Rápido, muito rápido — alertou Paul, ajudando Grace a passar através da janela emoldurada em chamas para o teto da varanda.

Tossindo, cuspiendo saliva mais amarga que produtos químicos tóxicos, Paul seguiu-a, batendo freneticamente nas suas roupas quando o fogo chamuscou sua camisa. Como uma planta trepadeira avermelhada pelo outono, videiras de fogo escalavam a casa. A varanda debaixo deles também estava em chamas.

Telhas de madeira ardiam sob seus pés e línguas de fogo despontavam nas bordas do teto em cima do qual estavam.

Grace caminhou até a beira.

Paul gritou, mandando que parasse.

Embora a distância até o chão fosse de apenas três metros, ela estaria se arriscando demais se corresse às cegas e saltasse sobre a franja de fogo na beira do telhado. Um pouso no gramado terminaria bem. Mas se caísse no caminho de concreto, poderia quebrar uma perna ou as costas, dependendo do ângulo do impacto.

Ela estava novamente nos braços de Paul, como se por mágica, e ele correu enquanto o fogo se espalhava pelas telhas e o teto tremia debaixo deles. No ar através da fumaça densa. Através de chamas que acariciaram brevemente as solas de seus sapatos.

Paul tentou virar de costas durante a queda, na esperança de cair debaixo de Grace, proporcionando-lhe um amortecimento para o caso de tombarem não na grama, mas no concreto.

A julgar pelas aparências, Paul não conseguiu se virar o suficiente; ele pousou em pé sobre o gramado ralo do inverno. O

choque fez seu corpo ceder, e ele caiu de joelhos. Ainda com Grace nos braços, abaixou-a até o chão tão gentilmente quanto sempre abaixara a frágil Perri na cama — como se tivesse planejado proceder desta forma.

Levantou-se com a rapidez de um boneco de molas, ou talvez tenha se erguido cambaleante, dependendo de se a imagem que fazia de si mesmo agora era de um super-herói ou real, e correu os olhos à sua volta, procurando pelo homem das ataduras. Alguns vizinhos atravessaram o gramado até Grace e outros aproximaram-se ao longo da rua. Mas o assassino tinha sumido.

As sirenes uivaram tão alto que ele sentiu uma vibração em suas obturações dentárias, e com um grito agudo de freios um caminhão vermelho dobrou a esquina, imediatamente acompanhado por um segundo.

Tarde demais. A paróquia estava completamente tomada pelo fogo. Com sorte, eles salvariam a igreja.

Apenas agora, ao passo que a maré de adrenalina começava a baixar, Paul perguntou-se quem desejaria matar um homem de paz e de Deus, um homem tão bom quanto Harrison White.

Este dia marcante, pensou Paul, e estremeceu com terror súbito diante da inevitabilidade de novos começos.

Capítulo 75

A VERBA GENEROSA para gastos, provida por Simon Magusson, pagou por uma suíte com três quartos num hotel confortável. Um quarto para Tom Vanadium, um para Celestina e Anja.

Tendo reservado a suíte para três noites, Tom esperava passar bem menos horas acordado a altas horas nesta cama do que sentado em vigília na sala de estar compartilhada.

Às sete e meia da manhã de sábado, tendo acabado de se instalar no hotel depois de chegar do St. Mary, eles estavam esperando que a polícia de San Francisco entregasse malas de roupas e artigos de higiene que Rena Moller, vizinha de Celestina, empacotara segundo suas instruções.

Enquanto esperavam, os três almoçaram cedo — ou tomaram café da manhã tarde — numa mesa de serviço de quarto na sala de estar.

Durante os próximos dias, eles fariam todas as suas refeições na suite.

Era bem provável que Caim tivesse saído de San Francisco. E mesmo se o assassino não tinha voado daqui, esta era uma grande cidade, onde um encontro casual com ele era improvável. Mas tendo assumido o papel de guardião, Tom Vanadium tinha tolerância zero para riscos, porque o inimitável sr. Caim já se provara um mestre do improvável.

Tom não atribuía poderes sobrenaturais a este assassino. Enoch Caim era mortal, não era onisciente nem onipotente. Entretanto, o mal e a estupidez frequentemente andavam de mãos dadas, e a arrogância é o fruto de seu casamento, conforme Tom já dissera a Celestina. Um homem arrogante, nem a metade tão esperto quanto pensa, sem nenhum senso de certo e errado, sem nenhuma capacidade para o remorso, às vezes pode ser tão imprudente que, ironicamente, a imprudência se torna a sua maior força.

Como é capaz de qualquer coisa, de assumir riscos que não seriam considerados por pessoas comuns, seus adversários jamais

podem prever seus atos, e a surpresa lhe serve bem. Se também possui argúcia animal, uma espécie de inteligência intuitiva profunda, pode reagir mais rápido às consequências negativas de sua imprudência — e realmente pode parecer mais que humano.

A prudência exigia que eles montassem suas estratégias como se Enoch Caim fosse o próprio Satã, como se cada mosca, besouro e rato fossem os olhos e os ouvidos do assassino, como se precauções ordinárias não fossem suficientes para ele.

Além de pensar em estratégias, Tom passou muito tempo meditando sobre culpa: a sua, não a de Caim. Ao se apoderar do nome que ouvira Caim dizer num sonho, ao usá-lo nesta guerra psicológica, fora ele o arquiteto da obsessão do assassino com Bartholomew, ou se não o arquiteto, então ao menos um desenhista assistente? Se essa direção não lhe tivesse sido apontada, Caim teria seguido uma trilha diferente que o teria conduzido para longe de Celestina e Anja? O assassino da esposa era mau; e sua malignidade seria expressada de uma forma ou de outra, a despeito das forças que afetassem suas ações. Se ele não tivesse matado Naomi na torre, a teria matado em outro lugar, quando outra oportunidade de enriquecimento tivesse se apresentado. Se Victória não se tivesse tornado uma vítima, alguma outra mulher teria morrido em seu lugar. Se não tivesse ficado obcecado com a estranha convicção de que alguém chamado Bartholomew seria o causador de sua morte, Caim teria enchido o seu coração vazio com uma obsessão igualmente estranha que poderia tê-lo conduzido, mesmo assim, a Celestina. E se Celestina não fosse a vítima, certamente outra pessoa seria.

Tom agira segundo a melhor das intenções — mas também com inteligência e com o bom julgamento que Deus tinha lhe dado e que ele passara a vida inteira afiando. As boas intenções podiam ser os tijolos que calçavam a estrada para o Inferno. Contudo, as boas intenções, formadas a partir de muitos dilemas e meditações, e guiadas pela sabedoria adquirida com a experiência — como eram as de Tom —, são tudo que pode ser esperado de nós. Ele sabia que as consequências indesejadas que poderíamos ter previsto são a matéria da danação, mas aquelas que não poderíamos ter previsto fazem parte de algum

propósito pelo qual não podemos ser responsabilizados, ou pelo menos era o que ele esperava.

Ainda assim, ele meditou até mesmo durante o desjejum, a despeito do consolo provido por morangos com creme, cereais e manteiga de canela.

Em mundos melhores, os Tom Vanadiuns mais sábios tinham escolhido táticas diferentes que resultaram em menos dor, numa condução mais ágil de Enoch Caim aos braços da justiça. Mas ele não era nenhum desses Tom Vanadiuns. Era apenas este Tom, cheio de falhas e defeitos, e não podia confortar-se com o fato de que em algum lugar provara ser um homem melhor.

Empoleirada numa cadeira com dois travesseiros gordinhos para elevá-la, Anja extraiu uma tira de bacon de seu sanduíche e perguntou a Tom: — De onde vem o bacon? — Você sabe de onde ele vem — disse a mãe com um bocejo que traía sua exaustão depois de uma noite sem sono e com muito drama.

— Sim, mas eu quero saber se ele sabe — explicou a menina.

Revigorada depois de um sono auxiliado por sedativos, que não terminara até eles estarem no táxi entre o hospital e o hotel, Anja provara-se resiliente como apenas as crianças podiam ser enquanto ainda retivessem a sua inocência. Ela não entendia o quão seriamente Wally estava ferido, é claro, mas se o ataque de Caim a havia aterrorizado enquanto ela assistira debaixo da cama da mãe, não parecia em risco de ficar traumatizada permanentemente.

— Você sabe de onde vem o bacon? — perguntou novamente a Tom.

— Do supermercado — foi a resposta de Tom.

— E onde o supermercado consegue ele? — Com os fazendeiros.

— E onde os fazendeiros conseguem? — Eles colhem nos pés de bacon. A garota soltou uma risadinha.

— É o que você acha? — Eu já vi os pés de bacon — assegurou Tom. — Minha querida, nunca vi uma árvore com um cheiro tão bom.

— Bobeira! — julgou Anja.

— Bem, e de onde você acha que o bacon vem? — Porcos! — Mesmo? Acha mesmo isso? — perguntou na sua voz monótona, que às

vezes queria que fosse mais musical, mas que ele sabia prestar um tom de convicção sóbria a tudo que dizia. — Acha que uma coisa tão deliciosa podia vir de um porco gordo, fedorento e sujo? Franzindo a testa, Anja estudou a tira de carne saborosa presa entre seus dedos, reavaliando tudo que sabia sobre a fonte do bacon.

— Quem lhe contou sobre os porcos? — perguntou.

— A mamãe.

— Ah, então tudo bem. Mamãe não mente nunca.

— Não, ela não mente. — E olhando desconfiada para Celestina: — Mas às vezes ela mexe comigo.

Celestina sorriu, distraída. Desde que chegara ao hotel, uma hora atrás, ela estava hesitando entre ligar para os seus pais em Spruce Hills ou esperar até o final da tarde, quando poderia informar não apenas que tinha um noivo, e que esse noivo tinha sido alvejado e quase morto, mas também que sua condição melhorara de crítica para séria. Conforme ela explicara a Tom, além de preocupá-los com as notícias sobre Caim, ela iria atordoá-los com a declaração de que iria se casar com um homem branco com o dobro da sua idade.

— Meus pais não têm uma gota de preconceito nos corpos, mas possuem ideias muito firmes sobre o que é e o que não é apropriado.

E isto iria soar o grande sino no topo da Escala do Inapropriado da Família White. Além disso, eles estavam se preparando para o funeral de um membro da comunidade, e Celestina sabia, por experiência própria, que o dia deles ia ser cheio. Não obstante, às onze e dez, depois de beliscar seu café da manhã, ela finalmente decidiu ligar para eles.

Enquanto Celestina se acomodava no sofá com o telefone no colo, hesitando ligar até reunir um pouco mais de coragem, Anja perguntou a Tom: — E então, o que aconteceu com a sua cara? — Anja! — admoestou sua mãe do outro lado da sala. — Isto é falta de educação.

— Eu sei, mas como vou saber se não perguntar? — Você não precisa saber nada.

— Preciso, sim — objetou Anja.

— Fui atropelado por um rinoceronte — revelou Tom. Anja piscou, aturdida.

- Aquele bicho grande e feio? — Ele mesmo.
- Com olhos maus e um chifre enorme no nariz.
- Exatamente.

Anja fez uma careta.

- Não gosto de rinocerontes.
- Eu também não.

— Por que ele atropelou você? — Porque eu estava no caminho dele.

— Por que estava no caminho dele? — Porque atravessei a rua sem olhar.

— Não me deixam atravessar a rua sozinha.

— Agora você vê por quê? — perguntou Tom.

— Você está triste? — Por que deveria estar? — Porque a sua cara parece toda amassada.

— Ai, meu Deus! — disse Celestina, envergonhada.

— Está tudo bem — assegurou-lhe Tom. Para Anja, ele disse: — Não, não estou triste. E sabe por quê? — Porquê? — Vê isto? Ele colocou o pimenteiro na frente da menina, sobre a mesa de serviço de quarto, e manteve o saleiro escondido na mão.

— Pimenteiro.

— Mas vamos fingir que sou eu, tá? Então aqui estou, saindo da calçada sem olhar para os dois lados...

Ele moveu o pimenteiro através do pano de mesa, balançando-o para um lado e para o outro para transmitir que era o caminhante mais descuidado do mundo.

— ... e bam! O rinoceronte me atropela e nem pensa em parar e me pedir desculpas...

Ele fez o pimenteiro cair de lado e então, com um gemido, colocou-o em pé novamente.

— ... e quando saio da rua, minhas roupas estão rasgadas, e estou com este rosto.

— Você devia processar.

— Sim, eu devia. Mas o problema é que... — Com a agilidade de um mágico, ele permitiu ao saleiro sair de seu esconderijo em sua palma, ficar ao lado do pimenteiro. — Este também sou eu.

— Não, este é você — disse Anja, cutucando o pimenteiro.

— Bem, entenda, esta é a coisa engraçada em todas as escolhas importantes que fazemos. Se fazemos uma escolha muito errada, se tomamos uma atitude terrível, ganhamos outra chance de continuar no caminho certo. Assim, no exato momento em que saí estupidamente da calçada sem olhar, criei um outro mundo, onde olhei para os dois lados e vi o rinoceronte vindo. E também...

Segurando o saleiro numa mão e o pimenteiro na outra, Tom os fez caminhar para a frente, fazendo com que se separassem levemente no começo, e em seguida movendo-os em paralelo exato um com o outro.

— ... embora este Tom agora tenha um rosto beijado por rinoceronte, este outro Tom, em seu próprio mundo, tem um rosto comum. Pobrezinho dele, tão comum! Inclinando-se para estudar de perto o saleiro, Anja perguntou: — Onde fica o mundo dele? — Exatamente aqui com o nosso. Mas não podemos vê-lo. Ela olhou à sua volta.

— Ele é invisível, como o gato de Alice no país das maravilhas? — O mundo dele é tão real quanto o nosso, mas não podemos vê-lo, e as pessoas no mundo dele não podem nos ver. Existem milhões e milhões de mundos, todos aqui no mesmo lugar e invisíveis uns aos outros, onde continuamos tendo uma chance depois da outra de levar uma boa vida e fazer a coisa certa. Pessoas como Enoch Caim, é claro, jamais escolhem entre a coisa certa e a errada, mas entre duas maldades. Elas criam para si mesmas mundos e mais mundos de desespero. Para as outras pessoas, criam mundos de dor.

— Então, entende por que não estou triste? — disse ele.

Anja desviou sua atenção do saleiro para o rosto de Tom, estudando suas cicatrizes por um momento, e disse: — Não.

— Não estou triste porque, embora tenha este rosto aqui neste mundo, sei que existe outro de mim, na verdade, muitos outros Toms, que não têm este rosto. Em algum lugar estou muito bem, obrigado.

Depois de pensar um pouco nisso, a menina disse: — Eu estaria triste. Você gosta de cachorros? — Quem não gosta? — Eu quero um cachorrinho. Você já teve um? — Quando eu era menino.

No sofá, Celestina finalmente reuniu a coragem para discar o número de seus pais em Spruce Hills.

— Acha que os cachorros sabem falar? — perguntou Anja.
— Sabe que nunca pensei nisso? — disse Tom.
— Eu vi um cavalo falante na TV.
— Bem, se um cavalo pode falar, por que não um cachorro? — É o que acho.

Quando a conexão foi estabelecida, Celestina disse: — Oi, mãe, sou eu.

— E quanto a gatos? — perguntou Anja.
— Mamãe? — disse Celestina.
— Se os cachorros podem, por que os gatos não? — Mamãe, o que está acontecendo? — perguntou Celestina, a voz subitamente cheia de preocupação.

— É o que acho — disse Anja.

Tom empurrou sua cadeira para longe da mesa, levantou-se, caminhou até Celestina.

Levantando-se do sofá, Celestina virou-se para Tom, seu rosto desabando numa expressão chocada.

— Mamãe, você está aí? — Eu quero um cachorro falante — disse Anja. Quando Tom alcançou Celestina, ela disse: — Tiros. Tiros de revólver.

Ela segurou o fone numa mão e puxou o cabelo com a outra, como se com a administração de um pouco de dor pudesse acordar deste pesadelo.

— Ele está no Oregon — disse Celestina.

O inimitável Sr. Caim. O mágico das surpresas. O mestre do improvável.

Capítulo 76

— BOLHAS.

Caim Júnior tinha fugido de Spruce Hills num Dodge Charger 440 Magnum preto roubado, na trajetória mais reta para Eugene permitida pelas estradas sinuosas do sul do Oregon, permanecendo fora da Interstate, onde o policiamento era mais agressivo.

— Carbúnculos, para ser mais preciso.

Durante o percurso, ele alternara surtos de risadas deliciosas e choros causados pela dor e pela autocomiseração. O batista feiticeiro estava morto, a maldição rompida com a morte daquele que a lançara. Ainda assim, Júnior precisava suportar esta última praga devastadora.

— Uma bolha é um folículo de cabelo ou poro inflamado e cheio de pus.

— Numa rua a quase um quilômetro do aeroporto em Eugene, sentou-se no Dodge estacionado por tempo bastante para desenrolar gentilmente as bandagens e usar um lenço para enxugar a salva pungente mas inútil que comprara numa farmácia. Embora tenha pressionado o lenço de papel no rosto tão levemente que a pressão não romperia a tensão de superfície numa poça d'água, a agonia do toque foi tão grande que quase desmaiou. O espelho retrovisor revelou fileiras de caroços feios, grandes e vermelhos, com pontas amarelas reluzentes, e ao ver a si mesmo Júnior realmente desmaiou por um ou dois minutos, apenas o tempo exato para sonhar que era uma criatura grotesca mas incompreendida perseguida durante uma noite tempestuosa por uma multidão de aldeões zangados com tochas e ancinhos, mas então foi revivido pela dor latejante.

— Carbúnculos são fileiras de bolhas interligadas.

Júnior estava arrependido de ter tirado as ataduras do rosto, mas não tivera escolha. Temendo que as ondas de rádio já estivessem carregando as notícias do homem com rosto coberto por ataduras que matou um pastor em Spruce Hills, Júnior abandonara o Dodge e caminhava de volta até o terminal de serviço particular, onde o piloto de Sacramento esperava. Ao ver seu passageiro, o piloto deu um pulo para trás e disse Reação alérgica a O QUÊ?

E Júnior respondeu, camélias, porque Sacramento era a Capital Mundial das Camélias, e tudo que ele queria era voltar para lá, onde deixara seu furgão Ford novo com seus Sklents, sua coleção de Zedd e tudo que ele precisava para viver no futuro. O piloto ocultou sua repulsa intensa e Júnior compreendeu que teria sido abandonado se não tivesse pago a tarifa de vôo adiantada.

— Em geral, eu recomendaria que você aplicasse compressas quentes a cada duas horas para aliviar o desconforto e apressar a supuração, e o mandaria para casa com uma receita para um antibiótico.

Agora, aqui, deitado numa cama da sala de emergência do hospital de Sacramento, numa tarde de sábado a apenas seis semanas do festival das camélias, Júnior sofria sob os cuidados de um médico residente que era jovem a ponto de levantar a desconfiança de que era um ator fazendo-se passar por médico.

— Mas nunca vi um caso como este. Em geral, as bolhas aparecem na nuca. E em áreas úmidas como axilas e virilha. Nunca tanto no rosto. E jamais numa quantidade como esta. Juro por Deus, nunca vi nada parecido.

Claro que nunca viu nada parecido, seu adolescente inútil. Você não tem idade nem pra trepar, seu Dr. Kildare de meia tigela. E mesmo que fosse mais velho que o seu avô, não teria visto nada parecido com isto, porque este é um caso autêntico de bolhas de feitiçaria batista, e eles são raros! — Nem sei o que é mais incomum... o local da erupção, o número de bolhas ou o tamanho delas. Enquanto você está tentando decidir, me passa uma faca para eu cortar a tua jugular, seu acéfalo desistente da faculdade de medicina! — Vou recomendar que fique internado durante a noite para tratarmos disso sob condições hospitalares. Usaremos uma agulha esterilizada em algumas delas, mas num número tão grande elas vão exigir uma faca cirúrgica e provavelmente a remoção da casca dos carbúnculos.

Geralmente isto é feito com uma anestesia local, mas neste caso, embora eu não ache que uma anestesia geral seja necessária, provavelmente iremos sedar você, ou seja, colocá-lo num sono intermediário.

Eu vou botar você num sono intermediário, seu cretino. Onde você arranjou o seu diploma em medicina, seu retardado? Em Botswana? No Reino de Tonga? — Eles o trouxeram direto para cá ou você acertou a questão do plano de saúde na recepção, Sr. Pinchbeck? — Dinheiro vivo — disse Júnior. — Pagarei em dinheiro vivo, qualquer seja a quantia de depósito requerida.

— Então cuidarei de tudo imediatamente — disse o doutor, estendendo a mão até a cortina que cercava a cama da sala de emergência.

— Pelo amor de Deus, você não pode me dar alguma coisa para a dor? — rogou Júnior.

O menino-prodígio virou-se novamente para Júnior e assumiu uma expressão de compaixão tão falsa que se estivesse interpretando um médico na novela diurna mais vagabunda do mundo teria tido sua carteira do sindicato dos atores confiscada, e possivelmente seria chicoteado num especial de televisão ao vivo.

— Como vamos fazer a operação esta tarde, não quero lhe dar nada para a dor antes da anestesia e da sedação. Mas não se preocupe, Sr. Pinchbeck.

Depois que tivermos perfurado essas bolhas, quando você acordar, noventa por cento da dor terá sumido.

Sentindo uma dor miserável, Júnior ficou deitado, esperando para entrar na faca, mais ansioso por ser cortado do que poderia achar possível algumas horas antes. A mera promessa desta cirurgia animava-o mais do que todo o sexo que ele tinha desfrutado entre os seus treze anos e a quinta-feira passada.

O médico púbere retornou com três colegas, se acotovelando por trás da cortina para proclamar que nenhum deles jamais tinha visto nenhum caso remotamente parecido com este. O mais velho — míope e careca — insistiu em fazer a Júnior perguntas íntimas sobre seu estado matrimonial, seus relacionamentos familiares, seus sonhos, sua auto-estima. O sujeito claramente era um psiquiatra clínico especulando abertamente sobre a possibilidade de um componente psicossomático.

O idiota.

Finalmente: o humilhante avental sem fundilhos, as drogas preciosas, até uma enfermeira bonita que pareceu gostar dele, e então o limbo.

Capítulo 77

NOITE DE SEGUNDA, 15 de janeiro: Paul Damascus chegou com Grace White ao hotel em San Francisco. Ele a mantivera sob vigilância em Spruce Hills por mais de dois dias, dormindo no chão do corredor diante de seu quarto em ambas as noites, permanecendo perto dela quando em público. Eles ficaram com amigos dela até o funeral de

Harrison nesta manhã, e então voaram para o sul para uma reunião entre mãe e filha.

Tom Vanadium gostou imediatamente do homem. O instinto de tira lhe disse que Damascus era honesto e confiável. A visão sacerdotal sugeriu qualidades ainda mais impressionantes.

— Estávamos para pedir um jantar ao serviço de quarto — disse Tom, passando o cardápio para Paul.

Grace recusou a comida, mas Tom pediu por ela assim mesmo, selecionando as coisas que a esta altura ele sabia que Celestina gostava, presumindo que o gosto da mãe moldara o da filha.

As duas mulheres enlutadas ficaram juntas num canto da sala de estar, lacrimosas, conversando em voz baixa, perguntando-se mutuamente se havia alguma coisa que cada uma delas pudesse fazer para preencher este vazio profundo e terrível que aparecera subitamente em suas vidas.

Celestina quisera ir ao Oregon para o funeral, mas Tom, Max Bellini, a polícia de Spruce Hills e Wally Lipscomb — com quem, no domingo, ela conversara praticamente uma hora ao telefone — haviam todos aconselhado vigorosamente contra fazer a viagem. Um homem tão louco e imprevisível quanto Enoch Caim, esperando encontrá-la na casa funerária ou no cemitério, podia não se intimidar por uma guarda policial, fosse qual fosse o seu tamanho.

Anja não estava com as mulheres de luto; preferia ficar sentada no chão diante da tevê, mudando de canal entre Gunsmoke e Os Monkees. Nova demais para sentir-se genuinamente envolvida com qualquer um dos programas, ainda assim ela ocasionalmente fazia sons de tiros quando o xerife Dillon entrava na batalha ou inventava suas próprias canções para cantar com os Monkees.

Uma vez ela saiu de frente da tevê e caminhou até Tom, onde ele estava sentado conversando com Paul.

— É como Gunsmoke e Os Monkees estão um ao lado do outro na TV, ambos ao mesmo tempo. Mas os Monkees não podem ver os caubóis e os caubóis não podem ver os Monkees.

Embora para Paul isso tenha parecido simples conversa infantil, Tom compreendeu imediatamente que a garota estava se referindo à sua explicação por não se sentir triste sobre seu rosto danificado: o

saleiro e o pimenteiro representando dois Toms, o atropelado pelo rinoceronte e o não atropelado, os dois mundos diferentes num mesmo lugar.

— Sim, Anja. É mais ou menos isso que eu estava falando. — Ela voltou para a televisão.

— Essa é uma menininha especial — disse Tom, pensativo.

— É uma gracinha — concordou Paul.

Graciosidade não era a qualidade que Tom tinha em mente.

— Como ela está lidando com a morte do avô? — perguntou Paul.

— Bem.

Às vezes Anja parecia atormentada pelo que lhe fora dito sobre seu avô, e nesses momentos ela parecia triste, cabisbaixa. Mas, afinal de contas, ela só tinha três anos, jovem demais para compreender a permanência da morte. Ela provavelmente não ficaria surpresa se Harrison White entrasse pela porta dali a pouco, durante O agente da U.N.C.L.E ou O show da Lucy.

Enquanto aguardavam o garçom do serviço de quarto chegar, Tom pegou com Paul um relatório detalhado sobre o ataque de Enoch Caim à paróquia.

Ele tinha ouvido a maior parte com amigos na divisão de homicídios da polícia estadual, que estava assistindo as autoridades de Spruce Hills. Mas o relato de Paul foi mais vívido. A ferocidade do ataque convenceu Tom de que quaisquer que fossem os motivos distorcidos do assassino, Celestina e sua mãe — sem contar com Anja — corriam perigo enquanto Caim continuasse solto. Talvez enquanto ele vivesse.

O jantar chegou e Tom persuadiu Celestina e Grace a jantarem à mesa para o bem de Anja, mesmo se não estivessem com fome. Depois de tanto caos e confusão, a criança precisava de estabilidade e rotina sempre que fosse possível. Nada conferia mais senso de ordem e normalidade a um dia desordenado e estressante do que a reunião de amigos e familiares em torno de uma mesa de jantar.

Embora, por acordo silencioso, todos tenham evitado falar sobre perda e morte, a atmosfera permaneceu triste. Anja ficou sentada calada, pensativa, empurrando a comida pelo prato mais do que

comendo. Seu comportamento intrigou Tom e ele notou que a mãe, que extraía daquilo uma interpretação diferente da dele, também estava preocupada.

Ele deslizou seu prato para o lado. De um bolso, retirou uma moeda de cents, que sempre servia-lhe tão bem com crianças quanto com assassinos.

O rosto de Anja se iluminou quando viu a moedinha dando cambalhotas sobre os nós dos dedos de Tom.

— Acho que consigo aprender a fazer isso! — exclamou a menina.

— Quando suas mãos estiverem maiores, tenho certeza de que conseguirá aprender — disse Tom. — Vamos combinar o seguinte: um dia ensinarei a você.

Encerrando a moeda com a mão direita, meneando a mão esquerda sobre a direita, ele entoou: — Abracadabra, pé de cabra! E abrindo a mão direita, revelou que a moedinha havia desaparecido.

Anja inclinou a cabeça para o lado e estudou a sua mão esquerda, que ele fechara ao abrir a direita. Ela comentou: — Está ali.

— Sinto muito, mas você está errada.

Ao abrir a mão esquerda, a palma estava tão vazia quanto a de um mendigo cego numa terra de ladrões. Enquanto isso, sua mão direita tinha se fechado novamente num punho.

— Para onde ela foi? — perguntou Grace à neta, fazendo o máximo de esforço que podia para melhorar o clima em benefício da menina.

Olhando a mão cerrada de Tom com suspeita, Anja disse: — Não está ali.

— A princesa está correta — reconheceu Tom, revelando que sua mão ainda estava vazia. Então ele esticou o braço até a menina e tirou a moeda de sua orelha.

— Isso não é mágica! — declarou Anja.

— Com toda certeza pareceu mágica para mim — disse Celestina.

— Para mim também — concordou Paul. — Anja estava reticente: — Neca. Eu posso aprender isso. Como aprendi a me vestir e dizer obrigada.

— Você pode aprender, sim — concordou Tom.

Com o dedão curvado contra o gancho formado por seu dedo indicador, ele lançou a moeda ao ar. Enquanto a moeda saltava da unha e começava a girar no ar, Tom abriu ambas as mãos, dedos estendidos para mostrá-las vazias e distrair. Quando todos olharam para cima de novo, a moeda não estava mais no ar, não estava girando diante de seus olhos estarecidos.

Desaparecera como se tivesse entrado na ranhura de pagamento de uma máquina de venda automática invisível que dispensava mistérios em troca de moedas.

Ao redor da mesa de jantar, os adultos aplaudiram, mas a espectadora mais durona olhou para o teto, na direção de onde ela acreditava que a moeda tinha arqueado, e então para a mesa, onde ela devia ter caído entre os copos de água ou em seu cereal. Finalmente, ela olhou para Tom e disse: — Não é mágica.

Graça, Celestina e Paul riram, impressionados com o comentário crítico de Anja.

Convicta, Anja insistiu: — Não é mágica. Mas talvez eu nunca consiga aprender a fazer esse aí.

— Como se atingidos por eletricidade estática, os pelos finos nas costas das mãos de Tom eriçaram-se e uma corrente de expectativa atravessou o seu corpo.

Desde a infância ele tinha esperado por este momento — se era mesmo O Momento — e quase tinha perdido as esperanças de que o tão desejado encontro jamais acontecesse. Ele tinha esperado encontrar outros com suas percepções entre físicos ou matemáticos, entre monges ou místicos, mas nunca na forma de uma menina de três anos vestida completamente em azul-escuro, exceto por um cinto vermelho e dois aros de cabelo vermelhos.

A boca de Tom estava seca quando ele disse a Anja: — Bem, parece completamente mágico para mim... esse truque de jogar a moeda para o ar.

— Mágica é como as coisas que ninguém sabe como acontecem.

— E você sabe o que aconteceu com a moedinha? — Claro.

Não conseguiu reunir saliva suficiente para impedir que sua voz saísse rascante: — Então você pode aprender a fazer.

Ela meneou a cabeça, e os aros vermelhos balançaram.

— Não. Porque você simplesmente não moveu ela para outro lado.

— Para outro lado? — De uma mão para a outra, ou para algum lugar.

— Então, o que fiz com ela? — Você a jogou para Gunsmoke — disse Anja.

— Para onde? — perguntou Grace.

Coração acelerado, Tom tirou outra moeda de um bolso das calças. Em benefício dos adultos, executou a preparação adequada — os tapinhas e os meneios dos dez dedos — porque na mágica, como na fabricação de joias, cada diamante precisava ser lapidado corretamente para que o seu brilho impressionasse.

Na execução, ele foi igualmente escrupuloso, porque não queria que os adultos vissem o que Anja via; ele preferia que acreditassem que se tratava de um truque manual — ou mágica. Depois dos movimentos usuais, fechou rapidamente a mão direita em torno da moeda, e então, com um movimento rápido do pulso, lançou-a para Anja, simultaneamente distraindo sua plateia com uma profusão de meneios.

Os três adultos exclamaram ao presenciar o desaparecimento da moeda, aplaudiram novamente, e olharam para as mãos de Tom, que tinham fechado à conclusão repentina de todos os floreios.

Anja, entretanto, focou num ponto no ar acima da mesa. Rugas suaves marcaram sua frente por um momento, mas então seu rosto foi iluminado por um sorriso.

— Essa também foi para Gunsmoke? — perguntou Tom numa voz rouca.

— Talvez — disse Anja. — Ou talvez para Os Monkees... ou talvez para onde você não foi atropelado pelo rinoceronte.

Tom abriu as mãos vazias e então encheu uma delas com seu copo d'água. O tilintar dos cubos de gelo dentro do copo contrariaram a calma expressa em seu rosto.

A Paul Damascus, Anja perguntou: — Você sabe de onde vem o bacon? — Dos porcos — disse Paul.

— Nãoooooooooooooo — disse Anja, rindo da ignorância dele.

Celestina olhou com curiosidade para Tom Vanadium. Ela havia testemunhado o efeito do desaparecimento, embora não tivesse realmente visto a moeda desaparecer em pleno ar. Ainda assim, parecia sentir que alguma coisa além de um mero truque manual acabara de transpirar ou que o truque tinha um significado que ela não entendia.

Antes que Celestina o sondasse e talvez tocasse num ponto dolorido, Tom começou a contar a história de Rei Obadias, Faraó do Fantástico, que o ensinara tudo que sabia sobre truques com as mãos.

Mais tarde, depois que eles tinham acabado de comer mas estavam sentados à mesa tomando café, a conversa ficou solene, embora agora o assunto não fosse o falecido Harrison White. Por quanto tempo as duas mulheres e a menina precisavam ser mantidas escondidas, quando e onde seriam capazes de continuar suas vidas da forma mais normal possível para elas: esses eram os assuntos do momento.

Por quanto mais tempo lhe fosse pedido que ficasse escondida, maior seria a chance de que Celestina pusesse as precauções de lado e retornasse a Pacific Heights. Tom já a conhecia bem o bastante para ter certeza de que ela era uma lutadora, não uma fugitiva. Ficar escondida deixava-a frustrada. Dia a dia, hora a hora, sem nenhuma data prevista para retomar uma vida normal, ela perderia rápido a paciência. E então seria compelida por sua dignidade e senso de justiça a agir — talvez mais movida pela emoção que pela razão.

Para ganhar o máximo de tempo possível enquanto o ataque de Enoch Caim ainda estava fresco na mente de Celestina, Tom propôs que permanecessem escondidas por mais duas semanas, a não ser que o assassino fosse pego antes.

— Então, se você for daqui para a casa de Wally, deve instalar o melhor sistema de alarme que conseguir, e levar uma vida restrita durante algum tempo, até mesmo contratar seguranças se tiver condições financeiras para isso. A coisa mais inteligente a fazer seria mudar de San Francisco assim que Wally se recuperar. Ele se aposentou cedo, certo? E um pintor pode pintar em qualquer lugar. Venda as propriedades aqui, comece de novo em algum outro lugar e faça a mudança de uma forma que não consigam segui-la facilmente. Eu posso ajudá-la a fazer isso.

— A situação é tão ruim assim? — perguntou Celestina, embora já soubesse a resposta. — Eu amo San Francisco. A cidade inspira o meu trabalho. Construí uma vida aqui. É realmente tão ruim assim? — É tão ruim assim e ainda pior — disse Grace com firmeza. — Mesmo se eles conseguirem pegá-lo, você vai ter de viver com o medo de que um dia ele escape. Enquanto souber que ele pode encontrá-la, você jamais estará completamente em paz. E se você ama esta cidade a ponto de colocar Anja em perigo... então a quem você esteve ouvindo todos esses anos, menina? Porque não foi a mim.

Já tinha sido tomada a decisão de que Grace se mudaria para a casa de Celestina e então — depois do casamento — com Celestina e Wally. Em Spruce Hills, ela tinha amigos queridos de quem sentiria falta, mas não havia nada mais no Oregon para mantê-la por lá, além do jazigo estreito ao lado do de Harrison, onde ela esperava ser enterrada um dia. O incêndio da paróquia destruíra todos os seus em competições gramaticais no primário, até a última fotografia preciosa. Ela queria apenas estar perto de sua filha remanescente e sua neta, ser parte da vida nova que elas iriam construir com Wally Lipscomb. Aceitando o conselho da mãe, Celestina suspirou.

— Muito bem. Vamos apenas rezar para que peguem ele. Mas se não pegarem em... duas semanas, então iniciaremos o resto do plano, do jeito que você falou. Exceto que não consigo tolerar duas semanas trancada num hotel, com medo de sair para a rua, sem sol, sem ar fresco.

— Venham comigo — disse Paul Damascus imediatamente. — Para Bright Beach. Fica longe de San Francisco e ele jamais pensará em procurar por vocês lá. Por que pensaria? Vocês não têm ligação nenhuma com aquele lugar. Eu tenho uma casa com espaço de sobra. Vocês serão bem-vindas. E não estarão entre estranhos.

Celestina praticamente não conhecia Paul, e embora ele tivesse salvado a vida de sua mãe, sua oferta provocou um olhar de desconfiança da sua parte. Nenhuma hesitação precedeu a resposta de Grace.

— É muito generoso da sua parte, Paul. E, por mim, eu aceitaria. É a casa na qual você viveu com a sua Perri? — É, sim — confirmou.

Tom não fazia a menor ideia de quem era Perri, mas alguma coisa na forma como Grace formulou a pergunta e olhou para Paul sugeriu que ela sabia algo a respeito de Perri que tinha conquistado seu respeito e sua admiração.

— Muito bem — concedeu Celestina, parecendo aliviada. — Muito obrigada, Paul. Você não apenas é um homem excepcionalmente corajoso, é muito gentil também.

A compleição mediterrânea de Paul não exibia um rubor fácil de detectar, mas Tom achou que a cor de seu rosto ficou um ou dois tons mais próxima do vermelho dos cabelos. Seus olhos, geralmente tão diretos, desviaram-se de Celestina.

— Não sou herói — insistiu Paul. — Apenas tirei a sua mãe de lá no processo de me salvar.

— Um processo e tanto — disse Grace, escarnecendo gentilmente de sua modéstia.

Anja, que estivera atarefada com um biscoito durante a maior parte da conversa, lambeu migalhas dos lábios e perguntou a Paul: — Você tem um cachorrinho? — Não tenho não, sinto muito.

— Tem um bode? — A sua decisão de me visitar seria afetada se eu tivesse? — Depende.

— Do quê? — O bode vive dentro ou fora de casa? — Na verdade eu não tenho um bode.

— Bom. Você tem queijo? Com um gesto, Celestina indicou que queria conversar com Tom a sós.

Enquanto Anja prosseguia seu interrogatório inclemente a Paul Damascus, Tom juntou-se à mãe dela diante da janela grande no canto mais distante da mesa de jantar.

Flutuando sobre a cidade, o barco da noite tinha jogado suas redes de pesca e colhido milhões de luzes, como peixes luminosos entre suas tramas negras.

Celestina olhou para fora por um momento, e então virou a cabeça para olhar para Tom, tanto com a escuridão da noite quanto com o brilho da metrópole ainda capturados em seus olhos.

— Do que vocês estavam falando? Por um instante ele pensou em se fazer de bobo, mas sabia que ela era inteligente demais para isso.

— Você está falando sobre Gunsmoke, certo? Ouça, sei que você fará qualquer coisa que seja necessária para manter Anja em segurança, porque você a ama muito. O amor irá lhe dar mais força e determinação do que qualquer outro motivo. Mas precisa saber de uma coisa: você tem de mantê-la em segurança por outro motivo. Ela é especial. Não quero explicar por que ela é especial ou como sei que ela é, porque este não é o momento ou o lugar, nem com seu pai morto e Wally no hospital, e com você ainda trêmula por causa do ataque.

— Mas preciso saber.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Sim, precisa. Mas não agora. Mais tarde, quando estiver mais calma e pensando melhor. É uma coisa importante demais para sobrecarregá-la com isso agora.

— Wally me mostrou os resultados dos testes dela. Ela tem um entendimento extraordinário de cores, percepção espacial e formas geométricas para uma criança de sua idade. Ela pode ser um prodígio visual.

— Ah, eu sei que ela é — disse ele. — Sei o quanto ela vê nitidamente.

— Olho a olho com Tom, Celestina também conseguiu vê-lo com nitidez.

— Você também é especial, em muitas formas óbvias. Mas, como Anja, você é especial de alguma forma secreta... não é? — Sou muito pouco dotado, mas o dom de que estou falando é incomum — admitiu. — Não é nada que abale o mundo. É, digamos assim, uma percepção especial com a qual fui agraciado. O dom de Anja parece ser diferente do meu, mas relacionado. Em cinquenta anos, ela é a primeira pessoa que conheci que é um pouco parecida comigo. Ainda estou tremendo por dentro devido ao choque de tê-la encontrado. Mas, por favor, vamos reservar isto para Bright Beach e uma noite melhor. Você vai para lá amanhã com Paul, não vai? Eu vou ficar aqui e cuidar de Wally. Quando ele estiver em condições de viajar, irei levá-lo comigo. Sei que você vai querer que ele ouça o que tenho a dizer, também. Trato feito? Dividida entre a curiosidade e a exaustão emocional, Celestina olhou fixamente para ele, pensou e finalmente disse: — Trato feito.

Tom olhou para as profundezas oceânicas da cidade, através dos recifes de prédios, até cardumes de carros-peixes.

— Vou contar-lhe uma coisa sobre o seu pai que pode confortá-la, mas você não pode me perguntar mais do que estou pronto para dizer agora. É uma parte do que vou falar com vocês em Bright Beach.

Ela não disse nada.

Assumindo seu silêncio como uma resposta positiva, Tom continuou: — O seu pai partiu daqui, foi para sempre, mas ele ainda vive em outros mundos. O que estou dizendo não é apenas uma declaração de fé. Se Albert Einstein ainda estivesse vivo e em pé aqui, ele lhe diria que é verdade. O seu pai está com você em muitos lugares, e Fimie também. Em muitos lugares, ela não morreu ao dar à luz. Em alguns lugares, ela jamais foi estuprada, sua vida jamais foi maculada. Mas há uma ironia nisso, concorda? Por que nesses mundos, Anja não existe, mas ela é um milagre e uma bênção. — Ele levantou os olhos da cidade para a mulher. — Então, quando você estiver deitada na cama esta noite, acordada pela dor da perda, não pense apenas no que perdeu com seu pai e Fimie. Pense sobre o que você tem neste mundo que você não tem nos outros: Anja. Seja Deus católico, batista, judeu, muçulmano ou físico quântico, Ele nos dá uma compensação por nossas dores, uma compensação aqui e agora neste mundo, não apenas nos mundos paralelos a ele e não apenas em alguma vida depois da morte. Sempre há uma compensação pela morte... se nós a reconhecemos ao vê-la.

Os olhos de Celestina, poças lustrosas, estavam alagados com a necessidade de saber, mas ela respeitou o acordo.

— Entendo apenas parte do que está dizendo, e nem sei que parte, mas de alguma forma estranha, parece verdade. Obrigada. Eu vou pensar nisso à noite, quando não conseguir dormir. — Ela deu um passo para a frente e o beijou na bochecha. — Quem é você, Tom Vanadium? Ele sorriu e deu de ombros.

— Já fui um pescador de homens. Agora caço eles. Um em particular.

Capítulo 78

NO FIM DA TARDE DE TERÇA em Bright Beach, enquanto um azul-escuro e uma maré iridescente rolavam sobre o céu, gaivotas planavam rumo aos seus portos de segurança, e na terra lá embaixo as silhuetas que tinham estado em pé o dia inteiro, trabalhando, agora estavam deitadas, estendidas, preparando-se para a noite.

Do sul de San Francisco até o aeroporto do condado de Orange num avião lotado, e então para ainda mais ao sul ao longo da costa num carro alugado, Paul Damascus levava Grace, Celestina e Anja até a casa dos Lampion.

— Antes de irmos até minha casa, tem uma pessoa que gostaria muito que vocês conhecessem. Ela não está nos esperando, mas tenho certeza de que não haverá problema.

Com uma mancha de farinha numa bochecha, limpando as mãos numa toalha de prato vermelha e branca, Agnes atendeu à porta, viu o carro no caminho de acesso e exclamou: — Paul! Você não está andando? — Eu não podia carregar essas três damas nos braços — disse ele. — Por mais esbeltas que sejam, pesam juntas muito mais que minha mochila.

Apresentações rápidas foram feitas durante o processo de se mover da varanda até a ante-sala, e Agnes disse: — Venham comigo até a cozinha. Estou assando tortas.

O aroma no ar teria derrotado a vontade do monge mais devoto num jejum de penitência.

— Que cheiro maravilhoso é esse? — perguntou Grace.

— Tortas de pêssego, passas e nozes, com base crocante e cobertura de chocolate — disse Agnes.

— Esta é a oficina do diabo! — declarou Celestina.

Na cozinha, Barty estava sentado à mesa e Paul sentiu uma pontada no coração ao ver o menino com as órbitas dos olhos cobertas por gazes.

— Você deve ser Barty — disse Grace. — Ouvi falar muito de você.

— Sentem, sentem — insistiu Agnes. — Posso oferecer café agora e torta daqui a pouquinho.

Celestina teve uma reação retardada ao nome de Barty. Seu rosto estampou uma expressão estranha.

— Barty? É apelido para... Bartholomew? — Sou eu — disse Barty.

— Paul nos contou na noite em que chegou à paróquia. Também falou tudo sobre sua falecida esposa, Perri. Tenho a impressão de que já conheço Bright Beach.

— Então vocês têm uma grande vantagem, e precisam nos contar tudo sobre vocês — disse Agnes. — Vou fazer o café... a não ser que queiram me ajudar.

Grace e Celestina sintonizaram-se prontamente no ritmo do trabalho naquela cozinha, não apenas fazendo o café, mas também ajudando Agnes com as tortas.

Seis cadeiras altas circundavam uma mesa grande e redonda, uma para cada um deles, incluindo Agnes, mas apenas Paul e Barty permaneceram sentados.

Fascinada com este reino novo e estranho, Anja retornou periodicamente a sua cadeira, entre explorações, para bebericar suco de maçã e revelar suas descobertas mais recentes.

— Eles têm papel de prateleira amarelo. Eles têm batatas numa gaveta.

Eles têm quatro tipos diferentes de pickles na geladeira. Eles têm uma torradeira debaixo de uma meia com desenhos de pássaros nela.

— Não é uma meia — explicou Barty. — É um abafador.

— Um o quê? — perguntou Anja.

— Um abafador de torradeira.

— Por que têm pássaros nela? Pássaros gostam de torrada? — Claro que gostam — disse Barty. — Mas acho que Maria bordou os pássaros só porque eles são bonitos.

— Vocês têm um bode? — Espero que não — disse Barty.

— Eu também — disse Anja e em seguida saiu para explorar de novo.

Agnes, Celestina e Grace logo estavam trabalhando juntas em harmonia com a poesia da cozinha. Paul tinha notado que a maioria das

mulheres pareciam gostar ou não gostar umas das outras no minuto de seu primeiro encontro, e quando se sentiam à vontade entre si, eram tão abertas umas com as outras como se fossem amigas de longa data. Em meia hora essas três pareciam ser da mesma idade, e inseparáveis desde a infância. Paul não via Grace ou Celestina livres do desespero desde o assassinato do reverendo, mas aqui elas eram capazes de pela primeira vez abafar sua dor com o corre-corre do assar das tortas e o prazer de fazer uma nova amiga.

— Legal — disse Barty, como se fosse capaz de ler a mente de Paul.

— Sim, legal mesmo — concordou Paul.

Ele fechou os olhos para conhecer a cozinha como Barty a percebia. Os aromas deliciosos, o tilintar musical das colheres, o matraquear das panelas, o jorro da água caindo na pia, o calor dos fornos, as vozes das mulheres. Pouco a pouco, negando a si próprio a visão, ele percebeu que seus outros sentidos se aguçavam.

— Também é legal — disse Paul, mas abriu os olhos. Anja retornou à mesa para pegar suco de maçã e anunciar: — Eles têm uma jarra de biscoitos em forma de Jesus Cristo! — Maria trouxe essa do México — disse Barty. — Ela achou que a jarra era muito engraçada. Eu também. E mamãe disse que a jarra não é realmente blasfêmia, porque as pessoas que a fizeram não queriam que ela fosse e porque Jesus gosta que a gente coma biscoitos. Além disso, a jarra nos faz lembrar que devemos ser gratos por todas as coisas boas que temos.

— A sua mãe é sábia — disse Paul.

— Mais que todas as corujas do mundo — concordou o menino.

— Por que está usando abafadores sobre os olhos? — perguntou Anja.

Barty riu.

— Não são abafadores! — Bem, também não são meias.

— São tapa-olhos — explicou. — Sou cego... Anja olhou de perto, desconfiada, para as ataduras.

— Mesmo? — Estou cego há quinze dias.

— Por quê? Barty deu de ombros.

— Uma coisa nova para fazer.

Os dois eram da mesma idade, mas ouvi-los era como ouvir Anja dizer coisas infantis engraçadinhas a um adulto dotado de muita paciência, senso de humor e uma consciência dos contrastes irônicos entre as gerações.

— O que é aquilo na mesa? — perguntou Anja.

Pousando uma mão no objeto ao qual ela se referira, Barty disse: — Mãe e eu estávamos ouvindo um livro quando vocês chegaram. É um livro falante.

— Livros falam? — perguntou Anja com um tom de assombro.

— Eles falam se você for cego como um morcego e souber onde comprá-los.

— Você acha que cães falam? — perguntou.

— Se falassem, um deles já seria presidente a esta altura. Todo mundo gosta de cachorro.

— Cavalos falam.

— Apenas na televisão.

— Eu vou ter um cachorrinho que fale.

— Se alguém pode ter um, você vai ter — disse Barty.

Agnes convidou todos a ficarem para o jantar. As tortas mal tinham sido terminadas quando panelas grandes, frigideiras, formas e outras artilharias pesadas foram requisitadas ao arsenal culinário da família Lampion.

— Maria está vindo com Francesca e Bonita — disse Agnes. — Acho que vamos precisar montar as extensões da mesa. Barty, ligue para o tio Jacó e o tio Esaú e os convide para jantar.

Paul observou Barty saltar da cadeira e atravessar a cozinha cheia de gente numa linha reta até o telefone de parede, sem um movimento hesitante sequer.

Anja seguiu Barty e observou-o escalar uma banquetta e tirar o telefone do gancho. Ele discou com pouca pausa entre os dígitos e falou com cada um dos tios.

Do telefone, Barty seguiu direto até a geladeira. Abriu a porta, pegou uma lata de refrigerante sabor laranja e voltou sem hesitação até sua cadeira.

Anja acompanhou-o a dois passos, e quando ela parou ao lado da cadeira, observando-o abrir o refrigerante, Barty perguntou: — Por

que estava me seguindo? — Como sabe que te segui? — Eu sei. — A Paul, ele perguntou: — Ela me seguiu, não seguiu? — Para todo lugar que você foi — confirmou Paul.

— Eu queria ver você cair — disse Anja.

— Eu não caio. Bem, não muito.

Maria Gonzalez chegou com suas filhas e embora fosse natural para Anja ser atraída para a companhia das meninas mais velhas, ela não tinha interesse em ninguém além de Barty.

— Por que os tapa-olhos? — Porque ainda não estou com meus olhos novos.

— Onde você vai conseguir olhos novos? — No supermercado.

— Não brinque comigo — disse Anja. — Você não é um deles.

— Eles quem? — Adultos. Não tem problema quando eles fazem isso. Mas se você faz isso, é apenas maldade.

— Muito bem. Vou conseguir meus olhos novos com um médico. Não são olhos de verdade, apenas de plástico, para preencher o lugar onde meus olhos estavam.

— Por quê? — Para sustentar minhas pálpebras. E porque, sem nada nas órbitas, eu ficaria assustador. As pessoas vomitariam. As velhinhas desmaiariam.

Meninhas como você iriam mijar nas calças e sair correndo, gritando. — Mostra pra mim — pediu Anja.

— Trouxe calças limpas? — Está com medo de me mostrar? Como os tapa-olhos eram sustentados pelas mesmas duas tiras de elástico, Barty puxou ambos ao mesmo tempo.

Piratas sanguinários, espiões traiçoeiros, alienígenas vindos de galáxias distantes para devorar cérebros, supervilões determinados a conquistar o mundo, vampiros sedentos de sangue, lobisomens de rostos peludos, torturadores da Gestapo, cientistas malucos, adoradores do Diabo, aberrações de parques de diversões, membros da Ku Klux Klan, assassinos seriais e robôs invasores do espaço exterior tinham estripado, esfaqueado, calcinado, despelado, sufocado, rasgado, desancado, esmagado, pisoteado, enforcado, mordido, eviscerado, decapitado, envenenado, afogado, contaminado com radiação, explodido, supliciado, desmembrado e torturado um número incontável de vítimas nos pulp magazines que Paul lia desde a infância. Mesmo

assim, nem uma única cena naquelas centenas de centenas de exemplares de histórias vívidas gelou um canto de sua alma como fez um vislumbre das órbitas vazias no rosto de Barty. A visão não foi nem um pouco gosmenta, ou mesmo repugnante. Paul estremeceu e desviou o olhar apenas porque a evidência da mutilação do menino fez com que visse claramente a vulnerabilidade terrível dos inocentes deitados sobre os trilhos de trem da natureza, e ameaçou arrancar a casca fina que ele tinha criado sobre a ferida de sofrimento deixada pela morte de Perri.

Ao invés de fitar Barty diretamente, Paul observou Anja estudar o menino sem olhos. Ela não exibiu nenhum horror diante da frouxidão côncava das pálpebras fechadas, e quando uma pálpebra se levantou para revelar a órbita vazia negra, ela não demonstrou qualquer sinal de repulsa.

Agora aproximou-se da cadeira de Barty, e quando tocou a face dele, logo abaixo da órbita vazia esquerda, o menino não estremeceu de surpresa.

— Você teve medo? — perguntou Anja.

— Muito.

— Doeu? — Não muito.

— Está com medo agora? — Na maior parte do tempo, não.

— Mas de vez em quando? — De vez em quando.

Paul percebeu que a cozinha ficara silenciosa de repente, que as mulheres tinham se virado para as duas crianças e agora estavam de pé, imóveis como figuras de cera sobre os pedestais de um museu.

— Lembra das coisas? — indagou a menina, as pontas dos dedos ainda pressionadas levemente sobre a face de Barty.

— Quer dizer, como elas se parecem? — Isso.

— Claro que lembro. Estou cego há apenas quinze dias.

— Você vai esquecer? — Não tenho certeza. Talvez.

De pé ao lado de Agnes, Celestina envolveu-lhe a cintura com um braço, como talvez tivesse feito com sua irmã, caso Serafina estivesse viva.

Anja moveu a mão até o olho direito de Barty. Mais uma vez, ele não estremeceu com surpresa quando os dedos dela tocaram levemente a sua pálpebra fechada e afundada.

— Não vou deixar você esquecer.

— Como isso funciona? — Eu posso ver. E posso falar, como o seu livro falante.

— Você pode falar, com certeza — concordou Barty.

— Então eu sou os seus olhos falantes. — Abaixando a mão do rosto dele, Anja disse: — Sabe de onde vem o bacon? — Dos porcos.

— Como uma coisa tão deliciosa pode vir de um porco gordo, fedorento e sujo? Barty deu de ombros.

— Um limão amarelo e reluzente parece doce.

— Então você acha que vem dos porcos? — perguntou Anja.

— De onde mais? — Tem certeza de que vem dos porcos? — Claro. Bacon vem dos porcos.

— Também acho. Posso tomar um refrigerante de laranja? — Vou pegar um pra você — disse Barty.

— Já vi onde está.

Ela pegou uma lata de refrigerante, voltou à mesa e se sentou como se tivesse terminado suas explorações.

— Barty, você é legal.

— Você também.

Esaú e Jacó chegaram, o jantar foi servido, e embora a comida estivesse maravilhosa, a conversa foi ainda melhor — embora os gêmeos ocasionalmente compartilhassem seu vasto conhecimento sobre acidentes de trem e erupções vulcânicas mortais. Paul não contribuiu muito para a conversa, porque preferiu saborear o que estava ouvindo. Se não conhecesse nenhuma dessas pessoas, se tivesse entrado neste cômodo enquanto elas estavam no meio do jantar, teria pensado que elas compunham uma família, porque o carinho e a intimidade — e no caso dos gêmeos, a excentricidade — da conversa não era a que se esperava de amigos recentes. Não havia fingimento, falsidade, e não se evitava assuntos inconvenientes, o que significou que às vezes houve lágrimas, porque a morte do reverendo White ainda era uma ferida muito nova nos corações daqueles que o tinham amado. Mas com o poder de cura feminino — que continuava misterioso para Paul, mesmo enquanto observava-o agir —, lágrimas eram seguidas por lembranças que causavam sorrisos, e a esperança sempre florescia de cada semente de desespero.

Quando Agnes se mostrou surpresa ao descobrir que o nome de Barty tinha sido inspirado pelo sermão famoso do pastor, Paul ficou estarecido.

Ele tinha ouvido “Este Dia Marcante” em sua primeira radiotransmissão, e quando descobriu que seria reprisado três semanas depois por exigência do público, ele instigou Joey a escutar. Joey o ouvira no domingo, 2 de janeiro de 1965 — apenas quatro dias antes do nascimento de seu filho.

— Ele deve ter ouvido no rádio do carro — disse Agnes, escavando os dias cobertos por camadas e camadas de memórias. — Estava tentando adiantar seu trabalho, para poder ficar muito em casa durante a semana após o nascimento do bebê. Assim, marcou uma reunião com alguns clientes potenciais no domingo mesmo. Ele estava trabalhando muito e tentava entregar minhas tortas e cumprir minhas outras obrigações antes do grande dia. Não tínhamos tanto tempo juntos quanto de costume e, por mais impressionado que ele tenha ficado com o sermão, jamais teve uma oportunidade de me contar a respeito. A penúltima coisa que ele disse foi...

“Bartholomew”. Ele queria que eu batizasse o bebê como Bartholomew.

Este elo entre as famílias Lampion e White, que Grace já soubera através de Paul, foi uma surpresa tão grande para Celestina quanto para Agnes. E inspirou mais reminiscências sobre esposos falecidos e o desejo de que Joey e Harrison tivessem se conhecido.

— Eu também queria que meu Rico tivesse conhecido o seu Harrison — disse Maria, referindo-se ao marido que a abandonara. — Talvez o pastor tivesse conseguido fazer com palavras o que eu não consegui fazer com o meu pé no trasero de Rico.

Barty explicou: — Isso é “bunda” em espanhol.

Anja achou isso hilário e Agnes disse, num tom de quem já tinha sofrido muito com esse tipo de coisa: — Obrigado pela lição de línguas, Mestre Lampion.

O que não foi surpresa para Paul foi a determinação de que os Whites, durante o período em que precisariam ficar escondidos, deveriam ficar com ela e Barty.

— Paul, você tem uma casa adorável, mas Celestina e Grace são trabalhadoras — disse Agnes. — Elas precisam ficar ocupadas. Vão ficar malucas se não tiverem alguma coisa que as mantenha ocupadas. Estou certa, senhoras? Elas concordaram, mas insistiram que não queriam incomodar.

— Bobagem, não vão incomodar ninguém — garantiu Agnes. — Vocês vão ajudar muito com minhas tortas, as entregas, e todo o trabalho que deixei de lado durante a cirurgia e a recuperação de Barty. Ou vai ser divertido ou vocês vão ficar cansadas até os ossos, mas, de uma forma ou de outra, não vão ficar entediadas. Tenho mais dois quartos extras. Um para Celie e Anja, e um para Grace. Quando o seu Wally chegar, podemos deixar Anja com Grace, ou ela pode ficar comigo.

A amizade, o trabalho e, não menos importante, a sensação de estar num lar, que todos sentiam segundos depois de passar pela porta de Agnes: essas coisas encantaram Celestina e Grace. Mas elas não queriam que Paul achasse que sua hospitalidade não era apreciada.

Ele levantou a mão para cessar o debate gentil.

— O principal motivo que me fez parar aqui primeiro, antes de levar vocês para a minha casa, é que não teria de trazer suas malas de volta depois que Agnes as convencesse a ficar. É aqui que vocês serão mais felizes, embora sempre bem-vindas se ela tentar matá-las de tanto trabalhar.

Durante toda a noite Barty e Anja — sentados lado a lado e de frente para Paul no outro lado da mesa — ouviram os adultos de vez em quando e, ocasionalmente, se juntaram à conversa maior, mas principalmente conversaram entre si. Quando as cabeças das crianças não estavam juntas conspiratoriamente, Paul podia ouvi-los conversar e, dependendo do que mais estava sendo discutido ao redor da mesa, ele geralmente se sintonizava no assunto. Ele escutou a palavra rinoceronte, sintonizou, dessintonizou, mas alguns minutos depois ligou-se de novo quando percebeu que Celestina, sentada a dois lugares de distância dele, levantara da cadeira e estava olhando espantada para as crianças.

Barty disse, enquanto Anja ouvia intensamente e meneava a sua cabeça: — Então o lugar onde ele jogou a moeda não foi realmente em Gunsmoke, porque esse não é um lugar, é apenas um seriado.

Entenda, talvez ele tenha jogado a moeda num lugar onde não sou cego, ou num lugar onde ele não tem aquele rosto arruinado, ou num lugar onde por algum motivo você nunca veio aqui hoje. Existem muitos lugares que ninguém seria capaz de contar, nem mesmo eu, e sou capaz de contar muito bem. É isso o que você sente, certo? Todas as formas como as coisas são? — Eu vejo. Às vezes. Bem rapidinho. Como se numa piscadela. Como quando você fica entre dois espelhos. Sabe como é? — Sim — disse Barty.

— Entre dois espelhos, você se vê de novo e de novo, eternamente.

— Você vê coisas assim? — Numa piscadela. Às vezes. Existe um lugar onde Wally não levou um tiro? — Wally é o cara que vai ser o seu pai? — Sim, é ele.

— Claro. Existem muitos lugares onde ele não levou um tiro, mas existem lugares onde ele levou o tiro e morreu, também.

— Não gosto desses lugares.

Embora tivesse visto o truque de Thomas Vanadium com a moeda, Paul não entendeu o resto da conversa das crianças e considerou que era igualmente impenetrável para todos — exceto, talvez, para a mãe de Anja.

Mas, imitando Celestina, que estava de pé, todos estavam igualmente silenciosos.

Alheia ao fato de que ela e Barty tinham-se tornado o centro da atenção, Anja disse: — Será que ele consegue as moedas de volta? — Provavelmente não.

— Ele deve ser rico. Joga fora muitas moedas.

— Vinte e cinco cents não é muito dinheiro.

— É muito! — insistiu Anja. — Wally me deu um bombom na última vez que o vi. Você gosta de bombons? — São gostosos.

— Você conseguiria jogar um bombom num lugar onde não fosse cego ou talvez onde Wally não tenha levado um tiro? — Acho que se for possível jogar uma moeda deve ser possível jogar um bombom.

— Pode jogar um porco? — Talvez ele possa, se for capaz de levantá-lo, mas eu não conseguiria jogar um porco ou um bombom ou qualquer outra coisa em qualquer outro lugar. Não é uma coisa que eu saiba fazer.

— Nem eu.

— Mas posso caminhar na chuva e não me molhar — disse Barty.

No fundo da mesa, Agnes levantara abruptamente da cadeira assim que ouvira o filho dizer chuva, e quando ele disse e não me molhar, ela falou num tom de alerta: — Barty! Anja olhou para ela, e ficou surpresa ao ver que todos a fitavam.

Voltando seus olhos cobertos na direção geral da sua mãe, Barty exprimiu: — Epa! Todos confrontaram Agnes com expressões de curiosidade e expectativa, e ela olhou para cada um deles. Paul. Maria. Francesca. Bonita. Grace.

Esaú. Jacó. Finalmente, Celestina.

As duas mulheres olharam uma para a outra, e finalmente Celestina disse: — Meu Deus, o que está acontecendo aqui?

Capítulo 79

NA TARDE DA TERÇA-FEIRA seguinte em Bright Beach, contra um céu negro como um caldeirão de bruxa, gaivotas voavam para o seus abrigos, fugindo de um vento sobrenatural; em terra, sombras úmidas da tempestade iminente reuniam-se como se conjuradas por uma maldição criada a partir de uma receita de olho de salamandra, dedo de sapo, asa de morcego e língua de cachorro.

Tendo vindo por ar de San Francisco para o aeroporto do condado de Orange, e então, obedecendo a direções oferecidas por Paul Damascus, seguido para mais ao sul ao longo da costa num carro alugado, uma semana depois de Paul e suas três protegidas, Tom Vanadium finalmente chegava à casa dos Lampion, trazendo Wally Lipscomb.

Onze dias haviam se passado desde que Wally detivera o curso de três balas. Ainda estava com uma fraqueza residual nos braços, sentia-se cansado com mais facilidade do que antes de se ver no lado errado de um revólver, queixava-se de rigidez muscular e usava uma bengala para não colocar seu peso sobre a perna ferida. O restante dos cuidados médicos de que necessitava, assim como a reabilitação física,

poderia ser obtido tão bem em Bright Beach quanto em San Francisco. Até março deveria estar de volta ao normal, considerando que a definição de normal incluía grandes cicatrizes e um espaço interno oco onde antes estivera o seu baço.

Celestina recebeu-os na porta da frente e correu para abraçar Wally. Ele deixou cair a bengala — Tom pegou-a — e retribuiu o abraço com tanta força, beijou-a com tamanho ardor, que evidentemente a fraqueza residual não era mais um problema.

Tom também recebeu um abraço forte e um beijo fraternal, e ficou agradecido por essas demonstrações de afeto. Era um solitário há tanto tempo, como um caçador de homens precisava ser durante uma longa jornada de recuperação e então numa missão de vingança, mesmo se a chamasse de missão de justiça. Durante os poucos dias que passara protegendo Celestina, Grace e Anja na cidade e, subseqüentemente, durante a semana com Wally, Tom tivera a impressão de ser parte de uma família, ainda que fosse apenas uma família de amigos, e ele tinha ficado surpreso ao ver como precisava desse sentimento.

— Todo mundo está esperando — disse Celestina.

Tom ficou ciente de que alguma coisa tinha acontecido aqui durante a última semana, um desenvolvimento importante que Celestina mencionara ao telefone mas sobre o qual não estava inclinada a falar. Ele não nutria nenhuma expectativa do que iria encontrar quando Celestina escoltasse a ele e Wally até a sala de jantar dos Lampion, mas se tentasse imaginar a cena que o aguardava, não teria visualizado uma sessão espírita.

E foi exatamente isso que pareceu à primeira vista. Oito pessoas reunidas ao redor da mesa de jantar, que estava completamente vazia.

Sobre ela não havia comida, ou bebidas, ou algum objeto decorativo. Todos tinham os olhos reluzentes de pessoas aguardando as revelações de um médium: parte tensão, parte esperança.

Tom conhecia apenas três das oito pessoas. Grace White, Anja e Paul Damascus. As outras foram apresentadas rapidamente por Celestina: Agnes Lampion, a dona da casa. Esaú e Jacó Isaacson, irmãos de Agnes. Maria Gonzalez, a melhor amiga de Agnes. E Barty.

Por telefone, ele tinha sido preparado para este menino. Por mais estranho que fosse encontrar um Bartholomew em suas vidas,

considerando a obsessão peculiar de Enoch Caim, Tom ainda assim concordou com Celestina que o assassino da esposa não tinha como saber qualquer coisa a respeito desta criança — e decerto não tinha qualquer motivo lógico para temê-la. A única coisa que eles tinham em comum era o sermão de Harrison White, que inspirara o nome do menino e que deveria ter plantado a semente da culpa na mente de Caim.

— Tom, Wally, sinto muito pelas apresentações bruscas — desculpou-se Agnes Lampion. — Teremos muitas chances de conhecer uns aos outros durante o jantar. Mas as pessoas nesta sala esperaram uma semana inteira para ouvir você, Tom. Não vamos conseguir esperar mais um único instante.

— Me ouvir? Celestina indicou a Tom que ele deveria sentar-se a uma cabeceira da mesa, de frente para Agnes, que estava sentada à outra. Enquanto Wally abaixava-se para a cadeira vazia à esquerda de Tom, Celestina pegou dois objetos no bufete e colocou-os diante de Tom, antes de sentar-se à sua direita.

Um saleiro e um pimenteiro.

Do outro lado da mesa, Agnes disse: — Para início de conversa, Tom, todos gostaríamos de ouvir sobre o rinoceronte e o outro você.

Ele hesitou, porque até aquelas explicações limitadas que dera a Celestina em San Francisco jamais falara sobre sua percepção especial com ninguém, exceto dois padres conselheiros no seminário. No começo sentiu-se incomodado em falar sobre essas coisas com estranhos — como se estivesse fazendo uma confissão a laicos que não tinham autoridade em prover absolvição —, mas à medida que falou a este grupo ávido e concentrado, suas dúvidas esvaneceram e a revelação pareceu tão natural quanto falar sobre o tempo.

Com o saleiro e a pimenteira, Tom conduziu o grupo através da explicação de porque-eu-não-me-sinto-triste-com-o-meu-rosto que dera dez dias antes a Anja.

No fim, com o Tom saleiro e o Tom pimenteiro parados lado a lado em seus mundos diferentes mas paralelos, Maria disse: — Parece ficção científica.

— Ciência. Mecânica quântica. Que é uma teoria... da física. Mas por teoria não quero dizer especulação desvairada. A mecânica quântica

funciona. Ela está por trás da invenção da televisão. Antes do final deste século, talvez mesmo durante os anos oitenta, a tecnologia baseada na mecânica quântica irá nos dar computadores poderosos e baratos em nossas casas, computadores tão pequenos quanto maletas, tão pequenos quanto uma carteira, um relógio de pulso, que poderão efetuar processamento de dados com muito mais rapidez que qualquer um dos computadores gigantescos que conhecemos hoje.

Computadores do tamanho de um selo de carta. Teremos telefones sem fio que poderão ser carregados para qualquer parte. Com o tempo, será possível construir computadores de poder imenso do tamanho de uma molécula, e então a tecnologia... ou melhor, toda a sociedade humana... mudará quase além da compreensão, e para melhor.

Ele olhou para a sua plateia em busca de olhares pasmos e de descrença.

— Não se preocupe — disse Celestina. — Depois do que vimos nesta última semana, estamos todos com você.

Até Barty parecia estar atento, mas Anja logo estava pintando um livro de colorir com lápis de cera enquanto cantarolava baixinho para si mesma.

Tom acreditava que a menina tinha uma compreensão intuitiva da verdadeira complexidade do mundo, mas ela estava com apenas três anos, afinal de contas, e não era preparada nem capaz de absorver a teoria científica que sustentava sua intuição.

— Muito bem — disse Tom. — Os jesuítas são encorajados a se educar em qualquer assunto que seja do seu interesse, não apenas teologia. Eu estava profundamente interessado em física.

— Por causa de uma certa percepção que você tinha desde a infância — disse Celestina, recordando o que ele lhe dissera em San Francisco.

— Sim. Falo mais sobre isso mais tarde. Preciso deixar claro que um interesse em física não faz de mim um físico. Mesmo se eu fosse, não poderia explicar a mecânica quântica em uma hora ou em um ano. Há quem diga que a teoria quântica é tão bizarra que ninguém pode compreender completamente todas as suas implicações. Algumas coisas provadas em experimentos quânticos parecem desafiar a razão, e vou contar algumas para vocês, só para lhes dar um gosto da coisa. Primeiro,

no nível subatômico, o efeito às vezes vem antes da causa. Em outras palavras, um evento pode acontecer antes que a razão para ele ocorra.

Igualmente estranho... num experimento com um observador humano, partículas subatômicas comportam-se de forma diferente de como se comportam quando o experimento não é observado enquanto em progresso e os resultados são examinados depois do fato... o que pode sugerir que a força de vontade humana, mesmo quando expressa subconscientemente, molda a realidade.

Ele estava simplificando e combinando conceitos, mas não conhecia nenhuma outra forma de transmitir rapidamente para eles uma sensação do encanto, do mistério, da estranheza pura do mundo revelado pela mecânica quântica.

— E que tal isto? — prosseguiu. — Cada ponto no universo é conectado diretamente a todos os outros pontos, a despeito da distância, de modo que qualquer ponto em Marte está, de alguma forma misteriosa, tão perto de mim quanto está de qualquer um de vocês. O que significa que é possível que informação, objetos, até pessoas, possam mover-se instantaneamente entre aqui e Londres sem fios ou transmissão de microondas. Na verdade, entre aqui e uma estrela distante, instantaneamente. Apenas não descobrimos como isso acontece. De fato, num nível estrutural profundo, cada ponto no universo é o mesmo ponto. Esta interconectividade é tão completa que um grande bando de pássaros levantando vôo em Tóquio, perturbando o ar com suas asas, contribui para mudanças climáticas em Chicago.

Anja levantou os olhos do seu livro de colorir.

— E quanto aos porcos? — O que tem eles? — perguntou Tom.

— Você pode jogar um porco onde jogou a moedinha? — Vou chegar nisso — prometeu.

— Uau! — disse ela.

— Ele não quis dizer que vai jogar um porco — disse-lhe Barty.

— Ele vai, apostado que vai — disse Anja, voltando aos seus lápis de cera.

— Uma das coisas fundamentais que a mecânica quântica sugere é que um número infinito de realidades existe, outros mundos paralelos ao nosso, que não podemos ver. Por exemplo, mundos nos quais, devido a decisões específicas e ações de certas pessoas nos dois

lados, a Alemanha ganhou a última grande guerra. E outros mundos nos quais a União perdeu a Guerra Civil. E mundos onde uma guerra nuclear já foi travada entre os Estados Unidos e a União Soviética.

— Mundos em que aquele caminhão-tanque nunca parou sobre os trilhos de trem em Bakersfield, em 1960 — especulou Jacó. — Assim, o trem nunca colidiu com o caminhão e aquelas dezessete pessoas nunca morreram.

O comentário deixou Tom perplexo. Ele só podia imaginar que Jacó conhecesse alguém que morrera naquela colisão — embora o tom de voz do gêmeo e sua expressão parecessem sugerir que um mundo sem o desastre de trem de Bakersfield seria um lugar menos agradável que um que o incluísse.

Sem tecer nenhum comentário, Tom prosseguiu: — E mundos exatamente como os nossos... só que meus pais jamais se conheceram, e eu nunca nasci. Mundos nos quais Wally jamais recebeu um tiro porque era inseguro demais ou apenas estúpido demais para levar Celestina para jantar naquela noite ou pedi-la em casamento.

A esta altura, todos ali conheciam Celestina bem o bastante para que o último exemplo de Tom provocasse no grupo uma gargalhada carinhosa.

— Mesmo num número infinito de mundos, não existe local em que eu possa ser tão estúpido — objetou Wally.

Tom prosseguiu: — Agora vou acrescentar um toque humano e um ângulo espiritual em tudo isto. Quando cada um de nós chega a um ponto onde precisa tomar uma decisão moral significativa que afete o desenvolvimento de sua personalidade e as vidas de outras pessoas, e cada vez que faça a escolha menos sábia, é aí que acredito que um mundo novo é gerado. Quando faço uma escolha imoral ou simplesmente imbecil, outro mundo é criado no qual fiz a coisa certa, e nesse mundo sou compensado durante algum tempo e recebo uma chance de me tornar uma pessoa melhor que o Tom Vanadium que mora no outro mundo da escolha errada. Existem tantos mundos com Tom Vanadiums imperfeitos, mas sempre existe algum lugar...

algum lugar onde estou me movendo continuamente rumo a um estado de graça.

Nesse momento, Barty Lampion disse: — Cada vida é como o nosso carvalho no quintal dos fundos, mas muito maior. Primeiro um tronco, depois todos os galhos, milhões de galhos, e cada galho é a mesma vida indo numa direção nova.

Surpreso, Tom curvou-se à frente para olhar mais diretamente para o menino cego. Ao telefone, Celestina mencionara apenas que Barty era um prodígio, o que não podia explicar completamente a precisão da metáfora do carvalho.

— E talvez, quando a sua vida chega a um fim em todos esses galhos — disse Agnes, pegando carona na especulação do filho —, você seja julgado pela forma e pela beleza da árvore.

— Tomar muitas escolhas erradas produz galhos demais — disse Grace White. — A árvore cresce desordenada, distorcida, feia.

— E tomar poucas escolhas erradas — disse Maria — pode significar que você realizou um número admiravelmente pequeno de erros morais, mas também que deixou de correr riscos razoáveis e não fez uso pleno do dom da vida.

— Essa doeu! — disse Esaú, o que lhe valeu sorrisos amorosos de Maria, Agnes e Barty.

Tom não entendeu o comentário de Esaú ou os sorrisos que provocou.

Fora isso, estava impressionado com a facilidade com que essas pessoas tinham absorvido o que dissera e com a imaginação com que tinham começado a expandir sua especulação. Era quase como se conhecessem há muito tempo a forma do que Tom lhes dizia, e tudo que ele estava fazendo era fornecer os detalhes.

— Tom, alguns minutos atrás a Celestina mencionou que você possui uma “certa percepção” — disse Agnes. — O que é isso, exatamente? — Desde que eu era criança, sempre tive esta... percepção, esta consciência de uma realidade infinitamente mais complexa que aquela que os cinco sentidos básicos revelam. Um vidente afirma prever o futuro. Não sou vidente. Seja lá o que eu for... eu sou capaz de sentir muitas outras possibilidades inerentes a qualquer situação, de saber que elas existem simultaneamente com a minha realidade, lado a lado, cada mundo tão real quanto o meu. Nos meus ossos, no meu sangue...

— Você sente todas as formas como as coisas são — definiu Barty.

— Sim, Barty — disse Tom. — Eu sinto uma profundidade na vida, camadas por baixo de camadas. As vezes isso é... assustador. Na maior parte das vezes isso me inspira. Não posso ver outros mundos, não posso me mover entre eles. Mas com esta moedinha posso provar que o que sinto não é minha imaginação. — Pegou no bolso uma moeda de 25 cents e segurou-a entre o polegar e o indicador, para que todos, exceto Barty, pudessem ver. — Anja? A menina levantou os olhos do seu livro de colorir.

— Você gosta de queijo? — perguntou Tom.

— Peixe é comida para o cérebro, mas queijo tem um gosto bem melhor.

— Já comeu queijo suíço? — O melhor da Velveeta.

— Qual é a primeira coisa que vem na sua mente quando pensa em queijo SUÍÇO? — Relógios cuco? — Que mais? — Sanduíches.

— Que mais? — Velveeta.

— Barty — chamou Tom. — Me dê uma ajudinha aqui.

— Buracos — disse Barty.

— Ah, claro, buracos — concordou Anja.

— Esqueçam a árvore de Barty por um segundo e imaginem que todos esses muitos mundos são como fatias empilhadas de queijo suíço. Por alguns buracos, você pode ver apenas a fatia seguinte. Por outros, você vê através de três ou cinco fatias antes dos buracos pararem de se sobrepor.

Também há buraquinhos entre os mundos empilhados, mas eles nunca param de se mover, segundo a segundo. E não posso realmente ver entre eles, mas, de uma forma muito estranha, posso senti-los. Prestem atenção.

Desta vez ele não jogou a moeda diretamente no ar. Ele curvou a mão, e com seu polegar lançou a moeda na direção de Agnes.

No meio da mesa, diretamente debaixo do candelabro, o disco prateado girou através do ar, virou, virou, virou deste mundo para outro.

Alguns arfados e exclamações. Um risinho musical e aplausos de Anja.

As reações foram surpreendentemente mornas.

— Em geral, eu digo uns abracadabras e faço uns floreios para distrair as pessoas, para que não percebam que o que viram foi real. Elas acham que o desaparecimento em pleno ar é apenas um truque.

Todos dirigiram a Tom olhares de expectativa, como se fosse haver mais mágicas, como se jogar uma moeda para outra realidade fosse alguma coisa que se vê uma ou duas vezes por semana no Ed Sullivan Show, entre os acrobatas e os malabaristas capazes de manter no ar dez pratos girando sobre dez varas compridas simultaneamente.

— Bem, as pessoas que pensam que é apenas um truque costumam ficar mais impressionadas do que vocês — disse Tom. — E vocês sabem que é real.

— O que mais você pode fazer? — indagou Maria, surpreendendo ainda mais a Tom.

Abruptamente, sem uma saraivada de sons de trovão, sem o relampejar de raios, a tempestade começou. Barulhenta como exércitos em marcha, a chuva passou a pisotear o teto.

Como um só, todos ao redor da mesa levantaram os olhos para o teto e sorriram para o som da chuvarada. Barty, com tapa-olhos sobre as órbitas vazias, também olhou para cima com um sorriso.

Perplexo com este comportamento peculiar, até mesmo levemente enervado, Tom respondeu à pergunta de Maria.

— Sinto dizer, mas não sei fazer mais nada... mais nada de uma natureza mais fantástica.

— O que você fez foi muito bom, Tom, muito bom mesmo — disse Agnes num tom consolador que ela poderia ter usado com um menino cuja atuação, num recital de piano, tinha sido esforçada mas nada brilhante. — Todos nós ficamos muito impressionados.

Ela empurrou a cadeira para longe da mesa e se levantou. Todos seguiram seu exemplo.

Levantando, Celestina disse a Tom: — Na noite de terça-feira tivemos de nos contentar com os aspersores do gramado. Isto vai ser muito melhor.

Olhando para a janela mais próxima, onde a noite molhada beijava o vidro, Tom disse: — Aspersores do gramado? A expectativa com que Tom fora recebido ao chegar era rarefeita como o ar nas alturas

do Himalaia, quando comparada com a atmosfera de antecipação que pairava agora naquela sala.

De mãos dadas, Barty e Anja conduziram os adultos pela cozinha, até a porta dos fundos. Esta procissão teve uma qualidade cerimonial que intrigou Tom, e quando saíram para a varanda, ele estava impaciente demais para saber por que todos — com exceção dele e Wally — estavam elevados emocionalmente, um grau de altitude acima da euforia.

Quando todos estavam reunidos na varanda, enfileirados lado a lado de frente para os degraus, em meio ao ar úmido e frio recendendo suavemente a ozônio e menos suavemente a jasmim, Barty disse: — Sr. Vanadium, o seu truque com a moeda é muito bacana. Mas aqui está uma coisa digna de uma história de Robert Heinlein.

Deslizando a mão suavemente ao longo do corrimão, o menino desceu rapidamente o lance curto de degraus e pisou no gramado empapado, expondo-se à chuva.

A mãe de Barty, empurrando gentilmente Tom para o ponto de observação mais privilegiado na frente dos degraus, não parecia preocupada com o fato de que seu filho estava caminhando debaixo de uma tempestade.

Impressionado com a segurança e a rapidez com que o menino cego galgou os degraus, Tom inicialmente não notou nada incomum em seu passeio através do dilúvio.

A lâmpada na varanda não estava acesa. Nenhum poste de luz clareava o quintal. Barty era uma sombra cinza movendo-se na penumbra e debaixo da chuva. Ao lado de Tom, Esaú disse: — Chuva pesada...

— E como! — Agosto de 1931. Ao longo do rio Huang He, na China. Três milhões e setecentas mil pessoas morreram numa grande inundação — disse Esaú.

Como não sabia o que fazer com esse tipo de informação, Tom disse: — Isso é muita gente.

Barty caminhou numa linha reta da varanda até o grande carvalho.

— 13 de setembro de 1928. Lago Okeechobee, Flórida. Duas mil pessoas morreram numa inundação.

— Duas mil, é? Nada mal — Tom ouviu a si mesmo dizer, como um retardado. — Quero dizer, em comparação com os quase quatro milhões.

A um pouco menos de um metro e meio do carvalho, Barty saiu de sua linha reta e começou a circular a árvore.

Depois de apenas 21 dias, a adaptação do menino à cegueira era extraordinária, mas claro que aquela plateia estava reunida para ver algo mais notável do que o seu incrível senso de direção.

— 27 de setembro de 1962. Barcelona, Espanha. Uma inundação matou quarenta e cinco pessoas.

Tom teria se movido para a direita, para longe de Esaú, se Jacó não estivesse em seu caminho. Ele lembrou do comentário estranho que o mais amargo dos gêmeos fizera sobre o desastre de trem de Bakersfield.

A copa enorme do carvalho não cobria o gramado abaixo dela. As folhas colhiam chuva do ar, para em seguida deixá-la cair em filetes em lugar de gota a gota.

Barty contornou a árvore e retornou até a varanda. Ele subiu os degraus e parou diante de Tom.

Apesar de estar escuro, a realização miraculosa do menino era evidente: suas roupas e seus cabelos estavam secos como se ele tivesse usado um casaco e um capuz.

Pasmo, acorando-se apoiado num joelho diante de Barty, Tom segurou a barra da camisa do menino.

— Eu caminhei por onde a chuva não estava — disse Barty.

Em cinquenta anos, até Anja, Tom não encontrara ninguém como ele — e agora tinha encontrado dois em pouco mais de uma semana.

— Não posso fazer o que você fez.

— E eu não posso fazer o que você fez com a moeda — disse Barty. — Talvez possamos ensinar um ao outro.

— Talvez — disse Tom.

Na verdade Tom não acreditava que nada disso jamais pudesse ser aprendido mesmo por um iniciado tomando instruções de outro iniciado.

Eles tinham nascido com a mesma percepção especial, mas com habilidades diferentes e estritamente limitadas para interagir com a multiplicidade de mundos que podiam detectar. Ele não era capaz de explicar nem para si mesmo como podia enviar uma moeda ou outro objeto pequeno para Outro Lugar. Isso era uma coisa que ele simplesmente sentia, e cada vez que a moeda desaparecia, a autenticidade da sensação era provada. Ele suspeitou que, quando caminhava onde a chuva não estava, Barty não empregava técnicas conscientes; simplesmente decidia caminhar num mundo seco e permanecer sob todos os outros aspectos neste molhado — e então fazia. Magos vergonhosamente incompletos, feiticeiros com apenas um ou dois truques cada um, eles não tinham nenhum volume secreto de encantamentos e feitiços para ensinar a um aprendiz.

Tom Vanadium se levantou e, com a mão sobre o ombro de Barty, observou os rostos das pessoas reunidas no portão. Ele tinha conhecido essas pessoas tão recentemente que todas eram praticamente estranhas para ele. Não obstante, pela primeira vez desde os seus dias no Orfanato de Santo Anselmo tinha encontrado um lugar ao qual pertencia. Tinha a impressão de que este era o seu lar.

Dando um passo à frente, Agnes disse: — Quando Barty segura a minha mão e caminha comigo pela chuva, eu me molho enquanto ele permanece seco. O mesmo vale para todos nós aqui... menos Anja.

A menina já tinha segurado a mão de Barty. As duas crianças desceram da varanda e se expuseram à chuva. Elas não circularam o carvalho; apenas pararam no sopé dos degraus e se viraram de frente para a casa.

Agora que Tom sabia o que procurar, a penumbra não escondeu dele a verdade extraordinária.

Eles estavam na chuva, o aguaceiro pesado, sólido, barulhento, exatamente como o que caíra sobre Gene Kelly enquanto ele dançara, cantara e brincara numa rua molhada naquele filme, mas enquanto o ator ficara encharcado no final do número musical, essas duas crianças permaneciam secas. Tom forçou os olhos para resolver o paradoxo, ainda que soubesse que todos os milagres desafiavam a resolução.

— Muito bem, meus duendezinhos — disse Celestina. — Hora do Segundo Ato.

Barty soltou a mão da menina, e embora tenha permanecido seco, a tempestade imediatamente achou onde Anja estivera escondida nas dobras prateadas e escuras de suas cortinas.

Vestida inteiramente num tom de rosa que escurecia para vermelho-ruge quando molhado, Anja soltou um gritinho e desertou Barty. Com as roupas molhadas, lágrimas falsas nas faces e uma coroa reluzente de gotas de chuva no cabelo, subiu correndo os degraus como se fosse uma princesa abandonada por seu cocheiro, e se permitiu ser colhida pelos braços da avó.

— Vai pegar uma pneumonia — disse Grace em tom desaprovador.

— E que maravilhas Anja pode executar? — perguntou Tom a Celestina.

— Nenhuma que já não tenhamos visto.

— Ela simplesmente é ciente da forma como todas as coisas são — acrescentou Maria. — Como você e Barty.

Quando Barty subiu os degraus para a varanda sem usar o corrimão e segurou a mão direita dele, Paul Damascus disse: — Tom, estamos curiosos para saber se Barty pode estender a você a proteção que ele confere a Anja na chuva. Talvez ele possa... porque vocês três compartilham essa... essa consciência, esse dom, ou seja lá como você queira chamar isso. Mas ele não vai saber até você tentar.

Tom deu a mão para o garoto — uma mão tão pequena, mas ainda assim apertando com determinação —, mas não precisaram descer todo o caminho até o gramado antes que soubessem que o manto invisível do menino-prodígio não iria acomodá-lo como fizera com a menina. Uma chuva fria molhou Tom imediatamente, e ele levantou Barty dos degraus, tomando-o em seus braços como Grace fizera com Anja, e retornou à varanda com o menino.

Agnes encontrou-os, puxando Grace e Anja para o seu lado. Os seus olhos reluziam com excitação.

— Tom, você é um homem de fé, ainda que já tenha tido problemas com ela. Diga o que você conclui de tudo isto. Tom sabia o que ela concluía de tudo isto, e ele podia ver que os outros na varanda também sabiam. Da mesma forma, podia ver que todos queriam ouvi-lo confirmar a conclusão à qual Agnes já chegara muito antes que ele

entrasse na casa com Wally esta noite. Mesmo na sala de estar, antes da prova na chuva, Tom tinha reconhecido o elo especial que havia entre o menino cego e esta menininha alegre. Na verdade, ele não poderia ter chegado a nenhuma conclusão diferente da de Agnes, porque, como ela, acreditava que os eventos de todos os dias revelavam propósitos misteriosos se você estivesse disposto a vê-los, que toda vida tinha um propósito profundo.

Tom disse a Agnes: — De todas as coisas que quero fazer com a minha vida, acho que nada importará mais que o pequeno papel que desempenhei na união dessas duas crianças.

Embora a única luz na varanda dos fundos viesse de fachos pálidos filtrados através das cortinas nas janelas da cozinha, todos esses rostos pareciam luminosos, de forma quase sobrenatural, como as feições reluzentes de santos numa igreja escura, iluminados apenas pelas chamas de velas votivas. Tendo a chuva como música e o jasmim como incenso, o momento parecia sagrado.

Fitando alternadamente cada um de seus companheiros, Tom disse: — Quando penso em tudo que precisou acontecer para nos trazer até aqui esta noite, as tragédias e também as viradas felizes da sorte, quando penso nas muitas formas como as coisas poderiam ter acontecido, com todos nós acabando separados e alguns jamais se conhecendo, sei que nós pertencemos a este lugar, porque chegamos aqui contra todas as chances em contrário.

O senso de camaradagem que nasce em situações extraordinárias fez todos se aproximarem, abraçarem e tocarem, para compartilhar aquele momento miraculoso. Durante um longo momento, mesmo à sinfonia da tempestade, a despeito do plique-tique-plaft-craque-chuá emitido por cada obra do homem e da natureza açoitada pela chuva, eles pareceram estar parados ali em meio ao silêncio mais profundo que Tom já tinha ouvido.

Então Anja disse: — Você vai jogar o porco agora?

Capítulo 80

A MANHÃ EM QUE aconteceu foi brilhante e azul, em março, dois meses depois que Barty levou Anja para um passeio seco na chuva molhada, sete semanas depois que Celestina casou com Wally e cinco semanas depois que os alegres recém-casados efetuaram a compra da casa dos Galloway, ao lado do lar da família Lampion. Selma Galloway, estando aposentada do magistério há alguns anos, vendeu sua casa para comprar um chalé de condomínio na praia, nas proximidades de Carlsbad.

Celestina olhou pela janela e viu Agnes no caminho de acesso dos Lampion, onde a caravana de três veículos tinha se reunido. Ela estava carregando a sua peruca.

Depois de mover tudo que estava num raio de nove metros, Celestina e Wally — com Grace morrendo de medo que alguém se machucasse — tinham derrubado a cerca de tábuas muito alta que havia entre as propriedades, porque a sua família tornara-se uma só com muitos nomes: Lampion, White, Lipscomb, Isaacson. Quando os quintais dos fundos foram unidos e um caminho de concreto foi deitado entre eles, os passeios de Barty de casa a casa foram imensamente simplificados, e as visitas regulares dos ramos Gonzalez, Damascus e Vanadium do clã também foram facilitadas.

— Agnes está vindo, mamãe.

À porta aberta da cozinha, braços carregados com quatro caixas de tortas empilhadas, Grace disse: — Pode pegar as últimas quatro tortas para mim na mesa? E não deixe elas caírem, querida.

— Ah, claro — disse Celestina. — Estou na lista do FBI de criminosos mais procurados por deixarem cair tortas.

— Bem, você devia estar — disse Grace, levando as tortas para o Suburban que Wally comprara exclusivamente para esta função.

Tentando não ser uma mão furada, Celestina seguiu-a.

Repleta com o canto das andorinhas que evidentemente preferiam esta região aos endereços mais famosos de San Juan Capristano, esta amena manhã de março era perfeita para entregar tortas. Agnes e Grace tinham realizado uma produção de tortas de amêndoas e de café digna de uma confeitaria.

Sob a orientação de Celestina, os homens — Wally, Esaú, Jacó, Paul, Tom — tinham enchido caixas de papelão de mantimentos enlatados e desidratados, mais diversas caixas de roupas novas para as crianças em sua rota. Todos esses itens tinham sido carregados nos veículos na noite anterior.

Ainda faltavam algumas semanas para a Páscoa, mas Celestina já tinha começado a decorar mais de uma centena de cestas, para que nada precisasse ser feito no último minuto, exceto acrescentar os doces. Sua sala de estar era um depósito de cestas e acessórios decorativos como fitas, arcos, flores de papel, tiras de celofane verde, vermelho, amarelo e rosa, e coelhinhos e pintinhos de pelúcia.

A bem da verdade, o tempo gasto ajudando Agnes dera-lhe um número incontável de assuntos para pintar e começara a conferir ao seu trabalho uma nova profundidade que a empolgava.

Agnes dissera-lhe certa vez: — Quando você tira o que tem nos seus bolsos e coloca nos bolsos dos outros, você apenas acorda de manhã mais rico do que era antes.

Enquanto Celestina e sua mãe colocavam as últimas tortas nas caixas térmicas que estavam no Suburban, Paul e Agnes voltaram de sua perua na frente da caravana.

— Prontos para zarpar? — perguntou Agnes.

Como se considerava o guia da caravana, Paul checou a traseira do Suburban. Ele queria ter certeza de que os mantimentos estavam armazenados de forma que os impossibilitasse de escorregar ou serem danificados.

— Tudo está bem seguro. Acho que estamos prontos — declarou e fechou a porta traseira.

De sua Kombi no meio da fila, Maria juntou-se a eles.

— Agnes, se a gente se separar, eu não tenho um itinerário.

— Onde está o Wally? — perguntou Maria.

Em resposta, Wally chegou correndo com sua mala médica pesada, porque agora era o médico de algumas pessoas na rota da torta.

— O tempo estava melhor do que eu esperava e voltei para botar roupas mais leves.

Mesmo um dia frio na rota da torta poderia gerar um bom suor no fim da jornada, porque com a adição dos homens a este projeto ambicioso eles agora não apenas faziam entregas como também executavam alguns serviços que não podiam ser feitos pelos velhos ou deficientes.

— Vamos partir! — disse Paul e voltou à perua para viajar ao lado de Agnes. No Suburban com Wally e Grace, enquanto aguardavam para botar o pé na estrada, Celestina disse: — Terça-feira à noite ele a levou de novo ao cinema.

— Quem, Paul? — perguntou Wally.

— Quem mais? Acho que há romance no ar. Já viu o ar de bobo dele quando olha para ela? Ela podia derrubá-lo com uma piscadela.

— Parem de fofocar! — repreendeu Grace, que estava sentada no banco traseiro.

— Olha só quem fala — disse Celestina. — Quem foi que disse pra gente que viu os dois sentados de mãos dadas no balanço da varanda da frente? — Aquilo não foi fofoca — insistiu Grace. — Eu só estava dizendo a vocês que Paul consertou o balanço.

— E quando você saiu com Agnes para fazer compras e ela comprou para ele aquela camisa esporte sem nenhum motivo, só porque achou que ele ia ficar bonito nela? — Só falei sobre isso porque era uma camisa muito bonita, e achei que você talvez quisesse comprar uma para o Wally — defendeu-se novamente Grace.

— Wally, estou preocupada. Estou muito, muito preocupada. Minha mamãe vai comprar uma passagem de primeira classe para o poço ardente se não parar com esses fuxicos.

— Dou no máximo três meses para ele fazer o pedido — disse Grace.

Virando-se no banco da frente, sorrindo para a mãe, Celestina disse: — Um mês.

— Se ele e Agnes fossem da sua idade, eu concordaria. Mas ela tem dez anos a mais que você, e ele tem vinte, e nenhuma geração anterior foi tão ousada quanto a sua.

— Casando com homens brancos e coisas do gênero — provocou Wally.

— Exatamente — replicou Grace.

— Cinco semanas, no mínimo — disse Celestina, revisando para cima a sua previsão.

— Dez semanas — disse Grace.

— O que eu ganho se estiver certa? — perguntou Celestina.

— Farei os seus serviços de casa por um mês. Se eu estiver mais perto da data, você limpará toda a sujeira que as tortas deixam na cozinha por um mês. As formas, as panelas, as batedeiras, tudo.

— Feito.

Na frente da fila, Paul acenou um lenço vermelho pela janela da perua.

Dando a partida no Suburban, Wally comentou: — Não sabia que batistas faziam apostas.

— Isto não foi uma aposta — declarou Grace.

— Exatamente — disse Celestina a Wally. — Não foi uma aposta. O que tem de errado com você? — Se não foi uma aposta, o que foi então? — perguntou Wally.

— Ora, confraternização de mãe e filha — disse Grace.

— Sim, confraternização — concordou Celestina.

A perua começou a andar, a Kombi a seguiu e Wally engatou a primeira marcha.

— Carroças, avante! — anunciou.



Na manhã em que aconteceu, Barty tomou o café da manhã na cozinha dos Lampion com Anja, tio Jacó e dois amigos sem cérebros.

Jacó serviu pão de milho, omeletes com queijo e batatas chips com uma pitada de sal de alho.

A mesa redonda dava para seis pessoas, mas eles precisavam de apenas três cadeiras, porque os dois amigos sem cérebros eram um par de bonecas de Anja.

Enquanto comia, Jacó folheava um novo livro sobre desastres de represas. Ele falava mais para si mesmo que para Barty e Anja, enquanto lia em voz alta partes do texto e olhava as figuras. “Meu Deus!”, dizia num tom solene. Ou com tristeza: “Que coisa horrível.” Ou ainda, com indignação: “Um crime. Um crime que tenham construído tão mal essa represa.” Algumas vezes ele estalava a língua, suspirava, ou gemia de pena.

Estar cego tinha poucas consolações, mas Barty descobrira que não ser capaz de ver os arquivos e livros de seus tios era uma delas. No passado, ele nunca quisera, de coração, ver aquelas fotos de pessoas mortas assadas em incêndios em teatros e corpos afogados flutuando em ruas inundadas, mas algumas vezes tinha espiado. Sua mãe teria ficado envergonhada dele se tivesse descoberto sua transgressão. Mas o mistério da morte tinha uma atração inegável, e às vezes uma boa história de detetives do Padre Brown não era suficiente para satisfazer sua curiosidade. Ele sempre se arrependia de olhar essas fotos e ler os relatos sórdidos de desastres, e agora a cegueira poupava-o desse arrependimento.

Quando tomava o café da manhã com Anja, em vez de apenas com tio Jacó, Barty ao menos tinha alguém com quem falar, mesmo se ela insistisse em falar mais através de suas bonecas do que diretamente com ele.

Aparentemente, as bonecas estavam na mesa, mantidas em pé por arcos de cabelo. A primeira, Srta. Pixie Lee, tinha uma voz alta e esganiçada. A segunda, Srta. Velveeta Queijo, expressava-se segundo a ideia de uma menina de três anos de como falava uma mulher sofisticada, de voz rouca, embora aos ouvidos de Barty a sonoridade era mais adequada a um ursinho de pelúcia.

— Você está muito, muito bonito esta manhã, Sr. Barty — cacarejou Pixie Lee, que adorava flertar com ele. — Está parecendo um ator de cinema.

— Está gostando do seu café, Pixie Lee? — Gostaria que tivéssemos Kix ou Cheerios com leite achocolatado.

— Bem, o tio Jacó não entende crianças. Mesmo assim, isto está muito gostoso. — Jacó grunhiu, mas provavelmente não porque ouvira o que fora dito sobre ele; era mais provável que tivesse virado uma página e encontrado uma foto de gado morto empilhado como lenha de fogueira contra o Salão da Legião Americana em alguma cidade castigada por uma enchente no Arkansas.

Lá fora motores começaram a funcionar, e a caravana das tortas saiu do caminho de acesso.

— Em minha casa na Geórgia, comemos froot Loops com leite achocolatado no jantar.

— Todo mundo na sua casa deve ter caganeira.

— O que é caganeira? — Diarreia.

— O que é dia... esse negócio que você disse? — Uma vontade ininterrupta e incontrolável de fazer cocô.

— Você é nojento, Sr. Barty. Ninguém tem caganeira na Geórgia. — Anteriormente, a Srta. Pixie Lee fora oriunda do Texas, mas recentemente Anja ouvira dizer que a Geórgia era famosa por seus pêssegos, o que imediatamente capturara sua imaginação. Agora Pixie Lee tinha uma nova vida numa mansão da Geórgia esculpida num pêssogo gigante.

— Eu sempre como cavijar no café da manhã — disse Veeeta Queijo com sua voz de ursinho de pelúcia.

— É caviar.

— Não me diga como falar as palavras, Sr. Barty.

— Certo, mas então você vai ser uma cabeça de queijo ignorante.

— E eu bebo champanhe o dia inteiro — disse a Srta. Queijo, pronunciando “chum-pã-heim”.

— Eu também ficaria bêbado o tempo todo, se o meu nome fosse Velveeta Queijo.

— Está muito bonito com os seus olhos novos, Sr. Barty — comentou Pixie Lee. — Barty estava com os olhos artificiais há quase um mês. Fora submetido a uma cirurgia para ter os músculos oculares anexados à conjuntiva, e todo mundo lhe disse que a aparência e o movimento eram absolutamente reais. Na verdade disseram-lhe isso com tanta frequência na primeira ou na segunda semana, que chegara a

desconfiar que seus olhos estavam totalmente fora de controle e girando como ioiôs.

— Podemos ouvir um livro falante depois do café da manhã? — perguntou a Srta. Velveeta Queijo.

— Não sei se é boa ideia — disse Barty. — Vou começar a ouvir agora O médico e o monstro, que talvez seja assustador demais.

— Nós não ficamos assustadas.

— Ah, não? Lembra da aranha, na semana passada? — Eu não fiquei com medo de uma aranha velha e boba — insistiu Anja com sua própria voz.

— Então que gritaria toda foi aquela? — Eu queria que todo mundo viesse ver a aranha, só isso — argumentou Anja. — Era um inseto nojento muito interessante.

— Você ficou com tanto medo que teve caganeira.

— Se um dia eu tiver caganeira, você vai saber — disse Anja. E então, na voz de queijo: — Podemos ouvir o livro falar no seu quarto? O quarto de Barty ficava no segundo andar. Anja gostava de ficar empoleirada na poltrona diante da janela do quarto, com um bloco de desenho no colo, olhando de cima para o carvalho, fazendo desenhos inspirados em coisas que ouvira no livro que ele estava escutando no momento. Todos diziam que ela era uma artista muito boa para uma menina de três anos e Barty queria poder ver o quanto ela era boa. Também queria poder ver Anja, apenas uma vez.

— Estou falando sério, Anja — disse Barty, com preocupação genuína.

— Pode ser assustador. Mas tenho outro que podemos ouvir, se você quiser.

— Queremos o assustador, especialmente se tiver aranhas — disse Pixie Lee, a voz esganiçada carregada de desafio.

— Tá bom, o assustador.

— Às vezes eu até como aranhas com o meu caviar.

— E depois eu é que sou nojento.

Na manhã em que aconteceu, Esaú acordou mais cedo, despertado por um pesadelo com rosas.

No sonho ele tem dezesseis anos, mas é acometido pelo equivalente a trinta anos de dor. O quintal dos fundos. Verão. Dia

quente, o ar parado e pesado como água num lago sereno, carregado com fragrância de jasmim.

Debaixo do carvalho imenso. Grama reluzindo como se besuntada pelo sol amanteigado, e verde-escuro onde as sombras dos galhos e das folhas deitam sobre ela. Corvos gordos, negros como resíduos da noite que resistiram ao alvorecer, voam para fora e para dentro da árvore, de galho em galho, grasnando excitados. Os únicos outros sons são os baques surdos de punhos golpeando com muita força, e a respiração pesada de seu pai enquanto administra a punição. Esaú está deitado com o rosto encostado na grama, calado porque está quase inconsciente, espancado demais para protestar ou rogar misericórdia, mas também porque até gritar de dor será um convite a uma disciplina mais violenta do que o espancamento que já sofreu. O pai está montado sobre Esaú, desferindo com seus punhos grandes socos brutais nas costas e nas costelas do filho. Sendo a propriedade enclausurada por cercas altas e sebes vivas, os vizinhos não podem ver, mas alguns sabem, sempre souberam, e nutrem menos interesse naquilo que os corvos. Caído na grama, em fragmentos: o troféu quebrado pela rosa premiada, símbolo de seu orgulho pecaminoso, o seu único momento brilhante mas também seu maior pecado. Primeiro golpeado com o troféu, depois com os punhos. E agora, aqui, depois que o pai o vira de barriga para cima, rosas empurradas contra o seu rosto, esmagadas e esfregadas no seu rosto, espinhos rasgando sua pele, perfurando os lábios.

Seu pai, alheio aos ferimentos que ele próprio recebeu, tentando forçar Esaú a abrir a boca. “Coma o seu pecado, menino, coma o seu pecado!” Esaú resiste a comer o seu pecado, mas sente medo, terror, por seus olhos.

Os espinhos estão tão perto de seus olhos, pontos verdes penteando seus cílios. Está fraco demais para resistir, desarmado pela ferocidade do espancamento e pelos anos de medo e humilhação. Assim abre a boca, só para pôr fim àquilo, apenas para que chegue logo o fim, abre a boca, deixa as rosas serem enfiadas nela, o sabor verde amargo do suco expurgado dos talos, espinhos contra sua língua. Agnes no quintal, gritando “Pára com isso, pára com isso.” Agnes, apenas dez anos de idade, magra e trêmula, mas ardente de indignação, até agora

retransida por seu próprio medo, pela lembrança de todos os espancamentos que ela mesma sofrera. Ela grita com seu pai e o golpeia com um livro que trouxe da casa. A Bíblia. Ela enfrenta o pai com a Bíblia, da qual ela leu para eles cada noite de suas vidas. Ele larga as rosas, arranca o livro sagrado das mãos de Agnes, arremessa-o através do quintal. Pega um punhado de rosas esmigalhadas, determinado a fazer o filho prosseguir seu jantar de pecado, mas aqui vem Agnes mais uma vez, Bíblia recuperada, brandindo-a contra ele, e agora ela diz o que todos eles sabem ser a verdade, mas que nenhum deles jamais ousou dizer, o que até a própria Agnes jamais ousará dizer novamente depois deste dia, não enquanto o velho viver, mas ela ousa dizer agora, brandindo a Bíblia para que o pai possa ver a cruz dourada na capa de imitação de couro. “Assassino”, diz Agnes. “Assassino.” E Esaú sabe que agora eles podem se considerar mortos, que o pai, possuído pela fúria, irá chaciná-los bem aqui, neste minuto. “Assassino”, repete Agnes, acusadora, por trás do escudo da Bíblia, e ela não quer dizer que ele esteja matando Esaú, mas que matou a mãe deles, que eles o ouviram na noite, três anos antes, quando ouviram a luta curta mas violenta, e sabem que o que aconteceu não foi acidente. Rosas caem das mãos laceradas do pai, uma cortina de pétalas amarelas e pétalas vermelhas. Ele levanta e dá um passo na direção de Agnes, os punhos avermelhados gotejando o seu próprio sangue e o de Esaú. Agnes não recua, mas golpeia-o com o livro, e raios de sol cintilantes acariciam a cruz. Em vez de arrancar o livro novamente das mãos da menina, o pai recua, caminha até a casa, certamente para voltar com um porrete ou um cutelo... mas eles não o verão mais neste dia. Então Agnes — com pinças para os espinhos, com uma bacia cheia de água quente e pano limpo, com iodo, Neosporin e ataduras — ajoelha-se ao lado de Esaú no jardim. Jacó também chega, saindo de detrás do varal de roupas na varanda, de onde testemunhara tudo, oculto por um pano de mesa. Ele treme, chora, abalado pelo constrangimento de não ter intervindo, embora tenha sido sensato esconder-se, porque o espancamento disciplinar de um gêmeo invariavelmente conduz ao espancamento despropositado do outro.

Agnes gradualmente acalma Jacó envolvendo-o no tratamento dos ferimentos do seu irmão, e a Esaú ela diz, como fará muitas vezes

depois: “Eu amo as suas rosas, Esaú. Amo as suas rosas. Deus ama as suas rosas, Esaú.” Acima de suas cabeças, as asas afoitas aquietam-se para um adejar suave, e os corvos se calam. O ar fica parado e pesado como a água numa lagoa oculta dentro de uma clareira secreta, no jardim perfeito dos que não caíram...

Beirando os quarenta anos de idade, Esaú ainda sonhava com aquela funesta tarde de verão, embora não tão frequentemente quanto no passado.

Quando ela atormentava o seu sono era como um pesadelo que gradualmente se metamorfoseava num sonho de ternura e esperança. Até alguns anos atrás, ele sempre acordara quando as rosas eram enfiadas em sua boca ou quando os espinhos roçavam seus cílios, ou quando Agnes começava a atacar o pai com a Bíblia, desta forma parecendo assegurar uma punição pior. Este ato adicional, esta transição do horror para a esperança antes de acordar, fora acrescentada quando Agnes estava grávida de Barty. Esaú não sabia por que isso tinha acontecido, e não tentara analisar o fenômeno. Simplesmente estava agradecido pela mudança, porque agora ele acordava num estado de paz, jamais sentindo nada pior que um arrepio, não mais com um grito rouco de agonia.

Nesta manhã de março, minutos depois da caravana da torta ter partido, Esaú tirou seu Ford Country Squire da garagem e dirigiu até a floricultura, que abria cedo. A primavera estava próxima, e seria preciso trabalhar muito para fazer o adubo do rosário que Joey encorajara-o a restaurar. Ele contemplava alegremente horas manuseando plantas, ferramentas e suprimentos de jardinagem.

Na manhã em que aconteceu, Tom Vanadium acordou mais tarde que de costume, barbeou-se, tomou banho e em seguida usou o telefone no escritório do andar térreo da casa de Paul para telefonar para Max Bellini em San Francisco e para falar também com autoridades nos departamentos de polícia do Oregon e de Spruce Hills.

Ele estava inquieto, o que era incomum. Sua natureza estoica, sua filosofia há muito aprendida com os jesuítas a respeito da aceitação dos eventos à medida que se desenrolavam, e a paciência desenvolvida por um detetive de homicídios, eram insuficientes para impedir que a frustração fincasse raízes nele. Nos mais de dois meses desde que Enoch

Caim havia desaparecido, após o assassinato do reverendo White, nenhum rastro do assassino tinha sido encontrado. Semana a semana, a semente de frustração tinha crescido para uma árvore e então para uma floresta, até um ponto em que Tom iniciasse cada manhã olhando através de um emaranhado de ramos de impaciência.

Devido aos eventos relacionados a Barty e a Anja em janeiro, Celestina, Grace e Wally não eram mais pessoas sem lar aguardando para retornar a San Francisco. Eles tinham começado vida nova aqui em Bright Beach e, a julgar por todos os indícios, ficariam tão felizes e ocupados com trabalho útil quanto era possível estar neste lado atribulado da sepultura.

O próprio Tom decidira construir uma vida nova aqui, ajudando Agnes com seu mundo continuamente em expansão. Ainda não tinha certeza se isso incluiria a rededicação aos votos e uma volta à batina, ou se passaria o resto de seus dias em trajes civis. Estava postergando essa decisão até que o caso Caim fosse resolvido.

Ele não podia mais se aproveitar da hospitalidade de Paul Damascus.

Desde que trouxera Wally para a cidade, Tom estivera acomodado no quarto de hóspedes de Paul. Ele sabia que era bem-vindo indefinidamente, e o senso familiar que encontrara com estas pessoas apenas tinha crescido desde janeiro; mesmo assim, sentia que estava abusando.

Os telefonemas para Bellini em San Francisco e para outros no Oregon foram feitos com preces por notícias, mas elas não foram atendidas. Caim não tinha sido visto, ouvido, farejado, intuído ou localizado pelos pretensos clarividentes que haviam sido convocados para o caso sensacional.

Aumentando ainda mais o terreno da sua floresta de frustração, Tom levantou-se da escrivaninha do escritório, pegou o jornal deixado na porta da frente e foi até a cozinha fazer seu café matutino. Ele ferveu uma chaleira de líquido forte e sentou-se à mesa de pinho nodoso com uma caneca de café fumegante sem açúcar.

Ele quase abriu o jornal sobre a moeda de 25 cents antes de vê-la.

Reluzente. A palavra liberdade curvada sobre o topo da moeda, em cima da cabeça do patriota, e debaixo do queixo do patriota estavam cunhadas as palavras da frase Em Deus confiamos.

Tom Vanadium não era alarmista, e a explicação mais lógica ocorreu-lhe primeiro. Paul quisera aprender a fazer uma moeda rolar sobre os nós de seus dedos e, apesar de ter uma péssima coordenação motora, ele praticava de vez em quando. Decerto Paul sentara-se à mesa esta manhã — ou mesmo na noite passada, antes de ir para a cama —, deixando a moeda cair de novo e de novo, até perder a paciência.

Wally desfizera-se de suas propriedades em San Francisco sob a supervisão atenta de Tom. Qualquer tentativa em seguir seu rastro de San Francisco até Bright Beach fracassaria. Os veículos de Wally tinham sido comprados através de uma corporação e sua casa nova fora comprada através de um fundo em nome da falecida esposa.

Celestina, Grace, até o próprio Tom, haviam tomado medidas extraordinárias para não deixar o menor rastro. Aquelas pouquíssimas autoridades que sabiam como chegar a Tom e — através dele — aos outros, sabiam muito bem que seu paradeiro e número de telefone deviam ser guardados.

A moeda, prateada. Debaixo do pescoço do patriota, a data: 1965. Por coincidência, o ano em que Naomi fora assassinada. O ano em que Tom conhecera Caim. O ano em que tudo isto havia começado.

Quando Paul praticava o truque com a moeda, ele geralmente o fazia no sofá ou numa poltrona, e sempre num aposento atapetado, porque quando a deixava cair numa superfície dura, a moeda rolava e exigia uma busca intensa.

De um armário de utensílios culinários Tom retirou uma faca. A lâmina maior e mais afiada na pequena coleção.

Ele deixara seu revólver no andar superior, numa mesa-de-cabeceira.

Mesmo convicto de estar exagerando em sua reação, Tom saiu da cozinha como faria um tira, não um padre: mantendo o corpo curvado, faca empunhada à frente, passando rápido através da moldura da porta.

Da cozinha para a sala de jantar, da sala de jantar para o corredor, mantendo-se de costas para a parede, e então para a ante-

sala. Esperou ali em silêncio, atento para qualquer som.

Tom estava sozinho. O lugar devia estar silencioso. Hanna Rey, a governanta, não devia chegar até as dez horas.

Um silêncio profundo de tempestade, o momento antes do trovão, a casa imersa em silêncio absoluto.

A busca por Caim era secundária. Pegar o revólver era a prioridade.

Recuperar a arma e em seguida percorrer de uma sala assombrada para a seguinte. Caçando-o, se ele estava aqui. E se Caim não o caçasse primeiro.

Tom subiu a escada.

Tio Jacó, cozinheiro, babá e connoisseur de mortes na água, limpou a mesa e lavou os pratos enquanto Barty dedicava-se pacientemente a uma conversa pós-prandial com Pixie Lee e a srta. Velveeta Queijo, cujo nome não era um título honorário obtido num concurso de beleza patrocinado pela Kraft Foods, conforme ele pensara inicialmente, mas que, segundo Anja, era a irmã “boa” do mentiroso homem do queijo nos comerciais de televisão.

Pratos lavados e guardados, Barty e Anja subiram para o quarto do menino, onde o livro que falava os esperava pacientemente, em silêncio.

Com seus lápis coloridos e um bloco grande de papel de desenho, Anja escalou a poltrona diante da janela. Barty sentou-se na cama e ligou o toca-fitas que ficava na mesinha-de-cabeceira.

As palavras de Robert Louis Stevenson, bem lidas, chegaram de outro tempo e espaço até este quarto com a suavidade de limonada vertendo de uma jarra para um copo.

Uma hora depois, quando decidiu que queria um refrigerante, Barty desligou o livro e perguntou a Anja se ela queria beber alguma coisa.

— A coisa de laranja — disse ela. — Deixa que eu pego.

Às vezes Barty podia ser feroz em sua independência — sua mãe já lhe dissera isso —, e agora respondeu asperamente a Anja.

— Não quero que me sirvam. Não sou inútil, você sabe. Eu mesmo posso pegar os refrigerantes. — Quando alcançou a porta, já estava arrependido por seu tom e olhou para trás, na direção da

poltrona onde a menina devia estar. — Anja? — Que é? — Desculpe, eu fui grosso.

— E bota grosso nisso.

— Não, estou dizendo que fui grosso agora.

— Mas não foi só agora.

— Quando mais? — Com a Srta. Pixie e a Srta. Velveeta.

— Desculpe por isso também.

— Tudo bem — disse a menina.

Enquanto Barty passava pela porta para o corredor superior da casa, a srta. Pixie Lee comentou: — Você é uma gracinha, Barty. — Ele suspirou.

— Quer ser o meu namorado? — perguntou a Srta. Velveeta, que até agora não tinha demonstrado inclinações românticas.

— Vou pensar no assunto — prometeu Barty.

No corredor, cada passo medido, permaneceu perto da parede mais distante da escadaria.

Em sua mente, ele carregava um mapa da casa desenhado com mais precisão do que qualquer coisa que pudesse ter sido preparada por um arquiteto. Ele conhecia cada centímetro do lugar e ajustava seu ritmo e todos os seus cálculos mentais mensalmente para compensar seu crescimento estável. Tantos passos daqui até ali. Cada volta e cada peculiaridade no assoalho guardada indelevelmente na memória. Uma jornada como esta era um problema matemático complexo, mas sendo um prodígio matemático ele se movia por sua casa com quase a mesma facilidade de quando desfrutara da visão.

Barty não confiava em sons para ajudá-lo a encontrar seu caminho, embora aqui e ali algum servisse como marco de seu progresso. A vinte passos de seu quarto, uma tábua guinchou quase inaudivelmente sob o tapete do corredor. Ele não precisava desse rangido abafado para saber precisamente onde estava, mas isso sempre o reconfortava.

Seis passos depois da tábua solta no assoalho Barty teve a estranha sensação de que alguém estava no corredor com ele.

Também não confiava no sexto sentido, que alguns cegos alegavam possuir, para detectar obstáculos ou espaços abertos. De vez em quando, o instinto dizia-lhe que em seu caminho havia um objeto

que normalmente não deveria estar ali; mas na maioria das vezes essas coisas não eram detectadas, e a não ser que ele estivesse usando a sua bengala, ele tropeçava nelas. O sexto sentido era uma coisa superestimada.

Se havia alguém com ele aqui no corredor, não podia ser Anja, porque ela estaria matraqueando numa voz ou noutra. Tio Jacó jamais brincaria com ele deste jeito, e não havia mais ninguém na casa.

Mesmo assim, afastou-se da parede e, com as mãos estendidas até o comprimento total do braço, ele se virou, sentindo o mundo escuro ao seu redor. Nada. Ninguém.

Procurando livrar-se deste caso incomum de medo despropositado, Barty caminhou até a escada. No instante em que alcançou o pilar central da escada em espiral, escutou a tábua solta ranger baixinho atrás dele.

Virou-se, piscando os olhos de plástico, e disse: — Olá? Ninguém respondeu.

Casas faziam ruídos estranhos o tempo todo. Era por causa disso que ele não podia confiar muito nos sons para guiá-lo através da escuridão. Um ruído que ele pensasse ter sido feito pelo peso de seu corpo ao dar um passo poderia muito bem ter sido gerado pela casa enquanto se ajustava às condições atmosféricas ou à idade.

— Olá? — repetiu Barty e mais uma vez ninguém respondeu.

Convencido de que a casa estava pregando peças nele, Barty desceu a escada, passo a passo, até a sala no térreo.

Enquanto passava pelo arco na sala de estar, disse: — Cuidado com as enchentes, tio Jacó.

Cativado pelas catástrofes causadas por represas, tão absorto por seu livro que talvez tivesse entrado magicamente nele e fechado a capa, tio Jacó não respondeu.

Barty seguiu do corredor no térreo para a cozinha, pensando no médico Dr. Jekyll e no monstro Sr. Hyde.

Capítulo 81

MÃO ESQUERDA NO CORRIMÃO, mão direita segurando a faca de cozinha e recolhida contra a lateral do corpo, preparada para desferir uma punhalada, Tom Vanadium galgou cautelosa mas rapidamente os degraus até o andar superior, olhando sobre o ombro duas vezes, para ter certeza de que Caim não o seguia.

Ao longo do corredor até este quarto. Rápido e abaixado através do pórtico. Atento para a porta do armário, entreaberta em cinco centímetros.

No caminho inteiro até a mesinha-de-cabeceira, esperou descobrir que o revólver tinha sido tirado da gaveta. Mas aqui ele estava. Carregado.

Largou a faca e pegou a arma de fogo.

Separado dos tempos de seminarista por uma distância de quase trinta anos — ou até mais, se medisse em graus de inocência perdida ou em quilômetros de experiência violenta —, Tom Vanadium saiu para matar um homem. Se tivesse uma chance de desarmar Caim, se tivesse uma oportunidade de simplesmente feri-lo, ele ainda assim tentaria acertar sua cabeça ou seu coração, agir como júri e executor, brincar de Deus, e deixar a Deus o julgamento de sua alma maculada.

De um cômodo para o outro através do andar superior. Checando armários. Atrás de móveis. Banheiros. Nos espaços privados de Paul. Nada de Caim.

Descendo as escadas, chegou ao andar térreo com rapidez e silêncio, a respiração contida o tempo inteiro, atento para sons emitidos por outra pessoa, atento para um guinchar suave dos sapatos de sola de borracha, embora não fosse se surpreender com o trotar de cascos fendidos e um cheiro de enxofre. Finalmente saiu para a cozinha, onde delineou uma volta completa em torno da moeda reluzente sobre a mesa de café. Nada de Caim.

Ele provavelmente estaria se sentindo um idiota seja não tivesse uma experiência tão grande com Enoch Caim. Este era um alarme falso, mas, considerando a natureza do inimigo, não seria má ideia treinar de vez em quando.

Pousando o revólver sobre o jornal, deixou-se desabar na cadeira. Pegou seu café. A busca pela casa tinha sido conduzida com

tanta urgência que a porcelana ainda estava agradavelmente quente.

Segurando a caneca na mão direita, Tom pegou a moeda e a fez rolar pelos nós dos dedos de sua mão esquerda. A moedinha era de Paul, afinal de contas. Uma tentação barata para o pânico.

Tão bem-dotado com coordenação motora quanto era com beleza máscula, Júnior moveu-se até o quarto com graça felina e parou no pórtico, encostando-se à moldura da porta.

No fundo do quarto, a menina sentada à janela não demonstrou qualquer consciência de sua chegada. Estava sentada de lado para ele, com suas costas contra uma parede, joelhos dobrados, um grande bloco de desenho apoiado sobre suas coxas, trabalhando intensamente com seus lápis de cor.

Através da janela grande às suas costas, os galhos do carvalho imenso formavam uma cama-de-gato contra o céu, suas folhas tremendo levemente, como se a própria natureza temesse o que Caim Júnior era capaz de fazer.

Na verdade, a árvore o inspirou. Depois de atirar na menina, ele abriria a janela e jogaria seu corpo no carvalho. Deixaria que Celestina a encontrasse ali, estatelada sobre galhos numa versão livre da crucificação.

A sua filha, sua aflição, sua mesa de tortura, neta do batista feiticeiro provocador de bolhas...

Depois que um cirurgião perfurou 54 bolhas e cortou as 31 mais intratáveis (raspando a cabeça do paciente para chegar às doze que infestavam seu escalpo), depois de três dias de hospitalização para protegê-lo de uma infecção de estafilococos, e depois que foi mandado de volta para o mundo tão careca quanto Pinduca e com uma promessa de cicatrizes permanentes, Júnior visitou a biblioteca de Reno para se colocar em dia com os acontecimentos.

O assassinato do reverendo White recebera cobertura significativa em toda a nação, especialmente nos jornais da Costa Oeste, devido à possibilidade de motivação racial e ao incêndio da paróquia.

A polícia identificou Júnior como o principal suspeito, e os jornais estamparam sua fotografia na maioria das matérias. Eles se referiram a ele como “bonito”, “deslumbrante”, “um homem com a

beleza de um astro de cinema”. Dizia-se que ele era bem conhecido entre a comunidade de arte de vanguarda de San Francisco.

Júnior ficou emocionado quando descobriu que Sklent foi citado como tendo-o descrito como “uma figura carismática, um pensador profundo, um homem com excelente gosto artístico... tão inteligente que poderia matar e fugir com a facilidade com que uma pessoa comum se safaria após estacionar em lugar proibido”. “São pessoas como ele”, continuou Sklent, “que confirmam a visão do mundo que informa a minha pintura.” Júnior considerou a aclamação gratificante, mas a ampla divulgação de sua fotografia era um preço alto a pagar pelo reconhecimento de sua contribuição à arte. Felizmente, com sua cabeça raspada e rosto esburacado, ele não mais se parecia com o Enoch Caim que as autoridades estavam procurando. E acreditavam que as ataduras em seu rosto, na igreja, tinham sido meramente um disfarce exótico. Um psicólogo até mesmo especulara que as ataduras tinham sido uma expressão da culpa e da vergonha que ele sentia num nível subconsciente. Sim, claro. Para Júnior, — o Ano Chinês do Macaco — seria o Ano do Cirurgião Plástico. Ele precisaria de um longo tratamento de dermabrasão para recuperar a lisura e o tom de sua pele, para voltar a ser tão irresistivelmente beijável como antes. E, durante o processo, precisaria de cirurgias para realizar mudanças sutis em suas feições. Seria um procedimento arriscado. Ele não queria abdicar da perfeição para obter o anonimato. Precisava cuidar para que sua aparência pós-cirúrgica — depois que os cabelos tivessem crescido e ele talvez os tivesse pintado — fosse tão atraente às mulheres quanto a anterior.

Segundo os jornais, a polícia também creditava a ele os assassinatos de Naomi, Victoria Bressler e Ned Gnathic (que eles tinham conectado a Celestina). Ele também era procurado pela tentativa de assassinato do Dr.

Walter Lipscomb (evidentemente, Ichabod), pela tentativa de assassinato de Grace White e pelo ataque com intenção assassina a Celestina White e sua filha, Anja, e pelo ataque a Lenora Kickmule (cujo Pontiac com cauda de raposa amarrada na antena tinha sido roubado em Eugene, Oregon).

Júnior visitara a biblioteca para confirmar que Harrison White estava inquestionavelmente morto. Ele tinha atirado no homem quatro

vezes.

Duas balas no tanque de combustível do Pontiac roubado haviam destruído a paróquia e deviam ter incinerado o pastor. Mas quando se lida com magia negra, cautela nunca é demais.

Depois de ler um número de reportagens sensacionalistas suficientemente grande para convencê-lo de que o pastor lançador de pragas estava inegavelmente morto, Júnior obteve quatro peças de informação surpreendentes. Três eram de importância vital para ele.

Primeira: Victoria Bressler estava listada como uma de suas vítimas, embora até onde soubesse as autoridades ainda tivessem todos os motivos para atribuir a ela o assassinato de Vanadium.

Segunda: Thomas Vanadium não tinha recebido qualquer menção; portanto, seu corpo não fora achado no lago. Ele ainda devia estar sob suspeita no caso Bressler. E se novas provas tinham-no livrado das suspeitas, então seu desaparecimento deveria ter sido mencionado, e ele deveria ter sido listado como outra vítima possível da Múmia Assassina, do Monstro Mascarado, como os tabloides tinham alcunhado Júnior.

Terceira: Celestina tinha uma filha. Não um menino chamado Bartholomew. Serafina havia parido uma menina. Chamada Anja. Isso deixou Júnior tão confuso quanto surpreso.

Bressler mas não Vanadium. Uma menina chamada Anja. Alguma coisa estava errada aqui. Havia alguma coisa de podre neste reino.

Quarta e última peça de informação: Júnior ficou surpreso em saber que Kickmule era um sobrenome legítimo. Esta informação não era de importância para ele, mas se um dia suas identidades Gammoner e Pinchbeck fossem comprometidas e ele precisasse de uma identidade falsa num novo nome, Júnior batizaria a si mesmo como Eric Kickmule. Ou possivelmente Wolfgang Kickmule. Isso daria a ele um ar de durão. Quem ia bancar o esperto com um homem cujo nome insinuava que ele chutava mulas? Quanto à perturbadora questão da filha de Serafina, Júnior inicialmente decidiu voltar a San Francisco e torturar Nolly Wulfstan para arrancar dele a verdade. Mas então compreendeu que tinha sido indicado a Wulfstan pelo mesmo homem que lhe dissera que

Thomas Vanadium estava desaparecido e que era tido como o assassino de Victoria Bressler.

Portanto, depois de esperar dois meses para que o caso superquente de Harrison White esfriasse, Júnior voltou a Spruce Hills, viajando careca e com a cara esburacada e se passando por Pinchbeck, sob a cobertura da noite.

Depois seguiu de carro de Spruce Hills para Eugene; de Eugene até o aeroporto do condado de Orange num avião alugado; de Orange para Bright Beach num Oldsmobile 1968 roubado, enquanto a vantagem da surpresa continuava com ele. Portando uma recém-adquirida pistola de mm com silenciador, cartuchos de munição sobressalentes, três facas afiadas, um destravador automático policial, e uma bagagem gelada, Júnior chegou no final da noite anterior.

Ele tinha entrado silenciosamente na casa de Damascus, onde passara a noite.

Poderia ter matado Vanadium enquanto o policial dormia; contudo, isso teria sido bem menos satisfatório do que realizar uma pequena guerra psicológica e deixar o maldito bastardo vivo para sofrer remorso quando duas crianças morressem sob sua guarda.

Além disso, Júnior estava relutante em matar Vanadium, para valer desta vez, e correr o risco de que o seu espírito de macaco sujo realmente viesse assombrá-lo.

Os fantasmas de duas crianças não o preocupavam. No máximo, seriam umas mosquinhas espirituais.

Esta manhã, Damascus saía da casa cedo, antes de Vanadium descer para o térreo, o que era perfeito para os propósitos de Júnior. Enquanto o tira maníaco terminava de se barbear e tomar banho, Júnior subira até o andar de cima para checar o seu quarto. Descobriria o revólver no segundo dos três lugares em que esperava encontrá-lo, fez seu trabalho e devolveu a arma à mesinha-de-cabeceira na mesma posição em que a achara. Depois de quase cruzar com Vanadium no corredor, retornara ao térreo. Depois de procurar durante algum tempo o local mais eficaz, ele deixou a moeda e a bagagem — no instante exato em que Vanadium, o tronco vivo, descia ruidosamente as escadas. Júnior fora submetido a um atraso inesperado quando o detetive passara meia hora dando telefonemas do escritório, mas então

Vanadium fora para a cozinha, deixando-o sair da casa e completar seu serviço.

Então Júnior viera diretamente para cá.

Anja, na poltrona diante da janela, usava apenas roupas brancas. Tênis e meias brancas. Calças brancas. Camisa de malha branca. Dois arcos brancos nos cabelos.

Para parecer inteiramente como o seu nome sugeria, ela precisava apenas de asas brancas. Ele iria dar-lhe suas asas: um vôo curto pela janela, para o carvalho.

— Você veio ouvir o livro que fala? — indagou a menina.

Anja não tinha levantado os olhos de seu desenho. Embora Júnior até agora pensasse que ela não o vira, a menina aparentemente estivera ciente dele o tempo inteiro.

Desencostando do pórtico e entrando no quarto, Júnior perguntou: — E que livro é esse? — Ele agora está falando sobre um médico maluco.

Em suas feições, a menina lembrava inteiramente a mãe. Ela não tinha qualquer semelhança com Júnior. Apenas o tom castanho-claro de sua pele evidenciava que ela não tinha derivado de Serafina por partenogênese.

— Não gosto desse médico maluco — sentenciou Anja, ainda desenhando. — Eu preferia que a história fosse sobre coelhinhos viajando pelo mundo... ou talvez sobre um sapo que aprende a dirigir um carro e vive aventuras.

— Onde a sua mãe está esta manhã? — indagou.

Júnior achara que para chegar às duas crianças teria de matar muito mais do que apenas um adulto. Mas a casa dos Lipscomb revelara-se vazia, e a sorte dera-lhe de bandeja o menino e a menina juntos, com apenas um guardião.

— Ela está levando as tortas pra passear de carro — disse Anja. — Qual é o seu nome? — Wolfgang Kickmule.

— Que nome bobo.

— Não é bobo, não.

— O meu nome é Pixie Lee.

Júnior caminhou até a poltrona e baixou os olhos para olhar a menina.

- Acho que isso não é verdade.
- É mais verdade que a verdade — insistiu Anja.
- O seu nome não é Pixie Lee, sua garotinha mentirosa.
- Bem, com certeza não é Velveeta Queijo. E não seja grosso.

Os diversos sabores de refrigerante em lata sempre eram guardados na mesma ordem, permitindo a Barty escolher qual ele queria sem erro. Ele pegou sabor laranja para Anja, gengibirra para si mesmo, e fechou a geladeira.

Refazendo a sua trilha através da cozinha, sentiu um cheiro leve de jasmim vindo do quintal dos fundos. Engraçado isso, cheiro de jasmim aqui dentro. Dois passos depois, sentiu um pé-de-vento.

Parou, fez um cálculo rápido, virou-se e caminhou até onde a porta dos fundos devia estar. Encontrou-a aberta até a metade.

Devido aos ratos e à poeira, as portas na casa dos Lampion jamais eram deixadas entreabertas, quanto mais tão abertas assim.

Segurando a maçaneta, Barty inclinou-se através do pórtico, ouvindo o dia. Pássaros. O farfalhar das folhas ao vento. Ninguém na varanda.

Mesmo quando tentavam fazer silêncio, as pessoas sempre faziam um pouco de barulho.

— Tio Jacó? — Nenhuma resposta.

Depois de fechar a porta com o ombro, Barty pegou os refrigerantes na cozinha e seguiu ao longo do corredor. Parando no arco da sala de estar, repetiu: — Tio Jacó? Nenhuma resposta. Nenhum barulho. O seu tio não estava aqui.

Evidentemente, Jacó tinha ido dar um pulo rápido no seu apartamento em cima da garagem e, sem preocupar-se com ratos e poeira, não fechara a porta dos fundos ao passar.

Júnior disse: — Você me causou um monte de problemas, sabia?
— Júnior tinha construído uma ira belíssima durante a noite, pensando em tudo que lhe acontecera desde que sucumbira à sedução da mãe da menina, a quem via tão claramente nesta piranha em miniatura. — Muitos problemas.

— O que você acha sobre cachorros? — O que está desenhando aí? — perguntou Júnior.

— Eles falam ou não falam? — Eu perguntei o que você está desenhando aí.

— Uma coisa que vi esta manhã.

Ainda avultando-se sobre a criança, ele tomou o bloco das mãos dela e examinou o esboço.

— Onde você viu isto? Anja recusou-se a olhar para Júnior, da forma como sua mãe recusara-se a olhar para ele enquanto faziam amor na paróquia. Ela começou a girar um lápis vermelho num apontador, cuidando para que as lascas caíssem numa latinha com esse propósito.

— Eu vi isso ali.

— Pare de falar merda — disse Júnior, jogando o lápis no chão.

— Nesta casa nós falamos “cocô”.

Esta criança era esquisita. Ela provocava arrepios nele. Toda de branco, com seu falatório incompreensível sobre livros e cachorros falantes e sua mãe levando tortas para passear de carro, e fazendo um desenho muito estranho para uma menininha.

— Olhe pra mim, Anja. Girando, girando, girando o lápis.

— Mandei olhar pra mim.

Júnior bateu nas mãos da garota, fazendo com que ela largasse o lápis e o apontador, que se chocaram contra a janela e caíram no estofado da poltrona.

Como Anja ainda não estava olhando para ele, Júnior segurou-a pelo queixo e inclinou a cabeça da menina para trás.

Terror em seus olhos. E reconhecimento.

Surpreso, ele disse: — Você me conhece, não conhece? — Ela não disse nada.

— Você me conhece — insistiu Júnior. — Sim, você me conhece. Diga quem eu sou, Pixie Lee.

Depois de um instante de hesitação, Anja disse: — Você é o bicho-papão, só que quando eu te vi, era eu que estava escondida debaixo da cama, e não você.

— Como você me reconheceu? Sem cabelo, com esta cara.

— Eu vejo.

— Vê o quê? — inquiriu Júnior, apertando o queixo da menina com força suficiente para machucá-la.

Como os dedos de Júnior deformavam o formato da boca de Anja, a voz da menina saiu distorcida: — Vejo todas as formas que você é.

Depois de seu surto paranoico com Caim, Tom Vanadium estava tenso demais para voltar a ficar interessado no jornal. O café preto forte, antes soberbo, agora parecia amargo.

Carregou a caneca até a pia, derramou a bebida no ralo — e viu a caixa térmica no canto. Ele não a tinha visto antes. Uma caixa plástica de tamanho médio, com interior de isopor, o tipo que você enchia com gelo e levava para piqueniques.

Paul devia ter esquecido alguma coisa que devia ter levado na caravana de tortas.

A tampa da caixa térmica não estava fechada com a firmeza que deveria.

De uma das bordas escapava uma coluna fina e sinuosa de fumaça. Alguma coisa estava queimando.

Quando chegou à caixa térmica, pôde ver que não era fumaça, afinal de contas. A coluna tinha se dissipado depressa demais. Sentiu frio ao tocar a superfície da caixa. Frio saindo de uma caixa térmica cheia de gelo.

Tom removeu a tampa. Sem cervejas, uma cabeça. A cabeça cortada de Simon Magusson estava deitada de rosto para cima sobre o gelo, boca aberta como se estivesse de pé na corte para objetar contra a linha de interrogatório do advogado de acusação.

Não havia tempo para horror ou nojo. Agora cada segundo importava, e cada minuto poderia custar mais uma vida.

Até o telefone, ligar para a polícia. Sem sinal de ligação. Inútil balançar o fio, porque não era mau contato. O fio tinha sido cortado.

Os vizinhos não deviam estar em casa. E bater na porta, pedir para usar o telefone, disar... era perder tempo demais.

Pensar, pensar. Três minutos de carro até a casa dos Lampion. Talvez dois minutos, atravessando os sinais de trânsito, entrando na contramão por ruas de mão única.

Tom pegou o revólver na mesa, as chaves do carro e abriu a porta, deixando-a bater com força atrás dele com violência suficiente para quebrar o vidro, e atravessou a varanda. Ver a beleza do dia foi

como levar um soco na barriga. Estava azul demais, iluminado demais, bonito demais para um cenário de mortes; e assim mesmo era isso que ele era, um cenário de nascimento e também de morte, alfa e ômega, construído numa forma que desafiava a compreensão. Este dia era um soco, um soco forte, brutal em sua beleza, em suas promessas simultâneas de transcendência e perda.

O carro estava parado no caminho de acesso. Tão morto quanto o telefone.

Deus, ajude-me aqui. Me dê este, apenas este, e depois seguirei a Ti. Eu sempre serei o Vosso instrumento, mas por favor, por favor, ME DÊ ESTE FILHO DA PUTA MALUCO E MALIGNO! Três minutos de carro, talvez dois sem parar nos sinais. Ele podia correr quase tão rápido quanto se dirigisse. Estava pouco barrigudo. Não era o homem que costumava ser. Ironicamente, depois do coma e da reabilitação, não era mais tão gordo quanto antes de ser jogado por Caim no Lago da Pedreira.

Eu vejo todas as formas que você é.

A menina era esquisita, não havia dúvida, e Júnior sentia agora precisamente o que tinha sentido na noite da exposição de Celestina na Galeria Greensbaum, quando ele saía para o beco depois que tinha descartado Neddy Gnathic na lixeira e olhado as horas apenas para encontrar seu pulso vazio. Também aqui estava faltando alguma coisa, mas não era meramente um Rolex, não era nenhum tipo de objeto, mas uma noção, uma verdade profunda.

Soltou o queixo da menina, e ela imediatamente se acorou na poltrona, o mais distante dele que conseguiu. O olhar dessa menina, o olhar de quem sabia alguma coisa, não era o olhar de uma criança comum, não era o olhar de nenhum tipo de criança. Também não era imaginação de Júnior. Havia terror no olhar da criança, mas também desafio, e essa expressão de quem sabia alguma coisa, como se ela pudesse ver direto através dele, como se soubesse coisas sobre ele que não tinha como saber.

Júnior pescou o silenciador no bolso do casaco, sacou a pistola de seu coldre de ombro e começou a enroscar o primeiro objeto no segundo.

Inicialmente não conseguiu, porque suas mãos tinham começado a tremer. Pensou em Sklent, talvez por causa do desenho estranho no bloco da menina. Sklent naquela festa de Natal, poucos meses atrás, mas poucos meses que pareciam uma vida inteira. A teoria da vida espiritual depois da morte sem a necessidade de um Deus. Resíduos espirituais obstinados.

Alguns continuam por aqui, assombrando por pura teimosia. Alguns esvanecem no ar. Outros reencarnam.

A preciosa esposa de Júnior tinha caído da torre e morrido apenas algumas horas antes do nascimento desta menina. Esta menina... este veículo.

Lembrou de estar no cemitério, na base da colina onde ficava a sepultura de Serafina — embora naquele momento soubesse apenas que um negro estava sendo enterrado, não que se tratava de sua ex-amante —, e de pensar que com o tempo as chuvas poderiam transportar os sucos do cadáver em decomposição do negro para a sepultura mais abaixo, que continha os restos de Naomi. Será que esse tinha sido um momento quase psíquico da sua parte, uma consciência difusa de que outra conexão, mais perigosa, entre a Naomi morta e a Serafina morta já tinha se formado? Quando o silenciador estava apropriadamente anexado na pistola, Caim Júnior abaixou-se para ficar mais perto da garota, olhou bem fundo nos olhos dela e sussurrou: — Naomi, você está aí dentro? Perto do topo das escadas, Barty achou ter ouvido vozes no seu quarto.

Baixas, indistintas. Quando parou para escutar, as vozes se calaram, ou talvez ele apenas as tenha imaginado.

Obviamente, Anja devia estar brincando com o livro falante. Ou, mesmo tendo deixado as bonecas no andar térreo, ela talvez, para matar o tempo até a volta de Barty, estivesse batendo um papo animado com as senhoritas Pixie e Velveeta. Ela tinha outras vozes, para outras bonecas, e uma para um fantoche de meia chamado Fedorento.

Mesmo considerando que ele tinha menos de quatro anos, Barty nunca havia conhecido alguém com uma imaginação mais febril que Anja. Ele pretendia casar-se com ela dentro de... uns vinte anos, talvez.

Nem os prodígios se casavam aos três anos.

Nesse meio-tempo, antes que precisassem planejar o casamento, havia tempo para refrigerantes de laranja e gengibirra, e mais um pouco de O médico e o monstro. Alcançou o topo da escadaria e caminhou até o seu quarto.

Depois de dois anos de reabilitação, fora decretado que Tom estava gozando de uma forma física excelente, um milagre da medicina moderna e da força de vontade do ser humano. Mas neste momento ele tinha a impressão de ter sido recomposto com cuspe, barbante e fita adesiva.

Braços movendo-se para a frente e para trás, pernas esticando-se ao máximo, ele sentia cada um daqueles oito meses de coma em seus músculos atrofiados e reconstituídos, em seus ossos desprovidos de cálcio e reconstituídos.

Corria arfante, rezando, os pés batendo ruidosamente a calçada de concreto, fazendo pássaros alçarem vôo do brilho púrpura dos jacarandás em flor, fazendo um esquilo aterrorizado buscar abrigo no buraco de uma palmeira. As poucas pessoas que encontrou desviaram-se de seu caminho.

Freios guincharam enquanto ele atravessava cruzamentos sem olhar para ambos os lados, correndo o risco de ser atropelado por carros, caminhões e rinocerontes.

Em alguns momentos, em sua mente, Tom não estava correndo ao longo das ruas residenciais de Bright Beach, mas ao longo do corredor da ala do orfanato em que servira como monitor. Ele tinha sido lançado de volta no tempo, rumo àquela noite terrível. Um som o acorda. Um grito frágil.

Mesmo pensando tratar-se de uma voz em seu sonho, ele se levanta da cama, pega uma lanterna e vai checar os meninos sob a sua responsabilidade. Lâmpadas de emergência de voltagem baixa suavizam a escuridão no corredor. Os aposentos estão escuros, as portas abertas como ditam as regras, para impossibilitar que uma fechadura travada impedisse uma fuga no caso de um incêndio. Ele ouve atentamente. Nada. Então entra no primeiro quarto... e no Inferno na Terra. Dois menininhos em cada quarto, fácil e silenciosamente dominados por um homem adulto e dotado da força da loucura. No foco da luz de sua lanterna: os olhos mortos, os rostos distorcidos, o sangue. Outro quarto,

o facho da lanterna tremendo, pulando, revelando uma carnificina ainda pior. Então novamente o corredor, um movimento nas sombras. Josef Krepp capturado pelo facho da lanterna. Josef Krepp, o zelador calado, meigo a julgar pelas aparências, contratado há seis meses para trabalhar no Orfanato de Santo Anselmo.

Josef Krepp, cujo currículo portara apenas comentários abonadores sobre seus serviços. Josef Krepp, aqui no corredor no passado, sorrindo e cabriolando na luz, usando um colar de suvenires que goteja sangue.

No presente, muito depois da execução de Josef Krepp, meio quarteirão adiante, estava a casa dos Lipscomb. Depois dela, o lar dos Lampion.

Um gato branco apareceu ao lado de Tom, correndo, emparelhando com ele. Gatos eram parentes das bruxas. Este aqui trazia sorte ou azar? Aqui, agora, a casa da Moça das Tortas, o campo de batalha.

— Naomi, você está aí? — sussurrou Júnior novamente, espiando as janelas da alma da menina.

Ela não respondeu, mas Júnior julgou seu silêncio tão afirmativo quanto seria uma confissão, ou na verdade até uma negação. Os olhos arregalados da menina também confirmaram as suspeitas de Júnior, e sua boca trêmula também. Naomi retornara para estar com ele, e podia-se argumentar que Serafina, de certo modo, também havia voltado, porque esta menina era carne da carne de Serafina, nascida de sua morte.

Júnior sentia-se lisonjeado, realmente se sentia. As mulheres não conseguiam esquecer-lo. Era a história da sua vida. Elas jamais conseguiam retirar-se graciosamente. Ele era querido, necessitado, adorado, idolatrado.

As mulheres continuavam telefonando para ele depois que lhes dizia adeus, insistiam em mandar-lhe bilhetes e presentes mesmo depois que lhes dizia que tudo estava terminado. Portanto, não surpreendia a Júnior que as mulheres retornassem dos mortos para estar com ele, assim como não estava surpreso que as mulheres que tinha matado tentassem encontrar uma rota de volta para ele do Além, sem malícia, sem vingança em seus corações, apenas querendo estar

com ele novamente, apenas para abraçá-lo e satisfazer suas necessidades. Por mais gratificado que se sentisse com este tributo ao desejo que despertava nas mulheres, Júnior simplesmente não nutria mais nenhum sentimento romântico por Naomi e Serafina. Elas eram o passado, e ele odiava o passado, e se elas não o deixassem em paz, ele jamais seria capaz de viver no futuro.

Júnior encostou o cano da arma na fronte da menina e disse: — Naomi, Serafina, vocês foram amantes belíssimas, mas precisam ser realistas. Não é possível termos uma vida juntos.

— Ei, quem está aí? — disse o menino cego, que Júnior praticamente havia esquecido.

Ele deu as costas para a menina acuada e estudou o menino, que estava em pé a alguns passos dentro do quarto, segurando uma lata de refrigerante em cada mão. Os olhos artificiais eram convincentes, mas eles não possuíam o olhar conhecedor que tanto o atormentara na menina estranha.

Júnior apontou a pistola para o menino.

— Simon diz que o seu nome é Bartholomew.

— Simon quem? — Você não me parece muito ameaçador, menino cego.

O menino não respondeu.

— O seu nome é Bartholomew? — Sim... Júnior deu dois passos até ele, mirando a arma em seu rosto.

— Por que eu deveria ter medo de um menino cego e trôpego, menor que um anão? — Não sou trôpego. Bem, não muito. — Para a menina, Bartholomew disse: — Anja, você está bem? — Vou ter caganeira — disse ela.

— Por que eu deveria ter medo de um menino cego e trôpego? — perguntou Júnior de novo. Mas desta vez as palavras foram emitidas dele num tom de voz diferente, porque subitamente ele sentiu que esse garoto passava a sensação de saber alguma coisa; mas diferente da menina, ele não passava essa sensação com os olhos, que não eram de verdade, mas com a sua atitude.

— Porque sou um prodígio — disse Bartholomew, e arremessou contra Júnior a lata de cerveja sabor gengibirra.

Antes que Júnior pudesse se abaixar, a lata bateu em cheio em seu rosto, quebrando o seu nariz.

Furioso, Júnior apertou o gatilho duas vezes.

Passando pelo arco na sala, Tom viu Jacó na poltrona, debaixo do abajur de leitura, caído para a frente como se tivesse adormecido enquanto lia.

Mas a sua baba vermelha confirmava que ele não estava apenas dormindo.

Atraído por vozes no segundo andar, Tom galgou as escadas, a dois degraus por vez. Um homem e um menino. Barty e Caim. À esquerda no corredor, e então a um quarto à direita.

Desobedecendo às regras de procedimento policial padrão, Tom seguiu direto para o corredor, atravessou o portal e viu Barty lançar uma lata de refrigerante na cabeça raspada e no rosto esburacado de um transformado Enoch Caim Júnior.

O menino caiu e rolou no chão enquanto lançava a lata, antecipando os tiros disparados por Caim, que se alojaram na moldura da porta a centímetros dos joelhos de Tom.

Levantando o revólver, Tom disparou dois tiros, mas as balas não saíram.

— Pino de disparo congelado — disse Caim. Seu sorriso era venenoso.

— Mexi nele. Estava torcendo que você chegasse a tempo de ver as consequências dos seus jogos idiotas.

Caim apontou a pistola para Barty, mas quando Tom avançou à frente, Caim voltou a pistola mais uma vez na sua direção. O tiro que disparou teria aleijado Tom, talvez o matado, se Anja não tivesse se lançado da poltrona atrás de Caim e o empurrado com força, estragando sua mira. O assassino tropeçou e então tremeluziu.

Sumira no ar.

Desaparecera através de algum buraco, alguma fenda, algum rasgo maior do que qualquer coisa através da qual Tom lançava suas moedinhas.

Barty não podia ver, mas de alguma forma ele sabia.

— Booooooooooa, Anja! — Mandei ele para algum lugar onde nós não estamos — explicou a menina. — Ele era muito grosso.

Tom estava estarecido.

— Então... quando você descobriu que podia fazer isso? —
Agora mesmo. — Embora Anja tentasse fazer sua voz soar firme, seu corpo estava tremendo. — Não tenho certeza se consigo fazer de novo.

— Até você ter certeza... tome cuidado.

— Tá.

— Ele vai voltar? Ela fez que não com a cabeça.

— Não tem caminho de volta. — Ela apontou para o bloco de desenho no chão. — Empurrei ele pra lá.

Olhou para o desenho da menina — muito bom para uma criança de sua idade, grosseiro em estilo, mas com detalhes convincentes —, e se ele pudesse se arrastar, a de Tom teria se movido ao redor de seu corpo inteiro duas ou três vezes antes de se assentar novamente onde era seu lugar.

— Essas coisas são...? — Insetos grandes — disse a menina.

— Muitos.

— Sim. É um lugar ruim. — Levantando, Barty disse: — Ei, Anja.

— Que é? — Você mesma conseguiu jogar o porco.

— É, consegui.

Tremendo com um medo que não tinha nenhuma relação com Caim Júnior e balas voadoras, ou mesmo com lembranças de Josef Krepp e seu colar horrendo, Tom Vanadium fechou o caderno de desenho e o colocou na poltrona. Ele abriu a janela, deixando entrar o sussurro de folhas de carvalho sopradas pelo vento.

Tomou Anja em seus braços, e em seguida fez o mesmo com Barty.

— Segurem com força, tá? Carregou-os para fora do quarto, desceu as escadas e saiu da casa, até o jardim debaixo da árvore grande, onde iriam esperar a polícia, e onde as crianças não poderiam ver o corpo de Jacó quando o legista o removesse pela porta da frente.

A história que eles contariam? A arma de Caim tinha engasgado no instante em que Tom entrara no quarto de Barty. Covarde demais para lutar corpo-a-corpo com Tom, o Monstro Mascarado tinha pulado pela janela aberta. Estava mais uma vez à solta no mundo.

A última parte era verdade. Ele apenas não estava mais à solta neste mundo. E no mundo para onde tinha ido, ele não encontraria

vítimas fáceis.

Deixando as crianças debaixo da árvore, Tom voltou para a casa.
Precisava telefonar para a polícia.

Segundo o seu relógio de pulso, eram nove e cinco da manhã
deste dia marcante.

Capítulo 82

POR MAIS SIGNIFICATIVA que a morte de Jacó pudesse ter sido dentro do mundo pequeno de sua família, Agnes Lampion jamais perdeu de vista o fato de que houve mortes mais ressonantes no mundo até o final do ano de e no Ano do Galo, que o seguiu. No dia 4 de abril, James Earl Ray abateu Martin Luther King com um tiro de uma sacada de motel em Memphis, mas as esperanças do assassino foram frustradas quando, devido a este assassinato, a liberdade floresceu com mais vigor graças aos nutrientes no sangue de um mártir. No dia 10 de junho, Helen Keller morreu pacificamente aos 87 anos. Cega e surda desde os primeiros anos de sua infância, muda até sua adolescência, a srta. Keller teve uma vida de conquistas notáveis; ela aprendeu a falar, a cavalgar, a valsar; ela se formou com honras em Radcliffe, uma inspiração para milhões e um testemunho ao potencial mesmo nas vidas mais maculadas. Em 5 de junho, o senador Robert F. Kennedy foi assassinado na cozinha do Ambassador Hotel em Los Angeles. Um número não estimado de pessoas morreu quando tanques soviéticos invadiram a Tchecoslováquia e centenas de milhares pereceram nos últimos dias da Revolução Cultural na China, muitos comidos em atos de canibalismo sancionados por Mao como uma ação política aceitável.

John Steinbeck, romancista, e Tallulah Bankhead, atriz, chegaram aos fins de suas jornadas neste mundo, ainda que não em todos os outros. Mas James Lowell, William Anders e Frank Borman — os primeiros homens a orbitarem a Lua — viajaram 402 mil quilômetros no espaço e voltaram vivos.

De todas as bondades que podemos fazer uns pelos outros, não está em nosso poder ofertar o mais precioso dos presentes: o tempo. Tendo isso em mente, Agnes fez o melhor que pôde para guiar sua família estendida através da dor da perda de Harrison e Jacó até dias mais felizes. Era preciso homenagear os falecidos e guardar suas lembranças mais preciosas, mas também era preciso tocar a vida.

Em julho, ela saiu para caminhar numa praia com Paul Damascus, esperando catar conchas na praia e ver o passeio cômico dos caranguejos.

Contudo, em algum momento entre as conchas e os crustáceos, Paul perguntou-lhe se ela poderia amá-lo um dia.

Paul era um homem adorável, diferente de Joey em aparência mas também em coração. Ela o chocou insistindo que fossem imediatamente até a casa dele, para o seu quarto. Corado de vergonha como nenhum herói de pulp magazines jamais ficaria, Paul gaguejou dizendo que não esperava intimidades com ela tão cedo, e Agnes assegurou-lhe que não haveria nada assim tão cedo.

A sós com Paul, enquanto ele continuava envergonhado, ela removeu a blusa e o sutiã e, com os braços cruzados sobre os seios, revelou a ele as cicatrizes em suas costas. Enquanto seu pai tinha usado tapas com a mão aberta e socos com punhos cerrados para ensinar as lições de Deus aos filhos gêmeos, ele preferia bengalas e chicotes como instrumento de educação para a filha, por acreditar que seu contato direto poderia convidar ao pecado. Cicatrizes desfiguravam Agnes dos ombros às nádegas, algumas brancas, outras escuras, todas cruzando-se num padrão caótico.

— Alguns homens não conseguiriam manter o desejo quando suas mãos tocassem as minhas costas — disse Agnes. — Vou entender se você for um deles. Não é bonito aos olhos, e é áspero como casca de carvalho ao toque.

Foi por causa disso que pedi para virmos aqui, para que você possa considerar para onde quer ir de.... de onde estamos agora.

O homem adorável chorou e beijou as cicatrizes de Agnes, e disse que ela era tão bonita quanto qualquer outra mulher. Ficaram parados em pé durante algum tempo, abraçados, as mãos dele nas costas dela, os seios de Agnes encostados no peito de Paul. Por duas vezes eles se beijaram, mas quase castamente, antes que ela vestisse novamente a blusa.

— A minha cicatriz é a inexperiência — confessou Paul. — Para um homem da minha idade, Agnes, sob alguns aspectos sou inacreditavelmente inocente. Eu não trocaria os anos que passei com Perri por nada ou ninguém, mas por mais intenso que tenha sido, o

nosso amor não incluiu... Bem, quero dizer, você pode me julgar inadequado.

— Considero você mais do que adequado em todos os aspectos que contam. Além disso, Joey era generoso e um bom amante. O que ele me ensinou, posso compartilhar com você. — Ela sorriu. — Você vai ver que eu sou uma professora danada de boa, e tenho a impressão de que você vai ser um aluno brilhante.

Casaram-se em setembro daquele ano, muito depois até da data apostada por Grace White. Mas como o palpite de Grace foi muito mais próximo que o de sua filha, Celestina pagou com um mês de serviço na cozinha.

Quando retornaram de sua lua-de-mel em Carmel, Agnes e Paul descobriram que Esaú finalmente havia esvaziado o apartamento de Jacó.

Ele doou a imensa quantidade de recortes de jornais e livros acumulados pelo irmão à biblioteca de uma faculdade, que estava iniciando uma coleção para satisfazer o crescente interesse profissional e acadêmico em estudos sobre o Apocalipse e filosofia paranoica.

Surpreendendo a si próprio mais do que a qualquer outra pessoa, Esaú também presenteou a sua coleção à universidade. Xô, tornados, furacões, maremotos, terremotos e vulcões; que venham as rosas. Ele rapidamente renovou o seu pequeno apartamento, pintando-o com cores mais brilhantes, e durante o outono encheu suas estantes com livros sobre horticultura, enquanto planejava uma expansão substancial do roseiral para a próxima primavera.

Ele estava com quase quarenta anos, e uma vida dedicada a temer a natureza não podia transformar-se facilmente num romance com ela. Em algumas noites ele ainda olhava para o teto, incapaz de dormir, esperando o Grandão, e temia caminhar na praia em respeito aos maremotos. De tempos em tempos, visitava a sepultura do irmão e sentava-se na grama ao lado da lápide, recitando em voz alta os detalhes sórdidos de tempestades mortais e eventos geológicos catastróficos, mas ele descobriu que também tinha absorvido de Jacó algumas das estatísticas relacionadas a assassinos seriais e a fracassos desastrosos de estruturas e máquinas feitas pelo homem.

Essas visitas eram agradavelmente nostálgicas, mas ele também vinha com rosas, e trazia notícias sobre Barty, Anja e outros membros da família.

Quando Paul vendeu sua propriedade para mudar-se para a casa de Agnes, Tom Vanadium instalou-se no apartamento que pertencera a Jacó.

Tom agora era um policial completamente aposentado, mas ainda não se sentia pronto para vestir novamente a batina. Tom assumiu as funções administrativas das atividades comunitárias da família, cada vez maiores, e supervisionou o estabelecimento de uma fundação filantrópica com benefícios fiscais. Agnes fez uma lista de nomes bonitos e significativos para a organização, mas foi vencida pelos votos da maioria, que rejeitou todas as suas sugestões e, apesar de seu constrangimento, decidiu por Fundação Moça das Tortas.

Simon Magusson, que não tinha família, deixara suas propriedades para Tom. Isto tinha sido uma surpresa total. A quantia era tão considerável que ainda que estivesse dispensado de seus votos, o que incluía o voto de pobreza, Tom sentiu-se desconfortável com sua fortuna. Seu conforto foi rapidamente restaurado ao doar a herança inteira à Fundação Moça das Tortas.

Eles tinham sido unidos por duas crianças extraordinárias, pela convicção de que Barty e Anja eram parte de algum desígnio de consequências imensas. Porém, na maioria das vezes, Deus fia tramas que só se tornam perceptíveis para nós depois de um longo período de tempo, quando muito. Depois dos três últimos anos, ricos em eventos, agora não havia mais milagres semanais, nenhum sinal na terra ou no céu, nenhuma revelação de arbustos em chamas ou de formas mais mundanas de comunicação. Nem Barty nem Anja revelaram novos talentos extraordinários, e na verdade eles eram tão comuns quanto dois jovens prodígios poderiam ser, exceto que ele era cego e que ela servia como seus olhos para o mundo.

A família não existia em antecipação a acontecimentos com Barty e Anja, não colocava o par no centro de seu mundo. Em vez disso, faziam seus trabalhos filantrópicos, compartilhavam as satisfações que extraíam diariamente de sua participação na Fundação Moça das Tortas, e seguiam em frente.

Aconteceram coisas.

Celestina pintou mais deslumbrante do que nunca — e engravidou em outubro.

Em novembro, Esaú convidou Maria Gonzalez para jantar e ir ao cinema. Embora ele fosse apenas seis anos mais velho que Maria, ambos concordaram que aquele seria um encontro entre amigos, e não realmente uma coisa de menino e menina.

Também em novembro, Grace encontrou um caroço no seio. Ele se revelou benigno.

Tom comprou um novo terno para ocasiões especiais. Era idêntico ao antigo.

O jantar de Ação de Graças foi um evento muito agradável, e o Natal ainda melhor. Na véspera de Natal, Wally bebeu demais e mais de uma vez se ofereceu para realizar uma cirurgia em qualquer membro da família, de graça, “aqui e agora”, contanto que o procedimento fosse dentro de sua especialidade.

No dia de Natal, a cidade descobriu que tinha perdido seu primeiro filho no Vietnã. Agnes conhecia os pais do rapaz desde que ele era criança e ficou desesperada com o fato de que mesmo com sua disposição em ajudar, com todas as suas boas intenções, não havia nada que pudesse fazer para amenizar a dor deles. Ela lembrou de sua angústia enquanto esperara para saber se os tumores de Barty tinham se espalhado ao longo de nervo óptico até o cérebro. Pensar na perda sofrida por seus vizinhos a fez virar-se para Paul naquela noite.

— Apenas me abrace — murmurou.

Em breve Barty e Anja fariam quatro anos de idade.

De 1969 a 1973: o Ano do Galo, seguido pelo Ano do Cachorro, que deu lugar rapidamente ao Porco, mais rápido ainda ao Rato, com o Boi passando veloz como se estivesse atrasado para um estouro de manada.

Eisenhower morto. Armstrong, Collins e Aldrin na Lua: um passo gigantesco em solo não tocado pela guerra. Calças boca-de-sino, sequestros de aviões, arte psicodélica. Sharon Tate e amigos assassinados pelas mulheres de Manson sete dias antes de Woodstock, a Era de Aquário natimorta, embora sua morte fosse demorar a ser reconhecida. McCartney sai do grupo e os Beatles acabam. Terremoto

em Los Angeles, Truman morto, Vietnã em caos, distúrbios na Irlanda, uma nova guerra no Oriente Médio, Watergate.

Celestina deu à luz Serafina em 1969, viu sua pintura na capa da American Artist em 1970 e deu à luz Harrison em 1972.

Em 1971, com o patrocínio financeiro de sua irmã, Esaú comprou uma floricultura, depois de certificar-se de que a galeria na qual a loja estava localizada fora construída com mais solidez do que o exigido no estatuto dos terremotos, que não se situava em terreno com tendência a deslizamentos, que não ficaria submersa em caso de enchente e que na verdade a altitude acima do nível do mar assegurava sua sobrevivência a tudo menos uma onda sísmica de tamanha enormidade que só poderia ser causada por um impacto de asteroide no Pacífico. Em 1973 ele casou com Maria Elena (era uma coisa de menino e menina, afinal de contas), o que a tornou cunhada, e portanto quase irmã, de Agnes, embora fosse uma irmã completa de coração. Eles compraram a casa no outro lado do lar original dos Lampion, e mais uma cerca foi derrubada.

Tom provou ser mais útil do que um tira ou um padre para a Fundação Moça das Tortas, quando descobriu um talento administrativo que protegeu seus fundos de uma inflação de 20% e de fato valeu à organização um belo retorno financeiro real.

Então veio 1974, o Ano do Tigre. Crise do combustível, filas de quilômetros e quilômetros nos postos de gasolina. Patty Hearst sequestrada. Nixon em desgraça. Hank Aaron batendo o antiquíssimo recorde de home-run de Babe Ruth, a inflação chegando a 15% e o lendário Muhammad Ali derrotando George Foreman para recuperar seu título de campeão dos pesos pesados.

Contudo, numa determinada rua de Bright Beach, o evento mais significativo do ano aconteceu numa tarde muito agradável no começo de abril, quando Barty, agora com nove anos de idade, escalou até o topo do grande carvalho e se empoleirou lá em cima em triunfo, rei da árvore e mestre de sua cegueira.

Agnes voltou para casa depois de uma ronda de entrega de tortas com a equipe costumeira — aumentada para cinco veículos, incluindo funcionários contratados — para encontrar um grupo reunido no quintal e Barty a meio caminho no carvalho.

Coração pulando como o coração de um coelho acuado por uma raposa, ela correu do caminho de acesso para o quintal. Ela teria gritado se sua garganta não estivesse apertada com o terror de ver seu menino a uma altura da qual seria possível enforcar um condenado. Quando finalmente recuperou a voz, compreendeu que um grito, ou mesmo o som inesperado de sua voz agoniada poderia assustar o menino, roubar-lhe o equilíbrio e fazer com que ele caísse, galho depois de galho, até o chão, onde arrebentaria todos os ossos.

Entre os presentes antes do retorno da caravana estavam alguns que deveriam ter impedido aquela loucura. Tom Vanadium. Esaú. Maria. Eles olhavam para o menino, tensos e solenes, e Agnes só podia supor que eles, também, tinham chegado depois do fato, com o menino já alto demais para ser resgatado facilmente.

O corpo de bombeiros. Os bombeiros podiam vir sem suas sirenes, silenciosamente com suas escadas, para não romper a concentração de Barty.

— Ele está bem, tia Aggie — assegurou Anja. — Ele realmente queria fazer isto.

— O que nós queremos fazer e o que devemos fazer são duas coisas bem diferentes — ralhou Agnes. — Os seus pais certamente lhe ensinaram isso, querida. Ou vai fingir que foi criada por uma matilha de lobos por nove anos? — Estamos planejando isso há muito tempo — assegurou-lhe Anja. — Eu já escalei a árvore cem vezes, talvez duzentas, mapeei ela inteira, descrevia tudo com detalhes a Barty, centímetro por centímetro, o tronco e suas quatro divisões, todos os galhos grandes e pequenos, a espessura de cada um, o grau de resistência, os ângulos e as interseções, os nós e as fissuras, todos os ramos, incluindo os mais finos. Ele está encarando isso com frieza, tia Aggie. Para ele tudo isso é matemática agora.

Eram inseparáveis, seu filho e esta menina adorável, como tinham sido virtualmente desde o momento em que se haviam conhecido, mais de seis anos atrás. A percepção especial que compartilhavam — todas as formas que as coisas são — era em parte responsável por essa intimidade, mas apenas em parte. O elo entre eles era tão profundo que desafiava o entendimento, tão misterioso quanto o conceito da Santa Trindade, três deuses em um.

Devido à sua cegueira e seus dons intelectuais, Barty tinha sido educado em casa; além disso, nenhum professor era páreo para as suas habilidades autodidatas, nem ninguém poderia inspirar nele uma sede maior por conhecimento do que aquela com a qual nascera. Anja frequentava essa mesma sala de aula informal, e seu único colega de estudos era também o seu professor. Eles passavam com nota máxima em todos os testes periódicos de equivalência requeridos pela lei. Eles pareciam passar o tempo todo se divertindo, mas na verdade aprendiam muito, também.

Assim, eles tinham desenvolvido este projeto, matemática e escalada, geometria de galhos e ramos, ciência arbórea e proeza infantil, um teste de estratégia, força e habilidade — e dos limites da coragem de um jovem de nove anos.

Embora soubesse como, e embora soubesse o quanto era inútil perguntar o porquê, Agnes perguntou: — Por quê? Oh, meu Deus, por que um menino cego precisa escalar uma árvore? — Ele é cego, sim, mas também é um menino — disse Anja. — E árvores são coisas que os meninos devem escalar.

Todos os membros da caravana das tortas tinham se reunido debaixo do carvalho. A família inteira, em seus muitos nomes, adultos e crianças, cabeças curvadas para trás, mãos protegendo os olhos do sol da tarde, observando o progresso de Barty em silêncio absoluto.

— Nós mapeamos três rotas até o topo, e cada uma oferece desafios diferentes — relatou Anja. — Barty vai subir todos eles, mas está começando pelo mais difícil.

— Bem, é claro que está — disse Agnes, exasperada. Anja sorriu.

— Esse é o Barty, hein? E lá ia ele, para cima e para cima, do tronco para um galho, de um galho para um ramo, de um ramo para um galho, para outro galho, para o tronco.

Mão sobre mão nas partes verticais, prendendo-se com os joelhos, depois pondo-se em pé como um trapezista de corda bamba caminhando por galhos horizontais ao solo, pulando através do ar vazio para transferir-se de um caminho de madeira para outro, sempre para cima até a copa, diminuindo como se estivesse rejuvenescendo durante a ascensão, tornando-se um menino cada vez menor. Dez metros, quinze

metros, já mais alto que a casa, lutando para alcançar a cidadela verde no topo.

Enquanto moviam-se na base do carvalho de um ponto de observação para outro, as pessoas paravam para confortar Agnes, embora nunca abrissem a boca para falar, como se temessem que as palavras agourassem a escalada de Barty e o fizessem cair. Maria pousou uma mão no braço de Agnes e o apertou gentilmente. Celestina massageou um pouco a base do pescoço da mãe aflita. Esaú deu-lhe um abraço rápido. Por um momento, Grace envolveu sua cintura com um braço. Wally com um sorriso e um sinal positivo de dedão para cima. Tom Vanadium, polegar e indicador unidos num OK confiante. Está tudo correndo bem. Se segura aí. Sinais e gestos, talvez por que não quisessem que ela ouvisse o tremor de suas vozes.

Paul permaneceu com ela, às vezes baixando os olhos para o chão como se o perigo estivesse ali, e não lá em cima — o que, de certa forma, era verdade, porque o que mata é o impacto e não a queda —, e em outros momentos colocando seus braços em torno dela, olhando para o menino no alto. Mas ele também estava silencioso.

Apenas Anja falava, a voz não exibindo o menor tremor, plenamente confiante em seu Barty.

— Qualquer coisa que ele possa me ensinar, eu posso aprender, e qualquer coisa que eu possa ver, ele pode conhecer. Qualquer coisa, tia Aggie.

À medida que Barty subia mais e mais, o medo de Agnes ficou mais puro, mas ao mesmo tempo ela também estava cheia com uma empolgação maravilhosa, irracional. O fato de que isto podia ser realizado, que a escuridão podia ser suplantada, tirou música das cordas em sua alma. De vez em quando o menino parava, talvez para descansar ou para rever o mapa tridimensional em sua mente incrível, e todas as vezes em que voltava a subir, ele punha as mãos exatamente no local certo, o que fazia Agnes dizer para si própria um silencioso isso! O coração de Agnes estava com Barty lá em cima da árvore, seu coração dentro do dele, como quando ele estivera dentro dela, seguro em seu útero, naquele crepúsculo chuvoso que fizera o seu carro girar e a tornara viúva.

Finalmente, enquanto sol se punha lentamente, ele chegou ao galho mais alto, e acima dele havia apenas ramos jovens e fracos demais para suportar seu peso. Contra um céu vermelho o bastante para deliciar o mais ranzinza dos marinheiros, Barty se empertigou, colocando-se em pé numa última forquilha de galhos, pressionando a mão esquerda contra um galho vacilante e mantendo a direita plantada na cintura. Era senhor de seu domínio, tendo derrotado a escuridão e a expulsado de seu reino.

Uma ovação explodiu da família e dos amigos de Barty, e Agnes pôde apenas imaginar qual era a sensação de ser Barty, a um só tempo cego e abençoado, seu coração tão rico em coragem quanto em bondade.

Anja disse a ela: — Agora você sabe que não precisa se preocupar com o que acontecerá com ele no dia em que você se for, tia Aggie. Se ele pode fazer isto, ele pode fazer qualquer coisa, e você pode descansar em paz.

Agnes tinha apenas 39 anos, cheia de planos e energia, de modo que as palavras de Anja pareceram-lhe prematuras. Ainda assim, dali a poucos anos ela teria motivos para se perguntar se essas crianças dotadas tinham previsto, inconscientemente, que ela precisaria do conforto de haver testemunhado esta escalada.

— Vou subir — declarou Anja.

Com uma agilidade e uma alacridade que um lêmure teria admirado, a menina ascendeu para o primeiro galho.

— Querida, espere — disse Agnes. — Diga a ele para descer agora, antes que escureça.

Na árvore, a menina sorriu.

— Mesmo se ele ficar lá em cima até o amanhecer, ele ainda vai descer no escuro, não vai? Ele vai ficar bem, tia Aggie.

Testando os nervos de Celestina tanto quanto Barty testara os de sua mãe, Anja escalou a árvore com uma rapidez felina, alcançando o menino quando faixas vermelhas ainda animavam um céu repintando-se de púrpura. Ela ficou em pé na forquilha ao lado dele, e sua risada de deleite ecoou pela catedral frondosa. até 1978: o Coelho fugiu do Dragão, a Serpente fugiu do Cavalo, e chegou com ritmo porque a onda

era a discoteca. Os renascidos Bee Gees dominavam as ondas de rádio. John Travolta ditava a aparência.

Rebeldes rodesianos, correndo os riscos inerentes a qualquer batalha entre iguais, tiveram a coragem máscula de chacinar mulheres missionárias e meninas de escola desarmadas. Spinks ganhou o título de Ali, e Ali o ganhou de volta de Spinks.

Na manhã de agosto em que Agnes voltou do consultório do Dr. Joshua com os resultados dos exames e com um diagnóstico de leucemia aguda dos mieloblastos, ela pediu que todos armassem a caravana para partir não para entregar tortas, mas para visitar um parque de diversões. Ela queria andar de roda-gigante, rodar no carrossel, e principalmente ver as crianças rirem. Ela queria armazenar a memória da gargalhada de Barty assim como ele armazenara a visão de seu rosto antes da cirurgia que removera seus olhos.

Ela não escondeu o diagnóstico da família, mas postergou contar-lhes o prognóstico, que era terrível. Seus ossos já estavam mais frágeis, entupidos de células brancas mutantes imaturas que impediam a produção de células brancas normais, células vermelhas e plaquetas.

Barty, treze anos de idade, mas ouvindo livros de nível de pós-graduação universitária, certamente estudara a leucemia enquanto eles aguardavam os resultados dos testes, para preparar-se para compreender plenamente o diagnóstico quando o recebesse. Ele tentou não parecer abalado quando ouviu leucemia aguda dos mieloblastos, que era a pior forma da doença, mas ficou mais assustado do que se tivesse revelado sua compreensão. Se os seus olhos não fossem artificiais, sua expressão de firmeza teria parecido absolutamente falsa.

Antes de saírem para o parque de diversões, Agnes chamou-o a um canto, abraçou-o com força e disse: — Ouça, cria minha, eu não vou desistir. Não pense que vou. Vamos nos divertir hoje. Esta noite, você, eu e Anja faremos uma reunião da Sociedade dos Aventureiros Bons do Pólo Norte — anos antes, a menina tornara-se o terceiro membro —, e todas as verdades serão ditas e todos os segredos conhecidos.

— Aquela coisa boba — disse ele, com um tom quase enojado na voz.

— Jamais diga isso. A sociedade não é uma coisa boba, especialmente agora. Ela é nós, ela é o que nós éramos e como nós

somos, e eu amo muito tudo que é nós.

No parque, voando na montanha-russa, Barty teve uma experiência, uma reação a mais do que as viradas rápidas e os mergulhos escarpados. Ele ficou empolgado de uma forma muito parecida com a que Agnes tinha-o visto ficar quando compreendia uma teoria matemática nova e arcana. No final do passeio, ele quis voltar imediatamente, e assim fizeram. Não havia esperas longas para cegos em parques de diversão: eles sempre eram conduzidos para a frente da fila. Agnes andou de montanha-russa mais duas vezes com ele. Em seguida, Paul andou com ele, duas vezes.

Finalmente, Anja acompanhou-o três vezes. A obsessão com a montanha-russa não dizia respeito a emoções ou mesmo a diversão. A empolgação inicial de Barty deu lugar a um silêncio pensativo, especialmente depois que, na penúltima curva do percurso, uma gaivota passou voando a centímetros de seu rosto, penas tremendo, dando-lhe um susto. Depois disso, o parque passou a interessar-lhe pouco, e tudo que ele dizia era que tinha pensado numa nova forma de sentir as coisas — ou seja, todas as formas que as coisas são —, um ângulo novo de abordagem a esse mistério.

Depois do parque de diversões, nada de hospital para a Moça das Tortas.

Com Wally por perto, ela tinha um médico só para ela, capaz de administrar-lhe as drogas anticâncer e as transfusões de que precisava.

Embora a radioterapia fosse prescrita para a leucemia aguda dos linfoblastos, ela era muito menos útil no tratamento da sua doença. Assim, decidiu-se que Agnes não seria submetida à radioterapia, o que facilitava ainda mais o tratamento doméstico.

Nas primeiras duas semanas, quando não estava nas caravanas das tortas, Agnes recebeu convidados em números que a deixaram cansada.

Mas havia muitas pessoas que ela queria ver uma última vez. Ela estava lutando com valentia contra a doença, e se agarrando à esperança com todas as forças que tinha, mas assim mesmo recebeu os visitantes, só para garantir.

Pior que a fragilidade dos ossos, o sangramento das gengivas, as dores de cabeça, as feridas feias, pior que o cansaço relacionado com a

anemia e os surtos de falta de ar, era o sofrimento que a sua batalha causava àqueles a quem ela amava. À medida que os dias passavam, eles perdiam sua capacidade de esconder a preocupação e a tristeza que sentiam. Ela segurava as mãos deles quando eles tremiam. Pedia-lhes que rezassem com ela quando exprimiam sua raiva por isto estar acontecendo — dentre todas pessoas, a ela —, e Agnes não os deixava ir até que tinham sufocado a raiva. Mais de uma vez, ela puxou a doce Anja para o seu colo, cofiou seu cabelo e a acalmou com conversas sobre todos os bons tempos compartilhados em dias melhores. E sempre Barty, cuidando dela apesar de sua cegueira, ciente de que ela não estava à morte em todos os lugares em que estava, mas não obtendo qualquer consolo do fato de que ela continuaria a existir em outros mundos onde ele jamais poderia tê-la novamente a seu lado.

Por mais terrível que a situação fosse para Barty, Agnes sabia que era igualmente difícil para Paul. Tudo que ela podia fazer era abraçá-lo com força à noite, e se deixar ser abraçada. E mais de uma vez, ela lhe disse: — Se o pior acontecer, não vá sair andando por aí de novo.

— Certo — concordou ele, talvez com facilidade demais.

— Estou falando sério. Você tem muitas responsabilidades aqui. Barty. A Fundação Moça das Tortas. Pessoas dependem de você. Amigos amam você. Meu amigo, quando juntou seus trapinhos comigo, você ganhou muito mais do que pode levar caminhando por aí.

— Eu prometo, Aggie. Mas você não vai para lugar algum. Na terceira semana de outubro ela estava acamada.

No dia 10 de novembro eles mudaram a cama da mãe para a sala de estar, para que ela pudesse permanecer no centro das coisas, onde ela sempre estivera, embora agora não recebessem mais visitas, apenas membros de sua família com todos os seus muitos nomes.

Na manhã de 3 de novembro Barty pediu a Maria que perguntasse a Agnes o que ela gostaria que fosse lido para ela.

— Então, quando ela responder, saia da sala. Vou assumir a partir dali.

— Assumir o quê, a partir dali? — perguntou Maria.

— Planejei uma brincadeirinha.

Havia uma pilha de livros alta numa mesa próxima, romances favoritos e livros de poemas, todos os quais Agnes lera antes. Com tão

pouco tempo disponível, ela preferia o conforto familiar à possibilidade de que novos escritores e novas histórias não conseguissem agradá-la. Paul lia para ela frequentemente, e Anja também. Tom Vanadium também sentava-se com ela para ler, assim como Celestina e Grace.

Esta manhã, com Barty parado a um lado ouvindo, sua mãe pediu a Maria poemas de Emily Dickinson.

Maria, intrigada mas cooperativa, deixou a sala conforme as instruções de Barty e o rapaz removeu o livro correto da pilha, sem a orientação de ninguém. Ele se sentou na poltrona ao lado da cama da mãe e pôs-se a ler: “Jamais vi o mar; Jamais vi um urzal, Mas sei o que é uma urze. E a aparência de uma nau.” Sentando-se na cama, olhando para ele desconfiada, Agnes disse: — Você deve ter decorado a velha Emily.

— Não. Estou lendo a página neste momento — assegurou Barty.

“Jamais conversei com Deus. Jamais visitei Sua morada. Mas creio no Paraíso como se dele tivesse cada coordenada.” — Barty? — disse Agnes, admirada.

Emocionado por ter inspirado esse assombro nela, Barty fechou o livro.

— Lembra daquilo que conversamos muito tempo atrás? Considerando que eu posso andar onde a chuva não está, você me perguntou se...

— ... você não poderia andar onde os seus olhos eram saudáveis e deixar os tumores lá — lembrou Agnes.

— Eu disse que isso não funcionava dessa maneira. Mesmo assim... não ando realmente no outros mundos para evitar a chuva, mas meio que ando na ideia desses mundos...

— Pura mecânica quântica — disse ela. — Você já me falou isso antes.

— Ele fez que sim com a cabeça.

— O efeito não apenas vem antes de uma causa neste caso, mas completamente sem uma causa. O efeito é permanecer seco na chuva, mas a causa, que supostamente é caminhar num mundo mais seco, jamais ocorre. Apenas a ideia dela.

— Parece mais estranho ainda do que se o próprio Tom Vanadium tivesse dito.

— Em todo caso, tive um estalo lá na montanha-russa, e obtive um novo ângulo de abordagem para o problema. Descobri como posso caminhar na ideia da visão, que é meio como compartilhar a visão de outro eu, em outra realidade, sem realmente estar lá. — Ele sorriu do pasmo no rosto da mãe.

— E então, o que me diz disso? Ela queria tanto acreditar, ver seu filho inteiro novamente, e a coisa engraçada era que ela podia acreditar, e sem nenhum risco emocional, porque era verdade.

Para provar o que estava dizendo, ele leu um pouco de Dickens quando ela pediu, uma passagem de Grandes esperanças. E em seguida um trecho de Mark Twain.

Ela perguntou quantos dedos estava mostrando e ele disse quatro, e eram quatro. Depois dois dedos. Depois sete. As mãos dela muito pálidas, ambas as palmas machucadas.

Como suas glândulas e dutos lacrimais estavam intactos, Barty podia chorar com seus olhos plásticos. Consequentemente, não pareceu demasiado incrível que ele estivesse vendo com eles.

Este truque, contudo, era bem mais difícil do que caminhar onde a chuva não estava. Sustentar a visão exigia dele um esforço mental e físico.

A alegria de sua mãe valia o preço que ele pagava para vê-la.

Por mais exigente e cansativo que fosse manter esta visão emprestada, a coisa mais difícil era olhar novamente o rosto de sua mãe, depois de tantos anos de cegueira, apenas para vê-la tão magra e pálida. A mulher vigorosa e adorável, cuja imagem Barty guardara tão diligentemente na memória, daqui em diante seria substituída por esta versão depauperada.

— Se esta coisa maravilhosa pode acontecer, Barty... o que mais? — Talvez isto seja o bastante.

— Oh, certamente é! Certamente é o bastante. Mas... eu não lamento muita coisa, você sabe. Mas lamento não estar aqui para ver por que você e sua Anja foram unidos. Eu sei que será alguma coisa bonita, Barty. Alguma coisa boa.

Eles tiveram alguns dias para uma celebração discreta desta recuperação extraordinária de visão, e nesse tempo todo jamais se cansou de vê-lo ler para ela. Ele achava que ela nem mesmo estava ouvindo com atenção. Era o fato de vê-lo inteiro de novo que enlevava o espírito de Agnes, não as palavras de uma história que alguém tinha escrito.

Na tarde de 9 de novembro, quando Paul e Barty estavam com ela, recordando momentos, e Anja estava na cozinha, pegando bebidas para eles, Agnes tossiu e enrijeceu o corpo. Sem conseguir respirar, Agnes ficou pálida como giz e, quando conseguiu respirar novamente, ela disse: — Chamem a Anja. Não dá tempo de trazer os outros.

Os três, reunidos apressadamente, aconchegaram-se em torno de Agnes, como se quisessem escondê-la da Morte. Para Paul, ela disse: — Como amei a sua inocência... e como amei lhe dar experiência.

— Aggie, não — rogou Paul.

— Não comece a caminhar de novo — lembrou-o.

A voz de Agnes estava mais fina quando ela falou com Anja, mas nesta nova fragilidade, Barty ouviu tanto amor que estremeceu diante de seu poder.

— Deus está em você, Anja. É por isso que você brilha tão forte.

Incapaz de falar, a menina beijou-a e então pousou a cabeça no peito de Agnes, capturando para sempre na memória o som puro de seu coração.

— Menino-maravilha — disse Agnes a Barty.

— Supermãe.

— Deus me deu uma vida maravilhosa. Lembre disso. — Era preciso ser forte por ela.

— Vou lembrar.

Ela fechou os olhos e Barty pensou que ela tinha se ido, mas então ela os abriu de novo.

— Há um lugar além de todas as formas que as coisas são.

— Eu espero — disse ele.

— A sua velha mãe não ia mentir pra você, ia? — Não a minha velha mãe.

— Precioso...

Ele disse a ela que a amava, e Agnes deslizou para longe de suas palavras. Enquanto ela partia, o olhar exaurido do paciente leucêmico terminal sumiu de seu rosto, e antes que a máscara cinzenta da morte o substituísse, Barty viu a beleza que ele preservara na memória quando tinha três anos, antes que seus olhos fossem retirados; viu muito de relance, como se alguma coisa em transformação tivesse vertido dela, uma luz perfeita, sua essência.

Por respeito à mãe, Barty se esforçou para manter sua segunda visão sem olhos, vivendo na ideia de um mundo onde ele ainda tinha visão, até que Agnes tivesse recebido as honras que merecia e estivesse repousando ao lado de seu pai. Naquele dia ele usou seu terno azul-escuro.

Ele fingiu cegueira, segurando o braço de Anja, mas não perdeu nada, e estocou cada detalhe em sua memória, ainda que não fosse precisar deles na escuridão que o aguardava.

Ela tinha 43 anos, jovem demais para ter deixado uma marca tão grande no mundo. Ainda assim, mais de duas mil pessoas compareceram ao seu funeral — que foi conduzido por sacerdotes de sete denominações —, e a subsequente procissão ao cemitério foi tão longa que algumas pessoas tiveram de estacionar a um quilômetro e meio dali e caminhar. Durante muito tempo as pessoas se acomodaram pelas colinas gramadas e entre as lápides, mas o pastor presidindo o serviço não começou a missa até que todos haviam se reunido. Ninguém demonstrou impaciência com o atraso.

De fato, quando a última oração foi dita e o caixão abaixado, a multidão hesitou em partir, permanecendo no local, o que era muito incomum, até Barty compreender que, como ele próprio, eles quase esperavam um milagre de ressurreição e ascensão, porque entre eles recentemente caminhara esta que não tinha mácula.

Agnes Lampion. A Moça das Tortas.

Novamente em casa, na segurança da família, Barty desmaiou de exaustão devido ao esforço sustentado em ver com olhos que não possuía.

Acamado por dez dias, febril, afligido com vertigem e enxaquecas terríveis, nauseado, perdeu três quilos e meio antes de se recuperar por completo.

Barty não tinha mentido para a mãe. Ela acreditou que por alguma magia quântica ele havia recuperado sua visão permanentemente, e que isto acontecia sem custo. Barty apenas permitiu que ela descansasse com o conforto de saber que seu filho estava livre das trevas.

Agora ele retornou à cegueira por cinco anos, até 1983.

Capítulo 83

EM CADA DIA MARCANTE o trabalho foi feito em memória de sua mãe.

Na Fundação Moça das Tortas, eles sempre procuravam novas receitas e novas formas de iluminar o canto onde estavam.

O gênio matemático de Barty provou ter uma aplicação prática. Mesmo em sua cegueira, ele percebia padrões que passavam despercebidos àqueles com visão. Trabalhando com Tom Vanadium, Barty esboçou estratégias de investimento baseadas nas sutilezas do desempenho histórico do mercado de ações. Na década de oitenta, o lucro anual dos investimentos da fundação era de 26%: excelente à luz do fato de que a inflação descontrolada dos anos setenta tinha sido refreada.

Durante os cinco anos que se seguiram à morte de Agnes, a família de muitos nomes prosperou. Barty e Anja tinham mantido todos juntos neste lugar nos quinze anos anteriores, mas o destino sobre o qual Tom falara na varanda dos fundos, naquela noite de chuva, não parecia com pressa de se manifestar. Como não conseguia encontrar nenhuma forma indolor de sustentar a visão emprestada, Barty vivia sem a luz. Anja não teve mais nenhum motivo para empurrar alguém para o mundo dos insetos grandes, para onde empurrara Caim. Os únicos milagres de suas vidas eram os milagres do amor e da amizade, mas a família permanecia convencida de maravilhas futuras, mesmo enquanto cuidava de suas vidas um dia por vez.

Ninguém ficou surpreso com a proposta que ele fez, com o fato dela ter aceitado, ou com o casamento. Barty e Anja tinham ambos dezoito anos quando casaram em junho de 1983.

Durante apenas uma hora, que não era cansativo demais, Barty caminhou na ideia de um mundo onde ele tinha olhos saudáveis, e compartilhou a visão de outros Bartys em outros lugares, de modo que pôde ver sua noiva caminhar através da nave da igreja e, ao seu lado, fazer os votos com ele, e quando ela estendeu sua mão para receber o anel.

Em todas as muitas formas como as coisas são, através da infinidade de mundos e toda a criação, Barty acreditava que não existia nenhuma mulher cuja beleza excedesse a de Anja ou cujo coração fosse mais cheio de bondade.

Quando a cerimônia terminou, ele abriu mão de sua visão emprestada.

Ele viveria na escuridão até a Páscoa de 1986, embora cada minuto do dia fosse iluminado por sua esposa.

A recepção de casamento — grande, barulhenta, alegre — espalhou-se pelas três propriedades sem cercas. O nome da mãe de Barty foi mencionado muitas vezes, sua presença sentida tão fortemente em todas as vidas que tinha tocado que às vezes parecia estar realmente com eles.

Pela manhã, depois de sua primeira noite juntos, sem que nenhum deles sugerisse o que precisava ser feito, Barty e Anja caminharam silenciosamente para o jardim dos fundos e, juntos, escalaram o carvalho, para, do seu galho mais alto, ver o sol nascer.

Três anos depois, no domingo de Páscoa de 1986, o coelhinho da fábula trouxe-lhes um presente: Anja deu à luz Mary.

— É hora de um nome absolutamente comum nesta família— declarou Anja.

Para ver sua filhinha recém-nascida, Barty compartilhou a visão de outros Bartys, e ele adorou tanto a pequena e enrugada Mary que susteve sua visão durante o dia inteiro, até que uma enxaqueca trovejante tornou-se difícil de suportar e uma assustadora incapacidade de falar com clareza o fez recuar para o conforto da cegueira.

Alguns minutos depois, ele estava falando normalmente, mas suspeitou que um esforço em manter esta visão emprestada por muito tempo poderia resultar num ataque ou pior.

Manteve a cegueira até uma tarde de maio de 1993. Quando finalmente o milagre aconteceu, e o significado do que Tom Vanadium tinha previsto há muito tempo começou a se manifestar.

Quando Anja foi procurar Barty, ofegando de empolgação, ele estava matraqueando com Tom Vanadium no escritório da fundação, em cima das garagens. Anos antes, os dois apartamentos tinham sido combinados e expandidos quando a garagem debaixo deles foi duplicada em tamanho, fornecendo melhores acomodações e espaço de trabalho para Tom.

Embora estivesse com 76 anos, Tom ainda trabalhava para a Fundação Moça das Tortas. Eles não tinham estabelecido uma idade de aposentadoria para os funcionários, e padre Tom esperava morrer trabalhando.

— E se for dia de uma caravana de tortas, apenas deixem a minha velha carcaça onde eu tiver caído até que vocês terminem de fazer todas as entregas. Não quero ser responsável por alguém não receber uma torta prometida.

Ele era novamente o padre Tom, tendo feito seus votos três anos antes.

A seu pedido, a Igreja tinha-o designado capelão da Fundação Moça das Tortas.

Assim, Barty e Tom estavam conversando sobre um físico quântico que tinham visto num programa de televisão, um documentário sobre a ressonância estranha entre a crença num universo criado e algumas descobertas recentes em mecânica quântica e biologia molecular. O físico afirmara que alguns de seus colegas — embora nem de longe a maioria — acreditavam que o aprofundamento da compreensão do nível quântico da realidade geraria uma reaproximação surpreendente entre ciência e fé.

Anja interrompeu-os, entrando esbaforida na sala, arfando.

— Venham rápido! É incrível. É maravilhoso. Vocês precisam ver isso. E você, Barty, você precisa ver isso.

— Certo.

- Estou dizendo que você precisa ver isso.
- O que ela está dizendo? — perguntou ele a Tom.
- Há alguma coisa que ela quer que você ouça.

Enquanto se levantava de sua cadeira, Barty começou a reconciliar-se com o sentimento de todas as formas que as coisas são, começou a curvar sua mente em torno das curvas e dobras de realidade que percebera na montanha-russa naquele dia, e quando seguia Anja e Tom até a base da escada e até o jardim assombreado pelo carvalho atrás da casa, o dia se mostrou a ele.

Mary estava brincando aqui, e vê-la, depois de total cegueira por sete anos, quase fez Barty cair de joelhos. Mary era a imagem da mãe dela, e Barty sabia que devia ser um pouquinho assim que Anja se parecera quando, em 1968, chegara a esta casa com a idade de três anos, explorara a cozinha naquele primeiro dia e encontrara a torradeira debaixo de uma meia.

Se ver sua filha quase o fez cair de joelhos, ver sua esposa, também pela primeira vez em sete anos, fê-lo levitar até que ele estava virtualmente flutuando sobre o gramado.

No jardim, sua cadela Koko, uma golden retriever de quatro anos, estava deitada de costas, todas as patas no ar, presenteando sua barriga à jovem Mestra Mary, que a acariciava delicadamente.

— Querida, mostra pra gente aquela brincadeira que você estava fazendo com a Koko — disse Anja. — Mostra pra gente, meu bem. Vamos. Mostra pra gente. Mostra.

Para Barty, Mary disse: — Mamãe ficou toda animada com isto.

— Você conhece a mamãe — disse Barty, sugando quase desesperadamente o rosto de sua menininha e entalhando sua imagem na memória, para sustentá-lo durante sua próxima escuridão longa.

— Você realmente está podendo ver agora, papai?

— Estou.

— Gosta dos meus sapatos?

— São sapatos bonitos.

— Gosta do jeito que o meu cabelo...

— Mostra pra gente, mostra, mostra! — urgiu Anja.

— Táááááá bom! — disse Mary. — Koko, vamos brincar.

A cadela rolou para o lado e se pôs sobre as quatro patas, rabo balançando, pronta para brincar.

Mary estava com uma bola de vinil amarelo do tipo que Koko podia caçar alegremente o dia inteiro e, se lhe permitissem, mastigar a noite toda, mantendo a casa acordada com o barulho.

— Quer isto? — perguntou Mary a Koko.

É claro que Koko queria, precisava, absolutamente necessitava daquela bola, e saltou para a ação quando Mary fingiu lançá-la.

Depois de correr alguns passos, quando a cadela compreendeu que Mary não tinha jogado a bola, ela deu meia-volta e correu até a menina.

— Me pega se puder! — gritou a menina, esquivando-se da cadela e saindo a correr.

Koko mudou de direção num ângulo incrivelmente fechado e correu atrás da menina.

Mary mudou de direção também, virando agudamente para a esquerda... ... e desapareceu.

— Ai, meu Deus — disse Tom Vanadium.

Um momento, menina e bola de vinil amarelo. No momento seguinte, as duas pareciam jamais ter estado ali.

Koko parou de repente, perplexa. Olhou para a esquerda, olhou para a direita, suas orelhas levantadas para captar qualquer som produzido pela Mestra Mary.

Atrás da cadela, Mary apareceu caminhando de lugar nenhum, bola na mão. Koko se virou, surpresa, e a caçada recomeçou.

Três vezes Mary desapareceu, e três vezes reapareceu, antes de conduzir a perplexa Koko até sua mãe e seu pai.

— Bacana, né?

— Quando você descobriu que podia fazer isso? — perguntou Tom.

— Ainda há pouco — disse a menina. — Estava sentada na varanda, chupando um picolé, e descobri.

Barty olhou para Anja, e Anja olhou para Barty, e ambos se ajoelharam na grama diante de sua filha. Os dois estavam sorrindo... e então seus sorrisos se apagaram um pouco.

Sem qualquer sombra de dúvida pensando na terra dos insetos grandes, para a qual ela tinha empurrado Enoch Caim, que era exatamente no que Barty tinha pensado subitamente, Anja disse: — Querida, isto é incrível, é maravilhoso, mas você precisa tomar cuidado.

— Não é assustador — disse Mary. — Eu só dou um passo para outro lugar durante algum tempo, e então volto. É como passar de uma sala para outra. Não posso ficar presa lá ou qualquer coisa assim. — Ela olhou para Barty. — Você sabe como é, papai.

— Mais ou menos. Mas o que a sua mãe está dizendo...

— Talvez alguns desses lugares sejam ruins — alertou Anja.

— Ah, sei disso — disse Mary. — Mas quando é um lugar ruim, você sente antes de entrar. Então você contorna ele e vai até o lugar seguinte, que não é ruim. Não é nada demais. Nada demais.

Barty queria abraçá-la. Então ele a abraçou. E também abraçou Anja. Ele abraçou Tom Vanadium.

— Preciso de um trago — disse padre Tom.

Mary Lampion, a pequena luz, foi educada em casa como seu pai e sua mãe tinham sido. Mas ela não estudou apenas leitura, redação e aritmética.

Pouco a pouco ela desenvolveu uma série de talentos fascinantes que não são ensinados em nenhuma escola, e partiu para explorar um grande número das muitas formas que as coisas são, viajando a mundos bem aqui, mas invisíveis.

Em sua cegueira, Barty ouvia os relatos da filha e, através dela, viu muito mais do que poderia ver se nunca tivesse perdido os olhos.

Na véspera do Natal de 1996 a família reuniu-se no meio das três casas para jantar. A mobília da sala de estar tinha sido movida para as paredes, e três mesas tinham sido dispostas de um canto a outro, cobrindo toda a extensão da sala, de modo a acomodar todos.

Quando a mesa longa estava cheia de comida e vinho era entornado nos copos, quando todos menos Mary estavam acomodados em cadeiras, Anja disse: — Minha filha me disse que quer fazer uma pequena apresentação antes que eu faça a prece de agradecimento. Não sei o que é, mas ela me garantiu que não envolve canto, dança ou leitura de suas poesias.

Barty, na cabeceira da mesa, sentiu Mary aproximar-se apenas quando ela estava quase prestes a tocá-lo. Ela colocou uma mão no braço dele e disse: — Papai, pode afastar a sua cadeira da mesa e me deixar sentar no seu colo? — Se é uma apresentação, acho que sou o presenteado — disse ele, virando sua cadeira de lado para a mesa e aceitando-a em seu colo. — Mas não se esqueça, eu nunca uso gravatas.

— Eu te amo, papai — disse ela, e colocou as palmas das mãos nas têmporas dele.

Na escuridão de Barty entrou uma luz que ele não tinha procurado. Ele viu sua sorridente Mary em seu colo enquanto ela abaixava as mãos de suas têmporas, via os rostos de sua família, a mesa decorada com enfeites de Natal e muitas velas bruxuleando.

— Isto vai ficar com você — disse Mary. — É visão compartilhada de todos os outros você em todos os outros lugares, mas você não terá de fazer nenhum esforço para mantê-la. Nenhuma dor de cabeça. Nenhum problema, nunca. Feliz Natal, papai.

E assim, aos 31 anos de idade, após mais de 28 de cegueira com algumas suspensões curtas de seu tormento, Barty Lampion recebeu de sua filha de dez anos o dom da visão.

De 1996 até 2000, dia após dia, o trabalho foi feito em memória de Agnes Lampion, Joey Lampion, Harrison White, Serafina White, Jacó Isaacson, Simon Magusson, Tom Vanadium, Grace White, e mais recentemente Wally Lipscomb, em memória de todos que tinham dado tanto e, embora talvez ainda estivessem vivos em outros lugares, haviam partido deste.

No jantar de Ação de Graças, novamente nas três mesas dispostas de canto a canto, no ano do zero triplo, Mary Lampion, agora com quatorze anos, fez um pronunciamento interessante sobre a torta de abóbora. Em suas viagens aonde ninguém, a não ser ela, podia ir, depois de sete anos fascinantes explorando uma fração de todos os mundos infinitos, ela disse que sentia sem sombra de dúvida que, como a mãe de Barty tinha lhe dito em seu leito de morte, existe um lugar especial além de todas as formas que as coisas são, um lugar iluminado.

— E se vocês me derem tempo o bastante, eu vou encontrar uma forma de entrar nesse lugar e vê-lo.

Alarmada, sua mãe disse: — Sem morrer antes!

— Bem, claro, sem morrer antes — disse Mary. — Essa seria a maneira fácil de entrar lá. Eu sou uma Lampion, não sou? Nós fazemos as coisas do jeito fácil, se pudermos evitar? Papai escolheu o caminho mais fácil para subir naquele carvalho?

Barty estabeleceu outra regra: — Sem morrer antes... e tendo certeza de que você pode voltar.

— Se eu conseguir entrar lá, vou conseguir sair — prometeu à família reunida. — Imagine quanta coisa todos nós teremos para conversar. Talvez eu até consiga algumas novas receitas de tortas Lá., o Ano do Dragão, cede lugar sem um só rugido ao Ano da Serpente, e depois da Serpente vem o Cavalo. Dia a dia o trabalho é feito, em memória daqueles que foram antes de nós, e incumbida de um trabalho só seu a jovem Mary está lá fora entre vocês. Por enquanto, apenas sua família sabe o quanto ela é especial. Num dia marcante, isso vai mudar.

Nota do Autor Para obter certos efeitos narrativos, alterei um pouco a planta e a aparência do interior do Hospital St. Mary em San Francisco. Nesta história, os personagens que trabalham no St. Mary são fictícios e não são baseados em ninguém na equipe dessa instituição extraordinária, no passado ou no presente.

Não sou o primeiro a observar que aquilo que a mecânica quântica revela sobre a natureza da realidade é estranhamente compatível com a fé, especificamente com o conceito de um universo criado. Vários bons físicos escreveram sobre isso antes de mim. Porém, até onde tenho ciência, a noção contida neste livro, de que os relacionamentos humanos refletem a mecânica quântica, é nova. Cada vida humana é intrincadamente conectada com todas as outras num nível tão profundo quanto o nível subatômico no mundo físico; debaixo de todo caos aparente existe uma ordem estranha; e "efeitos bizarros à distância", como os estudiosos de física quântica colocam, são tão facilmente observáveis na sociedade humana quanto nos sistemas atômicos, nos sistemas moleculares e em outros sistemas físicos.

Nesta história, Tom Vanadium precisa simplificar e condensar aspectos complexos de mecânica quântica em algumas frases num único capítulo, porque embora não esteja ciente de que é um personagem fictício, ele é que tem a obrigação de entreter. Espero que qualquer físico que esteja lendo isto tenha piedade dele.

FIM